N.º 610 COIMBRA — Sexta feira, 4 de janeiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PARA ASSIGNANTES

Com estampilha — Anno, 2$500 reis; semestre, 1$350 reis; trimestre, 680 reis.

Sem estampilha — Anno, 2$400 reis; semestre, 1$200 reis; trimestre, 600 reis.

Numero avulso, 40 reis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 reis; repetições, 20 reis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 — Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral — Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Liberdade de imprensa

Só por convencionalismo grosseiro é que ainda poderemos empregar, referindo-nos ás garantias que os nossos paternaes governos concedem á imprensa, a expressão que encima este nosso modesto artigo.

Ha effectivamente uma lei com um titulo semelhante, para fazer crer aos estranjeiros de bôa fé que, na realidade, existe — regimen liberal para a imprensa; mas essa lei, que já de si é apertadissima para os chamados delictos da manifestação do pensamento, é ainda sophismada pelos agentes do poder, que a torcem e retorcem, para roubar ao jornalista as pouquissimas e pouco menos de irrisorias garantias que ao legislador approuve outorgar-lhe. A imprensa vive realmente num regimen de oppressão que não encontra simile em paiz civilizado. Opprime e esmaga o jornalista, com ferocidade indómita. O poder encarcera-o como se fôra um facinora, persegue-o como a inimigo irreconciliavel; e, ao menor assomo de independencia, faz cair sobre elle o litego implacavel duma legislação draconiana. E' assim que a imprensa e os seus sacerdotes sam tratados ao raiar dum século novo, nesta *occidental praia lusitana*, neste bello jardim *á beira do mar plantado!*

Mas consolemo-nos.

Se, no continente, o jornalista é amordaçado pela lei ou por simples *ukase* da policia, no ultramar os conspicuos governadores não se ficam atrás dos seus mestres da metrópole. Lá, nas longinquas paragens d'alem mar, o regimen a que está submettido o jornal não é mais benigno nem mais suave do que o nosso. Trata-se o jornalista como se elle fôra um cafre.

Ha uma pena independente que se atreve a escrever verdades amargas que desagradam a qualquer dos multiplos e omnipotentes regulos que dominam nas colonias? E' simples o processo: quebra-se a irreverente que ousa fallar alto e claro.

Quem é que quer saber de leis ou regulamentos, de garantias individuaes ou de formulas de processo? De coisas pequenas não curam os pretores. E' de sabedoria antiga. Que importa aos grandes senhores daquem e dalem-mar que a liberdade soffra e que a justiça gema? Que vem a ser essa pequenina coisa chamada emphaticamente garantias do cidadão? Quem é que se preoccupa por lá e por cá com essas ninharias? Atreve-se o jornal a beliscar a epiderme de qualquer potentado maiúsculo ou minusculo, quemquer que elle seja? Nada mais facil de liquidar: supprime-se o importuno. E forte, mas é commodo.

Aqui temos nós um caso dêsses succedido com o *Português*, de Lourenço Marques. No seu numero 10, correspondente a 28 de novembro, lê-se um documento curiosissimo que merece ser archivado:

«João Corrêa dos Santos, commandante do corpo de policia e fiscalisação de Lourenço Marques e administrador dêste concelho, etc.

«Mando a um dos officiaes de deligencias desta repartição, sendo por mim assignado e em seu cumprimento, intime a Clemente Nunes de Carvalho e Silva, editor responsavel do jornal *O Portuguez*, que se publica nesta cidade, de que, em virtude de ordem superior, fica expressamente prohibida a distribuição do referido jornal, sem que previamente essa distribuição seja auctorisada por Sua Ex.ª o Conselheiro Governador Geral desta provincia, o qual auctorisará depois de lido o 1.º exemplar que sair da machina, isto em cada tiragem, devendo a primeira prova ser entregue o policia desta administração, que se achará á porta da typographia, nos dias e a hora a que se effectuar a tiragem, sob pena de lei.

«Secretaria da administração de Lourenço Marques, 23 de novembro de 1900. E eu Ruffino dos Santos Oliveira escrivão o subscrevi.»

E aqui está como, por um simplez capricho dum governador se passa, com a maior das semicerimonias, por sobre os mais sagrados direitos e prerogativas dos cidadãos.

E tudo para maior honra e glória das instituições e daquêlles que com ellas se consubstanciam!!

A CIVILISAÇÃO EUROPEIA

Communicações manifadas para a Europa por europeus que assistem e estam tomando parte na intervenção europeia na China, contam para cá pormenores de selvagerias incriveis commettidas, pelos chinêses bárbaros?... não; pelos civilisados europeus!

Os massacres, as pilhagens, as violações de mulheres, tudo enfim, quanto caracterisava as invasões dos bárbaros, está sendo praticado ignobilmente pelas forças alliadas da Europa na China.

E é assim que a *civilisação* da Europa se revela ao entrar do século XX!...

Que dirá a isto a ingenuidade dos philósophos que devaneiam sobre o progresso dos povos?

Redevers Buller

Os leitôres recordam-se por certo do primeiro e famoso commandante em chefe do exército inglês em operações no Transwaal — aquelle guerreiro illustre que, logo ao começar a lucta se propunha liquidar os boêrs em poucas semanas proclamando ás gentes estupefactas que iria cear a Pretória daí a alguns dias. Lembram-se tambem, sem dúvida, de como, não obstante aquellas affirmações quichotescas, o costado do emérito general serviu de excellente bombo para os valentes defensores das duas republicas sul-africanas *tocarem* as suas variações melodiosas, nas margens do Tugella.

E é de crer que tenham notado, ha muito, o silêncio absoluto que o *War Office* tem guardado a respeito do inclito marechal das margens do Fanisa, o qual imaginava talvez que as cordilheiras seriam tam bôas de passear como os vastos e confortaveis salões de Londres...

Pois bem! saibam que o ministério da guerra inglês, com aquella lealdade verdadeiramente primica que tam bem o caracterisa e que o Mundo admira, tem occultado honradamente este facto simplicissimo — que o marechal sir Rodevers Buller foi feito prisioneiro pelo general transwaaliano De Wet! E' isto o que lemos no *Portuguez* de Lourenço Marques, no seu n.º 8, que temos presente. Eis textualmente reproduzido o que o alludido jornal conta a tal respeito:

General De Wet

«Consta-nos que este famoso general boêr, o general phantasma, como lhe chamam os inglêses, esteve em Lourenço Marques, no domingo e na segunda feira ultimos.

«Não sabemos o que viria cá fazer o valente guerrilheiro transwaaliano, mas é de presumir que se tratasse dalgum assumpto importantissimo, porque, aliás, mandaria qualquer delegado saber o que se passava em Lourenço Marques.

«A propósito de De Wet, fique sabendo o publico que nos foi offerecido para publicar o original de uma acta lavrada entre De Wet e o general Buller, na qual declara, sob sua palavra de honra, que nunca mais pegará em armas contra o Transwaal.

«Confirma-se assim o boato que correu, em tempo, de que Buller havia caído prisioneiro dos boêrs.

«Os boêrs concedêram-lhe a liberdade, depois da assignatura da acta a que nos referimos; e, para que o facto não podesse ser desmentido, o general De Wet conservou em seu poder todas as insignias de que usava o general Buller.

«Não publicamos a tal acta porque ella traria ao governo grandes dissabores.

«Praticando assim, manifestamos bem claramente que não queremos levantar difficuldades ao sr. governador geral, e daremos tambem um formal desmentido aos *conspicuos* que se acercam de s. ex.ª

«Póde o sr. governador geral estar certo de que nos absteremos, tanto quanto podermos, de lhe augmentar as difficuldades».

E' assim que se exprime o *Portuguez*. E o *War Office* tam caladinho que até parece mudo! E' que elle bem sabe que o silêncio é de oiro...

Continuando...

A estúpida arbitrariedade policial continua em Lisbôa a dispôr dos direitos da imprensa.

A *Folha da Tarde*, successora da *Folha do Povo*, ha pouco suppressão arbitrariamente, foi apprehendida na segunda feira — só porque reproduzira algumas passagens do discurso do sr. dr. Affonso Costa no tribunal de verificação de poderes, passagem esta que foi permittida por aquelle tribunal politico!

Foi apprehendida, e ficou muito bem apprehendida... Que aquelles a quem mais interessa uma acção commum e energica contra estes atropêllos da lei sam os primeiros a achar bem!

Pois os resultados hão de ser bons, em pouco tempo, pelo que já se vai vendo!

O Solar dos Barrigas

Temo-lo novamente em scena.

Começou hontem a sua representação, com toda a *mise-en-scène* duma abertura constitucional.

Fica noticiado para gaudio das galerias.

A guerra sul-afric na

Vai em dois annos a guerra anglo boer, e sem tendências nenhumas para a paz. Inaugura-se com ella o novo século, que assistirá desde o seu começo á continuação duma lucta iniqua, em que se procura esmagar a Justiça e o Direito.

Tendo o século anterior assistido á consagração e robustecimento do principio da Força esmagar o Direito, podemos calcular como os séculos se succederám sem conseguirem anniquilar a atroz iniquidade.

Entretanto, como a Justiça e o Direito sam uma inabalavel força, que, por fim, ham de triumphar, resta á pobre humanidade soffredora a triste consolação de, não se sabe quando, se estabelecer o império da igualdade.

NOVO SECULO

Prestes a ser gravado nas paginas historicas do Universo, está o século XIX, denominado *O século das luzes*.

Este século, que nos entrou o caminho da sciencia e das artes, que illuminou o Mundo, pomposamente, com o seu progresso, vai cair, como o Gladiator vencido, aos pés do século XX.

Cairá vencido, mas não morrerá, porque não pode morrer um século que tem epopéas esculpidas em marmoreos monumentos, que tem trabalhos gigantescos que a posteridade cantará em hymnos de glória, que tem colossos de ferro cujas cabeças se levantam orgulhosas sobre athléticos corpos. Um século que foi tam prodigo não pode morrer. Os seus prodigios ham de repercutir através dos seculos vindouros.

Os focos luminosos, descobertos por Edison, continuaram illuminando o novo século.

Parte, século XIX! As tuas obras faram um contraste surprehendente á hora da tua partida.

Século de luzes!... Século de lagrimas!...

Fôste tu, século XIX, que apagaste a candeia débil do passado, para accenderes a lampada luminosa do futuro; fôste tu, que fomentaste as artes e as sciencias; fôste tu, que fizeste raiar a aurora do porvir, no horizonte escuro dos povos em escravidão; fôste tu, que accendeste, na França, o facho lucino da liberdade, que dalli se irradiou para os outros povos que tambem anciavam por ver quebradas as algemas da escravidão! Mas... verdade amarga... fôste tu, tambem que regaste com sangue o mundo inteiro, com as tuas guerras carnificinas, que encheste de luto milhares de familias, que enterraste em pantanos viscosos povos, outr'ora gloriosos, factos que envergonham hoje os vultos homericos, que se distinguiram pelos seus feitos heroicos, nas guerras do passado.

Oh século XX, esperança do porvir! Volta a cabeça para este século, que acaba, velho, ensanguentado e mísero! Lembra-te que nasceu como tu, ao som ribombante do canhão.

Que contraste! A sciencia que divinisa, e o sangue que ayilta. Mas, é verdade.....

Achava-se Napoleão I, nos fins do século XVIII, nos Alpes, e foi do alto do monte de São Bernardo que elle, montado no seu fogoso cavallo, viu o romper do século XIX, que nasceu como o outro tinha acabado — atolado em sangue.

Foi alli que elle escreveu com sangue as primeiras paginas da historia do século XIX.

Nos principios dêste século, Junot, um dos generaes mais experimentados e aguerridos, mandou formar o seu exército em parada solemne e fez arriar a bandeira das quinas e substituil-a pela bandeira tricolor. Rebentou então nas ruas uma verdadeira sublevação, e uma expontánea explosão de ira popular foi causa de mais sangue vertido. Não fica por aqui,

O século continuando a sua carreira, deixa no seu percurso só sangue e cadáveres.

Rompe o século xx como rompeu o século xix, ao som da artilheria. Salvas de lágrimas, em vez de salvas de alegria! Aurora de sangue em vez de aurora de luz! E' triste dizê-lo, mas é verdade!...

Além... através dos mares, ao principiar do século, um povo pequeno, mas valente entre os mais valentes, está se batendo, disputando palmo a palmo as terras que herdou dos seus antepassados, com um dos povos mais ricos e poderosos da Terra.

Um batalha pela sua independência; outro pelo egoïsmo.

Esses pobres, que hoje podiam estar nas suas casas, festejando o principio do século, encontram se, obrigados pela rude brutalidade dos homens, longe das suas familias, feridos uns no campo da batalha, dormindo outros o somno derradeiro.

E aquêlles que ainda vivem, esperando, deitados na dura rocha, empunhando a espingarda, o toque de chamada para a lucta.

E assim morrem, longe da Pátria, longe da familia, sem poderem festejar alegremente a entrada do século xx, como, certamente, a festejarám, de taça em punho, Salisbury, Chamberlain e outros que metteram infamemente à lucta um povo, que não tem outros crimes que o querer defender a sua independência e que por isso lucta, firme e de cabeça levantada, dando vivas à liberdade. E, enquanto êsses desgraçados, que apezar de fracos não têem quem os ajude, vám derramando o seu sangue nobre, êsses lordes estám em suas casas, ao abrigo dos canhões.

Nós todos temos de olhar para o passado, para que sirva de exemplo para o futuro. E assim veremos surgir um novo século, sorridente, cheio de progresso e de glória e desabrochar no meio de uma auréola de luz, a imagem do porvir, que nos ensinará a dizer alto e claramente: *Liberdade*, *Igualdade* e *Fraternidade*.

.....

Os sinos das cathedrass rompem com os seus repiques; milhares de bôccas ficam entreabertas; milhares de corações palpitam violentamente, no momento rápido do vôo para o novo século.

Os repiques continuam e o som é reprercutido pelos valles, pelas montanhas, entrando na casa em que festejam humildemente, na cabana em que festejam miseravelmente ao redor da cama, onde o pae afoga os seus prantos no íntimo do seu cadavérico peito, e no palácio em que festejam opulentamente a chegada do novo século.

Quantas lágrimas saltam naquêlle momento, quantos suspiros saem de peitos infelizes quantas canções ferem o espaço, quantos toques animam os logares...

E os sinos, repicando sempre, com o seu tanger alegre, annunciam por todo o universo a chegada do novo século...

31—12—1900.

P. P.

Tendo terminado o serviço especial de que foi incumbido ha tempo pelo sr. commissário de policia—dar aos guardas, por turnos, instrucções práticas e theóricas sobre diversas especialidades de serviço e interpretação do regulamento, o sr. Cezar José da Motta, chefe da 1.ª esquadra e secretário do commissariado, reassumiu desde terça feira o commando e direcção da mesma esquadra, que esteve a cargo do cabo n.º 4 durante o impedimento do sr. Cesar na instrucção.

Escóla 31 de janeiro

Uma das associações mais accentuadamente democráticas e de mais poderoso alcance politico é sem contestação alguma a recentemente fundada sob a designação de—*Escóla 31 de janeiro*—e que significa como um alevantado e lidimo protesto contra a guerra traiçoeiramente movida pelos governos reaccionários contra a legitima aspiração do povo duma gloriosa e emancipadora lucta em prol da instrucção.

Consequéncia lógica da evolução politico-social é a que resulta da assimilação das aspirações populares por todos os agrupamentos avançados, e portanto esta tendéncia traduzida em facto pela fôrça das circunstáncias, é a que levou o partido republicano a adoptar no seu programma de combate contra a monarchia a pretenção *à outrance* à causa da instrucção nacional, que é a causa da Liberdade e da Democracia, contra o obscurantismo e os preconceitos colligados em prol do despotismo, da ignorância e da milicia negra do intolerante clericalismo.

Todos os governos que em Portugal têem demonstrado sollicitamente a sua bôa vontade em zelar pelos verdadeiros interesses nacionaes, começaram a sua grandiosa e sublime cruzada pela altiva e quási auctoritária revelação dum espirito profundamente e fecundamente preventivo *vis à-vis* das tendéncias e reivindicações clericaes, fomentando abertamente a causa da instrucção popular, já pelos meios naturalmente persuasórios de que formidavelmente dispõem todas as collectividades administractivas, já tambem pelo despotismo ao serviço do Progresso, da Sciência e da Civilisação, por mais paradoxal que pareça semelhante preposição. Foi assim que o immortal estadista marquês de Pombal procedeu, anniquilando primeiro a *Companhia de Jesus*; expulsando em seguida os jezuitas e terminando pela gradual, mas ininterrupta secularisação do ensino, depois de haver reformado a Universidade em bases positivas, abolindo muitos usos ridiculos da Meia Idade; e esta profunda revolução, que confundiu e irmanou entre nós os exforços patentes do colossal movimento da Encyclopedia que em França começava então a minar activamente os alicerces do throno, preparando subrepticiamente a Revolução no riso scéptico das invocações de Voltaire, nas novas fórmulas scientificas do génio de D'Ambet, nas fecundas locubrações de Diderot, e, sobretudo, na revelação assombrosamente revolucionária da philosophia sentimentalista e social de Rousseau, que soube crear todo um ignoto mundo de aspirações concretas e definidas dos povos na escala ascendente da sua perfectibilidade moral e politica; foi devido ao enérgico impulso dum estadista despótico, mas esclarecido pelo profundo conhecimento do meio e inspirado por um elevado sentimento patriótico que se desentranharam úteis medidas de um salutar e abençoado radicalismo contra os fautores das trevas!

Depois de Pombal, que pelo seu espírito profundamente innovador e pela vastidão do seu génio politico foi o verdadeiro percursor da revolução liberal de 24 d'agosto de 1820, ainda venerandos e grandiosos vultos do Constitucionalismo, ao tempo sinceramente democrático e accentuadamente progressista, hastearam bem alto o gloriosissimo estandarte da instrucção popular, reivindicando formidavelmente em plena praça pública os mais sagrados direitos do Progresso e da Sciéncia.

E' esta a veneranda e sympáthica tradicção, exemplarmente legada pela fecunda iniciativa do marquês de Pombal, mais tarde gloriosamente secundado por Passos Manuel, Cesar de Vasconcélloz, Sá da Bandeira, barão da Ribeira Sabrosa e José Estevam Coëlho de Magalhães, que o partido republicano tem religiosamente de cumprir se quer verdadeiramente realizar a sua superior missão histórica que a evolução social lhe impôz.

E a primeira *étape* desta jornada gloriosa, já está plenamente realizada com a instituição da *Associação Escolar gratuita 31 de janeiro*, cujas missões irám propagar por êsse pais fóra o methodo de João de Deus e com elle as palavras sublimes do Evangelho Revolucionário que hám de erguer êste pais ao nivel dos seus congeneres mais adiantados da Europa em Progresso e em Civilisação.

E é assim que se prepara convenientemente a grande transformação politico social que ha de salvar o pais!

FAZENDA JUNIOR.

Pão a peso

Os srs. Joaquim Miranda & Filho, com fábrica de bolachas e padaria na rua da Moëda, começou na terça feira a venda de pão a peso e ao preço de 80 réis por kilo, o de 1.ª qualidade, e de 70 réis o de 2.ª.

Anniversário jornalistico

Entrou no 10.º anno da sua publicação o nosso collega a *Gazeta da Figueira*, fôlha bem redigida e que tem feito, com louvavel firmeza, a defeza dos interesses da cidade e do concelho da Figueira da Foz, onde se publica.

Propostas do governo

O *Dia*, diz constar lhe que o governo tenciona apresentar ao parlamento, entre outras, as seguintes propostas de lei:

Autorisando a creação ou augmento da policia districtal, excepto em Lisbôa e Porto; modificando o codigo administrativo e a lei eleitoral; isentando os officiaes do exército do pagamento da contribuição de renda de casas; reduzindo os vencimentos dos officiaes do exército que se reformam por equiparação, conservando contudo os direitos e prerogativas aos que passarem ao quadro auxiliar até aquella data; reorganisando os serviços judiciarios, comprehendendo a magistratura judicial, do ministério público, advocacia e officios de justiça. Parece que esta proposta augmenta mais dois logares de juizes do supremo tribunal de justiça.

Proporá mais medidas tendentes a obviar aos inconvenientes da crise dos vinhos; sobre o regimen cerealifero; ácerca da pauta minima; reorganisação da contribuição predial; remodelação do imposto do real d'agua; elevando de 80 a 110 o quadro dos 1.os tenentes da armada e diminuindo de 110 a 100 o quadro dos 2.os tenentes; regimen do alcool em Angola; regulando a concessão de terrenos no ultramar; novo regimen bancário ultramarino.

A proposta do *bill* de indemnidade, para factos decretados em dictadura, comprehenderá; a suspensão da base 17.ª da última reforma do exército; suspensão do Codigo Administrativo; tratado de paz e arbitragem votado na conferéncia da Haia; e medidas sobre o notariado.

Mau informe

O ponto onde deve ficar a estação do caminho de ferro, que será commum ao serviço das duas companhias—Real e do Mondego, é agora, que se tem como certa a conclusão da linha de Arganil, objecto de locubrações várias, por parte de creaturas que têem a monomania de querer dar opinião a propósito de tudo. Um fraco como qualquer outro, que no fim de contas não faz mal nem bem ás pessoas ou ás coisas, e que tem, pelo menos em determinados casos, a faculdade de divertir a gente.

E' o que agora succede com a genial ideia apparecida ai ha dias, de que a estação deverá ficar lá abaixo, nos terrenos marginaes ao porto dos Oleiros.

Claro está que o opinante dizendo *aquillo*, podia não ter dito nada, e o resultado vinha a ser perfeitamente o mesmo, quer elle o perceba quer não. Porque, está-se vendo, os seus dizeres obedecerem á tal monomania. Demais é certo que o alvitre representa um obsurdo—baseamo nos na opinião de téchnicos, intenda se—e um flagrante attentado ao bom senso. Especialmente por que o local e os terrenos se não prestam.

Depois, é sabido que a companhia do Mondego se encontra nesta disposição:—executar o projecto ultimamente approvado, com a estação no ponto onde está; isto é, com a estação da companhia real. Tudo o que se escreva e clame em contrário disto, o mesmo será que prégar por gosto, sem nenhuma esperança de encontrar echo.

E depois, no furor da monomia, escrevendo se ao acaso, chega se a intrepretar irroneamente a intenção de factos que sam, na sua essência, perfeitamente rasoaveis, deixando os a fórma de os citar e os commentários de que os acompanham, com uma significação bem duvidosa. Tal qual o que acaba de dar-se com um acto da direcção da Associação Commercial.

E' verdade ter ella officiado ao illustre engenheiro sr. Vasconcélloz Porto, que ha pouco ai veio fazer estudos da linha. Para logo se informou de que a perguntar coisas do trajecto e se ha algum projecto definitivamente resolvido.

Assim dita a coisa, não parecerá que a direcção pretende ser ouvida sobre o curso da linha à entrada em Coimbra? E contudo é bem differente a pergunta e notavelmente outro o espírito della.

A Associação Commercial reclamou o alargamento da estação nova e caes de mercadorias, visto que o movimento actual allí, estabelece essa necessidade. Prometida a satisfação daquêlle pedido, e votada pela companhia, no seu orçamento do anno presente, a verba julgada precisa, tem apparecido a resolução de concluir o caminho de ferro de Arganil que será servido pela mesma estação. A geréncia da Associação Commercial considerou a resolução e viu:

Executadas as obras do alargamento pedido na estação, ellas vám satisfazer ao movimento de hoje: para isso é que se solicitaram. Mas uma vez aberta à exploração a linha de Arganil, taes obras já não chegam (uma vez que ao serem feitas se não conte já com o servico das duas companhias) e a situação futura, será a mesma d'agora. É, pois, receando isso que a Direcção resolveu officiar ao sr. Vasconcélloz Porto pedindo informações relacionadas tam sómente com as dimensões em que se tenciona deixar a estação, a fim de pautar o seu procedimento no que respeite a reclamações sobre ella, consoante veja ou não veja motivo para faze-las.

Ha nisto, no espírito da consulta o intuito de prevenção para prevenir que a cidade não fique lograda no execução da promessa; e ninguem poderá dizer que a direcção não tenha procedido com muita correcção e acerto, mas a verdade é que a maneira como ai vimos noticiado tal acto, deixa perceber coisa diversa—assim uma espécie de abeihudice pathética.

Sem dúvida que a informação por êsse modo não altera de nenhum modo nem a redacção nem o intuito, bem expresso, do officio mas pode succeder a quem lêr a noticia, suppôr que a direcção tambem pretende a estação aos Olleiros, e ella não quererá com certeza, a paternidade de tam miraculoso alvitre.

Partido Republicano

Devendo terminar, no dia 6 do prôximo janeiro, o prazo para a apresentação de requerimentos à commissão do recenseamento eleitaral, lembrâmos a todos os nossos correligionários a conveniéncia de apresentarem os seus requerimentos antes dessa data, a fim de serem inscriptôs no recenseamento eleitoral respectivo.

Para quaesquer esclarecimentos sobre assumptos eleitoraes podem os nossos correligionários dirigir-se à redacção da «Resisténcia», das 11 da manhã ás 2 horas da tarde e das 7 ás 9 horas da noite.

Fallecimento

O negociante sr. Jorge da Silveira Moraes acaba de passar pelo pungente desgosto de perder a sua filha mais velha, Georgina, de pouco mais de 6 annos, que succumbiu ontem a uma meningite tuberculosa.

A infeliz creança foi sepultada ontem acompanhando o feretro até ao cemitério um numeroso concurso de amigos do sr. Jorge e a phylarmónica do corpo de Bombeiros Voluntários de cuja geréncia o sr. Jorge faz parte.

Recebam o sr. Jorge e sua esposa os nossos sentimentos pela profunda dôr que os opprime.

Operação cirurgica

O estado melindroso em que se encontrava a sr.ª D. Julia Falcão de Carvalho, filha do sr. dr. Maximino de Carvalho e esposa do médico em Tondella, sr. dr. Joaquim Festas, estado que não permittia delongas á operação que tinha de soffrer, determinou ao convite, para vir operal-a, do sr. dr. Bordallo Pinheiro, de Lisbôa, visto a impossibilidade em que o sr. dr. Sousa Refoios se acha de praticar tam importantes trabalhos, devido aos ferimentos que recebeu em uma das mãos com o desastre a que ha dias referimos e quando se dirigia com o sr. dr. Daniel de Mattos em carro para a Conraria, a fim de analysarem aquella mesma enferma e determinarem quando o sr. dr. Refoios devia opera la, auxiliado pelo sr. dr. Daniel.

A operação foi feita hoje, pelo sr. dr. Bordallo, auxiliado por os srs. drs. Sousa Refoios, Daniel de Mattos e José Nazareth, assistindo o pae e o marido da enferma. Decorreu bem e com animadora felicidade, encontrando-se a operada em disposição promettedora.

Orçamento camarário

Não voltou ainda o orçamento ordinário, para 1901, da câmara municipal, e que em principios do mês de dezembro findo foi enviado ao ministério do reino para approvação. Em consequéncia da demora, que a vereação não póde presumir até quando durará, foi rezolvido em sessão d'ontem suspender immediatamente todos os trabalhos que não sam de despésa obrigatória e de execução annual permanente, visto que só para êsses vigora o orçamento do anterior, como se prescreve no artigo 95.º do código administrativo.

Assim, e enquanto o orçamento não seja recebido, paralisam os trabalhos começados e tam necessários da rua de Mont'arroyo, de mais reparações de calçadas e outros que não pódem ser comprehendidos naquélles de execução annual permanente.

Quer dizer, se a chuva volta a visitar nos, a rua de Mont'arroyo, fica reduzida a um poço de lama e quási intransitavel, e em idénticas condições ficarám as demais em que ha trabalhos começados.

Outra inconveniéncia e não menos para considerar é o facto de irem ver-se em sérias difficuldades, pela falta de trabalho, todos os operários que andavam empregues nessas obras e que ficam — sabe se lá por quanto tempo — condemnados a uma inactividade forçada, quando podiam continuar empregues em serviços de necessidade urgente e de beneficio público.

A propósito nos recorda que a falta de trabalho se tem feito sentir em meio dos nossos operarios; e tanto que s. ex.ª o sr. governador civil recebeu já pelo menos uma commissão que foi solicitar-lhe providéncias e auxilio. As opiniões que então expendimos sobre o que succederia confirmaram-se, e agora a situação aggrava-se com a paralisação das obras camarárias.

E porquê? Porque ao capricho politico apraz levantar difficuldades e oppôr tropêços á acção da câmara que não é *da côr governamental*. Se os operários soubessem vêr isto... se attendessem a que, em se tratando de fazer politica, nem os prejuizos que pódem advir-lhe ou a miséria em que os lancem é motivo que determine a correctos procederes...

Já o temos dito e repetimos. Distanceiam nos, immensamente, da câmara, principios e aspirações, mas isso não impedirá que apreciemos os factos com a maior imparcialidade. E agora ha que fazer um confronto. Uma câmara regeneradora cá do districto enviou, tambem em principios de dezembro passado dois orçamentos á approvação — um supplementar e o ordinário para 1901. Uns quatro ou seis dias depois estavam de volta ao ponto de partida, com a respectiva approvação. A câmara de Coimbra é progressista, e vai d'ai... estamos a 3 de janeiro, e o seu orçamento ordinário inda não chegou ..

Isto não é politica — qual historia! — *é o cumprimento de deveres.*

Tire do confronto, a moralidade, quem se disponha a considera-lo.

Um caso do Fisco

O nosso collega a *Gazeta da Figueira* relata esta irritante occorrência:

«Um pobre pescador da Leiroza, António Angelo, vindo á Figueira fazer um recado, atravessava correndo em frente da rampa dos pilotos, quando um guarda fiscal lhe saiu á frente, rompendo nêstes dizeres.

— «Vocemecê fuma?

— «Sim, senhor.

— «E que tabaco fuma; português ou espanhol?

— «Fumo tabaco português; e dizendo isto tirou o barrete e mostrou-lhe duas pontas de charuto de *picar*.

— «E com que accende os cigarros?

— «Com êste canudinho, replicou o pobre lorpa tirando um do bolço.

— «Está preso! Acompanhe me! berrou o guarda, filando o desgraçado.

«E lá o levou para a Alfandega, onde lhe fizeram pagar multa, sellos e as restantes alcavallas.

«Não é engenhoso o meio?»

Tam engenhoso, que chega á meta do roubo astucioso, e que só tem paridade no engenho e arte com que a companhia dos fosforos, prejudicada pelo *desalmado* pescador, por meio da acendalha aprehendida, está explorando cynicamente o pais.

Já não é pouco que a guarda fiscal, embora paga pelo thesouro público, tenha a incumbéncia de fiscalisar que ninguem prejudique a *escrupulosa* companhia; mas é muitissimo, é mesmo intoleravel que os soldados de tal guarda recorram a armadilhas de gatuno, como essa de que nos dá conta o collega figueirense, para conseguirem multas em cuja partilha têem regular quinhão.

E entretanto que o público assim é assaltado, pelos soldados da guarda, agentes officiosos da companhia, *ella*, a do monopólio assalta-o tambem, sem receios nem tibiezas, com o fornecimento da sua relissima mercadoria.

Nem valerá a pena repetir o que sam os fósforos que nos obrigam a comprar. Precisa se inutilisar meia dúzia para aproveitar um, quando se aproveita, mas succedendo que cada caixa traz umas três ou quatro meias dúzias, resulta que em cada caixa se aproveitam três ou quatro fósforos, pelos quaes pagamos 10 réis.

Haverá negócio melhor?

E' isto que a guarda fiscal não vê para multar a companhia. E' isto o que o governo *não sabe*, para applicar lhe as penalidades do contracto, por falta de cumprimento das clausulas a que se obrigou.

Divide largas lucros, ficando-lhe aínda muito com que pagar a tolerância do estado para as suas roubalheiras, e isso é o issencial; demais, o público aguentar se na situação em que está — expoliado pela companhia com o assentimento do governo, e assaltado na rua pela soldadesca da guarda, ávida de dinheiro, custe a quem custar, como a parceria a quem serve.

Aguentar, que sam os felizes do país que assim o pretendem e ordenam, aliás...

Amnistia de excepções

Está decretada a amnistia — *fim de século*. O decreto respectivo é já conhecido nos seus detalhes. Amnistia cheia de excepções que não têem justificação.

A' volta della vem sendo feito um côro de apreciação em que se salientem as doses e meias doses da *cleméncia régia*, e, digamos de passagem, que nêsse caso ha como que um pedaço de igoïsmo que faz esquecer a excepção consignada no decreto com uma franqueza tam larga, que não deixa margem a duvidar do espírito rancoroso que a ditou.

Temos visto reclamações referentes á meia-doze concedida, por exemplo a praças da armada por pequenos delictos, e ainda a respeito de outros condemnados. Sam justissimos os reparos, como justissimo seria que nelles se envolvesse a consideração de que é deshumano, mesmo odioso, excluir do *beneficio* as victimas dessa descaroavel lei de excepção chamada de 13 de fevereiro, por meio da qual foram lançados para o clima inclemento de Timor dezenas de homens, cujos motivos do degredo se cifram nisto — conhecidos como apostolos dum credo philosophico que tem como base a condemnação de todos os principios sociaes que implicam a manutenção de estados e a supremacia de classes. E' isso um crime?

Pois tambem essa excepção está decretada, em meio do silénciodos que protestam por outras... E' isso tam pouco sympáthico.

Novidade

A rasgada iniciativa do activo industrial sr. José Francisco da Cruz, Telles, acaba de apresentar mais uma novidade. São as bolachas e biscoitos *Fim de Seculo*, expostas nas vitrines do seu estabelecimento na rua Ferreira Borges, 150 a 156.

Dum sabôr apreciabilissimo, grato mesmo, typos bonitos e differentes, não duvidâmos que hão de merecer preferéncia, pois nos parece que no país se não tem produzido melhor.

Recommendâmos por isso que visitem aquelle estabelecimento e experimentem o superior fabrico da novidade ora exposta.

Os revendedores, especialmente os de fóra, terão por certo muita procura dêstes typos, desde que comecem a ser conhecidos.

Louvores, pois, ao iniciador industrial, nosso estimado correligionário, que tam bem consagra o tempo applicando-o á arte num labor de trabalho incontestavelmente digno d'imitação. E é este o motivo porque gostosamente noticiâmos a sua innovação.

O sr. presidente da câmara recebeu do sr. director de microbiologia da Universidade, um officio pondo á disposição da câmara os serviços do mesmo gabinete para quaesquer anályses que accaso haja necessidade de fazer em rezes abatidas no matadoiro e as quaes se suspeite estejam atacadas de tuberculose, e ao mesmo tempo solicitando a cedéncia da agua necessária para o serviço do referido gabinete. Lido hoje em sessão, o officio foi tido na consideração devida.

PUBLICAÇÕES

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.*

Recebemos o n.º 791 desta explendida revista illustrada que vai completar o 23.º anno de publicação e que cada vez mais se affirma na belleza e interesse de suas gravuras e artigos. As gravuras dêste número sam: Krüger em Lourenço Marques, um magnifico grupo em que se vê o presidente transwaaliano com o seu médico, secretário, ajudante ás ordens e o governador de Lourenço Marques sr. António José Machado; casa do governador de Lourenço Marques onde esteve hospedado o presidente Krüger; retratos de Napoleone Vellani, Adelina Patti, Angelo Marini e Marino Mancinelli; banquete na sala do risco offerecido aos officiaes da esquadra inglêsa.

Os artigos dêste número sam: Chrónica Occidental, por D. João da Cámara; As nossas gravuras; Napolleone Vellani, por J. Neupart; O Real Theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; Folheando a História, por Damasceno Nunes; O Rei das Serras, romance por E. About; Sciéncia Moderna, por António A. O. Machado; Publicações, etc.

Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

UNDÉCIMO QUADRO

LUCTAR DEBALDE

Tinha despertares bruscos, lúcidez espantosa, em que o desespero de todas as alegrias que ia perder, de todas as lagrimas que ia deixar atraz dêlle lhe appareciam com o horror do abysmo subitamente illuminado. Mas evitava-os, enganava-os.

Abriu os olhos, sentindo porém a visão:

— Que horas são?

— Cinco, meu caro.

— Cinco horas! No lyceu, era a hora em que saíamos das aulas. Davam-nos um bocado de pão, e eu começava a andar á volta do pateo em Blondel. Na Polythéchnica era o contrario; era a hora a que entravamos na salla de estudo depois do recreio maior. E a bordo, era a hora da sopa... A bordo!

Para. Percebe-se que aquella phrase lhe faz passar por deante da vista horisontes de mar, o infinito do mar largo, todo um passado de carreiras vagabundas, de paragens estranhas e melancholicas. E, de novo, continúa, com medo de cair na tristeza das evocações que se não tornarám a viver:

— Aqui estou eu a contar as minhas recordações d'infancia, como a gente velha. Lembro-me agora do avô do meu pae que tinha sido soldado no primeiro Imperio. Era velho, como a serpa, e sentado na *fautenil* em que o punham á janella, cantava todo o dia sosinho; quando se lhe perguntava: «O que está a cantar avosinho? «respondia». As canções que a mamã me ensinou quando eu era pequenino». E tinha cem annos!

Eu tambem gosto de conversar no tempo em que era pequeno. Não te importas, não! Se tu soubesses como a mamã era boa. O papá era differente. Não me animava muito com palavras. Mas ás vezes tinha movimentos de bondade... Como te heide eu explicar isto? Os olhos fechavam-se-lhe, a bocca mexia-se, e eu via o perturbado, junto de mim, como se tivesse a nu o coração. Olha: um dia, ai pelas onze horas, tinha eu feito um dos meus exmesitos de creança, que sam tam commoventes por serem os primeiros. A' noite, tinhamos ido ver ambos o resultado que estava affixado no *mairie* por detraz duma grade. Imagina que eu era o primeiro de não sei quantos, muitos. Então voltamos para casa e elle traziame pela mão; quando chegavamos a uma rua deserta, debruçava-se e beijava-me dizendo: «E' o primeiro, é o primeiro!» E o papa, habitualmente tam frio, quasi chorava.

E a mamã? Se tu soubesses como os rapazes sam maus para as mães. Não as comprehendem. Eu, nunca senti quanto era cruel senão depois que a minha me morreu; tinha então vinte annos. Na penna que tinha contava-se o remorso dos pequenos desgostos que lhe tinha dado, sem saber, e que não poderia nunca, nunca reparar em attenções gentis e acariciadoras.

Perguntas que desgostos eu lhe dava? Todos os dias recusas, respostas que lhe dava sem reflectir e que a feriam como balas no coração.

Olha, ás vezes, aos domingos enfeitava-se e perguntava-me: «queres vir passear comigo Jean? «eu respondia-lhe: «Não», para ir correr com camaradas d'um dia, para fazer de homem, estúpidamente, sem saber que ella tirava o seu lindo chapéo, o vestido que a fazia tam bella, para começar a chorar.

Vês tu: é necessário que nos amemos uns aos outros. E' tambem, tam acalentador. Não se pódem amar as coisas bellas, não se pódem crear, não se póde na verdade amar a vida, supportar-lhe o choque, gosar-lhe as delicias, senão com um bom coração perto do seu.

Mas o pae não vem hoje. E é a hora dêlle!

Cada dia, com effeito, desde que Jean fôra transportado para Anteuil, o pae e madame Francesco passavam regularmente alguns minutos junto dêlle.

Os médicos tinham auctorisado estas curtas visitas; tinham se tomado uma espécie d'habito: a ideia da morte entra tam difficilmente no espirito, que é necessário a imminéncia do desenlace, não se sabe que aviso supremo e latente, para ella penetrar nêlle enfim, tanto mais assustadora, quanto mais refractária a nascer enquanto o doënte se meche, falla e conserva apparéncias da vida.

Uma pancada soou discretamente á porta, e entrou madame Francesco.

Helena tinha-lhe sempre escondido que Jean conhecia ha muito tempo a doënça; por isso, sem resentimento contra elle, fôra só ferida na sua affeição pela filha tam brutalmente experimentada e por Jean que amava já como se fôsse um filho.

Pouco tempo se demorou, assentado á borda dum *fouf*, trazenda á athmosphera doce e pesada do quarto os perfumes frescos de fora, da seiva a trasbordar de junho, um pouco das alegrias do sol nas pregas do seu vestido claro.

Longe da ideia dum resultado fatal, interpretando os oráculos dos médicos no sentido que desejava dar-lhes, julgava fazer bem, alegrando o isolamento do doënte com as murmurações da sociedade, de que ella sabia que elle gastava, conversando das partidas próximas do *Grand-prix*, da nova vaga da Academia...

E cada palavra abria deante de Jean panorâmas cheios de luz: as tribunas cheias, a rebentar, e praias floridas de guarda-soes.

Mal se fôra madame Francesco, ouviu se a campainha da escada.

Um creado offereceu um bilhete numa salva.

—Ah! exclamou Helena. O teu amigo Blondel!

—O quê? Então voltou já da Rússia? dizia Jean. E' verdade, já lá vam seis mêses depois que partiu. Que suba, que suba, depressa; sinto que hade fazer-me bem.

Instinctivamente, estenderam os braços um ao outro, e abraçaram-se fraternalmente.

Para Jean, Blondel encaruava todo um tempo luminoso de vida com saüde e esquecia as querellas recentes, o duello, os episódios que os últimos acontecimentos da sua existéncia deitavam para o primeiro plano.

Desde que os viu a conversar, Blondel assentado no leito, conservando nas suas a mão do amigo, Helena saiu furtivamente, sempre livre e silenciosa, para ir dar as suas ordens.

(Continúa)

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até á 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis o litro	
» » » » a	80	»
» verde de Basto a	90	»
» branco de Torres Novas a	90	»
» » de Mangualde a	90	»
Vinagre a	80	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	»
» (2.ª qualidade) a	110	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	»
» » (2.ª qualidade) a	200	»
» » (3.ª qualidade) a	180	»
» figo a	120	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240 réis	
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa) a	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 0|0 no consumo do gaz

Escriptório e officinas Rua Garrett, 48, 1.º Lisbôa

BICO AUER

Armazem de tendas e exposição 56, Rua Garrett, 52,—Lisbôa

Bicos n.º 1 a 4$000 réis que custavam 8$000 réis

Bicos n.º 2 a 4$500 réis que custavam 6$000 réis

Bicos n.º 3 a 500 réis que custavam 700 réis

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeeiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coimbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

A GRANDE ALPAIATERIA

LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46

COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinário e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanellas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double capas, mak ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos ultimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exija.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobrecasaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhoras; os casacos pódem tambem fazer se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos á metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Córte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para água e gaz.

Quem quizer vê-la dirija se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratorios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos, **(Rebuçados Milagrosos)**, cuja efficacia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATISSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpeza gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0|0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo 600 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos:

Ninguem vende mais barato em Coimbra bem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água raz, cres, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatorio e cozinha.

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

apelaria, tabacaria, objectos de escriptorio, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primarias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros picados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Anvers, Eindhoven, Londres, Amsterdam e Régie Franceza. Dos melhores papeis de fumar, tais como: Zig-zag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza**, de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

CALENDARIO FOLHINHA PARA 1901

Chromos para bôas-festas

Grande e bonito sortimento destes artigos em exposição na

Livraria Académica

177—Rua Ferreira Borges—177

COIMBRA

N.º 611 COIMBRA—Domingo, 6 de janeiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O PARLAMENTO

Encontra-se já aberto o parlamento, essa irrisória *ficelle* constitucional que serve a cobrir, com uma pretendida capa de legalidade, o arbitrio de quem governa e o despotismo de quem domina. Abriu no dia marcado, com a assistência de toda a comparsaria official, como os theatros explorados por emprezarios desacreditados que primam, a falta de crédito, em ter uma inexcedivel pontualidade quando se tracta de arranjar dinheiro.

A data que passou a dois do presente mês não significa porém já coisa alguma. Ha muito tempo que o povo se desinteressou, por completo, da funcção parlamentar, comprehendendo que se não deve perder tempo a ouvir os discursos improvisados em longas meditações, os relatórios parturejados com dolorosas canceiras.

Não troveja lá já a voz de Passos, fulminando a corrupção, nem lá existem os carácteres que podiam dourar algum tanto a podridão geral. Os mais illustres parlamentares, aquêlles cuja voz era um desinfectante, cuja palavra era um elemento de saneamento, no meio de tanta lama, eram os que nós lá levavamos todos os annos, eram Latino Coelho, Theophilo Braga, Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, Consiglieri Pedroso, Manuel de Arriaga, toda a gloriosa pleiade já tam enfraquecida pelas baixas trazidas pela morte.

Nesse tempo em que a liberdade do suffragio era violada com mais circumspecção e menos descaramento, o parlamento offerecia um espectaculo interessante e a que toda a Lisbôa que se interessa pela politica assistia. As luctas parlamentares assignalavam-se logo que um republicano intervinha nellas; propostas ousadas, como a da reducção da lista civil foram alli apresentadas e quási discutidas, no meio duma relativa liberdade de acção.

Hoje tudo mudou. Se esses que com o seu sangue refizeram uma pátria em 1820; se esses que expulsaram os francêses e os inglêses, que romperam com os preconceitos, que á ponta da espada conquistaram uma constituição que se lhes affigurava—ingénuos idealistas—a satisfação integral e definitiva de todas as aspirações generosas, se esses voltassem do mundo das sombras á realidade da vida tinham razão, uma dolorosa razão, para se arrependerem e terem remorsos dos seus heroicos e generosos esforços.

Vieram ao parlamento as summidades do nosso pátrio torrão nas lettras, nas artes e nas sciéncias, enquanto a liberdade do voto não foi uma coisa falsificada. E hoje? Hoje, depois de Garrett veio Motta Gomes; depois de Passos, José Luciano, depois de José Estevão, os Josés Ninguem da camada que domina.

Falliu o regimen liberal, levado á bancarrota pelos que diziam defendê-lo, e com elle perdemos a liberdade, os privilegios, as garantias, todos os direitos com que uma revolução nos dotára, direitos affirmados em tantissima pugna, baptisados com tantissimo sangue.

Com o advento do disfarçado absolutismo, o parlamento decahiu. Nem podia deixar de ser. Desde que as eleições se falsifiquem, que se rouba o voto, que se atropella a lei eleitoral, era logico que o systhema se inutilisasse.

Contudo, a espaços, clarões de luz, rasgaram as trevas que cobriam com o seu manto o lodo do regimen. Foi quando o partido republicano, começando a sua propaganda sã e honestamente orientada, levou ao parlamento os seus mais illustres e talentosos caudilhos; foi ainda ha pouco, no passado anno, quando o Porto respondia ás affrontas do governo com a eleição de três republicanos illustres pelo saber e pelo caracter.

Foi então bem interessante essa sessão legislativa que ainda está na memória de todos, inolvidavel. Tudo o que o pais conta de sincero e honesto se interessou por ella; as galerias da camara regorgitavam de espectadores e era ver o enthusiasmo geral quando qualquer dos três eleitos do Porto pedia a palavra e della usava com toda a energia dos honrados em face da corrupção, então, como hoje, naquella camara amplemente representada.

Nas ultimas eleições, um governo descarado tendo ao serviço uma corrupta magistratura, roubou ao nosso partido a eleição do Porto. Praticou para isso todos os crimes; mas não havia que hesitar. A reeleição de Affonso Costa, Xavier Esteves e Paulo Falcão era um espectro negro que assustava as instituições. Assim perdeu a moralidade, mas ganharam talvez as instituições, se é que da pratica da infamia deriva brilho e lustre para qualquer regimen.

Em que pode interessar a sessão legislativa que ora começou? Em que?

Reproduzir-se hám os mesmos discursos occos, vasios de ideias, de saber, de estudo, por parte dos comparsas do governo e da opposição monarchica, e mais leis virám fazer augmentar o archivo da papelada que peja as repartições officiaes.

Leis, decretos, portarias vám chover, annunciam os augures, em abundancia. Tam abundantes que, entre ellas, haverá meio de conseguir algumas que onerem mais o cidadão, que vexem mais o contribuinte.

E assim deslisa a vida dos povos felizes, que se não cançam da sua felicidade!

GOMES DOS SANTOS.

Saiu para a terra da sua naturalidade o sr. dr. Manuel Dias da Silva, professor de direito e presidente da camara municipal. Assumiu por isso a presidéncia o vice sr. António Francisco do Valle.

Para a história da administração dos hospitaes da Universidade

Meu amigo

Dê-me licença para no seu jornal apontar um facto que, em toda a sua escarolada eloquéncia, é um documento precioso para a curiosa historia da administração dos hospitaes da Universidade, que a imprevidencia mais inadmissivel e o desleixo mais condemnavel caracterizam. Não bastava ao immundo pardieiro o crime dos governos, que sustentam *aquillo* num abandono miseravel; urgia tambem uma administração em muletas, para que os desgraçados que alli vam pedir abrigo nem sequer encontrem o que poderia conseguir-se, a dentro daquella pobreza franciscana, se o hospital tivesse a dirigi-lo um homem valido, com a actividade e a energia capazes de reprimir abusos dos subalternos, que, como o fiscal, alli sam o *posso, quero e mando.*

Mas enfim, eu nêste momento exerço um esforço supremo da minha vontade para, pondo de lado toda a indignação, expôr unicamente o facto, a que o publico não deixará de prestar a homenagem dos seus commentarios.

Hoje, antes das 10 horas da manha, chegou á portaria do hospital um homem, vindo d'Anadia, conduzindo uma creança atacada de diphteria, e cujo estado medindroso exigia immediato soccorro. Esperou baldadamente até ás 11 h. e 10, sem que, á falta do médico do banco, o fiscal cuidasse de providenciar.

Mas fez mais: pois que aquêlle homem, chorando, supplicava apenas auxilio para a sua filhinha doente, e não era portador da carta de empenho, de que ignorava os bons officios perante sua excellência, o sr. fiscal-administrador retirára se tranquilamente não se sabe para onde: se para a cêrca a recrear o seu espirito de poëta á sombra nostálgica e acariciante do arvoredo, se para a rua dos Loyos a mitigar a saüdade melancholica de trabalhos eleitoraes. Por toda a parte foi procurado...

Felizmente o apparecimento de alguns alumnos da faculdade e do sr. dr. Vicente Rocha—que nesta altura era providencial—ia pôr termo aquella relaxação quando o sr. fiscal, comparecendo, alfim, no seu passo miúdinho e elegante, e, preenchidas as formalidades legaes, participou que na pharmacia do hospital não havia tubos de sôro anti-diphterico, em busca dos quaes mandára um creado a drogaria Rodrigues da Silva. Mas o maldito creado era da fôrça do fiscal: apparecer—por um oculo. Em vista de tanta diligéncia e promptidão resolveu o sr. dr. Vicente Rocha reclamar 2 tubos da pharmacia da Misericordia, reclamação de que foi portador o alumno Nogueira Lobo, e que não se fez esperar.

Ia, finalmente, levar-se á infeliz creatura o soccorro de que tanto necessitava, mas—oh! ceos!—a seringa fornecida pelo fiscal ao dr. Vicente Rocha era rôta!

E' bem triste, na verdade!

Profundamente triste, tudo quanto em Portugal diz respeito ao pobre povo—o eterno ludibriado.

De v. etc.

Coimbra, 4-1-1901.

Arthur Leitão.

P. S.—Aos que assistiram a este facto, que em sua apreciação não teve divergéncias, eu affirmei a resolução em que m'encontrava de o communicar ao publico, por intermédio do seu jornal—*pois deante de mim não se passam impunemente infamias desta ordem,* disse eu. Um meu amigo exclamou: isso era profundamente justo, mas convence-te de que não indireitas o mundo e pódes ter um desgosto. Na tranquilidade enorme da minha consciencia eu tive o inalteravel, desdenhoso e significativo encolher d'hombros: porque diabo não pedirá a demissão o sr. dr. Mirabeau, tam idoso e tam doënte?

Arthur Leitão.

Projectos de vinganças

Segundo o *Diario de Notícias,* o sr. José Luciano fez, em conselho de estado, importantes declarações de má vontade contra a última fornada de pares, que affirmou injustificada, annunciando com firmeza retaliações para quando volte ao poder.

E' essa a vida dos partidos monárchicos—aggredirem-se, quando não é preciso estarem de mãos dadas contra os republicanos, desfazendo gregos o que troyanos fizeram, uns e outros por simples interesse partidário.

O pais, entretanto, vai soffrendo as consequéncias das brigas entre os dois bandos.

Têem-se dito que ha feitas diligéncias para chamar os srs. Hintze e João Franco a caírem nos braços um do outro, esquecendo os mutuos aggravos, por essa conciliação ser precisa ao interregno parlamentar. Os jornaes d'hoje, porém, sustentam que se aggravam as desintelligéncias entre os dois gallos...

Melhor é assim, ao menos para que nos divirtam.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorréncia de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

Carta de Lisbôa

4 de janeiro.

O caso da semana é, naturalmente, a abertura das côrtes, não pelo que a festa, todos os annos a mesma, apresentasse de novo, mas pelo discurso da corôa que alli foi lido, sempre considerado uma hypothese de programma de governo.

Eu não conheço nada de mais estupido, de mais caracteristico de incoherencia do constitucionalismo, que esta praxe de o poder executivo fazer uma falla para o rei lér, em seu nome, como obra sua, obrigando-o a desdizer se d'anno para o anno, conforme estam na governação gregos ou troyanos.

E' uma praxe que, obrigando o rei a, por sua bôcca, condemnar um dia dictaduras para no outro as approvar, proclamando agora a necessidade do equilibrio orçamental para depois a negar, colloca essa individualidade num papel mais que secundario.

E' uma formalidade que leva os proprios pártidos monarchicos a desacreditarem o seu symbolo. Ainda agora, por exemplo, os progressistas encontraram desfaçatez no discurso d'este anno. Mas então, se o rei o leu, a desfaçatez foi só do governo?

Para mais a peça é feita, aqui sem a menor elevação, sem gramatica tambem, em regra. E' pouco mais ou menos, conforme os tempos, um artigo do *Correio da Noite* ou do *Diario Illustrado.*

A dêste anno, para mim, tem mais que inoffensivos erros de grammatica e mais que chateza irrisoria.

Em entrelinhas, ella ractifica-me decerto modo informações que me foram antes fornecidas sobre a natureza da alliança com a Inglaterra.

Essa alliança parece impôr-nos o dever de termos um affecto de 50:000 homens, em Africa; 10.000 dêlles. Ora, com effeito, no discurso promettem reorganizar-se o exercito continental, ha tam pouco tempo reorganizado, e as praças ultramarinas.

Tambem me asseguraram que a pretexto da regularização da divida, está assente uma operação sobre as colonias com a Grã-Bretanha. Nos termos em que no discurso se falla da questão financeira, tambem de certo modo se justifica êsse recurso.

E' bom por isso acautellarmo-nos, lembrando que desde o dia em que soldados portuguêses luctem debaixo da bandeira britânica, êste pais perdeu por completo a sua autonomia como terá perdido a esperança e a garantia da sua prosperidade no dia em que se encontrar sem colónias.

o

A sessão parlamentar, se não offerece grande interesse ao público, que não se importa com o parlamento desde que lá não haja deputados republicanos, está merecendo certa attenção do meio propriamente politico.

E o motivo dessa attenção é

não se saber qual venha a ser a attitude ante o governo do chamado grupo dos *indireitas* ou de João Franco, que sympthomas de vária ordem indicam como cada vez mais rebelde.

Supponho que a táctica dêsse grupo será primeiro de reserva, depois de hostilidade solemne.

E é provavel que seja elle que deite a terra a situação Hintze ou muito contribua para isso.

Em todo o caso, é positivo que João Franco não será chamado ao poder. A atmosphera do paço continúa a não o honrar com as suas graças. Sei que a Hintze foi dita, não ha muito tempo, esta phrase:

—Arranja-te lá como quizeres com o João Franco. Se não te aguentares quem eu chamo é o José Luciano.

O motivo desta senha contra o engrandecedor do poder real?

Não o sei bem.

Sei como ella começou: foi por João Franco attender o pedido de uma dama, justificado numa razão de moralidade, contra a ordem do marido, que visava a satisfazer uma pouco correcta aspiração dum amigo.

Mas como a indisposição se tem mantido e augmentado—não sei.

o

Vai já tarde para lhes fallar do julgamento da eleição do Porto. Mas é tempo de lhes diser ainda que os progressistas estám fulos com o Tribunal de Verificação de Poderes, sendo os primeiros a lançar as mais feroses suspeições sobre os respectivos juises.

E', com effeito, interessante que todas as eleições contestadas têem sido approvadas—e por unanimidade. Houve apenas uma excepção até agora—a de Lisbôa, por o que se diz ter intervindo o rei, a pedido do sr. Barahona.

Sabidas as torpêsas que se realisaram a pé, por esse país fóra, o João teve o condão de mostrar como se encontra todo o organismo constitucional a pedir banho geral e completo.

F. B.

Numa das últimas noites foi assaltado o escriptório da fábrica de conservas, sita à Casa do Sal e pertencente ao sr. António Rodrigues Pinto.

Duma secretária que ha no escriptório e que foi arrombada com um machado, desappareceu uma importância, em papel, prata e cobre, que a começo foi calculada em 82$000 réis.

O autor da proeza está já descoberto. Manuel Simões e reside no Ingote; exerce o mister de carreiro, e terá cêrca de 20 annos.

Tendo feito a principio uma fraca negativa, terminou por confessar, descrevendo miudamente como levou a cabo a emprêsa e onde tinha o dinheiro roubado, declarando que eram sómente rs. 40$000 em papel, 20$000 em prata e 3$365 em cobre, dinheiro que lhe foi apehendido, menos 2$800 réis que diz ter consumido em comer e beber.

Explica que fez o assalto sob a influência de embriaguez com aguardente.

Salientou-se na descoberta do crime o cabo n.º 11 da policia.

A requerimento do quintanista de direito sr. Joaquim dos Reis Torgal, foi instaurado ha tempo nesta comarca e por offensas corporaes, um processo contra o sr. dr. Almeida Garrete, professor de mathemática e par do reino.

Esse processo acaba de ser remettido à câmara alta, de cujo fôro o sr. Garret depende, indo seguir para a commissão de legislação, que terá de dar parecer sobre o seu seguimento.

MIRAGENS

As circunstâncias do thesouro nacional fôram levadas a tal ponto pelas administrações da monarchia, que o desalento entrou, já ha muito, em todos os espíritos, já desesperados de vêrem que a tam calamitosa situação seja dado remédio.

Sem haver causas que tal justifiquem, nem que ao menos expliquem, com justiça, o descálabro operado successivamente, no decorrer de dezenas de annos, nas finanças do país, assiste se diariamente ao aggravamento delas, numa dolorosa espectativa de qualquer catastrophe irremediavel e vergonhosa. E' esta a convicção em muitos arreigada já, e para a maior parte dos outros esperada com favôr.

Principalmente desde 1890 para cá temos atravessado uma agudissima crise financeira, com o maior descrédito no mundo todo e com humilhações aviltantes por essa Europa fóra.

Contudo, têem-se succedido os ministros da fazenda, todos elles a apresentarem planos mirabolantes de extincção do *déficit*, e o maldito sempre feroz, cheio de vida... Em breve cada plano tem caído miseravelmente sem dar ao contribuinte empobrecido um momento de desafôgo, porque após êsses planos de lisongeiras promessas têem vindo logo leis e decretos e portarias e circulares e reformas e regulamentos, toda essa magna caterva de processos multiformes de que se serve a Administração portuguêsa para arruinar o país, a impôr sacrificios cada vez mais pesadas, a praticar extosões cada vez mais iniquas dos haveres dos contribuintes.

Os ministros da fazenda progressistas, para fallarmos dos mesnos distantes, e agora os do presente ministério não deixaram de seguir a tradicção estabelecida dos programmas pomposos. O que aquelles fizeram todo o país o sabe, e, por seu mal, o sente... O que valeu o ministro Anselmo d'Andrade não chegou a saber se; mas eis que o actual mandou apregoar já por um jornal officioso que vai remodelar esses impostos e extinguir outros, tudo isto sem gravame para o contribuinte, propondo se ainda matar o *déficit*, e não sabemos se arranjar-nos saldos para nos prevenir contra eventualidades futuras!

Para *inglês ver* appareceu agora esta música celestial, que por certo ha de espalhar muita poeira deante d'olhos ingénuos, para à sombra della o governo ir arranjando, como lhe apraz, a sua vida. E entretanto tudo continuará como dantes, nesta louca orgia de tantos annos, em que os bens da nação sam distribuidos e disfructados por meia duzia que os colheram de assalto e os não largam.

Os factos passados trouxeram já ao espirito nacional este lamentavel desânimo: —nada ha a esperar da monarchia, senão a consumação da nossa ruïna.

Programma côr de rosa, para quê? Miragens illusórias para entreter creanças...

Deve ter regressado ontem de Lisbôa o sr. dr. Daniel de Mattos.

O JOGO

Sempre nos quis parecer que as fúrias do sr. Hintze Ribeiro contra o jogo iriam dar, mais hora menos hora, em *vasa barris*.

Tal qual. Seria, mesmo, uma maravilha que s. ex.ª se mantivesse firme e congruente numa rezolução.

Verdade seja que muita, muitissima gente, o tomou a sério neste caso, mórmente quando se viu irem durando as suas ordens terminantes de perseguição ás tavolagens. Mas a insensibilidade nunca foi um caracteristico do sr. Hintze, e então, a par dos *crentes* mantiveram-se os *descrentes* na supposição de que o nobre... titular não resistiria aos *apertos*.

É que o jogo vale como distracção—e até como modo de vida, haverá quem diga—a muita gente de alta cotação, e dai...

Já de ha mêses se vinha dizendo que a vigia sobre as batotas e roletas tinha afracado, e que em diversas partes se jogava semi-occultamente. Agora mais se diz, ou melhor, se annuncia, com caracter de informação official, que a imprensa de Lisbôa vem fazendo: «Que cedendo a instantes reclamações dos seus correligionários de vários pontos do país, o sr. presidente do conselho está disposto a modificar os seus propósitos quanto ao jogo. Ao que se diz, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro pensa em regulamentá-lo, mas quer deixar a iniciativa ao parlamento, onde será apresentada uma proposta neste sentido.»

Esta noticia, que já vimos noutros jornaes, é dada nos termos em que vem de ler-se, pelo correspondente telegráphico de Lisbôa para o *Primeiro de Janeiro*.

Foram então correligionários do sr. Hintze que instáram com elle para sustar a sua crueldade contra a jogatina? E' significativo:—dir se ha que o sr. Hintze tem correlligionarios, amigos portanto, entre a larga lista de batoteiros que infestam as praias e demais instâncias balneares;—e o sr. Hintze cede... Ainda o jogo da batota e da roleta lhe vai servir como elemento politico, e esta é a melhor das hypótheses a admittir para s. ex.ª; — porque o facto pode ser tomado á letra por outra fórma:

Que os taes correlligionários—amigos, parceiros-combinados melhor se dirá, *souberam* demovê-lo, gritando-lhe *que pôr peias ás tendências é uma crueldade, e que se não deve prohibir a ninguem divertir se como lhe aprouver*.

Este argumento de pêso, reforçado com o outro de dar-lhe parte nas bancas, terá operado o milagre de demove-lo? Irá feito o sr. Hintze?

Mas sendo assim, descobre-se o *loup*:—o sr. Hintze investindo contra o jogo, fez o *seu jogo*, e assim passa a ter parceria nas *sortes* da roleta, nos *saltos* e *micos* da batota sobre o pano verde, ao mesmo tempo que faz banca na batota da politica governamental; e então terá de concluir-se que as suas furias tiveram em vista monopolisar as batotas de todos os feitios e tamanhos... E irá elle aguentar-se, sem tremer, com a paradas do sr. João Franco?

Mas continúa o correspondente do *Janeiro*:

«Atribue-se ao conhecimento dêstes propósitos do governo o facto dos Casinos do Estoril manterem ainda os seus arrendamentos e conservarem todo o pessoal».

Traduzimos bem chamando aquelle—*propositos do governo*—calculo do sr. Hintze? Isto é, que terá sido por combinação com s. ex.ª que os Casinos mantiveram os arrendamentos e o seu pessoal, até que o *joguicida* sr. Hintze, tendo parodiado Herodes, achasse a opportunidade de *regulamentar o jogo*, **«querendo dar a iniciativa ao parlamento»?**

Não ha em tudo isto uma desillusão; apenas uma normalidade do regimen, de que se não póde esperar coisa em termos com taes representantes de taes servidores.

Pinturas romanas

Em *Bosco reale* encontrou se, ha annos, no acaso duma excavação uma baixella de prata, a mais notavel collecção de ourivesaria romana conhecida.

Foi comprada por Rotschild que a offereceu ao museu de Louvre.

O esconderijo, onde fôra encontrado o thesouro, estava quási à flôr do sollo, coberto superiormente por uma torrente de lava solidificada, devida à erupção do Vesúvio. A lava apanhára o corpo do proprietário que morreu ao pôr em lugar seguro o seu thesouro; e poude conseguir se assim moldar-se-lhe o corpo.

O proprietário actual conseguiu licença do governo italiano para proceder a explorações archeológicas que foram feitas com todo o segredo.

Ultimamente, começaram os jornaes noticiando que o Imperador Guilherme comprára uns preciosos frescos representando povoações e decorações dum alto valôr documentário.

Dirigindo se as auctoridades ao local encontraram alguns ainda no seu logar, os outros porém haviam sido transportados para tella.

A lei italiana dá ao govorno a faculdade de expropriar por utilidade pública os immóveis de caracter artistico, podendo por isso expropriar os que se acham ainda nas casas, mas não o podendo fazer aos que fôram transportados para tella e que se transformaram assim em bens móveis, que não poderám todavia sair de Itália se o governo italiano fizer offerta egual à dos collecionadores extranjeiros.

Os frsecos representam cidades, interiores de habitações, tudo minuciosamente desenhado, colorido com cuidado, e permittem reconstituir completamente o aspecto e a vida das antigas cidades romanas.

CHARADA

Em correspondéncia telegráphica de Coimbra para um jornal de Lisbôa:

«Consta que o orçamento municipal de Coimbra para 1901 soffrerá algumas reducções nas verbas de despeza».

Publicado isto na sexta feira, o telegramma era de quinta;—exactamente do dia em que ás 3 horas da tarde a câmara já tinha resolvido paralisar determinadas obras, por falta do orçamento para o anno corrente, enviado com destino á censura superior a tantos de dezembro: primeira particularidade a provocar curiosidades.

Como o orçamento é, ou deixa de ser alterado sómente em Lisbôa, na secretaria do ministério do reino, achamos, à vista daquêlle *constar de alterações*, que do supradito ministério terá vindo ao correspondente o *lamiré* das alterações?

Seria loucura admittí lo.

Terá vindo—*o lamiré*—à instância medianeira entre a câmara e o governo, dando-o a mesma instância, por seu turno, ao correspondente?

Tambem é inverosimil.

Mas donde terá vindo então para *cá* um *consta*, que só num gabinete de Lisbôa poderia *constar*?

Hontem à tarde, entre um grupo de boa amizade, mas em meio do qual cada um se reserva o direito de manter a presumpção de melhor informado, chegou se, em cavaco ruidoso, a esta intelligéncia:—que o orçamento só tinha seguido do governo civil para Lisbôa, na tarde de quinta feira—do dia em que a câmara resolveu a suspensão das obras; do dia em que se transmittiu o telegramma para o jornal de maior circulação.

Achámos então a decifração da charada—à vista da intelligéncia a que chegou o grupo, é claro:

As alterações *do consta* serám de indicações coimbrãs; dellas terá sido orientado o correspondente, e elle noticiou-as.

Naturalissimo. Mas falta ver:—no caso ha propósito de se dizer ás gentes de *cá*, que se manda para *lá*, ou o *consta* representa uma inconfidéncia inconveniente e compromettedora?

Seja como fôr, esta coisa ficará de pé:

Segundo o grupo de boa amizade, o orçamento só foi para o seu destino na quinta feira, e nêsse mesmo dia um correspondente telegraphava, dizendo constar-lhe que fariam alterações ao mesmo orçamento na repartição onde elle ainda não tinha chegado...

Como?

Não haverá nestas espertezas uma extraordinária falta de habilidade?

Veja-se agora que salientâmos estas misérias, sómente no propósito de esclarecer os processos usados, em meio de *tudo isso* que serve a monarchia, para fazer politica.

Ferir o adversário é a palavra d'ordem, e essa coisa pratica-se por todos os modos sem querer saber-se se traz ou não prejuizos ao público. Que sirva ao espirito partidário, e vai bem. Mas tam mal simulado e peor escondido.

Hoje de regeneradores para progressistas; ontem e amanhã de progressistas para regeradores, não ha que escolher.

Veja-o o povo, a ver se repara na orientação que lhe cumpre tomar.

Propostas de fazenda

O plano financeiro que o actual ministro da fazenda traz no choco continúa merecendo à imprensa referéncias de diversa ordem, que pouco ou quasi nada têem deixado perceber do que elle será. Demais esclarecedor apenas appareceu ainda esta informação do padremestre das *Novidades*:

«Imposto do sêllo.—Seram reduzidas a maior parte das taxas. Estabelecem-se disposições para evitar vexames.

«Rendas de casas.—Serám consideravelmente reduzidas as taxas de imposição.

«Contribuição predial.—Passará a ser de quota em vez de ser de repartição, como é actualmente. Muda a natureza da incidéncia fixando se outras bases para corrigirem as desegualdades, que hoje existem nas matrizes, e que constituem o principal vexame desta contribuição.

«Rea! d'água.—Será supprimido, sendo substituido por um imposto de licença, evitando se assim grandes vexames e despezas de fiscalisação, com consideravel allivio para os contribuintes.

«Banco de Portugal.—Não podemos indicar, nem mesmo nas suas linhas geraes, o plano do sr. ministro da fazenda, cuja execução depende do accordo com os accionista.

«Sabemos unicamente que êsse plano visa *simultaneamente* a cinco fins: 1.º reforçar a caução do débito do estado; 2.º augmentar progressivamente as reservas do banco, de modo a poderem attingir, num certo número de annos, a proporção, que se considera normal, com a circulação das notas; 3.º augmentar o dividendo aos accionistas; 4.º attribuir ao banco influencias mais directas no regulamento do mercado de cámbios; 5.º diminuir os encargos do Estado e dar lhe parte em alguns lucros.

«Outras propostas—O sr. ministro da fazenda pensa ainda em remodelar outras contribuições, de modo a regularisar a sua cobrança *sem alteração das taxas*,

LITTERATURA E ARTE

A'quella que veio cedo

I

Nessa altura onde estás, na serra agreste
Onde não chega nunca a voz do Mar,
Tu decerto, meu Bem, já me esqueceste
—A mim, que me não canso de te amar...
... Que me não canso... E a grande glória dêste
Amôr é viver sempre e apezar
De quanto mal e quanta dôr o veste
A distância a que estás do meu olhar,

P'ra te esquecer (já que não te alcançava)
Quis amar outras; quantas mais amava
Mais em ti descobria perfeições...

E hoje vivo sómente na lembrança
Daquella dôce bemaventurança
Que d'antes houve em nossos corações.

II

Moravas tu naquella casa, à beira
Da estrada que vai dar ao teu deserto;
Todas as tardes via essa trigueira
Face, onde o Amôr punha um sorriso aberto.

E' até que no alto Céo uma primeira
Estrella abrisse no seu brilho incerto,
Vivia alli toda uma Vida inteira
De Felicidade, pois que estavas perto...

Depois desciam, negras, a cercar-te
As andorinhas; e de toda a parte
Caia a noite, ainda mais negra, em volta.

Depois... Depois... Mas, ai! quem me diria
Que eu tinha de lembrar tudo isto um dia
Na saüdade sem fim do que não volta!...

1900. Dezembro. JOÃO DE BARROS.

Fortuna inesperada

Dois individuos, trabalhadores, que residem na freguesia de S. Martinho do Bispo e sam conhecidos pelos Rosas, acabam de saber que lhes morreu em Africa um irmão deixando uma fortuna de cêrca de 400 contos, de que êlles sam os únicos e universaes herdeiros.

Um dos felizes Rosas vai partir para a localidade onde o irmão residia, a fim de liquidar a fortuna.

Abastecimento de carnes

Mais um reparo nos merece a fórma como está resolvida a arrematação de carnes. Agora em relação à classificação pelo menos duma das classes, em que ha meio de importante prejuiso para o consumidor:

Classificou-se como carne de 2.ª a *vasia*, por 300 réis, quando parte do *pojadouro* e da *alcatra*, de qualidade iuferior áquella, estão na cathegoria de 1.ª, por 360 réis.

Ora isto poderá parecer simplissimo de menor importancia, mas convém esclarecer:

A *vasia*, ou *alcatra baixa*, é uma qualidade superior, melhor que o lombo, para *beefe* e *roast-beef*, e como tal, é gasta em abundancia pelos hoteis e restaurantes de melhor fama, não logrando o restante do público apanha la senão por festa. Não ha fugir d'isto.

Feita, portanto, a arrematação nessas condições, os proprietarios de hoteis continuarám, como até agora, a ser os senhores daquella especialidade, ao preco de 300 réis, e as casas particulares terão de contentar-se para os seus *beefs* com o *pojadouro*, carne incomparavelmente mais ordinária, e mais cara do que a outra a 60 réis em kilo.

Pódem objectar-nos que sendo o arrematante obrigado a vender, a quem quer a peça, essa especialidade, enquanto a tenha, esse logro está previsto?

Não coche. Primeiro, porque, em regra, o público não sabe destrinçar especialidades, mas apenas preços; segundo, porque os *bons freguezes* que gastam muito, os dos hoteis e similares, sam conhecidos, ainda pelo *habito de espor tular*, e então, ao particular que não destrinça, facilmente se oculta a *vasia*, a guardar para os amigos, resultando o logro para o consumidor e para as condições da arrematação.

Foi sempre assim; continuará a ser assim, ainda que um fiscal, só para o caso, passeie no mercado, exactamente porque esse fiscal ou será marchante, em fingida disponibilidade—da grei por consequência—ou um empregado da câmara que nada poderá ver por nada conhecer da matéria.

Donde as nossas dúvidas sobre a isenção ou a consciência—como queiram—do alchimista que formulou a tabella.

E como o caso das multas, attenuadas, ou inutilisadas, pelo tal—**simultaneamente**, procuraremos não perder este de vista, para o que der e vier.

Operação cirúrgica

E' bastante animador o estado da sr.ª D. Júlia Falcão de Carvalho, filha do clínico sr. dr. Maximino de Carvalho e espôsa do sr. dr. Joaquim Festas, médico em Tondella, senhora a quem foi feita na quinta feira a importante operação a que já nos referimos, em consequéncia duma salpingite suppurada.

Foram-lhe encontrados, e extraídos, dois volumosos saccos purulentos com adheréncias e com caracteristicos pronucciados de natureza tuberculosa.

O trabalho operatório foi feito pelo sr. dr. Bordallo Pinheiro, de Lisbôa, em substituição do sr. dr. Sousa Refoios, temporariamente impossibilitado de operar, mas que assistiu, assim como o sr. dr. Daniel de Mattos, como ajudante, fazendo a anesthesia o sr. dr. José Nazareth.

Saiu para Lisbôa o sr. bispo-conde.

DESPEDIDA

José Cardoso de Figueiredo Nogueira, profundamente reconhecido por tantas demonstrações de penhorante estima que tem recebido de tantas pessoas d'esta cidade, a proposito da sua saída para Africa, vem por esta fórma, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, manifestar a todos a sua inalteravel gratidão. E cheio de vaidades de tam dedicadas amisades que nesta terra deixa, e sensibilisado por tantas provas de sympathia que acaba de receber, não só de amigos particulares, como do commercio em geral, as quaes considera tam gratas como immerecdas, a todos envia d'esta maneira as suas despedidas, pedindo-lhes que lhe dêem a satisfação de utilisarem seus limitadissimos serviços em Inhambane.

Coimbra, 25 de dezembro de 1900.

BALANCETE DA CAIXA ECONOMICO FRATERNIDADE

NO ANNO DE 1900

Entrado

Acções de socios....	892:300
Joias.....	2:800
Sahida de socios.....	2:250
Multas.....	7:900
Juros.....	20:060
Somma...	925:310

Sahido

Emprestimo aos socios.	191:000
Impressão das acções..	3:500
Expediente.....	950
	195:450
Para devedir pelos socios	729:860
	925:310

Coimbra, 31 de dezembro de 1900.

O Secretario,

Bernardo Maria da Silva.

Mercado de Coimbra

Os preços dos cereaes durante a semana finda, foram os seguintes:

Trigo de celorico, novo, graúdo, 620—Dito, novo, tremês, 630—Milho branco, 440—Dito amarello 440—Feijão vermélho, 760 Dito branco, meudo, 720—Dito branco, graúdo, 760—Dito rajado, 520—Dito frade, 470—Centeio, 520—Cevada, 380—Grão de bico, graúdo, 700—Dito meúdo, 630—Favas, 490—Tremoços, 20 litros, 360.

Azeite da colheita de 1898, fino, 2$100 a 2$200; de 1899, 1$500 a 1$900, conforme a qualidade.

CALENDÁRIO FOLHINHA PARA 1901
Chromos para bôas-festas
Grande e bonito sortimento dêstes artigos em exposição na
Livraria Académica
177—Rua Ferreira Borges—177
COIMBRA

Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

UNDÉCIMO QUADRO

LUCTAR DEBALDE

Logo que a porta se fechou atraz da Helena, disse Jean:

—Sabes, meu caro, estou perdido!

—Então, Jean, que brincadeira é essa! E a operação? Agora é questão de tempo. Estive com Hochat. Foi o que elle me tornou a repetir.

— A mim tambem. Foi o que me disse: Faz o seu officio, êsse homem!

—Jean!

—Pois tu não sabes, meu pobre amigo, que elle me disse tudo no próprio dia em que me levaste a casa dêlle. Foi um momento de franqueza bem desastrada!

— Então qual das duas vezes disse a verdade?

—Está bem! Não discutamos. Cança-me isso. Tratemos de nós.

Que fizeste tu? Quando voltaste?

—Ha dois dias.

—Curado de todo?

—Juro-to.

—Obrigado. Sabes é necessário que Gorges e Janne vivam juntos. Actualmente, Janne está em casa do pae e Georges vive só. Mas eu queria que elle comprehendesse que andou mal, e que tratasse de se dominar.

Se soubesses como tenho reflectido depois que estou doënte! Naquelles, em qué o mundo que passa e que julga a correr, não vê senão maos ou imbecis, ha muitas vezes só doëntes.

Animava-se com o rosto côr de tijollo illuminado pela febre!

—Olha em volta de nós: julgas que não somos iguaes, Georges com o seu citume que o torna injusto, o impede de gosar da vida que o envenena, e eu com êste mal que conhecia, que vinha collocar-se entre meus olhos e a esperança do dia seguinte, e que me envenenava, elle tambem. Não é verdade que um e outro rebentam, depois de terem lavrado ocultamente, e de terem surdamente rugido?

Olha mais para os Ballíer, os Francesco, todo o bando ruído pela ambição, devorados pelas canceiras da arte ou do dinheiro, ou cheios d'inveja, como meu tio Adolpho; outros com doënça do corpo, todos ocultando o seu mal, mas obedecendo cegamente, como lançados por elle segundo uma trajectória que nunca se affasta do seu caminho, atraz do bem como do mal.

Dizias-me muitas vezes que eu era bom; era só indulgente.

Levantou se a meio com a angústia sobre a face:

—Cá está. Cá volta ella outra vez.

Depois, caindo de novo sobre os travesseiros:

—Prometes me não é verdade, que has de ser tambem indulgente para com êlles?

—Tu me ajudarás, Jean.

—Não! Cá tenho a minha conta. Vái-te. Fizeste-me fallar de mais: já não posso... Até breve.

—Amanhã voltarei.

Jean fez um gesto com a mão cançada e sorriu: Pensar que o não tornarei a ver talvez, scismou elle.

—Queria ver o pae; repetiu a Helena que voltára para o pé delle.

—Está a chegar. Bem sabes que anda sempre muito occupado, muito afflicto...

—E' verdade, a promoção...

—Olha. Elle aí vem!

Com effeito um passo apressado subia a escada. O coronel com as luvas brancas, ainda calçadas, o Kepi na cabeça caminhou rapidamente para a cama:

—Nomeado, meu filho, fui nomeado para a casa militar do Presidente da República! Como vaes? Bem?

Jean sorriu fracamente.

—Melhor, obrigado. Então agora está contente?

—Ah! Não tenho tempo de pensar nisso. Vai ser necessário desenvolver uma actividade, um tacto...

—Progredir ainda?

—Aí está tudo. E tu verás meu Jean, que boa vida tu vaes levar, mais tua mulher, desde que estejas são de todo. Não ha de haver festas nem bailes para que não sejaes convidados.

Ham de apparecer em toda a parte.

Já distribuia as graças, fazia valler as vantagens do logar. Depois, subitamente:

—Toca a andar. Boa noite, Joanico. Até ámanhã.

—Fica mais um boccado, papá?

—Não tenho de meu, nem mais um minuto.

—Peço-te eu, meu pae.

—Então? Vá, não sejas creança; até ámanhã.

Jean calou-se. Mas quando ouviu, depois da descida precipitada da escada, o barulho da porta a fechar-se, disse alto, como se fallasse consigo mesmo:

—Não sei porquê; mas queria que o papá tivesse ficado mais tempo.

Tinha caido a noite. Helena veio accender um candieiro com *abat-jour* enorme, e o quarto tinge-se de côr de rosa.

De repente, no siléncio tam grande que se ouve o bater dum pequeno relógio collocado à beira duma mêsa—levanta-se um queixume, que se prolonga, que se encadeia ininterrompidamente:

—Oh! Que dôr! Que dôr!...

—Que sentes, meu Jean?

—Sofro. Ah! Se tu soubesses!

Depois um siléncio. Helena, aterrada, toca a campainha, dá ordens, manda chamar os médicos. Depois, volta para o pé do leito, dá a Jean a sua mão que elle mette entre as delle, e socega-o com aquella carícia fresca.

Mas o doënte exhala, de novo, o seu queixume, numa voz desigual umas vezes fraca, outras rouca, como o traço dum estilete que morde mais ou menos o metal que tem a gravar:

—Não! Não quero morrer; que fiz eu, que tenho eu feito? O', minha querida, defende-me, chega-me a ti. A vida é boa, tam infinitamente boa. Quero viver mais, quero gosar a vida contigo. Conta, os livros, a familia, os theatros, e as meias ceias, as coisas boas que nos fazem tam alegres e felizes. Promette me que havemos de tornar a ter tudo isso. E o mar, as peças, as salvas á bandeira que dam grandes martelladas no coração. Vês, eu nasci para ser poëta para amar e fazer amar tudo o que é bello e bom. Que mal fiz eu? Quero ficar, quero ter sempre o teu coraçãosito, a tua bocca pequena. Parece-me que és alguma coisa de mim, e que eu não posso ir-me, se tu ficares!

—Meu Jean! meu Jean!

—Oh! Se me salvassem! Se alguem, se um acaso me salvasse! E dizem que ha uma providência! Mas eu não fiz mal nenhum. Que castigo foi então o golpe que me feriu? Sinto que era tam amante, tam feito para viver.

Adorava-te tanto!...

(Continúa)

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA„

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.
Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.
Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70	réis o litro
» » » » a	80	» »
» verde de Basto a	90	» »
» branco de Torres Novas a	90	» »
» » de Mangualde a	90	» »
Vinagre a	80	» »
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	» »
» (2.ª qualidade) a	110	» »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	» »
» » » (2.ª qualidade) a	200	» »
» » » (3.ª qualidade) a	180	» »
» » figo a	120	» »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 0|0 no consumo do gaz

Escriptório e officinas Rua Garrett, 48, 1.º, Lisbôa

BICO AUER

Armazem de vendas e exposição 50, Rua Garrett, 52,—Lisbôa

Bicos n.° 1 a 4$000 réis **que custavam 6$000 réis**
Bicos n.° 2 a 4$500 réis **que custavam 6$000 réis**
Bicos n.° 3 a 500 réis **que custavam 700 réis**

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeeiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coímbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

Á GRANDE ALFAIATERIA

LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46

COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanellas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coímbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobrecasaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos pódem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Córte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATISSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpêsa gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0|0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.° 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.° 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.° 1 a	*400 réis*	preço antigo 500 réis
„ „ n.° 2 a	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

EDITÁL

A cámara municipal de Coimbra faz saber que, por diliberação tomada em sua sessão de 3 do corrente mês, continúa a celebrar as suas sessões ordinárias, durante o corrente anno civil, ás 5.as feiras de cada semana, pela uma hora da tarde.

Coímbra paços do conselho, 3 de janeiro de 1901.

O vice presidente

Antônio Francisco do Valle

ANNUNCIO

Commarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da commarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quarto officio, que êste assigna, correm editos de sessenta dias, a contar da data da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo,* citando os recrutas ausentes e desconhecidos abaixo indicados, para em oito dias, findo que sejam os dos editos, apresentarem causa justificativa da sua falta à inspecção, em conformidade com o § primeiro do artigo 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896. sob pena de serem julgados, como refractarios.

Mancebos recenseados pela freguesia do Botão.

Antonio, filho de Antonio da Costa e de Elisa da Conceição.

Joaquim, filho de Abilio Galhardo e de Maria Augusta de Mello, natural do Paço.

Mancebo recenseado pela freguesia de Antanhol:

Manoel, filho de Joaquim Soares d'Almeida e de Carlota Engracia, trabalhador da Cegonheira.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Arthur de Freitas Campos.

EDITAL

Augusto Vieira de Campos, recebedor do conselho de Coimbra.

Faz público que o cofre da recebedoria do mesmo conselho se hade abrir desde o dia 2 do proximo mês de janeiro até 31 do mesmo, para a cobrança voluntária das contribuições predial, industrial, de rendas de casas e sumptuária e de décima de juros do anno de 1900.

Outro sim faz público que passado aquélle praso, todas as contribuições que não forem pagas lhe será addicionada a verba de 3 0|0 ou quota fixa de 40 réis.

Coímbra, 28 de dezembro de 1900.

O recebedor

Augusto Vieira de Campos

ANNÚNCIO

Comarca de Coímbra

EDITOS DE 60 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coímbra e cartório do escrivão do quarto officio que êste assigna, correm éditos de sessenta dias a contar da data da segunda publicação do respectivo annúncio no *Diário do Governo,* citando os recrutas ausentes e desconhecidos abaixo indicados para no praso de oito dias, findo que sejam os dos éditos, apresentem causa justificada da sua falta à inspecção em conformidade do paragrafo primeiro do artigo cento e quatro do Regulamento de seis d'agosto de mil oitocentos e noventa e seis, sob pena de serem julgados refractários.

Mancebos recensiados pela freguesia de S. Bartholomeu—Samuel, filho de Maria do Ceo, solteira, natural de Coímbra—Sebastião, filho de António Fernandes e de Maria Theresa da Silva, natural de Coímbra.

Mancebos recensiados pela freguesia de São Martinho do Bispo:—José, filho de Manuel Vas Moreira e de Barbara Catharina, natural de Falla—José, filho de Pedro da Cruz e de Maria do Rosário, natural da Bemcanta: Joaquim, filho de José Mano e de Maria José Correia, natural de Pé de Cão—José, filho de Ignes Ferreira, natural das Casas Novas—António, filho de Joaquim Carvalho e de Maria José Mendes Gausa, natural de São Martinho do Bispo—Adriano, filho de Mannuel da Barroca e de Fortunata Coelha, natural de Coalhadas.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio.

Arthur de Freitas Campos.

Agradecimento

José Maria Dias não podendo ainda agradecer pessoalmente a todas as pessôas que o visitaram no Hospital da Universidade e em sua casa durante o tempo em que se esteve tratando do grave ferimento produzido pelo triste desastre occasionado na sua officina no dia 28 de novembro passado, vem por esta forma mostrar o seu reconhecimento e indelevel gratidão para com os ex.mos clininos, conselheiro Costa Allemão e dr. Francisco Antonio da Cruz Amante, e a todas as pessôas que em lance tam triste lhe deram as mais penhorantes provas de amisade, e que jámais poderá esquecer.

N.º 612 COIMBRA—Quinta feira, 10 de janeiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Demo-nos a ver

Abrem-se os jornaes mais acreditados junto do governo e da supramacia da opposição, e vê-se que as suas preoccupações e os seus cantares nêste momento se resumem quási exclusivamente a prescutar no que terminará a falada scisão entre os srs. Hintze e João Franco. Como se *disso*, dependessem o crédito e o futuro nacionaes...

Que o facto é simples na apparência, não ha duvidar; todavia affigura-se-nos que tem no intimo o seu pouco de importância, para ser considerado pelos espiritos superiores cuja orientação politica se não humanisa, por nenhum principio, com a acção do regimen.

Ou essa scisão se liquide por um conflicto declarado, terminante, entre os dois rivaes na chefia do partido regenerador, ou por uma conciliação que os conduza à mais harmonica intelligéncia, é certo que ella apenas representa uma briga entre individduos, provocada por interesses pessoaes. E então dá vontade pergutar ao que vem essa preoccupação do jornalismo por que seja este ou aquélle o fim da contenda.

Repara-se, entretanto, no curso das opiniões, e acha-se talvez a importância de que falamos, para esclarecimentos a fazer.

As conjecturas avultam à volta do facto, e uma das que mais echo tem encontrado, é a de que, irreconciliaveis Hintze e Franco, se deve esperar dêste, com o seu grupo maior ou menor, uma decidida attitude de hostilidade, que muito poderá contribuir para apressar a queda do governo. Dado isto, os progressistas iriam com o *cabrion* do sr. Hintze, uma vez que lhes fazia o jogo, seguros de que o mesmo *cabrion* não será chamado a constituir ministério por estar fóra das *graças de Deus*—ou seja do rei, de quem se diz que teve para um grupo de aulicos este significativo dito irónico: —*Isto vai mal, porque perdi a confiança de João Franco*...

Volvendo attenções, encontra-se que os partidários do sr. Hintze affirmam a sua vantagem:—que acção de João Franco será innoffensiva para o governo, visto como a opposição que lhe façam, progressistas e *francaceos* separadamente, ou em manifestação una, será abafada pela maioria, grande e segura que tem nas duas casas parlamentares.

Eis aqui rapidamente traduzidas as presumpções d'uns e outros. Resta ver, embora com a mesma rapidez, o estado d'ánimos.

Entrando na câmara dos deputados, o sr. João Franco tomou assento longe das cadeiras dos ministros—diz o correspondente do *Primeiro de Janeiro* e repetem outros jornaes—não cumprimentando nenhum. Pediu a alguns deputados que lhe reservassem umas cadeiras próximas da dêlle para uns amigos, e não lhe passou desappercebido que não foram cumprimentá-lo muitos deputados que noutro tempo, mal apparecia, corriam a render-lhe finezas. *E' que estavam os ministros na sala, e tinham medo de se comprometterem,* commenta uma fôlha.

Temos, pois, o cálculo opportunista em plena revelação.

O sr. Hintze está de cima, tem nas mãos o poder, e assim o grupo numeroso de que se dizia o sr. João Franco dispunha, reduz-se para engrossar o do seu antagonista, que tem ás ordens o cofre das graças. É, então, mais uma vez provado que os deputados impostos ás massas eleitoraes pelos governos e pelos influentes partidários não comprehendem as suas missões como representantes dos circulos—admittamos que o sam—senão para servirem à facção que tem mais probabilidades de *fazer mercês*.

Considerem-se esses factos, e veremos que, se de ha muito as sessões parlamentares não interessavam ninguem, já pela certeza de que nellas se jogavam apenas luctas de interesses restrictos, a que vai seguir-se póde interessar-nos muito, a nós propagandistas do futuro, para o nosso imprescindivel trabalho de elucidação.

Que o resentimento entre os dois galos regeneradores é latente, está provado; e assim, ou elle se mantem, e será posto a nu, em descomposturas a propósito de tudo e por interesses partidários e pessoaes, sem nenhumas preoccupações pela discussão serena, digna e consciente, dos assumptos que interessem ao país, aproveitando os progressistas esse tiroteio de bregeirismos vergonhosos, ou a conciliação se dá ao menos para certa quietitude de João Franco, ficando apenas as gentes do sr. José Luciano a esgrimir, no tom que ao seu partido e só a elle convenha.

Dum modo ou doutro deve esperar-se que, por todas as razões, a sessão parlamentar dagora seja a melhor para demonstrar às massas, que só podem comprehender o que muito claramente se lhes exemplifica, o que é e o que vale tudo aquillo. Está nisso a importância que achamos à scisão.

Aproveitar e condimentar o que certamente vai dar-se em tiroteios descompostos, de que ao país só advirão prejuizos, representará um valioso trabalho de elucidação ao povo, para comprehender quanto mal advem da sua submissão aos régulos eleitoraes, e de não estar representado na câmara electiva, ao menos como na última legislatura, o partido republicano.

E' possivel que da demonstração se colha no futuro algum resultado.

Diz se que o ministro da fazenda está trabalhando activamente para poder apresentar o seu relatório e propostas durante a primeira quinzena de fevereiro.

A pecha

O ministério do reino circulou aos governadores civis pedindo-lhes, com certa urgéncia informações sobre as alterações a fazer na lei eleitoral, tanto na parte reguladora, como em relação à divisão das circumscripções.

E' a pecha governamental. Lei de eleições á imagem e semilhança da facção que é poder...

Para o serviço e interesses próprios, está claro, porque apezar de todos os remendos, vê-se como essa lei protege a liberdade do suffrágio: — não ha gatuno eleitoral ao serviço do governo que não fique impune ou não seja permiado; não ha autoridade ou galopim que pratique toda a ordem de attentados em beneficio da lista ministerialmente protegida, que não mereça louvores.

E pois que disso se não passa, ao que vêem as pseudo-reformas?

Gastam-se com essas misérias os *talentos* dos *nossos* estadistas, enquanto que as questões de alto valor, como a dos crédores externos, da crise económica, industrial e agrícola, do crédito nacional, etc., andam à matroca, sugeitas a peleativos ridiculos...

E' que a esses estadistas de opereta faltam todas as condições de intelligéncia e moralidade para tratá-las, restando que o país se resolva a comprehendê-lo a sério, para dar-lhes... de mão.

Chuva de graças

O sr. Luiz do Soveral, nosso representante diplomático em Londres, vai, segundo noticiaram já os jornaes mais bem informados, ser agraciado com o titulo de duque, não se contentando com o marquezado que lhe deram. Affirmam os mesmos jornaes, peritos em questões de etiqueta, que a nova graça com que vám distinguir o sr. Soveral é devida ao facto de s. ex.ª estar próximo a contrair casamento, com uma neta ou cousa que o valha da rainha Victória, *her graciono magesty*.

Não sabemos se os nossos leitores olvidaram já a história funesta deste Soveral, que pelas suas artes de diplomata eximio em imitar Bazaine, se encontra ha tanto tempo collocado em Londres, tratando dos negócios... de Inglaterra. Cremos que não, porque os grandes criminosos nunca se olvidam. Talvez já o esquecessem os indifferentes; não os esquecemos nós, porém, nem perdemos de vista os seus manejos.

Soveral é aquélle sinistro personagem a quem os regeneradores em 1895 commetteram o encargo da nossa representação em Londres, depois de, como ministro, ter desastrosamente baqueado pela sua reconhecida inepcia. E' aquélle funccionário do país, pago pelo país, representando o país que, em logar de o defender, maneja os cordeis da diplomacia no intuito infame de servir a Inglaterra em detrimento de Portugal.

Combateram-no, ha quatro annos, os progressistas com toda a energia, mas tambem com toda a hypocrisia. Do futuro duque chegou o *Correio da Noite* a dizer que, «se o deixassem, vendia as colónias e o continente aos inglêses.» Do actual marquez affirmaram os os orgãos da Granja que elle tinha a envergadura dum traidor e que no desempenho do seu cargo traía effectivamente o país.

Não obstante, êsses progressistas subiram ao poder, foram governo, tiveram o mando na mão, mas Soveral continuou em Londres a affrontar a dignidade nacional, a deshonrar a pátria cujos retalhos africanos elle punha em almoeda no gabinete de S. James. Porque o não escorraçaram do seu cargo? Por isto:—porque quem proteje Soveral, quem se inclina á Inglaterra não sam apenas o governo, é mais alguem:—aquélle que impôs o seu *quero* para que Veiga ficasse na polícia e Soveral em Londres.

Não admira pois que o sr. Soveral seja feito duque. A traição paga-se sempre. O gdverno (?) paga-lhe com uma graça; a rainha Victória remunera os serviços prestados com a mão duma sua neta.

E' lógico, banalmente lógico, como lógica é toda a infámia de um regimen que assim procede e se prepara para entregar Portugal ao estranjeiro com a cumplicidade manifesta de Soveraes e quejandos.

E, apezar de já tudo esperarmos da monarchia e dos seus homens, uma pergunta nos occorre ainda:

Casado com a neta da rainha Victória, poderá o sr. de Soveral continuar a ser nosso ministro em Londres? Tratando se de um homem com os antecedentes daquélle que estâmos biographando, póde-se acceitar a sua representação num país que nos cubiça as colónias, quando a soberana dêsse país o cumula de graças e lhe concede a mão duma neta?

Não julgâmos que a imprudéncia seja tanta. O manto ducal do sr. Soveral deve ir embrulhado na sua demissão.

Fazer o contrário, seria tornar mais lógicos e mais reaes os commentários que sobre o caso se fazem. Soveral é um traidor, não ha dúvida; mas ser traidor com a cumplicidade official do regimen isso é que se não póde admittir, se ainda ha, no governo, um resto de vergonha.

De resto, veremos.

GOMES DOS SANTOS.

Notícia alarmante

Segundo o cortespondente do *Diário de Noticias* em Londres, em Petersburgo diz-se abertamente que entre a Allemanha, a Inglaterra e Portugal, se tem combinado uma cilada à Hollanda, sendo possivel que della resulte uma grande guerra Europeia.

O correspondente citado baseia-se, diz, numa affirmação do jornal russo *Swict*, cuja opinião parece ter um alto valor nos domínios do czar, pela firmeza dos seus informes.

Sam do correspondente êstes periodos:

«Diz, pois, o *Swict*, que Portugal, a instigações da Inglaterra, provocará a Hollanda, e que declarada a guerra, no exército allemão occupará os Países Baixos e o gran-ducado de Luxemburgo, para prevenir qualquer aggressão da parte da França. Terminada a guerra, pela victoria dos portuguêses, as três nações conjuras dividiram o espólio da Hollanda, partilhando entre si as colónias hollandêsas.

E' claro que reproduzo estas informações sob todas as reservas, e simplesmente a título de curiosidade.»

Que a Inglaterra não vê a Hollanda com bons olhos, pelas considerações que dispensou a Krüger, é um facto; e daí, a soberba e intollerante, a par de ambiciosa a mesquinha senhora dos mares, não deixará de sentir desejos de provocar astuciosamente uma retaliação. E' para tudo a Inglaterra, como sam para tudo os *inglêses* que representam, e os que servem as instituições em Portugal. Todavia ao nosso espirito accodem dúvidas sob o fundamento de tal boato. Ainda nos custa a crer que fôsse tam longe o cynismo dos inglêses de *cá*.

A história, porém, ensina-nos a ver que só para servir a sua interesseira ambição a Inglaterra nos *estima*, e assim admittimos a possibilidade de que ella haja feito alguma tentativa naquélle sentido, tendo quaesquer contrariedades obstado ao seu propósito.

Seja como fôr, bom é que se esteja de sobreaviso, para não sermos assaltados por alguma dolorosa surpreza.

As congregações religiosas

Todos aquêlles que quizerem accumular elementos para o estudo da degenerescéncia das nações latinas, não podem desprezar a questão religiosa.

No nosso país, o clero tem exercido tal influência que foi elle que deu a êste povo um carácter týpico; o nosso povo não é o vulgarmente chamado *não te rales*, nem o *toujeurs gais* que os francêses nos inventaram, nem é tam artista como alguns espíritos generosos querem fazê-lo.

O povo português é essencialmente supersticioso.

Vivendo sempre com o padre, no confessionário e na família, nascendo com elle e morrendo com elle, tornou-se um automato, que pensa pelo cérebro do padre, que faz o bem por igoísmo com mira em uma recompensa futura e não simplesmente, porque é bem.

Urge dar-lhe outra orientação e esta obrigação cumpre principalmente aos governantes, mas, infelizmente, estamos vendo a cada passo o contrário.

Como é sabido, a Sociedade de Geographia prepara um congresso colonial; pois á última hora consta que esse congresso tem o fim especial de promover o restabelecimento das ordens religiosas. Procuram conseguir que a maioria do congresso seja composto de reaccionários e, sendo um dos pontos a discutir o das ordens religiosas, está conseguido o fim.

Depois, lá está o parlamento para fazer o resto.

Aí está o facto em toda a sua flagrante repugnáncia, e só pedimos áquelles que prezam a paz do seu lar, a honra da sua família e a dignidade nacional, que o confrontem com o que se está passando em França.

O ministério francês vai muito brevemente apresentar ao parlamento um projecto de lei contra as congregações religiosas. Para êsse fim, já o ministro das finanças distribuiu pelos deputados a estatística dos bens immobiliários dessas congregações. Segundo os jornaes francêses, o valor total daquelles immóveis attinge a pequena somma de mil e cem milhões de francos!

Arrependimento de furto

Do commissariado de policia foi remettido ao poder judicial o official de pintor Felicíssimo José da Silva, que ha tempo trabalhava nesta cidade e que ultimamente, tendo recebido do sr. Silva Moutinho 20$000 réis pera remetter para Lisbôa, preferiu tirar bilhete para aquella cidade, e seguir até lá, gastando os 20$000 réis.

Reparou, ao fim, na ruindade do seu acto, e, arrependido, apresentou-se alli á policia, confessando-o e dando-se á prisão. Enviado para aqui, vai responder em juiso.

E pois que o arrependimento o demoveu a procurar o castigo da leviandade, provando que o roubo lhe não é sympáthico, que essa circunstância, ao menos, lhe sirva de valiosa attenuante á penalidade em que incorreu pelo abuso de confiança.

Fallecimento

Os jornaes de Lisbôa trazem-nos a triste noticia de ter succumbido naquella cidade, aos estragos duma terrivel doënça que todos os dedicados exforços não poderam debelar, a sr.ª D. Maria Augusta da Cruz Carneiro, que foi uma distincta cantora lýrica, e que ultimamente abandonára o theatro para casar com o abastado capitalista de Lisbôa, sr. Manuel da Costa Carneiro, tendo as escripturas do casamento sido lavradas nesta cidade.

Alma nobre e caracter a todos os principios merecedor da mais alta consideração, a saudosa extincta tinha uma corôa de glória bem mais valiosa e apreciavel que a resultante dos triumphos que, pelo talento, alcançou durante a sua bella carreira artistica: — é a dedicação e desvellado interesse que sempre manteve por suas irmãs, senhoras que têem residido em Coimbra, cercadas de merecidissimas considerações de respeito.

A ellas, a seu irmão o sr. tenente José Correia da Cruz, e ao inconsolavel marido, enviamos a expressão do nosso profundo sentimento, pela desgraça que os feriu.

Esperemos

Vám partir novas fôrças para Lourenço Marques. A noticia era conhecida desde ha dias, tendo surgido negativas. Afinal confirma-se, sómente com esta grotesca divergéncia.

Não é uma expedição, é uma remessa de reforço ás tropas europeias que lá estacionam.

Como queiram, que não faz ao caso a denominação.

Mas ao que se destinam essas novas fôrças? Sam diversas as explicacões. A official dá que se tracta de coadjuvar as que fôram ha tempo, abatidas pela violéncia do serviço na fronteira, tendo já de ser repatriadas muitas praças.

Só isso? Mas o governo hesitou em satisfazer á requisição do governador, e só depois da troca de explicações se decidiu! O que ha? Esperemos para ver. Entretanto consideremos êste esclarecimento do *Popular*, fôlha de Mariano de Carvalho que anda tam próximo do governo:

> «Consta que no conselho de ministros de ontem foi rezolvido enviar nova expedição para Lourenço Marques, a fim de reforçar a fôrça europeia que alli está. **E' a consequéncia natural do novo aspecto que tem tomado a guerra anglo-boër.**

Acaso terám as nossas fôrças que ir fazer auxílio á nossa poderosa amiga, que no actual momento se está vendo em sérios apertos na Africa do Sul? Sabe-se lá!... Mas aquella phrase de Marianno: *E' a consequéncia natural do novo aspecto*... Depois, ha pouco firmou-se a alliança, e nem os inglêses sam *pobres* em fazer-nos exigéncias, nem *nós* relutantes em satisfazer-lh'as.

Prematuros todos os vaticínios? E' possivel, e então:

Esperemos para ver.

Recenseamento eleitoral

Terminou o praso para a entrega de requerimentos solicitando a inclusão nos cadernos do recenseamento eleitoral, indo começar no proximo dia 16 os trabalhos da respectiva commissão, que é composta dos srs. presidente da cámara e conservador da comarca, e nomeado pelo sr. juiz de direito o sr. dr. Souza Gomêz, que tem como substituto o sr. dr. António de Pádua.

Consorcia-se, no dia 16 do corrente, o nosso amigo, sr. Manuel Ferreira Matheus, conceituado commerciante desta cidade, com a ex.ma sr.ª D. Thereza de Jesus Machado, gentil filha do sr. António dos Santos Machado, da Abrunheira.

Desejâmos aos noivos a mais longa felicidade.

A obra dum propagandista

Perpassa no abysmo insondavel dos tempos um anno que desappareceu o grande jornalista que em vida se chamou Alves Correia, o propagandista eloquentíssimo e acérrimo dos mais avançados principios republicanos, e o luctador intemerato e convicto do grande crédo democrático, ao qual dedicou todos os seus exforços de patriota consummado e de politico convicto no ideal sacrosanto da nossa redempção, que elle antevira com o seu génio prophético.

O partido republicano deve lhe relevantes serviços que não póde, nem deve esquecer. Foi elle um dos seus jornalistas mais consagrados pelo favor popular que jámais faltára ao grandioso e sagaz luctador; favor êste que elle constantemente legitimou com o patriotismo próprio de carácteres d'élite... dos verdadeiros paladinos do bom nome duma nacionalidade.

Duma forte structura rochefortiana, alliada á sagacidade puramente nativa dum Armando Carrel, Alves Correia applicou ao regimen monárchico em Portugal *un le grand coup*, como diria Saint-Beuve no *Avenir Nationnal* a propósito do vehemente e altivo pamphletário francês que sacrificou a sua vida de pensador illustre ás suas ideias democráticas, creando em França a sagrada milícia da Revolução de 1848.

E apezar da corrupção natural em que afinal descambou êste regimen putrefacto—verdadeiro perigo da salubridade moral e intellectual do povo português, e séria ameaça para a independéncia pátria — não estám de todo perdidas as esperanças dos patriotas na redempção nacional, nem se mirraram ao sôpro devastador do despotismo governamental os alentos admiráveis de salutar energia da alma portuguêsa.

E' assim que vimos a grandiosa obra do nosso saüdoso mestre e querido amigo universalmente consagrado pela opinião pública do país. E' assim que a esperança que inspira o partido republicano, saindo como feérico clarão de refulgentíssima constellação de astros, do tumulo do incansavel propagandista, á semelhança do que succedia com os sarcophagos dos martyres do christianismo, no tempo em que os déspotas desvairados da Roma pagã commettiam o sacrilégio de perseguirem com o sequestro e a morte os sectários de Christo, reflecte se na alma de todos os patriotas, impellindo o Directório no luminoso caminho das reivindicações democráticas e populares como o cumprimento duma superior missão histórica.

E o impulso dos corpos directivos do partido encontra echo na opinião pública, porquanto essa opinião encontra-se admiravelmente disposta para iniciar uma nova senda na história partidária dêste punhado de homens firmemente decididos a sustentarem a homérica tradicção do nome português, e a morrerem com as armas na mão, á frente das barricadas—em plena praça pública—pelos sacrosantos e nobres ideiaes inspirados nesta mesma tradição.

Alvitram miseráveis detenctores das prerogativas burocráticas dêste systema gasto pelos próprios desvarios dos que juraram lealmente convertê-lo numa suave fórma governativa de transição do caduco despotismo para a triumphante Democracia d'ámanhã, que ao partido republicano convinha mais arrear o seu estandarte de reivindicações democráticas e recolher-se, contricto e arrependido, a uma prudente reserva.

Para a justificação desta affrontosa affirmação, allegam os reptilianos jornalistas da realêza que ao partido republicano falta por completo uma base d'operações, pois não tem representantes no parlamento, nem nas cámaras municipaes, nem juntas de paróchia, e, porque — perdido o Porto — está com elle perdida a esperança do advento da República no Portugal convictamente monárchico e ultra-clerical.

A resposta está naturalmente encerrada na violéncia das últimas eleições legislativas e na repressão dos direitos cívicos dos cidadãos; o que praticamente demonstra a enorme vitalidade da Democracia Portuguêsa.

Prestâmos primeiro homenagem á memória dum dos nossos mais prestimosos e esclarecidos propagandistas, e, um momento com a fronte reclinada sobre o seu túmulo, retemperâmo-nos nêste logar sagrado para a lucta imminente entre as prerogativas da realêza e a soberania Nacional — consagrando a sua obra.

FAZENDA JUNIOR.

Distincção

O Atheneu Commercial de Coimbra, em assembleia geral de domingo último, deu as honras de seu sócio benemérito, por unanimidade, ao nosso presado amigo sr. Cassiano Martins Ribeiro, pelos serviços relevantes que tem prestado a esta associação.

Este facto, honrando o nosso amigo, sobretudo pela unánime approvação da assembleia, honra tambem a digna sociedade do Atheneu Commercial de Coimbra.

Procedimento sympáthico

A favor dos boers

O partido republicano federal de Espanha vai enviar ao parlamento a seguinte mensagem:

«*A's córtes*

O partido republicano federal de Madrid tem a honra de dirigir-se ás córtes expondo lhes com o devido respeito que:

Tendo o fim do século XIX sido honrado pelo heroísmo das repúblicas sul africanas, repúblicas gloriosas que enaltecem a humanidade e sam um vivo protesto contra a politica absorvente dos impérios poderosos;

Tendo em consideração que o século XX nasceria deshonrado sem o viril protesto do Orange e do Transwaal contra os abusos da fôrça e a cobardia das nações;

E considerando que, deante do desrespeito pelas leis internacionaes e pelo direito dos povos, se encontram ameaçadas todas as nações, e a nossa mais do que nenhuma, em perigo;

Os signatários supplicam ás córtes da nação espanhóla que dêem a immediata adhesão da Espanha ao primeiro pedido de arbitragem que a Hollanda ou outra nação fomente; e que, se outra o não fizer, o proponha ás demais, tomando assim uma honrosa iniciativa.

Uma arbitragem é a melhor solução da actual guerra, não só para as Repúblicas como para a própria Inglaterra.»

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorréncia de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

DA AMNISTIA

Fizemos já referéncia a essa paneceia, que a imprensa ministerial tanto tem encarecido do perdão fim de século, a amnistia retalhada com que o governo houve por bem chamar as attenções sobre o poder moderador.

De proveito especial, ou de intenção especialissima para criminosos de cotação no mercado das consciéncias, essa amnistia teve de abranger, para colorir, uma certa ordem de condemnados políticos, cujos delictos se cifram num generoso exforço, numa admiravel dedicação pela salvação desta pátria tam querida, que os negreiros do regimen envilecem e amesquinham; teve de abranger, igualmente para colorir, delinquentes vulgares; mas foi dada a meias doses, por exemplo para praças da armada sob a accusação de simples casos de indisciplina, e não attingiu as desgraçadas victimas injustificadas da odiosíssima lei de 13 de fevereiro, obra medonhamente deshumana dum governo presidido por Hintze, e de inspiração dessa figura de aventureiro politico que se chama João Franco.

A amnistia foi isso, e então não podia merecer as sympathias dos espiritos verdadeiramente liberaes, para quem repugna a parcialidade no perdão. Que, para muitissimos dos amnistiados e dos que deviam se-lo, não se fez nem faria benignidade, mas apenas a inutilisação de descaroáveis e torpes vinganças do regimen.

E' do poder moderador, do rei, essa faculdade de cleméncia. Da tida agora tambem faz apreciação o *Correio da Noite*, fôlha retintamente palaciana. E embora os seus dizeres traduzam, não sentimentos de humanidade, mas resentimentos de pífio partidarismo, convém archiva-los aqui, para mais uma vez se registar como êsse jornal, directamente inspirado por José Luciano, o chefe do partido progressista, dêsse outro partido que serve o throno, considera o *manto real*.

Diz assim o *Correio*:

> «**Aproveitando um fim de anno e um fim de século, o sr. Hintze Ribeiro, velhacamente, cynicamente, fez do manto régio a capa protectora dos crimes eleitoraes dos seus representantes e mandatários,—de toda essa corja que enxovalhou e viciou o acto eleitoral, com um descaramento de que até agora não havia exemplo!**»

A' parte a verdade que o desabafo encerra, verdade que não faz desapparecer a história progressista em idénticos crimes eleitoraes e doutra natureza, nos quaes sam prodigos os dois bandos que se revezam no poder, não deve deixar de reparar-se na paixão que envolve a baforada.

Depois, José Luciano, o inspirador do *Correio*, tem estado, e demoradamente, no governo, depois que foi posto em execução o tal parto horrendo da citada lei de 13 de fevereiro, e nem quanto aos desgraçados envolvidos nella, nem quanto a outras violéncias de condemnação, se ha mostrado mais benigno e humano.

Quer dizer: Hintze, Franco, Luciano, e toda essa caterva de maduros que gravitam á volta do paço, valem o mesmo a todos os respeitos.

A cámara municipal do concelho da Carapinheira da Serra, foi autorizada a pôr a concurso o logar de seu secretário, com o ordenado annual de 180$000 réis.

LITTERATURA E ARTE

Para que ella se entristeça

XIV

Esp'rança do meu ser, contentamento
Na mágua desta vida descontente,
Luz dêstes olhos, cegos de repente
De olharem a tam vário soffrimento.

Saüdade dum bem querer que a meu contento,
Pudesse os dois unir eternamente,
Quem ama, chora, vive e soffre e sente
Não póde de vós ir-se um só momento.

Senhora, a alma triste dum poëta,
Que põe no vosso ser toda a ventura,
Humildemente aquí vos vem fallar:

Sôe toda a paixão ser inquieta,
Em todo o amôr seu travo d'amargura,
E alguem põe toda a glória em vos amar!

XV

'Star sob o mesmo céu sem poder ver-vos
E vir-me toda a luz do vosso olhar,
Olhá-la tanto a ponto de cegar,
Que nem sei encontrar-vos mas perder-vos,

E doirar-vos o sol e escónder-vos,
Viver por vós, morrer por vos amar,
Suffocar êste amôr, envergonhar
Esta dôr, êste mal, o mal de querer-vos,

E ser tam infeliz, tam sem ventura,
Como os cardos dos montes, sequiosos
Como a cegueira em quem viu a luz pura,

Nem sei se isto é amar. Se o não consente
A negrura d'uns olhos saüdosos,
Morrer é ser feliz eternamente.

(Do *Livro d'Alma.*) A. Pedrozo Roiz.

Movimento hospitalar

Segundo uma estatística superiormente pedida ao governo civil, e ante-ontem remettida para Lisbôa, durante o anno de 1899 foi de 2:942, o movimento de doëntes em todos os hospitaes dêste districto, que sam em número de 11 assim distribuidos:—1 no concelho de Arganil, 1 de Cantanhede, 2 de Coímbra, 1 da Figueira da Foz, 1 da Louzã, 2 de Montemor-o-Velho, 1 de Oliveira do Hospital, 1 de Penella e 1 de Soure.

Associação Commercial

A direcção dêste sympáthico e prestante grémio continúa a velar com dedicado interesse por que a questão do alargamento da estação nova do caminho de ferro, seja resolvida em harmonia com as reclamações repetidamente feitas.

Noticiámos já ter ella officiado ao illustre engenheiro sr. Vasconcélloz Porto, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o projecto dessa obra, e informámos da resposta daquêlle considerado funccionário, indicando que isso era assumpto para decidir no futuro: certamente por a estação ir ficar commum ao serviço das duas companhias — Real e Mondego.

Esta resposta foi communicada em sessão da direcção havida no domingo, sendo tomadas as resoluções — de officiar de novo ao sr. Vasconcélloz Porto, agradecendo-lhe a fineza das suas informações e solicitando lhe a de communicar, opportunamente, qualquer resolução que sobre o assumpto seja tomado; e de officiar à companhia Real pedindo lhe a sua intelligéncia com a do Mondego, a fim de que a estação venha a ficar em condicções de corresponder à importância da terra, e de satisfazer ás exigéncias do movimento que resultará do serviço das duas companhias.

Theatro-circo

Estám affixados, desde ha dias, os cartazes para os quatro espectáculos que nos dias 11, 12, 13 e 14 vamos ter no circo pela companhia *Rozas e Brazão*, do theatro D. Amélia de Lisbôa, e para os quaes a assignatura era já bastante grande antes de a academia ter regressado de férias, parecendo que vai ser completamente coberta, resultando aos que se guardem para a última hora arriscarem-se a não conseguirem logar.

As peças a representar sam respectivamente — *Zázá, Guerra em tempo de paz, O bibliothecário* e *Kean*. Duas dellas sam já nossas conhecidas, e de ha pouco a primeira em que Angela Pinto tem um soberbo trabalho, e a quarta *Kean*, que é uma das glórias de Brazão.

Da *Guerra em tempo de paz* temos ouvido que é uma peça magnifica, cheia de situações impolgantes tendo merecido as referéncias mais gratas à imprensa de Lisbôa. De fama idéntica vem precedida a outra, *O bibliothecário*, tendo numa e noutra João e Augusto Rozas trabalhos magistraes.

Grupo Musical José Mauricio

Fez-se no domingo a eleição dos corpos gerentes, para o anno que decorre, dêste sympáthico grémio, sustentado desafogadamente por um grupo de dedicados rapazes que sabem utilisar com proveito os seus ocios.

Tendo se conduzido de fórma a conquistar o applauso público, êsse grémio está merecendo justamente o appoio e protecção de distinctos cavalheiros, e tudo leva a crer que progrida e mais se acredite dia a dia.

A eleição recaiu nos srs:

DIRECÇÃO

Joaquim Ribeiro da Silva, *presidente;* Jacintho da Silva Neves, *vice-presidente;* António Rodrigues da Silva, *1.º secretário;* António Maria Correia, *2.º dito;* Adriano Marques da Silva, *thesoureiro;* Abel dos Santos e Adelino Alves, *supplentes.*

CONSELHO FISCAL

António Izidoro Rodrigues, Joaquim Rasteiro Fontes, António Pedrosa.

Erro de informação

O *Primeiro de Janeiro* de ante ontem publicou uma informação do seu correspondente telegráphico em Lisbôa, dizendo que a câmara daqui representára ao governo *contra* a obra do levantamento do rocio de Santa Clara.

Exactamente o contrário: representou a *favor*, pedindo até que o governo subsidie essa obra, que pague à mesma câmara um débito antigo, e que a autorise a gastar uma parte dêlle no referido levantamento.

Brinde

Pelo acreditado negociante desta praça, sr. Manuel Carvalho, com estabelecimento no largo da Portagem, 25, foi-nos offerecido um delicado calendário de F. Delport, Guimarães e C.ª, do Porto, proprietários da fábrica de corôas e flôres artificiaes de que é agente nesta cidade o sr. Carvalho.

Agradecendo o offerecimento, aproveitamos a opportunidade para chamar a attenção do público para o estabelecimento do sr. Manuel Carvalho, digno de ser visitado, não só pelo sortido especial de fazendas que lhe sam próprias, mas ainda pela qualidade das máchinas de costúra e pianos de differentes auctores, que vende, bem como pelos melhoramentos que introdusiu na sua secção de relojoaria, montada com todos os cuidados e aperfeiçoamentos proprios desta delicada arte.

EDITAL

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coímbra

Faço saber que por deliberação da mêsa da mesma Santa Casa, se acha aberto concurso por espaço de trinta dias para o provimento de alguns logares vagos de orphãos e orphãs dos seus collégios.—Os representantes dos concorrentes a êsses logares apresentarám na secretaria seus requerimentos dentro do referido praso munidos dos attestados exigidos pelo art.º 277 do regulamento, a saber: certidão d'edade, de óbito de pae, attestado de pobreza passado pelo parocho, e attestado sobre o seu estado de saüde passado por um dos facultativos da Santa Casa.

Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Coímbra, 8 de janeiro de 1901.

O Provedor,

Guilherme Alves Moreira.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coímbra.

Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

UNDÉCIMO QUADRO

LUCTAR DEBALDE

Os lábios tomavam a côr da violeta, dilatavam-se com sangue máo, as palavras saíam ás bufadas no meio de siléncios.

Por fim calou-se cançado de ter fallado tanto.

Mas, na sua cabeça em fogo, dançavam outros pensamentos, passavam ainda bandos doidos.

Tornava a ver aquella sociedade brilhante e escolhida no meio da qual se tinha encontrado subitamente collocado; depois as terras immensas de Sermizelles, toda a collina e todo o valle, e em ambas as partes o nome da mulher tanto amada. Confessava então ingenuamente: «Eu era uma força; o que seria eu com tanto appoio?» Um creado abriu a porta e entraram os dois médicos: Hochat entrou primeiro com um consolador «Então que temos nós esta noite?»

Seguia-o um dos alumnos, tam semelhante ao mestre, que parecia uma reproducção remoçada. Era o mesmo perfil napoleónico, o mesmo corte genial dos cabellos, a mesma sobrecasaca severa e até a mesma gravata preta: só a golla um pouco menos alta no discípulo testemunhava a superioridade do mestre.

Hochat, alumeado pelo companheiro, estudou com o sphygmographo o pulso do doënte: obtinha assim todos os dias diagrammas que comparava em seguida.

Depois de fazer êste exame, abanou a cabeça:

— Ora! Um pouco de febre: se à noite estiver assim faz se uma picadasita.

Cumprimentou gravemente Helena, sem parecer ver seus olhos supplicantes. Quando chegaram à escada:

— Pobre diabo, disse Hochat. E' uma questão d'horas. Pode ficar envenenado dum momento para o outro.

— O que nós somos, observou o discípulo.

— Pobre mulher sobretudo!

— Oh! Essa é nova. A propósito, a operação não deu resultado?

— Era necessário tirar tudo. Vi isso logo depois da primeira incisão, não tinha mais a fazer do que tornar a cozer. Foi o que fiz.

— E nêsses casos, perguntou o discípulo, o que diz o senhor à familia?

— Respeitamos todas as suas illusões.

Estavam à porta. Fizeram algumas provas de consideração um ao outro sem deixar adivinhar a intensão cómica das phrases.

No quarto, Jean encontrava ainda forças para fallar deixando transbordar a sua dôr em gritos de injustiça e de amargura.

Helena esforça se para o socegar:

— Meu querido, não me falles assim. Estou aquí. Nunca mais te deixarei. Peço te eu. Socega.

Passou a sua mão pela testa a arder do marido, pelas suas faces magras.

— Sim, é bom, as tuas mãos aínda...

Ella beijou-o, numa caricia leve.

Então fechou os olhos murmurando:

— Estou bem.

Depois, com uma voz de creança muito doce, muito egual, disse:

— Quando me acaricias, fico curado. Se me beijares muitas vezes, não tardo a levantar-me. Verás que bellas viagens nós havemos de fazer. Oh! Nunca desceremos à terra, veremos as cidades de perto; sam mais bonitas assim; porque se não sentem, entradas, porque se não vêem os pequenos detalhes. Hasde ter um lindo quarto no *yacht:* branco e doirado. E a mamã tambem: pobre mamã! Havemos de levá-la comnosco. Fui tam máo para ella.

Helena levantou-se aterrada. Jean delirava tam tranquillamente, que só deu por isso ao fallar lhe em levar a mãe.

Teve medo, quis despertá-lo. Então Jean disse simplesmente.

— Estou a cançar-te, vou me callar.

Ella envolveu-o em caricias; porque era o único modo de o ver socegar. Com o seu amôr admiravel vencia todas as repugnáncias da carne, recompensada antecipadamente pelo ar de entorpecimento delicioso de Jean. De tempo a tempo tinha apenas palavras curtas de bem-estar. Iam-se tornando cada vez mais raras, cada vez mais fracas.

Depois exhalou um suspiro triste como uma queixa, e a mulher que o tinha estreitamente abraçado, sentiu aquêlle sopro sobre os lábios.

Foi tudo: o último suspiro de Jean, tudo o que lhe restava de vida tinha passado para ella naquêlle beijo.

DUODÉCIMO QUADRO

AS DERROTAS

Quando a multidão saiu da pequena igreja d'Antemil ficou offuscada pelo sol: um sol de junho, implacavel, que cortava vigorosamente os fatos de lucto sobre o muro luminoso à força de ser branco.

Naquêlle momento safou-se muita gente. Houve pequeninos luctos de consciéncia. Formaram-se grupos, que paravam propositadamente. Blondel ouviu:

— Vai ao cemitério?

— Ah! Não, obrigado. Estou com fome.

Tal qual como no lunch, havia seis mêses!

Felizmente era curta a distáncia da igreja ao cemitério de Passy. Esta consideração metteu muita gente no bom caminho.

Aos saltos, sacudindo as flôres da corôa sobre a rua, abalou o carro. Seguiu o todo o cortejo. Um pouco de tristeza verdadeira ensombrava os rostos; enquanto que a morte dum indifferente nos limites ordinários da existéncia só fere os do seu tempo—e mesmo nêste caso, choram por si mesmos — o fim prematuro produz uma impressão geral; como normal, perturba o socego com que cada um quereria poder dormir, a confiança que cada um quizera ter nas leis naturaes.

A andar, conversavam em voz baixa das circunstáncias que tinham acompanhado aquella morte imprevista:

— A mulher não veio?

— Parece que está num estado completo de prostração.

— Morreu lhe nos braços. Estava sósinha, e bem longe de esperar tal coisa.

— E' horrivel.

— Onde apanhou elle isso?

— Em Saos, parece.

— Pobre rapaz! Uma mulher bonita, intelligente, rica.

— Era bom de mais.

Pouco a pouco, porém, elevou-se o diapasão das conversas. As andorinhas estiravam o céo, quási invisiveis, antes adivinhadas pelos seus gritos alegres, embriagadas pela luz e pelo espaço.

Continúa.

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA„

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.
Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.
Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIIIIOS

Vinho de Torres Vedras a	70	réis o litro
» » » » a	80	» »
» verde de Basto a	90	» »
» branco de Torres Novas a	90	» »
» » de Mangualde a	90	» »
Vinagre a	80	» »
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	» »
» (2.ª qualidade) a	110	» »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	» »
» » » (2.ª qualidade) a	200	» »
» » » (3.ª qualidade) a	180	» »
» » figo a	120	» »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 0|0 no consumo do gaz

Escriptório e officinas
Rua Garrett, 48, 1.º, Lisbôa

BICO AUER

Armazem de vendas e exposição
50, Rua Garrett, 52,—Lisbôa

Bicos n.º 1 a 4$000 réis **que custavam 6$000 réis**
Bicos n.º 2 a 4$500 réis **que custavam 6$000 réis**
Bicos n.º 3 a 500 réis **que custavam 700 réis**

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeeiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coímbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

Á GRANDE ALFAIATERIA

LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46

COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinário e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanellas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobrecasaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos pódem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Córte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer
vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para água e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 0|0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo	2$500 réis
Bicos n.º 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo	4$000 réis
Bicos n.º 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo	4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo	500 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*		

Cautella com os imitadores

Limpêsa gratuita aos nossos clientes

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173—COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

EDITÁL

A cámara municipal de Coimbra faz saber que, por diliberação tomada em sua sessão de 3 do corrente mês, continúa a celebrar as suas sessões ordinárias, durante o corrente anno civil, ás 5.as feiras de cada semana, pela uma hora da tarde.

Coimbra paços do conselho, 3 de janeiro de 1901.

O vice presidente
António Francisco do Valle

ANNUNCIO

Commarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da commarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quarto officio, que êste assigna, correm editos de sessenta dias, a contar da data da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo,* citando os recrutas ausentes e desconhecidos abaixo indicados, para em oito dias, findo que sejam os dos editos, apresentarem causa justificativa da sua falta á inspecção, em conformidade com o § primeiro do artigo 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896, sob pena de serem julgados, como refractarios.

Mancebos recenseados pela freguesia do Botão.

Antonio, filho de Antonio da Costa e de Elisa da Conceição.

Joaquim, filho de Abilio Galhardo e de Maria Augusta de Mello, natural do Paço.

Mancebo recenseado pela freguesia de Antanhol:

Manoel, filho de Joaquim Soares d'Almeida e de Carlota Engracia, trabalhador da Cegonheira.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão,
Arthur de Freitas Campos.

ANNÚNCIO

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do quarto officio que êste assigna, correm éditos de sessenta dias a contar da data da segunda publicação do respectivo annúncio no *Diário do Governo,* citando os recrutas ausentes e desconhecidos abaixo indicados para no praso de oito dias, findo que sejam os dos éditos, apresentem causa justificada da sua falta á inspecção em conformidade do paragrafo primeiro do artigo cento e quatro do Regulamento de seis d'agosto de mil oitocentos e noventa e seis, sob pena de serem julgados refractários.

Mancebos recensiados pela freguesia de S. Bartholomeu—Samuel, filho de Maria do Ceo, solteira, natural de Coimbra—Sebastião, filho de António Fernandes e de Maria Theresa da Silva, natural de Coimbra.

Mancebos recensiados pela freguesia de São Martinho do Bispo:—José, filho de Manuel Vás Moreira e de Barbara Catharina, natural de Falla—José, filho de Pedro da Cruz e de Maria do Rosário, natural da Bemcanta: Joaquim, filho de José Mano e de Maria José Correia, natural de Pé de Cão—José, filho de Ignes Ferreira, natural das Casas Novas—António, filho de Joaquim Carvalho e de Maria José Mendes Gausa, natural de São Martinho do Bispo—Adriano, filho de Mannuel da Barroca e de Fortunata Coelha, natural de Coalhadas.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio.
Arthur de Freitas Campos.

N.º 613 COIMBRA — Domingo, 13 de janeiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha — Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Numero avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 8 — Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral — Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

JOSÉ FALCÃO

Num dia d'inverno, quando a terra ia morrer, morreu elle tambem.

E nós fomos todos enterrá-lo num cemitério pequenino d'aldeia, no alto dum monte, para ter sempre a primeira caricia do sol, para sentir sempre o beijo do vento puro do campo perfumado do cheiro bom das flôres simples da serra, para ouvir sempre, longe da cidade, a voz ingenua do povo que elle amava tanto.

Encheram-se os atalhos húmidos e frios do campo dos seus discipulos, apinhados á volta do caixão, como andaramos sempre em vida junto dêlle, os ouvidos prezos dos seus lábios, os olhos fitos nêlle á espera de que caisse sobre nós a caricia do seu olhar.

E os rostos eram tristes, como as flôres que cobriam de um sorriso novo o corpo da terra a agonisar.

Era tudo gente moça, e parecia o enterro duma creança o enterro daquêlle homem bom que vivera em Portugal uma grande vida toda cheia de um grande amôr pela sua terra e pela sua gente; e era como o enterro dum rapaz, o enterro daquêlle homem que tivera sempre o respeito e a admiração dos que haviam envelhecido a estudar.

Levámo-lo para alli, para onde tamos tantas vezes a fugir á cidade, na saudade dos campos distantes em que nos haviamos creado.

E encheu-se aquella paisagem do encanto duma saüdade nova.

Alli perto, havia um pinheiro alto que era nosso amigo desde que o viramos.

Levantava-se muito direito do fundo do valle, e, longe da terra, estendia, os braços para o sol, num abraço de creança.

Os montes distantes pareciam cingir-se á terra para o deixarem ver melhor o ceu azul.

Um dia caiu, mas o ar ficou vazio e nada veio occupar o logar daquella imagem querida.

Quando vamos ver a terra em que descança José Falcão, parece que se enche outra vez o ar da sua imagem e não sentimos o vazio que nos deixou no coração.

Depois da visita á sua sepultura, vem a gente com vontade de luctar, e sente-se necessidade de gritar, como quando elle nos fallava em vida e se fazia simples para nós o entendermos, e nos mostrava descoberto o coração para nós o amarmos.

A vista dos mortos que amamos dá-nos força para um amôr maior.

Anda em histórias, que em tempos, um grande da terra teve de olhar de frente para o reconhecer, o cadáver da mulher que amava.

E não se admirou o duque de Candia ao deixar cair o olhar para a mulher que em vida fôra a domna do seu peito da pallidez da face.

Fora sempre assim. Era pouco o sangue todo para encher aquêlle coração amante.

E não fugiu o duque ao ver lhe o olhar encovado e fundo; que bem sabia elle que devia ser muito funda a fonte daquêlle amôr que ás vezes num olhar descia a alagar-lhe o coração.

Aquêlle homem que nunca sorrira, nunca mais deixou mulher sem um olhar doce, e teve para todas as creanças caricias amorosas de pae.

E dizem que morreu santo.

Do túmulo dos que amámos, vimos com um amôr maior.

Cançado de batalhar, Júlio Cesar mandou abrir a sepultura de Alexandre, e, ao ver o seu rosto severo e socegado, tirou lentamente a corôa de louros que sempre lhe cingia a testa, e po-la humilde aos pés seccos daquêlle corpo mirrado.

E o seu peito forte, num impulso novo, levantou mais alto a armadura de ferro, ao ver aquêlle homem que tanto batalhara, o rosto socegado, a mão curva sobre a espada numa caricia d'amôr que nem a morte apagára.

E' o culto dos heroes que nos dá a coragem para luctar.

Hoje, á beira da sepultura de José Falcão, ouvi outra vez a sua voz amoravel lembrar-me que, num cemitério distante, repousam heroes que morreram pela terra que amavam, no mesmo mês d'inverno, em que elle morreu, quando a terra ia a morrer tambem.

T. C.

Assevera-se que o sr. conde de Paçô Vieira, vai como governador civil receber os monarchas por occasião da sua visita ao archipelago.

Não ha lá quem faça isso?

Dr. António José d'Almeida

A commissão eleitoral republicana de Coimbra recebeu do nosso prestigioso amigo dr. António José d'Almeida, com quem está sempre o nosso espirito de combatentes, a carta que abaixo publicâmos.

E aproveitâmos esta occasião para mais uma vez significarmos ao integro republicano, sempre immaculado e brilhante, de quem o pais tanto tem a esperar, quanto nos ennobrece a sua camaradagem politica, tam fecunda de lições e exemplos.

A' commissão eleitoral republicana de Coimbra

Meus illustres correligionários:

O último paquete trouxe-me a inesperada noticia de que os republicanos de Coimbra tinham votado no meu nome, nas eleições passadas.

O facto, destituido de valor pelo lado positivo, da politica, porque a minha candidatura ia mais poderia triumphar, encerra para mim uma significação de caracter moral, que extremamente me penhora.

Ao meu nome faltam qualidades para poder ser apresentado, em pugnas desta ordem, como bandeira ou como symbolo; mas o facto deu-se, e isso apenas prova uma coisa, que é singularmente consoladora para o meu espirito, — que a harmonia nos nossos esforços continúa a ser absoluta e a correspondencia dos nossos affectos continúa a ser completa.

Ainda bem. Com o partido republicano português tenho as relações solidas e vivas que ligam o soldado ao exército a que pertencem; mas com os republicanos de Coimbra tenho as relações intimas, affectuosas, quási ternas, que costumam ligar todo o guerreiro aos seus proximos companheiros de armas e prendem todo o homem á familia espiritual em cujo convivio o seu caracter se fortaleceu. Por isso mesmo me foi altamente captivante a lembrança dos republicanos de Coimbra, dessa bem amada e risonha Coimbra que tanto falla ao meu coração, — pelo prestigio da sua historia, pelo perfume innarravel das suas lendas, pelo ideal e chimerica emoção que desperta em todos os que nella fizeram romanticamente as primeiras armas da mocidade.

Essas dúzias de votos que Coimbra me deu, expontaneos, sinceros, extremes, sem accordo com facções ou partidos, sam a confirmação de uma velha camaradagem que o tempo não romperá, e caucionam de uma maneira mais forte ainda, se é possivel, os meus futuros esforços de combatente e revolucionario.

Meus illustres correlegionarios: pedindo lhes a fineza de transmittir os meus agradecimentos aos nossos camaradas, tenho a honra de assignar-me, com a maior consideração

De v. ex.as correlegionário e amigo.

S. Thomé, 22 de dezembro de 1900.

ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA.

O parlamento

Nêste tempo de inverno, pezado e nostálgico, quando a luz cançada do sol faz parar a imaginação, o nosso espirito vagueia desordenadamente por mil coisas fúteis procurando um facto que nos communique calôr e enthusiasmo.

Foi nêste estado que ha dias nos surgiu abruptamente o parlamento, e a nossa ingenuidade levou nos a lêr o extracto de uma sessão, julgando talvez encontrar alli calôr bastante para dar dois pontapes ao frio que o novo século nos trouxe.

Mas, por Deus, santa illusão! aquillo não é um parlamento. E' uma praça de regateiras.

Alpoim descompõe Campos Henriques, êste descompõe aquêlle. Alpoim affirma que Campos Henriques dirige mal a sua pasta, êste grita que Alpoim a dirigiu peior.

E disto não se passou.

As grandes questões económicas, moraes e politicas não têem alli entrada.

As liberdades individuaes estam constantemente sendo atropelladas, a liberdede de imprensa e de associação não existe; cada um escreve e diz só o que a consciência policial do juiz Veiga admitte.

E não ha no parlamento uma única voz honesta que proteste; não ha uma consciência, não ha um cérebro.

Alguem lhe chamou já o curso do segundo anno de direito á futrica. E' peior que isso; é uma companhia de galuchos commandada por um capitão tarimbeiro.

Que podridão! Como tudo aquillo cheira mal!

No meio dêste afundar de caracteres e nesta debandada de moralidade é urgente varrer e encher de chloreto, como uma coisa reles, isso a que p'rai chamam parlamento.

E' a primeira coisa a fazer para depois nos levantar-mos dos escombros, fortes, victoriosos e honestos.

Consta em Lisboa que a perseguição movida em Lourenço Marques contra a emprêsa do jornal *Português*, que foi supprimido, deu logar á fundação duma sociedade secreta sob a designação de *Leaes patriotas*, a qual vai ser uma sentinella vigilante posta ás machinações, contra a integridade dos nossos dominios africanos.

Tambem corre que appareceram já alguns números do jornal referido, impresso clandestinamente.

Carta de Lisbôa

11 de janeiro.

11 de janeiro... Foi ha onze annos, ha onze annos apenas — que, nesta data, a Grã-Bretanha nos enviou o mais destemperado, o mais affrontoso, o mais injusto *ullimatum*... Foi ha onze annos que nêste dia, ella nos intimou a abdicarmos do mais legitimo dos nossos direitos, sob pena de vir aqui, ao Tejo, uma das suas esquadras, a bombardear-nos... Lembram-se?! Hám de lembrar-se por força! Do norte ao sul do país, na capital do país como nas capitaes dos districtos, nas villas como nas aldeias, levantou-se um grito de protesto, de raiva e de desespero. Aqui, pelas ruas de Lisbôa, andaram milhões d'almas, clamando com sentimento êste grito: — Morra a Inglaterra! E os poderes públicos identificavam-se com elle, applaudiam-no pelo consentimento. Abriu-se com êsse pretexto uma subscripção nacional para compra de navios — e um dos primeiros subscriptores foi o rei. Os jornaes não se occupavam doutro assumpto — todos concordes em que o facto passado constituia uma série de explorações pela Inglaterra. A nação portuguêsa pareceu querer viver e redimir-se, accordar para a lucta e para a rehabilitação. Fallar em Inglaterra era provocar ódio e inspirar maldição.

Onze annos depois... E' o que os senhores vêem. A imprensa não póde sequer publicar o *ultimatum* de 1890. Para os poderes públicos, a Providência está na Inglaterra; ella nos tem valido sempre ella nos ha de valer...

Desgraçado povo, miseravel nação, funebre momento êste!

*

O 11 de janeiro passa sem grandes commemorações, esquecido já. Mas a intriga politica chama as attenções — e diverte.

João Franco foi ainda o homem da semana.

Rompe com o Hintze ou não rompe? — Esta terra de alperce tem-se entretido com esta pergunta e em conjecturar a resposta.

Afinal, João Franco ainda não rompeu.

E parece que não romperá tám depressa.

Embora alguns dos seus o instiguem a, desde já, fazer franca opposição a Hintze, elle parece ter-se resolvido a conservar-se, por agora, numa posição disciplinadora para um dia, a qualquer pretexto, se insurgir e a sua voz ter então mais auctoridade. Talvez mesmo lhes podesse indicar o pretexto.

E' claro que semelhante plano não póde merecer applausos nem sympathias.

Comprehendia-se que João Franco se regenerasse, que o seu espirito houvesse soffrido uma resolução progressiva e que elle, grande instrumento ontem da reles politica de campanário, se apaixonasse, subito, por uma politica, patriotica, grande e sã.

Mas essa resolução não lhe

permittíria contemporisações hypocritas nem tramas de jesuita.

Essas, sam comprehensiveis pensas por mesquinhos sentimentos de despeito.

Sam semelhantes sentimentos que João Franco está, com effeito, revelando.

o

Enquanto taes coisinhas chamam a attenção pública, não lhe merecem interesse symptomas graves da situação nacional.

Assim, passou quasi despercebido o orçamento apresentado em S. Bento, o qual tam eloquentemente demonstra que é cada vez mais sensivel o desequilibrio entre as receitas e as despezas.

Esse documento, fabricado com espirito de illudir mas com inepcia tambem, calculou exageradamente as receitas—elevando as em relação ás do actual anno—e computou muito baixo despêsas exactamente das que não têem reducção possivel.

E, no mesmo dia em que o apresentava, o governo mandou para S. Bento uma proposta de lei, pela qual se via que a situação transacta, ao abandonar o poder, havia deixado por pagar e legalisar despêsas na importância de cinco mil e tantos contos.

A nação mostra não se preoccupar com estas coisas. Diz-se-lhe que mais de metade das receitas sam absorvidas pelos encargos da divida — e ella finge que não percebe e passa adiante.

Um dia, porém, se esta indifferença não encontrar breve termo, ha de abrir bem os olhos, espavorida de surpresa, chocada de desespero — ao vêr as consequências.

o

Fortes com a indifferença, os que governam vám trilhando, como vencedores, no caminho dos desperdicios e dos roubos.

Os jornaes de ontem noticiaram duas nomeações para logares de redactores da câmara dos deputados onde havia vagas.

Hoje noticiam-se já outras duas.

E hoje mesmo seguiu para S. Thomé um médico naval, a pretexto de estudar as condições climatericas para um sanatório de tuberculosos.

Sabem demais os entendidos—mesmo os médicos de valor do actual ministro da marinha — que em S. Thomé não ha condições climatéricas para tal fim.

Todavia, o médico vai — para dirigir uma roça importante, não perder o soldo nem o tempo para a reforma.

E nós a sustentar-mos êste bródio!

F. B.

11 DE JANEIRO

Parece ir já ignominiosamente esquecendo a data memoravel e nefanda de *onze de janeiro de 1900*, em que a Inglaterra nos arremessou a brutalidade do seu *ultimatum*.

Onze annos vam decorridos já; onze annos que não têem alimentado a geral indignação dêsse movimento, em que se salientáram os mais conservadores dos portuguêses, êsses mesmos que hoje exaltam e glorificam a nossa humilhadora d'ontem!

Antigos alliados, nação amiga e fiel, consideravam nos assim os inglêses; e estas affirmações refalsadas e hypócritas fôram repellidas num movimento unisono e vibrante de indignação por todos os jornalistas portuguêses, que assim iam norteando o mais formidavel, viril e salutar movimento de protesto arrancado à marasmática indifferença da presente geração.

E tudo passou já, para elles, os aulicos servidores da côrte e da monarchia!

Não esqueceu, porém, de todo a data fatal de *11 de janeiro de 1900;* ha ainda no país milhares de corações livres, couraçados na suprema aspiração da honra da Pátria, para os quaes essa data vive immorredoira, marcada a fogo nas suas consciéncias. O partido republicano não a esquece; não a esquece nem a perdôa...

Os sentimentos de indigna ingratidão inglêsa; a affronta cuspida covardemente sobre nós, apoiada na força dos seus canhões, accordáram na alma portuguêsa sentimentos de revolta, de protesto e de ódio que se não apagam mais.

O grito que echoou pelo país inteiro, saído de milhões de almas; êsse impeto de cólera que abalou a nação, arrastando atrás de si os próprios réis, a bem ou a mal, embora fôsse ja esquecido por aquêlles que mais obrigação têem de honrar o país, não o será nunca mais pelos republicanos, os únicos que consubstanciam os interesses e a honra nacionaes.

Deixemos volver os tempos; não ficarám inultas as vergonhas que devemos á monarchia.

Levado ainda da santa indignação patriótica que o fez a alma da *Grande Commissão da Subscripção Nacional*, o nosso honrado e talentoso correligionário, sr. dr. Eduardo d'Abreu, publicou, a memorar esta data, um vibrante manifesto, altivo e nobre.

Pena temos de, pela sua tensão, o não podermos transcrever na íntegra. Um retalho só, sincero e vehemente:

Sim: a falta duma politica firme, por ser modesta, lealmente sincera e digna; a falta duma política, cuja preoccupação seja a boa administração do Estado, é que esta atraiçoando sobre os governos portuguêses o escárneo de todas as nações cultas, e num curto prazo se verá até que ponto a própria Inglaterra zombou de Portugal. E por culpa dos seus governos, a Nação Portuêsa sofrerá innocentemente, porque ella não pede allianças no angustioso momento, em que conhece do descalabro a que chegaram as finanças do Estado, e vê a desorganisação que invade todos os serviços da administração pública. Sam mais modestas as aspirações do país. Deseja ser bem governado para poder ter exército e marinha, armas e navios, à custa do thesouro público, com créditos próprios, e não por emprestimos ruinosos e vexatórios. Só assim é que o país, poderá pedir e obter verdadeiras allianças.

Mas os governos portuguêses, sem o menor tino nem espirito de previsão, atiram-se aos braços da Inglaterra, levados pelo egoïsmo pessoal e politico de que as formidaveis esquadras, vieram e continuarám a vir ao Tejo, para garantirem a continuação do regabofe continental e colonial!

E garantem mais cousas ainda, pensam os míseros que tam insensatamente compromettêram o País. Por isso já mandam insultar as repúblicas Sul Africanas; já mandam intimações á Hollanda; já mandam escrever impertinencias contra a Hespanha, contra a França!

A *esquadra inglêsa* — eis o criterio a que os belicosos e enfatuados ministros portuguêses estão subordinando toda a sua politica interna e internacional.

As consequencias duma tal política têem de surgir, implacaveis e num curto praso. Só então, infelizmente, é que os próprios Surdos ouvirão distinctamente o brado «Malditos sejam» echoando noite e dia, de um a outro extremo do País!»

A MAIORIA

A maioria, essa célebre maioria que todos os governos possuem na câmara, o que nos dá a medida exacta do modo pelo qual as eleições se fazem no nosso país, reüniu na terça feira no ministério do reino, convocada pelo presidente do conselho, a fim de assentar na sua orientação perante os debates parlamentares. Essa reünião, pelo carácter dos personagens que nella tomaram parte, e pelo que symbolisa, presta-se a edificantes commentários.

Toda a carneirada monárchica, que milita nas hostes regeneradoras, allí compareceu, computando os jornaes officiosos em mais de cem o número de deputados presentes. Hintze convocára a reünião, segundo se diz, para dar uma pública prova de que entre elle e João Franco nenhuma desintelligéncia existe, o que não é verdade, pois que ambos êlles querem ao mesmo tempo o bastão de marechal das milicias regeneradoras, bastão transformado pelo tempo em nodoso cacete com que se armam os galopins em dia de eleições.

Apezar das palavras proferidas pelo estadista mediocre importado do Fundão e das palavras manhosas de Hintze, é certo que entre um e outro a discórdia é manifesta. Logo quando abriu o parlamento João Franco e a sua matilha de admiradores e fanáticos formou à parte, entre progressistas e regeneradores, como a indicar que allí era o logar de um novo partido, talvez o dos *endireitas*, que ha dois annos, desde o programma de Luis de Magalhães, esquenta as cabeças insoffridas de meia dúzia de ambiciosos regeneradores.

Da reünião de toda a magna caterva outros factos, porém, se salientam, que é bom não deixar no olvido. Assistiu a ella e usou da palavra Marianno de Carvalho, o homem da *outra metade* e de mil negócios escuros, o ex-progressista que em tempos que não vám longe tam combatido foi pelos regeneradores.

Como se sabe, porque o facto é tam recente que inda está na memória de todos, Marianno foi um dos homens que em 1896 mais contribuiu para apressar a queda do ministério de Hintze. Contra e regeneração desembestára o antigo ministro monárchico toda a sua prosa virulenta, todos os argumentos de estadista corrupto conhecidos do seu officio. As gazetas regeneradoras tambem o não poupavam, apresentando-o ao público como um exemplar de cynismo, de improbidade e de corrupção, citando toda a sua longa vida política repleta de escándalos, num estendal que repugnava.

Como é pois que Marianno agora nos apparece ao lado dos regeneradores, ajudando-os, incitando os, fazendo-se o seu oráculo? Como é que Hintze que o detestava, reclama agora o seu auxilio, lhe promette tudo o que quizer e chega até a chamar para a pasta da fazenda um homem que é uma entidade ao serviço de Marianno?

Tem dêstes factos a política monárchica. Allí não ha vergonha, nem sentimentos; ha villanias e indignidades.

Precisava se de Marianno e este precisava do governo; logo, nada mais natural. Que importa que um ao outro se tivessem aggredido furiosamente? Que importa que, num caso em que dois homens de consciéncia se affastariam um do outro, Hintze e Marianno se approximassem e estejam do melhor accordo?

Em face da gamella não póde haver dissidentes, e na reünião o provaram os deputados Santa Ritta e Anselmo Vieira. Santa Ritta, o republicano exaltado de outros tempos, o demagogo furibundo que ameaçava as instituições com os seus versos e o público com a representação do *Bezerro d'Oiro*, espraiou-se em elogios aos chefes regeneradores, fazendo as louvaminhas do escylo e que, francamente, não valem o diploma de deputado que o governo lhe concedeu. Anselmo Vieira, o radical democrata, terror de João Franco, tambem fez côro, no meio talvez de appoiadas de Martins de Carvalho e outros renegados.

E sam estes homens sem brio, sem honra e sem dignidade, os que por alguns annos vam ter nas máos o destino de país! Sam homens dêste quilate, desta craveira moral que vam sanccionar leis, discutir os interesses da nação, legalisar sem uma discordância todos os actos, ainda os mais infames, do governo!

Que responsabilidades que todos nós, os honestos, temos ás costas!

Gomes dos Santos.

«Correio de Gouveia»

Recebemos o n.º 1 e 2 dêste jornal que principiou a publicar-se em Gouveia. Apresenta-se cuidadosamente escripto e sem compromissos partidários.

Ao novo collega e ao seu director em especial as nossas felicitações pela sua attitude e orientação que cremos manterá apesar do meio ser tam agitado e revolto.

UM QUADRO!...

E' uma noite d'inverno, escura e triste. A chuva cae abundante. O vento soluçante e áspero, sibila por entre as ramagens balbuciando mysteriosos cantos. De momento a momento, um lúcido relámpago acompanhado de ribombante trovão irradia de luz o horisonte occulto pelo negror da nuvem tempestuosa...

Além... por entre arvoredos sumptuosos, à luz oirecente do relámpago, distingue se uma casa de apparéncia pouco fértil. As suas paredes semiarruïnadas e enegrecidas pelo fumo, servem de apoio a um telhado velho, demolido e tosco.

O seu interior, é illuminado pela luz melanchólica dum candil, prestes a apagar-se, com o soprar do vento, que entra vibrante pelas fisgas do telhado.

A um canto, a mãe, deitada em duro colchão, contempla triste, quatro filhos famintos que estám ao redor della.

O pae, um homem de meia idade, e de herculêas formas, ganha á forja o pão quotidiano.

O silêncio sepulchral, em que as seis creaturas estám submergidas, faz contraste, com o som vibrante do bater do malho na dura bigorna. E assim passam, miseravelmente os dias, ao som da música do chocar dos ferros...

Mas hoje... não havia em casa um boccado de pão, não havia em casa um misero vintem.

A pobre mãe, em leito terreo, lucta com os últimos graus da tuberculose.

E o desgraçado pae malhava com ância, ao compasso da tempestade. O suor perolando-lhe a tez nobre de trabalhador, corria-lhe pelas faces macilentas e descoradas, como o deslisar das águas crystalinas em débil regato. A camisa em fragmentos, collava-se-lhe ás carnes duras. O malho leve, como leve eram as mãos que o brandiam, fazia chorar lágrimas de fogo ao ferro, com o seu rude bater... e sempre malhando!... se o malhar era o pão dos filhos!... por isso o malho era leve!... por isso elle não cançava!...

Levanta-se um filho e virando-se para o pae com a sua carita angelical, diz-lhe com voz abafada... tenho fome. Quero pão...

O malho cessa de bater. O forjador, levanta os olhos para elle e para os irmãos seminús, que ao ouvir o irmão, tambem pedem alimento; correm-lhe duas grossas lágrimas pelas faces.

A mãe chora!... O pae soluça!... os prantos embargam-lhe a voz e... como que o malhar é o pão dos filhos, continúa malhando com fugaz ardor...

As creanças choram de fome!... A mãe chora de dó!... O pae chora de desespero!... Pousa o malho e parece meditar... Corre para os filhos... o seu olhar deita chammas incendiadoras... abraça os, caricia-os, beija-os e dando uma gargalhada aterrorisadora, levanta-se.

A sua figura é horrivel... o seu olhar sinistro... o seu pensamento alguma coisa medita.

Dá febrilmente uma volta à sua húmida caverna... tor-se os braços desesperadamente e... abrindo a porta, foge, mettendo se á tempestade...

A mãe, fraca, chora e torce-se no duro colchão.

Os filhos calam se, lembrando-se que o pae fôra em busca de mantimentos. Então!... A Esperança mantem em silêncio quatro estomagos em revolta!...

.....

.....

A noite vai fugindo e os primeiros alvores matinaes rompem. A tempestade, é por fim, vencida por uma nortada fria. Apenas se vêem ainda umas estrellas, já sem brilho, dispersas pelo horisonte, que atiram o seu último adeus de despedida. Começa-se já a sentir a voz alegre do camponez, o chiar dos carros pelos atalhos. Uma luz avermelhada, começa a surgir para os lados do nascente...

A mãe, chorando sempre com um delirio destoante, advinha uma desgraça atróz. Os filhos, vencidos pelo somno dormem tranquillamente, ao redor da mãe, agasalhados por uma misera manta....

Por fim abre-se a porta, precipitadamente, o pobre pae entra correndo, com um cabaz cheio de manjares. Os filhos accordam; deitam se como leões famintos ao cabaz; não comem, devoram. A mãe chora. O pae com os cabellos eriçados, a physionomia descomposta, todo molhado, nada come; contempla aquêlles innocentes, que comem com tanto prazer...

Sente-se grande alardio à porta... batem... e o pae obsorto, parece nada ouvir... Continuam batendo... por fim, a um impulso violento a porta abre-se...

Um grupo d'homens ficam contemplando aquella scena e saindo um do meio dêlles diz: é elle, é elle o ladrão, conheço o. Foi elle que entrou em minha casa, vamos prendê-lo; e rodeando-o todos dám voz de prisão ao infeliz...

A mãe chora, agarrada aos filhos, na maior miséria, nos últimos graus da tuberculose, prestes a exhalar o último suspiro...

E o pae, êsse pae de caracter tam nobre, esse trabalhador tam infatigavel, que roubou, para não ver morrer os filhos a fome, victima da sociedade, vai algemado o pelo caminho da villa...

.....

Oh mundo vil!... Torpe humanidade!...

8—1—1901.

P. P.

Acêrca da estação

Publicâmos em seguida os dois officios que a direcção d'Associação Commercial remetteu aos illustres engenheiros srs. Chapuy e Vasconcélloz Porto, sobre a estação que nesta cidade ha de servir o movimento das linhas do Norte e do Mondego, no caso provavel da conclusão desta última.

Nêsses documentos, a direcção procura prevenir o futuro, para que Coimbra não seja surprehendida, como tantas vezes o tem sido, com obras mesquinhas e mal orientadas pela divergência d'opiniões, em prejuizo manifesto dos seus melhoramentos materiaes.

Não falla a direcção, e com acerto a nosso ver, no local em que deve ficar a estação; e o seu siléncio sobre êste ponto leva-nos a crêr que ella pensa em que a estação não deverá ser deslocada d'onde está, considerando, que ao norte, entre o largo das Ameias e a azinhaga dos Oleiros, não falta o espaço para, feitas as necessárias expropriações, lhe ser dado o conveniente alargamento.

Nêste sentido é que devem convergir, parece-nos, todas as opiniões e todos os esforços dos que se interessam pelos melhoramentos da cidade. O contrário poderá provocar azedumes e levantar difficuldades prejudicando as melhores intenções, como repetidamente tem succedido.

Que isto se comprehenda, como sensatamente o comprehende a direcção da Associação Commercial, que manifestamente attesta o seu bom critério preventivo nos officios a que nos referimos e que seguem:

Ill.mo Sr.

Em nome da direcção d'Associação Commercial de Coimbra, tenho a honra de vir accusar a recepção e agradecer o officio de v. ex.ª, de 2 do corrente, que muito nos penhorou pela differência de sua informação.

Tratando-se, porém, dum assumpto importante para os interesses e bom nome desta cidade, como é o da estação que ha de servir o movimento das duas linhas do Norte e do Mondego, e no louvavel empenho de prevenir em repetição dêsse edificio ficar nas acanhadissimas condições em que se encontra a estação de Coimbra A, esta direcção confiando muito da iniciativa de v. ex.ª, dada a sua muita illustração e competência, espera que esta cidade será dotado com um edificio apropriado que, satisfazendo ás commodidades do público e ao importante e sempre crescente movimento commercial e industrial de Coimbra, seja digno na sua structura geral, da terceira cidade do reino.

Sobre o mesmo assumpto, officia hoje esta direcção ao illustre engenheiro director geral da Companhia Real para que, no caso provavel da conclusão do caminho de ferro do Mondego, em occasião opportuna as duas companhias accordem e se auxiliem mutuamente na satisfação deste nosso pedido, que se traduz num acto de justiça bem merecida; e ousamos ainda, se tanto nos é permittido, esperar que v. ex.ª nos conceda, então a grande fineza de nos transmittir qualquer resolução a tomar sobre o assumpto, para que da concordância de todos não haja no futuro recriminações justificadas contra ninguem.

Acceite v. ex.ª os protestos da nossa maior consideração.

Deus Guarde a v. ex.ª

Associação Commercial de Coimbra, 10 de janeiro de 1901.

Ill.mo e Ex.mo Sr. A. Vasconcéllos Porto, dig.mo engenheiro.

O presidente,

Francisco Villaça da Fonseca.

*

Ill.mo Ex.mo Sr.

Pela imprensa tem esta direcção conhecimento de que a Companhia Real, de que v. ex.ª é muito digno director, tem incluido no seu orçamento do corrente anno, uma verba para melhoramentos na estação de Coimbra A.

Não sabemos, por não virem especificados, o que sejam esses melhoramentos, mas somos levados a crer que ham de ser os pedidos por esta Associação Commercial, cumprindo nos em tal caso testemunhar aqui os nossos agradecimentos a v. ex.ª, por vermos que não foi esquecida a nossa reclamação, e que no decorrer do presente anno a Companhia pensa em transformar em factos um pedido de tanta justiça.

Permita-nos porém v. ex.ª que ainda sobre o assumpto da ampliação da estação de Coimbra, nos venha-mos apresentar lhe as considerações e o pedido que se seguem:

Parece que vai realisar-se em breve a conclusão do caminho de ferro do Mondego, e esse facto, a dar-se, vem modificar profundamente as condições do nosso pedido anterior, pois que o ampliamento desejado era no intuito único de satisfazer rasoavelmente ás necessidades do movimento da Companhia Real, mas não era, nem certamente póde satisfazer ás necessidades do movimento das duas linhas combinadas do Norte e do Mondego.

Dada pois a conclusão desta última linha, julgamos prejudicado o nosso pedido, necessitando as duas Companhias dum edefício mais vasto, como maior carece de ser o espaço para o assentamento de novas linhas. Se é grande o movimento actual da estação de Coimbra, maior o ha de ser com a ligação da nova linha; e segundo a ordem natural das coisas, esse movimento ha de augmentar cada vez mais em harmonia com o augmento da população e com o progresso sempre crescente dos povos. Coimbra, segundo as últimas estatísticas, accusa uma média diária superior a 660 passageiros que embarcam e desembarcam na sua estação, e que muito se deve elevar estando em exploração o caminho de ferro do Mondego.

E' isto tam importante que bem merece a ponderação de v. ex.ª, e por isso ousamos pedir lhe para que as duas companhias do Norte e do Mondego se combinem para que Coimbra seja dotada com uma estação que, no seu todo, satisfaça ás necessidades do seu movimento e à importância da terra; e se tanto nos é permittido, ousamos ainda pedir lhe para que em occasião opportuna esta associação seja ouvida sobre o projecto definitivo para que de concordância de todos não haja no futuro recriminações para ninguem.

Acceite v. ex.ª os protestos da nossa mais alta consideração.

Deus Guarde v. ex.ª.

Associação Commercial de Coimbra, 10 de janeiro de 1901.

Ill.mo e Ex.mo Senhor Chapuy, dignissimo Director Geral dos Caminhos de Ferro Portuguêses.

O presidente,

(a) Francisco Villaça da Fonseca.

---

36 Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

DUODÉCIMO QUADRO

AS DERROTAS

O sol torrido aquecia os crâneos, quási a fendê-los.

Timidamente, procurando cada qual com o olhar um visinho que lhe desse o exemplo, começaram alguns a pôr os chapeos. Depois, por uma transição fácil phrases innocentes:

«Que bello dia!»

«Mau tempo para os theatros», os grupos deixáram se cair nas suas conversas familiares.

Enganou se a lentidão do tempo, conversando da profissão, contando uns aos outros os últimos escândalos:

— E' exactamente ámanhã que Francesco se apresenta na Academia de Bellas-Artes. Olhe lá, Ballier, julga que elle seja admittido?

— E' possivel, respondeu evasivamente o esculptor.

— Este não se compromette. Disse uma voz nas fileiras seguintes:

— Não. Compromette os outros, respondeu um visinho.

— Naquella familia só tem sorte o pae. Enquanto abre as portas das carruagens ao presidente da republica, morre-lhe um dos filhos, o outro divorcia se.

— Como. Pois já?...

— Conhecia um advogado. Basta isso!...

— Para ser enganado?

— Qual! Para activar o processo.

Chegavam. O cemitério de Passy não é triste. Os túmulos d'aspecto rico estám aninhados em verdura. A pedra tomou alli aquella côr cinzenta, familiar aos olhos, dos monumentos já antigos onde a morte não passa duma recordação.

Rodeado de fortes muros que lhe servem de sustentáculo, domina em terraço a praça e a antiga avenida do Trocadero, por tal fórma que os que passam e os finados quási se roçam.

Em frente levantavam se sumptuosos palácios entre jardins, que obrigavam a pensar na opposição fácil do nada e das riquezas.

As carruagens pararam deante da sepultura da familia Francesco. Desceu primeiro um padre, ou antes rebolou por entre dois acolitos.

(Continúa.)

Greve dos marchantes

Fez-se a segunda praça para a arrematação, por propostas em carta fechada, do fornecimento de carnes de vacca e de vitella. Como a primeira, de 13 de dezembro, ficou deserta, apesar de ter feito depósito uma creatura que depois se eclipsou, não entregando proposta.

Está se ainda na dúvida sobre se êsse depósito representou uma esperteza ou se o desapparecimento do homemsinho significa um suborno.

O abandono da praça é que deve servir para a câmara se convencer da razão do que lhe temos dito...

Não ha ainda, que saibamos, nenhuma resolução tomada, em consequência de ter estado fóra o presidente sr. dr. Dias da Silva.

Tentiva de suicídio

Na noite passada, depois do espectáculo no circo, alguns estudantes que habitam nas proximidades das Arcas d'Agua, e se dirigiam a casa, ouviram a detonação dum tiro que lhes despertou as attenções. Procurando ver o que occorria deparou se-lhes esta surpreza: — tentara suicidar se um alumno do 4.º anno juridico, que encontraram caido e com um ferimento no lado esquerdo do peito.

Conduziram o ao hospital, onde está em tratamento. A bala, que parece ter-se-lhe alojado junto á columna vertebral não foi nem poderá ser extraida, ao que, ouvimos. O seu estado, porém, com quanto seja melindroso, não inspira receios.

Questão d'amores provocou a desesperada tentativa...

Escóla gratuita 31 de janeiro

A Liga Académica Republicana de Lisbôa, tomou a iniciativa da fundação de nma escóla gratuita liberal para os filhos do povo.

Esta generosa ideia merece o appoio de todos os que se interessam pelo desenvolvimento da sociedade portuguêsa. A instrucção é a grande arma com que pudemos luctar victoriosamente contra toda essa velharia que p'raí se ostenta triumphante, mas sem talento e sem carácter.

Urge pois fundar escólas, mas não é só fundá-las, como diz um espirito muito lúcido, é preciso sabe las organisar. E os estudantes republicanos de Lisbôa assim o comprehenderam, lançando corajosamente mãos á obra da fundação de uma escóla gratuita de ensino liberal.

Que os estudantes das outras escólas aprendam aqui a ser bons cidadãos e úteis à sociedade.

A Liga tem tido um grande número de adhesões para a realisação da sua ideia, sendo já muitos os sócios protectores inscriptos.

Recommendâmos a todos os nossos amigos e correligionários, que acompanhem a Liga Académica Republicana nesta patriótica missão de libertação dum povo.

A quota minima semestral é de 500 réis.

A escóla será inaugurada no próximo dia 31, saudoso anniversário da revolta do Porto.

Cámara Municipal de Coímbra

Sessão ordinária de 13 de dezembro de 1900

Presidência — Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes: — Antonio Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Approvada a acta da sessão anterior, foi aberta a praça para a arrematação, annunciada em 30 de novembro, dos impostos indirectos sobre géneros a consumir no futuro anno em algumas freguesias e logares dêste concelho; barcas de passagem, limpêsa de diversos logares e algumas barracas do mercado para venda de carne de carneiro, carnes salgadas e artigos de mercearia. Corridos os pregões, foi arrematado o seguinte:

Impostos das freguesías de Souzellas e Antuzede: logares: S. Fructuoso da freguesía de Ceira. Da de Botão diversas, bem como da de S. Paulo de Frades. Barcas: a do Almegue; barracas do mercado: sete, tudo por lanços superiores à base de licitação.

Leu-se o balanço do cofre no dia 15 de dezembro, vendo-se existir então o saldo de 2:941$728 réis.

Sendo communicado por officio do Governo Civil que não foi confirmada pela auctoridade tutelar a deliberação, pela qual a câmara resolveu continuar a fazer particularmente o fornecimento da combustivel para as máchinas das águas, como se vinha fazendo desde ha annos, resolveu-se annunciar a arrematação deste fornecimento para o dia 10 de janeiro approvando-se as cláusulas da arrematação.

Tomou conhecimento da approvação dada superiormente a um orçamento para a reparação do pavimento da estrada municipal do Padrão á serventia da Pedrulha, mandando annunciar a praça para esta obra e approvando as respectivas condições.

Tomou conhecimento de um officio do deputado eleito por êste circulo, em respostas à mensagem que lhe foi dirigida manifestando o seu empenho em satisfazer ás justa reclamações da câmara, referida naquella mensagem, para a realisação de diversos melhoramentos da cidade,

Enviou à repartição d'obras para informar, um processo remettido pelo chefe do districto, ácêrca de dividas apresentadas sobre a delimitação dos concelhos de Coimbra e Condeixa.

Mandou enviar à secretaría, para informar, diversos requerimentos, pedindo a annullação de impostos directos e um officio do director da Escóla Nacional d'Agricoltura, sobre o mesmo assumpto, com referência a alguns professores que deixaram de exercer alli as suas funcções.

Em vista de communicação feita pela commissão de melhoramentos da cidade relativa ao plano de melhoramentos da parte baixa da cidade que diz vai ser enviado as estâncias superiores, e que propoz o pagamento de 25$000 réis a um desenhador, pela cópia de 5 plantas e a de 100$000 réis ao conductor, vogal da mesma commissão, como retribuição de trabalhos graphicos e nivelamentos feitos, resolveu a câmara que fôsse paga aquella quantia de 25$000 réis e que ao conductor se pagasse a de 38$900 réis, que sobrava da verba do orçamento, ficando para o futuro anno a quantia restante.

Sendo lida uma informação da repartição de obras, relativamente á falta de pedra britada para os trabalhos da estrada de Coimbra a Montemor-o-Velho, e aos serviços de fiscalisação destes trabalhos exercidos pelo fiscal de cantoneiros, resolveu ouvir o mesmo fiscal numa das próximas sessões ordinárias.

Lida uma participação do inspector dos incéndios, dando conta dum começo de incéndio, sem consequências, e referindo se ao occorrido na 1.ª esquadra de policia, onde os respectivos guardas se recusáram a dar signal de alarme na torre da Sé Nova, sem que um dos guardas fôsse verificar a existência do fogo, quando feita a communicação por um bombeiro e por um vigia municipal, resolveu enviar por copia ao commissário esta participação do inspector dos incéndios.

Ouvido o bombeiro Joaquim Correia Galvão, a que se referia outra participação do inspector dos incéndios apresentada em sessão de 13 e vendo-se que as respostas dadas por êste empregado ácerca das faltas de serviço, de que era accusado eram menos satisfatórias e se deviam attribuir as mesmas faltas da negligência resolveu a câmara que fôsse demittido.

Mandou registrar, a nota apresentada das canalisações d'água, executadas durante a semana última.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.

Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis	o litro
» » » » a	80 »	»
» verde de Basto a	90 »	»
» branco de Torres Novas a	90 »	»
» » de Mangualde a	90 »	»
Vinagre a	80 »	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130 »	»
» (2.ª qualidade) a	110 »	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240 »	»
» » » (2.ª qualidade) a	200 »	»
» » » (3.ª qualidade) a	180 »	»
» » figo a	120 »	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240 réis	
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240 »	
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180 »	

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 0|0 no consumo do gaz

Escriptório e officinas Rua Garrett, 48, 1.º, Lisbôa

BICO AUER

Armazem de vendas e exposição 50, Rua Garrett, 52, — Lisbôa

Bicos n.º 1 a 4$000 réis **que custavam 6$000 réis**

Bicos n.º 2 a 4$500 réis **que custavam 6$000 réis**

Bicos n.º 3 a 500 réis **que custavam 700 réis**

Tulipas e globos de 300 e 600 réis para cima

Sempre novidade em candeeiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coimbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

Á GRANDE ALFAIATERIA

LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46

COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanellas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobrecasaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos pódem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Córte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATISSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpéza gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0|0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 10 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 2.º officio Joaquim Alves de Faria, correm éditos citando as pessôas que tiverem direito sobre:

601 m²,0820 de um quintal situado nas ameias, junto á linha e á estação dos caminhos de Ferro de Coimbra A, pertencentes ao dr. Henrique Manuel de Figueiredo;—a propriedade de raiz de outro quintal entre o anterior e a rua da Magdalena, pertencente á Santa Casa da Misericórdia, desta cidade;—e duas fachas de terreno no dito quintal nos limites nascente e sul, as quaes medem 1m²,172,90 pertencentes a D. Maria da Conceição Costa Carvalho e marido Eduardo de Carvalho, usofructuários ao mesmo quintal.

Estes terrenos foram expropriados amigavelmente, pela camara municipal dêste concelho, para abertura duma avenida, porisso e pelo presente, sam citados quaesquer interessados que se julguem com direito aos alludidos terrenos, para no praso de dez dias á contar da última publicação dêste annúncio, deduzirem o mesmo direito, sob pena de serem adjudicados á expropriante como livres e desembaraçados nos termos do artigo 43.º da lei de 23 de julho de 1850.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim Alves Faria.

EDITAL

A Cámara Municipal de Coimbra, faz saber que no dia 31 do corrente mês, pela uma hora da tarde, volta á praça na sala das sessões, a arrematação da lenha de pinho de que precisa durante o anno corrente para as máchinas elevadoras das águas.

O fornecimento é de 3:000m³,0 metros e a base de licitação é de 800 réis por metro.

As mais condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da cámara, onde pódem ser examinadas todos os dias úteis das 10 ás 3 horas da tarde.

Coimbra, Paços do Concelho, 10 de janeiro de 1901.

O vice presidente

António Francisco do Valle

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

ANNÚNCIO

(1.ª publicação)

Por êste juizo de direito e cartório do primeiro officio se annuncia que no dia 3 do próximo mês de fevereiro por 11 horas da manhã, ha de ter logar á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na Praça Oito de Maio, a arrematação em hasta pública das propriedades abaixo designadas, mandadas vender por deliberação do conselho de familia para pagamento do passivo approvado no inventário orphanologico por obito de Maria do Carmo, moradora, que foi, no logar do Paço, freguesia do Botão, a saber:

A oitava parte duma terra de semeadura com oliveiras no sitio da Ribeira, limite e freguesia do Botão, *pro indiviso* com herdeiros de Manuel Pereira, do Botão, que vai á praça em 48$000 réis.

A oitava parte duma terra de semeadura e pouzio, que foi vinha, no sitio do Valle Soeiro, dito limite e freguesia, que está *pro indiviso* com aquelles herdeiros e vai á praça em 20$000 réis.

Sam por êste citados para assistirem á praça quaesquer crédores incertos. — Coimbra, 9 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito.

R. Calisto.

O essrivão interino,

José António Lopes Ferreira.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

CASA MEMORIA

DE

ANTONIO JOSÉ ALVES

R. do Visconde da Luz

COIMBRA

A este deposito de mechinas e velocipedes, acaba de chegar uma nova remessa de **Pianos** vindos directamente do fabricante, que se vendem a preços sem competéncia.

Pede-se ao respeitavel público, que deseje fazer compra deste artigo, para examinar os preços e qualidades para se certificarem de que nesta casa se vende mais barato do que em qualquer outra do Porto ou Lisboa.

Tambem se tomam encommendas de **Pianos** de qualquer autor que se deseje.

Dám-se todos os esclarecimentos.

TYPOGRAPHO

Precisa se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra,

Nº. 614 COIMBRA—Quinta feira, 17 de janeiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha—Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

A ùnica solução

Chegamos, sem dúvida alguma, á situação mais desgraçada e degradante.

Perdido o nosso crédito por successivas bancarrotas, affastada a nossa dignidade por uma alliança indigna das nossas nobres tradicções, arrastados no estranjeiro pelas ruas da amargura, servindo o nosso nome de thema a pasquins infamantes do nosso brio, nada nos restará, tudo perderemos se não soubermos ser superiores á situação, rompendo, num acto de audácia, contra aquêlles que nos reduziram ao estado em que nos achamos.

Lá fóra, como dentro do país, tudo se encontra em derrocada.

A monarchia precisa de dinheiro para se manter, para sustentar a corrupção largamente estipendiada, para occorrer á sua dispendiosissima engrenagem e, não o tendo, recorre a todos os meios, óra contrahindo no extranjeiro novos e onerósos emprestimos, óra impondo ao país, ao contribuinte, ao cidadão mais sacrificios e mais vexames.

O empréstimo e o imposto sam, com effeito, para os politicos monárchicos, o remedio redemptor que occorre ás necessidades duma existéncia dissipadora.

Successivos empréstimos, contraídos sem limite por todos os governos, fizeram elevar a nossa divida a perto de setecentos mil contos de réis, dos quaes estamos pagando annualmente vinte e dois mil contos de juro, mais do que em realidade póde dispôr o contribuinte português.

Ainda ha poucos dias um jornal da capital, *O Seculo*, fazia curiosas revelações sobre esses emprestimos.

O thesouro português, em roda do qual gira constantemente o bando de famintos e ambiciosos que as instituições trazem arregimentadas ao seu serviço, não recebeu sequer metade da importáncia dos empréstimos contraídos.

A maior parte dêsse dinheiro ficou nas mãos dos intermediários, esses intermediários felizes que jogam com cifras e accumulam, rapidamente, quantiosas e importantes fortunas.

Reconhecidos como insolviveis, nenhuma nação nos emprestará mais cinco réis, nenhum país confiará de nós mais um ceitil.

Exgotado o recurso do empréstimo, recorreu-se, com vertiginosa áncia, ao recurso do tributo e do imposto.

O cidadão português é o que mais paga na Europa e aquêlle que gosa de menos beneficios do estado.

Todos os projectos financeiros dos últimos tempos baseiam-se sobre o imposto; todos os planos económicos dos nossos estadistas de *biscuit* assentam sobre o tributo.

E que enorme quantidade de planos experimentados e por experimentar! Emquanto as cámaras estão abertas, os escolhidos despejam sobre a galeria a cornucopia da rhétorica, expondo mil e um projectos de regeneração, de economia, de vida nova.

Tudo isso desaba ao sopro da realidade, como castellos de cartas de alicerces oscillantes.

Nem emprestimos nem impostos pódem servir de base a novos planos financeiros.

No exterior estamos descreditados; internamente o contribuinte não póde nem deve pagar mais.

Experimentam-se ministros da fazenda como o doente incuravel, cujo mal é de raiz, experimenta elixires novos e novas panaceas; as illusões duram dias; mas a realidade chega, e vê-se o naufragio das mais robustas esperanças, o ruir dos mais bem architectados projectos.

O mal é do regimen, é das instituições; não está na essência, está na forma. Pretender regeneração dentro do actual systema politico é rematada loucura, como a experiéncia o comprovou já.

De nada servem os palliativos estereis, os inúteis planos, os apregoados e reclamados projectos de vida nova.

Vida nova só nós a podemos fazer, só a póde fazer o país dentro dum regimen de liberdade e de legalidade, onde o dever seja norma incorruptivel, e onde a justiça se imponha.

Vida nova queremo-la nós, mas fóra do regimen que nos conduziu a esta situação deprimente para a qual não encontra, nem encontrará, uma única solução.

Fazer tabua rasa sobre todos os preconceitos e privilégios, implantar uma nova formula politica, levantar o país do lodaçal tremendo em que o afundaram, é, nesta hora solemne, o dever de todos os portuguêses.

A proclamação da república é—oiçam-no bem!—a única solução nacional.

GOMES DOS SANTOS.

Escalada—resentimento

Annunciam jornaes de Lisbôa que deve hoje ser assignado o decreto que nomeia o sr. dr. Abel d'Andrade chefe da repartição de instrucção pública. Não é barro...

O *novel politico* está subindo com bem notavel rapidez, parecendo ter comprehendido excellentemente toda a engrenagem sobre que giram os *cabos das gaveas elevadoras* no monumental edificio do industrialismo politico-palaciano a que se dedicou.

Não está ainda sufficientemente definido, dizem muitos, se a apressada ascenção de s. ex.ª é a resultante do talento ou da simples habilidade. Não nos daremos a opinar sobre êsse ponto, que é melindroso. Resulte, porém, duma ou outra dessas qualidades, o que temos de reconhecer é que o sr. doutor se governa, e bem, pelo visto.

Annunciam ainda jornaes que s. ex.ª está já um *pouco politico* com o seu dilecto amigo de ha poucos mêses, o sr. dr. Fernando Martins de Carvalho, aquêlle saliente revolucionário que terminou por negar o seu passado, negociando a sua consciéncia por um logar de marionete no parlamento. Até ver.. pois não restam dúvidas de que pretende ir muito mais além, á pujança ministerial...

Tal frieza de relações entre êsses dois cavalheiros, frieza que a um e outro faz soltar as linguas em mútuas referencias deprimentes, causa uma certa estranheza. Se haviam pactuado uma alliança que se manifestou tam clara em coisas referentes á reforma do notariado...

Dir-se-ha que as *mercês* obtidas por um será o pomo dos resentimentos do outro. O sr. dr. Abel vai tam depressa...

E tambem póde ser um caso de suggestão:

Os srs. Hintze e Franco rivaes, na chefia regeneradora, hám feito exterioridades de mal-avindos; fizeram-as tambem os srs. Beixão e Alpoim por causa da chefia progressista, quando se julgou perdido o sr. José Luciano. A uns e outros tornou a ambição intolerantes, até se desmascararem.

Não terá isso suggestionado os dois novos? E' possivel.

O amôr próprio é qualidade característica dum e doutro, e como está sendo moda o resentimento entre os *politicos de talento*, ss. ex.as seguem a moda, em defeza dos seus *merecimentos*, julgando-se cada qual no direito de *ir mais* depressa.

Pena é que defiram tanto na corpoléncia. Se não deferissem podiam ir juntos, emparelhados sob o governo de *bôa mão*, visto que a ambos sobra a *fugosidade*...

Excerpto

Na resposta ao discurso da corôa ha esta preciosidade bajolatoria:

«Folga a cámara em que sejam amigaveis as relações de Portugal com as demais potências, e consigna a sua viva satisfação pela gentileza com que a augusta rainha de Inglaterra quís, por occasião da visita da esquadra da mesma nação, renovar solemnemente a estreita cordialidade das relações entre os dois países e a persistencia da antiga alliança, tam firmemente estabelecida nos actos actuaes, como profundamente enraizada nos nossos fastos historico-mais brilhantes.»

Enraizada de que foi uma bella *rega* o *ultimatum* para a *poda* dum dos nossos dominios coloniaes, sem fallar no que vai mais longe.

Dos fastos historicos actuaes fallam, por ultimo, as exigéncias satisfeitas para facilitarmos a passagem, por nossos territórios, de elementos para a hedionda sangueira que a Inglaterra vem fazendo na Africa do Sul, ao mesmo tempo que negámos a passagem de mantimentos para o heroico povo que luta pela sua liberdade...

Isto em *rigorosa observáncia da neutralidade*...

E a cámara folga e consigna a sua viva satisfação...

Ah! que se o país bem medisse todo o valôr dêstes inglezismos!

OUTRO

«Grato foi aos representantes da nação o festivo acolhimento feito pela operosa cidade do Porto a vossa majestade e a sua majestade a rainha. As vivas e calorosas saüdações bem significaram com quanto respeitoso amôr pelos seus monarchas se nobilita terra tam notavel pelo seu commercio e pela sua industria, e como alli se affirmam as dedicações tradicionaes pela dynastia reinante.»

Aos representantes da nação? Salvo seja. Do governo e dos potentados e galopins eleitoraes, que se constituem nação de trapolas e embusteiros. A nação propriamente dita, teem se desinteressado da comédia, e nisso vai uma grande parte do seu mal.

Acérca do resto, do amôr portuense pelos monarchas, está lembrando o 31 de janeiro, as penúltimas eleições de deputados, mesmo as d'ha pouco, descaramente roubadas em proveito dos candidatos do governo, e as declarações feitas mesmo pelos jornaes monárchicos, de que o povo assistia *mudo e quedo*, nem sequer descobrindo se á passagem dos *seus monarchas*. Enthusiasmo houve-o, sim, nos bailes nos jantares, nas recepções onde ia o elemento official. De resto, foi bem positivamente proclamado que as associações operárias recusaram os convites para mandarem representantes a taes pagodes.

Por si só essas recusas significariam o amôr aos *seus monarchas*, se na praça pública não tivesse sido bem patente a indifferença popular por êlles.

Convém ir lembrando isto a propósito do rasteirismo parlamentar.

«Fazer carreira»

Está aberto o parlamento. Para tratar de assumptos puramente de interesse nacional, das graves questões que tanto interessam á vida económica do país e á sua dignidade?

Vejam-se os "extractos" das sessões:—até hoje questiúnculas, liquidação de cámaras municipaes, doestos e represalias por causa das tropelias eleitoraes, berratas de partidarismo, e nem um simples documento de qualquer ministério por onde se veja o propósito de administração sensata e de beneficio financeiro.

Reüniram a maioria e a minoria para resolverem as suas attitude. Vejam-se as suas decisões, e teremos que após as primeiras escaramuças de descoponenda brageira, se passará ás apreciações entre o que fez o governo actual e o d'hoje. Escándalos em perspectiva. Depois, exhibição de feras, perdão, de novos, como já se annuncia nêstes periodos, alpoinaceos, para o *Janeiro:*

...E' preciso que os novos do partido progressista, os que ainda não foram ministros, manifestem os seus talentos parlamentares, e mostrem na cámara as suas faculdades. E' bom animar e acoroçoar aquêlles que desejam fazer a sua carreira...

Mais claro de que isto, suppomos não haver.

Os que já fôram ministros ou que por outro qualquer meio já *se governaram* não dam cuidados. Agora passagem aos *novos* que **desejam fazer carreira.** A qual carreira se cifra em palrar descompostamente, sem critério nem ideias, para conquistar graças que o país paga com usura.

O parlamento, tal como agora é constituido, não passa de uma estação de aventureiros *que desejam fazer carreira*: o que tanto vale como dizer: conseguir largos benesses roubados ás necessidades públicas e á miséria do contribuinte.

O país vê e tolera. Collabora até nessa obra de ruína, pela sua subserviéncia aos asquerosos processos de fazer eleições e pela imbecilidade com que segue os galopins do regimen. Que lhe preste, pois, e cedo lhe virá a epocha de arrependimento, se a reflexão o não demover a tirar a moralidade de tantissimas franquêsas como a que acima deixámos respigada:—deixar palrar os que ainda não fôram ministros e desejam fazer carreira.

As novas fôrças para Lourenço Marques devem partir no dia 27 do corrente, em número de 350 praças.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorréncia de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

PRÉMIOS

Furibundos progressistas doutros tempos, tendo feito parte de ministérios, dos quaes sairam regularmente providos de *honras* e meios, mercê de operações bem combinadas, Navarro das *Novidades* e Marianno do *Popular* collocaram-se por último numa situação politica a que deram a apparéncia de *independentes*, que é a qualidade em que melhor se firmam os trampolineiros que decidem collocar-se, como a célebre burra de Balaam, entre a cevada e a aveia.

Não raro os temos visto, pois, em defeza ou ataque a regeneradores e progressistas, confórme lhes parece mais proveitoso ao rabulismo interesseiro, e por que a situação ministerial, grega ou troiana, parece convir a benignidade dos dois espaventosos criticos — estadistas fallidos por uma infenidade de tranquibérnias bem ruinosas para o pais, e que só devido a *brandura dos nossos costumes* os não levaram a presidio — ai os temos visto, *considerados* e *premiados* por todos os governos.

Com o gabinete ministerial de hoje, têem sido de uma attenção amorosa muito para considerar, e assim a expectativa sobre o valôr do prémio manifestou-se: — que *aquillo* não sam homens para louvaminha graciosa: — antes se mostram mais amáveis, quando lhes parece maior a benesse, para a creatura de quem especialmente o esperam. O actual ministro da marinha vem merecendo-lhes tanto louvor...

Mas appareceu já a explicação. Nas suas propostas apresentadas ao parlamento, êsse titular considerou-os.

Pela approvação da proposta das concessões do Ultramar — e é que será approvada, que para isso lá estám as maiorias — Navarro terá satisfeita a sua antiga e tam conhecida ambição da concessão de uma ilha no archipélago de Bijagós, na provincia da Guiné.

Pela approvação da proposta referente ao regimen bancário, Marianno lambe-se com o logar de commissário do governo junto do Banco Ultramarino.

Vê o povo? Decide-se a reconhecer que, sob a influéncia do regimen, tudo o que constitue os bens ou a riqueza da nação é património dos aventureiros e especuladores da politica? Repara em que a enormidade de reformas ha larguissimos annos decretadas pelos governos, sempre sobre a chancella artificiosa de que sam destinadas á regenereção economica, miram sómente á satisfação das vaidades e ambições que dominam desde o throno até ao último dos mercantes que o bajulam? Comprehende ao que mira á perseguição irritante feita á imprensa democratica que ousa apreciar e discutir a marcha governativa, pondo a descoberto as traficâncias do poder e a indignidade dos homens? Attende a que tal perseguição é distinada a abafar os gritos de protesto que elucidariam sobre essas traficâncias e indignidade, para que fiquem ignoradas, em defeza das instituições e do bandidismo que tem arrastado o pais á mizéria em que se encontra?

Não é já cedo para dispensar a tudo isso as necessárias attenções e proceder em obediéncia a uma nova e salutar orientação. Depois, tal procedimento ha de impôr-se-lhe fatalmente num futuro mais longo, quando, tudo perdido, a autonomia nacional esteja prestes a desapparecer, isto é, quando seja difficil, se não impossivel accudir ao mal. Seria, pois, duplamente proveitoso accudir desde já á derrocada, expulsando da supremacia da nação tudo o que representa o regimen, para implantar um systhema fundamente democratico e liberal, com a dignidade de que nos dám valiosos exemplos os países onde o principio republicano está fazendo successivamente a felicidade dos povos.

Espiritismo e loucura

Continúam a dar-se as fataes consequéncias da manomania do espiritismo que ultimamente se tem manifestado e desenvolvido em differentes localidades e especialmente no Porto.

Fernando de Lacerda, chefe da secretaria do governo civil de Lisbôa, que se dedicára interessadamente á palermice espirita, acaba de ser internado no hospital de Rilhafoles, em consequéncia dum ataque de loucura que a mesma palermice lhe provocou.

Sirva ao menos, o facto, de exemplo aos ingénuos.

A dos fósforos

Os clamôres contra a desenfreada roubalheira, que essa privilegiada companhia se permitte fazer ao pais, são geraes. E comtudo o seu descarado lôgro prevalece com o assentimento dos governos que della carecem e que com ella se intendem, sem mostrarem a mais simples consideração pelas reclamações dia a dia, hora a hora formuladas na imprensa contra similhante expoliação, com que os directores e apaniguados dêsse monopólio engordam a olhos vistos, distribuindo ainda aos accionistas fartos lucros, cynicamente roubados ao consumidor.

A' abundantissima lista de protestos formulados, junta-se mais um do *Districto de Vizeu*, assim formulado:

«Continúa cada vez mais desaforada a roubalheira dos fósforos.

Agora nem as caixas de 20 réis prestam: para se accender um cigarro é preciso ás vezes gastar 10 fósforos!

Nas caixas de cêra de 10 réis e amorfos, é um logro completo.

Esta pouca vergonha só em Portugal se consente.»

Claro que só em Portugal, sob a inspiração do bello regimen que supportamos e cuja base de acção se funda no mesmo principio que a companhia dos fósforos adoptou: — expoliar.

Mas succede mais, como temos demonstrado.

Pela letra do contracto, essa companhia é obrigada ao fabrico e fornecimento de fósforos de pau e enxofre, o fósforo do pobre, chamado de *espera*. Mas a esperar por elle estamos nós, sem que a *generosa* companhia se digne apresentá-lo, e sem que o governo a force ao cumprimento dêsse dever a que se obrigou.

E' que essa qualidade não dá lucros, e então, fóra com ella.

Mas atreva-se alguem, num intuito de economia, a usar sob as vistas dum beleguim da guarda fiscal, um fuzil e um pedaço de trapo para fazer lume!

Preso logo e vexado com a multa, porque logra a companhia nos seus direitos. Quem prende e multa a companhia pelo enorme e ininterrupto logro que vem fazendo ao consumidor? A mesma guarda fiscal?

Está lá quieto, ó Ulisses!

A guarda é paga pelo Estado, não sómente para o serviço da fiscalisação official, mas ainda para defender os interesses da companhia usurpadora e cobrir lhe as roubalheiras, sacrificando o pais a supportá las.

Guarda-costas da feliz concessionária, que passa a vida assaltando nos as algibeiras, eis o que é essa guarda paga pelos cofres públicos.

Ditosa terra que é a nossa, com os seus inimitaveis governos...

Lá como cá

Appareceu o primeiro numero do jornal *Portugués*, de Lourenço Marques que substitue *O Portugués*, fôlha allí violentamente supprimida pelo governador da província, o general Gorjão.

Nêste número, o nosso collega faz a história do procedimeuto havido para com o supprimido jornal: — chamamento do director á conferéncias, para evitar a publicação de escriptos aggressivos para a Inglaterra, que podia sentir-se maguada, a púdica.

A êsses desejos satisfez a emprêsa, mas encetou uma campanha de moralidade «contra a enormidade d'abusos que todos os dias se estão praticando impunemente e muito principalmente, contra certas oligarchias, que escandalosa e criminosamente estavam explorando em seu proveito todos os ramos da pública administração».

Foi o diabo. Primeiro, querellado *O Portugués*, depois submettido a censura prévia, e por último supprimido.

Mas o jornal satisfizera aos desejos do sr. governador no que respeita á Inglaterra! Que importa isso? Feriu os melindres dos altos dignatários que fazem da administração uma cevadeira; e, accusar abusos, traficáncias e delapidações, é, em todos os dominios dêste pais, um crime punivel pelo código dos fartufos que empregam o melhor das suas actividades na prática de negócios escuros.

Não cessemos, pois, de apontar: — Veja o povo por que se perseguem os jornalistas que sabem comprehender dignamente a sua missão, e se supprimem os jornaes que não vam na corrente do convencionalismo: — por ataques violentos ao poder constituido, á dignidade das autoridades? Não! Por desmascararem funccionários indignos, por descobrirem fajardices de potentados e por clamarem contra os abusos de toda a ordem, que sam o apanágio das instituições e dum grandissimo número dos seus servidores.

E pois que assim é, como se demosntra, a orientação a tomar está naturalmente indicada.

Moëda falsa

A secção da polícia judiciária traz entre mãos um serviço de importáncia com que assignala, e bem, o começo da sua acção.

Viera superiormente, ao governo civil, reclamação ácêrca da passagem de moëda falsa de nikel, havendo a crença de que nesta região apparecia a maior abundáncia. Inteirado do facto, o sr. commissário, incumbiu-o á secção judiciária, que se houve com felicidade, não obstante inconfidéncias de informação que bastante lhe tem difficultado as deligéncias.

Prendeu, ao cabo de pesquizas, uns individuos residentes na Louzã, conseguindo-lhes ao fim de repetidos interrogatórios a confissão do fábrico e da passagem, e mais do que isso, sobre a importáncia posta em giro.

Que sam os únicos intervenientes no negócio, sustentam os presos, mas estas suas declarações fôram postas em dúvida, com certo fundamento, visto que determinadas circunstáncias quási demonstravam o contrário. Seguiram as averiguações e apurou-se alguma coisa mais que por enquanto não póde ser dita.

Audiéncias geraes

Os processos crimes a julgar no trimestre que decorre, no tribunal judicial desta comarca sam:

Janeiro, 25 — Manuel dos Santos Vinagreiro, do Valle de Cannas, por envenenamento dumas gallinhas; é defensôr, dr. Frederico Guilherme; 28 — Manuel Paixão, de Fala; Alvaro d'Oliveira, dos Fornos, Luiz Diniz, da Pedrulha; e Justino Ferreira, da Casa do Sal, subtração fraudulenta. Defensôr dos três primeiros, dr. Frederico Guilherme, do último, dr. Fortunato d'Almeida; 31 — António Martins, de Santa Clara, homicidio. Defensôr, dr. Joaquim Gaspar de Mattos.

Fevereiro 11 — António Duarte, José Augusto Abrantes, Alberto d'Oliveira e Silva e Lucas Cerveira Nunes, todos desta cidade, pelo conhecido roubo dos relógios á Portagem. Defensôres. drs. Hermano de Carvalho e Sousa Bastos; — 14 Maria Roque e outra, mãe e filha, das Casas Novas, por infanticídio. Defesores, drs. Teixeira d'Abreu e Affonso Costa; 21 — Joaquim Ferreira do Valle e António da Silva Marcellino, da Cegonheira, testemunho falso, Defensor, dr. Gaspar de Mattos.

Em todos êstes processos é auctor o ministerio público.

Bens religiosos confiscados

Uma congregação religiosa estabelecida em Paris, sob a denominação do *Menino Jesus* julgando-se privilegiada em materia tributaria, negou-se ao pagamento das suas contribuições.

Procedeu como entendeu, mas por seu turno, o governo francês tambem entendeu dever adoptar o procedimento concernente á igualdade de direitos e deveres perante a lei, e assim mandou confiscar á congregação todos os seus bens, para cobrança das contribuições por ella devidas e das respectivas custas da acção.

Assim se procede em França, onde a Republica é o systhema do governo e onde a fradaria não é permittida a pública exhibição de habitos talares. Em Portugal se algum escrivão de fazenda se lembrasse de proceder rigorosamente contra qualquer ordem religiosa para pagamento de debitos ao Estado, podia contar que era funccionario lançado ás feras.

O que não admiraria, considerada a afinidade do reaccionarismo do throno e do estado como dos *humildes* servidores da religião official.

Cámara Municipal de Coímbra

Sessão ordinária de 13 de dezembro de 1900

(Conclusão)

Presidéncia — Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes: — António Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Approvou uma proposta apresentada por um dos vereadores para que se dê o devido conhecimento aos marchantes arrematantes das barracas, em que se faz actualmente venda de carnes verdes de vacca e vitella, de que até ao dia 26 do corrente mês pelas 3 horas da tarde deverám declarar na secretaria da cámara se pretendem continuar com os talhos nas mesmas barracas até ás 12 horas da manhã do dia 31 de janeiro de 1901, pagando por êsse tempo, até ao dia 15 do mesmo mês de janeiro, a renda proporcional, sob a base das rendas actuaes advertindo que a falta desta declaração equivale á de não quererem continuar e que portanto entregarám as barracas á mesma cámara no dia 31 de dezembro.

Mandou pagar as despêsas feitas pela commissão do recenseamento eleitoral com a eleição de um deputado, que teve logar a 25 de novembro último.

Approvou um orçamento para uma escavação e remoção de terras na concordáncia da nova rua de Mont'arroyo com a oriental e occidental do mesmo bairro; e outros para a construcção de calçada naquelle ponto, encarregando dêstes trabalhos o empreiteiro da calçada da nova rua, pelo mesmo preço e em condições iguaes ás de arrematação anterior.

Mandou annunciar praça para o fornecimento de mobilia para escolas.

Approvou as condições para a arrematação de carnes verdes.

Attestou ácerca de cinco petições para subsídios de lactação a menores.

Apresentada uma conta da Imprensa da Universidade na importáncia de 124$110 réis, de despêsa feita com a impressão e papel do Relatório sobre as contas da gerência municipal no anno de 1899, com a nota de que, por conta desta despêsa, fôra já paga particularmente pelo presidente da cámara a quantia de 123$000 réis, ficando a descoberto e por conta da cámara o resto, na importáncia de mil cento e dez réis, foi dito pelo presidente que, embóra a impressão do Relatório tivesse sido auctorisada pela cámara em sessão do primeiro de março, pagára do seu bolso quási toda a quantia referida por a verba para expediente mal chegar para as restantes despêsas e por que justos melindres e nomeadamente a não approvação pela auctoridade tutelar, do reforço que desta verba propozera em um orçamento supplementar, sem que á cámara fossem pedidas quaesquer explicações a tal respeito, o impediram de propôr novo reforço e assim cumprira a promessa que fizera em 7 do mês de outubro, menos quanto ao *déficit* de 1$110 réis, que propunha fosse pago pela cámara.

A cámara approvou esta proposta e mandou pagar a quantia de 1$110 réis declarando o vereador Valle, que, em conformidade com a deliberação tomada pelos vereadores presentes na sessão de 11 de outubro, em que foi lido o officio do presidente, e a que adheriram os vereadores Braga e Novaes, não presentes áquella sessão, fosse aquella quantia de 123$000 réis rateada pelos vereadores, e que depois dalguma reluctáncia e instáncias em contrário foi acceite pelo presidente.

Sendo declarado pela commissão nomeada para tratar das expropriações para o alargamento da rua da Magdalena, que tinha contractado amigavelmente com alguns proprietários a expropriação da parte necessária dos seus terrenos, informando ácerca das condições e preço ajustado; a cámara considerando vantajosa esta negociação, auctorisou a presidéncia a assignar o contracto e a depositar o preço na Caixa Geral dos Depósitos para ser levantado pelos interessados nos termos da lei de 23 de julho de 1850.

Apresentado um duplicado da reclamação do fiscal dos impostos, José Pinto dos Santos, contra a deliberação da cámara que o suspendeu do logar em virtude de abandono de logar, e que lhe foi intimada no dia 19, resolveu a cámara sustentar no tribunal competente a legalidade e a legitimidade do seu procedimento e autorisou o presidente a fazer-se representar para este effeito em juizo.

Autorisou por último despesas diversas com obras relativas á primeira quinzena de dezembro e com serviços de expedientes, vencimentos de thesoureiro, publicação de annúncios, etc.

CIRCO

Depois das 4 bellas noites que tivemos no circo com os espectáculos da companhia do D. Amélia, de Lisbôa, annunciam-se já mais três pela do D. Maria, da mesma cidade.

Deixou-nos bem impressionados, apezar, apesar de senões de indelicadeza, a vinda de Rozes e Brazão. Se o trabalho nos agradou, não quer isso dizer que não devamos anotar facilidades, que se traduzem em menos consideroção para com o público. Os factos sam os factos, e referi-los não fica mal a ninguem: — que Augusto Rosa nos tome o reparo à conta de gostarmos de vê-lo, salvo impedimento de maior.

Dizia o prospecto da *Zaza* que o veriamos, e nessa illusão fómos até ao circo. Afinal... decepção. Augusto Rosa fizera-se substituir sem dar cavaco a ninguem.

Bem substituido? Sem dúvida; que Alves prova muita habilidade, a par dum apreciavel desejo de agradar. E consegue-o. Mas havemos de concordar que esta coisa de a gente prometter e faltar sem dizer *de si*, isto é, dar *por si* um homem, sem mais considerações por ninguem, será tudo quanto queiram, menos um acto regular. E nós queriamos ver Augusto Rosa tam correcto como homem, como quási sempre se nos apresenta como artista. Porque, veja, nem a sua amabilidade de nos *dar o Melro*, o absolve da *faltasita*, como não absolveria outro homem da sociedade.

Releve-nos o bom do Augusto a franqueza. E depois...

A elle, a João e ao Brazão, em especial, a todos depois, os nossos parabens pela maneira como conquistaram tam merecidos applausos.

Por incidente o reparo que deichamos feito a propósito de noticiarmos que:

Em 29, 30 e 31 do mez corrente teremos a companhia do D. Maria, de que fazem parte Ferreira da Silva, Augusto Mello, e Virginia, com as peças *Um pae prodigo*, *Mercadet* e *Irmã mais velha*.

Bellas peças com desempenho como estâmos costumados a vêr por tam apreciaveis artistas.

A assignatura está já aberta nos logares do costume.

A grippe

E' assombroso o desenvolvimento que aquella doença está tomando em differentes países, contando-se numa enormidade de casos fataes, devidos a complicações.

Nos Estados-Unidos, por exemplo é assombrosa a cifra de atacados dessa enformidade, tão benigna na apparéncia. Só em New-York ha mais de 700:000, vendo-se os médicos tam sériamente intrigados com o número dos obitos, que vão reünir se numa grande conferéncia para o estudo das particularidades dessa doença, que, apresentando-se sem symptomas alarmantee, tem como consequéncia afecções perigosas, occasionando a morte com notavel frequéncia.

Na Europa tambem ella se tem manifestado com extraordinária intensidade, e mesmo em Portugal, sem ter assumido, felizmente aquelle caracter mortifero.

O apreciado clínico sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira, pediu a sua demissão do logar de clinico interno do hospital, que serviu com louvavel escrúpulo e dedicação, conquistando inúmeras e merecidissimas sympathias.

Em congregação da faculdade de medicina, fôram marcados os dias 15 de fevereiro e 12 de março para os actos de licenciados dos bachareis da mesma faculdade srs. Angelo da Fonseca e Elysio de Moura.

Do governo civil subiu ao ministério das obras públicas um processo da câmara de Oliveira do Hospital, pedindo que no plano de estradas seja incluida uma municipal, de 2.ª classe, que partindo da districtal n.º 99, na povoação de Gallizes, termine no logar de Villela.

Operação cirúrgica

O alumno do 5.º anno médico, sr. Arsénio Guilherme Botelho de Sousa, aassistente do enfermo João Ferreira dos Santos, de Oliveira do Bairro, que se acha no hospital, fez lhe a pleurotomia, em virtude de uma pleurisia supurada, já tam adeantada, que foi de 5 litros a quantidade de pús extrahido.

A operação decorreu com a maior felicidade e foi praticada com a assisténcia do professor sr. dr. Lopes Vieira, trabalhando como auxiliar o sr. Armando Leal Gonçalves, alem doutros alumnos do curso.

O doente encontra-se em disposição promettedora e ficou com dois tubos de drenagem, para supuração.

PUBLICAÇÕES

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estranjeiro.*

Recebemos o n.º 792 com que esta preciosa revista completa o seu 23.º vol. e anno de publicação o que representa a vida mais longa que publicações litterárias illustradas téem logrado em Portugal. Este número é o do Natal e por isso suas illustrações e texto sam especialmente dedicadas ás creanças e celebração do nascimento do Redemptor. A gravura da primeira página é a reproducção duma formosa esculptura representando uma irmã da caridade ensinando uma criança a benzer-se. Depois seguem-se outras gravuras de graciosos quadros: A ninhada dos pintainhos; A esmola; Diabruras.

Uma formosa gravura reproducção de um sublime quadro de Raphael: A Virgem da Campina, constitue o supplemento deste número distribuido como brinde a todos os assignantes.

É ainda êste número acompanhado dos índices, frontespício e capa do volume.

A collaboração litterária é, como sempre, escolhida e nella figuram os nomes de D. João da Câmara, João d'Olivença, pseudónymo dum escriptor illustte; Esteves Pereira, D. Francisco de Noronha, Ricardo de Sousa, etc.

*

Educação Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.º anno, n.º 224.

O summário é o seguinte:

O novo século—A reforma de Instrucção Secundária—De Lisbôa, por Túlio—Caixa económica escolar de Villa Nova de Tázem—O século novo—Chrónica — Reclamações — Obras de João de Deus—Méthodo de leitura—«O Primeiro de Janeiro»—Festa escolar — A criminalidade e a instrucção—Porque será?—Secção official.

*

O Instituto. — *Revista scientifica e litterária fundada em 1852. Vol. 48.º n.º 1, relativo ao mês de janeiro de 1901.*

Matéria contida neste volume:

Differenças phonéticas das linguas e differenças anatómicas dos orgãos da falla, por *F. Adolpho Coelho*; Notas dum pae, por *Bernardino Machado*—Reforma do imposto e outros meios de simplificação e aperfeiçoamento da vida económica dos estados, por *A. A. Pires de Lima*—A pesquiza e o doseamento do ácido salicylico nos vinhos, por *J. A. Ferreira da Silva*—Dr. José Gerson da Cunha, por *J. A Ismael Gracias* — Inventores portuguêses, por *Sousa Viterbo*—As cartas latinas de Damião de Goes, par *Joaquim de Vasconcellos* — O Naufrago, por *Francisco Maria Esteves Pereira*—Os manuscriptos portuguêses na bibliotheca naciodal de Munick, por *Alfonso Hincker*—Bibliographia—Livro das odediéncias dos geraes.

*

Gazeta das Aldeias — Semanário illustrado de propaganda agrícole e vulgarisação de conhecimentos úteis; proprietário e director, Júlio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216—Porto.

Recebemos o n.º 263.

Vende-se uma casa na Couraça de Lisbôa, com o n.º de policia 93. Trata-se nas escadas de S. Thiago n.º 4.

CIRCULAR

O abaixo assignado participa que terminou com a Succursal, sita na rua do Visconde da Luz, n.ºs 86 e 87, desta cidade, ficando só com o seu antigo estabelecimento denominado **A Elegância de Coimbra, Sapataria de Manuel Teixeira, Largo do Castello,** 64, 66, onde espera continuar a receber o favor das ordens dos seus freguêses e do público em geral.

Coimbra, 1 de janeiro de 1901.

Manuel Teixeira.

Agradecimento e despedida

José do Nascimento Loureiro, quási restabelecido dumas adnites escrophulosas, que o obrigara a guardar o leito desde abril de 1900 até hoje, vem, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, testemunhar aos ex.mos clinicos srs. drs. Sousa Refóios, João Jacintho da Silva Correia e Daniel de Mattos, a expressão sincera do seu inolvidavel agradecimento, pelos serviços que lhe ministraram na sua tam melindrosa operação a que se submetteu em 7 de julho passado.

Em especial, ao seu médico assistente, ex.mo sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira, pelo interesse e amizade que sempre lhe dispensou; em homenagem ás suas excellentes qualidades e à amizade que lhe dedica, a expressão mais do que sincera do seu agradecimento, que só com a gratidão poderá remunerar.

A todas as pessôas da sua amizade, e ainda ás que directa ou indirectamente procuraram saber o seu estado, e particularmente ao sr. António Soares Lapa, proprietário do Hotel Commércio, e a sua familia, pela distincção com que sempre o trataram durante a permanéncia na sua casa, o testemunho do seu agradecimento; aos seus amigos intimos cujos nomes tem agravados no seu coração, que se abstem de mencionar, offerece o seu limitado prestimo na cidade do Porto, para onde retira.

Coímbra, 14 de janeiro de 1901.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

No juiso de direito da comarca de Coímbra e cartório do escrivão do primeiro officio, na acção de separação de pessôa e bens requerida por D. Anna de Jesus Oliveira contra seu marido Seraphim Augusto Nunes da Costa e Vasconcélloz, ambos residentes nesta cidade, foi a separação autorisada pelo respectivo conselho de familia e homologada a deliberação dêste por sentença de dez do correnre mês.

Coímbra, 14 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O escrivão,
R. Calisto.

O escrivão interino,
J. A. Lopes Ferreira.

ANNÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quinto officio—Carvalho—foi instaurada uma acção de interdicção, por demencia, em que é arguido Jacob da Encarnação, solteiro, maior, proprietario, residente no logar e freguezia do Ameal; e por sentença de nove de janeiro de mil nove centos e um foi julgado o mencionado arguido, interdicto dos direitos civis e privado da administração de seus bens.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

PADRE

Precisa-se de um para capellania, e que tenha exame para professôr de instrucção primária, para accummular êstes dois logares, e que devem dar uns 400$000 réis annuaes. E' para um logar próximo da Figueira da Foz.

O que estiver nas condições queira dirigir-se à redacção da *Gazeta da Figueira*, na Figueira da Foz, onde se prestam todos os esclarecimentos.

FIO D'OURO

Perdeu-se um, torcido, com um crucifixo, uma Senhora da Conceição esmaltada, tudo d'ouro e um berloque de prata, feitio de bilha; tudo enfiado no mesmo fio, no domingo 13 do corrente à tarde, desde a rua d'Alegria à Arregaça principios da Ladeira do Seminário e daqui pela Estrada da Beira ao Largo Principe D. Carlos.

Pede-se a quem o tiver achado a fineza de o entregar no estabelecimento de Adrião dos Santos Mortágua, sito no mesmo Largo Principe D. Carlos n.º 43, onde receberá bôas alviçaras.

MARÇANO

Na rua da Sophia n.º 44 precisa-se de um rapaz de 13 a 14 annos e que tenha alguma prática de negócio.

Trata-se com António d'Almeida e Silva.

---

37 Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

DUODÉCIMO QUADRO

AS DERROTAS

Muito gordo, muito vermelho, absolutamente congestionado, parecia fulminado pelo calôr abrazador; de mais todos estavam egualmente oprimidos, com o mesmo arquejar surdo no meio do zumbido das abelhas, e das moscas triumphantes. Os homens limpavam a testa descoberta, as senhoras abanavam-se discretamente com os lenços, arriscavam-se a abrir os guarda-sões; e as camisas dos coveiros molhavam-se na cintura.

O padre pronunciou as palavras do ritual, enquanto os meninos do coro se dobravam para olhar para o caixão.

Um cavalheiro muito pollido, muito correcto, alinhou a familia ao longo dos tumulos.

E começou o desfilar.

O exforço de cada um por não deixar cair o hysope de metal, para desenhar bem no vasio o signal de redempção, tornava-se muito saliénte na rigidez do gesto, ao mesmo tempo que uma curiosidade invencivel lançava os bustos para deante.

Naquella última saüdação ao pobre despojo, áquella coisa que tinha pensado, amado, todos se inclinavam deante do Mal. Todos o conheciam nas suas formas diversas e todavia da mesma essência. Todos se humilhavam deante da sua obra, e tremiam sentindo-o em si.

O desfillar continuava sempre, curvava todas as cabeças, as cabeças redondas das mulheres novas, as cabeças masculinas dos brilhantes officiaes, as nucas rigidas dos velhos.

Restava aínda uma tarefa: os comprimentos banaes que se dizem de mais, por se saberem inúteis, mas que sam um modo de mostrar que se veio.

O coronel chorava. Queria tirar o lenço e por isso tirou as luvas. Embaraçado pelo Kepi, descalçou-as puxando-as com os dentes; e a sua pobre figura usada pelos cuidados, em que as lagrimas encontravam sulcos já abertos, era mais lastimavel aínda naquelle gesto puéril. Diziam lhe phrases inintelligiveis. Um dos seus chefes do ministério veio ter com elle:

— Que golpe terrivel meu pobre amigo! Creia nas minhas sympathias.

A chorar, mas em voz alta, o coronel replicou:

— O seu testimunho é-me muito grato. O presidente da República teve a amabilidade de me mandar os pêsames, e não póde acreditar, como lhe estou agradecido.

Madame Francesco conservou-se calada sob os seus longos véos de crepe. Senhoras beijavam-na a todo o instante. O seu ser desdobrava-se: um estava todo entregue à dôr, o outro continuava o seu papel d'acção.

Pensava, chorando. Exactamente nessa occasião, veio beijá-la Madame Armendir, ruidosamente, dos dois lados.

— Pobre e querida amiga!

— Vibora! pensou Madame Francesco.

Na carruagem que as tinha trazido ao cemitério, a mulher do auctor não tinha cessado de glorificar os talentos d'escriptor de seu marido. «Imagine, minha querida que tem uma peça que foi recebida no Ambigue, uma em correção no *Français*. Contamos muito com o Odeon. Um trumpho».

Madame Francesco sentira se mordida no coração.

Trocavam-se os últimos apertos de mão. Desfiavam-se os grupos negros. A pressa tornava a gente ligeira.

Ballier veio cumprimentar a mulher do esculptor.

Trocados os cumprimentos dizia mostrando os dentes brancos no meio dos lábios vermelhos:

— Fiz uns calculos para amanhã...

Ella respondeu ousadamente, com os olhos nos d'elle.

— Irei ve-lo.

Blondel que ficára para traz, saboreava com delicias o socego dêstes bairros espaçosos.

O tempo esplendido sorria.

— Vá lá. Este pobre Jean tinha razão: a vida é boa. E' uma amante que a gente sabe que é pérfida e má; mas tam voluptuosa... Tem-se vontade de lhe bater e de a adorar.

E depois é necessário um equilibrio entre a alegria e a tristêsa: d'onde virá êste animal inquiétador e mortal, cuja mordedura ataca tanto a alma, como o corpo... mais cedo ou mais tarde.

Alargou o peito, deitou para traz os cotovellos e a cabeça.

Na praça, da sua victoria parada, Anna Petersen fazia lhe signaes agitando o seu guarda-sol de rendas. A cantôra era sua amante desde a sua estada em S. Petersburgo? já ha um mês!

Accrescentou comsigo mesmo, um pouco ironicamente, saltando para o lado dêlle.

— Vive-se com o seu mal... até se morrer dêlle.

FIM

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis	o litro
» » » » a	80 »	»
» verde de Basto a	90 »	»
» branco de Torres Novas a	90 »	»
» » de Mangualde a	90 »	»
Vinagre a	80 »	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130 »	»
» (2.ª qualidade) a	110 »	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240 »	»
» » » (2.ª qualidade) a	200 »	»
» » » (3.ª qualidade) a	180 »	»
» » figo a	120 »	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240 réis	
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240 »	
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180 »	

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZIHNA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 0|0 no consumo do gaz

Escriptório e officinas Rua Garrett, 48, 1.º, Lisbôa

BICO AUER

Armazem de vendas e exposição 50, Rua Garrett, 52,—Lisbôa

Bicos n.º 1 a 4$000 réis **que custavam** 6$000 réis

Bicos n.º 2 a 4$500 réis **que custavam** 6$000 réis

Bicos n.º 3 a 500 réis **que custavam** 700 réis

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeeiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coímbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

Á GRANDE ALFAIATERIA

LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46

COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinário e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanellas, Pannos Moscows, Montagnaes e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas-talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobrecasaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos pódem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Córte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer
vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 10 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 2.º officio Joaquim Alves de Faria, correm éditos citando as pessôas que tiverem direito sobre:

601 m²,0820 de um quintal situado nas ameias, junto a linha e á estação dos caminhos de Ferro de Coimbra A, pertencentes ao dr. Henrique Manuel de Figueiredo;—a propriedade de raiz de outro quintal entre o anterior e a rua da Magdalena, pertencente á Santa Casa da Misericórdia, desta cidade;—e duas fachas de terreno no dito quintal nos limites nascente e sul, as quaes medem 1 m²,172,90 pertencentes a D. Maria da Conceição Costa Carvalho e marido Eduardo de Carvalho, usofructuários ao mesmo quintal.

Estes terrenos foram expropriados amigavelmente, pela camara municipal dêste concelho, para abertura duma avenida, porisso é pelo presente, sam citados quaesquer interessados que se julguem com direito aos alludidos terrenos, para no praso de dez dias a contar da última publicação dêste annúncio, deduzirem o mesmo direito, sob pena de serem adjudicados á expropriante como livres e desembaraçados nos termos do artigo 43.º da lei de 23 de julho de 1850.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,
R. Calisto,

O escrivão,
Joaquim Alves Faria.

EDITAL

A Câmara Municipal de Coimbra, faz saber que no dia 31 do corrente mês, pela uma hora da tarde, volta á praça na sala das sessões, a arrematação da lenha de pinho de que precisa durante o anno corrente para as máchinas elevadoras das águas.

O fornecimento é de 3:000 m³,o metros e a base de licitação é de 800 réis por metro.

As mais condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da câmara, onde pódem ser examinadas todos os dias úteis das 10 ás 3 horas da tarde.

Coimbra, Paços do Concelho, 10 de janeiro de 1901.

O vice presidente
António Francisco do Valle

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Courança de Lisboa, 32.

ANNÚNCIO

(2.ª publicação)

Por êste juizo de direito e cartório do primeiro officio se annuncia que no dia 3 do próximo mês de fevereiro por 11 horas da manhã, ha de ter logar á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na Praça Oito de Maio, a arrematação em hasta publica das propriedades abaixo designadas, mandadas vender por deliberação do conselho de familia para pagamento do passivo approvado no inventário orphanologico por obito de Maria do Carmo, moradora, que foi, no logar do Paço, freguesia do Botão, a saber:

A oitava parte duma terra de semeadura com oliveiras no sitio da Ribeira, limite e freguesia do Botão, *pro indiviso* com herdeiros de Manuel Pereira, do Botão, que vai á praça em 48$000 réis.

A oitava parte duma terra de semeadura e pouzio, que foi vinha, no sitio do Valle Soeiro, dito limite e freguesia, que está *pro indiviso* com aquelles herdeiros e vai á praça em 20$000 réis.

Sam por êste citados para assistirem á praça quaesquer crédores incertos.—Coimbra, 9 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito.
R. Calisto.

O escrivão interino,
José António Lopes Ferreira.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

CASA MEMORIA

DE

ANTONIO JOSÉ ALVES

R. do Visconde da Luz

COIMBRA

A este deposito de mechinas e velocipedes, acaba de chegar uma nova remessa de **Pianos** vindos directamente do fabricante, que se vendem a preços sem competência.

Pede-se ao respeitavel público, que deseje fazer compra deste artigo, para examinar os preços e qualidades para se certificarem de que nesta casa se vende mais barato do que em qualquer outra do Porto ou Lisboa.

Tambem se tomam encommendas de **Pianos** de qualquer autor que se deseje.

Dam-se todos os esclarecimentos.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173—COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoven, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

COIMBRA

N°. 615 COIMBRA—Domingo, 20 de janeiro de 1901 6.° ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 — Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral — Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

Seriedade?

Póde ainda haver, mesmo entre os espiritos mais cultos, quem supponha na acção dos trabalhos parlamentares que estam decorrendo em Lisbôa, algum pouco de seriedade, ao menos apparente? E' possivel; e contudo os factos bem demonstram que tal supposição é absolutamente carecida de fundamento.

Para admittir seriedade nêstes trabalhos, imprescindivel seria encontrá-la nos elementos constituintes da cámara, e de tê-la visto em taes elementos ninguem póde ainda vangloriar-se.

Lêem-se os resumos dos debates desde a abertura das côrtes, e depara-se com a maior das impudéncias. Sessões gastas em tiroteios de phrases bregeiras, na discussão dos homens que fôram ou são ministros.

Discussão, por exemplo, do *bill* de indemnidade. Quem ha entrado especialmente nella? Os ministros d'hoje a quem interessa a absolvição da ditadura, e os ministros da situação passada que pretendem fazer aggravo aos sucessores. Mas ha discussão sobre os principios fundamentaes em que um governo póde ou deve soccorrer-se dessa faculdade administrativa? Não ha. Exhibe-se a mutualidade de motejos, significando o ataque e a defeza um jogo de resentimentos entre pessoalidades, e nunca uma critica fria e acirada, isenta de paixões e facciosismo. E o exemplo que fica é nocivo, deprimente mesmo, para a lição de civismo e de dignidade individual que do parlamento devia irradiar para o país.

o

Vêem succedendo-se os dias nessa jogralidade irritante. Vamos na última terça parte do primeiro mês de parlamentarismo, e não ha uma discussão de algum interesse e valor terminada. Antevê-se por isso que o interregno parlamentar, de addiamento em addiamento, vai ser longo, sem que uma razão ponderosa lhe justifique a longevidade. Parece tê-lo comprehendido um homem, num assomo de pudor, e é ouvido com agrado na sua proposta para:

As sessões começarem mais cêdo, e para que as haja mesmo nos dias em que funccione a cámara alta. E' de João Franco, e parece destinada — primeiro a dar uma reprimenda à esterilidade de trabalhos até hoje reconhecida; segundo a indicar a necessidade de ganhar-se o tempo perdido nessa mesma esterilidade.

Ouvido, por isso, com igual aggrado, o appoio que à proposta deu toda cámara — a maioria regeneradora de que o proponente parece fazer parte e a minoria progressista.

Decorrem horas e chega o outro dia, o immediato, note-se, ao da apresentação e approvação da proposta;—faz-se a chamada e não ha sessão, por não estar na sala número sufficiente de deputados!! Quem faltava? Um grande número de progressistas, quási toda a maioria regeneradora e até—pasmem oh! gentes —o próprio sr. João Franco, o autor da proposta!! Quer dizer, *tudo aquillo* renegou hoje a promessa d'ontem, provando, numa demonstração vibrante de ridiculo, que a seriedade é predicado desconhecido a ss. ex.as.

Como póde, pois, haver seriedade nessa cámara, se ella falta aos homens que a constituem?

o

Do tempo consumido sem proveito. Admittindo mesmo que o tivesse levado a rigorosa apreciação da dictadura, occorria perguntar ao que vinha o estravasamento rethórico.

A dictadura é o facto de um governo proceder, mesmo naquêlles actos em que carecia de auctorisação especial, a seu completo alvedrio, apresentando depois no parlamento umas explicações em pedido de graça? Tal qual. Mas ha uma outra espécie de dictadura, que segue à primeira: —é a de os governos não governarem sem maioria, e com ella procederem do mesmo, sempre, a seu completo alvedrio, porque tudo quanto pretendam, quanto desejem, tem approvação incondicional da tal maioria, que nêste caso representa a dictadura.

Succede isto com progressistas e regeneradores — logo nenhum dêsses partidos póde accusar o outro de incorrecto e atribiliário; — logo a discussão que simulam é ficticia, pura e simples paneceia, que serve apenas ao ensejo de fazer a apresentação de creaturas que *pretendam iniciar carreira,* como ainda ha dias o affirmou Alpoim com o assentimento de amigos e adversários politicos.

Ha, pois, ou póde haver seriedade nos debates parlamentares? Não. E para a não haver se empregaram todos os artificios e cýnicas traficáncias que afastaram de lá os deputados republicanos, que dariam áquillo algum caracter de honestidade e pudor.

Preciso se torna identificar êstes actos, para demonstração ao país que se desinteressa pelas questões da administração nacional, ás massas eleitoraes para convencerem-se de que a vergonha parlamentar que aí temos é o reflexo da vergonha com que ellas se entregam, sem escrúpulos nem seriedade, ao primeiro aventureiro que se depara a pedir o voto para um troca-tintas ou velhaco que pretende **fazer carreira,** alugando-se a qualquer dos bandos do regimen, que mais prometta.

Póde a demonstração não dar os precisos e urgentes resultados? Não importa. Ficanos a consciéncia de procedermos com dignidade, fazendo-a, no espirito de provocar a reconsideração.

Orçamento camarário

A vereação municipal vai dirigir a el-rei uma representação referente ás alterações feitas ao orçamento camarário do corrente anno. Um protesto contra essas alterações, está bem de ver, e que certamente não será formulado apenas com futilidades de explicação, mas com argumentos bem demonstrativos da parcialidade que possa ter havido. Doutro modo não valeria a pena o incommodo.

Dizem-nos que assim succede, que a representação é acompanhada de documentos e confrontos reveladores de propósitos e incongruéncias, e que se não servir a uma reparação, servirá pelo menos a pôr bem a nu manifestações da politiquice indigena.

Provará que o facto dum correspondente ter noticiado as alterações antes do orçamento seguir para Lisbôa tem o seu pedaço de estranheza?

Aguardemos a apparição, para ver-se o valôr e a razão ou sem razão do protesto.

Dissertação

Pelo professôr de medicina sr. dr. António de Pádua, foi dado o ponto para o acto de licenceado que o bacharel na mesma faculdade, sr. Angelo da Fonseca, tem de fazer em 15 de fevereiro. E' sobre matéria médica e intitula-se—*Mechanismo da acção medicatriz.*

Archivemos

Na *Mala da Europa* lê-se o seguinte telegramma do seu correspondente em Paris:

«O senador Guerin participou que interpellaria o ministro dos negócios extranjeiros a respeito da divida portuguêsa, no intuito de salvaguardar os interesses dos portadores da mesma divida».

Com vista aos nossos famosos estadistas, cuja habilidade de negociações e honra de proceder, dá margem a prevenções como a que se traduz do telegramma transcripto.

Declaração de vingança

Ha poucos mêses, quando o actual ministro da justiça entrou de remecher a obra do notariado deixada pelo seu antecessor José d'Alpoim, os orgãos officiosos do progressismo bordaram as mais duras invectivas à remechedella, e o *Correio da Noite* declarou solemnemente que o partido progressista, mal volte ao poder, inutilisará por completo tudo o que em matéria notarial faça o titular da pasta da justiça na situação ministerial regeneradora.

Posto que o *fazer* e *desfazer* de reformas, em obediéncia à necessidade de contemplar maior número de correligionários e amigos, seja a preoccupação primacial dos pseudo estadistas dos dois partidos da rotação, houve muita gente que viu na ameaça do *Correio da Noite* uma simples bafarada de desespero, um desabafo de occasião. Outros tomaram-a à conta dum prenúncio certo para futuro proceder, vendo-se agora que foram êstes os mais acertados na presuposição.

José d'Alpoim, o da refórma que Campos Henriques vem esphacelando, acaba de declarar em pleno parlamento, e em nome do chefe do seu partido, que mal attinjam o poder será revogado o decreto notarial com que Campos Henriques inutilisou o *outro,* dando, diz, reparação completa aos funccionários expoliados e não mantendo a situação creada aos favorecidos pela nova refórma.

Claro que não ficou sem troco. Campos Henriques contestou, mas, pergunta-se:—o incidente obrigou a explicações, ou uma discussão donde se apurasse ou apure qual das refórmas é mais consentanea com todos os principios da equidade e da justiça a preferir?

Menos isso. Apenas a escaramuça do dichote, e... adeante.

O acto foi dictatorial; entra, por isso, no grupo dos submettidos à *mercê* do *bill de indemnidade,* a chapa com que as maiorias sanccionam toda a casta de illegalidades e ruins actos ministeriaes. E por que o *bill* é concedido, Campos Henriques limitou-se à declaração de que os defeitos accusados na sua obra por Alpoim estam positivamente na dêste, agora remediados por elle. E não mais demoras. D'aí a declaração: —*quando eu volte ao marechalato das justiças, desfaço tudo...*

Veja-se como se comprovam os nossos dizeres de ha dias:— que a actual sessão legislativa será de largo interesse para nós, propagandistas do futuro, em casos a salientar e condimentar, como demonstração do que é e do que vale o parlamento, feito, com o assentimento das populações eleitoraes, à imagem e similhança dos governos; e ainda do que representa para a ruïna e descrédito do país, a acção dos mesmos governos, appoiados em maiorias compostas de velhaquetes e inconscientes.

Os casos aí começaram já, e êste de notariado é significativo...

Que se preparem os interessados para soffrerem as consequéncias de taes caprichos: — protegidos d'ontem passaram hoje à situação de reprobos, até que volte o seu S. João, promettido por Alpoim:—a dança que organisam os nossos ministros a propósito de tudo.

Mas ha altas questões, de interesse capital para o país, a tratar com isenção e critério?... Ha, positivamente, mas o fósforo dos ministros do regimen é fraquissimo de *poder alluminante,* e, não póde abordá-las sem saír disparate.

Como curolário, o compromettimento de tudo o que à nação interessa para o seu resurgimento moral e material.

Visita de agradecimento

Está na forja outra viagem real ao Porto. Lá para fins de maio ou principios de junho, antes da viagem aos Açores, servindo de pretexto a inauguração da *kermesse* e outras festas que se projectam na capital do Norte, para com o producto se erigir o monumento a Garret.

Aos directores, emprezários de vivas e cabos de comparsas, que serviram nas funçanatas da última viajata à invicta, já o monarcha distribuiu os *prémios merecidos;* resta-lhe agora ir testemunhar *à cidade* o seu reconhecimento, pela prova de amôr que lhe dispensou, *não mandando* agora ao parlamento deputados republicanos. Ou melhor referindo, resta-lhe ir banquetear-se com os seus leaes servidores de lá, que pozeram todo o seu empenho em roubar com chapelladas, violéncias e toda a ordem de falcatruas, a victória certa à lista republicana, o que foi extremamente agradavel ao régio coração...

Segue pois a lista dos dispéndios em inutilidades, enquanto emissários andam lá por fóra a lutar, sem resultado, contra a justa exigéncia dos crédores externos, que vêem com espanto como por cá se malbarata o que deviamos utilisar para a satisfação de compromissos. E que importa isso!

Compraza-se el-rei e aguente-se o regimen, mesmo à custa dos mais condemnáveis expedientes, enquanto vivemos, e que venha depois o dilúvio...

A questão da China

Notícias importantíssimas recentemente chegadas do Extremo-Oriente confirmam plenamente o desaccôrdo do *Tsung-li-Jamen* com o embaixador russo em Pekin, não reconhecendo a legalidade da decisão dos representantes das poténcias ácêrca da condemnação do supremo chefe dos *boxers*, o principe Tuang, e contestando a clausula da indemnisação a fixar no tractado de paz na parte respectiva ás concessões a estabelecer no tocante à tolerância dos diversos cultos.

Esta incomprehensivel resistência ás condições dictadas pelas poténcias parece obedecer a secretas instigações da Inglaterra, extraordinariamente alarmada com o crescente poderio da Rússia na China, que bem claramente se traduz na successiva occupação das praças do Mandehuria e na plena concessão da conclusão do trans-siberiano, o grande caminho de ferro ligando Saint-Petersbourg a Pekin e passando por Tobolsk, Tomks, Kolyvan, Irkurts, Kiachta, Maimaitchin, Kooknoor, Triensi e Woo-chung.

Estes factos significam para a Rússia a consolidação do seu predomínio na Asia oriental; acontecimento êste que não convem à Inglaterra que por todos os meios pretende levantar obstáculos à expansibilidade moscowita no Extremo Oriente, instigando secretamente os principaes funccionários do Celeste Império a resistirem à influéncia russa.

A nova phase em que entrou a politica inglêsa na questão da China não é, porém, desconhecida e muito menos desattendida em Saint-Petersbourg e a orientação diplomática do novo titular da pasta dos negócios extranjeiros do gabinete russo-conde de Lamsdorff — manifestamente favoravel aos interesses da França no Extremo Oriente assim o deixa antever, e o que acaba de succeder na pacificação das províncias centraes do Império, especialmente em Nanking, demonstra plenamente a fôrça da dupla-alliança e a influéncia da sua política, quando é opportuno manifestar-se. E' a este objectivo que obedece o conde de Lamsdorff.

Consequentemente esta linha de proceder estabelece um inconciliavel antagonismo entre a Inglaterra e a Rússia na questão da China, podendo se filiar nêste facto a resisténcia do príncipe Tokung e de Li-hung-Chang nos projectos do governo moscowita no Extremo Oriente, de que certamente resultará o rompimento das negociações.

A impotente má vontade da Inglaterra para com a Rússia é vergonhosamente revellada por um dos orgãos mais importantes da sua imprensa e conceituada fôlha da opinião conservadora do Reino Unido, *The Manchester Guardian*, que exprime a convicção de que o Império Moscowita está de facto senhor de Mandchuria, embora o seu governo o não proclame devido à attitude das poténcias do Occidente!

Fundamentando a sua opinião, que me abstenho de classificar, a mesma fôlha inglêsa conclue o seu espantoso artigo pelo seguinte período em que a hypocrisia de caso com o cynismo, e a que certamente a imprensa russa tem de responder:

«Reduzidos ás nossas próprias fôrças nada podemos fazer contra a Rússia. A guerra sul-africana deve ter desalentado todos os exaltados. O mais prudente, portanto, será approvarmos o que está feito em vez de nos insurgirmos, já que não temos tenção de morder.»

O período que fica transcripto não é mais do que uma humilhante confissão de impotência da grande nacionalidade dominadora dos mares em luctar abertamente com a Rússia e a França, alliada daquêlle poderosissimo Império; mas na sua essência encobre, ou pelo menos tenta encobrir os verdadeiros intuitos da Inglaterra, afinal plenamente revellados na franca e decidida opposição do principe Tohung — irmão do próprio imperador da China — e de Li-hung-Chang, vice-rei do Cantão, ás clausulas impostas pelo governo russo e que constituem integralmente a doutrina da projectada convenção russo-chinêsa, em risco de se mallograr por culpa dos inglêses.

Ordenando à sua imprensa a execução dum odiosissimo plano de retirada em face das graves complicações politicas que occorrem no Extremo Oriente para illudir a Rússia na questão da China, o gabinete de Saint-James justifica o cognome de fé púnica universalmente dado à sua diplomacia!

Mas o plano tam machiavellicamente urdido com uma habilidade que fazia inveja aos estadistas carthaginêses, foi completamente desmarcarado pela inépcia dos dois funccionários chinêses, que a Inglaterra ora abandona à legitima cólera da Rússiâ, depois de os ter instigado à resisténcia!

O castigo não recairá unicamente sobre os cúmplices por mais culpados que elles sejam, porque a hora inexoravel da justiça tambem soou contra a oppressora do Orange e do Transwaal e a infiel alliada do desgraçado Portugal.

FAZENDA JUNIOR.

Gymnásio de Coímbra

Reüuniu ontem a assembleia geral ordinária desta prestante associação para lhe serem presente as contas e relatório da gerência do anno findo, parecer da commissão fiscal e eleição dos novos corpos gerentes que têem de administrar aquella casa durante o corrente anno.

Presidiu o sr. dr. Fernandes Costa secretariado pelo sr. João Sarmento e por um académico. Approvada a acta e entrando-se na ordem do dia, foi pelo sr. presidente da direcção Cassiano Augusto Martins Ribeiro lido o relatório e parecer de contas e exposto o estado financeiro do Gymnásio que accusa um *deficit*, devido a actos anteriores á gerência a que elle presidiu; lembrou a conveniéncia de se modificarem os estatutos e para que isso se fizesse com mais rápidês propunha para que se nomeasse uma commissão administrativa.

Posta á votação esta proposta, foi acceite por unanimidade, sendo depois, pelo sr. dr. Augusto da Costa Pereira, apresentado um additamento á proposta para que a commissão a nomear fosse de 5 membros, e para que ficasse com poderes de reformar os estatutos. Approvado, foi nomeada a commissão que ficou composta dos srs. dr. Fernandes Costa, Manuel Augusto Rodrigues da Silva, António de Moura e Sá, Gaspar dos Santos e Cassiano Ribeiro.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

Assembleias académicas

Pelo visto, entre a academia está sendo latente o maior desinteresse pelas suas assembleias geraes, embora a convocação dellas seja feita para tratar assumptos que de certo modo devam ser considerados.

Ao que se deva o facto, não é fácil ver, e com tudo ha quem o attribua à divisão resultante da última eleição para a gerência da associação própria, eleição que foi renhidissima e demorada, em que houve uma infinidade de protestos e em que certa intervenièncía da policia, pedida pelo presidente da mêsa — bem ou mal não nos é dado apreciar — deu margem a resentimentos.

A verdade é que as últimas assembleias, antes das férias do Natal, foram notavelmente escassas de concorrência, não se tratando os assumptos primordiaes, e que ainda agora se nota a mesma frieza a provocar rezoluções que traduzem manifesto desgosto.

Das assembleias anteriores vinham sendo addiadas decisões sobre a visita da tuna de Valladolid que parece chegara Coimbra em 14 de fevereiro, e sobre a resposta ao convite para a academia se fazer representar na manifestação, que hoje se realisa em Lisboa, de homenagem ao saüdoso e inolvidavel Eça de Queiroz. Foi, pois, convocada uma assembleia para quinta feira, ao fim das aulas, e, como anteriormente, a concorrência assignalou-se por uma notabilíssima minoria.

Consequencia immediata: — o presidente da academia, sr. João Duarte de Oliveira, formulou o seu pedido de demissão, affirmando terminante e cathegoricamente que a sua resolução era inabalavel, e o delegado do curso do 2.º anno juridico á grande commissão organisadora das festas de recepção á tuna espanhola, demittiu-se tambem, por falta de saüde, como declarou.

Nada, pois, resolveu a assembleia sobre aquelle assumpto, e nada resolveria, decerto, sobre o segundo — representação na homenagem ao grande litterato extincto — se mais tempo houvesse para addiar. Mas a manifestação era hoje e não havia que ter hesitações. E aquella evidentissima minoria, reconhecendo, numa positiva revelação de bom senso, que era necessário salvar um pouco a honra da communidade, não duvidou nomear a commissão para ir a Lisboa representar toda a academia.

Sensatamente procederam tambem os nomeados, embora por tam escasso número de assistentes, em acceitar o delicado encargo de que se desempenharám superiormente, contribuindo pelas suas condescendéncias, para que se evitasse a possibilidade duma falta que não seria nada grata aos tam sympáthicos antecedentes da classe académica.

A commissão ficou composta dos srs. António Aurélio da Costa Ferreira, João Lúcio Pousão Pereira, João dos Santos Monteiro, Augusto de Castro (Filho), José Eugénio Ferreira, João de Vasconcellos Correia de Barros, Joaquim Teixeira de Paschoaes e José Bruno Tavares Correia.

Associação Commercial

A eleição para a geréncia do anno que decorre, desta importante associação, recaiu nos srs.: Pedro Ferreira Dias Bandeira, presidente da assembleia geral; António Augusto Neves, 1.º secretário; António Nunes Correia, 2.º secretário; Francisco Villaça da Fonseca, presidente da direcção; Manuel António da Costa, vice presidente; João Alves Barata, 1.º secretário; António Mendes da Luz, 2.º secretário; António José Fernandes, thesoureiro; António Fernandes e José Monteiro dos Santos, vogaes.

CARTA

Solicitam nos a publicação do que segue:

Lisbóa, 17 de janeiro de 1901.

Ex.mo Sr. Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho.

Presado amigo

Pelas relações d'amisade e sympathia que nos ligam, permitta v. ex.ª que tomemos a liberdade de lhe rogar que seja intérprete do nosso reconhecimento pelas manifestações de affecto com que se dignou honrar-nos um grupo de académicos dessa cidade distinguindo-nos com um delicado mimo, que para nós symbolisa um penhor de generosa affeição e que cotamos no mais subido valor.

Egualmente solicitamos o favor de tornar público o nosso agradecimento por todas as provas de distincção e sympathia que acabamos de receber da illustrada academia e do público conimbricense.

Sendo intérprete v. ex.ª dos nossos sentimentos para com todos, permitta v. ex.ª que em particular lhe apresentem os protestos da nossa maior estima e consideração os

De v. ex.ª
m.to att.os vn.res

(a) João Rosa
Eduardo Brazão
Augusto Rosa.

Mercado de Coímbra

Os preços dos cereaes durante a semana finda, foram os seguintes:

Trigo de celorico, novo, graúdo, 620—Dito, novo, tremês, 630—Milho branco, 470—Dito amarello 470—Feijão vermelho, 760 Dito branco, meudo, 740 — Dito branco, graúdo, 780 — Dito rajado, 520—Dito frade, 480 — Centeio, 520—Cevada, 380—Grão de bico, graúdo, 740 — Dito meúdo, 640—Favas, 490—Tremoços, 20 litros, 400.

Azeite da colheita de 1898, fino, 2$200 a 2$250; de 1899, 1$500 a 1$900, conforme a qualidade.

Os srs. António Vieira de Campos, dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa e Seraphim Gomes Ferreira, acabam de ser nomeados vogaes do conselho de agricultura.

Fallecimento

A's 4 horas da tarde d'ontem começou a circular a noticia, infelizmente verdadeira, de ter succumbido, na Conraria, a filha do sr. dr. Maximino de Mattos, e esposa do sr. dr. Joaquim Festas, médico na Murtosa, D. Júlia Falcão de Carvalho, que ha poucos dias fora operada pelo sr. dr. Bordalo Pinheiro, de Lisbôa, em consequéncia duma salpingite suppurada.

Complicações sobrevindas, e com as quaes parece se contava, em virtude de affecções de caracter tuberculoso, que lhe encontráram no acto da operação, foram a causa da morte.

O funeral da desditosa senhora foi hoje ás duas horas da tarde, ficando o cadáver sepultado no cemitério de Ceira.

A' familia enluctada os nossos pésames.

CARNES

Está já annunciada nova praça para a arrematação, em 7 de fevereiro, do exclusivo do fornecimento de vacca e vitella. Propostas em carta fechada, e sob as condições e tabella exaradas no edital de 20 de dezembro.

Pouco viverá quem não chegar a ver uma terceira decepção. Certissimos de que não têem concorrentes, como as duas últimas praças claramente demonstraram, e de que ao exclusivo por conta da cámara se levantam difficuldades nada faceis de remover, os marchantes continuarão a rir da tentativa, e a fazer o jogo para obrigar á manutenção do regimen em que se está e que lhes é tam conveniente.

E depois, como a cámara não quer conter nos limites da respectiva acção a creatura que está dirigindo a manobra, quando não póde envolver-se na questão de carnes, soffre as consequéncias de não querer ver...

Carta de Loanda

29 de dezembro de 900.

Para se fazer uma pequenissima ideia dos bandos de pretos que, em dia de saída de paquete, atravessam as principaes ruas desta cidade, tal e qual manadas de carneiros, basta dizer-se que não ha um único paquete que deixe de levar para S. Thome 70 a 80 *serviçaes*.

Ora havendo mensalmente três paquetes, temos cada mês uma *exportação* de 240 homens, ou seja no anno a linda somma de 2880, que não mais voltam de S. Thomé. Isto sem fallar nos que os *contratadores* mandam de Benguella, Novo Redondo, etc.

Era de justiça — pede-o mesmo a boa razão, exige o a illustração — que se acabasse com essa vergonha a que, á falta doutro, dám o nome de contrato.

— O cónego Luís Maria, actualmente aposentado, *possuia* uma banda de música composta de serviçaes seus. Ha pouco mais dum anno *offereceu* os músicos a um amigo e êste, pela sua parte, *offereceu-lhe* 1:800$000 réis para... charutos.

Os commentários os leitôres que os façam.

— E' hoje vespera de eleição, que vai ser renhida. Se a entrada fôr livre aos eleitôres e os governamentaes, que dizem ham de vencer custe o que custar, não provocarem desordens, Eduardo d'Abreu terá a victória.

O commércio vota à chapa por êste illustre e intelligente médico republicano.

— Foi ha dias assassinado, na rua do Franco, um pobre corneteiro reformado de caçadores n.º 2.

— Para os lados de S. Pedro da Barra anda muito à sua vontade, e armado, segundo dizem, com uma espingarda, um condemnado que ha pouco tempo assaltou naquêlles sitios um pobre transeunte, roubando-o e assassinando-o depois; e, segundo informação que nos foi dada por um digno official do nosso exército, ante-ontem, na occasião em que o sr. tenente Rebocho se dirigia para a fortaleza de S. Pedro, da qual é mui digno commandante, appareceu-lhe o bandido que de arma posta à cara o obrigou a dar-lhe a corrente e o relógio!!!

O mais engraçado de tudo isto é que o sr. administrador do concelho tem conhecimento dêstes factos, mas... nada de providenciar.

Costumes da quási maioria dos seus collegas, d'aí.

— Falla-se com insisténcia em que será dada uma amnistia aos militares aqui de castigo, e a condemnados civis.

— Tem estado um calôr asphixiante. *(Correspondente.)*

LITTERATURA E ARTE

OS PINHEIROS

Murmuram os pinheiros cantos vários
Aos ventos que os abalam tumultuários,
Aos ventos que lhes sopram do alto Mar;
E dizem os Pinheiros, na alta serra
Que já não querem vegetar na terra...
Ah! que querem fugir, subir ao ar:

P'ra serem mastros dessas naus errantes,
Irmans das brizas vãs e soluçantes;
Para verem cavar aos pés subtis
Sulcos nas grandes vagas procellosas,
E não verem o chão das pobres rozas
Rasgados por mesquinhos ferros vís!

Elles querem — quem sabe? — a tempestade,
Cuja ameaça repetem com saüdade...
Querem da vaga o horror, da vaga o açoite...
Querem seu corpo em terra, em pó no chão
Lascado pela espada de Tufão,
Entregue à Morte ao dar da meia-noite...

Pinheiros, a minha alma é irmã da vossa!
Adora o vento que à amplidão destroça,
E odeia o solo dêste fêro Mundo!
O seu sonho adorado, em festa aberta,
E' vêr-se dêste corpo bem liberta;
E' conhecer do nada o olhar profundo.

(Do *Poëma do Lar*)

J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA.

No império russo

Os condemnados politicos — A tortura na Sibéria

Conhecem o livro de Stpeniak, a *Rússia Subterránea*? E' um livro que foi traduzido para o portuguêz e que, publicado tambem nas linguas italianas, francêsa e espanhola, será, hoje e sempre, lido por quantos pretendam conhecer a Rússia Nihilista, a Rússia Revolucionaria de cujos mysterios pouco sabemos nós, os occidentaes.

No seu livro, publicado depois de 1881, Stpeniak descreve-nos a vida dos estudantes revolucionarios, conta-nos os sacrificios, os actos de coragem, os soffrimentos de creaturas generosas, humanitárias e intelligentes como Demetrio Lisogub, o santo, Sophia Perowskaia, Hessa Helfman, a Martyr, Valeriano Ossinski, e mais e mais, obscuros como os compositores da *Norad naia Volia*, ou de todo o mundo conhecidos como Vera Zassoulicht, heroes e martyres dum ideal redemptor.

Quantos sonhos de enthusiasmo nos embalam e quantas horas de tortura, ao mesmo tempo, lendo êsse livro!

E, todavia, Stpeniak, referindo-nos por vezes, os soffrimentos dos presos politicos na fortalêsa de S. Pedro e S. Paulo, ou dos desterrados na Sibéria ainda não nos diz tudo.

Mas vae dize-lo e pela fórma a mais flagrante o polaco Alexandre Sochaczewski. E como? Reproduzindo na tela as scenas a que assistiu durante vinte e dois annos que, desterrado, passou na Siberia a trabalhar nas minas!

Alexandre Sochaczewski — livre finalmente! — encontra-se em Bruxellas. E ai, como um grande artista que é, e sentindo bem a sua obra, prepara uma série de sombrios quadros que exporá com êste titulo geral — *O Museu da Sibéria*. Galeria trágica de incomparaveis horrores, grito d'alma contra a deshumanidade e a injustiça que sôffrem aquelles cujo grande crime é desejarem a liberdade para os seus irmãos — todos os homens.

O primeiro quadro que vai, como os outros, ser enviado ao Czar e á Czarina para que fiquem sabendo bem o que é a vida dos condemnados na Sibéria, representa a marcha duma leva de presos politicos, pelos infindáveis campos de neve. Seguem os tristes, os pés descalços, arrastando correntes de ferro, entre cossacos vigilantes, promptos a trespassar com a sua lança terrivel o primeiro que der mostras de querer fugir aos algozes. Outro quadro é simples: o retrato da joven Gudzinscka, uma polaca lindissima accusada de nihilismo. Esta verdadeira martyr morreu nas salinas de Baikal, victima de torturas inauditas, por se recusar a acceder aos desejos lascivos e brutaes dum official de cossacos de serviço nos presidios. O guarda que vigiava a desditosa creança tinha ordem de a não deixar em paz um só momento quando ella cumpria a triste tarefa de durante um dia inteiro, cortando as mãos na água gelada, lavar os saccos do sal. Ao menor pretexto era chicoteada com o terrivel *Knout* — sete cordas terminando em pontas d'aço que retalham as carnes até as deixar escorrendo sangue.

Assim morreu Gudzinscka, a nihilista.

Depois do retrato da Martyr vem um quadro reproduzindo a *Scena da fustigação*.

No centro o condemnado, fortemente ligado por meio de cordas, em volta um grupo de officiaes cossacos. O carrasco despede sobre as costas nuas do infeliz repetidos golpes de *Knout*. De tempos a tempos o executor suspende. Por piedade? Não!

Os officiaes querem que elle viva ainda para que o terrivel espectáculo se prolongue. E rindo, fumando, assistem áquella infâmia que para êlles tem requintes de inegualavel prazer...

Novo quadro... O quê mais horrores ainda?! Sim! Leiam, leiam até final! Vejam o que se passa ainda hoje na Sibéria, com os perseguidos politicos. Novo quadro. *A corrida*. Os pulsos ligados por uma longa e pesada cadeia, o condemnado tem de correr entre duas fileiras de soldados que lhe descarregam cacetadas ou golpes de sabre.

Quando das carnes rasgadas o sangue jorra em borbotões, um médico espalha uma porção de sal por sobre as chagas do infeliz. E, se por acaso elle já não póde ter se de pé, estendem no sobre um carro conduzido por outros dois condemnados e a corrida continúa até que, daquêlle homem, reste nm monte de carne ensanguentada.

Mais dois quadros: A morte numa cova dentro da mina. O condemnado é introduzido numa cavidade estreita, carregado de cadeias e allí morre victima dos insectos — vampiros que lhe sugam o sangue.

Agora o último desta galeria de horrores que a phantasia de Goya não imaginará. Um velho quási esquelético jaz num subterráneo preso á parede por uma corrente de ferro. Este velho jazeu assim durante vinte annos!

Qual o seu crime? Haver morto um official que, na noite do casamento, lhe raptara á viva força a noiva deshonrando-a...

O pintor Sochaczewski, apenas dê os últimos retoques nos seus quadros exporá o terrivel museu da Sibéria, em todas as principaes cidades, no intuito de iniciar uma grande agitação de protesto dos povos europeus contra as inconcebiveis atrocidades que os carrascos de uniforme praticam, impunemente. na Sibéria, deshonrando o género humano.

A pedido

Procura-nos um nosso amigo pedindo nos a declaração de que:

Em restricta e conveniente observancia de uma portaria ha tempo publicada pelo sr. reitor da Universidade, não são dadas por nenhum empregado da secretaria, a quaesquer correspondentes ou redactores de jornaes, informações algumas sobre assumptos referentes à mesma Universidade, por simples que pareçam. Assim, as noticias dadas pelo correspondente do *Seculo*, sobre a intenção de reformas a introduzir no annuario, e a estatistica das matriculas desde 1800 a 1900, noticias que dão como resolução definitiva, o que não possa de simples projectos, absolutamente carecedores de formalidades sem os quaes nunca poderão realisar-se, representam apenas uma inconfidéncia, em absoluto contraria ao bom senso, de quem terá o dever da reserva e do escrupulo em assumptos de tamanha delicadeza, que muito bem podem ser prejudicados por antecipações como esta.

E porque essa reserva era, no caso sujeito, muito para considerar, tanto mais que nunca devem nem pódem tornar-se publicas particularidades de serviço, não só porque uma portaria prohibe a informação, mas ainda porque não deve tornar-se público o que não póde fazer-se sem as necessárias autorisações, a pessoa que nos procura nos pede façamos a declaração de que nunca podia partir de empregados da secretaria, que sabem cumprir as ordens emanadas das instáncias superiores, nem a inconfidéncia em questão, nem as informações para outras noticias, absolutamente carecidas de fundamento, que o mesmo correspondente do *Seculo* tem publicado.

Mais nos diz, o nosso amigo, que por agora basta, a elle como ao pessoal da secretaria, para a alienação de responsabilidades que lhes não cabem, esta simples explicação, a qual não prejudicará, em todo o caso, outros esclarecimentos por forma mais clara, se necessários forem, para determinar se bem que não tem sido a secretaria a fonte onde o citado correspondente tem bebido os informes referidos.

O pedido que nos fazem abrange a declaração de que sobre êste assumpto foi dirigida uma carta à redacção do *Seculo*.

Novo professôr

Pela reitoria da Universidade deve ter sido, ou vai ser feita, para o governo, a proposta para a nomeação de lente substituto da faculdade de theologia, do sr. dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, que ante-ontem concluiu o respectivo concurso, obtendo plena approvação.

Escola Brotero

O resultado da matricula, para o anno léctivo de 1900-1901, na nossa escola industrial foi: — desenho elementar, 161; desenho architectónico, 22; desenho ornamental, 50; arithmética e geometria, 26; lingua fracêsa, 68; princípios de physica e chimica, 17; physica e mecánica, 54 e chimica, 61. Total; 459 alumnos, ou sejam mais 29 do que no anno anterior.

Sarau em Lisbôa

A tuna académica prepara-se para ir a Lisbôa realizar um sarau, de collaboração com a Associação dos Jornalistas daquella cidade.

A realisação dêste projecto depende agora, ao que nos informam, de ser conseguido theatro, andando empenhado em remover essa difficuldade o presidente da Associação sr. Brito Aranha, do *Diário de Noticias*.

Conseguido isso, o sarau será em 2 de fevereiro, partindo a tuna d'aqui no dia 1.

Doença e substituição

O sr. Adelino Augusto Vieira, secretário da câmara está soffrendo um impertinente ataque de ictericia, que o obrigou a pedir de 15 a 20 dias de licença para tratar-se Foram-lhe concedidos em sessão de quinta-feira, passando a occuprar interinamente a secretaria o guarda livros sr. Francisco dos Santos Almeida, visto que o official sr. Eduardo Macedo está secretariando a commissão do recenseamento eleitoral.

Termina em fevereiro próximo o trienio da geréncia do sr. dr. Pereira Dias como reitor da Universidade. S. ex.ª não deseja ser reconduzido. Ao contrario, de ha muito que deseja abandonar aquelle logar em que se tem mantido por simples deferéncias.

Pelo governo civil foi approvado o 1.º orçamento supplementar, ao ordinário do corrente anno, do Asylo da Infância Desvalida, na importância de 226$600 réis.

Do nosso prezado collega *O Norte*, o trecho sobre as atrocidades exercidas na Sibéria, dominio da autocrata Rússia, para com os prêsos politicos.

PUBLICAÇÕES

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estranjeiro.*

Encetou o seu vigésimo quarto anno de publicação esta apreciada revista illustrada portuguêsa, a única que no seu genero tem conseguido entre nós uma tám longa vida. O presente número é o primeiro do novo anno e abre brilhantemente o 24.º volume da bella illustração nacional, que merecidamente tem sido tám distinguida no país e no extranjeiro.

O n.º 793 insere as seguintes gravuras: Convento da Batalha, vista geral dos terraços; retratos da actriz Delfina Victor, do conselheiro Pedro Ignácio Lopes, e de Julio de Andrade; varias estampas relativas à sociedade protéctora dos animaes, sendo uma vista do hangar para trens de praça, o carro para conducção de animaes doëntes e um marco fonenário; retrato de Augusto Ferreira.

Na parte litterária figuram nomes illustres, firmando a Chrónica Occidental D. João da Câmara; Delfina Victor, J. M.; a Sociedade Protectora dos Animaes e Julio d'Andrade, o dr. Rodrigo Velloso; o Real Theatro de S. Carlos de Lisbôa, Francisco da Fonseca Benevides; Questões sociaes, D. Francisco de Noronha; Lições de photographia, António A. O. Machado; O rei das serras, Edmond About; Necrologia; Publicações.

*

Educação Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.º anno, n.º 225.

O summário é o seguinte:

Será desta vez?—J. Agostinho d'Oliveira, por António Figueirinhas.—De Lisbôa, por Túlio.— E' inadiavel—é urgente, por Júlia Lobo.—Chrónica—A reforma de Instrucção secundária—Supplemento — Kalendário — Bibliographia Secção official.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma expléndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um expléndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos **— Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COÍMBRA

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Anályses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.
Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.
Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70	réis o litro
» » » » a	80	» »
» verde de Basto a	90	» »
» branco de Torres Novas a	90	» »
» » de Mangualde a	90	» »
Vinagre a	80	» »
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	» »
» (2.ª qualidade) a	110	» »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	» »
» » » (2.ª qualidade) a	200	» »
» » » (3.ª qualidade) a	180	» »
» » figo a	120	» »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

MARÇANO

Na rua da Sophia n.º 44 precisa-se de um rapaz de 13 a 14 annos e que tenha alguma prática de negócio.

Trata-se com Antônio d'Almeida e Silva.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

À GRANDE ALFAIATERIA

LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46

COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinário e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanellas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobrecasaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos pódem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serém compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Córte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

No juiso de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do primeiro officio, na acção de separação de pessôa e bens requerida por D. Anna de Jesus Oliveira contra seu marido Seraphim Augusto Nunes da Costa e Vasconcélloz, ambos residentes nesta cidade, foi a separação autorisada pelo respectivo conselho de família e homologada a deliberação dêste por sentença de dez do correnre mês.

Coimbra, 14 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito.

R. Calisto.

O escrivão interino,

J. A. Lopes Ferreira.

ANNÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quinto officio—Carvalho—foi instaurada uma acção de interdicção, por demencia, em que é arguido Jacob da Encarnação, solteiro, maior, proprietario, residente no logar e freguezia do Ameal; e por sentença de nove de janeiro de mil nove centos e um foi julgado o mencionado arguido, interdicto dos direitos civis e privado da administração de seus bens.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

PADRE

Precisa-se de um para capellania, e que tenha exame para professôr de instrucção primária, para accummular êstes dois logares, e que devem dar uns 400$000 réis annuaes. E' para um logar próximo da Figueira da Foz.

O que estiver nas condições queira dirigir-se à redacção da *Gazeta da Figueira,* na Figueira da Foz, onde se prestam todos os esclarecimentos.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sítio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

FIO D'OURO

Perdeu-se um, torcido, com um crucifixo, uma Senhora da Conceição esmaltada, tudo d'ouro e um berloque de prata, feitio de bilha; tudo enfiado no mesmo fio, no domingo 13 do corrente à tarde, desde a rua d'Alegria à Arregaça principios da Ladeira do Seminário e daquí pela Estrada da Beira ao Largo Principe D. Carlos.

Pede-se a quem o tiver achado a fineza de o entregar no estabelecimento de Adrião dos Santos Mortágua, sito no mesmo Largo Principe D. Carlos n.º 43, onde receberá bôas alviçaras.

CASA MEMORIA

DE

ANTONIO JOSÉ ALVES

R. do Visconde da Luz

COIMBRA

A este deposito de mechinas e velocipedes, acaba de chegar uma nova remessa de **Pianos** vindos directamente do fabricante, que se vendem a preços sem competéncia.

Pede-se ao respeitavel público, que deseje fazer compra deste artigo, para examinar os preços e qualidades para se certificarem de que nesta casa se vende mais barato do que em qualquer outra do Porto ou Lisboa.

Tambem se tomam encommendas de **Pianos** de qualquer autor que se deseje.

Dám-se todos os esclarecimentos.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

ADVOGADO

Fortunato d'Almeida, rua do Visconde da Luz, 15, 1.º andar.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173—COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

COIMBRA

N.º 616 COIMBRA—Quinta feira, 24 de janeiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno: 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 — Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral — Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

INGLATERRA

O acontecimento que nos últimos dias mais tem prendido a attenção do mundo é a tragédia d'Osborne, determinada pela tragédia ainda maior que se vai desenrolando nas montanhas da Africa do sul. A morte da rainha Victória, noticiada ontem e ha uns poucos de dias esperada de um para o outro momento, faz pensar no problema politico submettido agora á perspicácia de todos os diplomatas, á agudeza de todos os politicos, problema ainda mal delineado, mas cuja solução terá de ser breve e rápida.

Todos suppõem, e é isso o mais natural, que a doença que acaba de prostrar de vêz a velha rainha d'Inglatera foi determinada pelas noticias alarmantes chegadas do campo d'operações inglêsas na Africa, noticias aterrorisadoras e porventura desesperadas de victória para as armas da orgulhosa Inglaterra, batida e acossada por uns poucos milhares de boërs. E assim a decrépita rainha, que dêste banho de sangue infamante para o cavalheirismo inglês sae pura e sem uma nodoa sanguinolenta a empanar-lhe a memória, é a victima mais illustre, que não a mais generosa, da iniqua guerra que ennodoará sempre a história inglêsa.

Toda a gente conhece a repugnância invencivel com que a octogenária rainha se viu forçada a ver decretar a guerra, que a rapacidade, ainda não bem conhecida, dum ministro infamado por escuras negociatas de syndicatos immoraes, occasionou com espanto de todo o mundo civilisado. E assim é que a alma sensivelmente vibratil daquella mulher de coração, angustiada durante longos mêses infindaveis pela hecatombe de milhares de vidas generosas, immoladas á ambição odiosa dum ministro odioso, se foi contorcendo num infernal supplicio, ao vêr como a iniquidade inglêsa ceifava, cruenta, o povo mais heróico e generoso que o século passado viu, ao mesmo tempo que victimava, ás dezenas de milhares, a flôr da juventude da sua própria nação!

Por isso chamámos á agonia da velha rainha a tragédia de Osborne...

o

Que profunda remodelação da politica internacional resultará da nova successão á corôa inglêsa?

A politica dêste pais, erriçada de difficuldades inherentes á vastidão colossal do seu império, que quasi abarca o mundo, tomará rumo differente do até hoje seguido, abandonando a sua situação de espéctativa reservada perante todo o movimento diplomático, que concorre não pouco para esta desastrosa paz armada que está arruinando os estados?

Esse governo, que fez a guerra sul-africana, e que tomou sobre si a responsabilidade esmagadora do aniquilamento dum povo civilizado e livre, cederá o passo a um novo governo, humanitário e liberal, que ponha termo á deshonrosa guerra?

Irá cingir a corôa inglêsa um homem de altivo e generoso coração, que, collocando-se acima de inconfessáveis interesses de quaesquer emprêsas commerciaes, olhe em primeiro logar para a honra do seu país, de maneira a imprimir uma orientação nova na actual politica absorvente da Inglaterra?

Interrogações sam estas que deixam margem para multiplices dúvidas de toda a ordem, pela opinião geral de que o próximo successor não tem a alta envergadura moral que reclamaria a sua posição de chefe duma tam poderosa nação, nas criticas circunstáncias que de momento atravessa.

Entretanto, o problema mais instante, que é o da solução sul-africana, é dêstes que não admittem delongas de nenhuma ordem.

As tropas inglêsas encontram-se numa gravissima crise, assediadas de difficuldades de toda a ordem—fadiga, doença, quebrantamento moral,...—enquanto os boërs, num impulso novo irresistivel, as vam illaqueando, cheios de energia e enthusiasmo.

A opinião inglêsa acha-se vivamente impressionada, agourando mal do resultado, que se apresenta desastroso, tanto mais quanto o governo se vê impotente para a remessa immediata dos reforços que urge mandar.

Esta situação extremamente grave, perigosa até para o orgulho britânico, apressou, sem dúvida, a morte da rainha Victória, que, morrendo, teve a felicidade, porventura, de não assistir a um affrontoso desastre, humilhante da soberba Inglaterra.

Que profundas modificações politicas resultarám da morte da velha rainha, tam respeitada do seu povo? A Inglaterra ha de sentir que a morte da rainha Victória é a primeira consequéncia do desastre nacional a que a arrastou a avidez dum ministro commerciante.

E por certo repellirá a politica de especuladores que a deshonra e infama.

Reforma judiciária

O ministro da justiça vai apresentar ao parlamento um projecto de reforma judicial,—creando mais dois juizes no Supremo Tribunal de Justiça; augmentando os ordenados dos Procuradores Regios e ajudantes, e delegados nas differentes comarcas, regulando a nomeação de delegados, como é feita actualmente a dos juizes, por accesso de terceira a primeira classe; regulamentando os concursos dos delegados, conservadores e officiaes de justiça; creando, nas sédes dalguns districtos, Relações de 2.ª classe, compostas de três juizes de 1.ª classe, ás quaes competirá o julgamento sem recurso dalguns processos civeis, o dos processos de imprensa, reclamações ácerca do recrutamento militar, e todos os processos de competéncia das auditórias administrativas.

Espera se que o parlamento auctorise a reorganisação sobre estas bases.

E' occasião de lembrarmos aos politicos de Coimbra que surge a opportunidade de ser creada em Coimbra a séde dum districto da Relação, que já de ha muito se vê como conveniente debaixo de muitos aspectos. Vejam elles se, ao menos agora, se quebra a macaca de Coimbra não obter nada do que lhe seja de summo interesse.

Não aconteça como com essa celebre escola normal do ensino primario, creada por lei em Coimbra, e que nunca veremos estabelecida nesta cidade, por culpa de politicos desastrados, que nem para si sam bons...

163 primeiro — menos 100 depois

A' primeira chamada para a sessão do dia 21, na camara dos deputados, responderam 163.

Meia hora depois fez-se nova chamada e só responderam 63—9 progressistas e 54 regeneradores. Isto é, em meia hora tinham se safado á surdina nada menos de 100, números redondos.

Não é caso virgem. Tem succedido e está succedendo isto em cada sessão—comtudo os trabalhos seguem: como quem diz, segue a pagodeira dos *novos*, que se verifica serem os que ficam, a dar mostras dos seus *talentos* e mais predicados, para *fazerem carreira*... Os *velhos* põem-se ao fresco, que para ouvirem dislates lhes bastam os proprios, e não estám para aturar as massadas de *meninos*. O sr. Martins de Carvalho já fallou.

Aí têem os eleitores como se desempenham dos respectivos mandatos, os cavalheiros cujos nomes a galopinagem concelhia ao serviço dos maduros do regimen, apontam e impõem ao suffrágio *livre*:—os *velhos* respondem, por decéncia, á primeira chamada e..., ala. Os novos ficam para *fazer carreira*...

Mas não é uma casa parlamenta, *aquillo*, é um hypodromo...

De que ao pais virá o alto beneficio de mais e mais o afundar no lago de misérias e vergonhas em que já se debate.

Divinas phrases

O deputado sr. Oliveira Mattos, gritando na cámara electiva contra abusos de auctoridade em certo concelho, pediu ao presidente de ministros immediatas providéncias para que não continuem presos uns individuos que *não têem nenhum direito a* **estalo.**

Faz lembrar um seu collega que, defendendo calorosamente, na mesma cámara um ministro, gritava a toda a força que *s. ex.ª tinha obrado bem, muito bem, e ía* **prová-lo.**

O que não *estala* por sobre tudo aquillo é uma trovoada que *obrasse* o beneficio de estarrecer os nobres representantes da... bandalheira eleitoral, até deixá-los mudos e quedos. Para não fazerem a carreira de que o *cansaço* só fica, e bem grave, ás finanças públicas. Ainda que isso pesasse ao gordo Alpoim e demais talentosos estadistas na disponibilidade ou em activo serviço, tal trovoada seria a única a que podia chamar-se providencial, pelo beneficio que traria.

Isempção do imposto de rendimento

Pelo ministério da fazenda foi publicada uma portaria determinando que os professores extranjeiros das nossas escolas industriaes sejam dispensados do pagamento do imposto de rendimento sobre os seus ordenados, e mandando que sejam restituidas as quantias que alguns delles porventura já tenham pago sob aquelle titulo.

Não sabemos comprehender muito bem o motivo de tal isempção para êsses professores. Sómente porque sam extranjeiros? Mas acaso, desde que estabeleceram residéncia em Portugal, acceitando um contracto que lhes conveio, não sam uns funccionários públicos como quaesquer outros das suas cathegorias, devendo por isso usufruir as mesmas regalias e satisfazer aos mesmos encargos que os professores portuguêses?

Tudo faz acreditar que sim, e por isso a extranhêsa que deixamos manifestada.

CONTRASTE

O facto dos congressistas de Tuy terem affirmado, na sua sessão terminal, com uma expontaneidade bem sincera, a correcção das auctoridades locaes durante o congresso, não pondo ferropeias á discussão e perdoando até *excessos* que, sem forçar as leis poderiam airosamente reprimir, dá motivo a estabelecer um contraste com o que por cá se passa, e que é tudo quanto de mais revoltante se imagina.

Andamos todos os dias a depreciar a Espanha, imputando-lhe os maiores crimes politicos, verdadeiras atrocidades que riscam de sangue páginas e páginas da sua história; e, todavia, essa terra inçada de frades e torvos déspotas, tem ainda assim occasião de offerecer exemplos de tolerância e respeito pela lei a este país onde a Liberdade medra, com o culto da Carta e a hymnologia farfalhada de vários tunantes...

Nêsse congresso apreciaram-se, em phrase desnudada, as actuaes condições sociaes, concluindo-se pela necessidade, patente em todos os espiritos e acalentada em todos os corações, de crear uma nova Humanidade, fazendo estilhas os regimens de oppressão que a dividem e salteiam de crises múltiplas. Isto disse-se, discutiu-se largamente. Por vezes estalou a apóstrophe rubra, indignada, que afflora aos lábios numa onda de amargura. A auctoridade não enterveio a impor fórmulas, a fazer de mestre-sala nas discussões, como por cá se usa; manteve se correctamente, comprehendendo lucidamente o que a si propria devia.

Agora attendam ao que por cá se passa. Recordem o Congresso do Livre Pensamento arbitrariamente inutilisado pelas brutalidades policiaes. E aí controvertiam-se assumptos de mais ou menos transcendéncia, que não importavam nem desrespeito á lei, nem perigos imminentes para as instituições e ordem pública. Recordem as perseguições accintosas movidas á *Pátria*, á *Lanterna*, ao *País*: já não é o silêncio intimado sob ameaças grotescas: é o roubo descarado, o ataque impudente á bolsa.

As simples reuniões ordinárias das associações de classe fazem-se—quando conseguem fazer-se!—sob um regimen inquisitorial. As escólas humanitariamente estabelecidas para derramar a instrucção entre os filhos do povo, sam arbitrariamente fechadas como succedeu, ha dias no Porto. Enfim: supprimida a liberdade de imprensa, estrangulada a liberdade de associação, um regimen escuro, perfeita edade-média, como supremo árbitro dos nossos destinos.

A Espanha, fradesca e intolerante, retrógrada e bárbara, ainda tem exemplos de tolerância que oppor ás nossas declamações de supposta nação livre.

Pelo ministério das obras públicas foram reduzidas as taxas postaes dos jornaes e impressos avulsos com destino aos portos do Brasil.

Angola e o congresso colonial

Já ha dias nos referimos a este congresso, lançando o grito de alarme contra as intenções dos seus promotores, que varios boatos fizeram correr com insistencia.

Sobre este assumpto acabamos de receber a circular que abaixo transcrevemos e onde se manifestam duvidas sobre o resultado pratico daquelle congresso.

Realmente assim é; os homens do governo têem um desconhecimento completo do que sejam as colónias, e ás reclamações destas nunca foi ligada importancia alguma por aquelles que ainda ha bem pouco tempo tomaram medidas tão perigosas para Angola, como a respeito do alcool.

Dos problemas coloniaes ninguem faz caso; no que se pensa é em nomear Marianno de Carvalho commissario do governo junto do Banco Ultramarino, e conceder ao sr. Emygdio Navarro o território de Bijagós.

Por tudo isto muito temos a louvar a Associação Commercial de Loanda, respondendo ao secretario geral do governo de Angola, que a convidava a fazer-se representar no congresso colonial, nos termos que se seguem:

Ill.mo e ex.mo sr.

Respondendo ao officio de v. ex.ª n.º 1629 de 20 de novembro pretérito e pedindo desculpa de só agora o poder fazer, agradeço em nome da Associação Commercial de Loanda o honroso convite que o ex.mo sr. Concelheiro Governador Geral, se dignou fazer a esta corporação para se fazer representar no congresso colonial nacional, que a Sociedade de Geographia de Lisbôa resolveu celebrar no principio do futuro anno de 1901.

Não póde porém esta Associação tomar parte em tam brilhante solemnidade pela convicção que tem do nenhum resultado prático, que de tal congresso advirá em beneficio desta colonia.

E essa convicção basea-se nos factos até agora occorridos, que claramente demostram, que tanto para o elemento official, como para os industriaes, agricultores e commerciantes da metropele, as colónias só servem para dellas tirarem toda a maior somma de receita e lucros possiveis em manifesto prejuizo destas e por consequéncia dos que aquí passam annos no intuito de angariar alguns meios de vida e que na maior parte só conseguem arruïnar a saüde e muitas das vezes encontrar a morte em reconpensa do seu constante labutar.

Como já tivemos occasião de fazer vêr a sua ex.ª o sr. Conselheiro Governador Geral, o commércio e agricultura desta provincia encontram-se nas mais tristes e desoladoras circunstáncias, devido aos immensos encargos que sobre si pezam—pautas da alfandega—tarifas do caminho de ferro e navegação—imposto do alcool—imposto da exportação—contribuições diversas—exportação de braços para S. Thomé—despopulação—baixa de géneros—desapparecimento dêstes—desvio da borracha para os territórios dos Belgas, etc., etc., e como o remédio para taes males, a querer o governo apllica-lo, vai de encontro aos interesses officiaes e particulares da metrópole e S. Thomé, claro é, porque desgraçadamente provado está, que desnecessário se torna continuarmos na repetição de expormos o estado da colónia e pedirmos a applicação das medidas que podiam ainda levantar a provincia da agúda crise em que caíu, porque essas exposições e petições levarám o mesmo caminho das anteriores. Melhor será, que os próprios acontecimentos resolvam o que o igoïsmo de muitos não tem deixado remediar; sendo esta a resolução firme que deliberamos tomar e seguir.

E' pois o que nos cumpre responder sobre o assumpto e a v. ex.ª pedimos para que junto do ex.mo sr. Conselheiro Governador Geral, nos desculpe a rude fraqueza da resposta, que é devida a êste estado de coizas e que unicamente tem o mérito de ser verdadeira.

Deus Guarde a v. ex.ª

Associação Commercial de Loanda, 18 de dezembro de 1900.

Ill.mo e ex.mo sr. Secretário Geral interino.

O presidente interino,

(a) *Armando da Cruz Coutinho.*

A correr... a correr...

O sr. dr. Abel d'Andrade já prestou juramento para o desempenho do logar de chefe da 1.ª repartição da direcção de instrucção pública, para que foi definitivamente nomeado, e do cargo de director interino da mesma direcção geral.

S. ex.ª é, sem dúvida, dos deputados que, no dizer de Alpoim, *precisam fallar no parlamento para fazer carreira*... E a verdade é que fallou, fez barulho, *bateu-se á pistola* com balas de... algodão, e desatou a *correr*, a *correr* para o pináculo do benesse.

Que a *felicidade e a facilidade* prestem e aproveitem ao sr. dr. Abel.

«O Norte»

Aquelle nosso presado e distincto collega portuense, que tam nobre e dedicadamente vem fazendo, ha um anno a defeza do credo democrático e das regalias populares, em lucta aberta e leal aos vicios do constitucionalismo e aos desregramentos dos homens que o servem, enviamos enthusiásticas felicitações pela sua entrada no 2.º anno de publicação.

Fundado num periodo de agitação partidária, quando o Porto se preparava para eleger os três republicanos que, durante a última epocha parlamentar tanto honraram o seu partido na cámara electiva, a sua defeza dessas candidaturas foi nobremente feita, com a firmeza e altivez que o apanágio das consciéncias dignas e honestas. Segue-se um anno de publicação, e a sua obra em prol da democracia e da moralidade é ainda grandiosa e sublime, conquistando lhe um logar proveniénte entre o jornalismo do norte.

Saudamo-lo, pois, com tanto enthusiasmo, quão sentidamente deploramos o desgosto soffrido pela empreza e redacção, com o desastre do accidente—numa explosão de gaz—que occorreu quando o pessoal typográphico adornava os escriptórios para festejar o anniversário.

O caso O'Neill

Foi marcado para ámanhã o julgamento, em Lisbôa, do dr. Eduardo Egas Pinto Coelho, auctor do assassinio, que tanto deu que fallar, de Alberto O'Neill, que encontrou a sair com sua esposa duma casa de reputação duvidosa, á escadas da Mãe d'Agua.

E' julgado em conselho de guerra, vista a sua qualidade de médico militar, e ha a crença de que será absolvido. A familia do morto desinteressou-se completamente do julgamento.

Aqui está uma causa a cuja discussão interessaria assistir...

Assembleias académicas

No domingo passado referimonos ao pouco interesse que a academia está ligando ás suas assembleias geraes, ainda mesmo quando nellas se tratam questões importantes para a collectividade.

Esse desinteresse continúa a manifestar-se, deixando ver mais que uma devisão, como dissemos no número anterior; attesta um esphacelamento completo dessa entidade que noutros tempos se chamou academia e que hoje já não existe. Actualmente andam aí mais de mil estudantes que tratam de si e só de si, velhos de vinte annos a quem não enthusiasma uma ideia por maior que ella seja.

Sacrifício, abnegação, já ninguem pensa nisso. Sam coisas velhas que não cabem nos espíritos *prácticos* d'agora.

Com dôr o confessâmos.

Ha dias houve uma assembleia e geral para nomear presidente da commissão que ha de receber os estudantes de Valladolid, que aí vêem nas próximas férias de carnaval. Foram propostos dez ou doze para aquêlle cargo; nenhum quís acceitar.

Por último rezolveu se que cada curso nomeasse um representante e que estes elejam depois um presidente.

Incéndio

A' 1 hora da madrugada de segunda feira appareceu incendiado um telheiro, cobertura duma nora e que tinha annexa uma barraca, arrecadação de instrumentos de lavoura, sementes, vasilhas de vinho, etc., existente numa quinta sita ao lado direito da estrada da Beira, além da Arregaça e de que ha annos é arrendatário o industrial serralheiro sr. José Possidónio dos Reis.

Pela distáncia a que fica aquelle logar e porque á volta do telheiro e barraca, feitos de madeira, havia uma quantidade de palha, o fogo tinha destruido tudo á chegada dos soccoros, havendo que fazer apenas o rescaldo, sendo os prejuizos totaes.

Diz o sr. Possidónio que não pode attribuir o sinistro senão a malvadez dalgum seu *amigo*.

*

A's 9 horas e um quarto de ontem, ouvia-se na rua da Trindade o trinado de toques de apito feitos pela polícia. Manifestára-se incéndio na habitação do sr. Joaquim Simões Barrico. Accorreu o material das corporações, mas quando parou em frente da casa, o começo de incéndio estava extincto por alguns bombeiros municipaes.

Uma creada fora a um quarto procurar qualquer coisa debaixo duma cama em que estavam deitadas 3 creanças. Deixou pegar lume ao enxergão e retirou-se sem reparar. D'aí a pouco as creanças gritavam afflictos, accudindo a esposa do sr. Barrico que deparando com a cama a arder, poude agarrar os pequenos que, felizmente apenas soffreram o susto e o grande encómmodo occasionado pela fumarada que se desenvolveu.

A Lisbôa por terra

Saiu ante-ontem, no seu automovel com destino á capital, o sr. dr. Ayres de Campos.

S. ex.ª partiu daqui ás 8 e meia horas da manhã, e parando, para descanço e almoço, durante 2 horas em Leiria, chegou á capital ás 6 horas da tarde. Percorreu, pois, as 45 leguas que distam daquí áquella cidade, em 7 horas e meia.

CARTA DE LOANDA

26—12—900.

Permitta a illustre redacção da *Resisténcia* que o mais obscuro português, residente nesta capital d'Angola, tome a seu cargo o informar *paquetenalmente* os seus leitôres das occorréncias mais importantes que por aquí se fôrem dando.

Tendo em vista ser o mais imparcial possivel na narração dêste ou aquêlle facto, usarei, como sempre foi meu costume, da divisa—*pão, pão, queijo, queijo*—despido de vaidades, e não ambicionando logar ao lado dos correspondentes *litteratos*. E' assim que me apresento aos leitores da *Resisténcia*.

—Em correspondéncia d'esta cidade para a *Voz Pública*, do Porto, o sr. Pereira Batalha mostra claramente as illegalidades commettidas na realisação dos *contractos* da gente de côr, e é de opinião, assim como todos os espíritos sensatos, que se acabe com essa vergonha.

Continue o sr. Pereira Batalha e conte com o meu insignificante auxílio, que principia nesta simples *história*:

Um tal João Fernandes, empregado da casa do sr. Catalão, no Catumbo, veio ha dias a esta cidade e trouxe em sua companhia um preto de nome *Sabe-Deus*, com o intuito de o vender, perdão, *contratar*, a um negociante de nome Manuel Correia, para êste o enviar para S. Thomé.

O preto, pae de cinco filhos, sabendo o destino que lhe queriam dar negou se ao *contrato*, mas o Fernandes e o Correia pouco se importaram com isso. Foram ter com outro preto, a quem prometteram 6$000 réis e que foi á curadoria geral, declarar chamar-se *Sabe Deus*. Realisou-se assim o *contracto*, e o verdadeiro *Sabe Deus* estaria a estas horos em S. Thomé, longe dos filhinhos, se a polícia não descobrisse a meada.

Milhares de casos idénticos se têem dado.

Os commentários o público que os faça, depois de ficar sabendo mais que o Fernandes esteve oito dias preso, e que o Correia soffreu apenas o desgosto de lhe tirarem a *licença*, de contratador!!!

Grande castigo, para quem vende um homem, não ha dúvida...

Ah! bom Silva Pinto, com menos vinte annos, a contar estas *ninharias*, que não incommodam o conde de Burnay e quejandos...

—Os últimos jornaes aquí chegados eram esperados com anciedade, pois todos ardentemente desejavam saber qual o resultado das eleições, mas muito em especial da do Porto, onde, pelo que se deprehende da leitura dêlles, não deixou de haver uma grande victória moral para o partido republicano daquella cidade.

Os metropolitanos residentes nesta cidade apresentam como deputado opposicionista o illustre republicano dr. Eduardo d'Abreu, que tem, dizemo-lo sem receio—a não ser que a fraude seja feita descaradamente—certa a victória no Dondo e aquí. Das outras assembleias nada posso dizer. A pretalhada vai para onde a mandam.

Tal e qual os varredores municipaes do Porto...

Do resultado da eleição darei informações no immediato paquete, em virtude della ter logar no próximo dia 30 e o *Cazengo* saír hoje barra fóra.

—O distincto cavalleiro e nosso amigo Fernando d'Oliveira está entre nós, tencionando tourear na corrida que deve ter logar no dia 13 do próximo mês, sendo o *gado* fornecido por vários lavradores.

—O conselheiro Neves Ferreira tomou já posse do logar de gerente da Companhia do Cazengo.

—Na repartição do correio de Ambriz procedeu-se a uma syndicáncia, e fôram encontrados nada mais nem menos, do que cento e tantos cartas debaixo do colchão do aspirante daquella repartição, cartas que em tempos tinham sido registadas por diversas pessoas!!

O dinheiro que a maior parte dellas continha... evaporou se.

Se não me levam a mal, não deixarei de lembrar que tambem não sería de todo mau uma syndicanciazinna á repartição dos correios daquí...

—Consta que vai ser exonerado do cargo de administrador do concelho o major sr. António Xavier Crato.

—O café, bem como a borracha, tem baixado consideravelmente.

(Correspondente.)

História da Revolta do Porto

Vai começar a ser publicada no próximo dia 31 de janeiro, a história da revolta do Porto, escripta por João Chagas e pelo extenente Coêlho, cuja participação nêsse movimento revolucionário é de todos bem conhecida.

Por êste motivo, a publicação dessa obra esté destinada a constituir um grande éxito. Constará ella de um grosso volume in-8.º francês, de 500 páginas, impresso em magnifico papel, especialmente fabricado, e illustrada com cêrca de cento e cincoenta photogravuras, do mais flagrante interesse documental, como sejam retratos de todas as personalidades que directa, ou indirectamente se encontraram envolvidas no movimento; logares, edificios, vistas, objectos, bem como grande número de curiosíssimos *fac-similes*, documentos officiaes, cartas, etc. Além disso, trinta photogravuras em papel especial de luxo, com os mais recentes retratos dos vultos republicanos que ligaram o seu nome á história do movimento.

A publicação far-se-ha aos fascículos de 16, ou de 32 páginas, ao preço de 60 e 120 réis, respectivamente, e por tomos de cinco fascículos ao preço de 300 réis.

A edição, que representa um verdadeiro emprehendimento, é feita pela nova Emprêsa Democrática de Portugal, fundada e dirigida pelos auctores da obra. Os escriptórios estám instalados na rua dos Douradores, 29, onde desde já se recebem assignaturas.

Sarau

Sabbado ha no theatro-circo um sarau de sport promovido pela Associação Académica de Coimbra com a obsequiosa collaboração dos distinctos socios do Real Gymnásio Club Português, os ex.mos srs. João Galiardi (professor d'equitação), Arthur dos Santos, (professor de jogo de pau); Borges da Costa, Ruy Alves da Cunha, Alfredo Correia de Barros, João de Brito e Cesar de Mello, e dos ex.mos srs. dr. José Caetano de Tavares Lobo, Pompeu de Seabra e dois discípulos do eminente mestre d'armas, António Martins.

Espectaculo atrahente, á vista do programma que recebemos e que merece ser concorrido pelo fim a que se destina.

Agradecemos reconhecidos o convite que recebemos.

Os bilhetes encontram-se já á venda na Associação Académica, e nos logares do costume.

Fabricantes e passadores de moëda falsa

Findaram agora as diligéncias ácérca do fabrico e passagem de moëda falsa, de nikel, em que andava empenhada a secção judiciária creada ha pouco no corpo de policia. E dizemos findaram por agora, porque os dois individuos presos — Diométrio Pinheiro Cores espanhol e tendeiro ambulante, e João Bernardes, taberneiro, ambos residentes na Louzã, não sam os únicos envolvidos no negócio, como pretenderam fazer acreditar.

Como já noticiámos, o caso foi superiormente indicado ao sr. governador civil, que por sua vez o incumbiu ao sr. commissário de policia, entrando em pesquizas o cabo Lino, n.º 7, e o guarda Tavares, n.º 63, que pouco depois seguiam aquêlles dois individuos por suspeitos.

Quando, na Louzã, lhe fizeram os primeiros interrogatórios e as primeiras buscas ás casas, porfiando êlles a sua completa innocéncia em similhante questão, não só o sr. administrador, mas ainda outros cavalheiros da localidade se inclinavam muito a acreditá-los, visto que a conducta dum e doutro esteve sempre ao abrigo de quaesquer suspeitas, e antes gosavam dos melhores créditos.

Seria muito para considerar aquêlle conceito amplamente abonatório da dignidade dos homens, mas os dois agentes não se demoveram a deixá-los em paz. Decidiram se, mesmo, decorridos dias a detê-los e a fazerem lhes novas buscas ás casas. Como da primeira, nada encontraram que revellasse claramente a culpabilidade dos detidos, e apenas na habitação de Diométrio acharam uma carta, com a data de 2 de outubro e a assignatura dum tal *Serafim*, na qual pedia que lhe enviasse, para esta cidade, *todos os guardanapos de 100 réis que estivessem fabricados, e mais toda a obra prompta*. Isto infallivelmente até o dia 7 ou 8, pois tinha de sair.

Diometrio é vendedor ambulante daquêlle género de fazendas; — nada mais natural, pois, que um collega, que aquêlle Seraphim seria, lhe pedisse uma remessa de *guardanapos de 100 réis e mais fazenda*, e então a carta não tinha importância alguma para o caso da moëda falsa. Assim o intenderam e commentaram as pessôas que assistiram à busca, e que acharam de nenhum valor a aprehensão do *innocente papel*. O cabo Lino, porém, não deu ouvidos à opinião, e breve fez mudar o curso aos commentários:—é que de *100 réis* era a maior parte da moëda falsa em giro—os taes *guardanapos* — e a mais obra podia ser a moëda de *50 réis* ou notas. E não se enganou na suspeita.

Seguiu depois para a administração do concelho a interrogar o Diometrio, que ignorava se tivesse feito a segunda busca e não suspeitava da aprehensão da carta.

Como é de presumir, escudado pela boa reputação de que gosava e pela descrença manifestada até pela própria auctoridade local ácêrca da sua culpabilidade, o homem manteve se em arrogante negativa; mas, o cabo Lino, de pergunta em pergunta, obteve lhe estas declarações firmes, e que precisou bem:—*forneceu se sempre, apenas em duas casas de Coimbra, das fazendas com que negociava, e nem na Louzã, nem em qualquer localidade fabril de toda aquella região, se fabrica êsse género de fazendas.*

Appareceu então a carta:—não se fabricando por allí taes fazendas, como dizia e se provava, a que proposito lhe pediam a remessa *de todos os guardanapos de 100 réis fabricados e toda a mais obra prompta?*

Começou aqui em hesitações, mas negava sempre, enquanto as pessoas que o abonavam e ao *sócio* Bernardes, modificavam por completo as suas opiniões.

Vieram, os dois, presos para o commissariado, e cá, ao fim de novas evasivas decidiram-se a confessar:—eram elles os fabricantes e na passagem empregava se especialmente e Diometrio. Nas buscas nada encontraram de claramente revellador, porque a moëda, de estanho, era fundida em fôrmas de gêsso que elles destruiam immediatamente a cada fundição, fazendo fôrmas novas sempre que fundiam.

Faltava agora saber se tinham cúmplices, o que negaram, declarando, ao contrário, que eram êlles e só êlles os culpados. A policia, porém, não os acreditou, e em novos interrogatórios, baseados no resultado doutras diligéncias feitas, forçou-os a mais declarações:

O Diometrio vendera, pelo preço de 15$000 réis e por conta dos dois, uma quantidade de moëdas de tostão aos espanhoes, e tambem tendeiros ambulantes, Manuel Moleiro e Camillo Pincão, que estacionavam habitualmente em Cantanhede; e comprara a outro espanhol e tendeiro, Seraphim Antão que igualmente estacionava naquella localidade e era o auctor da carta a pedir os guardanapos, 10 notas de 500 réis, e mais 2 de 2$500, que pagou por 5$000 réis e que mandou passar pela sua amazia sem lhe dizer que eram falsas. Da restante moëda fundida passou elle a maior parte nas suas saídas. Ainda não dizia toda a verdade.

Saindo para Cantanhede, o cabo 7 e guarda 63 apuraram: — que os três espanhoes viveram alli, num quarto arrendado, durante mêses. Em meados de dezembro começaram a espalhar que breve partiam para as suas terras, e daí a pouco desappareceram sem que mais se soubesse dêlles. E' averiguado, porém, que o Manuel Moleiro e Camillo Pincão, levavam uns 350$000 réis cada um, e o Seraphim Antão, mais de 500$000 réis, quantias que obtiveram, sem dúvida, com a passagem de moëda e notas falsas.

Todas as diligéncias feitas para encontrá-los têem sido sem resultado, e agora se sabe que isso se deve a diversas noticias publicadas logo no começo das investigações, com particularidades de informação inconveniente, fornecidas por agentes policiaes ao tempo em que convinha guardar a maior reserva, pois foi exactamente em dezembro, quando os três espanhoes começaram a espalhar a sua saída para Espanha, que appareceram as primeiras noticias, dando-lhes o aviso para se pôrem a salvo, passando talvez a fronteira.

Outros serviços pódem ser prejudicados no futuro, se o sr. commissário de polícia não cohibir a facilidade de informação, que em casos como êste é sempre inconveniente dar antes de findas as diligéncias.

Fallecimento

Falleceu em Amarante o sr. José d'Almeida Paraizo, sócio da firma António Lopes d'Azevedo & C.ª O Finado era muito bemquisto em Amarante para onde tinha ido de creança.

O seu funeral foi bastante concorrido.

A' inconsolavel viuva e ao sr. António Azevedo os nossos pésames.

BRINDE

O sr. Caetano da Cruz Rocha, proprietário do bello e abundantemente fornecido estabelecimento, na rua Ferreira Borges 141 e 143, de todo o material necessário para a canalisação de água e gaz, filtros de diversos systêmas, materiaes de construcção que tambem forneçe para fóra, aparelhos de electricidade, artigos para máchinas e caldeiras a vapor, agente do *Bico Universal*, etc., acaba de distribuir, como brinde à sua numerosa clientella, um magnífico kalendário para 1901, no qual se vê, ao centro, uma nitida photographia do seu estabelecimento, circundada do annúncio detalhado, e artisticamente impresso a três côres, dos artigos que tem em depósito e o que o público lucra em visitar sempre que precise de qualquer destas especialidades.

O trabalho d'impressão foi executado na já tam justamente acreditada typographia do sr. França Amado.

Ao sr. Caetano Rocha agradecemos a amabilidade da offerta do seu brinde.

Consta-nos que a Administração do Banco de Portugal, no intuito de que o publico não seja illudido e não continúe a ser prejudicado com a passagem de notas falsas, por isso que o Banco as não troca, acaba de expedir uma circular a todas as suas dependéncias, para que estas facilitem, até 15 de fevereiro próximo, a troca de notas verdadeiras de 500 réis, typo primittivo, e de 20$000 réis, chapa azul — anterior á chapa que ultimamente foi posta em circulação, — não obstante ter acabado o praso para a troca dêstes dois typos de notas, em 31 de dezembro último.

«Moda Illustrada»

Assumio a direcção dêste jornal a Ex.ma Sr.ª D. Virginia da Fonseca, esposa do nosso collega Faustino da Fonseca.

CIRCULAR

E.xmo sr.

Tenho a honra de communicar a v. ex.ª que, de sociedade com o sr. Francisco Correia, negociante nesta praça, tomamos a nosso cargo sob a firma de

Cunha & C.ª

o antigo e bem conceituado estabelecimento do sr. José da Costa Condeixa, na rua do Visconde da Luz, n.º 79 a 85.

Pela minha longa prática desta indústria, exercida por bastante tempo como contra-mestre da sapataria a *Elegáncia de Coimbra*, do sr. Manuel Teixeira, posso, sem receio a par da modicidade de preços, executar qualquer obra que v. ex.ª se dignar encommendar-me, pelo que muito grato lhe ficará o

Coimbra, 20 de janeiro de 1901.

De v. ex.ª
cr.º mt.º att.º vn.or
José Maria da Cunha.

Aos srs. Rodrigues Ferreira & C.ª, do Porto, respeitaveis proprietários da estância de madeiras e vigamentos de ferro, com serração a vapor, casa fundada em 1880, sita na rua do Bomfim n.º 12, e na qual ha sempre o mais completo depósito de tudo o que ha de melhor em madeiras, tanto para mobiliário como para construcções, e que fornecem em condições vantajosas mesmo para a provincia, agradecemos a amabilidade da remessa que nos fizeram do seu dedicado kalendário, para o anno que decorre, e estam distribuindo como brinde.

PUBLICAÇÕES

A poderosa e patriótica emprêsa litteraria de **O Século**, tomou a inciativa de uma terceira edição do **Guerreiro e Monge**, o celebre romance histórico de António de Campos Junior. O que este primoroso trabalho é e vale aprecia-se pelo successo extraordinário que tem tido, tam grande successo de livraria que em Portugal não conhecemos outra maior.

Nesta nova edição vem o **Guerreiro e Monge** em mais opulentas roupagens, com magnificas illustrações, tudo a mais realçar o mérito tantas vezes reconhecido da obra magistral. E dizemos magistral por que o seu auctor nelle se revelou duma assentada erudito como poucos, romancista de coração e de talento, verdadeiro mestre que é.

Cumprimentâ-mo-lo por mais esta edição, bem como ao *Século;* — que a melhor acção de escriptores e emprêsas litterárias portuguêsas está em ensinarem o povo a conhecer e a amar as epochas grandiosas da nossa história tam brilhante. Missão de alto patriotismo, estreme e sem mácula, que tanto ennobrece e honra *O Século* como o incançavel e erudito escriptor que fez o seu nome illustre com o *Guerreiro e Monge* e o *Marquês de Pombal*,—livros para lêr e estudar, que nelles se sente palpitar, magestosa e grande, a alma da nação.

*

Educação Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.º anno, n.º 226.

O summário é o seguinte:

Um symbolo; O que se não deve dizer, por Cándido de Figueiredo; De Lisbôa, por Túlio; Crónica, por J. Agostinho d'Oliveira; Padre António; Uma reforma da instrucção primária; A que condições deve obedecer, por José Alves Souza; Associação de Socorros Mutuos do Professorado Primário Português; A Arithmetica das Escólas Primárias; Aviso importante; Sensacional; Bibliographia; Expediente; Secção official.

*

Supplemento illustrado do Século.—Recebemos o n.º 168 desta publicação de caricaturas dirigida por Accácio de Paiva e Jorge Collaço que vem brilhante e cheia de verve.

*

Gazeta das Aldeias — Semanário illustrado de propaganda agrícola e vulgarisação de conhecimentos úteis; proprietário e director, Júlio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216—Porto.

Recebemos o n.º 264.

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litteraria do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43
LISBOA

Escóla Nacional de Agricultura

Depósito Hippico

Pela direcção da Escóla Nacional de Agricultura se annuncia que no dia 6 do próximo mês de fevereiro, pelas 12 horas do dia, se procederá à venda em hasta pública dos cavellos que seguem:

1.º—Euripe—anglo-normando.
2.º—York—anglo-normando.
3.º—Skater—puro sangue inglêz.

As bases de licitação sam: de 81$000 réis para o 1.º, 30$000 réis para o 2.º, e 13$000 réis para o 3.º.

Os referidos cavallos pódem ser vistos nos seus alojamentos todos os dias úteis desde as 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Escóla Nacional de Agricultura, 22 de janeiro de 1901.

O director,
António Augusto Baptista.

Éditos de 60 dias

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio, Nunes, correm éditos de 60 dias, contados desde a última publicação dêste annúncio, a citar os recrutas auzentes e desconhecidos, abaixo relacionados e que se acham recenseados no anno de 1900 para o serviço militar, de que vam ser julgados refractários, por terem faltado à junta districtal de inspecção no quartel em Coimbra, pelo que fôram autoados em 18 de setembro último, se dentro do praso de oito dias, posterior ao dos éditos, não provarem alguma das causas justificativas da sua falta, em conformidade com o disposto no § 1.º do art.º 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Recenseados pela freguesia de S. Bartholomeu de Coimbra:

José, filho de Amaro António e Maria Antónia, natural de Coimbra; José, filho de António de Sousa Carvalho e Maria Emília, natural de Coimbra; José, filho de Francisco Ferrão e Maria da Conceição, natural de Coimbra; José, filho de José Francisco da Cunha e Maria Elisa da Conceição, natural de Coimbra.

Recenseado pela freguesía de Santo António dos Olivaes:

José, filho de João Chrisostomo Chaves e D. Maria José Magalhães Ferraz, natural de Luzeiro.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

Éditos de 60 dias

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio, Nunes, correm éditos de 60 dias, contados desde a última publicação dêste annúncio, a citar os recrutas, auzentes e desconhecidos, abaixo relacionados e que se acham recenseados no anno de 1900 para o serviço militar, de que vam ser julgados refractários, por terem faltado à junta districtal de inspecção no quartel em Coimbra, pelo que fôram autoados em 13 de setembro último, se dentro do praso de oito dias, posterior ao dos éditos, não provarem alguma das causas justificativas da sua falta, em conformidade com o disposto no § 1.º do art.º 144 do regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Gonçalo, filho de Manuel d'Almeida e Maria Ricardina, natural de Sam Fructuoso, recenseado pela freguesía de Ceira; Joaquim, filho de Manuel Rodrigues e Maria Roza, natural de Valle de Rozas; José, filho de António d'Oliveira e Emília Mathias, natural de Andorinha, e José, filho de Maria Martins Exposta, natural dos Casaes de Vera Cruz, estes recenseados pela freguesía da Lamarosa.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.
Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnífico vinho.
Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis	o litro
» » » » a	80 »	»
» verde de Basto a	90 »	»
» branco de Torres Novas a	90 »	»
» » de Mangualde a	90 »	»
Vinagre a	80 »	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130 »	»
» (2.ª qualidade) a	110 »	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240 »	»
» » » (2.ª qualidade) a	200 »	»
» » » (3.ª qualidade) a	180 »	»
» » figo a	120 »	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240 réis	
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240 »	
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180 »	

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego —Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

MARÇANO

Na rua da Sophia n.º 44 precisa-se de um rapaz de 13 a 14 annos e que tenha alguma prática de negócio.

Trata-se com António d'Almeida e Silva.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

PADRE

Precisa se de um para capellania, e que tenha exame para professôr de instrucção primária, para accummular êstes dois logares, e que devem dar uns 400$000 réis annuaes. E' para um logar próximo da Figueira da Foz.

O que estiver nas condições queira dirigir se à redacção da *Gazeta da Figueira,* na Figueira da Foz, onde se prestam todos os esclarecimentos.

MERCEARIA

Trespassa se uma mercearia bem afreguesada e num bom sítio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juiso de direito da comarca de Coimbra, correm editos citando os recrutas: António, filho de Manuel d'Oliveira Baio e de Maria Fernandes Geralda, natural de Ribeira de Casconha, freguesía de Sernache, — Manuel, filho de António Gomes e de Thereza de Jesus, natural de Souzellas, — Manuel, filho de Marcellino Vieira e de Jacintha Magdalena, natural do Sargento-Mór, — Rodrigo, filho de José da Cruz e de Joaquina da Conceição, natural de São Martinho, freguesía de Souzellas, — e Manuel, filho de António da Silva Amado e de Maria Cándida, natural da Barroca, freguesía de Sernache, ausentes em parte incerta, para no praso de oito dias, posterior ao de sessenta, depois da última publicação dêste annúncio, provarem alguma das causas justificativas das faltas que deram à junta districtal d'inspecção no dia 22 de setembro de 1900 em conformidade com as disposições do § 1.º art.º 144 do regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim Alves Faria.

Alfaiates

Precisam-se officiaes bem habilitados.

Não estando nestas condições é desnecessário a sua apresentação.

Tambem se admittem aprendizes.

Calçada, 76.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

QUINTA

Vende se ou arrenda se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, árvores de fruto, e alguma vinha. Tem água com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

FIO D'OURO

Perdeu-se um, torcido, com um crucifixo, uma Senhora da Conceição esmaltada, tudo d'ouro e um berloque de prata, feitio de bilha; tudo enfiado no mesmo fio, no domingo 13 do corrente à tarde, desde a rua d'Alegria à Arregaça principios da Ladeira do Seminário e daqui pela Estrada da Beira ao Largo Principe D. Carlos.

Pede-se a quem o tiver achado a fineza de o entregar no estabelecimento de Adrião dos Santos Mortágua, sito no mesmo Largo Principe D. Carlos n.º 43, onde receberá bôas alviçaras.

EDITAL

A Cámara Municipal de Coímbra, faz saber que no dia 7 de fevereiro do corrente anno, volta novamente à praça o exclusivo do fornecimento de carnes verdes, de vacca e vitella, no concelho, por um anno, a contar de 1 de março próximo futuro, com as mesmas condições e tabella do edital de 20 de dezembro de 1900, excepto quanto aos preços, que seram designados pelos proponentes podendo ser variaveis com subordinação ao preço da arroba de carne no mercado de Lisbôa, e reservando se a Cámara a faculdade de não adjudicar o fornecimento quando não lhe pareçam satisfactórias as propostas.

Coimbra e Paços do Concelho, 19 de janeiro de 1901.

O presidente da Cámara,

Manuel da Dias Silva.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma expléndida casa à entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para família numerosa, um expléndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39—Rua da Sophia—41

Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos **— Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COÍMBRA

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

FACTURAS, recibos, circulares e memoranduns, imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, — rua Martins de Carvalho, 7 — COIMBRA.

ADVOGADO

Preciza se um, ou próximo a ganhar.

Rua do Visconde da Luz, 60.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99,

LISBOA

Effectúa seguros contra o risco d'incéndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando à sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Anályses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

À venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

ADVOGADO

Fortunato d'Almeida, rua do Visconde da Luz, 15, 1.º andar.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

N°. 617 COIMBRA—Domingo, 27 de janeiro de 1901 6.° ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

JOÃO DE DEUS

Extincto o luminoso espírito do mais mavioso dos nossos poëtas lýricos e do mais apaixonado do nosso povo, ficou immorredoura a sua memória gloriosa e a obra poetica immarcessivel que nos legou.

O profundo vidente, o santo, como que previa que por largos annos o seu país não saberia lêr, e legou-lhe tambem a abençoada *Cartilha maternal* e o seu *méthodo de leitura*, pelo qual, se em Portugal os governos tivessem a honestidade de expulsar da sua beira as pretenções vaidosas e interesseiras dos seus amigos d'eleições, já ha muito todo o povo teria aprendido a lêr a música suavíssima dos versos do grande lýrico.

Creou-se uma associação benemérita, a das Escólas Moveis com o fim de ensinar o país a lêr; mas completamente abandonada dos auxílios do estado, e, vergonha é dizê-lo, da iniciativa individual, só a poder de muita dedicação cívica têem as Escólas Moveis logrado conservar-se.

Publicâmos em seguida um elucidativo artigo de Casimiro Freire, o strenue propagandista da obra de João de Deus. Oxalá que elle desperte iniciativas patrióticas que tornem praticos os meios que se lhes offerecem de propaganda das Escólas.

Subscreve Mamede Amaro Lopes com a quota de 1$000 réis por mês, declarando-nos ser-lhe muito sympáthica a idéia das escólas móveis. «Depois veria o que deveria fazer», Elle tambem sustentava à sua custa uma escóla na terra da sua naturalidade. Teria a associação realisado três missões quando aquelle benemérito cidadão falleceu; ainda assim — abriu um exemplo que até hoje não foi seguido: — em seu testamento contemplou as escólas móveis com o *legado annual de cem mil réis*. Desta herança paga a associação 16$200 réis de *contribuição* por anno; recebe, liquido 83$800 réis! Tudo isto pelo *amor* que o Estado tem à instrucção.

Teve esta associação um outro subscriptor que a subsidiava com a quantia de cem mil réis por anno; foi o venerando octogenário, commendador Simplício Gago da Cámara, de Villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel. Por iniciativa dêste fallecido cavalheiro realisaram-se nos Açôres as missões 32.ª 33.ª 39.ª e 41.ª

Nunca chegou a ser próspero o estado financeiro desta associação; mas graças aos donativos extraordinários que se acham mencionados nos seus relatórios, poude sustentar quatro professores com o donativo annual de réis 360$000 cada um, quando no effectivo serviço.

Quaes sam hoje as suas condições de vitalidade?

A receita das escólas móveis em 1893 foi de 530$025 réis; isto é, pouco mais do preciso para a dotação dum professor. No primeiro semestre de 1894 (não apreciando as quotas annuaes) as receitas baixaram a 178$600 réis.

Qual é o seu movimento de sócios? O penúltimo relatório accusava a existéncia de 285; o último dá a reducção de 140; entrades novos 33; total 178!

Quotas? Houve uma de réis 100$000 por anno; outra de réis 50$000, da *extinta Associação Commercial de Lisbóa*.

Ha hoje: um subscriptor a réis 30$000 por anno; um a 24$000 réis; sete a 12$000 réis; Seguem se subscriptores de 6$000 réis, 3$000 réis 2$400 réis e 1$200 réis; os últimos correspondem à quota *mínima* dos estatutos: — cem réis por mês.

Ha pelo menos onze annos que, por motivos que não vêem para o caso, nos conservamos afastados das fileiras do partido republicano, onde nada mais somos que simples soldado raso. Ha mêses, porém, falando nós com um correligionário graduado, perguntámos-lhe se não valer a a pena fazer algum sacrificio para emancipar o povo, instruindo-o, Foi nos respondido: «Nós não tivemos ainda os *sellos do Estado:* Não nos cabe, portanto a responsabilidade da sua ignoráncia».

Devemos então continuar no preconceito de que tudo se deve aguardar do *estado-providéncia*?... Estâmos, então, mortos para qualquer commetimento devido à *iniciativa individual*?.. Vergonha será confessá-lo.

Demos já alguns exemplos do que vale a *iniciativa individual*; entre êlles o do conde de Ferreira, com o *legado* de 144 contos para a creação de 120 escólas. Nas *escólas móveis* houve um subscriptor que pagava a quota annual de 100$000 réis; não ha mais de 500 homens de furtuna, no país, que possam contribuir com egual somma? Com alguma boa vontade seria difficil encontrar mil subscriptores que pagassem a quota annual de 50$000 réis e outros mil a de 30$000 réis? Havendo menos egoismo e indifferença não seria fácil alcançar 5:000 sócios a 20$000 réis, 10:000 a 10$000 réis. 50:000 a 6$000, 100:000 a 2$400 e 200$000 a 1$200 réis?... Mais alguma economia e moralidade nos costumes públicos e o sacrifício não seria grande!

Pedindo venia ao sr. Carrilho — apesar de não pretendermos invadir-lhe os seus domínios da orçamentalogia — digamos então:

500 subscriptores a 100$000, 50:000$000 réis; 1:000 subscriptores a 50$000, 50:000$000; 1:000 subscriptores a 30$000, 30:000$; 5:000 subscriptores a 20$000, 100:000$000; 10:000 subscriptores a 10$000, 100:000$000; 50:000 subscriptores a 6$000, 300:000$; 100:000 subscriptores a 2$400, 240:000$000; 200:000 subscriptores a 1$200, 240:000$000.

367:500 subscriptores réis 1.110:000$000.

E não se julgue muito avultado tal número de subscriptores; representa apenas 7 % sobre a popular do país — cinco milhões de almas.

Digam-nos agora se com mil contos, numa dúzia de annos e com o méthodo de João de Deus, o país inteiro não estaria já sabendo ler e a saber quaes eram os seus direitos e deveres.

Os calculos que ai deixamos, admittindo que a nossa insulsa prosa seja lida, devem ter feito sorrir pessoas graves e conspícuas, as quaes do alto da sua prosápia haverão lamentado a nossa crédula ingenuidade.

Deixemos então em paz os subscriptores dinheirosos da alta e baixa burguezia e estabeleçamos uma outra hypóthese mais modesta. Supponhâmos que duzentos mil cidadãos (só 4 por cento da população portuguêsa) isentos de egoïsmo — dominados por um sentimento altruista — deliberavam cortar nas suas despêsas *diárias* — por exemplo nos venenos de que fazem uso, *tabaco e vinho*, uma verba *inferior a 5 rs.* —cêrca de 3,3 réis por mês— 100 réis por mês. Aí tinhamos a última addição do nosso cálculo—240 contos por anno. Tambem nos quererám convencer que já não ha 200:000 cidadãos honestos em Portugal—capazes de comprehender que as formas de governo passam e só a nação tem direito a ficar? Disseram chronistas que em 8 de setembro foram 900 portuguêses à tourada a Badajoz. Em 9 tinham *Guerrita* no Campo Pequeno. Supponhamos que iam só metade dêstes amadores e que os restantes davam a verba destinada à despêsa de viagem ás *escolas*? Era o vencimento de seis professores; era a luz a 900 cegos!

Com a receita annual de 240 contos, como já foi dito, as *escolas móveis* sustentavam 600 professores por anno com o vencimento medio de 400$000 réis cada um. Cada professor dá tres cursos por anno—90 lições uteis.

Tinhamos pois 4:800 cursos annuáes; a 50 alumnos por missão, dá nos um total de 90:000. Assim, nos 12 annos que já conta a associação — só com aquella receita, 240 contos, podiam ter aprendido a ler, escrever e contar 1.080:000 individuos. Houvesse ainda mais duzentos mil cidadãos bastante generosos para auxiliar a associação *7 réis por dia* — 2$400 réis por anno (receita 480 contos) e teriamos nos mesmos doze annos iniciado nas primeiras letras todo o país;—e, como na Suissa, seria difficil encontrar hoje um analphabeto em Portugal. Eis aqui o que se poderia ter feito com a *Cartilha Maternal* e com as *escolas moveis* — sem auxilios de governos e só pela vontade e pela *iniciativa individual*.

João de Deus disse: «Ser homem é saber ler: e nada mais importante, nada mais essencial que essa modesta e humilde coisa chamada — primeiras letras».

Não será pois legitimo o resentimento do poëta, vendo o seu invento despresado?

A primeira manifestação de reconhecimento que o país tem a dar a João de Deus é provar-lhe que conhece e sabe aproveitar a sua obra. Perturba-lo na sua modestia e isolamento com arremedos de festas inconscientes—além de absurdo é immoral!

Ha 14 annos escrevemos «...Se os republicanos enérgicos e de acção, austeros e sem mácula pódem tomar a direcção do partido, começando por expulsar os *vendilhões do templo*, — que o façam — se ainda é tempo de salvar a nacionalidade portuguêsa do abysmo a que foi levada pelos devassos da monarchia. (*Século* n.° 69.) O tempo e êsse sudário de misérias e vergonhas que, dia a dia, aí se desenrolam aos nossos olhos —dám plena razão ao nosso protesto de 1881. Esse protesto aí o renovamos — embora inutilmente.

Casimiro Freire.

Um visconde...

Fallam os jornaes dum novo visconde — um tal sr. Jacintho — e à historia d'este titulo appensam commentarios denunciadores de gordo escandelo.

Decididamente, esta enxurrada de titulos com que o governo do sr. Hintze está innundando a nobliarchia nacional, com grande despeito da aristocracia genuina — da que vem dos cruzados, acutiladores dos impios de Soladino, dos nossos epicos mareantes e dos lestos caçadores de mouros que alargaram estas boas terras de Portugal — tira toda a feição extravagante áquelle caso burlesco dum imperador romano promover á dignidade consular o seu cavallo *Incitatus*.

Porque se concorda, muito naturalmente, em que é um acto de justiça a honraria deferida a um bom cavallo quando a ciganagem dos governos assim nos impinge de jaezes armoriados, escanzelados borrêgos.

A cámara enviou ao rei e á rainha telegrammas de pesames pela morte da rainha Victória.

As congregações religiosas em França

A França, a grande França, no meio de todas as suas extraordinarias loucuras, apresenta-se-nos sempre como uma nação que anceia qualquer coisa de gigantesco, justo e ideal.

Ainda ha pouco, depois de uma vigorosa lucta cheia de trevas, conseguiu dar quatro encontrões ao pesadello do exercito, e agora, ao entrar no novo seculo, rompe pela escuridão dos costumes apresentando ao parlamento um projecto de lei sobre as associações, tendente a tirar ás congregações religiosas os privilegios absurdos que têem gosado.

Já ha tempos démos esta noticia e hoje accrescentaremos apenas que a discussão tem corrido só com timidos protestos contra o projecto por parte do sr. Lannes, republicano da envergadura de Ennes ou Fuschini.

Esperamos, pois, que mais uma vez triumphe a verdade.

Carta de Lisbôa

25 de janeiro.

A morte da rainha de Inglaterra é e continuará sendo, naturalmente, o assumpto da actualidade, que vem enchendo as columnas dos jornaes fornecendo-lhes reportagem e banalidades.

De quanto sobre o assumpto se tem dito, em matéria de noticiário, o que me parece mais interessante é êste telegramma de Londres para o *Heraldo de Madrid*:

«Ha três pormenores relativos à rainha, que transmitto como muito caracteristicos.

«Quando subiu ao throno, a soberana pagou 50:000 libras sterlinas de dividas de seu pae, mas sempre se negou a pagar as dividas de seu filho.

«Antes de morrer, mal fallou com o principe de Galles, mas perguntou com insisténcia pelo seu predilecto cão da Pomerânia.»

Devem concordar que o correspondente do *Heraldo* disse naquellas déz linhas mais e melhor do que se tem dito em succulentos e pezados artigos.

E' uma biographia, completa, do actual rei da Inglaterra, traçada por sua intelligente mãe.

Outra nota, para mim de valôr, é esta, a pôr em destaque um eloquente contraste:

A policia de Londres tem, como se sabe, autoado por diversas vezes o principe de Galles, actual Eduardo VII da Inglaterra.

A polícia de Lisbôa acaba de communicar à imprensa da capital que não póde fazer a mais leve referéncia desagradavel ao referido Eduardo VII.

Não estam a vêr no contraste a prova do que valemos moralmente?!

Entretanto tenhamos uma consolação.

—E' que não será a coacção imposta à imprensa republicana de Lisbôa que impedirá o povo inglês, tam sincero amigo da rainha de Inglaterra como reservado de affectos pelo actual rei, que o impedirá de proceder como intenda.

Convença-se disso o amigo Veiga e tenhamos nós tambem essa convicção — com a respectiva esperança.

o

A morte da rainha Victória veio abrir de certo modo um parentheses na política indigena. Dir-se ia que estamos em férias.

Em todo o caso, falla-se muito por aí na história dum título recentemente concedido.

E' o de visconde de Malanza ao commendador Jacintho, o Agua e Zé, de S. Thomé.

Este commendador que é preto, tem uma fama menos que invejavel. E' senhor de grandes propriedades em S. Thomé, onde se distingue, entre outras coisas, pela posse de um verdadeiro serralho.

Em tempo, quís o título, pro-

mettendo quatro contos para instituições de caridade.

Apesar de estar no poder o partido progressista, com a já célebre virtude triumphante, o título não foi concedido.

Agora apparece visconde de Malanza.

E não se sabe dos quatro contos que elle offereceu.

Em volta do caso correm variadas e edificantes versões, todas unánimes em affirmar que o nobre visconde não só deu quatro contos como mais, mas que nem um ceitil foi para instituições de caridade.

Tudo é crivel, possivel e verdade, sendo ministro do reino o celebrado cynico de face austera, que aconselhou um professôr da Escóla Naval a conseguir um diploma de deputado por meio de *chantage* com os exames.

o

Consta que entraram abertamente no campo diplomático as reclamações dos credores externos sobre a questão da divida portuguêsa. Creio tambem que breve o assumpto vai ser discutido no parlamento, talvez um pouco ruidosamente.

A questão deve merecer toda a attenção ao povo português. Toda a attenção e toda a prudéncia.

E' fóra de dúvida que os progressistas fizeram sobre o caso negociações que os apresentam como criminosos de infima espécie. Supponho que isso se demonstrará cathegoricamente.

Em momento opportuno, deve-se protestar altiva e dignamente contra essas negociações.

Mas será bom, em todo o caso, que o protesto não favoreça de nenhuma fórma, occultos manejos do governo.

o

A' hora a que lhes escrevo, espero ainda o resultado do julgamento do médico militar Duarte Pinto Coëlho — o das escadinhas da Mãe d'Agua.

Espero?!

Não é bem isso.

Que não ha que esperar, visto que o conselho de guerra deu hontem 20 dias de prisão ao alferes Lima, que respondeu pelos seguintes processos:

1.º — Accusado de ter, em 30 de abril do anno findo, quando seguia num carro americano pelo largo do Corpo Santo, aggredido com sôccos, fazendo-lhe jorrar o sangue pelo nariz, a Agostinho Sequeira de Sousa, passageiro do mesmo carro, insultando e ameaçando depois um outro passageiro de nome António Joaquim Iniguez, que protestára contra a aggressão.

2.º — Accusado de ter, no dia 1 de setembro do mesmo anno, na feira de Rio Maior, aggredido com sôccos o bufarinheiro Delphim Pereira, gallego, dando-lhe depois duas pranchadas, quando elle foi chamar o policia 50, de Santarem, de serviço na feira.

Accusado, no mesmo processo, de ter, dias mais tarde, quando estava ainda a commandar a diligéncia de lanceiros 2 para alli destacada, mandado acutilar o povo que se achava em frente do aquartelamento, ferindo José Henriques de Almeida.

3.º — Accusado de, no dia 10 de setembro do mesmo anno, na rua Formosa, esquina da travessa das Mercês, ter acutilado o nosso collega do *Século* Francisco Vidal, produzindo-lhe, entre outros, um grande ferimento na testa.

4.º — Accusado de ter, na noite de 1 de outubro do mesmo anno, no corredor da 1.ª ordem do Colyseu dos Recreios, no primeiro intervallo, acutilado o nosso collega do mesmo jornal, Veiga Correia.

20 dias de prisão — o minimo em que qualquer misero é condemnado por dar uma justa bofetada...

Como esta justiça anda!

F. B.

ABUSOS

A communicação feita aos jornaes republicanos de que, no alto interesse do Estado, lhes era vedado fazer quaesquer referencias desagradaveis á rainha Victoria e ao novo rei Eduardo VII, é mais um certificado da fundamental esperteza dos nossos governantes que, junta á tradiccional esperteza da policia, produz esses casos hilariantes, mesclados de infamia, de que só nós temos o privilegio.

Uma tal intimação, depois dêsses jornaes terem consignado duma forma lisongeira a excepcionalidade dos predicados da extincta soberana, limitando se, pelo que toca ao novo rei, a produzir notas biographicas inoffensivas, não tem justificação possivel, e só se explica por um acto de baixo servilismo que neste caso não diz bem.

Porque, com taes medidas abusivas, o governo só consegue dar o caracter dum commedimento, iniqua e violentamente imposto, ao que era uma homenagem expontanea e livre; e, parece-nos bem que á Inglaterra seria mais grato constatar que no nosso país, onde o odio ao bretão é velho, todas as convicções se harmonisavam, perante a morte da sua rainha, no mesmo preito de justiça, do que ter de agradecer ao governo dispensaveis medidas de repressão.

Mas esta gente monarchica, habituada a trovejar insolencias contra os reis, na hora má dos seus despeitos, julga inacreditavel que nós, republicanos, por um nobre principio de justiça, prestemos homenagem a uma rainha que soube impôr-se pelo lidimo quilate das suas qualidades.

Como se nós lhe seguissemos alguma vez os processos de *chantage*, tivessemos a mesma moral hypocrita, os mesmos principios e a mesma... cara.

Moëda falsa

João Bernardes e Diométrio Bernardes Cores, os dois individuos presos na Louzã pelo caso do fabríco e passagem de notas falsas que largamente referimos em o número passado, foram já remettidos áquella villa, em cuja comarca tem de ser julgados visto que o delicto — o fabrico — foi lá praticado.

Dos três espanhoes implicados, que estacionavam em Cantanhede e desappareceram, levando o melhor de 1:200$000 réis, producto do negócio, ainda não foi possivel conseguir noticias.

Tribunal do commércio

Reüne-se na próxima sexta feira, 1 de fevereiro, para resolver as condições em que devem ir á praça, pela 4.ª vez, as dívidas activas pertencentes á massa fallida da casa bancária Santos & Brito e que não tiveram lanços nas três praças feitas; para julgar a concordata pedida pelo capellista, sem modas, estabelecido na rua Ferreira Borges, sr. António Macedo Domingos Barreto, e para apreciar as contas da fallência de José Madeira, de Goes, apresentadas pelo respectivo administrador da massa sr. António José de Moura Bastos.

O sr. dr. Manuel Dias da Silva, presidente da Camara, saiu para o Porto. Ficou com a presidencia o vice sr. Antonio Francisco do Valle.

Registo civil

Por que o casamento e o registo civil de nascimentos encontram ainda em toda esta região, como noutras, uma tal ou qual resisténcia, pelo falso convencimento de que não indo á igreja se não fica bem casado nem *christão*, vem a propósito apontar a seguinte nota:

Em Lisbôa, casamentos civis effectuados, 929; no Porto, 153 e em Villa Nova de Gaya, 48.

Em qualquer daquellas cidades o número de registos civis de nascimentos é igualmente importante, podendo dizer-se que isso entrou já nos hábitos da maioria das respectivas populações.

Têem se feito mais casamentos civis no Barreiro, Faro, Torres Vedras, Regoa, Reguengos, Seixal, Tondella, Villa Franca de Xira, Odemira, Moura, Thomar, Aveiro, S. Thiago de Cacem, Villa Real, Evora, Niza, Beja, Benavente, Arronches, Santarem, Palmella, Sabugal, Vidigueira, Penafiel, e, mesmo na administração dêste concelho, se contam já alguns, sendo contudo maior o numero de registos de nascimentos, sem embargo da relutáncia que naquella repartição determinados funccionarios hám manifestado em acceitar os apontamentos para o auto respectivo, procurando evitar a prática do acto, a que se resignam só depois de reiteradas tentativas, por meio de conselhos que ninguem se encommoda a pedir lhes.

A causa principal, em todo o caso, de a acceitação do registo civil se não vulgarisar mais entre nós, está na pressão exercida pelos párochos sobre os pobres. Aquêlle que precisa dum attestado para entrar no hospital ou para pedir medicamentos na Misericórdia, desde que tenha acceitado o registo civil ou não vá á confissão, póde estar certo de que o não apanha: — o sr. prior não o conhece como seu parochiano para êsse effeito, embora o conheça para mandar-lhe cobrar a congrua e para a visita por occasião do folar.

E ahi temos como, contra uma lei do estado, lei decretada e em vigor, que dá ao casamento civil e ao registo de nascimentos a mesmissima legalidade que a egreja dá ao casamento catholico e ao baptisado, é guerreada á *outrance* pelos ministros do altar, não valendo aos que protestem nem a sua justiça nem os direitos que a mesma lhes confere, visto que as influencias de valimentos e a protecção official estão com o reaccionarismo catholico, em todos os cantos do paiz.

E é por convicção que os potentados defendem a acção clerical? Seria demasiada ingenuidade acredita-lo, e não vêr que o convencionalismo de interesses ainda aqui se manifesta exhuberantemente.

Seria rasoavel que os parochos e demais sacerdotes procurassem, pelo conselho insistente, evitar o registo civil; mas exercerem descabelladas pressões, abusando das prerogativas que têem ao seu dispôr para sacrificarem a actos que a consciencia lhes não acceita, os necessitados que se mostram avessos á egreja, é mais que uma deshumanidade, um auctoritorismo irritante, que mais serve para afastar do que para approximar do crédo catholico, visto como essas pressões e mesquinhas vinganças estão em perfeita contraposição com as doutrinas de amor e de bondade prégadas pelo Christo, e que a egreja com os seus ministros tanto têem adulterado e deprimido.

Ninguem póde ser perseguido por motivo de religião, prescreve a carta constitucional. E comtudo essa perseguição é livremente exercida pelos ministros do altar, sobre os necessitados — o que a torna ainda mais odiosa — pela recusa de attestados quando dêlles carecem para pedir o soccorro em caso de doença, desde que esses necessitados hajam tido qualquer manifestação de se não coadunarem com a egreja.

De sorte que o padre, por este processo, não faz crentes, faz victimas, coagidas, á acceitação do que reprovam, pela fatal lei das necessidades, que é uma arma terrivel nas mãos dêsses que se dizem apostolos das doutrinas de Christo.

Assim o comprehendeu em grande parte a liberal mesa da Santa Casa da Misericordia, que hoje administra com notavel dedicação esse pio estabelecimento, procurando evitar tanto quanto lhe é possivel tal intolerancia e vinganças, dispensando o attestado do parocho para a cedencia de soccorros clinicos e pharmaceuticos e para outros auxilios que cede aos necessitados.

A verificação da legalidade dos pedidos é feita escrupulosamente pelos proprios mesarios, que assim têem evitado muito abuso e furtado muita gente a determinadas vinganças clericaes.

E no entanto, esta manifestação de sentimentos dignamente liberaes, em nada alterou ainda a essencia fundamente monastica da instituição.

E' a assistencia superiormente comprehendida, e ao mesmo tempo uma demonstração de como pode e deve cercear-se ao parocho a faculdade de escravisar consciencias, á sombra de instituições generosas.

Viagem em automovel

Em regresso de Lisboa chegou aqui ante-hontem, ás 6 e meia horas da tarde, no seu bello automovel, o sr. dr. Ayres de Campos que, como noticiámos, partira para a capital na terça-feira.

Saiu de lá ás 9 horas da manhã, vindo por Torres Vedras onde fez paragem de duas horas. Gastou, pois, no regresso, 7 horas e meia. Tanto tempo quanto o que demorou na ida.

Taxas postaes

Desde o dia 1 de fevereiro próximo, os bilhetes e cartões postaes, amostras e manuscriptos, jornaes e impressos a expedir pelo correio para todos os países estranjeiros, fóra da Europa, ficam sugeitos aos seguintes portes:

Bilhetes postaes simples, 25 réis; bilhetes postaes com resposta paga, 50; cartões postaes, 65; jornaes e impressos: cada 50 grammas ou fracção de 50 grammas, 15. Amostras: até 100 grammas, 25, de 100 a 150 grammas, 45; cada 50 grammas, além das 150, 15; manuscriptos: até 250 grammas, 65; de 250 até 300 grammas, 90; cada 50 grammas, além das 300 grammas, 15.

Nas taxas dos telegrammas enviados pela imprensa para qualquer ponto até á América do Norte, foi feita a reducção de 50 por cento, estando approvada pelo ministério das obras públicas uma tarifa que reduz, igualmente 50 por cento, os despachos telegráphicos que a imprensa envie, pelo cabo submarino dos Açôres, para além da América do Norte.

O cocheiro Abílio da Silva atropellou, ao Caes, com um carro que guiava, o mendigo Abílio da Silva, que soffreu diversos ferimentos, não sendo, porém, nenhum de gravidade.

A policia tomou conta da occorrência e enviou communicação para juiso.

Reforma do notariado — representação

Dada a discussão, que tem havido na cámara dos deputados, sobre a reforma do notariado, voltando á tela a questão de ser creado um curso especial, como se consigna no projecto, a cámara de Coimbra resolveu, na sua sessão de quinta feira, dirigir uma representação ás côrtes pedindo que, a crear-se êsse curso, elle não seja estabelecido em Lisbôa, como já se opinou, mas annexo á faculdade de direito, no primeiro estabelecimento scientifico do país — a Universidade.

Esta resolução da cámara é, não só louvavel pela prova de interesse que manifesta em que esta cidade seja considerada devidamente, mas ainda em absoluto justificada pela afinidade existente entre o referido curso especial e o estudo juridico — matéria a que pertence o exercicio notarial — que apenas é feito na Universidade, havendo ainda a considerar a commodidade e economia que resultará, do mesmo curso ficar em Coimbra, para os estudantes que se destinam á formatura em Direito e que pretendam cursar tambem o estudo do notariado.

Andam, porém, no ar rumores significativos de que estám em jogo influéncias para que tal curso fique na capital, para se dar o prémio que mereceu, pela passagem, a um transfuga, dos *novos* que pretendem fazer carreira, e ainda para se beneficiarem outros protegidos. E como nêste abençoado país, os interesses collectivos sam postergados pelos individuaes, não haverá motivo para estranhezas, se, ainda desta vez, o facto se repetir.

Convém, pois, que outras collectividades locaes sigam o exemplo da camara representando naquelle sentido, e ainda mais convém que no assumpto se interessem os influentes da politica governamental para que o curso, ou se não crie ou seja estabelecido junto da faculdade de direito.

Deixar que o colloquem em Lisboa, o mesmo será que permittir em silencio e sem protesto o começo do desmembramento da Universidade, e contra isso se deve reagir abertamente, no interesse da cidade que a todos, sem distincção de côr politica, interessa ver progredir e não amesquinhar.

Será este o mais importante ensejo que póde deparar se aos regeneradores d'aqui, hoje senhores da situação politica districtal e dispondo das attenções e favor do governo, para prestarem um alto serviço á sua terra e attestarem isenção de proceder quando se trate de protege la em contraposições de interesses restrictos.

Dr. Hygino de Sousa

O nosso illustre correligionario dr. Hygino de Sousa fez concurso para lente da Escola Medica de Lisboa, e ficou approvado.

Com as felicitações que lhe enviamos manifestamos a nossa admiração ao seu superior talento e ao seu caractar altivo e independente.

Hygino de Sousa tem acompanhado sempre o partido republicano com firme dedicação e muito temos a esperar da sua intelligencia, pois Hygino de Sousa não é só um demolidor; o seu concurso no levantamento de uma nova patria ha de confirmar mais as nossas affirmações.

O medico pela faculdade de medicina de Paris, sr. Manuel Silvestre Gomes, do Funchal, requereu portaria para ser auctorisado a repetir os actos na Universidade, afim de poder fazer clinica em Portugal.

Associação Commercial

O sr. Francisco Villaça da Fonseca, que fôra reeleito na presidência da direcção da Associação Commercial, cargo que desempenhou com uma orientação verdadeiramente proveitosa não só aos progressos e bom nome daquelle prestante grémio, mas ainda a assumptos diversos de capital interesse para o commércio e para a cidade, enviou ao presidente da assembleia geral um officio declarando a sua impossibilidade de acceitar a reeleição.

Esta resolução do sr. Villaça provocou, como era de esperar, o maior desgosto entre todos os associados que reconhecem, numa firme demonstração de justiça, a intelligente actividade que aquêlle cavalheiro sempre dedicou à Associação e ás particularidades sobre que ella tem de velar. Assim se explica, pois, a corrente geral para que se insteom o sr. Villaça para a sua continuação no cargo que pretende declinar.

Sinceramente estimâmos que essa seja a resolução final de tam distincto cavalheiro.

Creança abandonada

Hontem de manhã apresentou-se à policia um bom velhote — Abilio Rodrigues — residente no Picoto, freguezia de Sernache, a contar o seguinte curioso caso:

A's 2 horas da madrugada bateram-lhe á porta. Perguntou quem era e não obteve resposta, mas d'ahi a pouco voltavam a bater. Vindo a abrir, não encontrou pessoa alguma, mas notou que na valeta, encostada à soleira, estava qualquer objecto volumoso. Abaixando-se a analysa-lo, deparou com uma ceira, tendo dentro, envolta em alguma roupita, uma creança que não devia ter nascido ha muitas horas.

Embora tomado de aspecto, condoeu-se, levou para dentro a ceira e o contheudo, vendo-se pouco depois em sérios embaraços.

Não tem filhos e vive sómente com a mulher tambem velhota e que ha tempo está doente de cama. Quem havia de dispensar os necessarios cuidados ao petiz que desatou a chorar violentamente?

Afflicto, resolveu-se a accender uma fogueira para aquecer a criancita, e com ella esteve á volta da areira até de manhã que poude «partir para a cidade» a dar parte ás auctoridades para tomarem conta do *presente*, que apresentou.

Recebeu o a policia que lhe promoveu logo a entrada no hospicio, em quanto o bnm do sr. Rodrigues voltava para junto da consorte enferma ainda mal refeito da curiosa surpresa.

Récita de quintanistas

Começaram ante-ontem os ensaios de declamação para a récita de despedida do curso do 5.º anno theológico-jurídico, sendo ensaiador o festejado actor Chaby, que ha dias regressou do Brasil com a *troup* de D. Lucinda Simões, chegando ante-ontem a Coimbra.

Em audiência geral do dia 24, foi absolvido o reu Manuel dos Santos Vinagreiro, de Valle Canas, que era accusado de ter envenenado umas gallinhas pertencentes a um seu visinho.

Atheneu Commercial

Realisam-se hoje as eleições desta sympáthica associação, eleições que sam deveras disputadas devido a divergéncias que ultimamentete tem havido entre os sócios.

Que a luta d'hoje seja o início para o termo dessas divergéncias e para uma uniformidade de aspirações para o maior engrandecimento do Atheneu, que apesar de tudo progrediu, especialmente quanto ao seu estado financeiro, é o que sentidamente desejamos.

O professor primário da freguesía de Ceira, concelho de Coimbra, sr. Joaquim da Fonseca Moraes, foi dado, em exame da sanidade, por absolutamente incapaz de continuar em serviço.

Tuna académica

O sarau que a tuna académica estava para realizar em Lisbôa no próximo dia 3, com a Associação dos Jornalistas, está prejudicado em virtude de não ter sido possivel conseguir theatro em condições que podessem ser acceites.

Resolveu, por isso, ir em visita a Santarem, dando allí dois saraus, ficando a prática desta resolução dependente apenas de que o funeral da rainha Victória não coincida com qualquer da quêlles dias, pois que, decretado o luto nacional para quando o enterro tenha logar, não póde haver espectáculos nessa occasião.

A mesma tuna tenciona ir ao Porto, em dia que ainda não está designado, dar um sarau com os bombeiros voluntários daquella cidade.

*

E' já sabido que a tuna Académica de Valladolid não póde realizar a sua projectada vinda a esta cidade durante as férias do carnaval, parece que por motivo de o respectivo reitor lhe não ter concedido a necessária autorisação.

Livre, pois, do compromisso de estar em Coimbra para recebê-la, a tuna académica de cá resolveu fazer, por aquella occasião, uma viagem a Vigo e a Tuy.

Fallecimentos

Foi sepultada ante-hontem, no cemiterio da Conchada, a sr.ª D. Thereza Emilia Lopes de Carvalho, irmã do fallecido dr. Adriano Lopes Guimarães e tia do professor de Direito sr. dr. Guimarães Pedrosa e da esposa do sr. Emýgdio Navarro.

Snccumbiu, com 97 annos, a complicações dum ataque de influenza.

*

Falleceu tambem a mãe do intelligente photographo sr. Adriano da Silva e Sousa.

O sr. dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, que ha poucos dias concluiu o seu concurso para entrada na faculdade de theologia, vai ser nomeado lente substituto da mesma faculdade.

Para as reformas a introduzir na organisação do annuário da Universidade, foi nomeada uma commissão de professores que ficou composta dos srs. drs. Sousa Gomes, de philosophia, presidente, e vogaes, Antonio de Pàdua, de medicina, José Alberto dos Reis, de direito, Antódio Ribeiro de Vasconcélloz, de theologia, e Costa Lobo de mathemática.

Esta commissão será secretariada pelo secretário da Universidade sr. dr. Manuel da Silva Gayo.

Declaração

Pedem nos a publicação da que segue:

«A mesa da assembleia geral da Academia de Coimbra, realisada no dia 21 do corrente, foi encarregada de promover a nomeação dos delegados dos cursos que ainda o não tinham feito, com o fim de se receberem os Estudantes de Valladolid no proximo carnaval.

Cumprida esta missão, a mesa vem declarar que a commissão ficou constituida por os seguintes srs.:

Tello Gonçalves, presidente; Santos Monteiro, vice presidente; Bacellar Telles, thesoureiro; tendo como substituto A. Ferreira Loureiro; A. Mattos Chaves, 1.º secretario; Nunes da Cruz, 2.º secretario; vogaes os restantes representantes dos cursos.

Feita esta declaração, damos por terminado o nosso mandato.

Coimbra, 24—I—1901.

Eugenio da Cunha Pimentel,
Abilio Alberto Pinto de Lemos,
Vasco Noronha Guedes de Vasconcellos.»

PUBLICAÇÕES

História Socialista — Está despertando enorme interesse esta obra do grande tribuno francês Jean Jaurès, esmeradamente vertida para a nossa língua e annotada pela sr.ª D. Elisa de Menezes, e editada com luxo notavel pela acreditada Casa Bertrand, de Lisbôa.

Com o tomo n.º 2, que acabamos de receber, termina o capitulo — *Causas da Revolução* da primeira parte, cujo caracteristico principal é a justa apreciação dos factos, alliada a uma prodigiosa abundância de pormenores e a um forte poder de linguagem. O segundo capitulo intitula-se — *As eleições e os cadernos:* trata-se, como devem suppôr, dos modos e peripecias da escolha dos representantes dos três estados, e das memorias em que elles exprimiam as suas queixas e os seus votos; assumpto em que muito têem que aprender as classes dependentes d'hoje.

Nêste tomo descrevem-se as condições de trabalho e os protestos e reclamações dos typographos e outros operários, que produziram a violenta agitação social de Lyon no século XVIII, da qual fôra prenúncio uma vasta gréve de impressores no principio do século XVI e foi episódio célebre a sublevação que aos trabalhadores deu a posse da cidade durante alguns dias; traça-se o quadro da evolução da propriedade territórial no Delphinado, quadro em que têem seu logar as opiniões de Barnave, verdadeiro esboço do materialismo económico de Marx; e define-se o estado de París com a sua tansformação material, o seu papel de capital revolucionária, e os seus motins populares e repressão dêstes, — prologo porventura das grandes luctas proletárias dos nossos dias, analysando-se ao mesmo tempo, em face dos dizeres de Mably, Necker, Morelli, Babeuf e outros, esta questão: — teria então o preletariado uma consciência de classe já desperta?

As estampas sam, entre outras: *O pedreiro e a lavadeira, Os boulevards de Paris, O motim de Reiveillon, Sieyés, Mirabeau. A ponte Morand*, etc.

A assignatura continúa aberta a tomos mensaes de 80 páginas ou a cadernetas semanaes de 16 páginas, pelos preços de 200 réis e 40 réis respectivamente.

*

A Formosa Costureira — Acabâmos de receber o 2.º episodio das *Aventuras Parisienses*, bello e grandioso romance de Pierre Sales que tanto agradou ao público francês, pelas scenas não só moraes mas tambem vivas e palpitantes com que o auctor descreve a sociedade parisiense, e tambem pelas qualidades de imaginação deste auctor hoje consagrado em França como dos primeiros no genero popular.

A belleza da edição, o primor das gravuras, sam méritos que a casa Bertrand tem nas publicações dos seus livros agradando sempre ao público que até hoje a tem collocado em primeiro logar.

A seguir sahirám o 3.º episodio *Honra por dinheiro* e o 4.º *Victórias do amor*.

Recommendamos com justiça a assignatura das *Aventuras Parisienses*, por termos a certeza de que os leitôres nos agradecerão o conselho.

CIRCULAR

E.xmo sr.

Tenho a honra de communicar a v. ex.ª que, de sociedade com o sr. Francisco Correia, negociante nesta praça, tomamos a nosso cargo sob a firma de

Cunha & C.ª

o antigo e bem conceituado estabelecimento do sr. José da Costa Condeixa, na rua do Visconde da Luz, n.º 79 a 85.

Pela minha longa prática desta indústria, exercida por bastante tempo como contra-mestre da sapataria a *Elegáncia de Coimbra*, do sr. Manuel Teixeira, posso, sem receio a par da modicidade de preços, executar qualquer obra que v. ex.ª se dignar encommendar-me, pelo que muito grato lhe ficará o

Coimbra, 20 de janeiro de 1901.

De v. ex.ª
cr.º mt.º att.º vn.or
José Maria da Cunha.

EDITAL

A Cámara Municipal de Coimbra faz saber que, voltam à praça no dia 14 do próximo mês de fevereiro, nos Paços dêste concelho, pela uma hora da tarde os lotes de terreno para edificação na rua número 9 da Quinta de Santa Cruz sob os n.os 30, 31, 32, 33, 34, 51, 52 e 53.

A base para a licitação será de 300 réis por cada um metro quadrado de terreno.

As condições para a venda dêstes lotos, assim como a planta respectiua, acham-se patentes na repartição d'obras do municipio, todos os dias úteis, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Coimbra e Paços do Conselho, 25 de janeiro de 1901.

O vice-presidente,
Antónuo Francisco do Vale.

BICO AUER
AVISO

A empreza do *Bico Auer* participa a todos os seus clientes que a agéncia de Coimbra e Figueira da Foz, deixou de estar a cargo do sr. José Marques Ladeira desde hoje 25 do corrente, e foi transferida para a casa do sr. Caetano da Cruz Rocha, com estabelecimento de canalisações para água e gaz na Rua Ferreira Borges, n.os 141 e 143.

Mais participa que só êste allí está autorisado para a venda dêstes Bicos *(Auer)* e accessórios, em Coimbra e Figueira da Foz.

Lisbôa, 25 de janeiro de 1901.

A Empreza.

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

LEILÃO

Por motivo de mudança de casa proceder-se ha a leilão, em globo ou em separado, nos dias 1 e 2 do próximo mês de fevereiro pelas 12 horas da manhã, na casa n.º 111 da Couraça de Lisbôa, do seguinte: três mobilias completas, lontres de crystal, espelhos sendo um de crystal de Veneza, relógio de sala e duas floreiras de mármore preto, cabide bengaleiro, vasos grandes encanastrados e uma grande quantidade de roseiras em haste alta e baixa.

O encarregado do leilão,
João Augusto Simões Favas.

Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

I

A MULHER VELADA

Uma mulher morena e pálida, delgada e desinvolta, com attitude altiva e grande ar, desceu, numa tarde d'outomno, dum fiacre horrivel na avenida dos Campos-Eliseos, à esquina da rua de Galileu.

Ha dramas que passam pelas ruas. Não se presentem, como se presente a vinda da tempestade? E' que as paixões tem tambem a sua atmosphera.

Dois rapazes, que passavam por alli, notaram aquella mulher, em quanto pagava ao cocheiro, o que fez rapidamente; porque não pediu troco do dinheiro que deu. Apezar de ser quási noute, e da mulher ter o rosto escondido por um véo, um dêlles, Arthur Vallon, disse:

—Não é a condessa Regina?

Os dois rapazes eram bem educados demais para cumprimentarem em tal occasião.

—O que estás tu a fazer?

—Meu caro Leonce, tomo nota do número do carro.

—Tenho sempre dito que nasceste juiz instructor.

—Não. Nasci curioso.

E continuaram o seu caminho.

Porque é que aquella senhora, na acção tam simples de descer d'uma caruagem e de pagar ao cocheiro, tinha chamado a attenção dos dois rapazes? Porque não tinham nada que fazer; porque se tinha espalhado o boato de que ella ia requerer separação de corpo e divorciar-se do marido, o conde de Romanes; porque esta senhora, enfim, não tinha o habito de andar de fiacre nos sobretudo, Campos-Elyseos. Tinham-na visto passar sempre por alli, num bello landeau côr d'azeitona, puxado pelos mais bellos cavallos inglêses que ha em Paris.

Além disso, cada vez que se vê uma senhora da primeira sociedade, descer dum fiacre, ao caír da noite, toda a gente pergunta aonde ella vai.

(Continúa).

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnífico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis	o litro
» » » » a	80 »	»
» verde de Basto a	90 »	»
» branco de Torres Novas a	90 »	»
» » de Mangualde a	90 »	»
Vinagre a	80 »	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130 »	»
» (2.ª qualidade) a	110 »	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240 »	»
» » » (2.ª qualidade) a	200 »	»
» » » (3.ª qualidade) a	180 »	»
» » figo a	120 »	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

MARÇANO

Na rua da Sophia n.º 44 precisa-se de um rapaz de 13 a 14 annos e que tenha alguma prática de negócio.

Trata-se com António d'Almeida e Silva.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

MERCEARIA

Trespassa se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo juiso de direito da comarca de Coimbra, correm editos citando os recrutas: António, filho de Manuel d'Oliveira Baio e de Maria Fernandes Geralda, natural de Ribeira de Casconha, freguesia de Sernache, — Manuel, filho de António Gomes e de Thereza de Jesus, natural de Souzellas,—Manuel, filho de Marcellino Vieira e de Jacintha Magdalena, natural do Sargento Mór, —Rodrigo, filho de José da Cruz e de Joaquina da Conceição, natural de São Martinho, freguesía de Souzellas, — e Manuel, filho de António da Silva Amado e de Maria Cándida, natural da Barroca, freguesia de Sernache, ausentes em parte incerta, para no praso de oito dias, posterior ao de sessenta, depois da última publicação dêste annúncio, provarem alguma das causas justificativas das faltas que deram à junta districtal d'inspecção no dia 22 de setembro de 1900 em conformidade com as disposições do § 1.º art.º 144 do regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim Alves Faria.

Alfaiates

Precisam-se officiaes bem habilitados.

Não estando nestas condições é desnecessário a sua apresentação.

Tambem se admittem aprendizes.

Calçada, 76.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

AJUDANTE

Preciza se um, ou próximo a ganhar.

Rua do Visconde da Luz, 60.

Escóla Nacional de Agricultura

Depósito Hippico

Pela direcção da Escóla Nacional de Agricultura se annuncia que no dia 6 do próximo mês de fevereiro, pelas 12 horas do dia, se procederá à venda em hasta pública dos cavellos que seguem:

1.º—Euripe—anglo-normando.
2.º—York—anglo-normando.
3.º—Skater—puro sangue inglêz.

As bases de licitação sam: de 81$000 réis para o 1.º, 30$000 réis para o 2.º, e 13$000 réis para o 3.º.

Os referidos cavallos pódem ser vistos nos seus alojamentos todos os dias úteis desde as 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Escóla Nacional de Agricultura, 22 de janeiro de 1901.

O director,

António Augusto Baptista.

Éditos de 60 dias

(2.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio, Nunes, correm éditos de 60 dias, contados desde a última publicação dêste annúncio, a citar os recrutas auzentes e desconhecidos, abaixo relacionados e que se acham recenseados no anno de 1900 para o serviço militar, de que vam ser julgados refractários, por terem faltado à junta districtal de inspecção no quartel em Coimbra, pelo que fôram autoados em 18 de setembro último, se dentro do praso de oito dias, posterior ao dos éditos, não provarem alguma das causas justificativas da sua falta, em conformidade com o disposto no § 1.º do art.º 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Recenseados pela freguesia de S. Bartholomeu de Coimbra:

José, filho de Amaro António e Maria Antónia, natural de Coimbra; José, filho de António de Sousa Carvalho e Maria Emília, natural de Coimbra; José, filho de Francisco Ferrão e Maria da Conceição, natural de Coimbra; José, filho de José Francisco da Cunha e Maria Elisa da Conceição, natural de Coimbra.

Recenseado pela freguesia de Santo António dos Olivaes:

José, filho de João Chrisostomo Chaves e D. Maria José Magalhães Ferraz, natural de Luzeiro.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

Éditos de 60 dias

(2.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio, Nunes, correm éditos de 60 dias, contados desde a última publicação dêste annúncio, a citar os recrutas, auzentes e desconhecidos, abaixo relacionados e que se acham recenseados no anno de 1900 para o serviço militar, de que vam ser julgados refractários, por terem faltado à junta districtal de inspecção no quartel em Coimbra, pelo que fôram autoados em 13 de setembro último, se dentro do praso de oito dias, posterior ao dos éditos, não provarem alguma das causas justificativas da sua falta, em conformidade com o disposto no § 1.º do art.º 144 do regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Gonçalo, filho de Manuel d'Almeida e Maria Ricardina, natural de Sam Fructuoso, recenseado pela freguesia de Ceira; Joaquim, filho de Manuel Rodrigues e Maria Roza, natural de Valle de Rozas; José, filho de António d'Oliveira e Emília Mathias, natural de Andorinha, e José, filho de Maria Martins Exposta, natural dos Casaes de Vera Cruz, estes recenseados pela freguesía da Lamarosa.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

R. Calisto.

EDITAL

A Cámara Municipal de Coimbra faz saber que, no dia 14 do próximo mês de fevereiro, pela 1 hora da tarde, ham de voltar à praça nos Paços dêste concelho, para se arrendar até ao fim do corrente anno, as barracas n.os 27, 28 e 29 do mercado de D. Pedro V, para venda de carne de carneiro.

Coimbra e Paços do Conselho, 25 de janeiro de 1901.

O vice-presidente,

António Francisco do Vale.

ANNUNCIO

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 6 MEZES

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão que este assigna, corre seus termos uma acção civel de curadoria definitiva, em que são requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteira, proprietarios, de Falla, freguezia de São Martinho do Bispo, e requeridos Adriano da Fonseca Carramanho, filho legitimo de Francisco Fonseca e de Maria Vinagre, já fallecidos, natural de Falla, freguezia de São Martinho do Bispo, onde residiu até fins de outubro de 1888 e no estado de solteiro, se ausentou d'alli ha uns dez annos para o Brazil, e Antonio Monteiro, casado, proprietario, de Falla, dita freguezia, como procurador d'aquelle; e pela mesma acção correm editos de seis mezes, a contar da segunda publicacão do respectivo annuncio, citando aquelle requerido Adriano Fonseca Carramanho, tambem conhecido por Adriano da Fonseca, para contestar, querendo, na terceira audiencia dêste juizo, depois d'accusada a citação, a referida acção, sob pena de revelia. As audiencias neste juizo, fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos se estes tambem o não forem e sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca, sito na praça Oito de Maio, d'esta cidade.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito.

R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio,

Arthur de Freitas Campos.

ANNÚNCIO

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão que este assigna, correm seus termos uns autos d'acção civil de curadoria definitiva, em que são requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteira, proprietarios, de Falla, freguezia de São Martinho do Bispo e requeridos Adriano da Fonseca, tambem conhecido por Adriano da Fonseca Carramanho e seu procurador Antonio Monteiro, casado, proprietario, de Falla, dita freguezia; e pela mesma acção correm editos de sessenta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando os interessados incertos, para assistirem, querendo, na terceira audiencia dêste juizo, depois d'accusada a citação, à referida acção, sob pena de revelia. As audiencias neste juizo, fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos, se estes tambem o não forem, e sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca, sito na praça Oito de Maio, desta cidade.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio,

Arthur de Freitas Campos.

FACTURAS, recibos, circulares e memoranduns, imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, — rua Martins de Carvalho, 7 — COIMBRA.

N°. 618 COIMBRA—Quinta feira, 31 de janeiro de 1901 6.° ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno: 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

31 DE JANEIRO

Mais um anno decorrido sobre o generoso movimento de revolta do Porto, em que milhares de corações se levantaram num impulso nobre de redempção da Pátria pela República! Mais um anno decorrido, e sempre a mesma fé ardente a animar as almas immaculadas, para as quaes ha um só fim a norteá-las, a implantação da república em Portugal!

E, contudo, depois da catástrophe innarravel, do lucto profundo em que mergulhou a alma portuguêsa, a nossa pobre nação tem descido, descido successivamente e tanto, que não é de prever que civicamente possa descer mais. Parece que os nunca esquecidos mártyres de *31 de janeiro* anteviam o grau de corrupção e baixeza a que tudo isto, tam depressa, havia de chegar, quando fizeram o sacrificio cruento da sua vida na patriótica tentativa de resgatar a nação.

Houve alguns annos, na primeira metade do século passado, em que muito se luctou por um novo e grandioso ideal romántico de liberdade; feriram-se luctas épicas, dividiu-se o país em dois partidos, norteados cada um por ideias e sentimentos oppostos, em que destacava a grandeza de uma incontestada sinceridade e a febre ardente de paixões que dominavam. E os loucos sublimes dessa época, que à custa de inanimados sacrificios torturantes conseguiram ver arvorar-se, firme, a bandeira dos seus princípios sagrados e immortaes, adormeceram na eterna paz a descançar de tam rudes combates pela liberdade! E adormeceram como os hernes antigos, tendo impressa na fronte majestosa de fortes a grandiosa serenidade que resulta do estoico dever cumprido...

Volveram annos e a generosa utopia daquellas almas de santos, que sacrificaram no altar da sua Pátria redimida o que de mais puro e immaculado possuiam, converteu-se na realidade grosseira e rude dum baixo império degradante!

Findava o século; por entre o marulhar crapuloso da politica mais baixa e corrompida, cérebros d'eleição e almas brancas de luz tinham concebido um novo ideal, ainda mais puro e sublimado. A lucta abriu-se contra a corrupção existente, contra a força cega e bruta que ia estrangulando a alma nacional, torcendo-a, affeiçoando-a aos interesses inconfessáveis duma oligarchia nefasta. Os mais generosos combatentes terçaram com brilho as suas armas luminosas... A lucta foi larga, brilhante, fecunda!

Em pouco tempo havia-se feito uma revolução nos espiritos; dum ao outro extremo do país surgiu uma alma nova, anceante dum novo futuro honrado e são.

E entretanto, aquelles que haviam antes estrangulado aquella antiga liberdade, nascida do sangue generoso de portuguêses derramado em mil combates, continuavam persistentes na sua obra criminosa d'assassinos...

Surgiu um novo dia de redempção. Numa manhã brumosa de inverno, ao alvorecer de 31 de janeiro de 1891, o movimento preparado durante a noite—essa noite inolvidavel em que tanta ardéncia de fé latejou nos mais generosos corações de Portugal—foi illuminado pelos primeiros raios dum glorioso sol triumphante.

Foi proclamada a República!... Entre as acclamações vibrantes e enthusiastas saídas de milhares de peitos, foi pela primeira vez levantada no coração do país a bandeira republicana, solemnemente proclamada...

Mas ainda desta vez havia de ser estrangulada a liberdade em Portugal!

E' fatal a lei histórica de que as grandes conquistas da civilisação ham de ser cimentadas em cadáveres e sangue...

A mesma oligarchia assassina aperrou o bacamarte para suffocar no coração do povo o seu impeto generoso de salvação. E mais uma vez ondas de sangue nobre jorraram pelas ruas da cidade; mais um montão de cadáveres de heroes de mártyres desceram à paz da terra, a marcar para a redempção da Pátria uma nova era de lucto!

Quando sereis vingados, ó generosos mártyres sublimes, que destes com a vida o mais levantado exemplo?

Quando se erguerá de novo esta nação por que morreste, redimida e salva, honesta e forte, a glorificar e honrar os vossos restos nunca esquecidos e sempre amados?...

Quádrupla alliança

A *triplice* passou a *quádrupla*, assim o dizem os telegrammas do extranjeiro.

O novo rei da Inglaterra,—novo apezar de velho,—entendeu se a êsse respeito com o imperador da Allemanha.

O que dirám a isto os allemães, tam inimigos da Inglaterra? Que dirá a isto o mundo?...

Registremos por agora o facto, tam importante que nem é dado prever a que consequéncias políticas levará.

Quando o governo Hollandês mandou sair de Lisbôa o seu representante foi abertamente dito e seguramente acreditado que o facto era consequéncia de acontecimentos que impunham a ruptura de relações.

Para logo appareceu a imprensa official e officiosa em tiradas de apegador, para convencer da menor importância dos factos. Não o conseguiu, e até do seu afan resultava não só a ruptura, mas até a quási indicação de que o dedo inglês forjara o conflicto, para colher ensejo dum desforço contra aquêlle país que tam amavel se mostrou para com o presidente Kruger.

Volvem largos dias e apparecem noticias dêste quilate:

«Continuam com bom éxito as negociações para o reatamento das relações entre os governos português e hollandês. O sr. ministro dos estrangeiros conferenciou ácêrca do assumpto com o sr. conde de Solier, ministro de Portugal na Haia.»

Os srs. vêem? Isto é a declaração formal, de que o perfeito e completo rompimento de relações foi um facto, feito agora por aquêlles mesmo que o negaram.

Não é duma capital importância a incongruéncia, mas salientá-la serve como demonstração da lealdade com que a imprensa do regimen informa o país, ainda ácêrca das questões mais graves.

Negar num dia o que no outro affirma conforme as conveniéncias preceitnem, eis a norma.

Contribuições

A direcção d'Associação Commercial desta cidade procurou hontem o sr. governador civil pedindo para sua ex.ª solicitar ao ministro da fazenda a prorogação do praso para a cobrança voluntária das contribuições do Estado, visto o grande atraso em que está a sua cobrança, por ser naturalmente impossivel fazê-la no praso de um mês.

Sua ex.ª attendendo a tam justo pedido telegraphou immediatamente para Lisbôa, obtendo a prorogação do praso para a cobrança voluntária até ao fim de fevereiro.

Missão financeira

O conselheiro Pereira Carrilho saiu para o extrangeiro em missão financeira. Leva passaportes para Inglaterra e Allemanha, e vai, como delegado do governo, tentar accordo com os credores estranjeiros, assumpto em que lida ha bastante tempo.

Encontramos esta notícia nos jornaes de Lisbôa, e assim se vê que tinham fundamento os boatos ultimamente circulantes de complicações com essa já tam velha, tam debatida e, pelo visto, tão irreconciliavel questão.

No parlamento francês, o ministro dos estranjeiros foi interpellado sobre o appoio que dispensará aos credores de portugal para garantia dos seus legítimos direitos; da Allemanha não sam mais fagueiras as apreciações sobre o objecto em questão, e as conferéncias ultimamente feitas em Lisbôa com representantes estrangeiros nada prometteram.

E' certo que os progressistas tinham entrado em combinações vergonhosas e humilhantes, que os credores jubilosamente acceitavam, mas que os mesmos progressistas não tiveram tempo de pôr em prática. Diz-se que os regeneradores repudiaram essas combinações, pretendendo entrar noutras de menor sacrificio para a dignidade portuguêsa, mas que os interessados recalcitram.

Assim será. Todavia as relutáncias e exigéncias sam apenas a resultante do não cumprimento de promessas por longos annos feitas; de os credores verem como os governos de Portugal dissipam em loucuras de toda a ordem enormes sommas; da demonstração clara, em face dos factos, de que nada se faz ou tenta para estabelecer o equilibrio orçamental, accumulando-se os *deficits* de anno para anno; e finalmente, do convencimento de que com uma administração de tal natureza, é impossivel a satisfação de compromissos.

Como não ha contestação possivel a estes factos, temos de acceitar que sam legitimas e acceitaveis as aprehensões dos credores. Para julga-las sem fundamento, mister seria outro proceder; outra norma de administração, subordinada a um espirito de economia que a situação exige, e que já agora é impossivel—sobeja a demonstração—no regimen de constitucionalismo aí mantido.

Infructiferas serám, por consequéncia, como o têem sido outras, as tentativas que o sr. Carrilho vai fazer. Nada fará que solva o assumpto como convém aos portadores da creditos e d'harmonia com os interesses de Portugal. Por esta coisa simples:—porque os credores mantêem se na impressão de que agora, como sempre, a missão de delegado do governo se resume em paliativos por meio de promessas que se não cumprem. O sr. Carrilho voltará de mãos a abanar, eternisando-se a questão, e a sua nova viagem financeira só servirá para o caso se aggravar com o custeio dessa viagem infructifera.

A situação de Portugal é pois esta:—Povo extraordinariamente individado, e que, mercê da alma dos seus governos, não vê meio de entrar na amortisação. Sem embargo...

Os monarchas vam brevemente aos Açôres em visita official. A flotilha naval, que a acompanha o cruzador *D. Carlos*, que é o barco almirante, compõe-se do *S. Gabriel, Rainha D. Amelia* e canhoreira D. Luis. Todos êstes vasos levam guarnições na maxima força, para deslumbrarem as diversas ilhas, forças para prestar as honras aos viajantes. Além disto, o *Africa* partirá adeante a conduzir bagagens. Calcule-se quanto custa a viagem de todos êsses barcos; a quanto vám montar os dispéndios com as festas lá e que o thesouro ha de custear; quanto será, numa palavra, a cifra total dessa viagem. Somme-se esse quanto com o da viagem eleitoral ao Porto e com o que dispenderá com a outra passeata projectada áquella cidade, e ajuize-se quanto poderia ser bem mais digna e proveitosamente utilisado na amortisação de compromissos. Mas como isto se não faz e os credores o sentem, as suas aprehensões sam legitimas...

E' o regimen na sua vida de loucuras; sám os governos no afan de fazer sobresair os representantes da dynastia, sem quererem preoccupar-se com que arrancam todos êsses desperdícios à dignidade dum país desacreditado e financeiramente moribundo, e á miséria dum povo que nem já sabe como viver e que por isso mesmo dá um contingente larguissimo para emigração.

Somos, pois, uma nacionalidade fatalmente condemnada se um movimento enérgico não fizer desapparecer o throno pelo advento da Republica.

Notas falsas—recusa do banco

O apparecimento das notas falsas de 50$000 réis parece destinado a provocar, especialmente em Lisbôa, um sério conflicto entre o público e o banco de Portugal que agora se nega a recebelas, inutilisando-as a picado e devolvendo-as quando lhe sam apresentadas.

A questão reveste o seu pedaço de gravidade, e a ella se está referindo a imprensa em termos bem pouco sympáticos para o banco e para o governo, sobresaindo a consideração, bem rasoavel afinal, de que o banco ou o estado tiram da circulação fiduciária lucros de sobra para arcarem com o prejuízo do recebimento do papel moëda falsificado.

As recriminações, pois, que se estão levantando contra o procedimento do banco sam justissimas a todos os respeitos, e, em abono dellas depõem as seguintes considerações dum diário da capital, que largamente discute a questão:

«O Banco de Portugal póde dizer em sua defeza muitas

coisas justas. Dirá que pagar as notas reconhecidamente falsas é premiar, promover, facilitar a sua circulação e fabrico; dirá principalmente que pagá las é pagar o que não deve, é honrar compromissos que não tomou. Mas o público allega, e com egual razão, que não tem, que não lhe póde ser imposta, a obrigação de conhecer as notas falsas, mormente quando ellas sam artisticamente fabricadas, e que o actual regimen de circulação do país não lhe deixa sequer a liberdade de não acceitar a moëda que não é digna de confiança.

Se ámanhã se falsificassem, não já notas de 5$000 réis, quasi só usadas em pagamentos avultados, mas as de 5$000 réis, de uso doméstico, que andam na mão de toda a gente, no meadamente nas de analphabetos, e até nas de cegos, não seria uma flagrante injustiça, uma violência barbara, condemnar na multa do seu valôr quem as recebesse por boas sendo falsas? Pois não as pagar corresponderia exactamente a essa condemnação, attentatória dos mais fundamentaes princípios do direito e da moral!

Existe, pois, pelo menos, um conflicto de direitos, um antagonismo de justiças, entre o portador da nota falsa, que provadamente a recebeu de boa fé, e o Banco emissor: como resolve-lo? Repetimos: — não se póde racionalmente impôr a todos os indivíduos a obrigação de reconhecer a falsidade do papel fiduciário; portanto, não é justo nem é equitativo sujeitar quem o recebe de bôa fé ao prejuizo da perda do seu valor representativo. Mas quem ha de então soffrer êsse prejuizo? E' difficil responder, não ha dúvida, mas em tese parece que deve soffrê-lo quem tiver a responsabilidade da existência e da circulação das notas falsas. Essa responsabilidade é do Banco, é do Estado, é de ambos? Do público é que certamente não é!

.....

«As falsificações devem ser consideradas como um precalço eventual das emissões, mesmo para incitar os emissores a evitarem-n'as, fabricando as notas de modo que não possam ser imitadas, mudando a miudo de tipos, e tomando todas as outras precauções accommodadas a êsse intento».

Estes conceitos, de que resalta a affirmativa de que o banco deve pagar quaesquer notas falsas que circulem encontra defêza na opinião dum ex-ministro da fazenda, Marianno de Carvalho, cujo parecer em assumptos desta ordem não é para esquecer. Diz elle no seu *Popular*:

«Ignoramos se existe disposição legal a este respeito, mas não temos dúvida em que a conveniência pública aconselha a troca pelo banco, e parece-nos que a equidade tambem, quando provada a innocência do portador».

E' principalmente em Lisbôa que o caso está provocando attenções, mas nem por isso elle deixa de revestir interesse para a provincia.

Uma vez que a séde do banco se recusa a receber aquellas notas, certo terá expedido para as agências ordens nesse sentido, tornando por consequência geral o projuizo resultante da recusa. Cumpre portanto, acompanhar, em defêza do público, o movimento de protesto feito na capital, e que a imprensa apoia abertamente, e até com considerações bem pesadas, como esta que finalisa um artigo do celebre Ennes no *Dia*:

«Admittido o princípio da não acceitação das notas falsas, —quem sabe?—talvez até algum ministro da fazenda se lembre de as mandar falsificar na casa da moeda!

E se isso se der, como o *Dia* admitte, terá o público de soffrer-lhe as conssquéncias? Terá de ser sacrificado á sagacidade especulativa dum conselheiro falsificador?

Dêem-se, pois, ao assumpto as providéncias que elle reclama, mas nunca sacrificando os portadores aos prejuizos que só o banco deve soffrer.

O sr. D. Miguel de Bragança não visitou apenas Lisbôa. Os jornaes daquella cidade, noticiando a sua estada allí, informaram de que elle partira em direcção a Madrid. Illudidos, porque a verdade é que o neto do rei deposto se dirigiu para esta cidade, estando a assistir ao espectáculo de ante ontem no circo.

Muita gente reparou nelle, notando-o pelos ares de estranho, mas como o não conheciam passou despercebido.

O apparecimento, ontem, nas ruas, duns personagens fardados, trazendo chapeus com plumas, provocou uma certa curiosidade, afinal satisfeita, pelo conhecimento de que êsses personagens acompanhavam o sr. D. Miguel, que estava hospedado no hotel Bragança e que visitou alguns dos mais importantes monumentos da cidade.

Quis fallar-lhe um grupo de estudantes, que foi à estação ao ao combóio das 2 horas, suppondo que elle ia partir, mas o distincto viajante não estava allí. Cremos mesmo que procurou cuidadosamente não despertar attenções e evitar encontros que podessem prejudicar-lhe a intenção de guardar o mais rigoroso incógnito.

Partiu ontem, tendo os seus serventuários embarcado na estação velha ás 2 horas, em carruagem de 1.ª classe, fazendo o despacho das bagagens para Torres Vedras.

Verdi

O famoso compositor, quasi centenário e tam illustre que era uma gloria da Italia, ao mesmo tempo que da Arte, teve ontem em Milão o seu funeral. A morte do glorioso velho foi considerada como uma perda nacional, e à sua memória têem sido tributadas grandiosas homenagens de consagração, em que todo o mundo culto tem tomado parte.

E veja-se o poder do genio:

Verdi era filho dum pobre taberneiro duma aldeia quasi desconhecida, começando a sua educação musical por organista da igreja da sua aldeia.

Liga da tuberculose

Reüniu se no domingo à noite, sob a presidéncia do sr. dr. Costa Allemão, para ser apresentado o projecto dos estatutos, que foi lido. Resolvido manda-lo imprimir e distribuir pelos sócios, para maior facilidade da discussão que opportunamente será feita.

Parece que dentro em pouco vám ser iniciadas conferéncias públicas para vulgarisação de meios preventivos contra o terrivel mal, estando já inscriptos os srs. drs. Costa Allemão, Philomeno da Câmara, Lopes Vieira, Serras e Silva, Luis Viegas e Albino Pacheco.

Theatro

Ante-hontem teve logar a primeira das três récitas annunciadas pela companhia do *Theatro de D. Maria*. Representou-se o *Pae pródigo* —velha peça de processos velhos, architectada sem originalidade, mas bem representada, como era de esperar.

Ferreira da Silva, o fino actor inconfundivel na scena portuguêsa, tem nesta peça mais uma magistral creação. Aquelle papel de velho fidalgo rapaz, de cabeça leve mas sempre nobre, não pode ser representado com mais aristocratica correcção. Seria assim que o auctor o imaginava ao escrevê-lo; mas que não fôsse, a creação de Ferreira da Silva impõe-se pela inexcedivel nobreza de que a reveste.

Ontem a comédia *Mercadet* — peça, pode dizer-se, do distincto actor Augusto de Mello, que caracterisa notavelmente o protogonista. O relevo que dá ao seu papel é excellentemente auxiliado pelos restantes actores, entre os quaes deverá mencionar-se Fernando Maia em especial, que se apresenta sempre como artista de futuro.

Hoje recae todo o interesse na —*Irmã mais velha*—pelo trabalho da nossa primeira actriz dramatica—Virginia.

Peça ainda desconhecida em Coimbra, ha de attrair o público, que se não canca de victoriar a gloriosa actriz.

E' com companhias dramáticas assim que se educa o gôsto pela arte scénica, e nisto tem o emprezário do theatro circo prestado ao público de Coimbra um evidente serviço, que, valha a verdade, a elle não tem sido prejudicial tambem. E antes assim, porque o merece.

Por isso mesmo, permitta-nos o activo e intelligente empresário que chamemos a sua attenção para o scenário, tam mesquinho, que faz dó! A orchestra já melhorou sensivelmente; mas aquelle scenário, tam pobre, que chega a ser reles, está a reclamar que o ponham á altura dos artistas que com elle representam.

Suppômos que não haverá opinião em contrário...

Nova publicação

Vai ser distribuido o 1.º número duma revista mensal que, sob o titulo *Archivo bibliográphico da bibliotheca da Universidade de Coimbra*, o sr. dr. Mendes dos Remédios, director da bibliotheca, resolveu fazer sair.

E' destinado, diz a adverténcia, «a dar mensalmente uma nota exacta de todas as publicaçõess, quer nacionaes, quer estranjeiras, que entrarem na bibliotheca. Ao lado dêste registo, que certamente prestará fecundos auxílios aos trabalhos de catalogação da bibliotheca, o *Archivo* irá publicando o *Catálogo dos Manuscriptos*, do qual ha sómente um esboço muito incompleto e imperfeito. Por último suscitou se a conveniéncia de ir publicando, tanto quanto fosse possivel, um ou outro *inédito* de reconhecido valor. A publicação de inéditos no *Archivo* impunha se tanto mais, quanto o deterioramento de certos manuscriptos, por vezes inevitavel, sempre possivel, poderia acarretar perdas irreparáveis.»

As suas secções sam:

Catálogo das publicações recebidas na blibliotheca por compra, offerta e propina;

Catálogo dos manuscriptos existentes na bibliotheca;

Inéditos.

A nomeação para representar Universidade na acommemoração do centenário da Universidade de Glascow recaiu no professor de direito sr. dr. Assis Teixeira.

LITTERATURA HESPANHOLA

(Francisco Villaespesa)

A fraternisação universal dos povos, sonho de ontem, esperança d'hoje, será a realidade d'ámanhã. Tudo a proclama. As nacionalidades olham-se duvidosas, mas as fronteiras elliminam-se; as forças da matéria repellem-se mas os espíritos evocam-se; os reis degladiam-se mas as sociedades humanisam se. E' o — *ecce Deus* — do coração humano, à vista dos primeiros horisontes da Terra Prometida. E' que chegou a era do Amôr. O grito — sêde bons e trabalhadores — substituiu ha muito o *morituri te salutant*. E' o Homem que se liberta, o prisioneiro que despedaça os últimos vinculos da sua algema, na volta da terra do exílio. Terra do exílio! Como vám ainda perto esses dias em que ella era a Pátria certa de cada heroe, dias em que o montante do verdugo era a derradeira benção de cada Apostolo.

Agora se vê que de nada valeu partirem-nos os remos e afundarem-nos as caravellas, pois que passamos o mar a nado. Nada valeu ás nuvens trovejarem, ao raio fuzilar, visto que, apesar de tudo, escalamos o ceu. Cortaram-nos os braços, mas houve sempre quem caminhasse ávante; quebraram-nos as pernas mas havia sempre boccas que gritavam; arrancaram-nos a língua mas os olhos apostolavam nosso crédo; perfuraram nos os orbitas, mas a lucta continuava, os mutilados triumphavam: havia sempre um coração que pulsava na hora extrema da agonia e nêsse coração uma consciéncia lançando a accusação suprema. A Verdade não tem patria nem a Luz póde algemar se. Para cada criminoso haverá sempre um latego, e uma consciéncia para cada infamia. Haverá sempre um peito com um coração que ame, um braço com uma mão que abençoe e um lábio com um grito que proteste. Que os simples tenham o nosso coração, nosso braço os despenhados, e os tyranos nosso grito.

E' para tudo isso apenas isto: unirmo nos!

E' o que dizia Karl Marx e é o que hoje repete um poëta espanhol aos escriptores portuguêses. E' de Madrid que nos chega o convite. Francisco Villaespesa, não espera que a evolução liberte o Povo, erguendo-o até nós; quer que descancemos *lá abaixo* para depois subirmos juntamente.

Quem é este Poëta que assim se apresenta tam cheio de enthusiasmo pela causa santa da Humanidade?

Será tudo menos isto: um inútil.

E' pelo menos um luctador. Tem mesmo um livro *Luchas*, que basta para enobrecer uma Alma e impôr um carácter.

Agora mesmo acabo de lêr o seu último livro—*La Copa del Rey de Thule*—um pequenino poëma lýrico, cheio de emoção e poësia.

Mas não quero impor-vos o livro á força de adjectivos sonoros, como por aí se faz todas as vezes que um nullo se apresenta com pretensões a Génio.

Demais não enalteço um livro: saúdo uma ideia.

Saúdo Villaespesa que de Espanha nos envia o coração num grito de alliança fraterna.

Espirito de vidente, alma de insaciado!... E' bem êsse aventureiro de que nos falla, que segue pela vida sem parar, em procura não dum túmulo onde dormir, mas duma Terra ainda desconhecida onde possa lançar a semente das suas esperanças e viver na plenitude da Felicidade alcançada.

A' lide marcha o guerreiro...

«Crusa a planície um estranho peregrino...
Vê uma palmeira. Mas despresa a sombra que o convida;
—Sombra que eu busco, não és tu, diz lugubre e sombrio,
E de novo pela areia do deserto se encaminha...

«Crusa o valle que embalsama os jardins florescentes.
Uma virgem entre rosaes sorri languidamente...
E o viandante sem parar diz triste e melancólico:
—O sorriso que eu busco, não és tu, ó lúbrico sorriso!

«Sobe o monte. Os senhores do castello:—Honra, lhe dizem,
Nossa mêsa. Para e bebe uma taça em nossa orgia!
E o viandante sem parar-se lhes responde tristemente:
—Vossa mêsa não é a minha mêsa! Vossa taça não é a minha!

«Por toda a serra a neve cae. Sobre o cume ha um convento:
—De Jesus, dizem os monjes, o appoio solicita...
—Vosso *credo* não é o meu! lhes contesta o peregrino,
E em silêncio pela neve lentamente se encaminha.

«... E ainda por valles e montanhas
Despresando os conselhos e os prazeres que o convidam
Vai o viandante mysterioso lentamente
Lentamente caminhando, caminhando...»

E' bem a marcha dolorosa e constante de quem trabalha para um fim ou de quem lucta ao clarão duma ideia. E' neste caso que o artista me preoccupa secundariamente. Porque então o agente não é o cerebro mas a alma; não é a paciéncia do cinzelador escrupuloso mas o enthusiasmo crescente do luctador, que então muda de nome para se chamar Apostolo. E' o que me parece F. Villaespesa a quem hoje envio, nesta página, o meu abraço de camarada, num mutuo esforço para a libertação dos opprimidos e fraternisação das raças.

Thomaz da Fonseca.

Missa

A'manhã 1.º de fevereiro, será resada uma missa ás 10 horas da manhã na igreja de Santa Cruz, suffragando a alma de D. Thereza Emília Lopes de Carvalho.

Syndicância

O sr. dr. Araujo e Gama, lente de theologia e reitor do lyceu central desta cidade, saiu para Guimarães a fazer uma syndicância ao lyceu d'alli.

Acompanhou-o, como secretário dessa missão, o sr. dr. Fortunato d'Almeida.

Associação das Escólas Móveis pelo methodo de João de Deus

Esta associação com estatutos approvados pelo governo desde 1882, (para subscrever ou pedir missões dirigir-se ao thezoureiro, L. do Terreiro do Trigo, 20, Lisbôa), tem actualmente os seguintes cursos a funccionar:

90.ª missão — em Marvilla (Poço do Bispo), requisitada pela associação de classe dos manipuladores de sabão. O curso nocturno desta missão conta 28 alumnos.

91.ª missão — em Fafe, requisitada pela câmara municipal. O curso diurno é frequentado por 35 alumnos de 6 a 12 annos. O curso nocturno conta 45 alumnos de 9 a 35 annos.

92.ª missão — para operários no bairro da Estrella (Lisbôa). Tem no curso nocturno 26 alumnos.

93.ª missão — sexo feminino para operários em Alcântara (Lisbôa) estám inscriptos: — no curso diurno 28 creanças; no curso nocturno 23 mulheres.

Estes cursos ou missões ambulantes bem podiam multiplicar se pelas diversas povoações da nação; mas poderá a direcção das escólas móveis realizar tam civilisadores intuitos, só com os minguados recursos que lhe fornecem 170 e tantos sócios? Portugal entrou no século XX com 4/5 da sua população analphabeta, pois que em 5 milhões de habitantes só um milhão sabe lêr (Deus sabe como!).

Nas férias de Páschoa de 1900 a imprensa noticiou que a *Tuna Académica*, de Coimbra iria a Lisbôa dar um sarau, cujo producto revertiria a favor do cofre das escólas móveis. Bom será que a briosa mocidade da Universidade, que tanto se salientou no célebre festival de 8 de março de 1895, em honra de João de Deus, não olvide a sua generosa promessa: resgatar das trevas alguns famintos de luz!

Estatistica curiosa

Um jornal francês estabeleceu a estatistica das pessôas addidas ao serviço da rainha Victória, chegando á conclusão de que eram 932, sem se contarem, bem entendido, os creados.

Só na secção médica havia três médicos ordinários e quatro extraordinários; um cirurgião ordinário e três extraordinários, além de três pharmaceuticos e um dentista. Toda uma faculdade para tratar uma rainha cuja saúde foi sempre excellente, pelo menos até à edade em que principiou a ser attingida pelos males da velhice. Devem ainda ser assignalados como pittorescos os seguintes cargos: o de *campeão da rainha*, cuja única funcção se limitou a, no dia em que foi coroada, declarar publicamente que estava prompto e resolvido a levantar a luva, fosse de quem fosse, que se atrevesse a contestar os direitos ao throno da sua soberana, pelo que recebia 240 libras por anno; e o de *gentleman da canna negra*, cujo emprego era de fazer três reverências ás arrecoas, no momento em que a rainha, ou o seu representante, lia á câmara dos lords o discurso do throno, cargo êste que rendia nada menos de 2:000 libras annuaes!

Este ultimo era simplesmente adoravel! Duas mil libras por três vénias e demais a mais ás arrecuas! Que descanço!

Athneu Commercial

As eleições dos corpos gerentes daquêlle sympáthico grémio, para o anno que decorre, deram o seguinte resultado:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Joaquim Mendes Macedo; 1.º secretário, Patricio da Silva Costa; 2.º secretário, António Velludo.

DIRECÇÃO

Presidente, João Cardoso; vice-presidente, Alberto Gonçalves Cunha; Thesoureiro, João Mendes da Costa; 1.º secretário, José Henriques Pedro; 2.º secretário, António Duarte Rodrigues; 1.º vogal, Joaquim Pessôa dos Santos. 2.º vogal, José Pereira d'Almeida;

CONSELHO FISCAL

Francisco Borges, António Martins da Costa, José de Castro Reis.

Julgamento

Em audiência geral d'hoje foi julgado o crime de homicidio, praticado em 26 de janeiro de 1900, no Paço do Conde, por António Martins, carreiro, sendo a victima o recoveiro entre esta cidade e Penella, António Leandro, o *Moleiro*.

Presidiu ao julgamento o juiz substituto sr. dr. Danton de Carvalho, sendo defensor o sr. dr. Joaquim Gaspar de Mattos.

Dos debates parece ter-se aclarado que entre o reu e o assassinado houvera ligeira altercação, seguida de ameaças e empurrões por parte dêste, que provocaram um desforço daquêlle que o aggrediu com um pau.

Provado que o homicidio foi involuntário, a sentença condemnou o reu em 18 mêses de cadeia, sendo-lhes levados em conta os 12 de prisão que já soffreu desde a data do crime até agora.

De visita a sua ex.ma familia, seguiu hoje para a capital o nosso bom amigo João Bastos, distincto *sport*. Sua ex.ª tenciona aproveitar a sua estada alli para adquirir nos grandes canis de Lisbôa um casal de cães de fina raça, para a sua matilha.

Fallecimentos

A's 2 horas da madrugada de ontem succumbiu o sr. dr. Augusto Rocha, professor de medicina, que ha bastante tempo soffria horrivelmente dum aneurisma, d'aorta, cujo volume chegou a desarticular-lhe duas costellas.

Fatalmente condemnado, nos ultimos dias que teve de vida recebia a respiração artificial sob os cuidados constantes dos srs. drs. Daniel de Mattos, Costa Allemão e Luiz Pereira da Costa.

O funeral foi hoje ao meio dia, numerosamenie concorrido de professores e estudantes, fazendo lhe o elogio no cemitério, os srs. drs. Costa Alemão, Bernardino Machado, Lopes Vieira e Daniel de Mattos, e os alumnos de medicina srs. Ferreira Fontes, Arsénio de Sousa, Leal Gonçalves, Dá Mesquita Paul e António Cidraes.

O sr. dr. Daniel, lembrando que fôra o fallecido o introductor da bactereologia no nosso país, disse que seria um acto de justa homenagem collocar-lhe o busto, em mármore, no gabinete que fundou annexo faculdade, e a propósito, citou o facto estranho e que muito deplorava, de, ultimamente, um certo número de homens de reconhecido valor intellectual, preferirem entregar-se á politica em prejuizo dos importantes serviços que podiam prestar á sciéncia.

*

Em Famalicão, morreu o sr. conde de Foz de Arouce, que foi governador civil deste districto.

Declaração

Joaquim dos Réis Gomes, declara, para todos os effeitos, que deixou de exercer o cargo de thesoureiro da Caixa Económica Social, para que fôra eleito em janeiro de 1901, declinando porisso todas as responsabilidades que, como tal lhe cabiam.

Coimbra, 31 de janeiro de 1901.

A pedido

Solicitam-nos a publicação do que segue:

Evora, 14 de janeiro de 901.

Recebi ha dias uma carta dum anónymo de Coimbra, carta que conservo em meu poder e que me dá a ideia de o seu auctor pertencer a uma classe muito ordinária e em que abunda o velhaquismo.

Certo de que esse anónymo terá querido tirar uma ou mais satisfações comigo, dedico-me a responder-lhe para lhe indicar que me não confundo com os que escrevem cartas desta natureza e as não assignam como deviam.

Se esse anonymo fosse sujeito inteiramente delicado, não procedia da maneira que procedeu, mormente não tendo tido nunca relações comigo, como deprehendo da sua reles missiva em que não vejo repito um nome a affirmá la.

Concederei que esse anónymo póde pertencer a uma classe mais ou menos cavalheirosa, mas concerteza, não sabe respeitar a posição que por ventura tem entre os bem educados.

M. L.

Historia da Revolta do Porto

O grande éxito que está assignalando a publicação da *História da Revolta do Porto*, dos srs. João Chagas e ex-tenente Coelho deve-se inquestionavelmente á viva curiosidade que veio causar no nosso público o annúncio de uma obra de verdade e sinceridade, que registe a chrónica intima e inédita de um dos successos contemporáneos que mais alarmou e commoveu a sociedade portuguêsa. Mas uma outra razão provoca uma nova e mais viva curiosidade em volta desta obra: é a sua parte artistica — illustrada e documentada, que lhe vem dar um magnifico realce, fazendo nos conhecer pela primeira vez, o aspecto de logares, documentos e muito principalmente physionomias, ligadas á história do movimento que descreve.

Precisamente a *Empreza Democrática de Portugal*, editora da *História da Revolta do Porto* envia-nos a ennumeração das gravuras da obra, cento e cincoenta approximadamente, entre as quaes as seguintes:

Alves da Veiga, José Falcão, capitão Leitão, alferes Malheiros, tenente Coelho, João Chagas, José Pereira de Sampaio (Bruno), João de Menezes, António José d'Almeida, Guerra Junqueiro, dr. Paes Pinto, cabo Borges, Miguel Verdial, Santos Cardoso, cabo Salomé, sargento Abrio, sargento Galho, sargento Pinto, alferes Trindade, dr. João Novaes, Eduardo de Sousa, os accusadores e defensores nos conselhos de guerra de Leixões, os fundadores da *República Portuguêsa*, coronel Calheiros, cabo Annibal, civis implicados na revolta, os quarteis sublevados, a Porta dos Banhos, a porta arrombada de infanteria 18, a rua de Santo António, as vitrines das lojas da rua de Santo António, guardando os vestigios da fusillaria, major Graça, coronel Cabanellas, o tinteiro que serviu para assignar a acta da proclamação, editaes do Governo Civil do Porto, curiosos *fac-similes* de Alves da Veiga, srs. capitão Leitão, Santos Cardoso, etc. reproducções de jornaes do tempo, reproducção de uma fôlha queimada da proclamação ao exército, reproducção de uma licença de depositado em Africa, instantâneas a bordo dos navios de guerra, grupos de sargentos da marinha e do exército, as cadeias do Porto, panoramas do Porto, fortalezas em Africa, etc.

A séde da *Empreza democrática de Portugal* é em Lisbôa na rua dos Douradores, 29, e a agéncia no Porto — Agéncia de Publicações do Norte — rua de Santa Catharina, 154.

LEILÃO

Por motivo de mudança de casa proceder-se-ha a leilão, em globo ou em separado, nos dias 1 e 2 do próximo mês de fevereiro pelas 12 horas da manhã, na casa n.º 111 da Couraça de Lisbôa, do seguinte: três mobilias completas, loutres de crystal, espelhos sendo um de crystal de Veneza, relógio de sala e duas floreiras de mármore preto, cabide bengaleiro, vasos, grandes encanastrados e uma grande quantidade de roseiras em haste alta e baixa.

O encarregado do leilão,

João Augusto Simões Favas.

FACTURAS, recibos, circulares e memoranduns, imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, — rua Martins de Carvalho, 7 — COIMBRA.

2ª Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

I

A MULHER VELADA

O mundo é uma comédia, os que não representam querem ser espectadores; até ao dia em que, por sua vez, subirám para o palco.

Os dois rapazes tinham chegado em frente da loja de flôres das floristas da Opera que tem o seu estabelecimento nos Campos Elyseos; enquanto um dêlles entrava para pôr uma condecoração — uma condecoração ao alcance de toda a gente, — mais difficil talvez de trazer bem do que a cruz da legião de honra; — o seu camarada de charatos tinha voltado pelo mesmo caminho.

Mas perdeu o tempo.

— Donde diabo vens tu?

— Sou uma besta; não era o número do fiacre que eu devia apontar; era o número da casa para onde vae a condessa.

Qual era então a casa para onde ia a condessa? Porque era, com effeito, a condessa de Romanes.

Os amigos diziam simplesmente: «A condessa Regina».

Custa a seguir Paris nas suas evoluções e revoluções. A cidade universal metamorphosea se, como pela mão de Ovidio, com uma rapidez fabulosa. Que importa ter o mais puro sangue parisiense: uma manhã acorda se sem saber o nome da rua e o nome do chefe do gabinete. Se alguem se aventura a sair de casa, vê nascer as casas da terra, aqui, além, mais longe, em toda a parte, sem por isso ouvir a rebeca d'Amphion. Conhecem por exemplo as duas terras novas que acabam de se edificar como por encanto? O país descoberto por Dumas e Sarah Bernardt na Avenida de Villiers e rua de Prony, e nas alturas de Chaillot o paiz que teve por percursores Emile de Girardin, Basilewski e a rainha d'Espanha. Os historiadores e archeólogos de Paris perderiam neste caso o seu atim. Dantes escrevia-se um livro sobre Paris que podia durar um seculo inteiro. Hoje, êsse livro durava apenas uma estação.

Balzac, que gostava de perder-se no Paris perdido, reconheceria hoje por acaso a montanha de Chaillot, onde, preso pelo seu genio, conseguia fugir aos crédores? Teria de mudar de palheta para pintar a população da America, d'Espanha, e do *fauburg* de Saint Germain, que ha pouco desembarcára nas avenidas do Roi de Rome, d'Iena, Josephine e d'Alma, sem fallar de innumeraveis ruas novas que sulcam esta montanha legendária para onde se enviava, ainda ha pouco, toda a gente fóra da moda. Já ninguem diz hoje: em Chaillot; porque não ha Chaillot. Engano-me, lá ainda a rua primitiva; mas começam se a fazer escavações nella para descobrir animaes anti-diluvianos.

Entretanto, a condessa de Romanes tinha chegado diante dum palacio pequeno, — um dêstes palacios pequeninos que roubam todos os estylos d'architectura para fazerem boa figura deante de quem passa. — Este estava edificado entre pateo e jardim.

Ha ainda para os parisienses não sei que coisa desconhecida e mysteriosa naquêlle país. Só os estranjeiros o conhecem bem. Vám para alli e para lá tornam a voltar, porque se encontram como em sua casa, em não sei que silencio de provincia.

Se a condessa Regina ia esconder se para alli, podia estar bem certa que não encontraria nenhuma das pessoas da sociedade que frequentava.

Poucos dias havia que habitava naquêlle palacete, com uma menina nova Elisabeth van Lowe, que a chamava madrinha. Os creados não eram em grande numero: uma creada de quarto e uma cosinheira. A condessa não recebia ninguem a não ser o seu tabellião e o seu advogado, duas figuras severas que a não podiam comprometter.

Esquecia-me. Recebia tambem um homem novo, que vinha só para dar lições de piano á afilhada, pelo menos era o que se dizia na cosinha e na visinhança. Esse homem era conhecido pelo nome de Léo Samarini. Este nome era talvez uma mascara, como a sua profissão de pianista. Era sobre tudo um pianista a quatro mãos.

A condessa assistia á lição de desenho da afilhada. Depois da lição dizia a Elisabeth:

— Minha filha, toque escalas, mais escalas, sempre escalas.

E subia para o quarto. Leo Samarini pegava no chapéo como se se fôsse tambem, mas seguia a condessa. Que teriam êlles a dizer um ao outro? Era o segredo dos Deuses. Sem duvida, que na grave condição em que a condessa estava, precisava dum conselho.

Mas o que pensariam a cosinheira e a creada do quarto?

A creada do quarto tinha ordem de nunca descer do segundo andar, — o andar dos vestidos, — sem a senhora chamar, a cosinheira tinha ordem de nunca saír da cosinha em quanto a menina Elisabeth van Lowe dava lição de piano. Ora, como a pobre menina batalhava com a escala ascendente e descendente depois da lição do pianista, havia uma hora de *tête à tête* para a condessa e o seu conselheiro.

(Continúa)

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

COIMBRA

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a	70	réis	o litro
» » » » a	80	»	»
» verde de Basto a	90	»	»
» branco de Torres Novas a	90	»	»
» » de Mangualde a	90	»	»
Vinagre a	80	»	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	»	»
» (2.ª qualidade) a	110	»	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	»	»
» » » (2.ª qualidade) a	200	»	»
» » » (3.ª qualidade) a	180	»	»
» » figo a	120	»	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis	
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»	
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»	

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43

LISBOA

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

Precisa-se um, ou próximo a ganhar.

Rua do Visconde da Luz, 60.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99,

LISBOA

Effectúa seguros contra o risco d'incéndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

ANNUNCIO

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 6 MEZES

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão que este assigna, corre seus termos uma acção civel de curadoria definitiva, em que são requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteira, proprietarios, de Falla, freguezia de São Martinho do Bispo, e requeridos Adriano da Fonseca Carramanho, filho legitimo de Francisco Fonseca e de Maria Vinagre, já fallecidos, natural de Falla, freguezia de São Martinho do Bispo, onde residiu até fins de outubro de 1888 e no estado de solteiro, se ausentou d'alli ha uns dez annos para o Brazil, e Antonio Monteiro, casado, proprietario, de Falla, dita freguezia, como procurador d'aquelle; e pela mesma acção correm editos de seis mezes, a contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando aquelle requerido Adriano Fonseca Carramanho, tambem conhecido por Adriano da Fonseca, para contestar, querendo, na terceira audiencia dêste juizo, depois d'accusada a citação, a referida acção, sob pena de revelia. As audiencias neste juizo, fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, porque sendo o se fazem nos dias immediatos se estes tambem o não forem e sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca, sito na praça Oito de Maio, d'esta cidade.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito.

R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio,

Arthur de Freitas Campos.

ANNÚNCIO

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão que este assigna, correm seus termos uns autos d'acção civil de curadoria definitiva, em que são requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteira, proprietarios, de Falla, freguezia de São Martinho do Bispo e requeridos Adriano da Fonseca, tambem conhecido por Adriano da Fonseca Carramanho e seu procurador Antonio Monteiro, casado, proprietario, de Falla, dita freguezia; e pela mesma acção correm editos de sessenta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando os interessados incertos, para assistirem, querendo, na terceira audiencia dêste juizo, depois d'accusada a citação, á referida acção, sob pena de revelia. As audiencias neste juizo, fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias santificados ou feriados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos, se estes tambem o não forem, e sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca, sito na praça Oito de Maio, desta cidade.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio,

Arthur de Freitas Campos.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

N.º 619 COIMBRA — Domingo, 3 de fevereiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2$500 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha — Anno: 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 — Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral — Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

Por uma enorme maioria acaba de ser votado na câmara dos deputados francêsa o artigo primeiro do projecto de lei apresentado pelo governo sobre as congregações religiosas em França, no qual se definem as associações que legalmente podem subsistir e estabelecer-se.

A approvação do projecto na sua generalidade e a dêste artigo dam já a certêza de que a França levará por diante a patriótica ideia do seu governo, de alcance tam relevante sob o ponto de vista da educação cívica da mocidade francêsa.

Esta grande nação, tam sólidamente estabelecida em bases democráticas inabalaveis, e que tem triumphado tam gloriosamente de todos os obstáculos levantados á sua ascenção civilizadora pelos elementos retrógrados dum monarchismo anachrónico, tinha a remover o maior de todos os obstáculos, o mais prejudicial de todos os óbices, o mais implacavel, odioso e nefasto de todos os inimigos — os jesuitas, que, a pouco e pouco, de sapa, como costumam, se iam apoderando do espirito da mocidade francês, como fazem em todos os paises, de modo a affeiçoá-la ao seus tenebrosos fins.

Revestindo mil aspectos, como um Protheu mysterioso, essa vasta associação esterilisadora amolda-se a todos os meios, disfarça-se sob todas as capas, encolhe-se em todas as alfurjas, insinua-se em todas as sociedades... até que num dado momento, cheia da força que lhe permittiram a negligencia duns e a corrupção doutros, irrompe vigorosa a toda a luz, açambarcando para os fins interesseiros da ordem todas as actividades, as energias todas duma nacção.

A tempo, felizmente para a França, viu o perigo imminente o patriótico governo que está levantando e nobilitando êsse grande país. E, com a indefectivel energia dos homens liberaes que o constituem, o perigo vae ser aniquillado, pela expulsão dos reptis damninhos que na sombra se têem desenvolvido.

Oxalá — e é de esperar — que que os governos daquelle país se succedam animados das mesmas largas vistas de defêsa nacional, para que ámanhã não resurjam novamente os mesmos inimigos implacaveis, que odiarám sempre a França pelo muito que nella reluz e flameja o princípio de liberdade que os estonteia e cega.

Mas a defêsa da França ha de vir a ser um perigo instante a ameaçar a península Ibérica. Está previsto e começa a ser discutido.

Se á frente das duas nações peninsulares estivessem instituições civilisadoras, progressivas, de princípios liberaes a norteál-as, o exemplo fecundo da França havia de ser seguido; e seria occasião para em Portugal ser posta em vigôr, determinadamente e com energia, essa abandonada e quasi desconhecida lei providencial dum grande espirito, que expulsou de territórios portuguêses as ordens religiosas.

É verdade que se as instituições politicas portuguêsas fossem assim liberaes, êsse decreto de Joaquim António de Aguiar não estaria nem esquecido nem abandonado...

Mas, para desgraça das duas nações peninsulares, á frente dellas estadeiam-se regimens atrazados e reaccionários, com predominio cada vez mais intenso de instituições cathólicas absorventes. E' para a península, portanto, que os jesuitas dirigirám os olhos, a pedir ás altas protecções do estado o carinhoso acolhimento que lhes não será recusado.

Este é o perigo imminente, que impende sobre nós e que urge prevenir e affastar.

E' indispensavel que a nação liberal se levante e se prepare para reagir energica e audazmente contra a onda invasora que se avisinha. Se até hoje a mocidade portuguêsa tem estado submettida geralmente a um regimen de educação clerical deprimente, é urgente que a parte sã e livre da nação arranque de vez a educação portuguêsa das mãos dos jesuitas.

Prepare-se, pois, o país liberal!

Saiu hoje para Lisbôa o sr. Adriano da Silva Ferreira, escripturário d'obras públicas que ha annos está na disponibilidade. Esta sua viagem prende se com o boato insistente de que foi ou vai ser nomeado para entrar em exercicio do seu cargo ao serviço da repartição competente em Ponta Delgada.

Duvidas fundadas?

Desde ha dias vinham apparecendo noticias alarmantes sobre a predisposição boer, com relação ao caminho de ferro português de Lourenço Marques: que estavam dispostos a atacál-o sem mais reparos.

Isto, que foi posto de quarentena, significaria talvez uma retaliação pelas deslealdades tidas com elles no tocante á neutralidade de que se tem feito alarde, mas que tem sido verdadeiramente parcial.

Houvesse ou não fundamento no boato, a verdade é que a remessa de duas expedições numerosas para aquelle nosso dominio provocaram dúvidas, suggerindo insistentemente esta pergunta — Ao que vam?

Novas dúvidas se levantáram a propósito de dizer-se que vão seguir para lá mais tropas. E não é raro ouvir fallar em resolução militar de maior vulto, resolução que, a dar-se, poderá talvez pôr inteiramente a descoberto o que haja sido a acção dos governos portugnêses, em actos de subserviência á Inglaterra.

Tudo o que agora se diz, em referência, toma o aspecto de nebulosidades, mas a presumpção de ataque ao caminho de ferro citado parece ter dado margem a mais significativos commentários, em face dos quaes apparece já esta interrogação: — *Portugal não irá ainda ao Transwaal combater pelos inglêses?*

Demasiada e infundada curiosidade? Talvez. Sem embargo, a verdade é que andam, positivamente, no ar coisas referentes.

Depois, a consideração dos boërs ácerca do caminho de ferro de Lourenço Marques póde conduzil os a um tal procedimento, nada desagradavel aos inglêses, que dê ensejo á remessa de tropas, a pretexto de protegerem aquelle caminho de ferro, mas que, propriamente, irám reforçar as tropas britânnicas.

Tirem-se, dos periodos seguintes, publicados pelo *Temps*, as conclusões devidas, e ver se ha se existe ou não existe motivo de receios.

Diz o *Temps*:

«Segundo communicam da Haya ao *Garis-Nouvelles*, na roda do presidente Krüger sam dadas como inexactas certas noticias, segundo as quaes os generaes boers Botha e Dewet se teriam resolvido a não respeitar mais a neutralidade de Portugal, atacando abertamente o caminho de ferro de Lourenço Marques. Observa-se que os chefes boers não violariam, na realidade, neutralidade de especie alguma, atacando o caminho de ferro de Lourenço Marques, visto elle estar inteiramente em poder dos inglêses, sobretudo atacando o nas fronteiras do Transwaal.

«Os boers sabem perfeitamente o que devem pensar ácerca da neutralidade portuguêsa. Entretanto respeitam essa ficção, que ainda os constrange menos a elles do que aos inglêses.

«E, como que para fornecer uma nova prova á opinião, um telegramma de Lourenço Marques, datado de 25 de janeiro, annuncia que o governo inglês comprou edificios aos irmãos Montes para nelles installar diversos serviços do governo imperial»

O caminho de ferro de Lourenço Marques, que é português, *inteiramente em poder dos inglêses, que compraram em Lourenço Marques edificios para o estabelecimento de serviços do governo imperial*...

Não é tudo isto significativo? Não têem muito valor, a diversos aspectos, os dizeres do *Temps*?

Dada a latente sympathia que por toda a parte se manifesta pela causa boër, parece que o governo nso está preparando mais uma linda situação ante as nações; — linda situação, se não forem ainda acontecimentos a que nem accuda a alliança, ainda ha pouco affirmada solemnemente em Lisbôa.

Notas falsas

As indagações ácêrca do fabrico e passagem das notas falsas de 50$000 réis parece que vam dando algum resultado.

Desde a descoberta das primeiras — as enviadas pela casa de Bragança a um estabelecimento de Lisbôa, appareceu a suspeita de que representantes da mesma casa as haviam recebido em pagamento de gados vendidos no Alemtejo. Foi seguida aquella pista e presupõe-se que a suspeita se confirma, e que não haverá agora maior difficuldade em aclarar-se seguramente a origem de tal papel.

Estám já presos, como passadores, três individuos, todos marchantes — um tal Paulino, detido em Villa Viçosa e dois irmãos, conhecidos pelos Lapas, estabelecidos em Evora, a um dos quaes foram aprehendidos 650$000 réis daquellas notas.

Estes Lapas têem feito desde o dia 26, em Estremoz e immediações, compras de gado no valôr de 12 contos, pagando em notas falsas.

Parece que ha comprometido no negócio um alto negociante de Estremóz, como dois de Lisbôa, que se diz vám ser presos, bem como outros em diversas localidades, calculando-se já em 12 ou 14 os implicados.

*

As consequéncias de o banco de Portugal se recusar a receber aquellas notas estám sendo sentidas já na provincia. Um exemplo:

Uma feira de gados em Villa Viçosa, que costumava ser farta em transacções, correu desanimadissima, por motivo da não acceitação de notas de 50$000 réis, mormente depois que na feira appareceu um agente do banco, acompanhado dum policia de Lisbôa, a examinar as notas daquella importância, apartando grande quantidade dellas falsas, e recommendando que não transaccionassem com tal papel fosse ou não fosse legal.

Carta de Lisbôa

1 de fevereiro.

Semana morta. O parlamento fechado, o rei fóra, a política em descanço. A pugna tem se limitado, entre monarchicos, ao ministro da marinha, Teixeira de Sousa, que, como sabem, se metteu com Navarro e Marianno, que sam como que seus tutores. E' o bode expiatorio da situação, diz-se e creio que por muitos correligionários quererem a sua pasta e instigarem a campanha que aí trôa. O caso é que esse ministro, um irascivel, se encontra algo embaraçado e irritado, com crises de desalento e de colera.

E, digam o que disserem as gazetas governamentaes, é certo que a sua situação não é segura. Posso affirma-lo.

Simplesmente, se elle não póde aguentar-se, haverá alguma coisa mais espéctaculosa que uma recomposição — uma substituição de ministério.

E a razão é divertida.

Hintze empenhou a sua palavra com José d'Azevedo, promettendo-lhe solemnemente que, em caso de recomposição, lhe daria a pasta da marinha.

Mas não quer dar-lha.

Por isso, em vez de pedir uma recomposição, apresenta a demissão collectiva do ministério, seguro de que é chamado a formar novo gabinete, no qual não entrarám Teixeira de Sousa, João Arroyo e Manuel Vasques.

O que ha de mais importante em politica é isto, que hão de concordar que não é pouco.

E' eternamente a politica monarchica portuguêsa a merecer a classificação e o symbolo que tam precisamente lhe deu Bordallo na *Parodia*. — A Porca!

*

Entretanto, do extrangeiro, donde vem sempre as melhores noticias do que nos interessa, chegam nos alarmantes informações.

Do que se lê em jornaes francêses, espanhoes e allemães, deduz-se que o nosso papel na guerra sul africana não acabou. Antes parece ir agora entrar numa phase de maior evidéncia e celebridade.

Portugal parece positivamente nas mãos da Inglaterra, prompto não já para todos os auxilios mas para todas as baixesas. A Grã Bretanha serve-se delle, não como dum amigo nem dum alliado, mas como dum creado.

E debalde se pergunta porquê, investigando o que se haja combinado entre os governos dos dois países.

As últimas noticias é que não ha um novo tratado nem sequer ractificações de antigos tratados.

Ha uma *entente* officiosa, particular, pela qual Portugal se propõe e compromette a tudo, mediante vagas e genéricas promessas da Grã Bretanha, que principalmente garante a conservação da dynastia.

o

Olhando ainda para o estran-

jeiro, têem que reconhecer outro perigo os que vêem as cousas.
—E' o perigo que por egual ameaça em Espanha, onde aliás está levantando gritos d'alarme, não só dos democratas como dos liberaes.

Refiro-me à invasão que se propõem fazer na peninsula as commodidades religiosas, expulsas de França, visto que não pódem já restar dúvidas sobre a approvação do projecto que ora se discute allí, no parlamento.

A peninsula é naturalmente o reducto que ellas escolhem, por não terem outro ponto onde assentar arraiaes.

E, se a fradesca Espanha é lugar apropriado, não o é menos Portugal, onde a policia está ás ordens dos padres para perseguições religiosas e onde nos últimos tempos, desde que é rainha a sr.ª D. Amélia, tam assustadoramente se tem preparado o campo à reacção.

Isto é grave, sob todos os pontos de vista, incluído o lado económico da questão, porque sam conhecidos os prejuizos que para a economia dum pais resulta das sociedades chamadas de mão morta. Devemos, pois, prepararnos para uma acção, enérgica e decidida, de defêsa.

o

Em meio de todos estes factores de desanimo e de nojo, alguma coisa apparece de consolador.

Ha annos constituiu-se em Lisbôa uma collectividade que veio reivindicar as tradições da academia, ao tempo esquecidas por manifestações de indifferença. Foi a Liga Académica Republicana, que começou de acompanhar ousadamente a vida da democracia e que breve começou a dar, entre outros, um salutar exemplo—trabalhar a occultas da policia.

Ha pouco tempo êsse núcleo de rapazes pensou em fundar uma escóla gratuita para a infância pobre. A generosa iniciativa mereceu, immediato, o applauso de de toda a gente de bem. E com enthusiasmo foi acolhido ainda o titulo — *Escóla 31 de janeiro.*

Como ontem passasse o 31 de janeiro, realisou se ontem tambem a sessão solemne, inaugural, da escóla. E, porque no Porto a policia prohibiu já a inauguração duma escóla de caracter republicano, a sessão fez-se à porta fechada, sem convocação por cartazes mas por convites particulares.

Dessa fórma, poderam reünir-se algumas dezenas ou centenas de espíritos livres, sem coacção de chanfalhos policiaes.

Por isso mesmo fallou-se alto e claro, proclamando-se com solemnidade e enthusiasmo os mais ardentes principios revolucionários.

Foi uma bella e memoravel sessão, d'onde se saiu com o espirito cheio de crença e de fé.

A sympáthica obra do núcleo que compõe a Liga tem a mais auspiciosa consagração.

F. B.

Em Espanha

Com exito completo estreou-se no *Theatro Espanhol* uma nova peça—*Electra*, de Perez Galdós.

Refere se a ella o seguinte telegramma de Madrid:

«Os jornaes liberaes dedicam muito espaço á apreciação e informação do enorme exito do drama *Electra*, de Perez Galdoz, que subiu á scena no *Theatro Espanhol*.

O drama fustiga duramente, com raro critério, o clericalismo imperante.

Em seguida á representação, fez-se uma grandiosa manifestação de sympathia. A imprensa é de opinião que o drama *Electra* é a mais formidavel campanha contra o clericalismo.

Péres Galdóz tem recebido innumeras felicitações de toda a Espanha.

Hoje dizia-se que seria prohibida a representação, do *Electra*, mas o ministro do reino desmentiu».

Já ha dias aqui fizemos um confronto, no tocante ao respeito pelas liberdades públicas, entre Portugal e Espanha. Em abono das opiniões que expendemos vem mais este facto.

Cá, manifestações daquella natureza a propósito duma peça de tal valor, açolaria a má vontade clerical, que havia de pôr ao seu serviço a intolerância do governo para a prohibição do drama, como conseguiu essa intolerância contra os templos e apóstolos da egreja evangélica. Em Espanha, o pais carola por excelléncia, onde a fradaria dispõe de alta influéncia e valimento, que terá posto em jôgo para conseguir a condemnação da peça, o governo, numa manifestação liberal, não serve nessa parte aos clericaes, e é um proprio ministro que apparece a desmentir o boato da noticia da prohibição.

Não deixemos de apontar estas differenças, que servem para elucidar.

Entrou em franca convalescença, podendo dizer se restabelecido, o sr. dr. Serrasqueira, illustre professôr do yceu.

Exames de candidatos ao magistério secundário

Saiu ontem no *Diário do Governo* o seguinte importante decreto pela direcção geral d'instrucção pública:

«Artigo 1.º—Os exames dos candidatos ao magistério secundário realisár-se ham unicamente no lyceu central de Lisboa, pela fórma prescripta no regulamento de 14 de agosto de 1895 e carta de lei de 28 de maio de 1896.

«Artigo 2.º—Os candidatos ao magistério secundário approvados nos concursos feitos nos termos dos citados diplomas poderám ser collocados nas vagas existentes em qualquer lyceu e nos grupos a que concorreram.

«Artigo 3.º—A transferencia dos professores dos lyceus póde effectuar se nos mesmos termos em que era permittida anteriormente ao actual regimen d'instrucção secundária e confórme as prescripções do artigo 12.º do decreto de 29 de julho de 1886.

«Artigo 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.»

A folha official publica a portaria mandando definir que a orthographia usual é a que está exarada nos diccionários contemporaneos da lingua portuguêsa e que tem sido usada pelos nossos principaes auctores classicos modernos.

E parvamente chamam a isto *definir!*

Não é verdade que o que mais falta na Direcção Geral d'Instrucção Publica é precisamente *instrucção?...*

Louco

A requisição da familia, entrou na 2.ª esquadra de policia o alfaiate José Maria, casado e residente na rua da Trindade, por dar visiveis indicios de alienação mental, parece que manifestada por disturbios e gritaria, amotinando a visinhança.

O veterinário sr. João Guerreiro, acaba de ser exonerado do logar de téchnico na escóla nacional de agricultura.

Chrónica do theatro

I

NO CAFÉ

— E' facil...
— O Quim...
— Começo quando chega da batalha o homem que matou Saul e aproveito logo as palavras do codice: *eu vi Saul encostado sobre a sua asta, e os inimigos achegavam se á elle. E elle perguntou me que homem era eu e eu lhe disse que era amalechita. E elle me disse mata-me, e eu matei o, porque entendi que elle não podia viver mais. Tomei-lhe a coróa da cabeça e o firmal do hombro e trago-a a ti, meu senhor...* Oh! milagre! Vocês aqui?
— Doutor, venha para o seu logar.
— Não! Deixe estar, eu fico bem em qualquer parte.
— Senhor Doutor alli fica melhor. Vá, ande...
— Adeus sr. Lobo, obrigado. Como vaes Raul?
— Que quer tomar, doutor?
— Por ora nada. O final é seguro. Acabo com o pranto de David.
— Mui dooroso...
— E muito choroso... Tal qual. V. S.ª vae aprendendo.
— Que trapalhada é essa?
— Olá, compadre. Ponho o textualmente: *Os nobres de Israel foram mortos sobelos teos montes como cairam e morreram os fortes montes de Gelboé. Não venha sobre nós orvalho nem chuva, nem seja em nós agro de sementes e de bons fruitos, porque em nós foi deshonrado o escudo de Saul, como se não fosse untado d'oleo. Filhas d'Israel choraide sobre Saul que vos vestia de panos nobres em deleitamentos. Grande dôr hei de ti meu irmão, mui formoso, e mais amado que o amor das mulheres, assim como a madre ama seu filho se não tem mais que um assim te amava eu...*
— O doutor, ha bocado, dizia isso melhor.
— Não me lembra...
— Como a mãe ama o filho se não tem mais que um e é morto já o pae, assim te amava eu.
— E' verdade. E' uma modificação minha.
— Mas que trapalhada é essa?
— E' a historia de David um rei...
— Que atirava pedras...
— Um sport como atirar a pombos.
— Sim mas atirar a gigantes...
— Lá vem você com a politica.
— Que trapalhada é essa?
— E' o doutor que deu em frade d'Alcobaça. Agora lê a Alcobaça illustrada. E' uma loucura mansa.
— A loucura de S. Bernardo.
— Já havia a dança de S. Vitto.
— Exercicio illegal de Medicina. Paga o Champanhe.
— Não se poderia pagar na cadeia? Raul, manda vir Champanhe.
— Eu ando, na verdade, doido. Descobri um valle em que ha um mosteiro d'Alcobaça. E' S. Paulo de Frades.

Pelo meio do valle, corre um riacho, alegre como os da minha terra, sempre aos saltos e a brincar como uma creança. Se perto ha um altito, deixa o meio do valle, encosta-se a elle a ver e, ao chegar ao cimo, dá um salto e cae a rir como uma creança, sobre uma azenha ou moinho novo; e lá torna a fugir.
— Festinhosamente.
— Tal e qual: festinhosamente.
— Festinhosamente?
— E' um adverbio novo que elle descobriu num manuscripto do seculo XIV da Bibliotheca d'Alcobaça.
— E' lindo ..
— E', é o calão de S. Bernardo, peor que o meu calão.
— Quando chega a Eiras, o riacho enche as ruas todas d'um ruído alegre, como um rancho de gente nova a rir e a folgar.
— Como tu dizes isso! Não sentes nada, fazes d'isso como outros fazem reportagem...
— O sr. Fernandes não tem a palavra, se não resolve ter espirito. No convento, encontrei uma imagem do seculo XIV. Hontem, fomos vê-la, nós e o A. A. Gonçalves. Partimos ás duas e chegamos cá ás cinco...
— Bem se sabe: a *mancha de S. Bernardo* doença nervosa analoga á dança de S. Vito.
— Reincidencia depois de primeira condemnação. Pena: outra garrafa de Champanhe.
— Quer?
— Não...
— Que idéa foi essa d'irem a correr?
— Tinhamos theatro á noite.
— E' verdade doutor que diz do theatro.
— Gostei. Acho que a arte dramatica está soffrendo uma modificação feliz.
— Eu, ha muito, que não vejo nada que tanto me sati faça como a *Zazá*...
— Ai! Que foste tu dizer!...
— Já tardava a imbecilidade do dia...
— Atura o...
— Como. Não gosta?
— Que besta imaginam vocês que eu sou? Eu posso lá gostar daquillo.

O que é a *Zázá*? Um drama de amôr? Não ha nada por dizer em amôr; tem no dito já, e bem, toda a litteratura dramática. O que se poderia esperar dum novo, de um homem de espirito? Naturalmente alguma coisa duma anályse muito subtil, cheia de finura.
— Naturalmente...
— Ora a *Zázá* não tem um dito que não possa ser comprehendido por qualquer almocreve, tudo aquillo tem sido ouvido por toda a gente.
— Doutor...
— Por toda a gente! Eu tenho pouca prática de alcouce, os primeiros annos, não sou duma prostituição *superior;* pois eu mesmo ouvi aquillo. Sam as primeiras coisas que se ouvem, dizem se todos os dias.
— Em todo o caso aquêlle homem que, apezar de tudo, não consente que lhe insultem a mulher legitima...
— Isso não é moralidade, é a commodidade do vicio... Depois quem, num café concerto, não vê senão imbecis sem espirito e sem amôr, é um explorador sem vergonha da moralidade burguêsa, da que se diz alto — o doce conchego do lar, uma mulherzinha que faz contas, e se não importa com auzências de seis mêses...
— Mas *Zázá* não é uma figura sympáthica?
— Não. *Zázá* é da estatura moral da peça. Ha uma mulher, encontra-se um dia com o amôr. Regenera se? Não, acha que o amôr é uma coisa incommoda que traz desgostos e põe se a explorar o desejo dos outros. Ora isto é o que ha de mais baixo em sentimento.
— Eu gostei. Os actores ..
— Os actores...
— Vai dizer mal.
— Com certeza.
— E' uma coisa que eu não percebo no compadre, não me parece seu...
— E é toda a minha vida, é o meu horror pelos cathedráticos...
— Bravo! Isso sim que é seu.
— Mas para que me estám vocês a dizer coisas irritantes, para...
— Para o ouvirmos pensar alto.
— Para me fazerem dar sorte. Crime de lesa amisade. Tudo condemnado.
— A pena capital! Champanhe! E a *Irmã mais velha*?
— Não. Agora estou prevenido. Quem me quizer ouvir leia o artigo da *Resisténcia*.
— A'manhã.
— Não. Quinta-feira. Dar sorte duas vezes a seguir seria a primeira vez na minha vida.

T. C.

Tribunal do commércio

Na reünião dêste tribunal, havida ante-ontem, foi rezolvido homologar a concordata, nos termos em que a pediu, do sr. Antônio Macedo Mandes Barreto, negociante nesta cidade; que as dividas activas da massa fallida da casa bancária Santos & Brito, que em três praças successivas não obtiveram lanço algum, voltem à praça, sem valôr, sendo vendidas pela maior offerta, e addiar outra resolução referente a um antigo processo de fallência dum negociante de Goes.

Ennes, Mariano e a rainha

Como se não fosse caso naturalissimo um empregado substituir outro, por qualquer impedimento, naturalissimo, por consequéncia, que a sr.ª D. Amelia fique desempenhando as funcções régias de seu marido emquanto elle anda pelo extrangeiro, a imprensa bajuladora-palaciana, saltou com mezinhas, dando á coisa e ao juramento ferós dum acontecimento notavel. Rasteirismo, é claro, tanto mais que não é a primeira vez que o caso se dá. E porque não é a primeira vez, succede que *a outra* foi utilisada para mais amplas engraxadellas em referéncias a notabilidades de proceder da rainha. Um encanto da acção da rainha, destacando-se a salienta-la o bom do Ennes, por exemplo,,que botou esta nota:

Na anterior regéncia da rainha, um ministro levou-lhe um decreto da transferéncia dum escrivão de fazenda. Sua magestade, porém, não o quiz assignar sem saber se o transferido era ou não prejudicado nos seus interesses.

Muito correto e humano, pois não acham? A sr.ª D. Amelia teria visto no decreto uma réles vingança de influéncia concelhia, e d'ai a sua repugnância em auxilia-la, a sua correcção de proceder, que seria muito para louvar... Mas...

Salta Marianno no seu *Popular* e pespega com esta nas bochechas ao Ennes:

Prestamos a maxima homenagem aos excellentes dotes do coração de sua magestade a rainha, mas o caso não póde ter sido assim, pela singella razão de que as transferéncias de escrivães não se fazem por decretos.

Sabe-lo-ia, decerto, o autor das *Lazaristas*—hoje um reaccionário authéntico—que passou pelos conselhos da corôa. Mas lembrou-lhe *aquillo* para render finezas á rainha, de sorte que o seu ánimo contra Marianno, em face do *troco* que aponta a intrugisse, deve ser de respeito...

Como elles, os da ridicula bajulação ao throno, se desmascaram uns aos outros é que tem graça...

Lente substituto

Já foi levado à assignatura real o decreto que nomeia lente substituto da faculdade de theologia, o sr. dr. Augusto Alves dos Santos, que na pouco terminou o seu concurso para entrada na mesma faculdade.

A guerra anglo-boër

Como se tem visto dos telegrammas ultimamente publicados, a situação dos inglêses na Africa do Sul, não é desde ha mêses, nada promettedora.

Resolvida pelos boërs a invasão do Cabo, a sua marcha sobre aquella possessão britannica tem seguido ousamente, sendo de notar o auxilio que aos invasores dâm as populações por onde passam e para onde se dirigem. Sem êsse auxilio, que traduz bem claramente a sympathia que ás mesmas populações merece a justissima causa das duas repúblicas que tam heroicamente vem defendendo a sua independéncia, a invasão não teria sido coroada do éxito, póde dizer-se feliz, que tem tido, e, ao contrário, as fôrças republicanas depararíam com enormes difficuldades que a obrigassem a golpes de audácia sempre perigosos para o melhor resultado das operações.

A circunstância daquêlle auxilio é motivo de fundas inquietações em Inglaterra, onde o optimismo com que, não ha ainda muito tempo, se preconisava o termo da guerra pela submissão boër, cede o logar a receios bem pronunciados pelo futuro.

E' que a actividade desenvolvida pelos boërs representa perigos sérios, e que os notabilissimos planos dos seus generaes, como de Dewet, já cognominado pelos próprios inglêses de *general fantasma*, não dam ás gentes do poderoso império britannico ensejo a descanço.

A esta conclusão vám chegando:

Kitchener, declara terminantemente que se oppõe ao repatriamento das praças em campanha que completem o tempo de serviço, e mais declara que carece de immediatos e importantes reforços, estabelecendo êste dilemma, em face da invasão do cabo: ou manda as suas tropas que occupam Pretória e mais dependéncias do Transwaal, deixando-as á mercê de serem reoccupados pelos boërs, para accudir ao Cabo, ou mantem aquella occupação deixando progredir a invasão que os boërs vám fazendo, e á qual é fraquissima a resistência pela carência de forças.

Para a remessa dos soccorros pedidos o governo inglês luta com innumeras difficuldades e não conta já com o appoio absoluto do país. Faltam lhe homens e tem esgotados todos os créditos extraordinários, vendo se forçado a pedir outro de 70 milhões de libras.

Tudo isto já define a situação, que melhor se avalia considerando estas noticias, oriundas de Londres e que por isso mesmo serám bastante attenuadas no que podessem indicar de mais grave:

Os boers atacaram as minas de Maurin e Madderfontein, destruindo-as, invadiram a colónia do cabo pelo lado oriental, forçando a bater em retirada as fôrças inglêsas que pretendiam tomar-lhe a passagem; de Ventersburg communicam que Dewet — sempre êste prodigioso vulto — se dirige á frente de importantes forças para Winburgo, inquietando êste movimento, seriamente, os generaes inglêses, que vêem a situação mais grave do que nunca.

A missão Merriman

Um telegramma de ontem, inserto neste jornal, dizia que é esperada em Londres, no dia 15 de fevereiro, a missão Merriman-Sauer-Hofmeyer, encarregada de expôr ao povo e ao parlamento da Gran Bretanha, em nome dos hollandêses lealistas do Cabo, a solução que se deve dar ao actual conflicto anglo-boër. Como ha tempos dissémos aos nossos leitores, os imperialistas inglêses, preconisando mesmo a violação dos principios liberaes que tanto glorificam as instituições do Reino-Unido, envidaram esforços extraordinários no sentido d'evitar que a missão aportasse a terras britânicas. Não sabiamos então a que attribuir êsses esforços, mas hoje, e reportando nos a informações dadas por um jornal democrático londrino, vemo-nos esclarecidos a tal respeito. Segundo elle, *mister* Chamberlain e os seus partidários temem as verdades que os delegados afrikanders possam revelar, tanto mais que Merriman, antigo titular do gabinete Schreiner, é um inglês legitimo, um patriota a valer, de modo que delle não se póde dizer que é inspirado pelos prejuizos de raça em favor dos boërs.

Demais, consta que Merriman está decidido a sustentar que não ha solução possivel a dar á terrivel lucta, no caso de não ser restituida a independéncia ás Republicas sul africanas, demonstrando, com dados, factos e precedentes, que se a conquista do Orange e do Transwaal é difficil, o governo d'estes paizes é simplesmente impossivel. E o seu raciocinio é este: o elemento hollandez, hoje unanimemente em favor dos boëres, constitue na Africa do Sul uma maioria indistructivel. Ora, se a Inglaterra sustenta na Africa Austral o regimen de liberdade e de suffragio politico, os hollandezes, senhores da situação, imporão pela força do voto que seja restituida a independéncia aos boëres: se a Inglaterra suprime as instituições constitucionaes no Cabo, a fim de neutralisar a supramácia hollandeza, terá contra ella não só os hollandezes, mas ainda os próprios inglezes, habituados ás liberdades e das quaes se não deixarám despojar, mesmo que se lhes diga que é para seu interesse.

Mas o governo inglez, accrescenta ainda o mesmo periódico, saberá por intermédio de Merriman que os próprios elementos britanicos do Transwaal serão contra elle desde o momento que saibam que, para pagar as despezas da guerra e d'uma longa occupação militar, vão soffrer novos impóstos, pois é sabido que já se queixavam das contribuições que pagavam sob o governo do presidente Krüger. E torna-se tambem preciso attender a que a massa indigena se revoltará contra a reducção de salários que o syndicato Cecil Rhodes quer impôr, revolta que se transformará num terrivel instrumento de combate contra os inglezes.

Merriman preconiza que se volte á politica de Gladstone, seguida depois da derrota de Majuba-Hill, restituindo-se a independéncia aos boëres, pagando estes uma grande contribuição de guerra e compromettendo-se a não levantar fortificações nem a comprar material d'artilheria, a fim de que não possam usar da sua independéncia contra a Inglaterra. Esta faria inquestionavelmente um bello negocio adoptando essa combinação, pois não só ficava sendo considerada como *pai*; *magnanimo*, mas ainda se reconciliaria com essa maioria hollandeza-boër cujo ódio, em caso d'annexação das duas Republicas, acabará por muito prejudicar a Gran-Bretanha.

(Do *Diario da Tarde*).

Foi transferido para o Lyceu de Lisbôa, onde estava fazendo serviço em commissão, o professôr das disciplinas do 1.º grupo do lyceu desta cidade, sr. Borges Grainha; e foi collocado no logar deste professor em Coimbra, o sr. António de Sá Oliveira.

Finanças brazileiras

A situação financeira do Brasil, desde ha tempo pouco promettedora, aggravou se ultimamente muitíssimo.

Segundo as noticias dos últimos jornaes chegados, as difficuldades chegaram a um periodo agudo e bastante sério, originando a suspensão de pagamentos de alguns bancos, dois dêlles de importância summa na expansão commercial e industrial.

Numa entrevista com um redactor do *País*, jornal do Rio de Janeiro, um capitalista obteve noticias verdadeiramente terroristas:

Ha pouco ainda, a crença, tida por banqueiros, de que iam enminhar-se para o Brasil largas emprêsas e uma forte corrente de capitaes, manteve a esperança de que a situação não attingiria o máximo a que chegou. A suspensão de pagamentos, porêm, por parte dos bancos, inutilisou êsses optimismos, esperando se até ao fim de janeiro a falléncia de casas importantes.

Estas noticias alcançam até 20 do mês findo.

O conselho superior d'instrucção pública não confirmou a accusação contra o professor Ferreira Deusdado; entretanto averiguou certos factos que determinaram a suspensão d'aquelle professor, por um anno, contando se o tempo já decorrido desde a suspensão e não podendo mais fazer serviço no lyceu de Lisboa.

Apuramento final

A população das quatro freguesias desta cidade é, segundo o apuramento do último recenseamento feito, de 18:910 habitantes, assim distribuidos:

Sé Nova, 5:407; Sé Velha, 3:870; S. Bartholomeu 4:148 e Santa Cruz, 5:485.

Nas declarações lidas nos respectivos boletins, ácêrca das religiões professadas, ha uma regular diversidade. A mais interessante, porém, é da freguesia da Sé Nova onde ha, a julgar pelos mesmos boletins:

7 que sam protestantes, 1 que não acceita nenhuma das officialmente reconhecidas, 1 que segue a do bem, 1 a pantheista, 2 a evangelistas, 1 a cosmopolita e 1 que ainda se não dicidiu por nenhuma, visto que faz a declaração de— *incerta*.

Com a morte do sr. dr. Augusto Rocha vagou um logar de clínico do Monte pio Conimbricense, para o qual a direcção, em sua sessão de ante-ontem, nomeou o sr. dr. Cruz Amante, que já vinha substituindo o extincto desde que a enfermidade a que succumbiu o obrigou a abandonar os seus trabalhos médicos e de professor.

A direcção deu hoje posse ao sr. dr. Cruz Amante.

Entre as nomeações agora feitas, de professores para differentes lyceus, conta se a do sr: José Francisco Alves Barbosa para o desta cidade.

Eduardo VII e Cecil Rhodes

Dizem de Londres que, nos centros bem informados, se garante que Eduardo VII é pessoalmente e desde muito tempo, amigo de Cecil Rhodes.

Antes do movimento imperialista dos ultimos tempos, Cecil pretendeu ser admittido como sócio do «Traveller's Club», de Londres. Como o não conseguiu, apezar do appoio do principe de Galles, este demittiu se de membro do Club. Mais tarde, por occasião do inquerito parlamentar sobre o *raid* Jameson, o principe de Galles, membro da commissão, e perante os seus collegas, apertou effusivamente a mão de Cecil Rhodes, o homem mais atacado entam, manifestando lhe assim a sua estima.

REPAREMOS

Ontem, em Lisbôa, foi celebrada uma ceremónia fúnebre, á memória da rainha victória, na igreja Anglicana.

Noticia um jornal que o templo estava cheio assistindo o infante sr. D. Affonso, o conde de Sabugosa como representante da rainha regente, o visconde d'Asseca representando a sr.ª D. Maria Pia, todo o ministério, ministros de estado honorários, cámara municipal, cámara do commércio, corpos diplomático e consular, etc.

E aqui se fica a gente a pensar no que vale o senso commum de toda essa gente que reina, governa e representa o principio da autoridade.

Porque a ceremónia foi pública, assistindo quem quis até caber no templo, que esteve cheio; porque teve um caracter genuinamente official, com a presença de tudo o que ha de superior na culminância do estado, e ainda do que representa a autoridade administrativa, ha que anotar:

A igreja ou a religião Anglicana, como qualquer outra que não seja a official, a do estado, só não póde fazer exterioridades nem festas públicas. E' lhe, ou antes, foi lhe, permittida a prática dos seus officios a occultas, sómente para os que a professam, em templos sem nenhuma indicação exterior: — logo, o governo e autoridades permittindo e appoiando com as suas presenças a pública manifestação de agora, incorreram em delicto de lesa-religião official. Mas o que é mais, o que é de notar, é a incongruéncia entre o que ha dias succedia e hoje se dá.

Sam d'ontem os protestos contra a perseguição ferina aos templos e presbiteros Anglicanos, perseguição feita com o appoio do governo e promovida pela reacção clerical que tem na rainha regente o seu melhor esteio, esse governo e essa rainha que agora se contradizem por uma forma imbecil, sanccionando com a sua presença um, fazendo se representar a outra, num acto duma religião que acabavam de sujeitar a vexames nas pessôas dos seus representantes e adeptos, mandando invadir pela policia, acompanhada de padres cathólicos, os templos protestantes que fizeram evacuar.

Qué significa isto? Que o não consentimento da ceremonia, ou, ainda menos, a não assistencia official do estado a ella, representava um motivo de desgosto para os inglezes, os fieis e bons alliados do throno, que não do paiz. Dahi a incongruencia que traduz rasteirismo, por um acto de subserviencia e negação...

Quer dizer, o governo e o throno estão com o jusuitismo, para o coadjuvar na sua propaganda e actos de retrocesso, e assim ter lhe a obtido o consentimento para a ceremonia Anglicana, em servil consideração a inglezes. Porque..

Percorremos os jornaes, e nenhum informa de que o *quadrilheiro* Veiga fosse ao templo, como noutra cerimonia de ha dias, fazer calar o celebrante e pôr na rua o governo, os representantes das reaes pessoas e tudo o mais que lá estava de official.

Melhor: — «Nos psalmos pediu-se ao Altissimo a protecção para a familia real ingleza, para o presidente dos Estados Unidos da America e para a familia real portugueza».

O cumulo! Os representantes da familia real com o governo a pedirem para a mesma familia as graças dum Altissimo cujos apostolos e templos vexaram ainda ontem...

Veja o paiz que pagode e que... maduros.

O Veiga está muito *desgostoso* e dizem que durante a cerimonia esteve caído nos braços do poderoso nuncio, clamando resignação e apontando lhe: — E' que *elles* são... *elles*.

Os dois não protestam, mas decidiram mostrar se magoados!

Heroico!

D. Miguel de Bragança

Para esquivar-se a cumprimentos e curiosidades, o sr. D. Miguel saiu daqui precipitadamente, como noticiámos, indo embarcar á estação de Taveiro, para onde seguiu em carro, explicando se assim o facto de não ter sido encontrado na de Coimbra por um grupo de estudantes. Com a partida dos seus serviçaes da estação velha, e com o despacho de bagagens para Torres Vedras, suppôs se que o alto viajante ia agora fazer a sua partida, repetidamente annunciada, para Madrid. Não succedeu porem assim:

O sr. D. Miguel foi em visita ás Caldas da Rainha, Alcobaça, Leiria Batalha, etc., seguindo depois para a Figueira da Foz onde esteve ante ontem apenas uns três quartos. d'hora, emt que passeou de carro pelas ruas do bairro Novo e ao longo da praia. Seguiu depois para Condeixa onde estava ainda ontem, hospedado no bello palácio da familia Lemos, o velho fidalgo miguelista que ha tempo morreu naquella villa.

Nomeação

O professôr de theologia sr. dr. Porphyrio dos Santos, acaba de ser nomeado reitor do lyceu de Braga.

Foi concedida dispensa de 20 mêses de idade, para se ordenar a presbytero, ao sr. José Maria d'Almeida, desta diocese.

Mercado de Coímbra

Os preços dos cereaes durante a semana finda, foram os seguintes:

Trigo de celorico, novo, graúdo, 620—Dito, novo, tremês, 630—Milho branco, 470—Dito amarello 470—Feijão vermelho, 780 Dito branco, meudo, 760 — Dito branco, graúdo, 780 — Dito rajádo, 520 — Dito frade, 490 — Centeio, 520 — Cevada, 380 — Grão de bico, graúdo, 740 — Dito meúdo, 640 - Favas, 490—Tremoços, 20 litros, 400.

Azeite da colheita de 1898, fino, 2$200 a 2$250; de 1899, 1$500 a 1$900, conforme a qualidade: novo desta colheita, 2$000 réis.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christovam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

CÃO MOPS

Perdeu se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

Alguem o achou pede se a finêsa de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviçaras.

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Anvers, Eindhoven, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza**, de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.

Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até á 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis	o litro
» » » » a	80	»
» verde de Basto a	90	»
» branco de Torres Novas a	90	»
» » de Mangualde a	90	»
Vinagre a	80	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	»
» (2.ª qualidade) a	110	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	»
» » » (2.ª qualidade) a	200	»
» » » (3.ª qualidade) a	180	»
» » figo a	120	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem**, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água ráz, crés, gêsso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revist . e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litteraria do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43

LISBOA

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

ARRENDAMENTO

Arrenda se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

Precisa-se um, ou próximo a ganhar.

Rua do Visconde da Luz, 60.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99,

LISBOA

Effectúa seguros contra o risco d'incéndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Anályses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma explêndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um explêndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender póde dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — **Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

N.º 620 COIMBRA—Quinta feira, 7 de fevereiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

Notas falsas

A declaração do governo

Foi levantada no parlamento a questão de o banco de Portugal se negar ao recebimento de notas falsas de 50$000 réis. Tratou-a o sr. Fuschini, que considerando os resultados gravissimos que da recusa do banco podem advir à economia do país e até à do proprio banco, concluiu:

«Não é facil ao público verificar se as notas sam falsas ou boas. Comprehende-se que se difficulte o pagamento das notas falsas, para obrigar o público a ser cautelloso e a exercer uma certa fiscalisação, mas daquí a carimbar com a designação de falsas notas de 50$000 réis que sam recebidas na melhor boa fé, vai uma differença importante que é indispensavel remediar.»

Respondeu-lhe o ministro da fazenda declarando:

«O assumpto, por ser grave, tem já prendido a attenção do governo, que empregará todos os esforços para o resolver sem grande prejuiso do público, mas salvaguardando tambem os interesses do Banco de Portugal, que é o banco emissor.

Perceberam?

Sem grande prejuiso do público, mas salvaguardando os interesses do banco...

Entretanto, o banco vai carimbando de falsas, quer dizer, inutilisando sem nenhuma responsabilidade para si as notas que lhe caiem a talho, enquanto o governo declára que empregará exforços...

Estavam empregues, fazendo comprehender ao banco, exactamente porque é o emissor, que a elle pertencem os resultados das contingéncias a que o systhema fiduciario está sujeito, e comprehendendo o próprio governo, pelas suas relações economicas com o banco, que tem de compartilhar d'essas contingéncias. O público é que nunca.

Aquella declaração do governo, pela bocca do ministro da fazenda, não é, pois, mais que uma cillada.

Diz, duma fórma absoluta, que salvaguardará os interesses do banco — os próprios comprehendidos — e isto *sem grandes prejuizos do público.* Para este já admitte, comprehenda-se, prejuizos, para o banco não. Traduzindo melhor, vê-se:—A resposta dada ao sr. Fuschini estabelece que o banco continúa autorisado a não pagar, inutilisando as notas falsas que lhe appareçam, perdendo-as os portadores, tenham-ás ou não recebido na melhor boa fé. Assim, os prejuisos do público nem serám *grandes,* nem serám *pequenos;* serám *totaes,* ficando por isso total e absolutamente salvaguardados os do banco.

Não ha que ter hesitações na interpretação daquellas palavras do ministro, mormente se as consideramos em relação ao procedimento que o banco continúa tendo. Mas admittindo mesmo que em taes palavras havia a maior somma de lealdade, ainda occorre perguntar como deverá definir-se aquella coisa — *sem grande prejuizo do público,* em face da *salvaguarda absoluta para o banco.*

Fazendo uma selecção entre os portadores, para as acceitar a uns tomando-as a outros, mesmo apesar de todos elles as haverem recebido de boa fé, ficando ao estado a responsabilidade das que fôrem recebidas?

Mas como se fará isso? A que critério ha de obedecer tal expediente?

Vejamos bem que *aquillo* é impossivel; que não póde haver meio termo. Ou se recebem ou não. Seleccionar sería deixar ampla liberdade de acção ao banco. Recebê-las-ia pois na quantidade que lhe aprouvesse e a quem quizesse, estabelecendo-se um favoritismo odioso de que não compartilhariam os pobres de relações e de valimento junto dos *conselheiros-directores* e até dos simples empregados da séde do banco e das agéncias.

Repetimos. Este expediente é impossivel por todos os princípios, e o meio termo não se comprehende. Na declaração do ministro ha apenas uma rabulice, pela qual se comprehende que terá de ficar ao público a perda de taes notas. E como isso affectará medonhamente as relações e condições económicas do mesmo público, e como as notas falsas — não já sómente de 50$000 réis — apparecem em barda mesmo por todos os cantos da província, urge reagir contra a cillada, começando pela não acceitação de tal papel, falso ou não falso, e iniciando manifestações, mas valiosas e energicas, de reclamação para que o banco indemnise os que hajam tido a infelicidade de recebe-las

Vejam as collectividades commerciaes e industriaes que o caso interessa mais directamente aos seus associados, para iniciarem o movimento, que julgamos preciso não addiar, uma vez que aquella declaração do ministro é a absoluta condemnação do público pela protecção incondicional, descarada ao banco, que tem—foi já dito e provado — na enormidade dos seus interesses com o privilégio da emissão, lucros em demasia para comportarem o prejuizo, sem nenhuma espécie de sacrificio que mereça considerar-se.

A Inglaterra comprou em Lourenço Marques um prédio por 50:000 libras — 225:000$000 rs. ao par!

Não se póde suppor que venha a ser um mísero pardieiro, mas um opolento palácio para a installação, de que se tem fallado, de serviços do seu governo naquella provincia ultramarina.

Os inglêses já estavam allí, como *visitantes;* — passam agora a installar-se como em sua casa, num domínio português. Começam, pois, as vantagens da alliança.

Esperemos, que ha mais que ver...

CURSO NOTARIAL

Debate-se no parlamento essa questão, sendo nota predominante se elle deve ser estabelecido em Lisbôa ou em Coimbra.

Ha tempo, uma commissão da faculdade de direito, que teve como relator o sr. dr. Marnoco e Sousa formulou um parecer, ou um plano da creação dêsse curso annexo áquella faculdade. Falla-se hoje delle no parlamento, e — caso para ver — combate-o o sr. Farnando Martins de Carvalho, o mais figadal inimigo de que o curso seja estabelecido em Coímbra, cidade que por tantos títulos deveria merecer ao novel deputado outra espécie de considerações bem differentes das que lhe está dispensando. Ao menos em attenção a que ella guarda as cinzas de alguem, que se hoje podesse ouví-lo, não hesitaria talvez um momento em amaldiçoar-lhe as intenções e em affirmar que se envergonhava de tê-lo como seu descendente. Mas...

Sam isto apenas *futilidades* para a consideração de quem possua sentimentos de nobre honestidade.

Um argumento do sr. Martins de Carvalho contra o curso em Coímbra foi *que as matérias das cadeiras de direito que a elle conviria sam por demais extensas.*

Tam extensas, que não haverá na faculdade ninguem capaz de attingí-las?

Nem vale a pena querer refutar a aleivosia, falha de bom senso, absolutamente carecida de creteriosa verdade, e tersandando a um intencional desejo de próprio interesse.

Outro — e a êste chama das razões mais fortes — *é haver allí,* em Lisbóa, *um movimento muito maior, e que mais proveitosa tornará a parte prática do curso.*

Mas, pela mesmíssima razão, êsse *maior movimento tornaria mais proveitosa a parte prática* de toda a matéria de direito. Pois não será igualmente necessária a larga prática, num movimento *muito maior,* ao complexo e importante exercício da advocacia, convindo, portanto, que os que a ella se destinam cursem num meio onde disponham dessa prática?

Porque não advoga então o sr. Martins de Carvalho, abertamente, a transferéncia de todo o estudo jurídico, para êsse meio de *maior movimento,* que interessará ainda á vantagem prática de tudo o mais que se estuda na Universidade? Peça, pois, a remoção della, em peso, para Lisbôa, e terá feito uma *congruéncia colossal!*

A argumentação é, como o que se vê, tudo o que ha de mais pobre e mesquinho, falsissima e apaixonada, numa palavra, não logrando esconder a mísera intenção que o anima.

Resume-se nisto: — Em Coímbra tudo, desde a faculdade de direito à comarca, e infinitamente pequeno — decerto como a almasinha do sr. Martins — para que possamos merecer a honra de possuir cá o curso que s. ex.ª ambiciona dirigir na capital; — toda a faculdade reünida não vale um lampejo da sua intelligéncia.

Injustiça nossa, de jornal republicano, em tal conceito? A quem possa suppô-lo oppomos desde já opiniões de jornaes monárchicos. Do *Correio da Noite:*

O sr. Martins de Carvalho consagrou-se hoje, em grande parte, a defender a sua rica reforma de notariado, que tantas canceiras lhe deu, dizendo que desde que foi eleito deputado, só por concurso é que poderá apanhar o almejado logar de professor do curso, do notariado, que elle a todo o custo, quer que se estabeleça em Lisbôa, apesar do encargo que d'aí virá para o thesouro. E' esta a sua idéa fixa e tanto o perturba, que elle não concede, do alto do seu throno de sciéncia, condições á faculdade de dirigir o curso do notariado e referindo-se ao parecer daquella faculdade sobre êste assumpto, aponta um grande número de erros que, na sua opinião, existem naquelle decumento firmado por três dos mais brilhantes lentes da faculdade de direito e approvado por todos os membros dessa faculdade. E vai até ao fim, advogando, pedindo, rogando, suplicando ao sr. ministro da justiça, que não deixe de crear o curso em Lisbôa porque disso depende a realisação do seu sonho mais ardente.

Do *Dia* sobre os seus apregoados merecimentos de parlamentar:

Baixinho, figura inexpressiva que tanto póde indicar um modesto empregado de casa commercial como um *clerc* de tabellião ou notário, como agora se diz á francêsa; voz áspera de canninha rachada, estrangulando-se no final da phrase quasi sempre trôpega, taes sam os caracteres mais salientes deste joven bacharel tam zarguncbado pelos seus antigos correligionários, o que poderia indirectamente levar á conclusão dum merecimento que não nos parece, a julgar pelo discurso de hoje impeça de dormir os oradores já consagrados na cámara. Palavroso é que s. ex.ª é, mas muito palavroso. Originalidade de argumentação nenhuma: tudo o que o orador adduziu de substancial para impugnar a legalidade do decreto de 23 de dezembro de 1899 *(notariado)* é *mutatis mutandis* o que o sr. João Franco expós sobre tal assumpto; a parte não substancial define-se por esta simples palavra — *farófias.*

Considerados êsses depoimentos, resta attender: — O sr. Martins de Carvalho *não se passou* senão à custa de promettidos interesses, nos quaes, se vê agora, entra o apanhar, em Lisbôa, ser director do curso notarial. Para o conseguir amesquinha em tudo esta cidade à qual move abertamente, e por seu interesse pessoal, a desconsideração e o prejuizo de se lhe negar que o mesmo curso fique na Universidade. A' cidade cumpre, então, oppor a guerra á guerra, com a vantagem combater uma ambição indigna de e condemnavel.

A cámara começou já, representando para que o curso seja estabelecido em Coímbra. Ouvimos que a Associação Commercial vai representar tambem. Restam as demais collectividades, resta a população inteira, resta a imprensa, e não devemos duvidar de que o *Conimbricense,* que em declarações successivas affirma que o seu principal objectivo está na defeza dos interesses da cidade, seguindo assim as tradicções do saüdoso morto, entre decidamente nessa necessária campanha contra os manejos e cálculos de um deputado ambicioso e mau, seja elle quem fôr, que ora desconsidera Coímbra, defendendo sem escrúpulos uma causa que para a mesma Coímbra representa um grave prejuiso e uma deprimente humilhação.

Será isso o cumprimento dum sagrado dever.

Crédores externos

O presidente do conselho asseverou no parlamento que não ha nenhum funccionário superior do ministério da fazenda, encarregado de tratar com os credores extérnos.

O sr. Carrilho saíu ha pouco para o estrangeiro, e noticiaram fôlhas governamentaes que ía encarregado de missão financeira junto dos mesmos credores.

Temos, pois, que se o sr. Carilho não é *empregado superior do ministério da fazenda,* o sr. Hintz terá sido franco uma vez ácerca da dívida externa, sobre a qual os governos nunca disseram uma verdade. Mas...

Empregado superior ou não do tal ministério, a verdade é que lá por fóra anda, *irrante,* uma creatura que voltará, de mãos a abanar, tendo ouvido, talvez, esta única resposta dos credores: — *Diga ao seu governo que o que dessipa em loucas e injustificadas viagens reaes, e na abusiva distribuição aos zangões da politica, podia e devia ser utilisado na satisfação dos seus compromissos. Seria menos espaventoso, mas mais digno e mais honesto...*

A tutella britânnica

Um dos principaes obstáculos com que lucta a causa da Democracia em Portugal é, sem dúvida alguma, a da coação imposta pela Inglaterra — a grande e poderosa protectora da monarchia brigantina, sobre a qual parece exercer identicos direitos aos que effectivamente exerce sobre o Egypto e algumas das tribus soldanezas, aliás insubmissas e algumas vezes sublevadas.

A monarchia encontra-se, porém, completamente divorciada do país e em aberto conflicto com o povo. A sua causa está, portanto, completamente destincta e até antagónica em orientação e subsequentes destinos, e devido a esta feliz circunstância a tutella britânnica, verdadeiramente affrontosa, actua simplesmente sobre o regimen, que a supporta, e que faz da sua submissão à Inglaterra essencial condição de vida e de acção social.

A insurreição de 31 de janeiro tem na contemporânea história portuguêsa a elevada significação duma verdadeira carta de alforria nacional. Sem a sua benéfica e civilisadora acção não se teria produzido o fatal e irremediavel antagonismo entre a monarchia e o país, que desde essa época tende a estabelecer um confronto singularmente eloquente entre o *mercenário* servidor do Estado e o *cidadão activo e intelligente* que aspira à Liberdade e por ella está disposto a viver e a morrer.

A ruptura do *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890 foi radical e decisiva. O espírito público em Portugal até esta data — *11 de janeiro de 1890* — que é mister não esquecer, porque nos avigora a fé pela Republica e nos incita ao ódio pela Inglaterra e ao despreso pela monarchia, vio na Grã-Bretanha, senão uma poténcia amiga, pelo menos uma garantia da nossa integridade territorial e da nossa segurança moral na Europa, e nunca presentia, que, sob a descreta máscara da diplomacia, se acobertasse tanta villeza, nem tanta infámia!

A partir, pois, dêste dia o povo português conhece que a protecção, ou a tutella, concedida à monarchia, era por ódio à Democracia, e a ostensiva manifestação de receio pelo seu advento, porquanto a implantação e a consolidação da República em Portugal traduzir-se-ia immediatamente no rompimento da avassaladora e deprimente alliança inglêsa, e, sobretudo, despertaria a emulação dos portuguêses no tocante à expansibilidade industrial e commercial, paralysada por effeito do tractado de *Methuen*, celebrado em 1703, por occasião da guerra da successão de Espanha, entre D. Pedro II e a rainha inglêsa Anna Stuart.

Constitue, portanto, o programma da política externa do futuro regimen republicano o rompimento da alliança com a Inglaterra e a subtracção de Portugal a uma tutella infamante, que outra coisa não tem feito senão substituir, de 1640 em deante, o brutal e effectivo domínio espanhol pela suave e disfarçada influéncia britânica, que de facto tende a converter-se em effectivo domínio à proporção que declina, para o seu sinistro occaso, a nação portuguêsa.

O momento opportuno de ser geralmente discutida e criticada a alliança inglêsa, pela imprensa republicana em peso, chegou inexoravel a merecer o início duma nova era na nossa história. As tempestades internacionaes que no Extremo-Oriente e na Africa do Sul se accumulam sobre a Inglaterra, e que hám de caracterisar o reinado de Eduardo VII — que ora desponta — como o iniciador da decadéncia da orgulhosa dominadora dos mares, é um aviso que o destino, ou a Providéncia, nos envia e que cumpre attender. Na significativa attitude da Rússia está naturalmente indicada a nossa acção, e na sua providencial grandeza como se anteve um destino e uma elevada missão: O advento da República e a entrada de Portugal para a dupla-alliança, comparticipando do equilibrio europeu.

O século XX vai ser caracterisado nêsses acontecimentos capitaes: *a decadéncia da Inglaterra, o apogeu do poderio da Rússia e o advento da Republica nos paises neo-latinos: Portugal, a Espanha e a Itália.*

E a transformação é fatal antes de attingirmos o fim da primeira metade do século... como tudo no-lo demonstra!

FAZENDA JUNIOR.

Por especial obséquio

O presidente da cámara dos deputados dirigiu a êstes o seguinte pedido:

«O sr. presidente do conselho roga a V. Ex.ª a especial fineza de comparecer na cámara a tempo de se poder abrir a sessão ás 10 e meia horas quando fôr de manhã, e ás 2 quando tiver logar de tarde».

Donde se vê como os senhores deputados comprehendem a missão de que os imcumbiram. E bem irá ao sr. Hintze se não tiver de pôr lhes carro á porta, para os apanhar na cámara.

Que, pelo que valem em matéria de observação por todas as questões que ao país podiam interessar, não vai mal a coisa nenhuma porque não appareçam.

E' que não sam deputados, sam marionetes.

A «influenza»

Dizem de New York que a «influenza» ou «grippe» desenvolveu-se de tal modo naquella capital e em outras localidades, que os atacados contam-se por milhares. Só em New-York parece que ha 200:000.

Os hospitaes estám cheios de enfermos e os médicos attribuem o caso a influéncia climatérica, porque êste anno ha um calor improprio da estação, o que junto com a humidade se póde considerar como germen da enfermidade.

Só em uma semana morreram 264 pessoas.

Urbino de Freitas

Esse personagem, tristemente célebre pelo conhecido crime de envenenamento, termina no dia 18 a pena de prisão celular a que foi condemnado, e segue no dia 21 para a Africa a cumprir o restante da sentença.

Acompanha-o a esposa que tem sido duma dedicação e coragem bem dignas de respeito.

Casamento

Consorciaram-se, em Santa Eulália de Tenões, o sr. dr. Manuel da Silva Gayo distincto poëta e secretário da Universidade, com a sr.ª D. Laura Vieira Neves, filha do sr. Manuel Joaquim Vieira Braga, abastado negociante no Porto.

Por parte do noivo foram padrinhos o sr. Eugenio de Castro, por procuração do sr. conde Arnoso, e seu irmão o sr. Mario Gayo, e da noiva seu pae e sua mãe a sr.ª D. Maria Gloria Vieira.

Foram passar a lua de mel no Bom Jesus, em Braga.

Chrónica de theatro

II

O *Pae prodigo* — tem, como todas as peças do theatro de Dumas filho, a pretensão de defender uma these de um elevado interesse social. E' conhecida a sua theoria de trazer para o palco todos os problemas sociaes, de chamar sobre elles a attenção, interessar o publico, dominá-lo, levá-lo rapidamente e fascinado, até ao ultimo acto, e impôr lhe a solução da sua phantasia.

A acção desenrola-se na alta sociedade que Dumas escolheu sempre, com o pretexto bizarro de que, opperando-se nella a reforma que pregam os seus dramas, o povo se reformaria tambem, pela mesma razão que o vinho deitado pelo gargalo da garrafa chega ao fundo. A phrase é dêlle.

A gente de espirito tem destas phrases assim.

O *pae pródigo* é isto:

Um conde casa, morre-lhe a mulher e deixa-o com um filho para educar. Procura a consolação á sua viuvez na vida galante de Paris e elle que fora educado nos mais rigidos principios, acanalha-se, em quanto que, ao lado, o filho creado naquêlle meio e deixado em toda a liberdade pelo pae, se torna, pelo aborrecimento do vicio, económico, pagando as dividas e as loucuras do pae.

O pae ama uma menina, o filho casa com ella; o pae deixa se prender por uma mulher galante, o filho livra-o della.

Theophile Gauthier resumiu assim a sua opinião sobre o pae prodigo: «O pae prodigo educou mal o filho. Logicamente êsse filho devia perder-se. Pelo contrario, é homem dordem, economico, numa palavra, perfeito. Dahi poder-se-ia deduzir que a má educação não tem inconvenientes, por que forma tam bons rapazes.»

Dumas quiz apenas mostrar que os filhos não devem experimentar o jugo de leis de educação, que devem ser considerados isoladamente, deixar se desenvolver francamente, e grita a esperança de que os filhos do seculo em que estâmos seriam melhores que os paes do seculo em que elle viveu.

E' o lado prophetico de toda a obra de Dumas, tam litteraria e tam artificial.

A comédia toda está impregnada da fina adoração que Dumas tinha pela mulher que tam bem conhecia, e prega a desconfiança por êsse ser caprichoso e voluvel que, á sombra do respeito social, consegue arruïnar os outros, e deformar-lhes o caracter, tornando-os capazes de todas as baixezas.

Tudo isto é dito numa linguagem brilhante, em que abundam os paradoxos arvorados em conclusões scientificas; e nos dois papeis principaes, o do pae e o do filho, vê se, num desdobramento curioso e vulgar na obra de Dumas, apparecer o author, a sua vida e as suas preocupações.

A alguem que quiz ver no pae pródigo a figura de Dumas pae, respondeu o author: meu pae não é pródigo é prodigio.

Ferreira da Silva (o pae pródigo) disse, sem esforço, na expansão fácil e livre das suas qualidades de homem d'espirito, todo o papel do velho conde, que, de opinião unánime, nunca teve quem sublinhasse com tanta finura a figura elegante da creação de Dumas.

Augusta Cordeiro, a mulher que enriquece á custa da loucura dos outros, anima a personagem de Albertina de Laborde da elegancia do seu corpo flexuoso, como as sedas das suas toilettes luxuosas, do seu sorriso vermelho, como um cravo a desfolhar-se. E' um papel longo, estudado com consciéncia, minuciosamente detalhado.

Mercadet. Balzac nunca foi um author dramático representavel apezar da grandeza da sua obra.

Mercadet é uma charge, o riso forçado contra os credores que toda a vida o perseguiram, e para quem sóam apenas bem como o ouro, as palavras dos aventureiros que o acaso não deixa mentir, homens predestinados e que acabam sempre por receber o seu dinheiro.

É o tormento dum homem perseguido pelos credores e que consegue rir se á custa dêles.

Mello (Mercadet) comprehendeu o papel e representou-o com a correcção dum mestre conhecedor de todas as difficuldades da arte de dizer e representar.

A sua creação sobrepuja todas as outras, não podendo deixar de mencionar se Emília Lopes no papel deM.me Mercadet e Costa no de Violette.

A irmã mais velha é uma obra d'arte moderna, escripta com a verve, o espirito caustico e mordente do grande critico Lemaitre.

Não é bem uma charge ao protestantismo, religião de egoistas e commerciantes, não é a defeza do celibato dos sacerdotes, é o drama burguez actual da preocupação de casar as filhas, a lucta pela existéncia, a conquista do ouro.

Uma alma nobre sacrifica-se pela familia, vê casar todas as irmãs que lhe roubam os que vieram fascinados pela graça da sua vida simples, e sabe resistir contra a seducção que lhe apparece sob a forma dum elegante official do exército.

O meio em que se cria aquella alma, o protestantismo, é um artificio de Lemaitre para fazer applaudir as suas ideias, para se colocar mais á vontade, sem offender preconceitos.

Virginia foi encantadora de simplicidade e graça, quando, para entreter os sobrinhos conta a história dum príncipe encantado; soube na scena com Milks mostrar o nojo e o desprezo. Na provocação, na scena de educação em tudo foi a mulher simples e encantadora, possuida da sua arte e que todos nós temos tanto orgulho em chamar a nossa primeira actriz.

Foi uma noite de verdadeiro prazer artistico com a surpreza da revelação extraordinária de Rosa d'Oliveira que fez do papel de Norah uma creação que fica na história da arte de bem representar.

T. C.

LUTO Á FORÇA

O governo fez aos emprezários dos theatros e demais espectáculos em Lisboa, a imposição de não abrirem ao público, no sabbado, dia do funeral da rainha Victoria.

Não bastou a interrupção dos espectáculos parlamentares; foi necessário levar a *gentileza* até não consentir que funccionassem os theatros...

Claro que em face da morte da soberana inglêsa, o estado português não podia deixar de ter as manifestações de condoléncia que sam do estylo. Houve-as e bem pronunciadas. Estava cumprido o dever.

Forçar depois disso os emprezários a não darem espectáculo foi uma violéncia que roça pelo ridiculo. Theatros sam estabelecimentos públicos como quaesquer outros. Só para a gente se divertir? E' certo. E por que não haviamos de divertir-nos no sabbado, se quizessemos? Porque a rainha Victória morrera havia tantos dias e naquelle ía ser sepultada? Que tinhamos que ver com esse facto — o do enterro — a verificar-se lá tam longe da fronteira?

Póde suppôr se que as gentes portuguêsas — em absoluto, não será demasiado admittir — teve ante a morte da soberana inglêsa a sensação que se experimenta ao saber-se que se finou alguem que se não conhece, *senão porque tem um nome grande*. Só isso. E se, de facto, o país ía mais além em sentimentos de pesar, ver-se-ia. A maior ou menor concorrência aos theatros no dia do enterro daria uma ideia clara e real, a verdade em toda a sua nudez; mas forçar, no caso sujeito, à auzéncia dessas casas de diversão, não permittindo que abrissem, ou seja impor uma manifestação que não temos desejo de fazer, é positivamente banal, e até ridiculo, ainda pela ficção que o acto reveste.

Pois não é certo que quando essa soberana estava nos paroxismos da morte, os seus parentes e os seus amigos em Portugal gosavam alegremente, frequentando theatros e outras diversões? E comtudo a verdadeira manifestação de estima pela enferma, e de dôr pelo fatal desenlace esperado, seria êsses personagens manterem se em recato, em quanto a agonia lenta ía aniquillando aquella existéncia. Procederam assim, a côrte, o governo e os nobres? Longe disso...

Ao fim ordenam essa coisa de não haver espectáculos — *fazer sentimentalidade pelo acto commodo duma imposição!* Porque se não ordenou tambem que fechassem os bilhares e cafés. Sam igualmente casas onde a gente se diverte. Porque se não impôz o encerramento dos bancos e demais casas de negócio, obrigando-as a prejuizo idéntico ao que se fez soffrer ás emprezas theatraes? Seria lógico e congruente, visto que representam — tal qual como os theatros — estabelecimentos mercantis.

A *coisa* não merceria tanta demora, se não conviesse sacar-lhe a moralidade como demonstração do que valem essas trocas de *amabilidades* entre estados e soberanos.

Resolveram os emprezários prejudicados protestar, entregando ao chefe do governo uma representação em que reclamam indemnisações. Te-la-hão em lôas e palavrinhas amaveis, e por último com a visita do fisco se acaso não pagarem a tempo as contribuições competentes, embora os hajam prejudicado nas receitas duma noite.

Manterám elles, ao menos, o seu protesto com altivez, insistindo no pedido como um correctivo ao abuso?

Nem isso é dado acreditar, que a brandura dos *nossos costumes* manifesta-se mesmo quando violentamente nos esbulham do que de direito nos pertence.

*

E pois que a disparatada prohibição dos espectáculos nos mereceu reparo, pelo desmedido exaggero que traduz, vem a propósito citar uma phrase do sr. visconde de Chancelleiros em plena cámara dos pares. Servirá a indicar que não sam apenas os republicanos quem repara nas excrecéncias de servilismo. Tambem os monárchicos de quatro costados, Disse o sr. Chancelleiros: — *que condemnava o addiamento das côrtes como uma exaggerada manifestação pela morte da rainha Victória. Fomos*, continuou, *além do que nos indicava a nossa situação de alliados da Inglaterra*. **Manifestámo-nos como se estivessemos sob o protectorado da poderosa nação!**

Tal qual, como se estivessemos sob o protectorado...

O CUCO

Nos fins de março apparece em Portugal esse buliçoso trepador, esse arauto da primavera, ao qual nos dias calmos incessantemente ouvimos repetir as syllabas que lhe dam o nome.

O cuco tem o corpo algum tanto elegante e uma plumagem onde predomina o cinzento escuro manchado de preto e branco, traços amarellos, longa cauda e azas compridas.

Apesar de, no tamanho e no vôo, ter bastante semelhança com o falcão, as pequenas aves não se atemorisam com a sua presença, antes pelo contrário, quando elle tenta introduzir se nos ninhos, o perseguem encarniçadamente ás bicadas.

Como se não dá ao trabalho de construir ninho e, algumas vezes, rouba os ovos dos pequenos passaros, poderia, á primeira vista, dizer se que é um preguiçoso e um glutão; mas quem lhe estudar attentamente os costumes encontra justificados os seus actos e tem de confessar que procede correctamente. Escrupulosas observações tem demonstrado que o cuco é bastante fecundo; mas que na sua postura ha consideraveis intervallos que prejudicariam a conservação dos ovos se estes tivessem de ser chocados simultaneamente; e eis o motivo porque elle os leva a ninhos alheios e assim entrega a sua prole a outras aves que inconscientemente se encarregam da incubação e alimentação de seres com que não tem parentesco. Não é pois a indoléncia, é o seu desenvolvido instincto que o induz a entregar os filhos a paes adoptivos. Como até no instincto das aves transparece a omnipoténcia do Creador!

A carne do cuco é muito apreciada por alguns povos orientaes; mas entre nós não é costume aproveitá-la, e é uma felicidade, porque o seu aproveitamento não compensaria o mal que causava a diminuição destas aves tam prestantes á saude das nossas florestas. Como se alimenta quási exclusivamente de insectos e a sua extraordinaria voracidade o obriga a aproveitar alguns que as outras aves insectivoras desprezam, torna-se utilissimo. E' apaixonado pelo *liparis monacha* e tanto que, segundo os calculos de Eugénio Homeyer, um cuco póde devorar, por dia, dois mil dêsses perigosos inimigos dos pinhaes.

Brehm, louvando os valiosos serviços que este trepador presta ás arvores diz:

«E' um dever de toda a pessôa sensata não perseguir, mas até proteger o conservador das nossas florestas. O seu estomago opéra como um bemfeitor no bosque.»

O cuco é completamente inoffensivo, e além disso de incontestavel utilidade; portanto torna se digno de toda a estima e protecção.

Abreu de Mello e Lima,

Acção commercial

Como é no próximo dia 28 o julgamento dos artigos da classificação da quebra da casa bancária Santos & Brito, foram hoje expedidas pelo juizo de direito as cartas precatorias, com 15 dias de dilacção, para ser intimado no Porto o representante da firma, sr. João Teixeira Soares de Brito, e para ser inquerido como testemunha, o seu ex empregado sr. José Bento d'Oliveira, que reside na comarca de Montemór-o-Velho.

O sr. Eduardo Macedo, official da secretaria da cámara, apresentou hoje em sessão da mesma cámara um requerimento pedindo a sua aposentação.

Concurso

Á mêsa da Santa Casa da Misericórdia foi superiormente dada a autorisação, que pediu, para pôr a concurso o logar de professôr de desenho nos collégios dos orphãos da mesma Santa Casa.

Regressou do Porto, reassumindo a presidénc a da cámara o sr. dr. Manuel Dias da Silva, considerado professôr da faculdade de direito.

Na enfermaria da Penitenciaria em Lisbôa, morreu o condemnado, de Arganil, José Nunes Redondo.

Um caso velho

No commissariado de policia foi recebida uma carta, assignada, indicando que no dia 29 de janeiro ia embarcar em Lisbôa, de novo, com destino ao Brasil, um tal José de Oliveira Neves, do Carvalho, logar do Capitorno, concelho de Penacova, em cuja comarca está pronunciado por um importante roubo de fazendas que praticou ha annos no Carvalho, fugindo então clandestinamente para o Brasil, d'onde veiu em dezembro.

O sr. commissário de policia telegraphou para Lisboa e recebeu a communicação de que ainda poude ser preso, quando se verificou que elle para tirar passaporte, apresentou no governo civil o respectivo processo perfeitamente em ordem — a certidão do registo criminal inclusive, vendo se os documentos legalmente authenticados.

Houve, pois, umas taes ou quaes dúvidas sobre a veracidade da denúncia feita na carta, e, para aclará-las, fez-se uma consulta para Penacova, d'onde responderam que o homem está effectivamente alli pronunciado pelo roubo em questão.

Não ha, portanto, dúvida de que os documentos, tanto em ordem, foram conseguidos por meio de algum negócio menos escrupuloso, com qualquer funccionário daquella comarca. Vai isso ser apurado, certamente, com os interrogatórios, a que sujeitarám o preso, que deve ter chegado de Lisboa onde foram buscá-lo dois guardas de policia.

Diz-se que a tuna académica irá brevemente dar um espectáculo a Lamego.

Depois da Figueira, Leiria. Depois de Leiria, Santarem.

Agora Lamego.

E' capaz de nos cair na procissão dos passos em Eiras a tocar um *passe-calle* sentimental do Grillo.

Cedendo a instáncias de sócios da Associação Commercial, o sr. Francisco Villaça da Fonseca consentiu em acceitar a sua reeleição para presidente da direcção daquelle importante grémio, ao qual, como á classe que elle representa, tem prestado valiosissimos serviços.

A' associação as nossas felicitações, e ao sr. Villaça o nosso applauso.

Está entre nós o nosso amigo sr. Alypio Leite de Gavinhos.

Doentes

O sr. juiz de direito, dr. Rocha Callixto, tem estado de cama com uma pneumonia de que felizmente tem melhorado.

*

Convalesce dum anthraz o sr. dr. José Miranda, administrador do concelho.

Procissões e legado

A mêsa da irmandade do Senhor dos Passos resolveu fazer as procissões, com o costumado esplendor, nos dias 2 e 3 de março.

—D. Maria José da Purificação Serra, fallecida na freguesia da Sé Nova, deixou áquella irmandade um legado de 25$000 réis, livre de qualquer encargo.

Foram tirados no governo civil, durante o mês de janeiro passado, 113 passaportes para o Brasil e 21 para a Africa. Um total de 134.

PUBLICAÇÕES

Supplemento illustrado do Século.—Recebemos o n.º 168 desta publicação de caricaturas dirigida por Accácio de Paiva e Jorge Colláço que vem brilhante e cheia de verve.

*

Gazeta das Aldeias — Semanário illustrado de propaganda agrícola e vulgarisação de conhecimentos úteis; proprietário e director, Júlio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216—Porto.

Recebemos o n.º 265 e 266.

*

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.*

Recebemos o n.º 794 do *Occidente*, a primorosa revista illustrada que publica duas páginas dedicadas aos beneméritos portuguêses Serpa Pinto e Lucia no Cordeiro, que a morte arrebatou ao findar do século. Na primeira página dois retratos de Serpa Pinto, sendo um dêlles de quando o heroico explorador chegou a pretória, depois de ter atravessado a Africa. Na quarta página um velho retrato de Luciano Cordeiro e a Sociedade de Geographia que elle fundou e engrandeceu. Real Theatro de S. Carlos, retrato de Helena Theodorini; Theatro D. Amélia, retrato de Réjane; Theatro da Trindade, retrato de Rosa Paes.

Artigos variados e escolhidos, de: D. João da Camara; D. Francisco de Noronha; Francisco da Fonseca Benevides; E. About; Antonio A. O. Machado; Alfredo Mesquita, etc., etc.

*

Educação Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.º anno, n.º 228.

TYPOGRAPHO

Offerece-se um com algumas habilitações. Na typographia dêste jornal se diz.

Para liquidação

Vendem-se duzentas rozeiras das mais finas qualidades em vazos grandes com etiquetas de zinco a 300 réis cada uma! cinco vasos grandes, uma lanterna chinêsa, um cabide bengaleiro, próprio para entrada de caza, uma rica mobilia de quarto, um christo de marfim, uma estante de pau preto e dois lustres. Couraça de Lisbôa n.º 111 ou Largo de S. João n.º 6, Coimbra.

Banco Commercial de Lisbôa

AGENCIA DE COIMBRA

Está em pagamento o dividendo do 2.º semestre de 1900, na razão de 4 1/2 %, ou sejam 4$500 réis por acção. Na agéncia, José Tavares da Costa, successor, largo do Pricipe Real e rua Ferreira Borges—paga-se todos os dias.

Casa de Cambios

DE

Alvaro Esteves Castanheira

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a finêsa de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviçaras.

3 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

I

A MULHER VELADA

Na tarde em que vimos a condessa descer do fiacre e entrar mysteriosamente em casa, a creada de quarto esperava-a na mais viva impaciéncia.

Naquella vida, tam agitada já, acabava de rebentar uma phase trágica.

Eleonora estava, já ha muito, ao serviço de Regina que imaginava que ella lhe era dedicada. Era uma mulher de Tours que tinham tomado muito nova para o seu serviço, na aldeia próximo do castello de Romanes. Eleonora era digna da confiança que inspirava o seu bello aspecto? Tinha trahido a mulher pelo marido; mas tinha sobretudo trahido o marido pela mulher.

Quando viu Regina á porta gritou para ella, em ar dramático:

— Oh! Minha senhora! Minha senhora!...

— Que é?!

Eleonora não sabia como havia de fallar:

— A senhora condessa tinha-me mandado ontem que fosse a casa do senhor conde buscar o seu livro de missa... Ontem não fui por esquecimento... hoje, como a senhora tinha saído... e tinha pouco que fazer... aventurei-me a ir á rua d'Aguesseau, áquella casa maldita... já que a senhora tem sido tam desgraçada... Pois bem, não trouxe o livro. Mas podemos ir á missa rezar.

— Estás doida!

Eleonora tomou uma cara de caso para fazer mais effeito e exclamou:

— O sr. conde morreu.

A condessa mostrou-se a Eleonora para passar da ante-camara para o salão.

— Fernando morreu!

— Sim, minha senhora. Mas ha mais algum coisa.

Regina cahiu quási desmaida sobre um canapé.

Eleonora fingiu tambem um desmaio.

— Então, Eleonora? Dize-me que estou a sonhar!

— Não, minha senhora, não está a sonhar, o creado de quarto fez me entrar no quarto do senhor conde...

Emquanto fallava, Eleonora fazia respirar saes á condessa, e respirava-os tambem.

— Eleonora, conte-me tudo.

— Mas... tenho medo que a senhora não tenha coragem para ouvir como o sr. conde morreu... Matou-se com um tiro de rewolver...

— Que dizes tu? meu marido matou se?!

A condessa levantou se e foi para a sala de recepção, como para respirar melhor; porque o salão tinha duas portas grandes que abriam para a estufa.

A creada de quarto seguiu-a.

— A senhora pode imaginar a revolução que vae no palacio. Quando parti, estava lá o commissario de policia.

— Para que?

— A senhora bem sabe que, quando ha morte violenta, se dá parte á justiça.

— Ai! meu Deus! meu Deus! Vam começar a dizer que se matou por minha causa...

— Já dizem bastantes cousas.

— O que é que dizem?

— Uns dizem que o senhor conde se matou para evitar o escandalo, outros dizem que foi morto.

— Que tolice! E quem o poderia matar?

— Ah! Ahi está o mysterio. Fallam d'uma mulher de preto e com um véo na cara.

— E' a amante do conde.

Mal acabára de dizer estas palavras, Regina reflectiu e disse:

— Ora adeus! As mulheres não matam os amantes.

II

A OPINIÃO DA COSINHEIRA

A condessa sahiu do salão.

— Elisabeth está no meu quarto?

— Sim, minha senhora.

A condessa subiu.

— Minha pobre Elisabeth, disse ella á afilhada que estava á sua espera ao cimo da escada, sou a mais desgraçada das mulheres. O conde suicidou-se com um tiro de rewolver.

— Oh! minha madrinha!

As duas senhoras entraram no quarto.

— Tudo acabou para mim! continuou Regina. Só tenho uma coisa a fazer: metter-me num convento.

— O conde é que tem a culpa madrinha, porque suicidando-se, sabia bem que lhe ia dar um desgosto.

— E' verdade, era a peior coisa que podia fazer contra mim.

A condessa ajoelhava aos pés da cama e começou a rezar. Elisabeth ajoelhou tambem piedosamente.

Depois dum siléncio de alguns minutos, Regina foi encostar-se ao fogão:

— O que ha de dizer o mundo? Ah! que vontade eu tenho de morrer!

Elisabeth ergueu-se para ir beijar Regina:

— Morrer, a senhora que é tam bonita!

— Dá me o meu rewolver disse a condessa exaltada.

— Ah! madrinha tenha dó de mim, tenho pena de si.

Enquanto a condessa e Elisabeth rezavam e choravam, a creada de quarto tinha descido para a cozinha, para fazer a sua scena á cozinheira.

Quando disse tudo o que sabia, a cosinheira que até alli, escutava em segredo, fez esta observação:

— O conde só podia ser morto por elle ou pela mulher.

— Calla-te! Então a senhora era lá capaz duma coisa dessas?

— Você bem sabe que ella tem sempre um rewolver sobre a mesinha de cabeceira.

— Que prova isso?

— Não gosto de ver brincar uma mulher com armas de fogo. Não se deve brincar com êlles, como diz Quatrezous.

— E' que você bem vê, quando estavamos no castello tinhamos medos terriveis; porque o conde nos deixava sosinhas de noite, demorando-se em casa das mulheres de Tours, algumas vezes mesmo casadas da freguesia.

— Não digo que não; mas se não foi elle que se matou, quem o matou então?

— E depois você bem sabe que o pianista tem mau olhado.

(Continua)

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

~~COIMBRA~~

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA„

Que abriu na antiga taberna do *POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc.

Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70	réis o litro
» » » » a	80	» »
» verde de Basto a	90	» »
» branco de Torres Novas a	90	» »
» » de Mangualde a	90	» »
Vinagre a	80	» »
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	» »
» (2.ª qualidade) a	110	» »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	» »
» » » (2.ª qualidade) a	200	» »
» » » (3.ª qualidade) a	180	» »
» » figo a	120	» »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 0/0

Bico Bébé Aureo	a 2$000 réis
Bico n.º 1	a 3$000 réis
Bico n.º 2	a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.

Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.

Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43

LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39—Rua da Sophia—41

Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — **Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tém agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma expléndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um expléndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Anályses officiaes feitas nos laboratorios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — Praça do Commercio — 42

COIMBRA

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

N.º 621 COIMBRA—Domingo, 10 de fevereiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Carta de Lisbôa

8 de fevereiro.

Ha dias que correm em Lisbôa boatos alarmantes, que os próprios jornaes monarchicos registraram já, affirmando-se que chegaram más noticias, da guerra do Sul d'Africa. Repetidos conselhos, seguidas conferências, trocas de telegrammas com o rei, uma série de factos tem confirmado e avolumado esses boatos alarmantes.

E' nestas circunstâncias que deparo, no *Heraldo de Madrid*, com o telegramma seguinte, sob a epigraphe *Boërs ameaçando Lourenço Marques:*

Londres, 5—Diz-se que os boërs commandados pelo coronel Blacke e pelo *brigadeiro* Ireland, ambos americanos, ameaçam Lourenço Marques.

Os portuguêses pediram auxílio á Inglaterra, que se encontra disposta a enviar uma esquadra.

E no *Temps*, hoje chegado a Lisbôa, lê se sob a epigraphe *A guerra do Transwaal:*

«O *Standard* e o *Morning Post* publicam um telegramma de Bruxellas dizendo que Krüger recebeu um telegramma de Lourenço Marques annunciando a tomada e a destruição, por um commando boër, do caminho de ferro de Lourenço Marques.»

Será isto falso?

E' possivel que o seja — por enquanto.

Todavia não restam dúvidas de que, se não ha acontecimentos realizados, existem inegavelmente perigos em perspectiva.

Dúvidas não restam tambem de que nós vamo-nos encontrar officialmente envolvidos na guerra, compartilhando não só as maldições que todo o mundo civilisado lança sob a Grã-Bretanha, como as difficuldades materiaes que para ella, por muito grandes, sam relativamente pequenas, e que para nós, por pequenas, serám sempre muito grandes.

A politica do rei, de que tanto têem blazonado progressistas e regeneradores, adoptando-a, perfilhando-a e ainda por cima vangloriando se, apresenta nos agora esse lindo resultado, de longe previsto pelos que não pactuam.

Vejamos que os boërs estam positivamente num novo periodo de exito, que é certo que o termo da lucta não chegará tam próximo, ainda que as coisas mudem — e teremos uma ideia do que succederá.

E, póde dizer se, uma grande e irremediavel catastrophe que se avisinha, liquidando para sempre uma nacionalidade.

•

Depois o mal não é só êsse. Devia bastar, mas não basta.

O governo, que não tem fôrça moral nem intellectual para resolver minimas questões caseiras, recebeu, diz-se, reclamações diplomáticas, graves, sobre a questão dos crédores.

Esse boato, muito espalhado nos centros politicos, tem de certo modo a sua confirmação numa noticia que appareceu no *Journal Financier Français*.

O senador que enviou a sua interpellação ao ministro dos estranjeiros sobre a questão da nossa divida, addiou a sua interpellação d'accôrdo com o sr. Delcassé—informa o *Journal* — porque o mesmo ministro lhe disse que tinha palpitado o governo para uma intervenção junto de Portugal.

Convém sempre accentuar que nem o governo allemão nem o governo francês têem o menor direito para intervir nêste assumpto. E não o tem, já porque não foi com êsses governos que Portugal contraiu dívidas, já porque o convénio estabelecido em 93 tem-se mantido honradamente.

Mas as coisas sam o que sam e nem sempre o que devem ser.

E Portugal, que em minimas questões não tam sabido responder dignamente a reclamações diplomáticas, não saberá sair-se com honra desta grave questão.

Tudo indica, pois, que entrámos numa phase excepcionalmente grave—de liquidação de erros.

Erros de todos — dos que têem agido e dos que têem consentido.

•

Ante questões desta ordem, eu supponho que tudo o mais é minimo e falho de interesse.

E assim, commetterei o crime de não lhes fallar da discussão do *bill*, onde a nota porventura mais curiosa foi dada pelo menino Fernando Martins de Carvalho, que, faltando ás esperanças dos que se vangloriavam com a sua acquisição, irritou gregos e troyanos com a sua pedanteria. Ainda ontem, a tal propósito, um regenerador me contava, assombrado, um incidente do seu primeiro discurso. O menino fallava e Beirão conversava, descuidado, com um collega, commettendo o bom senso de lhe não ouvir as preciosidades. O menino, julgando que Beirão o commentava, volta-se para elle, e na sua voz irritante diz-lhe:

—O sr. Beirão, se tem algum áparte a fazer, falle! Beirão respondeu que não lhe passára pela mente fazer áparte, e o menino volta-se então para o presidente: — sr. presidente, eu peço a v. ex.ª que comigo abra uma excepção, consentindo que me façam ápartes. E depois com ares de inexpugnavel: — Mesmo que toda a câmara me faça ápartes, deixe, não faz mal.

Não indignou. Enojou.

Não lhes fallarei mesmo de Thomás Ribeiro, o morto da semana, fazendo o confronto da geração politica que elle representava, monarchica mas liberal e intelligente, com a geração dos hintzes de hoje, despóticos, boçaes e immoraes.

E não annotarei sequer o facto de hoje ser o assumpto do dia a récita, á noite, do auctor da *Severa* — uma pastellada immoral, de intuitos retrógrados, que está, não obstante, sendo o successo theatral da epocha, porque mette o fado, rameiras, fadistas e brigões.

F. B.

Panaceia fazendária

Houve um largo acalentar de esperanças quando o ministro da fazenda, que foi substituido pelo actual, deixou perceber que ia acabar com determinadas contribuições, contando adquirir o decréscimo das respectivas receitas com a reforma de certos serviços.

Mantiveram-se um pouco essas esperanças com a ascensão ao governo do actual titular da fazenda, e, se bem nos recorda, tanto em referéncia a um como ao outro, dissemos as nossas dúvidas por que fizessem tal beneficio público.

Quanto ao primeiro... saiu. Arrefeceu lhe o *chôco* e os pitos morreram nas cascas. Que taes elles seriam não poude ver-se. Condescendamos em que eram bons.

Quanto ao segundo, isto annunciam jornaes da situação:

Não está disposto a abolir qualquer dos impostos existentes: —Surpreza seria a contrário, e não o será que tente augmentá-los, mesmo por qualquer fórma indirecta que passe desapercebida.

Melhorará o systhema da cobrança das contribuições, de modo a evitar vexames e aggravos aos contribuintes.—Uma léria que bem se percebe. Melhorará de modo que ninguem se escape, acabando com os vexames para quem os não soffreu até agora, por pagar de prompto, subsistindo para os desgraçados a quem a falta de recursos, mesmo para comer, não permitte responder a chamada do ponto enquanto o cofre está aberto, para o pagamento voluntário.

Na contribuição predial introduzirá modificações tendentes a beneficiar a agricultura e a proteger o arroteamento dos terrenos incultos que fôrem apropriados á cultura dos cereaes.—Para beneficiar a agricultura necessário seria allivia-la de encargos múltiplos e onorosos que a sobrecarregam, e isso já disse o ministro que não faz, por que *não abolirá nenhum imposto;* tambem os não reduz por que seria quebra de receita, e as espaventosas viagens régias não se fazem com palavras. Benificiar a agricultura seria, mais, facultar-lhe capitaes em condições benignas, e não deixar os lavradores sujeitos á ganáncia dos argentários que deshumanamente os exploram com juros de 8, 10 e 12 por cento, e disso não tratará o ministro, que é matéria complexa de mais, sem resultados palpaveis para o engrossamento das receitas, que lhe interessa.

Promover o arroteamento dos terrenos incultos apropriados? — Tambem não fará isso, por que lá apparecia immediatamente a necessidade de facultar capitaes, e a mesma razão—complexidade da matéria sem vantagem para avolumar as receitas—determinará o mesmissimo effeito — não promover coisa nenhuma quanto a terrenos incultos.

Mas succede que essas *coisas* sam já apontadas como importantes medidas de largo e conveniente alcance—para a riqueza pública e para beneficio do contribuinte—do plano financeiro que apresentará.

Vê-se já o que serám: — como as dos antecessores, panaceias de dentista para armar ao effeito—e mais nada.

E' que o officio de governar dentro da monarchia, tem uma formula única:—a politica do regimen e dos partidos, sem nenhuma espécie de considerações—salvo para exigir-lhe sacrificios—por tudo o que num systhema administrativo de moralidade, economia e bom senso, representaria a riqueza e a felicidade de todo um povo.

Vamos ver se não succede o que deixamos dito; e succedendo, se essa nova lição aproveita alguma coisa ao eterno expoliado.

11 de fevereiro

Passa ámanhã o anniversário da proclamação da república em Espanha, mais um anno...

O partido republicano espanhol projecta festejar êste dia com banquetes, e *velladas*.

E assim continuaremos, por lá e por cá: nos vícios e na mesma cobardia.

Aggravando a agonia

Assevera-se que só a comitiva que ha de acompanhar as majestades aos Açôres, se compõe de 90 pessôas!

Tanta gente para rodear e servir dois personagens! E' o fausto louco dum país em sérios apuros financeiros. E' a prodigalidade levada até ao desbarato irritantemente criminoso das receitas públicas.

Presuma-se quanto custa a ida daquellas 90 creaturas da comitiva; addicione-se-lhe o despéndio com a remessa de tropas para as guardas d'honra e demais friolieras; junte-se-lhe as sommas a dispender para as bandeirolas, adornos e illuminações nas ruas; o consummo nos barcos para transporte e regresso de tudo isso; os benesses a distribuir pelos festeiros e logares-tenentes, e far se-ha uma ideia da somma total do custo da viajata:—isto é, de quanto podia e devia economisar-se, para ir accudindo ao descalabro económico do estado, que tam penosamente se reflecte em todo o país e que nos mantem numa situação verdadeiramente miseranda ante os crédores externos.

Entretanto que assim se preparam despêzas enormissimas em futilidades ridículas, o sr. Carrilho lá anda, de fronteira em fronteira, na missão de pedinte como delegado do governo.

Não podiam os monarchas ir modestamente aos Açores? Não, porque a vaidade é o caracteristico principal do throno, como do regimen, embora a satisfação della pese desalmadamente sobre a penúria do estado e a mizéria do país.

Veja-o o povo e vá predispondo-se para a acceitação dum protectorado humilhante, a *que isso* conduzirá a nação, se não se decidir a um enérgico exforço para salvaguardar a honra patria pela substituição das instituições.

REPRESENTAÇÃO

A prestimosa Associação Commercial, sempre solícita em defender os interesses da classe que representa, acaba de enviar ao sr. ministro da fazenda o seguinte apello, de todo o ponto justificado:

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A Associação Commercial de Coimbra, em cumprimento da deliberação tomada em assembleia geral de 15 do corrente, vem representar perante o nobre titular da pasta da fazenda sobre os inconvenientes que a prática a cada passo está demonstrando existir na lei do sello em vigor, esperançada em que s. ex.ª, na reforma em projecto da mesma lei, se inspirará em torna-la prática e simples, o que é possivel conseguir-se sem onus para o thesouro e sem vexames para o contribuinte.

A principal preocupação do legislador em matéria tributária, deve consistir na clareza da lei e simplificação da sua cobrança.

E' inspirada nêste principio que a Associação Commercial de Coimbra, ousa pedir ao nobre ministro da fazenda o seguinte:

1.º — Que o sello da licença d'exercício de indústria, volte a ser cobrado conjunctamente com a contribuição industrial.

Afigura-se a esta Associação que a cobrança em documento separado nada interessa ao thesouro; antes pelo contrário o prejudica pelo desdobramento de trabalho, confusão de serviço, despêza de papel e impressão de talões, etc. Se porém obedece ao propósito de assegurar a cobrança do sello e contribuição respectiva daquêlles que possam estabelecer-se durante o anno, fóra da epocha da formação da matriz industrial, providéncias doutra natureza devem ser adoptados: Basta que todo o individuo, commerciante ou industrial, que depois de formada a mencionada matriz abrir estabelecimento, fábrica ou officina, fique obrigado a tirar uma licença provisória pelo tempo que decorrer até ao fim dêsse anno, que em nenhum caso seria inferior a 3 mêses. Isto bastaria para o conhecimento da repartição respéctiva e ser devidamente inscripto, sem que todo o commércio e indústrias sejam prejudicados com uma providéncia que tem em vista attingir apenas um número limitadissimo.

Outros sam ainda os inconveniéntes que resultam da prática da cobrança das licenças d'exercício d'indústria, em documento separado, pelas interpretações erroneas que muitas vezes se dão á lei que nos regula. Assim tem acontecido que, inspirando se na doutrina do artigo 278 do código administrativo, exigir que as licenças d'exercício d'indústria de tabernas e mercearias, sejam passadas pela auctoridade administrativa, com emolumentos superiores ao próprio sello, em manifesta opposição ao disposto no § 1.º do artigo 104.º do regulamento da lei do sello de 28 de dezembro de 1899.

2.º—Que todas e quaesquer outras licenças de carácter policial ou administrativo, sejam isentas de emolumentos.

Estas licenças constituem já um pesado encargo para o contribuinte, e não é justo que sejam ainda subcarregados com emolumentos superiores ao próprio sello.

A boa razão aconselha a isenção dêsses emolumentos, que nada aproveitam ao estado, e seria um acto de justiça que muito enobreceria o illustre titular da pasta da fazenda.

Tambem as licenças de carácter policial deviam ser passadas por uma só vez; isto é, como medida de segurança pública ninguem podesse abrir ao público hoteis, casas de jogo licito, cafés, restaurantes, tabernas, venda de armas de fogo ou de quaesquer bebidas para consumo no próprio local, sem previamente estar munido da competente licença depois de registada na polícia; sendo os proprietários dêstes estabelecimentos obrigados a dar parte à mesma polícia sempre que o estabelecimento mude de local.

Tambem só devem ser exigidas licenças de porta aberta depois das 10 horas no inverno e 11 horas no verão. A's 9 e 10 horas, respectivamente, actualmente em prática, é demasiado cêdo para tolher o livre exercício daquellas indústrias.

Não deve o legislador invocar a questão da segurança pública, por que não sam as licenças que vam manter a ordem, visto que a tolerância em tal caso, vai até depois da meia noite.

3.º—Que o sêllo de verba imposto no livro dos commerciantes, seja abolido e substituido por uma taxa ou addicional à contribuição industrial.

Muitas sam as razões que melitam em favor desta reclamação. Os livros dos commerciantes devem constituir um segredo inviolavel, e assim o comprehende a lei dando escassas atribuições ao fisco no seu exame, donde resulta ainda pelo que tem de vexatória a lei, uma fiscalisação, difficil e que nunca poude ser effectiva. Pela fórma desejada, a lei não seria illudida, o commerciante não estava sujeito ao vexame do fisco, o thesouro recebería mais e simplificava-se a fiscalisação.

A estatistica do rendimento do sêllo dos livros em questão, habilitará o governo a conhecer da importância da taxa a addicionar. Desta fórma, todos os estabelecimentos que por lei sam obrigados a ter escripturação, seriam comprehendidos no respectivo imposto, que sería equitativo na incidência, pagando em harmonia com o movimento commercial, como se pratica nas contribuições industriaes.

4.º—Que na nova lei do sêllo sejam consignadas disposições que ponham o contribuinte ao abrigo das abusos do fisco.

Pelos multiplicados documentos de toda a ordem e natureza que hoje estám sujeitos à lei do sêllo, a sua execução, é tam complicada, e tam vária a sua interpretação no próprio fôro juridico, que só conhecimentos especiaes nesta matéria pódem evitar erros e faltas involuntárias.

A par disto, não só as leis e regulamentos pecam pelo seu rigor excessivo, mas ainda concedem toda a latitude ás atribuições do fisco, constituindo um perigo constante para o contribuinte.

Será pois um acto de moralidade e de toda a justiça aquêlle que determinar que a ninguem seja applicada a multa por infracção, sem previamente ser avisado da falta ou erro commettidos, para os remediar. Para o desrespeito ao aviso justificado, haja então todo o rigor da lei.

Estes sam, senhor ministro os pontos principaes sobre que incide a nossa representação; outros ha, porém, que muito precizam de refórma e que certamente não escapam à clara intelligência e ao lúcido espírito de v. ex.ª.

Tem esta Associação Commercial conhecimento dos nobres propósitos de v. ex.ª em supprimir o imposto do real d'água, substituindo-o por uma licença exigida aos estabelecimentos que vendam os generos actualmente sujeitos áquêlle imposto.

Faltava esta collectividade a um indeclinavel dever se não consignasse aqui as suas felicitações a v. ex.ª por tam sagrada iniciativa, que ha de marcar uma nova era de liberdade e prosperidade do commércio, hoje tam supprimido pela acção do fisco.

Novos títulos de glória ganhará o nobre ministro da fazenda que, rompendo com tradicções condemnáveis, decrete providências de nova orientação em mais salutares principios d'administração e economia pública.

Associação Commercial de Coimbra, em 30 de janeiro de 1901.

A Direcção.

Perigos imminentes

Chamamos a attenção dos leitores para os assumptos de que trata a carta, que pela sua importância publicâmos hoje em primeiro logar, do nosso presado correspondente da capital, em relação aos graves acontecimentos da Africa do Sul—consequentemente à atrapalhação em que o governo mostra andar, e ás tristíssimas consequéncias que decerto vám resultar ao país, de ter deixado que os governos, de uma e outra côr, não hajam feito senão a política do throno, alliado da Inglaterra.

O que se passa póde muito bem ser, como diz o nosso correspondente, o início duma liquidação vergonhosa, se não vâmos pensar na salvação da pátria, pela liquidação de responsabilidades e pela condemnação do regimen.

Novo doutor

Foi ante-ontem dada a posse ao novo lente, substituto, de theologia, sr. dr. Augusto Joaquim dos Santos, que ha pouco terminou o respectivo concurso.

Pastas aos seminaristas

Ouvimos que os ordinandos que frequentam o 3.º anno do curso do lyceu, o último para o exercício sacerdotal, se lembraram de usar pastas, com fitas e em tudo parecidas com as dos alumnos da Universidade que cursam o último anno para a formatura em theologia.

E segundo nos dizem não só se lembraram, os terceiranistas do seminário, mas até passaram já um pouco à prática dessa lembrança, tendo mandado fazer uma porção de pastas, confiados em que alcançarám licença para usá-las.

Aparte o que de patetice ha na pretenção, achamos bem e somos por que devem ainda conceder-se-lhe outras prerogativas:—tomarem grau ao fim do 2.º anno, como na Universidade ao fim do quarto, a formação *troups* para a caça aos noviços, quer dizer, dos *caloiros*, queima das fitas á passagem para o *bacharelato*, e... andarem de espinha dorsal aprumada como se uma grande somma de insensatez, a pezar-lhe na mioleira, os não forçasse a verga-la e a olhar ininterruptamente o chão, como a ruminar... a ruminar... ideias grandiosas, equivalentes á de... usarem pastas catitas, tambem indicativas de que estão no último anno da..., formatura.

Assembleia geral

Resolução importante

Não nos permittem, nem o adiantado da hora nem a abundância de original, dar, como desejávamos, informação minuciosa de como decorreram os trabalhos da assembleia da Associação Commercial realisada ontem á noite, com uma assistência de sócios numerosíssima e como ha muito tempo alli se não vê.

Tratou-se da momentosa questão do curso do notariado, sobre que fallaram differentes associados, sendo nota predominante o desagrado que provocou a attitude tomada no parlamento pelo deputado sr. Fernando Martins de Carvalho, de quem nunca se esperou uma insistência tam pronunciada e até irritante em defender a creação do curso em Lisbôa, com manifesto prejuizo desta cidade, á qual o ligam tradicções que um caracter mais são consideraria doutro modo.

A direcção apresentou uma proposta para se dirigir ao parlamento uma representação assignada pelos membros de todas as collectividades e por todo o público que deseje perfilhá la, pedindo a creação do curso junto da faculdade de direito. Approvada unánimemente, sendo nomeada em seguida uma commissão de seis membros para coadjuvar a direcção em todos os trabalhos referentes a fazer.

O sr. João Simões da Fonseca Barata apresentou depois a seguinte moção, que foi approvada por unanimidade, com o additamento, do sr. Cassiano Martins Ribeiro, para que o appello nella proposto, a fazer-se ao proprietário e redactor do *Conimbricense*, seja dirigido tambem ao restante dos jornaes de Coimbra:

A Associação Commercial de Coimbra, reünida em assembleia geral:

attendendo a que o jornal—*O Conimbricense*,—no tempo do seu respeitavel e sempre honrado fundador foi um stránuo defensor dos interesses de Coimbra;

attendendo a que o seu actua director e proprietário, como filho daquêlle intransigente liberal e indefesso jornalista, se propõe, ao continuar a obra do inolvidavel Joaquim Martins de Carvalho, proseguir na defêsa dos interesses de Coimbra, o que, por vezes tem feito com geral louvor;

attendendo a que presentemente, por um deputado da maioria parlamentar tem sido defendida calorosamente a ideia de se estabelecer em Lisbôa um *curso do notariado*, com prejuiso desta cidade, onde, todas as razões o indicam, tal curso deve ser estabelecido annexo à faculdade de direito da Universidade;

attendendo a que o facto de se crear em Lisbôa tal curso póde ser o início duma desagregação de estudos da Universidade, o que é de evidente prejuiso para os interesses de Coimbra; resolve—solicitar do actual director e proprietário do *Conimbricense*, quer como socio honorário desta associação; quer como continuador da obra honrada do venerando Jornalista Joaquim Martins de Carvalho, stránuo propugnador do progresso moral e material de Coimbra, quer como director de um jornal que se propõe sempre defender os interesses desta cidade,—para collocar a sua penna de jornalista ao lado dos que pugnam por que annexo à Universidade seja creado aquêlle *curso do notariado*.

Coimbra, sala das sessões da Associação Commercial, 9 de fevereiro de 1901.

Seguiu-se a apresentação, pelo mesmo sr. Cassiano Ribeiro, desta outra

MOÇÃO

A Associação Commercial, reunida em assembleia geral, tendo conhecimento extra-official de que o actual deputado em côrtes por Coimbra, sr. João Arroyo, ministro dos negócios extrangeiros, se recusou a apresentar ao parlamento a representação, que lhe dirigiu a cámara municipal de Coimbra, relativa á creação do curso de notariado annexo á faculdade de direito da Universidade:

Attendendo a que ao mesmo sr. João Arroyo, sendo deputado pelo círculo de Coimbra, e, de mais a mais, professor da Universidade, cumpria o rigoroso dever de se collocar ao lado dos interesses de Coimbra e da Universidade;

attendendo ainda a que, dada a sua situação dentro do actual gabinete, onde é ministro dos negocios extrangeiros, melhor do que qualquer outro deputado poderia propugnar por êsses interesses;

atrendendo a que, pela sua resolução, extranha e nunca esperada, demonstra evidentemente nada se preoccupar com os interesses do círculo que o elegeu deputado;

attendendo a que, desta maneira, se mostra indifferente, ou tal vez inimigo dos interesses desta terra, pactuando assim com quem, sendo filho della, indignamente contra ella trabalha, defendendo a ideia de ser creado em Lisbôa o curso do notariado;

—manifestando o seu desgosto pelo procedimento insólito do actual deputado por Coimbra, que revela como os representantes da nação, em geral e êste deputado especialmente, obedecem sómente ao interesse da facção política que os faz eleger, postergando os dos povos que os elegem, resolveu:—representar ao parlamento contra a ideia de se crear em Lisboa o curso do notariado e que esta representação seja remettida directamente ao presidente da cámara dos deputados, ou ao dr. Arthur Montenegro, deputado e lente da faculdade de direito.

Coimbra, sala das sessões da Associação Commercial, 9 de fevereiro de 1901.

Discutida, pronunciaram-se enthusiasticamente pela sua approvação quási todos os assistentes, e passando-se à votação verificou-se que teve apenas dois votos contra.

Passeio velocipédico

Hoje pelas 8 horas da manhã, saiu do Gymnásio de Coimbra a secção velocipédica em passeio official, sendo o itenerário—estrada da Cidreira a Tentugal, vindo depois pela estrada de Antuzede, percorrendo 33 kilómetros.

O sr. José Gomes Tinoco, a cargo de quem está a secção velocipédica do Gymnásio, procura, com uma boa vontade digna de todo o elogio, desenvolve-la e torna-la concorrida.

Vendeu se ha dias em Londres o livro *Evangelica Luator* que pertenceu á Abadia de Lindan, e era propriedade do conde de Ashburnham.

Este livro é uma obra d'arte magnifica, adornado com pinturas iluminadas e com mais de 300 pedras preciosas. Suppõe-se ser obra do 8.º ou 9.º século.

Foi adquirido por um milionário americano, pela quantia de 10:000 libras.

O museu britânico não quiz comprar tão raro exemplar.

"O Imparcial,,

Começou a publicar-se em Lisbôa um novo diário com aquelle título. E' regenerador e diz-se defensor dos interesses económicos e moraes da nação. Tem influéncia directa de um par e de um deputado governamentaes. Contudo apresenta-se duma fórma decididamente enérgica na apreciação de tudo o que representa o funccionamento do estado. Fórma é essa, num jornal monárchico, que dá margem, pela praxe vista em outros, a julgar-se significativa de resentimentos. Mas é preciosa, porque vem certificar a razão de ser da attitude da imprensa republicana em relação ao funccionamento do mesmo estado. Para amostra, a transcripção deste periodo, ao acaso, dum dos seis números saídos:

Somos uma nação estrangulada. Internamente a má administração corroe-nos, e, como somos fracos, as harpias externas, em cooperação com os besouros de casa, caem-nos no arcaboiço esquelético, e sugam-nos.

Estamos á mercê dos extranjeiros e extranjeirados.

Quem marca firme com a batuta financeira? Burnay, um extranjeiro.

Quem dipõe da nossa viação accelerada nas principaes artérias de circulação? Mr. Chapuy, ás ordens de syndicatos francêses.

No porto de Lisbôa, somos nós que damos ordens? Não. Lá é rei Mr. Hersent.

Ha telephones em Lisbôa; passeiamos em carrimpanas da Companhia Carris, chegámos a fingir de povo civilisador—mas são os extranjeiros que entre nós possuem esses elementos industriaes do bem-estar moderno. Tambem na China ha comboios, tambem os turcos conhecem a illuminação eléctrica,—mas elles, como nos, não sam os capitalistas e iniciadores de taes meios progressivos. Nós, o que temos, e do melhor quilate, é o fisco empalmante e os seus esbirros, e toda a frandulagem cara do estado maior social das opulentas nações. Nisto parecemos uma potência; nos elementos poderosos de acção e riqueza—somos como os chins, embasbacados diante das habilidades dos Burnay, Hersent, Chapuy, Bleeck e outras aves arribadas a êste bemaventurado país dos laranjaes em flôr.

Os industriaes francêses e inglêses exploram esta terra de párias, como exploram os pretos em Africa. Lá vendem cachaça ao indigena, aqui impingem manigâncias aos brancos das terras do occidente. Uma miséria!

A Gran-Bretanha tem-nos como vassallos. Não tanto sob o ponto de vista politico como pela dependência económica em que nos collocâmos. Mantemos ainda, é certo, apenas uma fingida autonomia política.

Podéra! tambem aos pretos consentem as nações colonisadoras a conservação dos seus régulos, das suas práticas religiosas e dos seus costumes. Os nossos ministros mandam, como os régulos africanos, mas o santo e a senha vêem do alto, vimos a dizer—vêem das nações dirigentes.

Verdades profundissimas, insistentemente apregoadas já pelos jornaes republicanos.

Mas será aquella attitude duradoira?

Se não significa uma trovoada passageira, grandes serviços poderá *O Imparcial* prestar á moralidade, visto que taes franquezas e elucidações num monárchico, podem calar mais fundo entre os espíritos mais accentuadamente indifferentes pela marcha dos negócios públicos.

Dr. Daniel de Mattos

Assevera-se que vai ser dado a êste considerado professor de medicina o logar, de director do labsratório da Universidade, que vagou com a morte do dr. Augusto Rocha.

O *Diário* já publicou a portaria approvando o novo quadro da momenclatura nosológica para a estatistica mortuária em geral.

CARTA DE LOANDA

16—1—901.

A eleição do dr. Eduardo d'Abreu

Principiamos por transcrever na íntegra o manifesto dirigido pelo commércio desta cidade aos eleitores, nas antevésperas da eleição:

«*Aos eleitores*—Uma das condições que caracterisam os povos livres é o uso libérrimo do direito do suffrágio.

«E' perante a urna que as manifestações da opinião pública se affirmam expressa e cathegoricamente.

«E' neste campo que os que trabalham offerecem e acceitam a lucta não como uma represalia, mas como um protesto significativo contra tudo o que até hoje tem sido a origem da situação desoladora que a provincia d'Angola, uma das pérolas mais brilhantes do diadema português, atravessa.

«Daqui ao abysmo, á ruïna da provincia, ao precipicio do domínio estranho, vam dois passos.

«E se as classes dirigentes num criminoso indifferentismo se tornam alheias aos males que cada vez mais se aggravam, urge que aquelles que moirejam, produzem e sustentam, as forças vitaes do país, se ergam na defeza do mais sagrado dos direitos do homem, na defeza do seu trabalho.

«A' frente deste movimento altivo e cheio de independéncia está a classe commercial de Loanda, que apresentando aos eleitores do circulo 134 o nome do **dr. Eduardo d'Abreu** não inicia uma questão *puramente politica*, procura levar ao parlamento um homem que, pela sua dedicação ao torrão pátrio, se tem mostrado digno de applausos de todo o bom português. E' possivel que os que se esforçam pela manutenção dum estado de coisas que, alem de nos absorver todo o producto do nosso labor, ainda ameaça o futuro dos nossos filhos, é possivel que os representantes da pública administração desvirtuem e malsinem as intenções que presidem a êste chamamento das classes trabalhadoras á vida activa da da causa pública ..... mas quando vos acenarem com o espectro das suas terroristas phantasias, voltae-lhe as costas e ide, com o voto livre, lançar na urna o protesto da vossa consciéncia.

«E' necessário despertar deste somno em que nos têem embalado os que nos exploram e mostrar-lhes que é já tempo de se emancipar a consciéncia pública.

«Em volta de nós desenha-se a nitidos traços uma crise que ameaça assoberbar nos, arruïnando o que de mais bello e rico tem a provincia de Angola.

«E o que têem feito e fazem os que dirigem os negócios públicos? Cerrar os ouvidos a todas as reclamações que lhe sam dirigidas, parecendo apostados em avolumar as causas da nossa decadencia, promulgando leis, quer administrativas quer tributárias, que mais parecem confeccionadas em servir alheios do que em serviço proprio.

«E pode acaso isto continuar assim? Não! E' o grito unánime que vai de toda a consciéncia e que ainda se não deixou obliterar pela sereia do poder.

«A' urna, pois, pelo candidato de protesto, pelo **dr. Eduardo d'Abreu.**»

O procedimento do commércio desta cidade mostrou claramente ao governo português que não está por mais rempo resolvido a supportar o desprezo a que votáram esta provincia.

Cuidado!...

—Passou o dia da eleição, o dia dos despotismos e arbitrariedades.

Eleitores de ha mais de dez annos não foram incluidos no recenseamento, outros se o foram, á maior parte dêlles negou se lhes o voto allegando os governamentaes não serem os própios, embora alguns fossem reconhecidos pelo regedor e presidente da mêsa!

Verdadeiras patifarias.

Imagine o leitor que estavam apenas recenseados 726 cidadãos!

Horas antes de principiar o acto eleitoral chegou á estação do caminho de ferro um comboio especial onde vinham nada menos de cento e tantos empregados dos caminhos de ferro, todos eleitores, está claro, empregados d'alfandega, etc. etc.

Pois apezar de tudo isto e de tantas outras coisas mais, o dr. Eduardo d'Abreu perdeu a eleição por **sessenta e nove votos!**

—Na companhia de polícia estavam 100 praças de prevenção e dentro da igreja o serviço policial era feito por seis agentes, debaixo das ordens do amanuense Salvador.

Não houve nem a mais pequena alteração da ordem, havendo apenas protestos dum e doutro lado.

No Dondo teve o dr. Eduardo d'Abreu uma enorme maioria, mas que não foi sufficiente para cobrir a perda daqui e Ambaca, onde a pretalhada não sabe sequer para que serve a urna.

Pelo que deixamos dito, debaixo da maior imparcialidade, facilmente se vê que êste ou aquêlle governo que administre o país deve, com mais attenção, tratar do engrandecimento destas nossas possessões, porque o povo na lacónica phrase de que *tanto se aperta a corda que ella rebenta*, vai principiando a... protestar.

Cuidado!... Aqui ha portuguêses.

—Com uma casa á cunha realisou-se, no dia 19 do corrente, a primeira corrida de touros da presente epocha.

Cavalleiro foi o laureado e sympáthico Fernando d'Oliveira, que collocou ferros magistraes nos dois touros que lhe soltaram, sendo por isso alvo de estrondosas salvas de palmas. Teve uma chamada especial, na qual a fina *élite* de Loanda mostrou a Fernando quanto admira o seu bello trabalho.

Brevemente nova corrida devendo tomar parte, além doutros amadores, o arrojado cavalleiro Manuel Salvador, por especial obséquio aos promotores.

O producto da corrida deve reverter a favor da Associação dos Empregados do Commércio.

—Tem estado um calor asphixiante.

—O commércio atravessa uma crise medonha.

(Correspondente).

Casamento

Realisou-se ontem na Sé Nova o enlace matrimonial da sr.ª D. Domicilia de Lourdes Sousa Feio, filha do sr. António de Sousa Feio, com o empregado do commércio no Porto sr. Joaquim Ferreira.

Fôram padrinhos por parte do noivo, o sr. Júlio Monteiro da Silva e a sr.ª D. Izabel Maria de Mello, por parte da noiva, o sr. António Athayde e a sr.ª D. Maria José Nunes, irmã da noiva.

Os noivos saíram hoje para o Porto onde vam fixar residéncia.

Um caso velho—declarações

Chegeu de Lisbôa, acompanhado por dois guardas de polícia, José de Oliveira Neves que em o número passado noticiámos se dispunha a embarcar para o Brasil, quando no commissariado de polícia foi recebida a denúncia de que se achava pronunciado na comarca de Penacova por um roubo, de ha 9 annos, no Carvalho, logar do Capitorno, concelho de Penacova onde residiu.

Foi interrogado pelo sr. commissário de polícia, e das suãs declarações vê-se que não é positivamente um lôrpa:

Não sabia que estava pronunciado pelo roubo que *lhe imputam*, e em abono desta ignorância explica ser fácil de presumir que, se o soubesse, não viria a Portugal;—não occultou de nenhum modo a sua estada em Penacova: tanto que foi á administração do conselho apresentar, para ser visado, o seu boletim de sanidade, como viajante vindo do Brasil em dezembro, apresentando para prova êsse documento que está, de facto, competentemente rubricado;—que foi ao tribunal da comarca tirar o certificado do registo criminal, sendo-lhe entregue sem o menor reparo;—e finalmente que se não intendeu com pessoa alguma para ser favorecido na obtenção dêsse documento, nem para quaesquer outras protecções.

Quanto á sua partida clandestina, ha 9 annos para o Brazil, desviando se de declarações ácerca do roubo, explica apenas—que tendo deparado com difficuldades para obter a resalva, a fim tirar passaporte, encontrou um amigo que lhe offereceu o dinheiro necessário para as despêzas da viagem, que elle lá pagaria, como pagou, facultando-lhe êsse amigo os meios de ir embarcar a Vigo, para onde partiu levando uma carta de recommendação que elle lhe forneceu.

Está-se percebendo que êsse amigo terá sido agente de emigração clandestina, e que a carta terá sido para um collega daquella localidade espanhola, cumplicando-se portanto o caso, visto que as auctoridades, querendo tratar dêlle a sério, terão de procurar entender-se tambem como êsse *amigo* ou agente.

Por que a verdade é esta:—contra as declarações do preso, que pretende desviar as attenções do roubo e não fallar dêlle, ha a resposta do delegado do procurador régio de Penacova, que diz estar elle alli pronunciado por êsse mesmo roubo, praticado exactamente na epocha accusada na carta denunciadora.

Na cedéncia do certificado do registo criminal houve, pois, má fé ou apenas um lapso? Eis o que deve ser averiguado na comarca respéctiva, a cujas auctoridades judiciaes o homem foi ontem remettido.

Está aberto concurso para o logar, de clinico interno dos hospitaes da Universidade, vago pelo pedido de demissão do sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira, e que está sendo interinamente servido pelo sr. dr. Cruz Amante.

Por falta de espaço fomos obrigados a retirar noticias e outras matérias que daremos no próximo número.

Chaile

Está em deposito, no commissariado de polícia, um chaile que foi achado numa das últimas noites, e que póde ser reclamado por quem a elle provadamente tenha direito.

LITTERATURA E ARTE

CREPÚSCULO

A noite cae, a noite cresce, a noite alastra
Na minha vida como sobe para o Céo;
E essa voz, que dizia o «*sic itur ad Astral*»
A' minha consciéncia, agora emmudeceu.

Não vejo nada a não ser tu; e sei que és loira
—O' Alva como a luz e, como o Sol, distante!—
Pelo forte clarão que te illumina e doira
A cabeça pequena e alegre de Bachante.

Todos os meus ideaes se junctam em ti hoje,
Toda a esp'rança que tenho é só em ti que a busco;
Mas o teu claro olhar, se acaso me não foge,
E' para o meu, que o ama, ou hesitante ou brusco...

Tens-me talvez desprezo ou tens talvez receio
De que eu não possa amar-te assim como devia,
Porque me vês soffrer o soffrimento alheio,
Porque me vês chorar pela humana agonia!

Se pensas isto, Amôr, enganas-te:—soffrendo
E chorando eu procuro a luz que a treva tem:
—Por conhecer o mal é que em minh'alma accendo
Esta ancia febril de procurar o Bem...

E' em ti que o procuro, em ti, já que o não vejo
Em outra aspiração da minha juventude;
Já que é por ti que chora o meu alto desejo
Que se cansa de estar na antiga quietude!

E porque o meu Ideal é grande e o mundo estreito
Para o conter, pois que está cheio de ambições,
Quero ver se elle cabe a dentro do teu peito,
E se elle ai floresce e chama os corações...

E se tu vens cantar essas palavras bellas
Que ha muito elle me diz e que, no entanto cálo:
—Que só a tua bôcca é suave p'ra dizê-las,
—Que o amôr, que elle traz, só tu pódes chamá-lo!

E os homens, que p'ra mim não sam hospitaleiros,
Porque esta minha voz lhe não sabe fallar,
Hám-de ouvir-te, hám-de ouvir meus sonhos verdadeiros,
Que os ensinam a rir e os ensinam a amar.

E os teus olhos leaes, amorosos e puros,
Virám proteger, cheios de claridade
Os que choram á noite em caminhos escuros,
E o meu olhar que implora a tua piedade...

E' isto o que te offerto, ó loira como o dia:
Ser como o Sol e ser maior que um propheta;
Trazer, aos corações a paz e a alegria,
Fortalecer e amar a crença dum Poëta!

Mas ficas silenciosa... E a noite, negra, alastra
Na minha vida, como sobe para o Céo...
E a voz que me dizia o «*sic itur ad Astra!*»
—Porque sonhou a tua—agora emmudeceu...

1901. Fevereiro.

JOÃO DE BARROS.

4 **Folhetim da «RESISTENCIA»**

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

II

A OPINIÃO DA COSINHEIRA

—E' a mesma coisa! Deve tramar qualquer coisa contra a senhora.

—Bem se vê que ella lhe não dá nada quando à noite se vai embora.

—Não lhe queria o dinheiro; porque é o dinheiro da condessa.

—Agora! Parece que faz óperas.

E' um comediante, um jarreta, um ninguem. Pasquinet disse-me: Deve dar maus conselhos, à senhora.

—Cala-te! tornou a dizer a creada de dentro. Ponho as mãos no fogo, que a condessa não saiu hoje para matar o marido.

—Sabe porque ella saíu?

—Julgo que para ir ao sermão. Ora adeus! Podia ensinar cura.

A cosinheira pôs dois perdigotos a assar no espêto.

—Podia pôr só um, disse a creada de dentro.

—Está tola! Havemos de comer o outro se a condessa não jantar.

A esta reflexão que vinha dum bom apetite, a creada que não dizia tudo o que pensava à cosinheira, subiu até ao quarto de Regina apezar de não ter sido chamada; mas a tragédia da morte do conde não lhe dava o direito de infringir as ordens?

E' que ella lá tinha a sua ideia: apezar de não acreditar que a condessa tivesse morto o marido, queria, apezar disso, ver se o rewolver estava ainda no logar habitual; por isso, mal entrou no quarto lançou logo os olhos para a mesinha de cabeceira.

O rewolver não estava lá.

Eleonora empallideceu e olhou para a ama como para lhe penetrar dentro d'alma.

Era nêsse momento que os dois rapazes que tinham encontrado Regina, a descer do fiacre, entravam no club que em tempos se chamou Imperial, hoje club da antiga rua dos Campos Elysios, na Praça da Concórdia antigamente chamada de Luiz XV.

(Continua)

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

COIMBRA

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga *TABERNA DO POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnífico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VIHHOS

Vinho de Torres Vedras a	70	réis o litro
» » » » a	80	» »
» verde de Basto a	90	» »
» branco de Torres Novas a	90	» »
» » de Mangualde a	90	» »
Vinagre a	80	» »
Geropiga (1.ª qualidade) a	130	» »
» (2.ª qualidade) a	110	» »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240	» »
» » » (2.ª qualidade) a	200	» »
» » » (3.ª qualidade) a	180	» »
» » figo a	120	» »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240	réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240	»
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180	»

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigéncias do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, férro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimaráes.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 0[0

Bico Bébé Aureo	a 2$000 réis
Bico n.º 1	a 3$000 réis
Bico n.º 2	a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.

Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades. Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43

LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

TYPOGRAPHO

Precisa se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a finêsa de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviçaras.

Para liquidação

Vendem-se duzentas rozeiras das mais finas qualidades em vazos grandes com etiquetas de zinco a 300 réis cada uma! cinco vasos grandes, uma lanterna chinêsa, um cabide bengaleiro, próprio para entrada de caza, uma rica mobília de quarto, um christo de marfim, uma estante de pau preto e dois lustres. Couraça de Lisbôa n.º 111 ou Largo de S. João n.º 6, Coimbra.

CONCURSO.

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra

Faço saber que por deliberação da mêsa está aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da publicação deste annúncio no *Diario do Governo,* para o provimento do logar de professor de desenho do collégio dos orphãos de S. Caetano, que tem o ordenado annual de 144$000 réis, devendo os pretendentes apresentar na secretaria desta Santa Casa, em qualquer dia útil desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, os seus requerimentos, com os seguintes documentos: — *a)* certidão d'edade; *b)* certificado do registo criminal; *c)* attestados de bom comportamento passados pela câmara municipal e auctoridades policiaes; *d)* certidão por ond mostrem haver satisfeito ás leis do recrutamento militar; *e)* carta ou qualquer documento por que provem as suas habilitações para o referido lógar.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 7 de fevereiro de 1901.

Guilherme Alves Moreira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma expléndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um expléndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

TYPOGRAPHO

Offerece-se um com algumas habilitações. Na typographia dêste jornal se diz.

N.º 622 COIMBRA—Quinta feira, 14 de fevereiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno: 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

Curso notarial

Está já á assignatura a representação ao parlamento da Associação Commercial sobre a questão do notariado! E' um documento importante e valioso, que abaixo publicâmos, e que tem sido recebido pela população da cidade de fórma a deixar a Associação no pleno convencimento de que a sua louvavel e benéfica acção em tudo o que respeita aos interesses da cidade é justa e gratamente apreciada.

Sobre o assumpto — *curso notarial* — temos ainda que apreciar. A abundância de original, porém, não nos permitte que hoje demos mais que a bem elaborada representação, que segue:

Senhor

A campanha emprehendida na imprensa e no parlamento para a creação em Lisbôa do curso do notariado, promettido pelo decreto de 14 de setembro de 1900, não podia passar despercebida a esta Associação Commercial, como intimamente identificada com os interesses da cidade de Coimbra.

Effectivamente, a creação do curso do notariado em Lisbôa prejudica profundamente esta cidade, desviando para a capital uma grande parte dos alumnos de direito sem que as necessidades superiores do ensino ou os interesses legitimos do país justifiquem tal reforma.

Nos países, em que o ensino do direito se encontra mais perfeitamente organizado, como na Allemanha, na Austria e na Itália, que caminham na vanguarda do movimento juridico comtemporâneo, os estudos notariaes sam feitos nas faculdades de direito. E' que aí comprehendeu-se perfeitamente que os meios universitários sam os mais próprios para o ensino da sciência sob qualquer das suas fórmas, e que os estudos notariaes encontram nas faculdades de direito as condições favoráveis para a sua organização mais perfeita e completa.

E' vulgar o combater a creação do curso da notariado juncto da faculdade de direito, com o fundamento de que a capital é a cidade do país, em que a vida juridica é mais intensa e movimentada, offerecendo assim um meio mais próprio para o ensino do direito e das suas especialidades. Mas muitas cidades allemães e italianas com universidades dum nome glorioso não apresentam a vida juridica de Lisbôa, e apesar disso o ensino do direito tem aí adquirido o desinvolvimento scientifico que todos admirâmos. Não é a vida juridica, com as obscuridades e as confusões da realidade e com a successão incoherente e desconnexa dos casos práticos, que póde formar o espírito do notário, mas o ensino do direito orientado pelos principios scientificos e tendo por objecto a solução esclarecida e intelligente das difficuldades da legislação e da jurisprudencia. E' por isso que no ensino juridico allemão se ministram os conhecimentos praticos em institutos apropriados, como sam os tam afamados *seminários*, sem se recorrer as modalidades concretas da vida juridica do meio ambiente. Só depois dum ensino juridico convenientemente dirigido, é que a observação das relações entre o direito e os factos da vida prática póde ser conveniente e proveitosa ao futuro notário. O decreto de 14 de setembro de 1900 assim o parece ter intendido, porquanto determina que a prática exigida para a admissão ao concurso para o provimento dos logares do notário deverá ser posterior à conclusão da formatura ou do curso do notariado.

E' tambem perfeitamente contradictório que a faculdade de direito possa habilitar candidatos ao notariado, com o curso geral de direito, e não os possa habilitar com um curso muito mais simples e limitado, como é o do decreto de 14 de setembro de 1900. Os cursos juridicos especiaes sam e devem ser o complemento natural e lógico do ensino das faculdades de direito, visto êste ensino não ser proficuo se não fôr ao mesmo tempo theórico e prático.

Finalmente, os interesses legitimos do país oppõem-se evidentemente à creação do curso notarial em Lisbôa, visto as nossas condições não serem tam prosperas que permittam a despêsa avultada que ella exige. Em Coimbra a despêsa com a organização do curso do notariado seria insignificante, visto limitar-se à creação de uma ou duas cadeiras.

Por isso, em nome dos interesses da cidade de Coimbra, apoiados pelos interesses superiores do ensino e pelos interesses legitimos do país, vem esta Associação, secundada pelo público desta cidade representar respeitosamente a V. Magestade contra a creação do curso notarial em Lisbôa, e a favor da sua creação juncto da faculdade de direito.

Associação Commercial de Coimbra, 10 de fevereiro de 1901.

"Reverso do espelho,,

Em pamphleto avulso, *um grupo de Jesuitas,* em prosa sermonesca qua póde embair auditórios sertanejos, mas não tem curso legal numa academia como a de Coimbra, exalta com desabrido ardor as ordens religiosas, gritando ás armas pela sua restauração.

Nunca vimos apologia tam sérvil, que excede até aquellas apotheóticas tiradas de Paulo Féval quando reduz à craveira de parvos innoffensivos o duque de Arando, o marquês de Choiseul, o nosso Pombal e outros tantos adversários da companhia jesuitica; e é de ver com que audácia os seráphicos juristas, futuros chicaneiros, consideram falsários e facciosos todos os que pela intelligência e pelo espírito têem vindo séculos em fóra, a combater a horda jesuitica.

Segundo elles, as ordens religiosas *constellaram* de triumphos o firmamento da nossa história. Desconhecemos taes triumphos, como negâmos que lhe devamos quaesquer serviços.

Depois, como elemento de ordem, os jesuitas sam de primeira força. Havemos de mostrá-lo aos srs. doutores.

Fallam em carta constitucional e concluem que por ella consignar que a religião cathólica é a official se deve abrir a porta às congregações religiosas, mas esquecem êstes jovens sachristas que tambem a carta é tolerante com os outros cultos e que o Juiz Veiga persegue os protestantes illegal e arbitrariamente.

Mais de espaço fallaremos. Em conclusão: se sam *caloiros* os taes *juristas,* têem arrojos de phraseologia que decerto lhes daram cotação nas aulas de theologia: se sam já *doutores,* sentimos não lhe sabermos os nomes para os recommendarmos á generosidade da *Companhia,* evitando á clientella futuros desastres.

Crime de estupro

Da policia foi enviada ás auctoridades judiciaes, para exame de sanidade, uma menor 10 annos, filha de Maria José de Jesus, residente no Casal do Lobo e que se apresentou no commissariado a accusar o seu visinho Augusto Fernandes de ter attentado contra a pequena, attrahindo-a a sua casa sob o pretexto de dar lhe laranjas.

Outro menor de 6 annos, neto do selvagem, e que o viu fechar a creança em casa, disse-o innocentemente, servindo êsse aviso para interrogarem a víctima do brutal attentado. Contou como o patife abusou della e a obrigou a callar-se quando quis gritar, dando-lhe ao fim um tostão e recommendando-lhe o maior segredo.

Verdadeiramente bestial.

Passou o rei

Regressando de Inglaterra, passou ontem na estação velha o rei de Portugal. A recepção como sempre:—elemento official, tropa com a respectiva banda a fazer a guarda d'honra, outra banda e um punhado de curiosos. Fazendo enorme gritaria um número regular de estudantes:—uma commissão ia fallar ao rei, pedir-lhe feriado para sexta feira; contando com elle já para sabbado, anticipavam assim em mais um dia o começo das férias de entrudo. A massa académica fôra, pois, para conhecer logo a resposta. O rei concedeu feriados desde hoje. Presumia-se a alegria dos rapazes que a caminho da estação iam gritando antecipadamente:—Viva o feriado de sexta feira. Pouco depois, no comboio das 10, muitos partiam para junto das familias. Tinham as malas feitas:—esperavam apenas, e obtiveram, o —*régio concedo*...

Demais, os vivas do estylo, que mal se ouviam em meio da vozearia dos rapazes.

CONTRA OS JESUITAS

Reunião da Academia

Assistimos á mais imponente assembleia geral da academia que, nestes últimos annos, se tem realisado.

Muitas vezes desalentados, e quantas até sinceramente revoltados contra a indifferença por ella mantida deante de questões do mais palpitante interesse nacional, nos affirmámos divorciados dessa collectividade que uma forte degenerescência parecia ter assaltado; mas hoje é com immenso júbilo que consignamos êsse intenso lampejo de brio que por igual assignala a sua vitalidade intellectual e a sua renascente devotação pelas causas santas.

Manifestação de espíritos livres, sem rótulo partidário, em que collaboraram fortemente conciliados todos os liberaes, ella deve ter dito bem alto, aos paladinos da reacção que a mocidade portuguêsa saberá oppor aos seus ardilosos projectos o seu protesto altivo e fecundo.

o

Eram cinco horas da tarde quando a assembleia principiou, no Theatro Circo, cheio de uma multidão de estudantes, que se agitava anciosa e irrequieta. Presidiu o quintanista de medicina Neves, secretariado pelos srs. Baptista da Silva, do 5.º anno de Direito, e Fontes, do 5.º anno de Medicina.

Depois de ter pedido a máxima cordura e serenidade para que tam momentoso assumpto fosse discutido com larguêza e liberdade indispensaveis, o sr. presidente deu a palavra ao sr. José Summavielle do 4.º anno de Direito, um dos signatários da convocação, que, depois de ter exposto o fim da reunião, se propunha justificar a opportunidade e a justiça de um movimento de protesto contra a existência das congregações religiosas. Mas neste ponto os do bando reaccionário romperam numa hostilidade injusta e tôla, que determinou uma enorme e prolongada ovação, sendo necessário que um alumno de theologia pedisse aos seus amigos a cessação da grita selvagem.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o nosso amigo Arthur Leitão que apresentou a moção que abaixo transcrevemos.

Coberta de applausos, logo delirantemente perfilhada, a moção de A. Leitão foi afinal votada por enorme maioria.

Estalaram palmas, ergueram-se *vivas á Liberdade!*, agitaram-se capas num delirio, que bem prova a forte convicção que animava todos aquelles, que alli iam pedir liberdade de consciencia.

Falaram ainda defendendo a moção apresentada os srs. João Duarte d'Oliveira, do 3.º anno de medicina, Magalhães e Silva, Ferreira da Silva e Sá e Baptista da Silva, do 5.º anno jurídico, e o sr Matta Dias, do 2.º anno jurídico,

Todos elles, em phrase elegante e conceituosa, mostraram que o espírito humano de ha muito se tinha emancipado dos preconceitos do obscurantismo e da superstição: que a uma época de argúcias torpes e dogmatismos que escravisavam as massas succedera uma época de livre exame e critica depuradora que exhumava as crenças da alluvião de *prejuges* com que a egreja as deformára.

Fizeram a história das congregações religiosas, salientando os seus effeitos perniciosos na vida do Estado, e terminâram affirmando a necessidade de um largo movimento de protesto contra o predominio que a reacção vai adquirindo entre nós, mercê do abandono a que se relegaram as leis de Joaquim António d'Aguiar.

Não se vinha alli atacar as crenças de ninguem: a manifestação que se promovia deixava as inviolladas na consciência de cada um.

Era até em nome dessas crenças que urgia oppôr um dique à expansão ultramontanista.

A academia, na sua grande maioria, comprehendeu bem a justiça destas palavras, coroando-as de applausos.

Impugnando a moção apresentada, os srs. Alberto Constâncio, do 4.º anno de direito e Moreira de Sousa do 4.º anno de thelogia limitaram-se a considerar como uma questão de dandysmo e fébre éxhibicionista a hostilidade geral contra os jesuitas; e como único argumento ponderoso só acharam que, reclamar a suppressão das ordens religiosas, era attentar contra o direito natural de associação. De fórma que, por essa consideração, deveriam deixar-se medrar em plena liberdade, inviolados, os alfôbres de conspiradores.

Requerida a votação, visto que a hora ia adiantada, e o espírito da academia decerto se não mudaria com as argúcias de discursadores habeis, foi ella, como dissemos, votada por uma enorme maioria que prerompeu em estrondosas acclamações.

O bando reaccionário ainda lá se conservou em permanente algazarra e num furor de destruição lesando atrevidamente o direito de propriedade de outrem, elles que tam carinhosos se haviam mostrado para com o direito de associação.

Eis a moção e proposta approvadas:

MOÇÃO

Considerando que o propositado abandono do decreto de Joaquim António d'Aguiar e da proposta de lei de Anselmo Braamcamp representa da parte dos poderes públicos uma protecção escandalosa e criminosa aos jesuitas, que, dia a dia, têem estendido sombriamente os seus tentáculos, sendo o seu predomínio cada vez mais intenso e absorvente;

Considerando que no momento em que a França se prepara para expulsar do seu território os funestos sicários da seita de Loyola, elles voltam os ssus olhares anceados para a Península,—certos de que os altos poderes do Estado não vam recusar-lhes asýlo, desenhando-se assim bem ni-

tidamente todos os perigos duma completa absorpção;

Considerando que urge terminar com o aviltante regimen de educação clerical a que está sujeita a mocidade portuguêsa; por quanto é pela educação das creanças na Escóla que se preparam cidadãos dignos, e, pretendendo a moral jesuitica, conseguir apenas instrumentos servis da sua vontade, incute no espirito da juventude princípios e doutrinas de que resulta o desapparecimento das virtudes cívicas, sendo portanto a sua obra uma ameaça permanente contra a Liberdade, contra a Civilisação e contra a Sciência;

Considerando que à mocidade das Escólas assiste o sagrado direito de vida livre em todas as manifestações do pensamento humano, subtrahindo-se á perniciosa influéncia da reacção intolerante que a asphyxia;

Considerando que o apregoado regimen de liberdade da nossa época não póde amortalhar com despreso o decreto rasgadamente liberal, com que o pulso forte e audaz de Joaquim António de Aguiar completou a grande obra do Marquês de Pombal, concebida na lei de 3 de setembro de 1759 ainda em vigor;

Considerando que o respeito por essa lei, que representa a mais querida aspiração do povo português, não só previne um calamitoso movimento jesuítico invasor, mas tambem evita as desastrosas e funestas consequéncias, derimentes de justa represalia, mas certamente impróprias da hora alta de civilisação attingida;

A Academia de Coimbra, conscia das suas responsabilidades e reunida em assembleia geral resolve:

1.º Convocar as academias de Lisboa e Porto a uma grande manifestação collectiva a fim de exigir do governo, por intermédio do parlamento, a sagrada e enérgica observáncia da lei de 3 de setembro de 1759, pela qual foram expusos os jesuitas, e decreto de 28 de maio de 1834, pelo qual foram extinctas as congregações religiosas.

2.º Convocar a familia liberal portuguêsa a uma grande manifestação cívica, anti-jesuitica, junto do túmulo do illustre estadista Joaquim António d'Aguiar no dia 26 de maio de 1901, anniversário da sua morte: demonstração pública que, assumindo as elevadas proporções de uma consagração nacional á obra gloriosa do Marquês de Pombal, de Joaquim António de Aguiar e de Anselmo Braamcamp, seja simultaneamente a suggestiva affirmação de que a mocidade portuguêsa está disposta a affrontar todos os sacrificios na defesa sacrosanta da Liberdade.

Coimbra, 12 de fevereiro de 1901.

Arthur Leitão.

PROPOSTA

Proponho que, para dar cumprimento á moção approvada, seja nomeada uma commissão composta dos seguintes senhores:

Luiz da Cruz Navega, José Summavielle, Manuel Duarte Videira, João Baptista da Silva, Carlos Amaro, Arthur Leitão, Marques da Costa, João Duarte d'Oliveira, Francisco de Paula Pinto Coelho Vasconcellos, João dos Santos Monteiro, Manuel das Neves Júnior, António Ferreira Fontes e José Ferreira da Silva e Sá.

Coimbra, 12-2-1901.

O proponente, *Carlos de Mendonça.*

Falleceu ontem, victimada por um volvo a irmã do sr. Thomás Pombar, negociante desta praça.

Sentimos.

Apprehensão de carnes

Na manhã de segunda feira foi aprehendida pelo vigia municipal n.º 15, uma rez—carneiro—com o pêso de 13 kilos e meio, que o marchante Violante abatera clandestinamente e mandava para consumo no hospital.

Estes factos tomaram já foros de perfeita e completa normalidade, mas nem por isso deixou de ser motivo de grande estranheza. Porque é esta a verdade: —abater gado a occultas e dá-lo ao consumo, representa um crime. Na prática dêlle ha apenas o propósito de fugir ao pagamento de direitos e à tacha do matadoiro? Não póde acreditar se, e antes fica a crença e bem fundada de que as rezes mortas a occultas seriam reprovadas, por doëntes, pelo sr. veterinário, se apparecessem no matadoiro, e que para não soffrerem êsse *desgosto,* os srs. marchantes as amanham a occultas e as impingem ao público.

E de que ninguem póde confiar, levemente sequer, na lealdade de proceder dessa gente, que ha tantíssimo anno vem dispondo do commércio de carnes como dum morgadio, é prova eloquente o caso d'agora. Pois não irrita e não merecerá séria punição que se tenha o despropósito, o cynismo, de mandar-se para consumo numa casa de saüde, para sustento de enfermos em tratamento, uma rez doënte — temos de admitti-lo por ser morta à socapa e ainda porque o sr. delegado de saüde a condemou e mandou enterrar — quando até os deveres de humanidade e de consciéncia impunham escrúpulos e seriedade no fornecimento a tal fim destinado.

O facto é já intoleravel pelos perigos que representa para a saüde pública, mas passa à cathegoria duma infámia ultra-condemnavel, quando dado nas condições que vimos de referir — a remessa de carne inacceitavel para enfermos.

E têem casos conhecidos, as apprehensões feitas, ficado absolutamente impunes? E' certo que não, mas não podemos deixar de convir em que nas penalidades impostas tem havido uma enorme somma de complacéncia que justifica e—digamos as coisas como ellas sam—até auctorisa o seguimento na prática do intoleravel abuso.

Que se tem feito para reprimí-lo? Impôr multas como agora— 2$000 réis pela transgressão e 4$500 por abater fóra do matadoiro. Mas para que serve apenas isso. Pois não se vê, por tantas reincidéncias verificadas, que essa perda de 6$500 réis em multas não representa um aggravo aos delinquentes relapsos? Não se demonstra que o não pagamento de direitos e da taxa ao matadoiro, por uma enormidade de kilos de carne escapada a vigiláncia e vendida a occultas, dá muito vantajosamente para uma ou outra aprehensão?

Deixemo-nos de illusões:—o facto repete-se com uma parte de responsabilidade das auctoridades a quem cumpre velar pelo assumpto.

Comprehenda-se que não pretendemos fazer aggravos, mas apenas tirar conclusões.

Veja-se que a maior preoccupação hoje aí manifestada em matéria de sanidade, está voltada para a cifra monstruosa da tuberculose e para os seus medonhos estragos. Veja-se mais que ha ruas onde dos habitantes, a percentagem dos atacados é de mais de 3 e 4 por cento, luctando os clinicos generosa mas impotentemente para fazerem parar a marcha sempre crescente do mortífero flagello. Pois é exactamente nesta conjunctura que nós vemos impingir até—suprema aberração! —aos hospitaes, carnes de rezes doentes, abatidas clandestinamente, para consumo duma população que definha e que está dando para a tuberculose um importantissimo contingente. Falla alto o registo do obituário.

E quando um marchante é apanhado na prática desse crime duplamente intolleravel, o que fazem as autoridades competentes: — mandam aplicrr a simplicidade daquellas multas e... adeante, quando o crime era para relagar ao poder judicial, a fim de a punição enérgica e condigna poder servir de exemplo benéfico para a repressão. O contrário será dar margem à repetição constante do facto. Porque não é o único de ha dias, o do carneiro para o hospital...

Pouco antes, o mesmo vigia aprehendeu 7 kilos de boi ou vaca, morta não se sabe onde, que um individuo das Chãns, José Cidade, trazia com destino para um talho cujo domno, por desconfiança de ser apanhado, a não quiz receber, e que o mesmo Cidade depois procurava vender numa casa de pasto.

Que succedeu? As multas de 2$000 réis e 4$500. O resultado dessa bignidade? A remessa para o hospital — do carneiro nas condições ditas.

Sam êsses os beneficios que os nossos marchantes nos proporcionam, aggravando-os com a expóliação que lhes vimos soffrendo.

Ou as autoridades querem ou não querem reprimir taes factos criminosos. Se querem não se limitem ás multas e mandem-as á barra do tribunal; se não querem, deichem isso por completo, porque não valle a pena tanto encommodo só para a cobrança duns mil réis, continuando a saüde pública sob o mesmo aguaceiro.

Entramos na guerra?

Está já em Lisbôa o sr. D. Carlos. Que novas, ou que surprezas, em relação á nossa vida interna e externa trará de Inglaterra?

Ignora-se aínda, podendo—affirmar-se sómente que ha inquietações. Nos últimos dias, os acontecimentos políticos, ou antes a preoccupação ministerial provocava sobreavisos. Telegrammas trocados entre o governo e o monarcha originaram espectativas, sendo de bem mau agouro os boatos que circulavam.

Affirma-se que no expiar desta semana se darão acontecimentos notaveis. E' que, feito alarde da aliança, tão insistentemente gabada pelas gentes governamentaes, começaram de antever-se as resultantes, e agora—isto se accentua:—é critica a situação dos inglêses na Africa do Sul. Pela bocca de Chamberlain declaram que não mudarão lá de política. Para a resolução de determinadas difficuldades cooperará com elles o nosso país, é positivo, e as vistas ficam demoradas sobre o nosso exército e sobre Lourenço Marques. Negociar-se-ha aquella nossa provincia? *Mandaremos* os nossos soldados a combater contra o heróico povo que lucta pela sua liberdade?

Eis a solução que vem nas malas do sr. D. Carlos, mas o que é positivamente crivel é que de qualquer modo vamos dar ao mundo o espéctaculo vergonhoso de contribuirmos enormemente para a sangueira. Esperamos e ver-se-ha, agora que o rei está de volta.

De crise ministerial falla-se insistentemente, dizendo-se que ella se prende com estes assumptos.

Acontecimentos para esta semana? Esperemos.

Chrónica de theatro

III

Em minha casa

—Melhor, doutor?

—Doe-me o corpo todo, não estou bem em parte alguma. E tu? Deixa ver os queixos. Quasi bom! Continúa com o alcatrão. Provavelmente vai se só com isso.

—Se não fossem as fendas, estava fino.

—Isso passa tambem. O peior é que tens de escrever um artigo por mim.

—Prompto, doutor. É sobre geometria descriptiva?

—Peor. E' o ultimo artigo sobre o theatro.

—Não vi o segundo, tem aí?

—Não perdes nada. Não. Neste artigo queria dizer o que penso do theatro D. Maria.

—Mal?

—Não. Bem.

—Artigo difficil...

—Toda a gente sabe que eu sou má língua. Isso é logar commum.

—Eu não fui que disse.

—Não. E' claro. Vamos, vamos ao artigo.

—Cá estou.

—*De aparada pena?...*

—O Leitão! Olé compadre. Entraste sem ninguem sentir.

—Saudades. Não se encontra o compadre em parte nenhuma. Para me distrair fui hoje á bibliotheca. A' porta esbarrei com meu irmão que saía furioso. Não havia um livro que elle queria. Para elle não ha livros bastantes. Imagine o doutor que a sua maior pena é ter ardido a bibliotheca de Alexandria. Chega a sonhar de noite, tem pesadelos e accorda a gritar pelos bombeiros voluntários...

—Asneira! A sciéncia anda depressa... a marcha é vertiginosa. O que hoje é certo, é falso daqui a dois mêses. E' por isso que eu não começo a estudar senão depois do entrudo. Sam quinze dias de ganho, e no fim, eu cá os espero.

—Depois, a gente não tem livros.

Nunca vou á Bibliotheca que encontre o livro que peço. Estou como meu irmão. O Bento hoje explicou-me que eu sou duma sciéncia revolucionária e que dêsses livros não ha lá.

O artigo que me disse sobre a *Irmã mais velha?*

—Aí tens. E' êsse, lê.

—*O pae pródigo* é como todo o theatro de...

—Lê baixo. Vamos nós ao nosso artigo.

Olé Fernandes. Muito obrigado.

—Gostou?

—O vinho é delicioso.

—Eu tambem gosto, mas em vinhos verdes...

—O Cerqueira! Quem aí vem! Salve-os Deus. Cabem todos? Arrumem-se como poderem. Se quizerem saber como eu estou leiam a sebenta.

—A sebenta?!

—Tal qual. Estou farto de contar o caso. Mandei lythographá-lo. Agora leiam se quizerem. O Cerqueira pode dar informações do tratamento. O Refoios...

—Foi ao Refoios?

—Era fatal! Desgraça que me aconteça tem elle sempre de me aturar. Vocês bem?

—Mas isto não foi o que o compadre me disse na ponte.

—De quem é este carvão?

—Do Bastos.

E' uma paysagem interessante do Bussaco. O artigo, compadre, é o mesmo.

—Não é tal.

O Doutor subordinava toda a apreciação da obra de Dumas à sua existéncia de filho natural, ao amargo dos seus primeiros annos, passados no collégio Goubaux, numa situação que a fama brilhante do nome do pae tornava mais cruel. Explicava assim a coragem e o ardôr com que a sua obra defende o filho abandonado, estabelecendo como base da sociedade o amôr, e glorificando os que se lhe sacrificam completamente...

—Clara Vignot, Félécité Clémenceau que fazem admirar a adoração que tinha pela mulher modesta que foi sua mãe. Mas tudo isso...

—Nunca vi candeeiro nenhum como êste.

—Século XVII, é já raro. Era do convento de Santa Cruz. Tens allí outro.

—Não gosto... Como aquêlle nunca vi nenhum.

—Este é D. João V, mas não é mau. Já não é vulgar. Rara é aquella alámpada do século XVI que além está.

—Não tinha dado por ella. Onde a arranjaste?

—Vai ver ao pé. Esse modo de apreciar Dumas é rethórico.

—Será. .Mas para que o disse o Doutor? Para ter duas opiniões?

—Não. E' que nós iamos com um critico dos que muito lêem e muito sabem, fis por isso crítica moderna, de muita leitura e indiscripções interessantes de reportagem.

—O Doutor dá-me licença? Eu de critica d'arte não sei nada...

—Quem sam êstes cavalheiros?...

—D. Maria I e D. Pedro III, medalhão de barro cosido e pintado. E' português, de não sei quem.

—Eu de critica d'arte não sei nada...

—Pois tem pouco que saber. E' como a mathemática: chega a gente diante de uma fórmula, arregala os olhos e cae a dormir. E não ha nada mais fácil do que é a mathemática.

Quer a gente a transformação duma fórmula? Reduz tudo ao mesmo denominador. Não deu certa? Multiplica por dois... Ainda não deu? Divide por dois, tens a certeza de encontrar a fórmula. Eu perdi uns annos. Só depois é que eu soube.

A critica d'arte é como a mathemática...

—Mas perdem-se annos. Que querias tu dizer?

—Eu acho que o Leitão tem razão.

—De quem é isto?

—E' um retrato de senhora, do Columbano Bordallo Pinheiro.

—Vocês não me deixam fallar?!

—Desculpa.

O melhor é eu ir-lhes explicando tudo para vêr se elles se calam. Os vasos de faiança—sam experiéncias do João Vieira, feitas em Leiria, e esse que tem reflexos de cobre e recorda um bilha d'azeite das que se usam para o Sul, foi pintado por elle n'um dos seus quadros de flôres. O desenho à pena é do Sequeira, representa um arabe roubando um beijo a uma mulher. Vou dizendo o que é, porque gosto do desenho e para evitar interpretações das que vocês costumam fazer. O quadro grande a oleo é do João Vieira e representa o claustro de Cellas antes da restauração. Ha um artigo do Fialho, sobre elle. O quadro italiano que está ao canto, tenho-o por causa da moldura que é de vidro de Veneza. Este quadro grande é um pastel de Battistini. Representa este seu criado, quando era mais nóvo, tinha cabello ainda, adorava os tapetes persas e as flôres e colleccionava gravuras. Os desenhos a lápis que aquêlle está a vêr ao pé do piano sem os entender, sam uns esboços de Columbano Bordallo Pinheiro, para

a pintura da escada da câmara municipal de Lisbôa. Agora falla. Podemos estar socegados algum tempo.

—Quem conhecer a vida de Dumas, explica todas as situações mais dramáticas da sua obra.

—Mas que me importa a mim isso? Para mim uma obra d'arte é uma obra d'arte ou não é, é bem feita ou mal. Para que preciso de saber como foi feita.

—Para a explicar as condições do seu valor.

—Não! Se a obra não presta, ponho-a de lado, e não me importa que o auctor precisasse de mil francos ou tivesse uma dôr de dentes quando a fez...

—Mas o lado psychológico? Sabidas as condicções de genese duma obra d'arte...

—Tem-se a receita para fazer outra?...

—Eu sou doido por Dumas adoro os dramas dêlle, gostava de ter escripto alguns dos paradoxos dêlle...

—Pede então a teu pae que te reforme a certidão do baptismo...

—Tem graça eu não vou tam longe. Mas custa-me não ver detalhar a influência dos estudos da psychologia que havia no outro artigo...

—Outra! A psychologia e a sciência de Dumas é psychologia facil, sciência para a gente de boa sociedade. Dumas é superficial e fútil, mas é um conversador elegante, um homem de boa sociedade.

—Então o Lemaitre é que é bom?

—E'. A *Irmã mais velha*...

—Não tem enredo.

—Queres coisa mais enredada que a vida de Lia?

—As scenas sem tom nem som...

—Não. Eu te explico isso. Cada uma das scenas tem três desfechos que tu conheces. O de Lemaitre é differente. D'ai o estado da inquietação em que a peça te tem constantemente.

—A scena da seducção...

—E' crua.

—E' repugnante.

—Mas a seducção é aquillo! Não tem encanto senão para os viciosos. Vê tu que serenidade artística é necessária para lhe não dar um fecho dramático e fazer saltar Lia seduzida até ao lago purificador que a espera ao fundo da janella do pavilhão abandonado. Isso sim que era para ver chórar senhoras e applaudir ingénuos. Era tam fácil.

—Era...

—Um intervalosinho em tanto saber?

De quem sam êstes retratos.

—Sam os antepassados dêlle...

—Sam, Quim?

—Sam. Tenho-os encontrado ha venda em bric a bracs e em leilões. Sam retratos de família que se vendem; porque a arte lhes deu valôr novo. Quando por acaso encontro um dos pobres abandonados, trago-o para casa, e ponho ao pé dos outros. Parece-me ás vezes vê-los sorrir e olharem-me com um olhar bom. Não costumo contar isto. Custava-me que alguem soubesse que os pobres abandonados não sam da minha família. Esse rapaz novo, que deve ter vivido em 1820, comprei-o numa taberna, onde fôra a vender com garrafas velhas, e é o lindo esboço dum quadro, talvez dum grande retratista francês.

—E esta mulher bonita?

—Não sei. Está datada da Dinamarca e tem o nome de Petters um grande miniaturista.

—E esta santa, no meio dos antepassados?

—E' outro. Nossa Senhora da Graça, miniatura de Josepha de Obidos.

—E' engraçada.

—E'. Tenho-a ai; porque a encontrei tambem abandonada no fundo dum oratorio, cheio de santos feios, cobertos de flôres e cordões d'ouro. Estava a um canto, e o menino parecia chorar o brilho da moldura de prata que lhe tinham arrancado e por que andara tanto tempo suspenso entre santos d'oiro esmaltados de verde e branco, húmidos de perolas, gastos de roçar a carne delicada da dona antiga que o trouxera ao seio. Pareceu-me boa para êsse rancho essa imagem pequenina em que anda errando ainda toda a bella alma feminina de Josepha d'Obidos.

—Era bonita?

—Eu sei lá! Mas olha como ella adivinhou tam bem a suavidade da seda roxa que a phantasia deste século pôz em moda. Como ama as pregas simples! A delicadeza das rendas! Sam pintadas por quem devia saber fazê-las e ama-las muito. E as joias?! Os brincos pequeninos cheios de rubins e perolas engastadas em oiro, e o firmal do manto d'ouro em lámina, cortado e batido sam vistos pelo olhar amoroso duma mulher.

Repara nas flôres, espalhadas, vistas uma a uma, e feitas tam demoradamente que parecem viver e olhar para a gente.

O que eu amo em Josepha d'Obidos é o que não estou habituado a ver nas mulheres artistas —uma alma de mulher...

—Sen...ti...men...tal...

—Deixa o piano!

—Foi superior a mim. Pedia acompanhamento. Quando casa, doutor!...

—Pergunta aos Refoios. Elle é quem tem de pedir a noiva... se mais essa desgraça succeder.

T. C.

Espancamento brutal

A policia prendeu Sebastião de Moura, residente no Terreiro da Erva, em casa de quem entrou atrahida por gritos de soccorro, indo encontrá-lo a espancar a mulher com uma fúria tigrina.

A desgraçada teve de ser conduzida ao hospital onde entrou a deitar sangue pela bôcca e pelos ouvidos.

«Soirée masquée»

No Atheneu Commercial, o importante grémio de caixeiros que nos últimos tempos entrou num período de actividade notavelmente vantajoso para os associados, já pelo estabelecimento de aulas de differentes matérias inteiramente aproveitáveis a vida do commércio, já pela defeza tenaz e proveitosa dos interesses da classe que representa, vai haver em segunda feira gorda uma importante *soirèe masquée*, promovida por um grupo de socios d'accôrdo com a sua prestigiosa direcção.

Não nos resta dúvida de que será uma diversão interessantissima, visto que os promotores se empenham em realizá-la de modo a deixar as mais gratas recordações, resultando já dêsse manifestado empenho o grande interesse, pela *soirèe*, de que estám dando prova a maioria dos associados e um grande número de rapazes que, não fazendo parte do grémio, mas tendo o mais vivo desejo de passar no Atheneu aquella noite que promette ser esplendida de alegre convivio e apreciavel divertimento, vam fazer apresentar as suas propostas para sócios.

E' assim, coadunando os fins de utilidade prática com a promoção apreciavel do ensejo de recreio, que as gerências e os enthusiastas destas associações conseguem engrandecê las e torná-las frequentadas e importantes na matrícula de associados.

Em Espanha

As manifestações no pais visicho contra os jesuitas assumiram a máxima gravidade. Contra o domínio e influéncia da seita vinha havendo repetidas embora isoladas demonstrações, mas a discussão dum processo pela seducção, para a clausura de uma menina rica, orphã de pae, coincidindo com a representação da *Erecta*, o bello drama de Galdós, que é um verdadeiro inquérito á vida clerical, pondo em rèlevo todo o horror dos seus processos e acção, precipitaramos acontecimentos e hoje, nas ruas e em differentes cidades, a indignação popular manifesta-se aberta e collectivamente.

O movimento começado por estudantes generalisou-se a todas as classes, sendo os conventos cercados e apedrejados aos gritos de —*Viva a liberdade!—Viva a república!—Abaixo os jesuitas!*

As localidades onde o movimento tem assumido maior importância sam Madrid, Saragoça, Malaga, Alicante, Valéncia, Barcelona e Granada. Nesta última, dum convento jesuítico fôram disparados tiros sobre os manifestantes, ficando muitos feridos. Como consequéncia, a multidão untou as portas com petróleo e ia deitar-lhe o fogo quando a cavallaria appareceu impedindo a retaliação.

Tem havido repetidas escaramuças entre os manifestantes e as forças públicas, resultando ferimentos de parte a parte. Apesar de tudo a energia popular não afrouxou ainda, e mesmo que o socego se restabeleça, tudo leva a crer que será efémero, pois que a guerra ao jesuita mostra-se arreigada e geral.

A imprensa é submettida a rigorosa censura, como os telegrammas, tendo já sido suppridos jornaes; por isso não ha noticias completas, mas da importância do movimento e da lucta nas ruas, ajuisa-se sabendo-se que em Saragoça a Cruz Vermelha estabeleceu já um hospital de sangue.

Foi aberta devassa para saber-se e punir quem do convento jesuítico disparou tiros contra o povo. O que prova que na fradesca Espanha, o governo não está inteiramente com os inimigos da liberdade e procura antes serenar os ánimos, recorrendo á força só em extremos.

Mais um exemplo aos Veigas do governo português e da Parreirinha.

Em Valéncia foi proclamado o estado de sitio. Parece que vai ser proclamado noutras localidades.

Conferéncias

No Collégio Mondego foi iniciada, no sabbado, uma série de conferéncias sobre diversas matérias de interesse immediato para a instrucção ministrada naquêlle estabelecimento de ensino, um dos mais importantes que no genero temos em Coimbra. Foi conferente o sr. Affonso Henriques, sobre o thema—*A Mathemática como sciéncia*, assumpto que desenvolveu duma fórma clara e elucidativa, fazendo addusões de valor.

Hoje, pelas 6 horas tem logar a segunda, pelo sr. Luiz Maria Rosette, alumno do 5.º anno médico, que falará sobre—*a profilaxia da tuberculose.*

Successivamente, em todos os sabbados e quintas feiras, vam continuar naquêlle collégio, as conferéncias pelos professôres, havendo que reconhecer a alta importância que esta feliz resolução terá para o ensino dos alumnos allí matriculados e internados.

Rezolvida hoje pela cámara a questão do fornecimento de carnes de vacca e vitella, sendo preferida a proposta do sr. Juzarte Paschoal, parecendo que terá ainda de responder sobre um alvitre de modificações que ainda não sabemos o que seja.

Espectáculos lyricos

O emprezário do circo sr. Francisco dos Santos Lucas tem, na presente época theatral, conquistado merecidos applausos e sympathias do público pelos espectáculos de bellas companhias que proporcionou. Segue ainda nêsse louvavel propósito, e depois de tudo o que aí vimos e tam bem impressionou, vai dar-nos em 2, 3 e 4 de março três espectáculos de ópera, pela companhia que está no S. João do Porto.

Chama-se a isto saber escolher e agradar.

Breve vai ser aberta a assignatura.

Éditos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do 3.º officio corre seus termos uma execução requerida por parte do ministério público, contra João Franco de Carvalho, casado, negociante, natural de Torres Vedras, morador que foi em Lavos, comarca da Figueira da Foz, para pagamento da quantia de 105$212 réis, importância de custas e sêllos dum processo crime correccional, em que foi condemnado. E constando que o executado não tem actualmente residéncia certa, correm éditos de 30 dias, contados da última publicação dêste annúncio, por meio dos quaes é citado o dito João Franco de Carvalho, para, dentro dos dez dias seguintes, pagar no cartório respéctivo a mencionada quantia e custas posteriormente vencidas, ou nomear bens á penhora, sob pena da execução seguir os termos regulares, á revelia.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito substituto,
Danton de Carvalho.

O escrivão,
Joaquim A. Rodrigues Nunes.

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra, hoje installada, deliberou que as suas sessões tenham logar em uma das salas dos paços municipaes, nos dias e horas abaixo designados.

Dia 13 de fevereiro corrente, á 1 hora da tarde.

Dia 16, ás 3 horas da tarde.

» 20, 22, 24 e 25 ás 12 horas da manhã.

Coimbra, sala das sessões da commissão do recenseamento eleitoral, 11 de fevereiro de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

4 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

II

A OPINIÃO DA COSINHEIRA

—Já sabem a grande novidade, disse-lhes um dos seus amigos que era um camarada do conde de Romanes.

—Não sabemos absolutamente nada. Aqui onde nos vês, vimos estupidamente do bosque de Bolonha.

—Deram algum tiro no imperador da Rússia?

—Não. A nova não vem de tam alto. Romanes matou-se, ha pouco, com um tiro de rewolver.

—Romanes! Sempre disse que esse homem havia de acabar mal.

—Sim! Mas a mulher ha de acabar bem.

E, por oração fúnebre do marido, os seus amigos declararam que a mulher era linda, com os seus cabellos pretos e os seus olhos azues.

A propósito, disse o que nascera para juiz instructor, p'ra que diabo subiria, ainda ha pouco, a mulher a rua de Galileu tam mysteriosamente?

—Ah! E' verdade, fallemos disso.

—Talvez não tenha feito mal em tirar o número ao fiacre—Só tenho pena de a não ter seguido.

—Ha quem siga as mulheres para as agarrar, tu segue-las para as ver agarrar. E's um juiz instructor.

—E' necessário que haja um juiz instructor nêste caso.

III

Uma ingenua e uma prevertida

Tem-se dito que já não ha ingénuas, porque as meninas entram na sociedade antes d'entrar para o convento. Demais é a mulher que faz perder a mulher. Não quero dizer com isto que o homem a não empune um pouco para o abismo, uns para partilharem a queda, outros para a levantarem depois do primeiro pecado. Tem se feito romances e comédias sobre o thema do que sabem as ingénuas, mas ha, apezar de tudo, ainda ingénuas que sam inocentes. Graças a Deus, a simplicidade não foi banida ainda do mundo. E' uma flôr suave que se colhe numa ou noutra parte das regiões selvagens e até das margem do Senna.

Elisabeth van Lowe, por exemplo, era uma ingenua que tinha todas as ingenuidades. Julgava que o casamento era a salvaguarda da mulher, isto é, que uma mulher creada não era nunca criminosa; julgava que um vestido de casamento era sempre um vestido virginal; acreditava que a filha era o anjo da família, sem nunca ser o demonio; creia que Deus protege os corações simples e não os devia esmagar nunca pelas paixões; acreditava que os rapazes que andam á cata d'amor trazem sempre na mão um contrato de casamento. Numa palavra, era das bellas innocentes que se deixam prender na primeira volta do caminho. Era debalde que a madrinha lhe dizia mal de todos os bomens; Elisabeth van Lorve, que pensava ser esperta, julgava que a condessa de Romanes tinha aquella opinião por causa do marido, viu D. Juan enraizado no mal.

Regina admirava a afilhada ainda mais pela innocencia que pela belleza. Amava a por amor dos contrastes: ella que não era um anjo de virtude;—ella que as loucuras do marido tinham feito desviar do caminho direito, a principio por vingança, depois por distracção e por fim por paixão, —ella tinha um vivo prazer em descançar o olhar naquella fresca e candida figura que nenhuma impureza tinha manchado ainda, —nem mesmo um pensamento mau, nem mesmo um mau sentimento.—Via-se o ceu na limpidez dos seus olhos, como se vê o azul das nuvens nas claras fontes.

(Continúa.)

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Rêgie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zig-zag, Ramsés, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,,

Que abriu na antiga *TABERNA DO POVO*

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa differentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnífico vinho.

Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a	70 réis	o litro
» » » a	80 »	»
» verde de Basto a	90 »	»
» branco de Torres Novas a	90 »	»
» » de Mangualde a	90 »	»
Vinagre a	80 »	»
Geropiga (1.ª qualidade) a	130 »	»
» (2.ª qualidade) a	110 »	»
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a	240 »	»
» » » (2.ª qualidade) a	200 »	»
» » » (3.ª qualidade) a	180 »	»
» » figo a	120 »	»
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)	240 réis	
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)	240 »	
Ambas as qualidades (sem garrafa)	180 »	

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem,** onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do público.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 0|0

Bico Bébé Aureo	a 2$000 réis
Bico n.º 1	a 3$000 réis
Bico n.º 2	a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.

Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.

Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litteraria do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43

LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a finêsa de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviçaras.

Para liquidação

Vendem-se duzentas rozeiras das mais finas qualidades em vazos grandes com etiquetas de zinco a 300 réis cada uma! cinco vasos grandes, uma lanterna chinêsa, um cabide bengaleiro, próprio para entrada de caza, uma rica mobília de quarto, um christo de marfim, uma estante de pau preto e dois lustres. Couraça de Lisbôa n.º 111 ou Largo de S. João n.º 6, Coimbra.

CONCURSO

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra

Faço saber que por deliberação da mêsa está aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da publicação deste annuncio no *Diario do Governo,* para o provimento do logar de professor de desenho do collégio dos orphãos de S. Caetano, que tem o ordenado annual de 144$000 réis, devendo os pretendentes apresentar na secretaria desta Santa Casa, em qualquer dia útil desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, os seus requerimentos, com os seguintes documentos: — *a)* certidão d'edade; *b)* certificado do registo criminal; *c)* attestados de bom comportamento passados pela cámara municipal e auctoridades policiaes; *d)* certidão por onde mostrem haver satisfeito ás leis do recrutamento militar; *e)* carta ou qualquer documento por que provem as suas habilitações para o referido logar.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 7 de fevereiro de 1901.

Guilherme Alves Moreira.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma expléndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um expléndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

TYPOGRAPHO

Offerece-se um com algumas habilitações. Na typographia dêste jornal se diz.

Nº. 624 COIMBRA — Quinta feira, 21 de fevereiro de 1901 6.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha — Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Desmedido abuso

A reacção jesuitica em Portugal está tam audaciosamente descarada que urge pôr côbro aos seus ataques.

O caso Calmon, tam típico e significativo do que é a acção jesuitica, no seu propósito absorvente de captação, sem respeito por ordem nenhuma de sentimentos, ainda os mais veneraveis e santos como o sam os de amor e dedicação filial, no incidente que ultimamente revestiu de tentativa de rapto, feita à luz do dia e violentamente auxiliada por um bando de energúmenos cacetеiros, num dos sitios mais públicos do Porto, à saída da missa das onze horas da igreja da Trindade, facto que teve logar no domingo último, vem demonstrar que aquella jesuitada de todos os feitios, de casaca, de saias e de roupão, está decidida a jogar as últimas num criminoso propósito de ir até ao fim, sejam quaes fôrem os meios de que tenha de lançar mão!

Ora isto não póde, não ha de succeder assim!

A opinião liberal, que ainda, felizmente, constitue a maioria do nosso país, vai estando cançada já de assistir a torpezas e vexames jesuiticos, de que sam manifestações recentes os casos indignamente abafados do convento d'Aldegavinhas, com creanças desfloradas como o reconheceram exames médicos. Ha muito que temos ido assistindo, com surda indignação, a êsse pollular de casas de congregações religiosas, sob o patronato de pessoas altamente collocadas, que assim têem abusado da sua posição para fazerem enxamear pelo país instituições condemnadas e banidas.

Temos assistido a êsses crimes, mas vai-se cançando a paciência... Perante o perigo imminente, que ataca pelas raizes a liberdade para assentarem arraiaes de vez e sob a protecção de leis que reconheçam os jesuitas sob os seus mil disfarces, não temos que respeitar pessoa alguma, por mais elevada que seja a sua posição social. Primeiro que tudo e acima de tudo está a salvação do país, tam imminentemente ameaçada no seu aspecto intellectual e moral, que é a base das sociedades bem organizadas.

Não podemos consentir num retrocesso de três séculos, depois da obra purificadora do Marquês de Pombal e de Joaquim António d'Aguiar!

A isto têem conduzido o país as criminosas complacéncias das auctoridades, consentindo que em público appareçam revestidos de seus hábitos e insignias verdadeiros frades que, como os de Mont'Oriol e do Varatojo, andam pelas povoações de corda à cinta e de sandálias, nas barbas das auctoridades que os acatam na própria qualidade que representam. Isto, que sob o ponto de vista politico é uma colossal imprevidéncia, por que essas ordens e congregações, vivendo à sombra do regimen constitucional o vam minando a preparar o absolutismo, sob o ponto de vista moral é degradante — sam as auctoridades aconselhando o desprezo ás leis liberaes que as crearam, na inconsciéncia fatal do grave damno que preparam para o futuro do país.

Três séculos de frades e de freiras abastardaram o caracter desta nação de fortes, que caiu na miseravel decadéncia de que nos não erguemos ainda.

Com a agitação liberal do principiar do século passado entrou o país numa nova phase de rejuvenescimento, determinada pelos altos espiritos daquellas épochas. Abriu-se á nação um horisonte novo, que novos ideaes norteavam, mas em breve a acção nefasta dos inimigos da liberdade começou de se accentuar lento e lento, até que ha poucos annos irrompeu altaneira, cada vez mais absorvente e dominante.

Mas urge que se acabe com este estado de coisas. Assim o exige o futuro da nação, e por certo que a familia liberal se unirá decidida nesta cruzada santa!...

PAPÃO?

Chegou aí ha dias, antes do carnaval, um destacamento de cavallaria. Ao que veio? Para prevenção por causa do *Entrudo*, disseram muitos.

Triste folião, tam miseravel e sujo, tam imbecil e depauperado, podia merecer acaso merecer semelhante honra?!

Houve aí um prurido de agitação académica contra o jesuitismo, official e auxiliar, prurido que não desappareceu ainda, e então, ha quem opine:

Visita de amostra, para lembrar aos indisciplinados que ainda por cá temos fôrça publica que baste para conter-lhes o anceio de liberdade; e mais, que ainda que sigam os 5:000 homens para a Africa do Sul, sob o pretexto de guarnecer Moçambique, mas realmente para entrarem em combate pelos inglêses, as fôrças que ficam, chegam ainda para abafar o grito de revolta contra o despreso das leis.

Será *isto*? Será *aquillo*?

O destacamento partiu já, foi embora, e nós ficámos na crença de que o segundo parecer é o mais acceitavel.

CURSO NOTARIAL

Não é ainda tarde para as apreciações que num dos números anteriores promettemos a propósito do curso notarial. E porque de nós partiu o primeiro apello ao *Conimbricense* para a defeza de esta cidade, quanto á collocação do curso e contra a obra que na câmara respectiva estava fazendo um deputado da maioria, ao mesmo *Conimbricense* nos referimos em face das suas *Declarações*, a que finalmente o obrigou a Associação Commercial, approvando a moção, que aqui publicámos, do sr. João Simões da Fonseca Barata.

Procura o *Conimbricense* desviar a verdadeiro pomo da questão, dizendo que na campanha iniciada a favor do curso em Coimbra, se atribuindo ao filho do proprietário dêsse jornal — o deputado da maioria em questão — o intuito de obter sem concurso o logar de professor, em Lisbôa, do curso do notariado.

A subtileza é por demais... infantil, e contudo não merece passar sem a devida *consideração*.

Ha que definir. A campanha iniciada e feita em Coimbra, não vimos que obedecesse nunca a que o deputado conseguisse ou deixasse de conseguir, com ou sem concurso, o logar. Muito outro o espirito della; — apenas o de obstar a que vingassem os intuitos, muito claros do deputado — os de o curso ficar em Lisbôa. O para quê dêsses intuitos póde ter entrado numa segunda ordem de apreciações, a que um ou outro — talvez não duvidâmos — se tenha entregue. Mas nunca foi êsse o ponto capital da questão, como o *Conimbricense* pretende insinuar, parece que sómente para não deixar de dizer alguma coisa.

Que o deputado em questão não é de Coimbra nem a representa em córtes.

Acceite se o esclarecimento, mas saliente-se que essas circunstancias de fórma alguma pódem explicar que um jornalista d'aqui deixe de defender a cidade, condemnando as opiniões dum deputado, seja qual fôr a sua naturalidade e o circulo que represente, contrárias aos interesses e ás considerações devidas a esta cidade, á qual o mesmo jornalista prometteu devotado amôr o como que, lhe tributou um seu maior.

Que o deputado *procede em harmonia com a interpretação que lhe parece mais vantajosa dos interesses geraes, das necessidades da cultura juridica.*

Mas é unánime o parecer, dos homens autorisados no assumpto, em que tanto sob o ponto de vista económica como de vantagem para o ensino, o curso deve ficar em Coimbra. E assim, o *Conimbricense* passa ao deputado um diploma pouco invejavel.

Seguramente não prefere um curso notarial em Lisboa a um curso idéntico em Coimbra, por ter em vista o interesse local de aquella cidade, onde vive.

Porque é então que o prefere? Dir-se ha que o *Conimbricense* faz, naquelles dizeres, ao deputado, a accusação de que tanto se queixa e acima deixamos anotada.

Pareceu nos, porém, que se deveria fugir de provocar para nós a situação desagradavel, que resultava duma critica jornalistica das opiniões de um filho do proprietario deste jornal.

A sentimentalidade é menos bem cabida, e desde que o jornal invoca a situação do proprietário para com o deputado, a fim de esquivar se a entrar na defeza da cidade que ao fallecido e saüdoso fundador e proprietário do jornal tantos disvellos mereceu, disvellos que o proprietário actual prometteu seguir inalteravelmente, a alegação deve ser ficticia, e muita outra a causa do seu silêncio em face da guerra que o deputado faz a esta cidade, patria do *Conimbricense*, como póde deprehender-se dêste periodo:

> Na situação especial em que nos achamos, não se tratando da creação immediata de um curso em Lisbôa; *não nos parecendo que elle represente o começo da desaggregação da faculdade de direito;* não fazendo a esta, concorrência comparavel á que as Polytéchnicas e Escólas Médicas fazem ás faculdades de mathematica, philosophia e medecina; devendo muito provavelmente tal curso ter uma frequéncia reduzidíssima; não tendo havido movimento em Coimbra relativamente á proposta de reorganisação judiciária *do sr. conselheiro Beirão*, que instituia cursos especiaes de direito fóra de Coimbra; nem a propósito do decreto do notariado *do sr. conselheiro Alpoim*, que instituia o curso de notário, sem dizer expressamente que era creado junto da faculdade de direito, como seria natural se tal intuição existisse; nestas condições, nada mais devemos, nem queremos fazer.

Isto é, que o curso seja estabelecido em Lisboa, com prejuiso para Coimbra, não lhe importa. O filho quere o na capital; o pae acceita lhe a opinião, que não condemna. Mas tambem a não defendo porque isso... seria o cabo da cortezia. E se o apoquentam muito, esta desgraça succede: — acaba com o jornal.

Peremptório, mas cómico e revellador.

De sorte que não valeria a pena, para tão desastrada conclusão, ter começado com ares de quem está sentindo a amargura de imaginárias ingratidões por outrem.

Ninguem tem o direito de exigir lhe que entre na campanha? E' certo, tão certo que ninguem lh'o exigiu, mas apenas lh'o pediu commedida e delicadamente. Negou-se, e se não fica o direito de exigéncia fica o de critica, e êsse diz nos que lhe pauta o proceder, não a sentimentalidade para que apella, mas outra ordem de razões que o *Conimbricense* d'outros tempos duramente combateria no proprietario d'hoje.

Carta de Lisbôa

15 de fevereiro.

— O que ha de Londres? — Supponho ser esta a pergunta que me fará o leitor, de espirito bem formado, com uma justa noção dos interesses e do decôro do país. E' esta a pergunta que eu venho de formular aos raros politicos da monarchia com quem fallo e que venho de procurar numa pequena digressão de reportagem.

O rei, como sabem, chegou ante ontem. Ontem, Hintze teve com elle uma demorada conferéncia, que notas officiosas dizem ter versado sobre o que se passou nos últimos dias, *quer em Londres, quer em Lisbôa*. Conhecer por miudos essa conferéncia seria, sem dúvida, saber o que no momento mais interessa á politica portuguêsa. Mas devo confessar-lhes que por ora nada sei.

Os individuos que avistei nada me souberam dizer de claro.

Em que todos sam concordes é na informação de que o rei offereceu magnanimamente a Eduardo VII, como um alquilador pode offerecer os seus cavallos, alguns milhares de homens. Igualmente é opinião geral que o governo, num primeiro impulso, pensou em resistir.

Mas pactuou por fim o governo?

Convenceu se?

Resiste?

Eis o que resta apurar.

Diz se entretanto que, no caso de partirem com effeito alguns milhares de portuguêses, irám como que á formiga, no intuito de não levantar grande clamor. E sempre, claro, com o pretexto de reforçar a guarnição de Moçambique.

O povo e o exército devem ter isto em vista.

A guarnição de Moçambique tem já mais que as fórças normaes.

Todas que partirem d'ora ávante devem considerar-se como destinadas não a guarnecer a provincia mas a prestar appoio á Inglaterra.

Apoio que, collocando o exército português na última das degradações, arrastaria êste país á mais solemne, á mais indelevel ignominia.

Apoio que representaria a morte, pela podridão, desta desgraçada nacionalidade portuguêsa!

o

Enquanto se esperam noticias sobre êsse assumpto, superior a todos, falla-se tambem no conflicto com a Hollanda. — Uma vergonha mais, e bem grave para o nosso país!

Conhecem a história dêsse conflicto que, para se julgar do epilogo, deve ser agora recordada.

Era consul em Lourenço Marques, simultáneamente da Hollanda e do Transwaal, um individuo de appellido Pott que o governo português accusou, de mais de parcialidade a favor dos boërs — de excessiva incorrecção.

O governo português tirou lhe primeiro o *exequatur* de consul de Transwaal.

Depois reclamou junto do governo hollandês, que não fez caso.

Por último tirou-lhe o *exequateur* como consul da Hollanda.

Fôram estas as circunstáncias em que a Hollanda mandou sair o seu ministro de Lisbôa, o que determinou a retirada do ministro português de Haya.

Casa entretanto a rainha da Hollanda e o governo manda o ministro português para Haya.

A seguir diz-se que a Hollanda, tendo em consideração esse facto, manda o seu ministro para Lisbôa, e está liquidado o incidente.

Aínda que fôsse só isto, já não era decoroso.

Portugal fôra evidentemente quem dera o seu braço a torcer, como é d'uso dizer-se.

Mas eis que entretanto apparecem na imprensa estranjeira telegrammas desta ordem:

«*Haya 9 de fevereiro*.—M Van Veede, ministro dos Países Baixos em Portugal, partiu para Lisbôa.

O ministro português havia declarado, em nota ao ministro neerlandês, que jámais tivera a intenção de ser desagradavel à Hollanda, país com que Portugal deseja manter as relações mais amigaveis.

O ministro dos negócios estranjeiros, sr. de Beaufort declarou, numa entrevista aqui realisada, ao conde de Salir, ministro de Portugal, que **não podia reconhecer por completo a exacção da defêsa do governo português,** mas que apreciou as boas disposições do governo português para com a Neerlandia e que, no interesse das relações amigaveis dos dois países, **está resolvido a dar o incidente por findo, com a condição expressa de que M. Pott poderá voltar para o seu posto em Lourenço Marques encontrando alli a absoluta protecção a que todo o neerlandez tem direito nas colonias portuguêsas.**

O governo português assim se comprometteu.»

Outros telegrammas sám ainda mais cathegóricos. A Hollanda impoz a condição de M. Pott voltar ao seu antigo posto.

E' só sobre este ponto que apparecem desmentidos officiaes. O resto é exacto.

Quer dizer: a Hollanda não se contentou apenas com o facto de Portugal commetter um indiscutivel acto de subserviéncia, com o envio dum representante —o mesmo que fôra por ella obrigado a sair de Haya—ás festas da rainha Guilhermina.

A Hollanda não se contentou aínda em declarar-se pouco satisfeita com a defêsa do governo português.

A Hollanda quis o que póde traduzir-se por estas palavras:—Para eu ficar satisfeita, é preciso que possa regressar a Lourenço Marques, com garantias de respeito, o homem que os senhores forçaram a saír de lá, dirigindo-lhe tantas accusações.

Só assim!

E Portugal, de cabeça baixa, responde:—Pois não... Tudo que os senhores quizerem...

•

Registando com o maior prazer o grito que d'aí soltou a academia contra os jesuitas, creio poder affirmar-lhes que, salvo se se precipitarem os acontecimentos relativos á Africa, se iniciará tambem em Lisbôa, depois do carnaval, um grande e sér o movimento contra a seita que acaba de fazer accordar a Espanha para uma agitação que bem póde vir a ser asua redempção.

Depois do carnaval... O que virá cá fazer êste paspalhão!

F. B.

Grave manifestação

O sr. D. Carlos trouxe da sua viagem um pouco de amuo. Não de origem inglêsa, mas de pontos intermédios.

Por exemplo:—Apesar de viajar com *rigoroso incognito*, à ida teve em Paris várias considerações, como a de ser cumprimentado por representantes do presidente da república e do governo, se bem *que de categoria não muito elevada*, diz um jornal em ares de sentimentalidade.

A' volta o sr. D. Carlos passou desappercebido na capital francêsa. Por vir com *rigoroso incognito*? Mas fora para lá com o mesmo *rigoroso*... Por que não appareceu, pois, na estação, um único francês com caracter official?

Quási dois terços da divida externa portuguêsa estám em París. Sabe-se como os nossos governos têem tratado essa questão de honra nacional. Sabe se mais que êsses credores estám de olhos fitos na administração financeira nêste país; que vêem esbanjar a mãos largas o que devia economisar-se; que naquella nacionalidade, o próprio governo inclusivé, é quem se occupa dos negócios de cá. E como a marcha dêsses negócios e a orientação seguida sam tudo o que ha de mais louco, esta coisa succede:—A desconfiança accentua-se, aggrava se, é o termo, e os centros financeiros põem-se ao largo deixando nos á margem, e, para não haver equivocas, pregou com a demonstração dêsse propósito, ou dêsse acto, nas bochechas do sr. Carlos, o chefe d'estado.

Sam os fructos da sua acção absolutamente pessoal; da sua annuéncia á politica de p'ró-partidarismo a que os seus governos se entregam. Não tem pois de que queixar se...

Condimentando o facto, um jornal antevê nelle um arrefecimento de relações, prejudicial pelas ligações e interesses que ha entre os dois países.

Claro está que é um arrefecimento, de resto manifestado pelos outros países com quem temos relações mais directas;—excepção feita *á amiga* Inglaterra, que tanto nos considera pelo que valemos para os seus interesses. Mas donde o pomo dêsse arrefecimento quasi geral? Do receio da catolice, está bem visto.

O mesmo jornal chama ao facto—*Situação melindrosa*, e diz que o acontecimento dá que pensar.

Qual história!—Lá temos a alliada, a Inglaterra, que assombra o mundo com as suas riquezas e espanta as gentes com os seus barcos. E como *isto* é do regimen e seus representantes, na hora dos apuros ella salva a situação e leva o que nos ambiciona.

Será uma situação definida e uma nação liquidada.

Guerreiro e Monge

Continúa com a maior regularidade a publicação que a emprêza de *O Século* está fazendo dêste notavel romance de Campos Junior, em terceira edição de luxo, por um preço baratíssimo. Recebemos as cadernetas 2.ª e 3.ª, que agradecemos.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Os jesuitas no Porto

Pelos jornaes do Porto chegou-nos a noticia de mais um attentado jesuítico que, pela ruidosa audacia com que foi commettido, virá decerto acabar de vez com a indifferença dos que veem phanthesia e exagero de republicanos na campanha que todos os espiritos livres e honestos vêem levantando contra a miseravel seita que em nome de Deus nos rouba os filhos e envenenando os sentimentos mais sagrados, prégando a luxúria e o crime como sordidos ladrões, sem coração, sem alma, sem um perfume de bondade que não seja mentido, sem um olhar, sem um gesto que não seja feito de hypocrisia e de infámia.

E é de tal maneira poderoso o predominio exercido pelos bandidos sobre os espíritos do nosso povo, é já tão vasta a rede lançada para a colheita dos corações, que elles não temem de atacar em pleno dia, e á viva força—elles os unctuosos, os covardes que mascaram com a humildade e com o martýrio o veneno que lhes poreja das almas miseraveis.

Mas deixemos à própria eloquéncia dos factos, singellamente narrados, o trabalho de convencer os que aínda duvidam do imminente perigo, e de appelar para todos os fortes e para todos os bons, chamando-os a uma lucta sem piedade e sem tréguas contra as serpentes de roupeta, que sombria e impunemente vão entrando no coração das famílias a destruir-lhes a paz, a felicidade e o amôr.

•

Pelas 11 horas e meia da manhã da igreja da Trindade, ia sahindo o sr. dr. Calmon, consul do Brazil no Porto, acompanhando sua mulher e sua filha, quando se lhe deparou um grupo entre o qual se encontrava um tal sr. Fructuoso da Fonseca, da redacção da *Palavra*, que se não é doido é com certeza um miseravel ladrão de mulheres, e que de ha muito vem calumniando torpemente o sr. consul do Brazil.

Ao deparar com êsse grupo, refere o sr. dr. Calmon—minha filha disse qualquer coisa á mãe a qual se abraçou a ella, dizendo: Não, minha filha, não consinto. Então comprehendendo o que se tratava, avancei para o grupo, erguendo a bengala, dizendo lhes que castigaria o primeiro que lhe tocasse.

Mas o individuo investiu contra mim, perguntando-me: E que tem o sr. com esta senhora?—Sou o pae e defendo minha filha contra os ladrões das filhas alheias!

E por minha vez perguntei-lhe: E o sr. quem é? ao que elle retorquio: Pouco importa sabê lo!

Foi então que os do grupo tentaram envolver-me e ás senhoras e que gritei por soccorro:

Attrahido pelo ruído appareceu um redactor do *Diário da Tarde*, a quem o sr. consul pediu que offerecesse o braço a sua filha que se havia segurado ás grades do átrio, dizendo que não estava doida e queria servir só a Deus.

Nêsse momento a chólera dos bandidos tomou taes proporções ao sentir escapar-se-lhes a preza, que chegaram a insultar brutalmente o pobre pae clamando contra o tyranno que maltratava a filha...

Nada conseguiram, não obstante, e como se fôsse juntando immensa gente indignada contra o covarde, attentado a cáfila jesuitica teve de retirar apressadamente sob a chuva de pedras que a multidão lhe atirou enquanto o dr. Calmon e sua familia retiravam num carro para casa.

Não existem dúvidas de que ha muito se estava tramando o infame attentado, e o próprio sr. Calmon affirma que sua filha estava informada, sobre o que devia succeder, pelo seu confessor semanal, única pessôa com quem, além de sua familia, nutria relações.

Assim se deram os factos assim os jornaes do norte os referem singelamente; de nenhuns commentários precisariam pois que por si sam bastante para indignar os mais indifferentes e erguer todas as consciéncias incorruptas num grito de sagrado ódio e de enérgica revolta contra os bandidos negros e ladrões sem pátria e sem amôr, que têem por único fim na terra o roubo e a infámia, o vício e a hypocrisia, a destruição da família, sem um estremecimento de piedade ante as lágrimas que fazem derramar, sem uma hora de remorso pelas tantas pobres almas que vám assasinando.

E' preciso luctar e luctar muito, sem demoras e sem medo, que nesta hora seria um crime, até que o jesuita desappareça da nossa terra, sem mais um lar que o seu hálito empeste, sem mais um coração que a sua baba envenene.

A' academia de Coimbra, a indisciplinada e heroica de todos os tempos, contra todas as villanias, cabe a honra de encetar essa guerra que ha de ser de morte contra a reacção clerical, contra o banditismo jesuítico.

Que todos os portuguêses honestos, todos os liberaes convictos a acompanhem na sua obra de libertação e justiça.

Tuna compostellana

E' esperada ámanhã nesta cidade a tuna dos estudantes de S. Thiago de Compostella, que vêem de visita à academia de Coimbra. Desde que se encontram em Portugal têem tido o carinhoso acolhimento próprio do cavalheirismo do nosso povo, e ámanhã ham de ser recebidos em Coimbra não só com a fidalga cortesia que caracterisa a população desta cidade, mas aínda com a calorosa estima da mocidade académica, que desta maneira não só obedecerá á nobreza tradicional do seu modo de sentir, mas aínda retribuirá o agasalho fraternal que aos estudantes de Coimbra tem sido dado nas cidades espanholas que visitaram.

Preparam se festejos de recepção aos estudantes de Compostella; bemvindos sejam elles a esta terra, que é, pode dizer-se, o coração de Portugal, sempre aberto a acolher a todos os estranjeiros, quanto mais a êstes que, além de representarem a juventude enthusiasta da nação visinha, representam aínda a honrada e laboriosa Galliza, ligada a Portugal por tam íntima affinidade de pensar e de sentir.

Hoje mais do que nunca devem ser fecundas estas transfusões de affectos entre a mocidade dos dois países, que mutuamente anceiam em aspirações redemptoras de liberdade, para que devem conjugar o ardor dos seus esforços, caldeados na impetuosa sinceridade das suas almas immaculadas inda.

Bemvindos sejam, pois, os estudantes de Compostella!

•

No sábbado pelas duas horas da tarde irá a Tuna visitar a Associação Commercial, onde será recebida pelos corpos gerentes desta associação, sendo entregue aos estudantes compostellanos uma mensagem encerrada numa pasta.

Dizem-nos que esta, executada pelo habil e intelligente ourives, sr. Manuel Martins Ribeiro, é dum delicado e fino bom gosto.

A *Resisténcia* associa se a todas as manifestações festivas que se façam á Tuna de S. Thiago de Compostella e na saudação que lhe dirige envolve na mesma sympathia affectuosa toda a mocidade sincera e liberal da Espanha.

•

O programma, que tem approvação superior, é como segue:

Sexta feira

A' 1 hora da tarde, chegada dos estudantes gallaicos á estação nova, onde serám recebidos pela Academia, Associação Académica, Tuna e corporações civis e commerciaes;

Em seguida organisar-se-ha um cortejo que desfilando pelo Caes, Portagem, ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz, largo de Sansão e Santa Cruz, Alexandre Herculano, Arcos do Jardim e rua Infante D. Augusto e terminará na Universidade;

Recepção dos estudantes compostellanos pelo ex.mo prelado das escólas e corpo docente da Universidade, na sala dos actos grandes.

Em seguida visitas ás sédes da Tuna e Associação Académicas, na primeira das quaes lhes será servido um copo d'água.

A' noite, pelas 8 e meia horas, grande sarau no theatro-circo pelos hespanhoes com a collaboração da Tuna e estudantes portuguêses.

Sábbado

A's 10 horas da manhã, visitas aos estabelecimentos da Universidade.

A's 2 horas da tarde recepção na Associação Commercial onde será offerecido aos estudantes espanhoes uma mensagem em artística e rica pasta de pellúcia e um delicado copo d'água.

A's 7 e meia horas da tarde, sessão solemne no Instituto promovida pela Tuna Académica.

Domingo

Pela manhã, visita aos monumentos públicos.

A' tarde, grande banquete de despedida.

Segunda feira

Despedida dos estudantes espanhoes ás 4 horas da manhã.

•

E' o seguinte programma do sarau:

1.ª parte: N.º 1—Passe-calle *Viva Portugal* pela tuna espanhola.

N.º 2—Aria galllega.

N.º 3—*Brumas* (Redowa), idem.

N.º 4—Jota guitarrico.

N.º 5—Pizicatto (gavota).

N.º 6—Uma cançoneta pelo ex.mo sr. João Carvalho.

Intervallo

2.ª parte: N.º 1—*Aldighieri Junior*, scena cómica pelo ex.mo sr. Raul d'Abreu.

N.º 2—Campanone, Ouverture-Mazza, pela tuna portugueza.

N.º 3—*Le bal des fleurs*, (gavote) J. J. d'Almeida, idem.

N.º 4—*Tout en rose*, suitè de valsas Waldteuff. idem.

N.º 5—Gioconda, Bailados da Opera, Pouchielli, idem.

3.ª parte: N.º 1—*Os milagres*, cançoneta por José Pinto.

N.º 2—Grupo de guitarras da tuna portuguêsa.

N.º 3—Passe-calle, *Viva España*.

N.º 4—Valsa bailado pelos pandeiretas.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Alto exemplo de civismo

E', decerto, bem conhecido o caso Ubao de Madrid: — Um jesuita novo e guapo conseguiuo fazer-se confessor duma menina nova e rica, filha da viuva Ubao, insinuou-se-lhe por tal fórma no espirito, que a levou a recusar o noivo com quem estava para casar, a entregar-se cegamente ao seu domínio espiritual e a decidir abandonar a mãe para seguir a clausura.

Nova e rica — que outras servas de Deus não agradam à jesuitada — a menina Ubao era uma preciosidade. E entrou no convento.

A desolada mãe recorreu aos tribunaes, e, em primeira instância, o acto da pobre illudida foi validado como uma manifestação explicita da sua vontade: — o jesuita triumphava.

A sr.ª Ubao, porém, não se conformou. Ao seu coração repugnava não tentar o último exforço para salvar a desgraçada filha, victima da seducção exercida no confessionário por um D. João de roupeta, e, para arrancá-la ao antro onde o vicio preverteria a sua alma simples e boa, tentou, num extremo de dedicação, num santo exemplo de amôr, chamar ainda em seu auxílio o socorro da alta magistratura, lutando assim heroicamente contra a forte influéncia da seita que tudo faria para se lhe não escapar valiosissima presa — uma mulher nova e herdeira rica.

Levou o seu recurso ao supremo tribunal, e teve a enorme ventura de ser ouvida.

Naquella instância foi revogada a sentença da primeira, apesar de na Espanha haver a existéncia legal dos conventos.

A menina Ubao é, pois restituida a sua mãe, em virtude da sentença fundamentada nêstes termos:

O aresto do Supremo Tribunal de Justiça relativo ao processo Ubao diz que os tribunaes inferiores, interpretaram mal o Código civil; accrescenta que a senorita Ubao abandonando o domicilio materno commetteu um acto prohibido pelo artigo 321.º do mesmo Código; e ordena que a senorita seja restituida a sua mãe.

A sentença é assignada pelos sete juizes que constituem o tribunal. Isto é, foi proferida por unanimidade, conquistando os applausos geraes da opinião sensata e liberal, pois demonstra bem com quanta independéncia procede a alta magistratura espanhola, apezar de ver-se cercada pela influéncia jesuitica num país onde as ordens monásticas sam permittidas.

Nobre e salutar exemplo de civismo deu êsse tribunal, impondo aos lobos de batina uma reprimenda que é ainda benéfica pelos esclarecimentos que proporciona:

Foi curta a clausura da pobre menina; bastante, comtudo para ella manifestar já o seu arrepenpimento pela loucura a que se deixou arrastar.

Convencida de que não cedeu á tendéncia mas á suggestão habil e capciosamente exercida sobre a sua inexperiéncia e bondade de sentimentos, viu no antro em que encorreram quão refalsadas sám as prédicas dos seductores.

Submettida á aspereza dum regimen brutal, obrigada a deixar-se conduzir como um automato, cercada por mulheres de infimo caracter, com o nome de freiras, que procuravam envenenar a sua alma ingénua e crente, abordada depois por untuosos mariolas que tentavam inveterar-lhe, no ánimo as mais ruins paixões, comprehendeu um pouco o horror da sua situação. E impulsionada pelos sentimentos de dignidade que não haviam conseguido inutilisar lhe, poude reagir contra as infernaes tentativas de que era alvo, e em que iam, a par de outras indignidades, a conquista da sua fortuna.

Hoje testifica que para o conseguimento e absoluto segredo de tudo aquillo, lhe não permittiam fallar a pessoa alguma sem a sintinella duma freira, furtando-a á conversa se ella ia além do que a *ordem* permittia, e que não deixavam chegar ao seu destino as cartas que escrevia a sua mãe, nem receber as que ella lhe dirigia.

Era, pois, nas mãos dos jesuitas, uma existéncia perdida para o mundo e para a família.

Tome-se agora para exemplo o nobre proceder da alta magistratura espanhola, e presuma se o que em circunstância idénticas teria conseguido, a favor da *ordem* e do seductor, a jesuitada de casaca e de rendas caras que abunda em Portugal e tem o seu quartel general no paço.

Não servirá mais êste caso a prevenir os chefes de família?

Faculdade de theologia

Já deu, ou vai dar entrada na cámara dos deputados uma representação, firmada pelo sr. vice reitor da Universidade e pelo professorado da faculdade de theologia, reclamando contra um projecto de lei que pela segunda vez apparece no parlamento, e que pede a fusão das duas cadeiras de direito eclesiástico da faculdade de direito, para dar logar á creação duma cadeira de direito internacional público e privado.

Pondera a faculdade de theologia que tal fusão importaria uma importante perturbação para o seu ensino; e, sem deixar de reconhecer que é gravemente sensivel a falta, na faculdade de direito, da cadeira a cuja creação o projecto mira — direito internacional público e privativo — adduz, expondo razões e citando exemplos, que o satisfazer a essa necessidade pelo sacrificio do ensino theológico, fundindo duas cadeiras, o que redunda numa perfeita suppressão, não será uma solução justa nem curial com a importáncia que a faculdade intende deve assumir o ensino theológico no primeiro estabelecimento scientifico do país. E como resolução que obste á deficiéncia desse ensino, termina pedindo:

A transferéncia da cadeira de direito eclesiástico geral para o quadro das suas disciplinas, sendo regida, desde que as forças do thesouro não permittam a creação dum logar de cathedrático, por um professor substituto da faculdade, ou por um cathedrático que accumule essa regéncia com o serviço da sua cadeira.

BAILES

Tal como presumimos, o baile no Atheneu Commercial redundou numa noite em extremo agradavel e cheia de atractivos, com que a commissão promotora e a direcção penhoraram as damas e cavalheiros convidados.

A sala muito bem ornamentada, em allusões carnavalescas, farta de luz que um bom número de bicos *Auer*, bem distribuidos, espalhava a jorros, offerecia uma vista deliciosa, que mais era realçada pela variedade de *toilettes* das senhoras.

A dança começou cêrca das 10 horas, e num crescendo de animação prolongou-se até ás 5 horas da manhã, entrecortada do tiroteio de papelinhos e serpentinas e por entre a alegria suave e doce dos pares, e o cavaco alacre dos que não dançavam.

Simplesmente bello e penhorante.

*

No Centro de Instrucção Commércio e Indústria, duas noites igualmente bellas — domingo e terça feira.

Espectáculos lyricos

Está já distribuido o prospecto para os três annunciados espectáculos no circo pela companhia lýrica que tem estado no theatro de S. João, do Porto.

Sam nos dias 27 e 28 do corrente e 1 de março com as peças de grande espectáculo — *Sonámbula, Carmen, Cavallaria rusticana* e *Lúcia de Lamermoor*.

Fazem parte da companhia artistas de superior reputação, que o nosso público não deve deixar de ir ouvir, mormente attendendo a que raras vezes nos é dada a felicidade de assistir a espectáculos neste género, e com os quaes o bom do Lucas segue no bello propósito de trazer a Coimbra o que ha de melhor em companhias theatraes.

A assignatura continúa aberta nos logares do costume, sendo os preços os seguintes:

Assignatura — camarotes, frente, 5$500 réis; lado; 5$000; fauteuils, 1$000; cadeiras, 800; superior, 700; geral, 300.

Avulso — camarotes, frente, 6$000 réis; lado, 5$500; fauteuils, 1$200; cadeiras, 1$000; superior, 900; geral 350.

A panacéa das propostas

Diz se que o minstro da fazenda apresenta, segunda feira, as suas propostas na cámara.

Já vimos que ha promessas: — não sam annulladas nenhumas contribuições, mas remodelado o systhema de cobrança *por modo a evitar vexames*.

A eterna chapa de todos os dentistas que attingem a pasta fazenda. Aquêlle *evitar vexames*, é como quem diz: — *que alguem se escape*.

Esperémos.

Mais se annuncia que seguidamente apparecerám as propostas das obras públicas, do reino, e da justiça, sendo tudo lido, talvez até ao fim da semana.

Que de refórmas vamos ver! E ao fim, a mesma situação de calotice e de desaires ante o mundo. Tem sido isso o pão de cada dia, por que é isso o systhema, a norma do regimen.

ADVOGADO

CLEMENTE ANNIBAL DE MENDONÇA

Conservador privativo do registo predial de Coimbra

R. dos Coutinhos, 3

Banco Commercial do Porto

Sociedade anonyma responsabilidade limitada

O dividendo do 2.º semestre de 1900, é de 2$000 réis e pagase todos os dias úteis das 10 ás 2 horas da tarde no escriptório do representante do mesmo banco, nesta cidade abaixo assignado.

Coimbra, 20-2-1901.

Basilio A. Xavier d'Andrade.

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a finêsa de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviçaras.

---

7 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

IV

Angustias

A este tempo, a madrinha e a afilhada continuavam no quarto: Regina calada; Elisabeth com os olhos levantados para ella como um cão inquieto.

— Madrinha, não deve affiigir-se; que quer, não foi por sua culpa que o conde deu cabo d'ametade da sua fortuna, que fez loucuras, e que se matou com um tiro de rewolver!

A condessa suspirou.

— E' verdade. Mas ham de dizer que fui eu quem teve a culpa.

— Não creio que o mundo seja tam mau como isso; a verdade acaba sempre por triumphar. Não é verdade?

Regina não respondeu. Se o conde tinha culpas, ella tambam as tinha. Não podia dizer á afilhada: «Se se souber a verdade, ham de por isso mesmo pensar que a culpa é grande e minha.» Não podia dizer: «Soffri por causa do conde, a principio vinguei-me fazendo toda a especie de sacrificios. Trahiu-me cem vezes. Salvaguardei a honra da casa. Enlameou até o limiar da porta, eu fiz entrar o adulterio até á cámara nupcial.» Não podia dizer: «Comeu metade da minha fortuna com mulheres de má nota, mas eu paguei as dividas do amante.» Não podia dizer...

Caiu pela segunda vez de joelhos e levantou as mãos ao ceo.

— Oh meu Deus, meu Deus.

Dobrou a cabeça e occultou a fronte nas mãos.

— Sim! A morte ou o convento!

— Madrinha, se fôr para um convento, quero ir tambem consigo.

— Minha filha, para que te havia de arrastar na minha desgraça?

Regina levantou-se e foi abrir a janella; aquella mulher violenta achava pequeno o quarto para respirar.

Achava se na tempestade mais violenta da sua existéncia. Procurava ou succumbir ou encara la de face.

A condessa não era das que se submettem, mas das que se quebram. Tinha conservado nas humilhações da paixão a altivez do coração. Tinha-se tornado a escrava dum homem, mas não queria que a accusassem duma covardia.

Depois de ter respirado durante alguns minutos, voltou se para Elisabeth com a physionomia mais séria, como se se tivesse decidido a tomar um partido. Não ha nada para a fébre como a indecisão, nada socega como uma resolução tornada.

Foi assentar-se deante duma mêza pequena coberta de papeis; pegou numa penna e escreveu êste bilhete:

«Não volte mais, meu amigo, não me torne a escrever, não me continue a amar.

«E peça a Deus por mim.

Regina.

Elisabeth não era curiosa; mas leu sem querer, aquellas três linhas escriptas na grande lettra das mulheres do tempo de Luiz XIV, lettra aristrocatica; por que indica o domínio, lettra que traz um vestido de cauda, e que marcha, sem mêdo, para deante.

Apesar de Elisabeth estar muitas vezes no quarto da condessa, era a primeira vez que Regina escrevia deante da afilhada.

— A quem escreve ella assim? perguntou Elisabet.

Mas não poude sabê-lo; porque, a um olhar da condessa, affastou se, com mêdo de ser apanhada pela condessa em flagrante delicto de curiosidade.

— E' preciso fechar a janella, madrinha?

— Pelo contrário, era preciso abrir a outra.

Aqui abafa-se; além disso tenho de sair.

A condessa que tinha deitado o chapeu e a pelliça sobre a cama, tornou a pôr o chapéo e estendeu os braços para Elisabeth para esta lhe vestir a pelliça.

— Quer que vá consigo?

— Não. Vou perto. Pouco tempo me demoro.

Regina saiu com a carta na mão.

— E' curioso, disse Elisabeth quando ficou sósinha.

Porque escreveria ella; *não me continue a amar?*

Elisabeth procurava nas relações da condessa, quem poderia ter inspirado aquellas palavras. A ideia de que a condessa podesse ter um amante não lhe viera ao espirito. Havia muitos amigos que, antes da tempestade da separação pedida, vinham á noite jogar o wisth ou tomar chá em casa do conde e da condessa de Romanes. Elisabeth não assistia, mas, apezar disso, via bem o que se passava; além disso, assistia a todos os jantares mesmo quando havia gente de fóra. A maior parte dêsses senhores, mais ou menos amigos do conde, eram muito galantes com a condessa, mas a galanteria era só dos lábios; não se podia dizer que um fôsse mais aciduo que outro. E depois a condessa era tam bella que se não podia ver sem se lhe dizerem amabilidades.

Elisabeth parou, ao ter aquella ideia de que um dêsses senhores se tinha arriscado a declarar lhe o seu amôr: a condessa que talvez não se tivesse offendido com uma phrase ligeira, porque não era bisonha, não queria sem duvida mal entendidos, agora que o marido morrera.

— Fez bem, disse Elisabeth; quando andava furiosa com o marido, podia, honestamente, ouvir um namorado; mas agora que o conde se tinha suicidado, não quer nada que altere a austeridade de sua viuvêz.

Dôce opinião duma ingénua!

A condessa de Romanes tinha ido levar a carta á estação da avenida de Friedlaud.

Como ia muito depressa, deu um encontrão numa senhora, sua visinha, que conhecia e com quem se dava muito.

— E' a senhora?

— Sou eu.

E nem mais uma palavra.

Quando a condessa deitava a carta, o curioso que vimos no primeiro capítulo, e que voltava do club pela rua de Saint Honoré, deu lhe por sua vez um encontrão para entrar no estanco. Naturalmente, olhou para ella; daquella vez, deante daquella acção tam simples de deitar uma carta ao correio, pensou que a boa educação lhe não prohibia que a comprimentasse.

Apezar de ser dos amigos della, mal lhe abaixou a cabeça, ao voltar-se para se ir.

— Ah! com effeito, disse Arthur Vallon, passo sempre a propósito. Queria saber a quem ella escreve.

Arthur Vallon queria sobretudo saber o que havia na carta que a condessa acabava de deitar ao correio.

(Continúa.)

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO
(O único nacional)

Economia garantida de 50 0[0]

Bico Bébé Aureo a 2$000 réis
Bico n.° 1 a 3$000 réis
Bico n.° 2 a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.° 1 400 réis e n.° 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.
Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.
Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.°

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA
171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zig-zag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.
Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA
171, Rua Ferreira Borges, 173
COIMBRA

PEREIRA ALFAIATE
Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.°

COIMBRA

COZINHA POPULAR
RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31
Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.
Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

Guerreiro e Monge
POR
A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*
43, R. Formosa, 43
LISBOA

Praticante de pharmácia
Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Bom emprego de capital
VENDE-SE uma explêndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um explêndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.
Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.° 40, onde se trata da venda.

ARRENDAMENTO
Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.
Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão
e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.
Depósito geral:

Pharmácia Oriental
DE
FERREIRA MENDES
Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.
Caixa: no Porto, 200 réis: pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

João Chagas & ex-tenente Coêlho

História da Revolta do Porto
DE
31 de janeiro de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.
Assigna se aos fascículos semanaes de 16 páginas, ao preço de 60 réis, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — pagos no acto da entrega.
Pedidos á **Empreza Democrática de Portugal,** rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e á **Agéncia de Publicações do norte,** rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia, — em casa dos agentes.

QUINTA
Vende se uma em Ançã, muito perto da Villa, chamada Quinta do Monte da Casa, e pertencente aos herdeiros do fallecido sr. José Marques Lourenço. Esta quinta está muito florescente, pois tem muitos milheiros de bacello posto e tem terreno para muito mais.
Tem muita fructa, azeite e muitos matos.
Da última colheita já se envazilharam 600 almudes de vinho e tem muito bacello que ainda não dá vinho.
Tambem se vendem casas e adega na mesma Villa, assim como vazilhame e muitos utensilios, taes como: alambiques e pias de pedra para azeite, etc, etc. Tudo isto deve ser vendido em praça particular, convindo o preço, cuja praça terá logar nas ditas casas, em Ançã, no dia 17 do corrente ao meio dia.
Para esclarecimentos, falar com Manuel dos Santos Silva, em Cantanhede.
Cantanhede, 10 de fevereiro de 1901.
Manuel dos Santos Silva.

Salon de la Mode
Grandes novidades para vestidos.
PREÇOS BARATÍSSIMOS

ATTENÇÃO
A quem perdesse uma bolsa de senhora, com qualquer importancia em notas dentro, no dia 8 de fevereiro na cidade de Coimbra e que ainda lhe não tenha sido restituida, queira dirigir-se ao destribuidor telegrapho-postal da mesma cidade António Gomes Soares da Silva, que posto não tenha o dicto objecto, dá explicações verdadeiras do seu paradeiro.

Tribunal Commercial
DA
COMARCA DE COIMBRA
Arrematação
Fallência de Santos & Brito
(2.ª publicação)

No dia 24 de fevereiro corrente, pelas 11 horas da manhã á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na praça Oito de Maio, desta cidade, pelo processo da fallência Santos & Brito, que corre seus termos no cartório do escrivão abaixo assignado, vám á praça, sem valor, todas as dividas activas da mesma massa na totalidade de cincoenta e cinco contos quinhentos e vinte e quatro mil trezentos e oitenta e um réis. O arrematante fica com o direito e acção que a massa tem contra os devedores por letras de responsabilidade solidária com o fallido Santos & Brito pelo que a mesma pagou e está para pagar, até liquidação final, á Agéncia do Banco de Portugal nesta cidade e ao negociante desta praça Francisco Rodrigues da Cunha Lucas. A escripturação da massa fallida acha-se em poder do administrador da mesma Manoel Abílio Simões de Carvalho, onde póde ser examinada.
Verifiquei a exactidão,
O juiz, presidente do tribunal do commércio,
R. Calisto.
O escrivão do 4.° officio,
Arthur de Freitas Campos.

Fábrica de cimentos de Maceira
(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.
Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.
Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.
Cimento Rápido — Cal hydraulica.
Á' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.
Direcção para a fábrica.
MACEIRA — LEIRIA

Restaurador do cabello
PREPARADO POR
Francisco Miranda d'Assis
Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.
Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.
PHARMÁCIA ASSIS
41, — Praça do Commercio — 42
COIMBRA

Sapataria Progresso
(Antiga casa Daniel Guedes)
39 — Rua da Sophia — 41
Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.
Os preços, sam muito reduzidos — **Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**
RUA DA SOPHIA 39 — 41
COIMBRA

N.º 625 COIMBRA—Domingo, 24 de fevereiro de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, (com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÉNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

O NOSSO JORNAL

Com êste número entra no seu sétimo anno a *Resisténcia*. Nascida num momento fébril de patriótico enthusiasmo; embalada numa agitação enthusiasta de generosos ideaes; impulsinada por uma fé ardente e uma crença immaculada no futuro, que fará desta nação, escrava de preconceitos e privilégios, um povo livre, independente e forte, sem caciques que o fustiguem nem déspotas que o tyranizem; animado do desejo ardente de combater pela Pátria, contra os seus inimigos todos, combatendo pela República, fórma única de se levar o país á realisação dos seus destinos, a *Resisténcia* entrou denodadamente na lucta, desfraldando a sua bandeira vermelha e verde, que, através de tudo, tem mantido hasteada sempre.

Ha sete annos que trabalha e lucta, sempre estimulada pelas mesmas convicções, sempre norteada pelos mesmos ideaes. E cada vez se sente com mais enthusiasmo e crença. Com o novo anno que começa, ao alvorecer dêste século, presente que grandiosos acontecimentos solemnes se hám de desenrolar aos olhos das multidões: acontecimentos d'ordem politica e religiosa e social nas suas fórmas mais alevantadas e nobres. E aprestando-se para os rudes combates que se esperam, o nosso jornal abroquela-se na couraça inquebrantavel e indefessa dos seus ideaes, das suas convicções, do seu ardor enthusiasta, para levar á refrega o concurso do seu esforço, que ha de ser medido pela grandeza da sua dedicação.

Nêste momento em que, ao que parece, á Liberdade vam ser dirigidos ataques violentos e audazes pelo ultramontanismo jesuitico e reaccionário, que já arrojou de si a máscara de hypocrisia com que ia vivendo rastejando, a *Resisténcia* enfileira na vanguarda das hostes liberaes, que não pódem protelar para mais distante a guerra de morte que urge ferir.

E assim, combatendo sempre pela *República*, que é a formula sancta que abrange e consubstancia em si todos os principios de liberdade, com alegria e ardor e fé formará ao lado de todos os homens de coração e boa vontade que combaterem por ella numa lucta sem treguas contra a reacção politica e religiosa que avassalla o país.

A academia de Coimbra e o jesuitismo

O jesuita, ainda hoje o mesmo bandido social de 1540, —pois atravez a história a sua moral tem permanecido inalteravel, só mudando de nome e de disfarces, — desenvolveu entre nós as suas instituições por virtude do descalabro da consciéncia popular, incapaz de oppôr á protecção dos governantes a energia da sua vontade.

E assim do systemáthico e abusivo abandono em que jaz êsse memoravel decreto de 1834,—pelo qual Joaquim de Aguiar, completando a obra de Pombal e realisando o sonho que Mousinho da Silveira apenas esfumara, apontava á cohorte negra a estrada da fronteira, — resultou o triumphar impudico da jesuitada de sotaina e de casaca a absorver numa bacchanal canalha a liberdade de consciéncia.

Pois bem: os justificados receios de um retrocesso clerical, com todos os seus horrores, avolumam-se agora em toda a negrura dos seus contornos. Ao defender-se a França da nefasta influéncia do jesuitismo, faz-lhe voltar os seus olhares para a Peninsula, onde a torpeza dos regimens e a protecção dos palacianos sam segura garantia de um acolhimento carinhoso. Agasalho inefficaz e inutil, se o povo souber usar e fazer valer os seus direitos!

Perante a imminéncia do perigo e a gravidade da situação, á Nação liberal urge levantar todas as energias, preparar todas as consciéncias, armar todas as vontades para uma lucta tenaz, implacavel e santa contra a horda criminosa que se approxima. Urge arrancar ás mãos cobardes dos jesuitas todo o predominio que tenham conseguido em alguns annos de indifferentismo estúpido da nação, bafejado pela protecção escandalosa que lhe têem concedido aquelles que pelas responsabilidades da sua posição deviam de ser os primeiros a respeitar e a fazer cumprir a lei.

A *Academia de Coimbra* deu neste momento o signal de alarme a êste país adormecido. Retomou o seu clarim de guerra, com a energia e a altivez dos tempos idos. Comprehendeu que, se contemporisar é um crime, transigir seria nesta hora a traição mais degradante a todo o seu glorioso passado.

A geração de hoje, no principio dum século em que todos os espiritos tendem para a mais completa e perfeita liberdade, não quer contrahir perante a história as responsabilidades de aviltar um passado que, herança gloriosa, lhe cumpre manter pelo menos intacto, já que o não pode ennobrecer, valorisando-o. E á Academia de Coimbra assiste-lhe o direito de fallar altiva e desassombradamente. Tem na sua história páginas gloriosas, escripta, com o seu próprio sangue, generoso e moço, derramado nos campos da batalha.

Pela sua crença sincera na Liberdade e na Justiça, os estudantes nunca recusaram o sacrificio da sua própria vida, quer corresse perigo a integridade da Patria, quer fosse abalado o prestigio da Liberdade.

Quem não conhece a história dos batalhões académicos de 1645, de 1808 a 1811, de 1826 a 27, de 1828 a 34, e de 1846 a 47, tam fecunda em esforços de virilidade e de arrojo? E como não havia de ser assim, se a loucura indómita da mocidade tem impetos que ninguem é capaz de adormecer ou subornar, sendo sempre o precursor guerrilheiro da turba revoltada?

E assim os estudantes portuguêses iniciando na hora actual um movimento anti-jesuitico cumprem o dever de homens que estudam e pensam, orientando os ignorantes e os embrutecidos, e ao mesmo tempo o de revigorar a nossa raça pela abnegação do seu exemplo.

Á Nação liberal cabe aproveitar-lhe o esforço e secundá-lo, pois ainda é tempo de sacudir os jesuitas e para sempre. Jámais soará para elles a hora almejada da pretendida conquista do coração das nossas filhas e do espirito dos nossos filhos se, no momento em que a mocidade das Escolas prega contra elles uma cruzada santa, impulsionada por todos os seus sentimentos generosos, os liberaes desfraldando á luz, que a elles estonteia e cega, a bandeira intangivel do sanctuário da familia, exigirem do governo alguma coisa mais do que a observáncia das leis de Pombal e de Aguiar: a secularisação do ensino, o registo civil obrigatório e a eliminação da carta constitucional da vergonhosa disposição do art. 6.º

Cumpramos todos o nosso dever.

Que o esforço titánico das gerações que nos precederam e a sua tradicção de civismo, personalisada em Joaquim António de Aguiar, José Estevão, Mendes Leite, Almeida Garret, Luz Soriano e tantos outros, não se quebre em nossas mãos como mercadoria sem valor.

Ao contrario, engrinaldado pela nossa fé, seja nelle que procurêmes alento para a lucta implacavel aos paladinos do obscurantismo.

Mas se assim não for, se porventura o grito da Academia de Coimbra não encontrar echo neste desgraçado País, talvez para sempre perdido, morrendo ás mãos da jesuitada ignara que lhe corroe a seiva e canta o *de profundis;* — a academia, ficará ainda erecta, no meio da podridão em que se esphacela a sociedade actual, com a serenidade enorme que dá á consciencia a certeza do dever cumprido.

Arthur Leitão.

Occupam duzentas e tantas páginas as propostas que o ministro da fazenda ámanhã apresenta em cortes.

Um volume enormemente pejado, e um desperdício de papel em inutilidades gymnástica fazendária.

Carta de Lisbôa

22 de fevereiro.

Semana de Carnaval... Meia semana morta. — Lisbôa gozou, desvairou-se, fatigou-se, pondo de parte tudo. Os proprios que não fôram na onda ficaram a vêr os outros, aborrecidos ou indignados, mas pensando só no Carnaval.

E' tarde já para lhes dar notícias dêsses dias.

Em duas palavras, como symptoma, póde-se, porém, constatar que, se êste anno houve, como em nenhum, falla de espirito, de finura, de gentilêza — nem uma mascarada ou mascara que denotasse imaginação —, em compensação resurgiram mortas e já esquecidas brutalidades.

Quem passava pelo Chiado não tinha apenas o risco de ficar sujo. Saia tambem forçosamente, contendido.

Resuscitaram os tradicionaes pós de gomma e reappareceram os velhos ovos. Um dêstes maguou, parece que gravemente, ninguem menos que a própria esposa do governo civil.

No Turf gastaram se na 3.ª feira nada menos de duzentas dúzias d'ovos.

Duzentas dúzias...

E tanta gente a ter apetite dum ôvo estrellado e sem coragem de dispender o respectivo vintem!

o

Quando Lisbôa accordava, estremunhada, mal dormida, da orgia do Carnaval, a limpar se ainda da porcaria que se depositára sobre ella, caiu lhe a notícia do caso do Porto—o caso Calmon.

E foi como que um grande banho que a lavou e vivificou.

Produziu, com effeito, grande sensação aquella audaciosissima tentativa dos agentes do jesuitismo, aquélle último e inconcebivel arrojo para roubar de vez á familia uma filha querida.

O perigo negro appareceu, uma vez mais, como que fazendo estremecer esta sociedade imprevidente e descuidosa.

Em todos os corações bem formados surgiu natural e lógicamente o pensamento de combater á *outrance*, decidida e energicamente, a seita que symboliza. Mal.

Que êsse combate surja, esforçado e tenaz!

Que o grito que ai levantou a geração nova consiga levantar o país para um movimento de defêza.

O jesuitismo — eis o grande inimigo da sociedade portuguêsa, o seu estorvo, o seu travão.

Politica, arte, sciéncia, litteratura, costumes, tudo retrocede, mercê dêlle.

Escorraçá-lo é depurar esta sociedade de hoje, decadente e pôdre—é formar um Portugal novo, digno, honrado e próspero.

o

De politica, nada, pouco ha.

Continua a dizer-se que o governo sae ou se remodela, convergindo a conspiração contra o ministro da marinha.

Para se fazer ideia dessa conspiração basta ler o seguinte suelto publicado hoje no *Imparcial*, jornal onde escreve o sr. Ferreira d'Almeida:

«Corria ontem com grande insisténcia que alguns officiaes da armada, justamente indignados com o procedimento do sr. Teiveira de Sousa para com a mesma corporação, iam expôr ao sr. conselheiro Hintze Ribeiro os seus aggravos e pedir-lhe a saida do sr. Sousa dos conselhos da corôa.

«Mais se dizia que um illustrado official da armada, a quem o partido regenerador deve ultimamente favores politicos importantes, verberára ontem asperamente, alto e bom som, o proceder do seu ministro na própria sala de espera, junta ao gabinete do ministro, ao saber a fórma accintosa e impertinente porque o sr. Sousa attende a corporação.

«Constava ainda que corre assignaturas entre os officiaes da armada uma representação contra o mesmo ministro, na qual se põe em evidéncia a sua incompeténcia, a sua falta de seriedade e a sua evidente má vontade contra toda a corporação, de que infelizmente é hoje chefe.»

Acerca de Inglaterra suspenderam os boatos.

Mas Soveral, o marquês, foi ontem nomeado conselheiro de Estado.

...O marquês é aquelle que o *Correio da Noite* e o *Popular* disseram ser um assalariado pela *South Africa*...

F. B.

A cidade em festa

E' forçoso reconhecer que as festas de recepção aos sympathicos tunos de Santhiago de compostella, têem ultrapassado muitíssimo a geral espectativa.

Na estação

a manifestação à chegada, foi como que um grito vibrante e longo de início, que encontrou gratíssimo echo na maioria das collectividades officiaes e particulares, para o seguir do fidalgo acolhimento a que se tem assistido.

A Cámara, a Associação Commercial, tuna académica, Bombeiros Voluntários e uma enorme concorrência doutras aggremiações e classes estava na gare. A' paragem do combóio e saída dos tunos, irromperam vivas e palmas fazendo o sr. presidente da cámara, numa das salas da estação, um eloquente discurso de boasvindas, que fôram repetidas pelo presidente da Associação Commercial. Formou-se em seguida

O cortejo

que marchou caes além, e pelo itenerário já conhecido. A multidão apinhada opprimia-se nos passeios para dar passagem á mocidade académica espanhola e portuguêsa, que num amplexo de fraterna solidariedade, affirmava a unidade das suas aspirações e sentimentos em vivas significativamente eloquentes. E a multidão victoriava-os, enquanto das janellas, de que pendiam colchas, as damas os saudavam acenando lhes com os lenços e lançando-lhes flôres.

Assim se fez o trajecto até à Universidade, onde o sr. vice-reitor e corpos docentes lhe fizeram a

Recepção official

A grande sala dos capellos enormemente cheia; as tribunas repletas de senhoras, e cá fóra, na via latina, muitissima gente que já não tinha logar.

Após ter mandado lêr o officio em que o reitor da Universidade compostellana communicava a visita da tuna, o sr. vice-reitor proferiu um eloquente discurso, em que, referindo se ao passado glorioso da Espanha, deixou bem sinthetizado o seu voto por que estas visitas, repetindo se, estreitem os dois povos peninsulares numa mesma aspiração de progresso, dispensando se mutuo auxílio, e confraternisando nas horas de alegria como nos momende dôr.

O sr. dr. Mendes dos Remédios, fallou largamente, recamando a sua saudação aos tunos espanhoes de citações sobre a litteratura e história do país visinho. O sr. dr. Daniel de Mattos apreciou a mulher espanhola na sua apreciavel qualidade de mãe escrupulosamente educadora. O sr. dr. Rocha Peixoto, referindo-se à distincção conferida pela real academia de Madrid ao nosso compatriota dr. Gomes Teixeira, teve palavras de louvor e gratidão por êsse acto de justiça ao sábio mathemático português. O sr. dr. Bernardino Machado bordou phrases de eloquente e sublime preito à liberdade e independéncia dos povos, para referir ligeiramente como essa liberdade e independéncia é espreitada pelas nações poderosas para o alargamento do seu domínio imperialista mesmo à custa de vidas e sacrificios e até dos mais sacrosantos sentimentos de humanidade; e apontou com um dos exemplos mais frisantes, a guerra condemnavel movida pela Inglaterra ao heróico boër.

Brilhantes na fórma, empolgantes no sentir, dominadores na eloquéncia, todos êstes discursos foram abafados por ovações frenéticas e vibrantes.

Seguiram-se o presidente da commissão académica portuguêsa sr. Santos Monteiro, e o licenceado em philosophia sr. Costa Ferreira que, em orações breves mas distinctas saüdaram os espanhoes em requintes de amabilidade á nação vizinha.

O discurso de agradecimento pela grandiosidade daquella manifestação, proferido pelo presidente da tuna compostellana sr. Luis Cornille, foi primoroso, ainda pelas referéncias á afinidade de sentir entre os dois povos irmãos.

E assim terminou a recepção official da Universidade, seguindo se a da tuna conimbricense, na sua séde, fallando primorosamente os presidentes duma e outra e o sr. Grillo.

Ao ser servido o copo d'agua, trocáram-se brindes enthusiásticos de mútuas saüdações, que findaram por vivas calorosos ás duas tunas e academias, a Portugal e Espanha, ás Universidades, á raça latina, á liberdade, etc.

A's 5 horas e meia o cortejo poz-se de novo a caminho em direcção à baixa, para a recepção

Na cámara municipal

Sempre seguidos duma enorme massa de povo, os sympáthicos espanhoes e a academia pararam à porta dos paços do concelho levantando vivas à cidade e ao municipio. Subindo para a sala nobre, delicadamente adornada e onde a vereação os recebeu, fôram lhe dadas as bôas-vindas pelo presidente, sr. dr. Dias da Silva, que num bello improviso saüdou a Universidade de Compostella, a sua cámara e a sua cidade nas pessôas daquêlle troço de rapazes em quem via illustres representantes do fidalgo povo vizinho, em tantas particularidades irmão do nosso, pais que illumina o mesmo sol, refresca a mesma brisa, banham os mesmos mares e quási falla a mesma língua. Ha entre um e outro tantas e tam flagrantes similhanças que bem póde dizer-se ser essa nação nossa dilecta irmã. E terminando como começou, levantou vivas à cidade, à Universidade, e à cámara compostellanas.

Luis Cornille, o presidente da tuna espanhola agradeceu commovido a distincta recepção que a si e seus companheiros era feita pela illustre vereação orgulhando-se de poder gritar bem alto, ao regressar à sua terra, à sublime e apreciabilissima hospitalidade portuguêsa, affirmando se depois o sr. Santos Monteiro, presidente da commissão académica, immensamente grato á vereação por ter-se associado duma fórma tam distincta ás festas de recepção feitas aos seus collegas espanhoes.

Foi geral, e ruidosamente manifestada pela numerosissima concorrência que enchia a sala, o applauso á vereação por êste acto solemnemente apparatoso, que terminou pela repetição dos vivas á Espanha, a Portugal, ás Universidade e academias, etc., acompanhando os vereadores os visitantes até ao atrio.

Findaram aquí as primeiras manifestações, partindo os nossos hospedes e os estudantes para a Associção Académica, onde dispersaram até à noite, ao

Sarau no circo

Festa brilhante, onde a alma alegre e vibratil dos rapazes se expandiu largamente, ficando iniludivelmente evidenciado que um mesmo sentimento, uma mesma aspiração, de liberdade e progresso, de rejuvenescimento e independéncia pátria, anima as academias espanholas e portuguêsas.

Abriu pelo apparecimento daquella figura sympáthica e insinuante de Luís Cornille, um orador que sabe impressionar, architectando bellas imagens que, produzindo como que um fluido eléctrico, toca os corações dos que o ouvem, arrastando-os instinctivamente, quási póde dizer-se a esplosões de applausos em que vai um mixto de admiração e de communhão pelas esperanças que affirma, dum futuro amplo de glorias e respeitos para estas duas nacionalidades que por muitos principios e sentires se irmanam.

Uma rápida e brilhante oração de homenagens à cidade e à academia; à Universidade e ao município, a todas as collectividades enfim que tanto o penhoram, aos seus companheiros e à Espanha, e os bravos irromperam até ao delirio.

Seguiram-se magistraes execuções das duas tunas, monólogos, cançonetas, poësias — uma das quaes do sr. Dá Mesquita Paul que noutro logar publicâmos, tudo ruidosa e merecidamente applaudido.

Quando o sr. commissário de policia appareceu no seu camarote, o público victoriou o, levantando lhe vivas seguidos duma estrondosa salva de palmas. S. ex.ª agradeceu penhorado, dizendo que, se não podia, pelo logar que occupa, manifestar como desejava o seu sentir ante o brilhantismo das recepções feitas pela academia aos seus collegas espanhoes, lhe era grato affirmar que tinha no maior apreço o civismo dos mesmos estudantes e os generosos e delicados sentimentos da nossa academia; e que como expressão franca, intima, dêsse sentir, abrangia êstes e aquellas numa única mas enthusiastica saudação.

Não se descreve a ovação fébril que acolheu as palavras do sr. dr. Ferrão, ovação que pouco depois se repetiu quando o presidente da academia conimbricense offertou aos espanhoes uma linda e val osa palma de carvalho saindo dum bouquet de flores, offerta que Luiz Cornile agradeceu numa pequena oração de verdadeiro artista da palavra.

E nêste rubro de aclamações, mações, a Chaby que recitou primorosamente, e todos os números do sarau, findou elle cêrca da 1 hora da noite, deixando em todos a impressão mais grata que póde sentir-se.

No sábbado

A commissão académica e a tuna compostellana annunciaram à camara uma nova visita que se effectuou ás duas horas da tarde.

Mal podendo atravessar a massa compacta de povo que se aglomerava cá fóra no largo e nos paços do concelho, os alegres rapazes foram recebidos pela vereação ao cimo da primeira escada. Aguardava os uma apreciabilissima surpreza:—a vasta sala numerosamente povoada de damas que em olhares de simpáthica admiração lhe davam tambem as boas-vindas.

Tomaram logar á direita e á esquerda do sr. presidente, dos presidentes das duas academias. A tuna espanhola executou bellamente tres composições, findas as quaes tomou a palavra o sr. dr. Dias da Silva. Offerecia aos visitantes, em nome do municipio um modesto brinde—uma pasta em couro lavrado, tendo as armas, o monograma e a data em delicada pintura executada pelo intelligente pintor sr. António Elizeu, e contando 43 photographias de dependéncia da Universidade, monumentos e paisagens de Coimbra.

Notavelmente primoroso o discurso de s. ex.ª, que referindo-se a cada um dos edifícios ou paisagens, que as photographias representavam, salientou os pontos de similhança existentes êlles e outros de Compostella, cidade de que fallou, descrevendo-lhe nitidamente os monumentos, com citações sobre applicação dada a cada um através da história e sobre a sua origem, citações que approximava de outras portuguêsas, de Coimbra, e marcando bem firmemente as afinidades e similhanças entre os de lá e os de cá, como os das campinas, dos rios, de todas as particularidades, emfim, que tão soberbamente distinguem as duas cidades.

Produziu um verdadeiro assombro esta oração, em que o sr. dr. Dias revellou o seu largo e firme conhecimento da história não só de Compostella, como de outras terras espanholas.

As suas últimas palavras fôram abafadas por uma ovação extraordinária.

Depois de ter fallado o sr. Mendonça Cortês, e do agradecimento dos dois presidentes académicos, finalados por vivas demorados e enthusiasticamente correspondidos, tocou a tuna portuguêsa que foi victoriada.

Profundamente commovidos, os visitantes saíram, acompanhados até ao átrio pelos vereadores, partindo

Em direcção ao quartel

O illustre commandante do 23 sr. Victório Freitas preparou-lhes tambem uma deliciosa recepção.

Recebidos por s. ex.ª e pela digna officialidade, os sympáthicos compostellanos e a commissão académica fôram alvos de extremos de delicadeza amabilidade, havendo durante o dilicioso copo d'agua que lhes foi offerecido, saüdações mutuas e em que os espanhoes fizeram as mais honrosas homenagens ao exército português, e em que o sr. commandante e officiaes tiveram palavras de sublime admiração para espanha e para o seu exército.

Na parada tocava a banda, e á saída dos visitantes o sr. coronel e officiaes tiveram a fidalga cortesia de fazer a continéncia ás bandeiras das duas tunas.

Seguiu-se depois a recepção na

Associação Commercial

Grandiosa como as demais. Discursou o presidente da direcção sr. Francisco Villaça. Bello na essência e no conceito o seu discurso em que ha estas affirmações profundamente verdadeiras: —Se a sciéncia nobilita e approxima os povos, o commércio engrandece os robustecendo-os e approximando-os tambem; por isso mesmo sciéncia e commércio não têem fronteiras e têem igual parte na obra gigantesca de levar as nacionalidades ao apogeu do progresso por grandiosas manifestações de cordealidade.

Terminou offerecendo aos tunos compostellanos, em nome da Associação, uma delicada e rica pasta de velludo azul que tem na frente talhado em prata, um arabesco terminado por um vaso ao qual se encosta um tuno tocando bandolim, e ao lado numa placa, a dedicatoria com a data. Dentro uma mensagem que vai adeante publicada.

O agradecimento dos dois presidentes académicos foi eloquente e significativo de immensa gratidão, manifestada ainda ao serlhes servida uma taça de champagne, findo o que, os nossos hospedes sairam, indo dispersar na Associdção Académica.

A' noite, no Instituto a

Sessão solemne

Brilhante como as demais manifestações.

Presidiu o sr. dr. Bernardino Machado, que discursou com arrebatadora eloquéncia.

Enormemente concorrida de senhoras, ellas manifestaram mais uma vez em sorrisos e applausos, toda a amabilidade e alegria com que se associaram, abrilhantando-os com a sua concorrência, ás festas da academia e da cidade em geral ás grandiosas festas em honra dos compostelanos.

O sr. dr. Alves da Hora, eloquentissimo de sentimento no seu discurso empolgante. Bello o sr. dr. José Cid, como o sr. Costa Ferreira, como Luís Cornille, como Santos Monteiro, como todos, emfim. D. Amélia Janny recitou uma delicada poësia, e Chaby foi primoroso em alguns sonetos e outros versos.

Tocava a tuna portuguêsa. A extrema correcção das suas execuções obteve a maior e mais justa consagração, de que pertence ao director e regente sr. Macedo uma parcella importante.

A sessão terminou ás 11 horas, para seguir-se um animado baile que durou até tarde.

Mensagem da Associação Commercial

Senhores:

A Associação Commercial de Coimbra, regosijando se com a vossa presença nesta cidade e muito grata pela penhorante visita, saüdavos com a mais viva sympathia.

Representante humilde da classe social que mais poderosamente tem impulsionado o desenvolvimento das relações internacionaes, em que, pela caracteristica unidade da legislação mercantil e sentida necessidade de a tornar effectiva, se vam estabelecendo garantias que bem revelam não ser sonho d'utopistas a formação successiva de vastos agregados internacionaes, por que venham a ser garantidos, como o sam hoje os dos indivíduos e collectividades dentro de cada Estado, os direitos das nações independentes, vê esta Associação com júbilo, em fraternal e descuidoso convívio, a mocidade estudiosa a quem ámanhã serám confiados os destinos de duas nações irmãs pelo território, pela raça, pela língua e pelas tradições.

Seja êsse convívio incentivo para que reavivando se as legendas que nos mostram uma origem commum, identica civilização e as mesmas vicissitudes durante longos séculos em que a Península tam fecundamente collaborou na grande obra da civilisação, sem se esquecerem e apagarem tradições e sentimentos que, seculares tambem, imprimiram a Portugal uma physionomia própria, tornando-o uma nacionalidade distincta, se inicie na Península uma approximação da taça latina que lhe permitta pôr termo, em defêsa própria e ainda dos fracos e opprimidos, a essa lucta pela existéncia que, lei fatal das nações como dos individuos, se está todavia ferindo hoje com armas taes que faz retroceder a humanidade, com os requintes da civilisação adquirida, aos ominosos tempos do barbarismo e da selvageria.

Herdeira da mais brilhante civilisação que a humanidade attingiu, tendo affirmado de modo incontestavel e innilludivel a sua dedicação na conquista da liberdade e da justiça, a raça latina deve, sem renegar um só dos princípios que formulou na ordem moral e na juridica, antes enriquecendo o património que lhe foi legado, unir-se para que êsses princípios não sejam apenas o epitáphio que a história, por mãos estranhas, tenha de escrever no seu túmulo.

Ao egoísmo desorganizador que, sem disfarces já, colloca em plano secundário, dominado por interesses d'ordem material,

os princípios da solidariedade internacional, deixando sem apoio, na defêza de inviolaveis direitos, os fracos, e opprimidos, deve a raça latina, firme nas suas crenças, conscia da sua fôrça, oppor dique insuperavel.

Victimas desse egoïsmo, educados e fortificados pelas desgraças com que nos feriu, compete a vós, estudantes d'hoje, homens de amanhã, trabalhar com vibrante enthusiasmo, fé inquebrantavel, para que a peninsula seja digna do seu passado, e a raça latina da sua brilhante história.

Sem novos mundos para descobrir, façamos conquistas na ordem moral, estabelecendo em firmes bases o direito na humanidade.

Sám êsses os ardentes votos desta Associação que, num enthusiástico—viva a fidalga Espanha, renova as suas saudações aos illustres filhos e nossos queridos hospedes.

Coimbra, 23 de fevereiro de 1901.

Do «Mundo»

Do nosso presado collega lisbonense, *O Mundo*, transcrevemos o conceituoso artigo de A. Leitão a que damos o nosso logar de honra.

Affirmando a necessidade de iniciar um movimento de protesto cheio de ardor e de tenacidade, contra a expansão clerical que os últimos sucessos da França ameaçam aggravar, Arthur Leitão salienta, de par, com vigorosa verdade, as funestas consequéncias duma attitude passiva e criminosa, e convida o país liberal a appoiar essa cruzada santa de que a *academia de Coimbra* se arvorou em adail.

Que seja ouvido o seu vibrante *álerta* e que os seus collegas de todo o país secundem o seu bello impeto de protesto.

Vendidas hoje por 3:500$000 réis, as dividas activas da massa fallida Santos & Brito.

Agéncia forense

No logar competente publicamos o annúncio relativo á agéncia forense do sr. Joaquim da Costa Rodrigues, solicitador nesta comarca.

Recommendamos a leitura dêste annúncio pelas qualidades de caracter e de honradez reconhecidas no annunciante, alliadas á acurada diligéncia que dedica aos negócios dos seus clientes.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Congregações religiosas

A questão que se debate em França é commum a todo o mundo culto, especialmente aos países cathólicos, onde a reacção politico-clerical avança cada vez mais, tomando proporções inauditas, como succede em Espanha.

No primeiro daquêlles países um grandioso e sympáthico estadista — mr. Waldeck-Rousseau, levanta a questão da supremacia do Estado nos primeiros assumptos da pública instrucção, reivindicando com superior e bem orientada energia os direitos legitimos do Estado ante a Igreja.

No segundo a questão Ubao, tractada com magistral superioridade e sollicita competéncia no fôro madrileno pelo ex-presidente da República Espanhola — Nicolau-Salmeron — levou uma scentelha a todos os ánimos, incendiando e volatisando as consciéncias com a rapidez do relampago, revelar no momento o estado d'alma do povo espanhol que se julgava para sempre extincta sob os escombros até accumulados pela reacção!

E' nêste singular momento histórico que a França vai expulsar do seu território a peste negra do jesuitismo, qual devastador bando de sinistros corvos sobre a Espanha exanima... anniquilada... vencida!

O governo despótico da concentração militarista acaba de liquidar, deixando o país vizinho entregue ás mesmas luctas que — no longo periodo decorrido de 1808 a 1868 — precederam em Espanha o gloriosissimo movimento de libertação, de 19 de setembro daquêlle memoravel anno; mas a reacção não se dá por vencida, e é assim — por uma fórma verdadeiramente e supinamente ignominiosa — que ao gabinete Azcarraga succede um outro presidido por Silvella — suprema provocação aos brios empanados da gloriosa nação, que brevemente será redimida por uma grande e salutar Revolução.

O estado d'excitação da opinião pública não permitte ao novo gabinete vida longa, nem tranquilla. A lucta está decisivamente travada. O escandaloso caso Ubao — singularmente parecido com a questão Calmon — e a vibratibilidade revolucionária previdentemente e providencialmente produzida nos espiritos pelo sublime drama de Perez Galdós — *Electra*—foi o rastilho que determinou a explosão, e, numa aureola de gloria, o nome sublime do immortal pensador, surge nos triumphante e quási divino ao lado de Hola — o mestre dos mestres!

E' êste o verdadeiro momento histórico que opportunamente se apresenta para a libertação do glorioso povo espanhol. Pela vez primeira, após tantos annos de desalentos, de vergonhas, de calamidades de toda a ordem, a força bruta das bayonetas se confessou impotente para submetter a indomavel coragem do povo no tiroteio sanguinolento de Zaragoça—a gloriosa cidade de Palafox—nos motins de Valeneira e de Granada e nas significativas manifestações revolucionárias de Madrid, que—assumindo um accentuado carácter d'extrema gravidade— determinaram a proclamação da lei marcial e a queda, singularmente significativa, do gabinete Azcarraga — a *dictadura militar!*

Semelhante acontecimento representa o início duma nova e decisiva phase de vida politico-social da nação visinha. A monarchia bourbónica, pela vez primeira, depois da restauração de 1874, se confessou vencida para submetter o povo. Pela vez primeira duvidou da fidelidade do exército e do seu chefe supremo — o *enygmático Weyler!*

A morte de Martinez Campos revestio esta elevada significação histórica: com o desapparecimento do general reaccionário de Sagunto, coincide o declinar do astro, da monarchia para o seu occaso.

E a entrada dos congreganistas francêses vae a ser o crespúculo precursor da verdadeira aurora, como no estio das noites do círculo polar o desapparecimento da lua precede alguns minutos o surgimento do dia.

FAZENDA JUNIOR.

LITTERATURA E ARTE

SALVÉ!

Aos estudantes espanhoes

Nesta velha Coimbra ha tanto tempo, ha tanto...
que me sinto contente e cheio de esperança
ao ver a minha lança unida a outra lança
num abraço de irmãos tam perfumado e santo.

Irmãos: Vindes trazer a saudação da Espanha,
dessa nação heroica até na adversidade?
Vindes unir à nossa a vossa mocidade?
Pedir o vosso esforço e fogo p'ra campanha?

Cada um de nós suspira e sonha e quer e espera,
numa ância sempre viva e para sempre nova,
que o clarim nos repita aquella doce trova
que liga duas manhãs na mesma primavera.

Esta capa já rota, em tantos annos gasta!...
esconde um coração que pulsa como o vosso,
repleto de ambições ainda porque é moço...
E para entrar na lucta isto sómente basta!...

E se não tenho Pátria assim como estudante,
eu como Português, adoro-a como um louco;
eu acho que o meu sangue ainda será pouco
a fim da minha Pátria caminhar óvante.

Mas vós sois meus Irmãos: a vós pois eu me ligo
agora no sorrir, mas amanhã na lucta;
quer esgotando o mel, quer taças de cicuta:
porem sempre fiel na mesma dor vos sigo.

Quando fordes dizei depois além fronteiras
que, em prol da Liberdade, ha cá mais um soldado
que sendo-vos preciso está ao vosso lado,
encorporar-se irá tambem nessas fileiras.

Coimbra, 22-2-1901. J. DÁ MESQUITA PAÚL.

Cámara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 17 de janeiro de 1901

Presidéncia — Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes: — António Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Arrematou em praça annunciada para o dia de hoje a reparação do pavimento da estrada municipal de Coimbra ao Pisão, entre o sítio do Padreão e a serventia para o logar da Pedrulha; a limpeza das ruas dos logares de Eiras e Casaes e o fornecimento de diversa mobília para as cólas de instrucção primária do Concelho.

Leu-se o balanço ao cofre referido ao dia 12 do corrente, accusando um saldo 1:070$019 réis.

Em conformidade com a deliberação tomada na sessão anterior a respeito do orçamento ordinário para o corrente anno, que foi approvado por despacho de 5 de fevereiro de 1901, como foi communicado por officio do governo civil de 9 de janeiro corrente, mas com as clausulas de eliminação de várias verbas e augmento de outras, disse o presidente que, cabendo-lhe a principal responsabilidade na organização dêste diploma, era seu dever explicar e fundamentar com mais desenvolvimento estas verbas, afim de esclarecer a auctoridade tutelar e jusrificar o procedimento da câmara.

Que por serem longas estas explicações, as reduziu a escripto, que passou a ler e pediu para serem transcriptas na actas o que a câmara approvou.

A câmara, concordando plenamente com a exposição e justificação feita pelo presidente, resolveu representar á auctoridade tutelar pedindo a approvação do orçamento sem clausulas eliminando-se estas sobre tudo a 1.ª e 3.ª por serem legaes e planamente justificadas as verbas, a que se referem; e que a representação fôsse acompanhada de cópias da acta e das plantas e documentos a que a mesma exposição se refere.

Leu-se diversa correspondéncia recebida a saber.

Do governo civil deste districto ordenando que esta, câmara, em conformidade com o decreto de 22 de dezembro de 1900, delibere sobre a gratificação que deve perceber o sub delegado de saude.

A câmara deliberou arbitrar ao mesmo sub-delegado a gratificação annual de 100$000 réis, dando conhecimento desta deliberação ao chefe do districto.

Do commissário de polícia enviando uma participação contra um vigia dos impostos, encarregando à câmara o vereador Cortês de proceder a averiguações.

Do mesmo commissário, enviando uma chapa com um distico de uma rua da cidade, que caíu com o vento.

Despacho varios requerimentos: Acerca de um attestado de comportamento: para collocação de letreiros em diversos estabelecimentos: para ser tapado um agueiro no bairro de S. José; para canalizações dáguas duma casa, para o cano geral; para a reforma na frontaria duma casa na cidade; para a desobstrucção de um cano de esgôto numa casa; para compra de terreno no cemitério municipal e construcção de jazigos no mesmo.

Tomou as seguintes deliberações:

Concedeu 15 a 20 dias de licença por motivo de doënça ao secretário desta câmara, e resolveu que fôsse chamado o guarda livros da mesma câmara para exercer o seu logar, ficando a exercer o cargo de secretário da commissão do recenceamento militar o 1.º official deste secretaria da câmara, ácêrca do pedido feito por um empregado da mesma, sobre uma licença que deseja por 15 dias.

Mandou enviar à repartição de obras, para providenciar, 2 participações ácêrca do mau estado de canos de esgôto em diversas ruas da cidade.

Resolveu acceitar o offerecimento feito pelo director do Laboratório de Microbiologia da Universidade de serem feitas alli gratuitamente as anályses de fragmentos de rêzes suspeitas de tuberculose abatidas no matadouro, em troca do fornecimento gratuito da água que se consumir no mesmo laboratório.

(Continúa).

PUBLICAÇÕES

História Socialista.—Saiu já o tomo n.º 3 desta magnífica obra editada pela Casa Bertrand, de Lisbôa, e que instantemente recommendamos aos nossos leitores. Continúa o segundo capítulo — *As eleições e os cadernos* — dessa tam pormenorisada como vigorosa e intensa primeira parte que se intitula *Causas da Revolução*; e faz-nos assistir ao conflicto de tendéncias entre a burguezia das cidades e os homens do campo, e ás contendas entre os camponêzes ricos tentando a formação da propriedade particular e exclusiva dum lado, e doutro lado os camponêzes pobres pretendendo manter e fortalecer um communismo miseravel e rudimentar, muitas vezes contrario ao progresso, e os nobres recusando-se a alliviar a excessiva carga de direitos feudaes. Entre as estampas ha um plano de Paris em 1790, um retrato e autographo de Robespierre e um retrato e autographo de Guillotin.

*

História da Revolta do Porto.—Saiu o 2.º fascículo da *História da Revolta do Porto*, de João Chagas e do ex-tenente Coëlho e que se está assignalando como uma das mais curiosas e brilhantes publicações que de ha muito apparecem no nosso mercado de livros.

Este fascículo estampa, entre outras interessantíssimas photogravuras, a reproducção de um fragmento do único exemplar que existe do manifesto da revolta do Porto. O texto resume a história dos successos do *ultimatum*.

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 40 DIAS

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão que êste assigna, corre seus termos uma acção civel de curadoria definitiva, em que sam requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteira, proprietária, de Falla, freguesia de São Martinho do Bispo, e requeridos Adriano da Fonseca Carramanho, filho legitimo de Francisco Fonseca e de Maria Vinagre, já fallecida, natural de Falla, freguesia de São Martinho do Bispo, onde residiu até fins d'outubro de mil oitocentos e oitenta oito, e, no estado de solteiro, se ausentou ha mais de dez annos para o Brasil; e António Monteiro, casado, proprietário, de Falla, dita freguesia, como procurador daquêlle, e ausente tambem em parte incerta do Brasil; e pela mesma acção correm éditos de quarenta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annúncio, citando aquêlle procurador António Monteiro, para vir contestar, que sendo, na terceira audiéncia dêste juiso, depois de accusada a citação, a dita acção civel de curadoria de tentativa nos termos dos §§ 1.º e 2.º do art.º 194 do codigo do Processo Civil.

As audiéncias nêste juizo fazem-se todas as 2.as e 5.as feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, por que sendo-o se fazem nos dias immediatos se êstes tambem o não fôrem, sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca de Coimbra, sito na Praça Oito de Maio.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio,
Arthur de Freitas Campos.

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO
(O único nacional)

Economia garantida de 50 0/0

Bico Bébé Aureo	a 2$000 réis
Bico n.° 1	a 3$000 réis
Bico n.° 2	a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.° 1 400 réis e n.° 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.
Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.
Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.°

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA
171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMRRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza**, de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA
171, Rua Ferreira Borges, 173
COIMBRA

PEREIRA ALFAIATE
Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.°

COIMBRA

COZINHA POPULAR
RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

Guerreiro e Monge
POR
A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês — 300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43
LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma explêndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um explêndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.° 40, onde se trata da venda.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental
DE
FERREIRA MENDES
Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis, pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

João Chagas & ex-tenente Coêlho

História da Revolta do Porto
DE
31 de janeiro de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna se aos fasciculos semanaes de 16 páginas, ao preço de 60 réis, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — pagos no acto da entrega.

Pedidos á Empreza Democrática de Portugal, rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e á Agéncia de Publicações do norte, rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia, — em casa dos agentes.

QUINTA

Vende se uma em Ançã, muito perto da Villa, chamada Quinta do Monte da Casa, e pertencente aos herdeiros do fallecido sr. José Marques Lourenço. Esta quinta está muito florescente, pois tem muitos milheiros de bacello posto e tem terreno para muito mais.

Tem muita fructa, azeite e muitos matos.

Da última colheita já se envazilharam 600 almudes de vinho e tem muito bacello que ainda não dá vinho.

Tambem se vendem casas e adega na mesma Villa, assim como vazilhame e muitos utensílios, taes como: alambiques e pias de pedra para azeite, etc, etc. Tudo isto deve ser vendido em praça particular, convindo o preço, cuja praça terá logar nas ditas casas, em Ançã, no dia 17 do corrente ao meio dia.

Para esclarecimentos, falar com Manuel dos Santos Silva, em Cantanhede.

Cantanhede, 10 de fevereiro de 1901.

Manuel dos Santos Silva.

ADVOGADO
CLEMENTE ANNIBAL DE MENDONÇA

Conservador privativo do registo predial de Coimbra

R. dos Coutinhos, 3

ATTENÇÃO

A quem perdesse uma bolsa de senhora, com qualquer importância em notas dentro, no dia 8 de fevereiro na cidade de Coimbra e que ainda lhe não tenha sido restituida, queira dirigir-se ao destribuidor telegrapho-postal da mesma cidade António Gomes Soares da Silva, que posto não tenha o dicto objecto, dá explicações verdadeiras do seu paradeiro.

Negocios forenses e académicos
ESCRIPTORIO
Praça 8 de Maio, n.° 8
COIMBRA

Matriculas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatório para o internato na Escóla do Exército, de habilitação de médicos estranjeiros para o exercicio da clínica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra:

Encarrega-se dêlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existéncia, onde os ev.mos académicos ou seus ex.mos representantes e mais pessoas se pódem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referéncias, comprovadas por documentos apresentados nos secretário da própria Universidade.

Fábrica de cimentos de Maceira
(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Anályses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

Restaurador do cabello
PREPARADO POR
Francisco Miranda d'Assis
Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS
41, — Praça do Commercio — 42
COIMBRA

Sapataria Progresso
(Antiga casa Daniel Guedes)
39 — Rua da Sophia — 41
Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — **Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41
COIMBRA

Banco Commercial do Porto
Sociedade anonyma responsabilidade limitada

O dividendo do 2.° semestre de 1900, é de 2$000 réis e paga-se todos os dias úteis das 10 ás 2 horas da tarde no escriptório do representante do mesmo banco, nesta cidade abaixo assignado.

Coimbra, 20-2-1901.

Basilio A. Xavier d'Andrade.

N.º 626 COIMBRA—Quinta feira, 28 de fevereiro de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

Invasão jesuítica

Está travado o conflicto?

Ha que acreditá-lo em face dos successos do Porto. Mas um conflicto grande, gravissimo, vista a multiplicidade de aggravos com que está a braços o espirito liberal.

Considere-se.

O que se passa no Porto é uma questão local apenas quanto aos acontecimentos das ruas. Em relação ao objecto de que dimanam sam uma questão geral que interessa a todos, ao país que se não humanisa e antes se revolta com a corrente de reaccionarismo que, á sombra da mais descabellada protecção official ameaça assolar completamente a terra portuguêsa.

Não é necessário historiar os factos de irritante audácia reaccionária occoridos no Porto, e que provocáram as manifestações dos últimos dias. Largamente a imprensa os pormenorisou; êste jornal mesmo os referiu em detalhes. Basta então attender ás consequências para tirar-lhes as conclusões.

A tentativa de rapto, em plena rua e em pleno dia, da senhora Calmon, provocou o grito de revolta contra a invasão. E a alma popular, avara de emancipação de consciências, expandiu-se em manifestações tam convenientes como necessárias:—em vivas á liberdade, á patria livre de reaccionarismo e em morras ao jesuitismo. Nem um clamor attentatório das instituições.

Vejamos os jornaes do regimen. Elles o affirmam sem um ambage, sem uma reticência. E contudo...

A policia saiu, e sem mais embaraços, acutilou os manifestantes, provocou conflictos, preparou emboscadas e assaltou estabelecimentos que só em condições muito excepcionaes ficariam sob a sua jurisdição; e essas condições não se deram.

Como explicar isto?

Decididamente, a policia não procedeu por seu *motu proprio*. Quando assim fosse, o facto dar-se-ia num dia para ser reprimido no outro. A repressão não appareceu, pois que as selvagerias se repetiram. Logo..

A policia foi mandada proceder assim, pelos seus chefes hierárchicos, que por por sua vez receberam instrucções de mais alto. E tanto isto é crivel, que, interpellado no parlamento, o presidente de ministros deu esta resposta ambigua:—*Fará manter o respeito por todas as leis e não sómente pela que se refere as congregações religiosas.* Pois exactamente depois destes artificiosos dizeres, a pranchada continuou. Que significação tem issso?

Que o governo está com os jesuitas, disposto a olvidar por completo as leis d'Aguiar. A prova?

Se os acontecimentos depois daquella resposta não bastam, aí vai:

Relata o *Primeiro de Janeiro* que grande número de frades vindos de Espanha e de França têem entrado no Porto; que o convento do Sardão recebe diariamente um tal número de canastras de peixe, que bem prova o accréscimo de população naquella cafurna de reaccionários.

Estas informações do *Janeiro* sam corroboradas pelos seguintes dizeres do *Diário da Tarde:*

> «Alguns jornaes têem referido que ha poucos dias chegaram a Portugal bastantes jesuitas extranjeiros, vindos na sua maior parte dos conventos francêses.
>
> «Pela nossa parte, sabemos que em alguns conventos do Porto se andaram preparando com grande antecipação, alojamentos para os hospedes esperados.
>
> «Na sexta feira última, á porta do convento da Formiga pararam uns vinte e tantos carros, que traziam bagagens pertencentes a jesuitas. Aguardam-se por estes dias os proprietarios dessas bagagens. Parece que os jesuitas francêses, temendo ser escorraçados pela lei agora em debate na câmara dos deputados, tencionam procurar refugio em Portugal.»

Vinte e tantos carros de bagagem! Imagine-se que chusma vai chegar, se não chegou já, alem da que tenha entrado.

Não sabe isto o presidente de ministros? Sabe, positivamente; *e faz cumprir as leis permittindo a livre entrada e o livre estabelecimento das ordens religiosas,* **e fazendo ouvidos de mercador aos clamores populares contra a massagem da policia portuense sómente porque se pede liberdade e o respeito ás leis.**

Quer dizer: as suas disposições sam abafar pela força as indicações e os protestos populares.

Está então travado o conflicto?

Sem dúvida, mas duplo—com o reaccionarismo de batina e adeptos de casaca e brocados, e com o governo inspirado pelo paço.

Portugal é, pois, um país a saque dos jesuitas. Não ha garantias de liberdade nem de segurança das famílias contra o ultramontanismo, e—suprema amargura—doe a alma, abate-se pelo desespero a consciência, ao ver-se que êsse governo que ai está á frente dos negócios públicos, como os siamêses servidores do regimen, nada pódem, ou antes nada querem tentar contra a invasão e predominio clerical e em respeito a leis em vigor, chegando-se à vergonha, sem precedentes, de um representante duma nação amiga soffrer os aggravos e ataques que soffreu Calmon, sem que o governo o desaffronte, e a ver-se êsse representante forçado a abandonar o seu logar, saíndo de Partugal:—**será êsse o único meio de acabar com o conflicto**—insinúa o governo, deixando que a imprensa o repita, para eterna vergonha nossa á face do mundo civilizado.

Vejâmos agora. Escorraçados da França, perseguidos em Espanha pelo pôvo, os jesuitas buscam guarida no nosso país. Disseminar-se-hão por elle estabelecendo um perigo geral.

O Porto já saiu á rua. Deixá-lo só seria um crime, mórmente quando a sua lucta se affirma tambem contra o governo, tão jesuita como o paço e como os povoadores dos conventos. Urge então fazer um movimento geral.

Coimbra manifestou-se pela sua academia, mas é mister que os naturaes, a população fixa a secunde.

Não fraternisaram ind'agora academia e naturaes para as bellas festas em honra dos estudantes espanhoes? Pois bem, promova-se idéntica confraternisação para a guerra vehemente e tenaz ao jesuita, levando o espirito de revolta contra elle até ao mais recandito das povoações ruraes.

É necessário que isso faça em Coimbra como em todo o país, alias arriscamo-nos a ver ai substabelecida a inquisição e o auto de fé, com a permissão dos governos do regimen e com o applauso e a contento da sr.ª D. Amélia, rainha de Portugal.

O sr. Luiz de Magalhães

Fazendo o relato dos últimos acontecimentos do Porto, um jornal monárchico regista esta resposta do sr. Luis de Magalhães a um grupo de commerciantes que, appellando para as suas tradicções, lhe foi pedir levantasse na câmara baixa o incidente Calmon:

«O nome de meu pae não vem aqui para nada. De resto, é preciso que os srs. saibam que se meu pae combateu, noutros tempos, os jesuitas, foi simplesmente para certos fins politicos. Por minha parte, declaro que não levantarei questão alguma.»

Penalisa-nos a informação mas não vinca no nosso espirito a extranhêsa dos successos imprevistos. Estâmos habituados, no meio da *debacle* moral que vai conquistando carácteres e instituições, a deparar os mais estupendos casos de apostasia e cynismo, de injustiça e ridiculo. Relegamo los ao montão dos *faits divers,* sem lhe appensar considerações de qualquer ordem. Alli, aquêlle revolucionário desgrenhado, de bons tempos de mocidade impetuosa, transitando para a escolta da tyrania, abroquelado na consideração pueril e cýnica da *maioridade attingida:* aquêlle heroe de façanhas árdidas, passeiado em triumphos de *réclame* monarchista, accommodando-se na delicada tarefa de dispor nos cueiros das altezas: essa súcia de mediocres passando, erguidos nos braços, por entre alas reverentes, para o galarim da consideração pública, em quanto os sábios e honestos morrem na ignorada obscuridade que se crearam pela sua intransigência: toda a tropa fandanga de cretinos e maus, apossando se das culminâncias governativas nessa insoffrida escalada de bandoleiros, tudo isso emfim nos deixa quási indiferentes, tantas vezes, e sempre impunemente, nos é dado conhecer êsse espectáculo.

O sr. Luís de Magalhães não tem o culto das tradicções, e assim é que invocar a memória do pae é para êlle uma impertinência digna de castigo. Nós habituámo-nos a venerá-lo, êsse vulto forte que, numa épocha de mais viris affirmações, dominou altaneiramente, uma soberbia athlética a impô-lo: queimamos lhe incenso no thuribulo da nossa admiração, enthronisámo-lo e vestimos-lhe uma clamyde de luz: mas nós somos uns ingénuos que nos mantemos, apezar de tudo, no reducto dos nossos primeiros ideiaes, e não comprehendemos, nem queremos comprehender, as evoluções acrobáticas da politica. O grande José Estevam, combatendo os jesuitas, não o impulsionou qualquer convicção pessoal; foi, simples e frivolamente, um especulador que jogou na *bolsa* dos acontecimentos.

É o filho quem no-lo diz, attribuindo-lhe intuitos de especulação politica. Ouçam-lhe a graçola discreta, sublinhada d'um piscar d'ôlho brejeiro: *meu pae foi um finorio!*

O pae era o José Estevam que a história mostra com orgulho na galeria dos seus vultos eminentes: o filho é o sr. Luís de Magalhães—conhecem?—que póda vides na quinta de Moreira, dá de vês em quando de almoçar ao Franco e é um dos algebristas que se propõem *endireitar* a patria.

Então não parece antes filho do *brasileiro Soares?*

Contra a reacção

O caso Calmon trouxe-nos a consoladora esperança de que o bando negro da jesuitada ha de ficar vencido na formidavel lucta por elle provocada.

O Porto tem, nêstes últimos dias, protestado altiva e vibrantemente contra os manejos infâmes do parasitismo jesuitico. Milhares de cidadãos têem acclamado a imprensa livre daquella cidade que tam nobremente tem cumprido o seu dever.

Estudantes, operários, commerciantes e mulheres, todos, num impeto unánime de defeza da tranquilidade do seu lar, têem, em saudações expontáneas a tudo o que é liberal, a tudo o que é honesto, lançado o grito santo: viva a Liberdade! Morram os jesuitas!

Escusado será, por demasiado conhecidas, descrever as imponentes manifestações que têem corrido as ruas do Porto em saudação à imprensa, ao dr. Calmon e a todas as individualidades que com o seu talento e com a sua fôrça deffendem a liberdade dos ataques traiçoeiros e cobardes da reacção.

Daqui os saudamos tambem com o máximo enthusiasmo.

*

No meio de tudo isto ha a destacar o procedimento selvagem e brutal da policia que tem atacado os manifestantes que, na melhor ordem, mas de viva voz, pedem o cumprimento de uma lei em vigôr que as auctoridades deviam ser as primeiras a fazer respeitar.

Não têem mesmo faltado emboscadas e insidias de que as auctoridades tantas vezes se servem para terem o prazer sanguinário de espancar cidadãos inofensivos. Foi o que se deu em Campanhã à chegada da tuna Espanhola, na Academia e em outros pontos.

Ao nosso collega e amigo João de Menezes quizeram tambem fazê-lo victima duma reles emboscada, quando se retirava pacíficamente para casa, mas que não surtiu o effeito desejado.

Aqui manifestâmos mais uma vez a nossa sympathia por João de Menezes, assim como por Felizardo de Lima, um incansavel luctador, que tambem foi arbitrariamente preso.

Foi examinado por uma junta médica, para os effeitos de aposentação que requereu, o professor primário da freguesía de Salsedo, concelho d'Arganil, José Lourenço d'Azevedo.

Dado por absolutamente incapaz de continuar ao serviço,

JESUITAS

I

Não falta quem nêste momento irrogue à França a censura injusta de uma intolerância contraditória dos seus princípios de liberdade, baptisados em sangue e erguidos nos escudos triumphaes das suas estranhas revoluções, por êsse rasgo de benéfica audácia que vai emancipá-la do temeroso perigo congreganista. E no entanto nunca a França foi mais consequente com os seus princípios revolucionários, eliminando as ordens religiosas como verdadeiros factores regressivos e defendendo-se da ameaça permanente que ellas representavam com a sua ambição irrequieta e criminosa.

Factos bem recentes na história, que comoveram e exasperaram de angústias a alma da humanidade, bastariam a justificar êsse grande e bello país de uma tal attitude, se ella não estivesse antes de tudo justificada nos artigos do seu código politico que propugna, em toda a sua amplitude, o principio eterno da liberdade.

As ordens religiosas creando à república um estado de agitação permanente e funesto, preparando na sombra a sua queda com elementos colhidos sob a égide de uma tolerância condemnavel, obrigaram-na logicamente a defender-se. Obravam as congregações em nome dum principio e no interesse da pátria Francêsa? Não. Portanto o systhema não se deffendeu a si só, num arranco desesperado, não foi a sua existência que, no impeto de egoísmo, pretendeu exclusivamente assegurar: defendeu e quis assegurar a vida e o progresso de todo um povo.

Intolerância seria se, à semelhança do que por cá se faz, coarctasse a um partido ou a uma seita de, pelos processos ordinários e legítimos da propaganda, dessiminar principios e recrutar adeptos.

Tal não é o caso. Alliciar não é educar: crentes não sam *camelots*. A França expulsa conspiradores não expulsa apóstolos.

Questão de vida ou de morte, êsse golpe decisivo impunha-se; e para nós elle resgata a França dos annaes de inércia e aristocratismo burguês que embaciou por momentos o brilho dos seus feitos inescurecíveis, e marca o início duma época em que nêsse solo abençoado da revolução ha de florescer, mais puro e vigoroso, o principio augusto da emancipação humana...

o

Mas a nós, portuguêses, o caso não interessa apenas como mera curiosidade histórica, antes reclama disvelos de attenção e energia que nos premunam contra o perigo imminente de uma invasão de roupetas.

Se já hoje é larga a acção absorvente do clericalismo, condemnado por leis não derogadas e recebendo daquêlles que pela sua execução deviam velar, o mais impudente auxílio, ameaça-nos que muito em breve, reforçado o exército negro pelo contingente dos banidos da França, essa acção se estenda mais e mais, a envolver-nos e a asphixiar-nos?

Importa, pois, que ao assumpto prestemos a nossa melhor attenção e que os liberaes de todos os partidos se aliem num empenho decidido de evitar um vergonhoso regresso ao absolutismo.

A consciência pública começa de agitar-se insubmissa, num prenúncio consolador de lucta, deante de infâmias como o *caso Calmon;* e êste facto deve ter para os governantes uma alta significação, dados os acontecimentos similares que têem alvoroçado a Espanha e que, sendo uma esperança, sam tambem um aviso eloquente.

As luctas religiosas que tanto sangue fizeram derramar, que em prélios de séculos prostraram anémicos e mutilados muitos reinos, devem a todo o transe evitar-se; e nenhum meio se nos afigura mais conveniente para o conseguir do que affastar os elementos que pódem suscitá-las.

Em Portugal o jesuitismo tem hoje uma ingeréncia predominante na vida nacional, ingeréncia que a accentuar se produzirá os mais perniciosos effeitos; e porque assim o entendeu, lúcida e nobremente, a academia de Coimbra tomou a iniciativa de promover uma vibrante manifestação que factos bem recentes amplamente justificam e urgentemente reclamam.

Cumpria à academia um dever, ao mesmo tempo que se isentou de responsabilidades graves; mas porque alguem, divergindo de tal attitude, ousou menos dignamente contestar-lhe a necessidade e o fundamento, agitando a campainha de Pedro o Eremita para a cruzada reaccionária, julgamo-nos no direito de castigar a petulante ignorância de taes discolos, estilhaçando com a história o *reverso* baço do *espelho* que nos offereceram.

Principiaremos. *H.*

Incéndios

A's 5 horas da manhã de domingo houve começo d'incéndio na cosinha do prédio em que habita o sr. Joaquim Carvalho Porto, na rua de Quebra-Costas.

Apagado por alguns visinhos antes da comparéncia dos soccorros.

— Ante ontem, ás 3 da tarde, feito alarme de fogo porque se incendiou a fuligem da chaminé na casa habitada pelo sr. Luís José Candido, na rua do Correio.

Extincto sem auxílio de material.

Ironia de poeta

Os créditos de protectora do clericalismo em Portugal, de que ha longo tempo goza a sr.ª D. Amélia, não sam já — e nem admira que o não sejam — restrictos ao nosso país. Tendo passado para além fronteiras, sam hoje acceitos lá fóra como qualidade absolutamente reconhecida em sua majestade, apesar de ella lhe não conquistar nem a sympathia nem as bençãos do seu povo.

E por que tal qualidade é por demais estranha, mormente sendo Portugal um país onde o estabelecimento de aggremiações clericaes é absolutamente prohibido, não só cá dentro se repara nella, mas ainda lá fóra provoca ironias como esta que achâmos no *El Liberal* de Madrid:

«Se dice que la reina
de Portugal,
resuelta, apoya todo
lo clerical,
y por elle en sucesos
como el de Oporto
sún el clericalismo
se queda corto.
Yo estoy en si lo dudo
ó en si lo creo.
porque se me figura
bastante feo;
pero si es cierto ese
favor real...
lo siento por la reina
de Portugal.

Felipe Pérez y González.»

O tribunal do commércio não julgou hoje os artigos de classificação de quebra da massa fallída Santos & Brito, por faltarem as testemunhas srs. Ricardo Loureiro e Francisco Rodrigues Lucas.

Nós e a França

A interpellação Guérin feita no parlamento ao governo francês, evidentemente de combinação para êste declarar o seu modo de vêr ácerca da attitude que a França se propõe manter perante o assumpto nunca definido da nossa situação para com os portadores francêses, deu logar a que em plena cámara fosse enxovalhado o nosso nome, ridiculariisado o nosso decóro nacional.

A propósito de os governos portuguêses terem declarado por vezes categoricamente que não acceitam qualquer transacção com os credores externos que importe a intervenção dêstes na administração do país, por a isso se oppôr o nosso brío, toda a cámara se permittiu carcalhadas de riso, que nos levam a perguntar lhe onde está o antigo brio gaulês, que de orelha murcha e cauda abatida se humilhou vergonhosamente em Fashoda.

Nós, que andamos a admirar parvamente a França, em todas as suas manifestações e até nas suas imbecilidades, sem querermos ver a distância enorme a que ella se encontra dos tempos em que era grande, generosa e magnánima; nós, que della não recebemos senão ultrages, e nem uma palavra amiga, e apesar disso não cessâmos de rasgar baetas diante della, aí temos uma manifestação da cortesia que lhe merecemos...

O sr. Delcasse decidiu-se a ameaçar-nos solemnemente de nos obrigar a acceitar as exigéncias da França, e disse o bem alto em plena cámara, para todo o mundo ouvir! Quer dizer o sr. Delcassé, com uma francêsa magnanimidade, pretende reduzir-nos ás circunstáncias da Grécia ou dos principados Danubianos...

Fiâmos, todavia, em que tudo isto ficará em bons desejos, a que nos cumpre ser reconhecidos.

E' de ver, porém, que aos governos da monarchia devemos esta série infinda de desaires que dia a dia vimos soffrendo.

Se em Portugal tivesse havido, ao menos de 92 para cá, administrações honradas; se à frente dos negócios públicos tivessemos tido homens absolutamente honestos e pessoalmente probos, não chegariamos ao último ultrage que recebemos.

Sejam elles, porém, como fôrem — que isto é assumpto para ser liquidado entre nós e ha de chegar a hora da expiação, — no que o país não pode consentir é em ser vilipendiado por conta dos que o defraudam e vilmente exploram, nem em ser tutellado por qualquer extranjeiro que se lembre de o fazer.

O país não o consentirá; e, se tanto fôr necessário, unir-se ha, de momento, com o governo que o represente para se oppôr a essas arrogáncias do extranjeiro.

E depois nós liquidaremos, intimamente, as nossas contas...

Succedem-se as reclamações ao governo contra a fórma como fôram feitas as avaliações para a organisação das matrizes prediaes.

Agora foi a povoação de Castello Viegas, dêste concelho, que veio ontem em massa entregar ao sr. governador civil uma representação dirigida ao ministério da fazenda, e na qual pede uma nova avaliação, pelas injustiças que abundam na anterior.

Fôram hoje entregues os logares de clínicos ordinários da 1.ª e 5.ª enfermarias do hospital, vagas pela morte do dr. Augusto Rocha, aos professores de medicina srs. drs. Daniel de Mattos e João Jacintho.

LITTERATURA E ARTE

VOZ

O' Voz da Vida, ó Voz do Amôr e da Tristeza,
Evocadora da Saüdade, evocadora
Da intraduzivel graça e da eterna belleza
De quem muito soffreu e de quem muito chora...

Voz cheia do mystério e cheia da incerteza
Da grande voz do Mar, della desesp'radora
Voz que se ergue e suspira e, suspirando, reza,
Voz que reza e blasfema e, blasfemando, implora!

Bemdita sejas tu, ó clara Voz divina,
Que vieste ensinar-me—assim como o ensina
Aos que sam velhos já a interminavel Dôr—

Que a desventura tem horisontes occultos
Onde é força que desça, entre o Riso e os Insultos!
A benção larga e sã do consolante Amôr!

Janeiro — 1901. JOÃO DE BARROS.

O CASO CALMON

A audácia dos reaccionários attingiu já o ponto de se tentar raptar audaciosamente a sr.ª D. Rosa Calmon — estremecida filha do sr. dr. José Calmon, digno e illustrado consul da República dos Estados-Unidos do Brasil, no Porto, quando saiu da igreja da Trindade, acompanhada de sua família!

O caso em si não nos surprehende! A reacção constantemente acalentada pelos poderes públicos, julga-se em país conquistado, a despeito de todas as leis que prohibem expressamente a existéncia das congregações religiosas e o illícito exercício das ordens monásticas!!!

O attentado reveste, porém, excepcional gravidade por ser um ataque directo ao sagrado sanctuário da família, e, sobretudo por se tractar do representante duma poténcia extranjeira.

A cidade do Porto que sempre se ha notabilisado pelo seu ferveroso culto e acrysolado amôr à liberdade, não póde nem deve deixar passar similhante affronta sem lavrar um formidavel e decisivo protesto contra os obreiros das trevas.

E' um duello de morte, porfiadamente travado entre a reacção e a liberdade, entre a corôa e a Democracia, entre o espírito livre do nosso tempo e os restos duma tradição maldita d'eras já ha muito idas na espessa noite da imbecilidade humana, e que por honra de nós todos tem de ter uma solução clara, positiva com o integral cumprimento das leis de 1759, 1834 e 1862, a exemplo do que succede em França.

O jesuita indolente e excessivamente sensual, ávido de libidinosos prazeres, ergue no prostibulo dos conventos altares à impúdica Astarte, a deusa do amôr da antiga religião phenícia!

Allí, naquelles antros de prostituição e de crimes, a virgindade é sacrificada em holocausto á brutal sensualidade de padres devassos!!!

Que sacrilégio: a divina doutrina do mártyr do Golgotha conspurcada pelos brutaes desejos dos homens, que de todos os meios se servem para a fatal consummação dos seus hediondos desejos.

O caso succedido em 1891, no serralho cathólico das Trinas, tem tido milhares de reproducções em todos os outros coios jesuiticos espalhados por todo o país, e as próprias irmãs da caridade não sam mais do que as velhas guardas do *harem* musulmano, transformadas hypocritamente em matronas ás ordens de um Deus justo?

A obediéncia passiva; o respeito rigoroso, quási diriamos o terror, é base de toda a ordem anormal daquelles antros de tormento e de perdição.

Aos argumentos debeis das trémulas víctimas, oppõe-se a palmatória, a chibata e outros castigos ultrajantes, como claramente se deprehende das declarações das pacientes das Trinas no escandaloso caso da Sarah de Mattos, entr'ellas a duma tal Maria Alexandrina, menina de 17 ou 18 annos, que — depondo no commissariado de policia de Lisbôa — affirmou peremptoriamente que ella e as suas companheiras de infortúnio eram castigadas em camisa com uma vara, e outras vezes com a palmatoria... seguindo-se a estas humilhantes sevicias horas e horas privadas de alimentos e na espectativa horrivel de mais castigos.

Estas foram as declareções que o seu pudor ultrajado lhes permittiu fazer!... O mais importante, ficou porém sepultado no recandito do seu espírito aterrado, já pelos castigos... já pela má vontade dos elementos officiaes protectores das bôas irmãsinhas.

Recentemente o caso de Aldegavinha veio demonstrar a perigosa devassidão dos conventos, e pelas declarações de Anna de Jesus — rapariga de 13 annos — se deprehende a identidade dos castigos em todos os coios: as varadas e as palmatoadas.

E' preciso que a imprensa livre devasse tudo o que se passa nos recolhimentos religiosos, apontando aos chefes de família todo o inconveniente de atirarem com suas filhas para aquêiles antros de prostituição... para aquellas escolas do crime.

A questão Calmon entre nós e o escandaloso caso Ubao em Espanha, devem ser o ponto de partida dum levantamento geral do país contra as ordens religiosas — verdadeiro perigo para a honra das familias e para o futuro do nosso povo.

Protestamos contra semelhantes attentados, e à briosa nação brasileira asseguramos — com os nossos votos em prol da sua almejada prosperidade — a garantia da nossa adhesão de sympathia, de consideração e de respeito como as que sam devidas a uma das Repúblicas mais adeantadas em progresso e civilisação da América do Sul.

E ao sr. dr. José Calmon e sua illustrada familia, rende a *Resistencia* a homenagem da sua mais elevada estima, da sua nunca desmentida consideração.

FAZENDA JUNIOR.

Fornecimento de carnes

Começa ámanhã o fornecimento, neste concelho, das carnes de vacca e vitella, adjudicado ao sr. António Juzarte Paschoal, em virtude de ser preferivel a sua proposta, que a cámara acceitou, lavrando-se a competente escriptura, dando o arrematante, no acto de ser assignada, a caução de 3:000$000 réis, como garantia do cumprimento.

Em harmonia com as mesmas propostas e escriptura, o fornecimento ao público fica sugeito aos preços, por arroba, que sejam cotados no mercado central de gado vivo em Lisbôa, conforme se vê da tabella que a seguir publicâmos, tabella que é a da proposta acceita pela cámara.

Isto é, o preço do kilo em Coimbra desce ou sobe 20 réis, logo que diminuam ou subam os limites dos preços da arroba indicados nas casas referentes ao do mercado de Lisbôa. Os preços porque a venda agora é estabelecido, sam, ainda em obediência ao mesmo mercado, os das últimas casas da tabella, ou seja da proposta do sr. Paschoal.

Tabella dos preços para a venda de carnes em Coimbra, desde 1 de março de 1901, a 28 de fevereiro de 1902, consoante o mercado central de gado vivo em Lisbôa cote o preço da arroba

Preço da arroba no Mercado Geral dos Gados de Lisboa

De	De	De	De	De
3$205 a 3$500	3$505 a 3$800	3$805 a 4$100	4$105 a 4$500	4$505 a 5$000

Preço da venda por kilo em Coimbra

	De 3$205 a 3$500		De 3$505 a 3$800		De 3$805 a 4$100		De 4$105 a 4$500		De 4$505 a 5$000	
	Com osso	Sem osso	Com osso	Sem osso	Com osso	Sem osso	Com osso	Sem osso	Com osso	Sem osso
Vacca										
1.ª classe										
Lombo	300	400	340	440	360	500	380	520	400	540
Pojadouro	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
Alcatra	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
Roast-beef	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
Lingua		250		280		300		320		340
2.ª classe										
Vasia	240		260		280		300		320	
Chã de fóra	240		260		280		300		320	
Rabadilha	240		260		280		300		320	
Assem	240		260		280		300		320	
Pá	240		260		280		300		320	
Rim		240		260		280		300		320
3.ª classe										
Maçã do peito	190		220		240		260		280	
Cachaço	190		220		240		260		280	
Aba	190		220		240		260		280	
Chã bã	190		220		240		260		280	
Costellas	190		220		240		260		280	

	De 4$505 a 4$800		De 4$805 a 5$100		De 5$105 a 5$400		De 5$405 a 5$700		De 5$705 a 6$000	
Vitella										
1.ª classe										
Perna e costelletas	320		360		400		420		440	
2.ª classe										
Pá e assem	260		280		320		340		360	
3.ª classe										
Peito e cachaço	220		240		260		280		300	

O outro concorrente, sr. José Maria Rapouso que jurava é batia fé, como exhuberantemente temos provado, não haver meio de vender por menos, adoçando a exploração que vinha fazendo ao público, com os seus collegas, **já podia tudo,** como tambem temos esclarecido, desde que lhe appareceu um concorrente para temer, e que viu fugir lhe, sem remédio, a base da resolução em que estavam—*fazer render a cámara*. Apresentou proposta, por que Paschoal a apresentou, mas inacceitavel por todas as razões que já temos exposto, e depois que a adjudicação estava feita, appareceu—primeiro com um protesto, em sessão da cámara, e hoje com um requerimento pedindo a anullação do contracto, sob lamurias dos interesses públicos, que só agora vê e a que só agora attende, dêsse público que antes lhe merecia apenas a consideração duma rica mina a explorar.

Mas não basta citar essas miséria de proceder. Para perfeita elucidação do público, convem tornar conhecida a sua proposta, para se estabelecer o confronto. Diz nella o sr. José Maria Raposo:

«Eu abaixo assignado proponho que me obrigo a fornecer toda a vacca e vitella precisa para consumo dêste concelho

Pelos seguintes preços:

Lombo sem osso, 500; com osso, 400; alcatras pojadouro e roast-beef, com osso, 440; sem osso, 360 réis.

Carne de 2.ª classe, 320; idem de 3.ª, 280; osso para caldo, 120 réis.

Carne de vitella—perna e costellas, 440; pá e asem, 400; peito e cachaço, 360 réis.

Mais declaro que me obrigo a acompanhar os preços do mercado de Lisbôa logo que haja differença de 300 réis em arroba nos bois da Beira, assentando se hoje a base que lá existe.»

Não salientaremos a vantajosa differença para menos, que ha na proposta do sr. Paschoal, especialmente quanto a vitella. Outra, porém, merece ser especificada: — E' que, pela declaração do sr. Raposo, elle só abateria 20 réis em kilo, quando o mercado central de Lisboa baixasse trezentos réis *certos, redondos,* em arroba, ao passo que Paschoal, basta que o mesmo mercado desça 5 réis dos limites fixados na sua tabella, para elle ter de baixar os mesmos 20 réis em kilo. Quer dizer, 5 réis a menos em arroba em Lisboa, redundam para elle, em 300 réis a menos, tambem por arroba, em Coimbra, o que representa uma importante vantagem pública, que o sr. Raposo se *esqueceu de offerecer*.

Aí fica o confronto. O público que aprecie.

A cámara municipal da Figueiro da Foz pedira ha tempo, ao governo, autorisação para pôr a concurso todos os logares, vagos, de amanuenses da sua secretaria, augmentando lhes o ordenado para 160$000 réis.

Foi-lhe auctorisado o concurso, mas com o ordenado anterior, de 120$000 réis.

Findo o praso respectivo, a cámara enviou nova petição considerando que o concurso ficára deserto, continuando os logares a ser servidos por interinos, visto a exiguidade dos vencimentos, havendo por consequência necessidade de fazer-se o augmento pedido.

Mais feliz que da primeira vez, a auctorisação foi concedida, parecendo que sam concorrentes, com probabilidades do éxito os interinos actuaes.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Fallecimento e doença

O sr. Virgilio dos Santos, intelligente typographo na casa Minerva, acaba de passar pelo pungente desgosto de perder a sua única filhinha, que estremecia, ficando lhe ainda, na amarga desolação dessa dôr, a desdita de ter sua esposa bastante mal.

Enviamos lhe pesames sentidos.

---

8 **Folhetim da «RESISTENCIA»**

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

IV

Angustias

Ao comprar os cigarros, como estava só, com a dona da loja, não poude fazer alguns pontos d'interrogação.

— Vê muitas vezes a condessa de Romane que acabo de encontrar à sua porta?

— Vi-a duas ou três vezes. E' uma mulher muita original, compra estampilhas para se não servir dellas; porque se esquece de as pôr nas cartas. A não ser isto, é encantadora, apezar de muito triste.

— Móra perto?

— Habita, ha alguns dias, um palacete da rua Galileu ou Newton, não sei bem. Mas deve sabê-lo melhor que eu, visto que a conhece.

Isto acabou a questão. Arthur Wallon accendeu um cigarro, comprimentou e saiu com pena de não ter dado com uma falladora.

— Seja como fôr. Tudo isto é extravagante. O fiacre, o veu, o palacete escondido, a carta que se vai deitar em pessôa ao correio, do outro lado da avenida dos Campos Elysios...

Este Arthur Wallon, homem de sport, de club e de jogo era o curioso mais terrivel que havia em Paris. Os amigos divertiam-se a arranjar mistérios à volta dêlle. As senhoras das suas relações inquietavam-no com cartas anónymas. Não escondia nada da da sua vida mas julgava que todas as outras existéncias eram mysteriosas. Fazia esforços por as penetrar por que qualquer homem ou qualquer mulher eram para elle um romance em acção

Tinham lhe posto o alcunha de *Justiça informe*.

Ha gente assim que lê no livro da vida. Mas começam muitas vezes no meio, e não compreendem nem o meio nem o fim. O que Arthur Wallon procurava sobretudo era o capítulo das paixões; os ambiciosos não o interessavam. Mas se um homem d'estado em começo, ou um homem d'estado conhecido caíam ainda no eterno feminino, o curioso punha-se a quatro para lhes arrancar a mascara.

Esta originalidade de que toda a gente ria muito, sem que ninguem se offendesse tinha feito com que os seus amigos dissessem: «Ham de ver que, mais dia menos dia, Arthur Wallon ha de morrer voluntariamente para ir ver ao outro mundo coisas novas.»

O que havia de mais singular, é que Arthur Wallon era dos homens mais occupados; não jogava só à noite nos clubs, jogava tambem de dia na Bolsa. Não era tudo ainda, patrocinava de perto ou de longe todos os inventores. Comprava por assim dizer, um bilhete de loteria em todas as fortunas foturas.

(Continúa).

Cartas da provincia

Figueira, 24 de fevereiro.

Li nas *Novidades* de sexta feira passada:

«Sobre o negócio do bacalhau affirma-se que o sr. ministro da fazenda cuida apresentar uma providéncia. Tanto a questão se impõe. S. ex.ª que é um téchnico aduaneiro, não carece de explicações de ninguem. Mas quére-as decerto o público, que não sabe os motivos porque morre de fome, e não vê senão tirarem lhe cada vez mais. O bacalhau extranjeiro paga na alfandega 39 réis por kilo, fóra addicionaes; os felizes armadores nacionaes, que sam em número resumidissimo, formando por isso verdadeiro monopólio cuidadosamente fechado pela própria lei reguladora da matéria, pagam 5 % *ad valorem,* ainda com abatimento da differença entre os preços do peixe salgado e fresco, cálculo em que vai novo galante beneficio. Assim os felizes fazem fortuna em poucos annos, enquanto os pobres em poucos annos se tuberculisam.

E' assumpto para mais conversa.»

A conversa que o assumpto requer é simples e fácil, mas de pouca confiança por parte das *Novidades,* porque os dois interessados na pouca vergonha da pesca do bacalhau estám já muito ricos...

E' exacto o que diz aquêlle jornal e eu podia ampliar as suas explicações, mas não tenho penna para lançar, como convem, à larga publicidade um assumpto desta magnitude e ainda que tivesse não seria numa simples correspondéncia para êste jornal que o poderia tentar. Mas, por isto, não deixarei de vos dar apontamentos de que podereis lançar mão para o tratar convenientemente, com a attenção que merece e com a auctoridade que tendes.

O bacalhau que se consome nêste país, vale muitos milhares de contos de réis e alguns milhares de contos paga de direitos, porque na maior parte é extranjeiro e paga de imposto de importação 39 réis em kilo gramma. Mas ha dôze navios — nove da praça de Lisbôa, pertencentes a um rico commerciante, e três desta praça pertencentes a um cavalheiro que tambem já hoje está muito rico — que, a pretexto de direitos adquiridos, por effeito, segundo me dizem, de uma simples portaria (!) do sr. Mariano de Carvalho, pódem introduzir no país os importantes carregamentos que annualmente trazem da Terra Nova, onde vam pescar, pagando apenas approximadamente 5 % *ad valorem*, como qualquer pescado da costa, o que segundo bons calculos vale um lucro superior a uns vinte contitos de réis por navio para o proprietário que vende a preciosa pescaria pelo preço do bacalhau extranjeiro.

E note se que os taes direitos adquiridos duram enquanto durem os navios, e que o escándalo sóbe ainda a taes proporções que os donos dos navios de vez em quando os levam ao estaleiro, onde os concertam tam bem, tam bem, que saem dalli em dobro! E' maravilha vêr êstes navios depois de velhos a crescerem nos estaleiros!

Ai póbre país, póbre pôvo!

Não ha por ai um homem que saiba escrever e que queira levantar esta questão, que queira mostrar que, em beneficio de dois homens e talvez para favorecer o commércio inglês, se roubam milhares de contos à alimentação nacional e se impede que os nossos bons homens do mar desenvolvam navegação necessária, essencial mesmo a um país marítimo com um já importante e crescente commércio colonial, com uma grande exportação para o Brasil, feita em navios extranjeiros?

M.

Por engano dissemos que a brilhante illuminação no Atheneu Commercial, por occasião do baile de segunda feira gorda, era do bico *Auer*.

Simples precipitação de momento originou a confusão que gostosamente rectificamos, remettendo para o bicco *Aureo* os merecidissimos louvores que a illuminação a todos os respeitos mereceu.

O seu, a seu dono.

S. Pedro d'Alva, 27.

Falleceu nesta povoação, o sr. Francisco da Costa Ramos, abastado proprietário e cavalheiro de esmerada distincção, que pela independéncia do seu carácter e sentimentos de extrema bondade era geralmente admirado nesta povoação para a qual a sua morte representa uma falta muitíssimo lamentavel.

O seu funeral muito numeroso foi uma demonstração eloquente de profunda estima ao seu nome honrado, e à beira da campa, em palavra fluente mas repassada de sentida mágua, que lágrimas expontáneas comprovavam, fez lhe o elogio, inaltecendo lhe a memória o illustre prior da freguesía.

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA
50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO
(O único nacional)

Economia garantida de 50 0[0]

Bico Bébé Aureo a 2$000 réis
Bico n.° 1 a 3$000 réis
Bico n.° 2 a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.° 1 400 réis e n.° 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.
Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.
Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.°
COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA
171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMRRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.
Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA
171, Rua Ferreira Borges, 173
COIMBRA

PEREIRA ALFAIATE
Abriu o seu estabelecimento
Rua Ferreira Borges, 135, 1.°
COIMBRA

COZINHA POPULAR
RUA DA CONCÓRDIA, N.os 77, 29 e 31
Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.
Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

Guerreiro e Monge
POR
A. de Campos Junior
Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,
por mês—300 réis
Emprêsa litterária do jornal *O Século.*
43, R. Formosa, 43
LISBOA

Praticante de pharmácia
Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Mercearia Popular
Patrício da Silva Costa
90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.
Especialidade em café de Angola, S. Tnomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.° 1	branco fino....	260 réis
N.° 2	» »	255 »
N.° 3	» »	245 »
N.° 4	» »	240 »
Amarello		235 »

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão
e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.
Depósito geral:
Pharmácia Oriental
DE
FERREIRA MENDES
Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO
Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.
Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

João Chagas & ex-tenente Coêlho
História da Revolta do Porto
DE
31 de janeiro de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.
Assigna se aos fascículos semanaes de 16 páginas, ao preço de **60 réis,** e aos tomos mensaes de cinco fascículos, ao preço de 300 réis — **pagos no acto da entrega.**
Pedidos á **Empreza Democrática de Portugal,** rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e á **Agéncia de Publicações do norte,** rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da província, — em casa dos agentes.

Negocios forenses e académicos
ESCRIPTORIO
Praça 8 de Maio, n.° 8
COIMBRA

Matrículas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatório para o internato na Escóla do Exército, de habilitação de médicos estranjeiros para o exercício da clínica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra:
Encarrega-se dêlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.
Este escriptório com 18 annos de existéncia, onde os ex.mos académicos ou seus ex.mos representantes e mais pessoas se pódem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referéncias, comprovadas por documentos apresentados nos secretário da própria Universidade.

Aos amadores de café forte
Café do Rio puro muido á vista do freguez a 800 réis cada kilo na
Mercearia Popular
90, R. dos Sapateiros, 94

VENDA DE PRÉDIO
Vende-se uma casa na rua do Rego d'Agua n.° 5 e 7 que consta de loja, e tres andares.
Quem pretender póde dirigir-se á loja Salazar, no largo de S. João.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.
Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 reis, na
Mercearia Popular
90, Rua dos Sapateiros, 94

ANNUNCIO
(1.ª publicação)

No dia 17 de março por 11 horas da manhã á porta do tribunal de justiça desta comarca de Coimbra, ha de vender se, em hasta pública, a quem maior lanço offerecer, sobre o valor em que vai á praça, o prédio em seguida mencionado, pertencente a José Maria Vicente e mulher Maria Ferreira, da Cruz dos Morouços, freguesia de Santa Clara, em virtude da execução de sentença que contra êstes movem Carolina Ignácia de Vasconcélloz, Maria do Carmo d'Almeida Vellado e marido Caetano Affonso Vellado, Maria Adelaide d'Almeida, solteira, maior, e José António d'Almeida, casado, industrial, êste residente nesta cidade e aquelles em Santa Clara, a qual corre seus termos pelo cartório do escrivão interino do 5.° officio, — Amaral — sendo o referido prédio o seguinte:

A sexta parte duma propriedade denominada *Quinta de Santo António* com cazas d'habitação, terra de semeadura, arvores de fructo e oliveiras, sita no Senhor dos Afflictos, freguesia de Santa Clara; propriedade esta que se acha indiviza sendo comproprietários Luiz de Campos, viuvo e Marcos Ferreira de Campos, casado, residente na mesma propriedade.

Vai á praça em 91$800 reis.

Sam citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação.

A contribuição de registo será paga por inteiro por conta do arrematante.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

Comarca de Coimbra
EDITOS DE 40 DIAS
(2.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão que êste assigna, corre seus termos uma acção civel de curadoria definitiva, em que sam requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteira, proprietária, de Falla, freguesia de São Martinho do Bispo, e requeridos Adriano de Fonseca Carramanho, filho legatimo de Francisco Fonseca e de Maria Vinagre, já fallecida, natural de Falla, freguesia de São Martinho do Bispo, onde residiu até fins d'outubro de mil oitocentos e oitenta oito, e, no estado de solteiro, se ausentou ha mais de dez annos para o Brasil; e António Monteiro, casado, proprietário, de Falla, dita freguesia, como procurador daquêlle, e ausente tambem em parte incerta do Brasil; e pela mesma acção correm éditos de quarenta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annúncio, citando aquêlle procurador António Monteiro, para vir contestar, que sendo, na terceira audiéncia dêste juiso, depois de accusada a citação, a dita acção civel de curadoria de tentativa nos termos dos §§ 1.° e 2.° do art.° 194 do codigo do Processo Civil.

As audiéncias nêste juizo fazem-se todas as 2.as e 5.as feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, por que sendo-o se fazem nos dias immediatos se êstes tambem o não fôrem, sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca de Coimbra, sito na Praça Oito de Maio.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.
O escrivão do 4.° officio,
Arthur de Freitas Campos.

N.º 627 COIMBRA—Domingo, 3 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 10 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

NÃO CONFUNDIR

Na questão aberta entre liberaes e reaccionários, que tam eloquentemente se tem manifestado pela voz potente da população do Porto, clamando contra a existéncia dos jesuitas em Portugal, êstes têem procurado capciosamente desvirtuar as coisas, transfigurar-lhes o aspecto e apresentá-las como ellas na realidade não sam. E não sómente êstes processos tortuosos ham sido executados pelos jesuitas de roupeta e pelos seus jornaes, mas até no parlamento por deputados e pares e pelo próprio presidente do conselho, que, de má fé, sem dúvida, porque não sam tôlos, têem dado ás manifestações de revolta do povo o caracter de um guerra de princípios religiosos, que não existe.

Sam êlles, os pescadores d'águas turvas, que a promovem, essa guérra religiosa que urge não accender e avivar, porque della só pódem derivar lamentáveis consequéncias para todos. Convem-lhes, contudo, impellir a questão para êste terreno, de modo a envolverem na désorientação geral os seus odiosos processos de combate a toda a familia liberal.

Não se tracta evidentemente de cathólicos ou protestantes, de religiosos ou atheus. Respeitando-se os sentimentos religiosos de cada um, que devem ser invioláveis e sagrados no fôro íntimo das consciéncias, não sam êsses sentimentos chamados à praça pública como alvo de quaesquer manifestações populares.

Não se faz guerra de nenhuma ordem aos cathólicos, nem aos padres, nem à religião do estado, nem ao especial modo de ver religioso de cada indivíduo.

A questão aberta é entre liberaes e reaccionários; isto é, entre aquêlles que pugnam pela persisténcia intangivel e sagrada dos princípios de Liberdade conquistados à custa de tanto sangue e de tantos milhares de vidas, e os que, pervertendo êsses princípios, curam de os aproveitar para seu uso pessoal, com a mira de com êlles minarem e sacrificarem a própria Liberdade, sem respeito nenhum pelos direitos mais santos, como sam os do lar e da inviolabilidade das consciéncias.

Posta assim a questão, de modo nenhum deve ser desnaturada. Tedos os que disserem que as manifestações tam justamente apaixonadas do povo do Porto sam manejos políticos, mentem; todos os que disserem que sam obra de jacobinos para destruirem a ordem estabelecida, mentem; todos os que disserem que sam guerra de atheus contra a religião, mentem!

A religião do estado nada tem que ver com o jesuitismo; a religião do estado é até odiada e desprezada pelos jesuitas, que nêsse desprezo envolvem todo o clero secular, a que repugne o sectarismo pharisaico dos coios jesuíticos. Sam coisas differentes a religião de Jesus e a religião dos jesuitas, que, para melhor esconderam a negrura dos seus propósitos, se abrigam sob a capa mentirosa e falsa da doutrina bondosa de Jesus, feita de caridade e de amôr.

A guérra aos jesuitas significa, pois, guerra a todo o reaccionarismo religioso e politico; guerra à hypocrisia e à mentira, que, sob apparéncias dulcificadoras e suaves, vam invadindo todos as espheras sociaes numa extensão pavorosa do predominio, que ámanhã será o aniquilamento formal das sociedades liberaes.

E depois, nada ha mais legal e justo do que esta guerra, que deve fazer-se tenaz e insistente, sem desfallecimentos e sem quartel; os jesuitas sam entidades damninhas e perversas, que em Portugal existem contra lei expressa; as congregações religiosas, sob qualquer fórma que se apresentem, seja qual fôr o nome que as designe, sam entidades fóra da lei, como os jesuitas que as regem, administram e determinam. Por isso mesmo essa gnerra, cuja necessidade se impõe, é uma guerra dentro da lei, perfeita e absolutamente legitima.

Além disto tal movimento não tem a esterilisá-lo a orientação limitada dum partidarismo estreito; dá-lhe força impetuosa e irresistivel o nascer do seio da sociedade portuguêsa, de todas as suas classes, do coração de todos os homens de bem. A imprensa conservadora como a avançada, regeneradora, progressista, independente, republicana, socialista, toda ella, commungando nas mesmas aspirações liberaes, tem tomado parte nesta cruzada santa que não pode nem deve esmorecer.

Seja qual fôr o procedimento retrógrado, imprudente e illegal de qualquer governo reaccionário como o actual, lembremo-nos todos de que os governos passam e o povo fica. E se urge exterminar todo o jesuitismo quer de roupeta quer de casaca, que é o peor, saneemos o meio em que vivemos, para que nelle possa bracejar e expandir-se á vontade a Liberdade, que a todo o país custou sacrificios que hoje nem sam sonhados!

E frise-se bem, para evitar prejudiciaes confusões, que êste movimento respeita todas as convicções honradas e sinceras, todo o clero honesto e sério, que não cava a desordem e a ruina moral e material das familias, para só alvejar os bandoleiros da honra, da tranquilidade e da fortuna alheias.

Contra a reacção

Reunião da academia

Reüniu ontem a academia para tratar dos últimos successos do Porto, e mais uma vez se demonstrou que a grande maioria desta academia está disposta a luctar, até vencer, contra a funesta seita de Loyola.

A assembleia correu na melhor ordem, porque os académicos jesuitas não compareceram e é até para notar que nem uma só cadeira ficou partida, o que não tinha acontecido na assembleia transacta.

Fallou em primeiro logar o nosso amigo Arthur Leitão que apresentou a moção que abaixo transcrevemos. O seu breve discurso foi vibrante e enérgico, cheio de ódio contra a reacção. Referindo-se ao correspondente de um jornal de Lisbôa, disse que o desafiava a que viesse allí mostrar onde estavam as oitocentas assignaturas que aquêlle correspondente disse terem, para um protesto, os académicos jesuitas. Foi enthusiasticamente applaudido e a sua moção, por proposta do sr. Fontes do 5.º anno médico, votada por acclamação no meio de estrondosos vivas à Liberdade e morras à reacção.

O nosso amigo António Maria Pereira apresentou a proposta que tambem publicâmos e que foi immediatamente approvada.

O sr. Santos Monteiro lembrou que a academia enviasse os seus protestos de grande sympathia ao dr. José Calmon e para isso irá ao Porto uma commissão, composta de estudantes brasileiros, entregar uma mensagem ao digno consul.

A assembleia foi dissolvida no meio de frenéticos vivas á Pátria, á Liberdade e morras á reacção.

Moção

A Academia de Coimbra, reünida em assembleia geral:—ponderando os últimos acontecimentos succedidos na cidade do Porto, em que cidadãos livres foram espadeirados porque reclamavam o respeito pela lei, sendo a brutalidade e a selvageria, caracteristicas da policia, miseravel e cobardemente postas ao serviço da reacção contra a Liberdade, com absoluto menos prezo pela lei e pela ordem e, o que é mais grave, com a indifferença e até applauso dos homens do governo e seus inspiradores;—resolve:

1.º Protestar enérgica e solemnemente perante o Pais contra os crimes da policia, affirmando a sua incondicional adhesão á Academia e á cidade do Porto, em nome não só da mais leal e fraterna camaradagem, mas tambem pela solidariedade de aspirações que a ligam á gloriósa e libérrima capital do Norte;

2.º Saüdar na imprensa liberal do País, e em especial na Imprensa livre do Porto, o difinitivo triumpho da Liberdade sob a reacção, pois a ella cabe, nêste momento de crise nacional e no cumprimento da sua austera e honrosa missão, continuar um rude, intransigente e unisono combate contra os manejos da seita negra, obrigando o governo a respeitar e a fazer cumprir a Lei.

Coimbra, 2 de março de 1901.

António Rezende.
Arthur Leitão.

Proposta

Proponho que na parte da moção onde se sauda a imprensa livre do Porto pela sua nobre attitude se consigne o protesto desta academia contra o regimen de oppressão a que vem de ser submettida.

Pereira Junior.

Representação

A cámara municipal assignou em sessão de quinta feira, e remetteu ao sr. governador civil, uma representação dirigida ao chefe do estado e considerando que:

Tendo sido approvada por alvará de 1 de setembro de 1897 a construcção dum ramal de caminho de ferro entre Coimbra e Arganil, a uma companhia denominada de Mondego, sendo condições dessa concessão que os trabalhos de construcção da linha começassem no praso de 60 dias, e estivessem concluidos no de dois annos, os mesmos trabalhos fôram executados até à altura em que se encontram, parando em 1888, sem que, mercê de repetidas prorogações, a companhia os haja concluido, resultando daí graves prejuisos para Coimbra e para os povos a quem o mesmo ramal serviria; pede para que não seja concedida mais nenhuma prorogação, e consequentemente que se declare caduca a concessão, visto os trabalhos não proseguirem, seguindo-se os demais termos, de responsabilidade para a companhia, e exarados no contracto.

Carta de Lisbôa

1 de março.

Escuso de dizer-lhes que dois assumptos observem nêste momento exclusivamente a opinião liberta, aliás pouco dada a questões sérias. Sam a questão dos credores e a questão religiosa.

O que se passou no senado francês, as gravissimas ameaças do sr. Delcassé, produziram aqui, muito naturalmente uma impressão de pasmo e de revolta, que não só poderia sentir-se se de todo se houvesse pedido a sensibilidade.

Como se viu o ministro da República sr. Delcassé, mostrou-se disposto a impôr nos o *contrôle* — isto é, a tutoria, a fiscalisação, a intervenção dos crédores na nossa administração.

Quanto a mim, um tal propósito só póde inspirar a qualquer cidadão português, consciente dos seus deveres cívicos, um sentimento — o de indignação e revolta.

Deseja o governo a manifestação dêtse sentimento?

Não importa.

Acima de tudo, deve estar em nós a repugnáncia pelo *contrôle* que seria o golpe fatal na vida da nacionalidade.

Acima de tudo, deve estar para nós a honra e a dignidade do país.

Portugal certamente não póde segurar-se sob a monarchia: ninguem o duvida — nem os monárchicos.

Mas tambem não poderá levantar a cabeça sob o *contrôle*.

E a differença entre os dois estorvos é esta, enormissima: ao passo que a monarchia póde acabar, o *contrôle*, desde que uma vez se estabeleça, ficará para sempre.

Perdida uma vez a nossa independéncia — e não pela lucta mas pela submissão—, ella não voltará nunca.

Portugal sobre o *controle* deixará de ser um país livre, para ser, para sempre, um tutellado.

Sei que esta é, em synthese, a opinião d'alguns dos dirigentes do partido. E' tambem, expontánea, a minha.

E, por a ter, acho deploravel que alguns portuguêses justifiquem os injustos propósitos do sr. Delcassé pela péssima administração portuguêsa.

Essa administração, péssima como tem sido, impunemente anti-patriótica, justifica uma única intervenção: — a do país.

E' essa que se reclama e se impõe pelo governo da soberania popular. E' essa para a qual nós devemos convergir todos os nossos esforços.

o

Os acontecimentos do Porto continuarám sendo vistos aquí com especial interesse, que encobre applausos.

A academia de Lisbôa reüniu ontem, já affirmou a sua adhesão ao movimento feito no Porto. Depois da reünião, alguns estudantes vieram em manifestações para as ruas, sendo presos dois.

Supponho que ha de haver aqui mais alguma coisa. A opinião busca pretexto para se proclamar nas ruas. Hoje, a propósito da procissão dos Possos que percorreu a grande artéria central da cidade, talvez houvesse alguma coisa se o dia não estivesse como está desde manhã, que chove copiosamente. A procissão acaba por isso de sair agora sem espectadores.

Pelo menos, haverá um grande comício destinado a reclamar o cumprimento de leis que escorraçaram os jesuitas e as ordens religiosas—comício que será, com certêsa, uma imponentíssima manifestação.

Conseguira todo êste movimento e exterminação do grande mal nacional, do grande estorvo da democracia e do progrssso?!

Supponho que sim, se elle fôr persistente, se todos os liberaes se convenceram da necessidade do seu esforço.

O governo, sei o, está de certo modo apavorado com a agitação que se levantou e, por apavorado, hesitante sobre o que faser.

E' claro que, se a agitação recrudescer, ella se imporá ao governo, impondo-lhe o seu dever.

Se isto se conseguir, a sociedade portuguêsa terá dado um grande passo e alcançado uma grande victória.

O jesuita — eis o grande inimigo de nós todos.

Arredá-lo de vez seria, pois, facilitar enormente a obra da depuração e regeneração da sociedade portuguêsa.

F. B.

A imprensa do Porto e os jesuitas

Se alguem ha que têem ainda dúvidas sobre a *alta* protecção que bafeja o jesuitismo e o alenta nos seus audaciosos tramas, attente nas medidas de repressão adoptadas pelo governo contra todos os que, legitimamente, reclamam o cumprimento de leis em vigor, e diga-nos que poder occulto determina tal attitude.

Os jornaes do Porto que, sem discrepáncias partidárias, se haviam affeiçoado para uma justíssima campanha contra os roupetas, abroquelando o povo nas suas nobres reivindicações, receberam ordem do governador civil para não escreverem palavra sobre os acontecimentos que estão interessando todo o país, prohibindo-selhes mesmo o relato dos simples casos das ruas, concernentes ao assumpto!

Depois disto, que é a última violéncia e desmascara o *fundamental* sr. Hintze—o das affirmações cathegóricas alli em S. Bento—não pódem restar dúvidas de que o jesuitismo se sente forte entre nós, agachado na protecção desembuçada que lhe prestam as mais *altas* individualidades; mas egualmente não pódem subsistir surdos quanto á necessidade de continuar a campanha emprehendida com tanto ardor, destruindo, se necessário fôr, com os jesuitas os seus maléficos protectores.

Aos nossos camaradas do Porto, tam nobremente empenhados nesta justissima causa, affirmamos toda a nossa sympathia, e solidariedade no seu protesto contra o *uxase* do poder.

Julgamento

Em audiéncia geral d'ontem foram julgados, pelo crime de furto duma porção de facto feito ao negociante e algibebe sr. António da Silva Braga, estabelecido na rua dos Sapateiros, Manuel Paixão, Alvaro d'Oliveira, Luís Diniz e Justino Ferreira.

Paixão condemnado em 2 mêses de cadeia e 5 dias de multa a 200 réis. Os restantes absolvidos, por maioria.

JESUITAS

II

Não está nos nossos intuitos fazer, com mais ou menos abundáncia de notas históricas, um estudo sobre os jesuitas, dada por um lado a sua manifesta dispensabilidade, accrescendo por outro a nossa insufficiéncia para tal tentativa, emprehendida já por uma legião de robustos espiritos votados ao icnoclatismo do Absurdo e do Crime. Está geralmente assente o que elles sejam, na sua duplicidade de instinctos maus, rapozas e lobos, como anda na cancão de Béranger.

O nosso fim é apenas repellir, sem infladas pretenções, as aleivosias e os sophismas de que os reaccionários, oppugnadores da attitude liberal da Academia, se serviram para captar adhesões de ingénuos que lá fôram, tangidos por *gros-bonnets* pimpões, galear a sua inconsciéncia em desapprovadoras manifestações de stulticia e baixeza.

Não sortiram todo o effeito calculado as maniversias postas em jogo, e que afinal se confinaram na tarefa ingrata de attribuir á manifestação um caracter antireligioso e pôr-lhe um rotulo partidário que inutilizasse a colligação de elementos politicamente heterogéneos. Alguns conseguiram as manhas jesuíticas reticular nas suas arguciosas insinuações; esses, porém, devem sentir-se agora contrictos e vexados, certificando-se de que se não tratava duma manifestação de livres-pensadores ou de republicanos mas simplesmente dum protesto de liberaes onde tem logar todos—os religiosos fóra do jesuitismo e os liberaes fóra dos partidos avançados.

E sam êstes apostolos, inflamados no sacro zêlo de restaurar as congregações religiosas, que numa alta prova da sua lealdade nos gritam: *tartufos!* Mas quem sam elles? Em nome de que principios ou de que interesses vêem combater nos?

Temos em primeiro logar os theologos.

Entre-parenthisis registe-se que a theologia, na nossa Universidade, é uma espécie de posto de abrigo onde vam acolher-se os *naufragos,* os que tropeçaram no limiar do Codigo Civil, os mutilados da horrifica chacina de Direito.

Mas sam os theologos uns adversarios lógicos, coherentes fataes? Não...

Elles deviam ser os primeiros a appoiar este movimento, porque pelo crescente poderio absorvente do jesuitismo o clero ordinário ficará reduzido á condição dum proletariado sem garantias e sem direitos. E não só em nome dos seus interesses como, e principalmente, na defêsa dos sãos principios religiosos que nada têem e severamente condemnam os sophismas criminosos da *Súcia,* condensados nessa moral casuistica, audaciosa e torpe, com que através a história pretenderam justificar toda a sua obra de árdidos bandoleiros. Os senhores theologos bem sentem que nada os compellia a hostilizar o nosso protesto, e que, conscenciosamente, só podem justificar-se com o receio pueril de que superiores faciosos lhes negassem, ou ao menos retardassem, a investidura nas ordens sacras.

Que não é inconciliavel a sua situação com o protesto franco, violento, contra os jesuitas, dissémos; e não é affirmativa *avulsa,* de dandy, original, creada pelo nosso sectarismo, pois que a história a corrobora quando nos transmitte as conclusões da faculdade de theologia de Paris de 1554, 1625, 1626, etc, que os denunciaram como perturbadores da ordem social que no interesse geral urgia exterminar.

E no curso dêstes juisos derivaram as Universidades de Lovaina, Tolosa, Paris, Bordeaux, Carcovia — esta brandindo-lhes a apostrophe celebre: *soberanamente indignos.*

Que os jesuitas lesavam até os interesses do clero ordinário, offendendo os sãos principios da religião—affirmamos; e assim o exprimiu, calorosamente, num protesto a Clemento 8.º, o clero cathólico da Inglaterra em 1601: e assim o representou a Pio 4.º, em 1564, o clero de Roma; e tal o proclamaram, numa revolta alta neira, em 1594, os parochos de Paris: e idénticamente se pronunciaram cathólicos laicos de diversos paises, todo o clero da Fran ça, inclusivé as religiosas da abbadia de Voltigerola, etc., etc.

Isto sam factos, senhores theólogos. Contestem-lhes, se pódem, a authenticidade, provando-nos com sobriedade de termos repolhudos. documentalmente, que estas accusações sam *dispautérios gerados na ignorância, na falsidade, no exaggero.*

Affirmem-se combatentes galhardos, não uns rábidos carolas, timidos e ridiculos, que o nosso *dandysmo* amarfanha com nótulas ligeiras.

O ultramontanismo tem pretendido sempre subordinar o clero á sua direcção absoluta, espoliando o sempre, invadindo a esphera dos seus direitos e dos seus principios, usurpando uns e adulterando outros.

E tal a audácia, que é para julgar dos effeitos da sua acção escravisadora que em 1854 proclama o *episcopis adoptan tibus sed non judicantibus,* estabelecendo um dogma especulativo para experimentar a disciplina do clero.

Ora quando uma classe assim é affrontada nas suas regalias e vê por tal fórma falseada a sua missão, tem o direito, naturalmente reconhecido deante de todas as tyranias, de protestar, nas academias doutas como até na revolta praça pública.

Os senhores theologos, alguns ao menos, assim o comprehendem. Mas pensam no futuro que sonham aconchegado de voluptuosidades patriarchaes, sem se lembrarem que perante uma manifestação collectiva não ha anáthema que vingue, ódio que não acalme.

Dos theólogos é, pois, a maior parte dos protestantes. Os outros que os acaudilhão sam uns patetinhas receiosos dos açoutes dos papás ou servilmente dobrados ante a cáthedra conservadora. Miguelistas uns, com momentos de jubilo em todas as manhãs de nevoeiro, a visão querida da forca onde promettem pendurar-nos mal chegue á barra o louro proscripto: simplesmente carólas outros, com instinctos gulosos de sachristão, opa de seda na terra com logar d'honra nas procissões, querendo os conventos porque lá se *fabrica bom doce,* e o bello rebuçado peitoral: convictos e honestos poucos, que por um prejuiso de educação se deixam ficar embevecidos por entre as ruïnas desoladas do Passado.

E' com esta gente que nos defrontâmos, e é esta gente que nos appellida *tartufos:* Vamos vendo, vamos vendo.

H.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

EXPLICAÇÃO

O sr. dr. Luis de Magalhães, que nos últimos dias obteve uma triste notoriedade, permittiu se dizet, sem respeito pelo nome glorioso de seu pae, o grande José Estevam Coelho de Magalhães, a custa do nome do qual tem vivido, envolto numa auréola immerecida, que José Estevam atacara noutros tempos os jesuitas, movido por *fins politicos* de occasião.

O que quer dizer que o eloquente tribuno, que á liberdade deu a sua vida e o seu sangue, que formou o seu luminoso espirito ao fragôr épico das luctas liberaes, em que foi soldado indefesso e intemerato, pela espada, pela penna e pela palavra, era mais ou menos como os traficantes politicos d'hoje, que subordinam aos interesses mesquinhos da sua política pessoal as ideias mas nobres e grandiosas. Para elle a Liberdade, por que combatera nos campos de batalha e nas luctas agitadas do parlamento, e em nome da qual pronunciou o seu discurso immortal sobre as irmãs da caridade, não passava dum pretexto futil, utilisavel só para fins politicos.

Temos, por isso, de lembrar ao minúsculo filho de tam grande pae, que José Estevam combatera a reacção religiosa, não só por impulsos do seu nobre espirito, mas ainda ferido por ella nas suas affeições mais intimas.

Ha muitos ainda que conhecem o acto de audácia praticado pelos jesuitas de então, de arrancarem á cidade d'Aveiro alguma das suas meninas mais formosas, de familias respeitaveis, uma das quaes era sobrinha de José Estevam, prima, por isso, do sr. dr. Luis de Magalhães, que bem deve conhecer êste caso.

Esta sua prima, Augusta de Magalhães, era filha de António Augusto de Magalhães, irmã de José Estevam, e então celebrada pela sua formosura peregrina e pelas raras qualidades da sua intelligéncia. Alliciada por essas entidades para quem nada ha de respeitavel, de tal modo foi captada e pervertida nos seus sentimentos, que a um seu parente, quando êste foi ao convento onde ella se encontrava, pintar lhe o desespero do pae, o desgosto enorme do tio que a estimava profundamente, da familia, enfim, que a adorava, a ver se a demovia a voltar para o seio dos seus, respondeu a apontar lhe para a porta de entrada:« — Desde que entrei aquella porta para dentro, deixei de ter familia!»

E saberá tambem o sr. Luis de Magalhães que, passado tempo, essa menina foi restituida a sua familia, perdida já a sua radiosa mocidade, alquebrada a sua saude e empanado o brilho do seu espírito.

Parece-nos que êste acontecimento, tam emocionante elle foi, seria mais do que sufficiente para determinar impulsos irreprimiveis de indignação e de cólera em qualquer consciéncia, quanto mais no alma generosa e grande de José Estevam.

Sirva isto ao menos para que os que não conhecerem a inconfundivel figura do maior tribuno do nosso tempo, não jurem nas levianas palavras do filho, attribuindo a *fins politicos* a campanha liberal em que se empenhou o glorioso pae do sr. dr. Luis de Magalhães.

Subsista-se no protesto

O governo entrou em absoluto caminho de repressão contra as manifestações liberaes em que se pede o cumprimento das leis prohibitivas das ordens religiosas.

As scenas de selvageria praticadas pela polícia do Porto estam já repetidas em Lisbôa, significando a primeira affirmação de que Hintze mentiu quando affirmou no parlamento que faria cumprir aquellas leis, comprovando-se que está d'alma e coração dado á protecção das ordens condemnadas e banidas.

Começou a perseguição á imprensa pela apprehensão do *Diário da Tarde* e tornou se em factos a affirmação de que se ia entrar em energias para abafar os clamores populares. Tudo isto está feito—e o governo e os seus delegados nas duas cidades ás ordens do seu jesuitismo, mascarando-se essa vergonhosíssima situação com o embuste de que se trata duma questão politico-religiosa. E comtudo bem sabem todos que a questão é apenas de revolta contra os actos criminosos dos jesuitas e para que as leis se cumpram.

Appareceu já o edital mordaça do governador civil do Porto, documento vergonhosamente reaccionário e que significa uma bandeira de protecção, por ordem do governo á orda reaccionaria estabelecida no pais.

Isto é, o jesuita impera com uma influéncia decidida entre nós. Começa o seu poderio no paço e acaba na última esquadra de policia. Paço, governo e policia dão-se as mãos, e alliados com elle apertam a consciéncia popular num circulo de ferro para esmaga-la. Aí está a repressão irritante e insensata a justificá-lo. Resta porém um meio de reagir, de inutilisar essa propositada má vontade de *quem manda.*

E' que as associações de toda a parte se reunam para protestarem, enviando representações ao parlamento; é que todo o país se imponha pelos meios legaes, que tantos ha ainda para adoptar. Feito isso, a situação que é já clara desvendar-se ha de todo:—ou o governo cumpre a vontade popular impondo o desapparecimento das ordens, em obdiéncia a leis que vigoram, ou se declara absolutamente contrário ao querer do país para se tornar servo submisso do elemento jesuítico, que tem no paço o seu quartel general.

Neste segundo caso a liberdade fica absolutamente perdida, e então será imprescindivel defendê-la.

Como, di-lo-hão as circunstáncias de occasião, visto como é a tirania dos imperantes que provoca as grandes agitações.

O protesto por todos os meios legaes impõe-se desde já. O resto ver-se-ha depois.

Consequéncia das chuvas

Uma forte depressão, observada ontem na rocha sobre que assenta o muro da Couraça de Lisbôa, e parte do pavimento da rua fez recear um desabamento daquêlle muro, em que se via já uma queda pronunciada, sobre as trazeiras dos prédios da rua d'Alegria.

Como medida preventiva, e a tempo felizmente, foi o muro demolido na extenção em que a depressão se dera, e abertos uns fossos na rua para derivar as águas do ponto de ruína.

Trabalhou nêste serviço o pessoal da officina das águas e da limpêsa, bombeiros municipaes e voluntários com a assisténcia do sr. presidente e outros vereadores municipaes, conjurando se a tempo o maior perigo.

Feitos aquêles trabalhos, e quando o pessoal já tinha retirado, uma parte da rocha abateu, felizmente em pequena extenção, caindo sobre uns quintaes e sem attingir os prédios da Alegria.

Contra a reacção —pensamento grandioso

Logo depois das festas em honra dos tunos espanhoes, começou as suas reüniões a commissão académica nomeada na última assembleia geral para dar cumprimento ás propostas constantes da moção que o sr. Arthur Leitão apresentou e que foi approvada.

Decidiu já entender-se com as academias de Lisbôa e Porto para uma unidade no movimento anti reaccionário a seguir, e procurar colher adhesões de todas as associações do país para a grandiosa manifestação nesta cidade, ao túmulo de Joaquim António de Aguiar, manifestação que deve assumir extraordinárias proporções de imponéncia e de significativo protesto contra os inimigos da liberdade que perturbam a ordem social, envoltos na hypocrisia duma falsa religião.

Propôs mais o sr. Arthur Leitão que se promova levantar numa das praças desta cidade um monumento á memória daquêlle grande estadista e saudoso liberal, como preito de admiração do seu acto audaz e conscienciozo de extingir as ordens religiosas nêste país.

Para levar-se á prática êste intento, é parecer do proponente que se convidem todas as associações de Coimbra a nomearem um seu delegado, constituindo todos, com a commissão académica, uma grande commissão que pratique aquelle acto de justiça devido a um morto tam illustre.

Com a sua annuéncia, as associações provarám não ter esquecidas as gloriosas tradicções civicas da população conimbricense, e o monumento terá o cunho caracteristico de iniciativa da cidade, como distincção merecidissima á memoria dum dos seus filhos mais illustres, senão o primeiro d'entre todos, que foi Aguiar.

A ideia é grandiosa e significativa. Applaudimo-la com enthusiasmo, e convencemo nos de que a commissão académica encontrará em meio das associações a cooperação que pretende.

Se a população coimbrã se tem, mantido desde ha annos numa relativa quietitude ante factos que tem agitado outras, é que a iniciativa não se lhe deparou decididamente praticavel. E de resto não se lhe pode suppor extincto o espirito liberal tam grandiosamente manifestado em epochas passadas. E agora que a mocidade académica, numa sublime affirmação de consciéncia pretende o seu concurso para um acto tam significativamente nobre, a população acorrerá ao chamamento, provando, por intermédio das suas associações, que ama e defende a liberdade, a que os nossos antepassados votaram, em lutas cruentas o mais acrisolado affecto.

Missa

A confraria do Santissimo da freguesía de Santa Cruz manda rezar ámanhã pelas 8 horas, na respectiva igreja, uma missa sufragando a alma do fallecido escrivão de direito sr. José Carvalho.

Transferência

Foi transferido dêste districto para o de Castello Branco, o fiscal do sêllo sr. Luis Osório.

Tribunal do Commércio

Em sua sessão de quinta feira approvou as contas respeitantes á massa fallida de José Rodrigues Madeira, de Goes, apresentada pelo respectivo administrador sr. António de Moura Bastos, e apreciou, julgando a procedente uma acção movida por José Alves d'Oliveira, de Soure, contra D. Maria Leonor Bacellar Quaresma, como representação de seus filhos menores, para pagamento duma divida, por lettra, da quantia de 1:100$000 réis.

A questão da "Ribeira-Peixe,, na ilha de S. Thomé

I—**Denúncia**—n.os 1041 a 1802—Agosto de 1894 a Abril de 1897—do *Universal*, jornal que se publicava em Lisbôa.

II—**Desforço**—n.os 481 a 605—Outobro de 1899 a Dezembro 1900—da *Resistência*, bi-semanario de Coimbra.

III—...?...—

I

Por mais que finjam e até mandem fingir não fazer caso...—êlles lêem?.. doem-se... deixá-los penar!..—; embora me custe magoar alguem... e áquêlles que têem obrigação de attender, en surdeça os ouvidos o badalar constante do vil metal—*tlim, tão!..* tem tanto chiste, tanta graça, o ladrão!..—; apezar de tudo e de todos, eu não hei de cessar de repetir, enquanto e como possa—e, quando eu não puder, alguem por mim continuará a repetir—que:—

Nesta ubérrima ilha de S. Thomé, existe uma propriedade ou *roça* do Estado, a mais ubérrima e mais seguramente do Estado de quantas por ai têem feito de *pédaços pés* inteiros, situada no extremo da freguesia de S. João dos Angolares, do concelho da mesma ilha,—devida e nitidamente delimitada e confrontada,—chamada *Terras da Ribeira Peixe;*

A qual propriedado do Estado, tendo sido uzurpada por meio de *exbulho violento*, provado e julgado por uma sentença judicial, foi mandada restituir a quem de direito;

Mas, depois de inteiro e formal cumprimento da dita sentença, está mudada de nome, de confrontações, de limites e até de freguesía!... e passou agora a ser trocada, vendida-revendida e tornada a vender, qual roupa de Francêses, por processos e entre typos mirar bolantes... de génio e honestidade, com plena sciéncia e limpa consciéncia de toda a gente... de igual mira e bolla;—tudo com o soberano senso e superior consenso dos próprios servidores do mesmo Estado e por êste pagos e... satisfeitos!..

Denunciei, devida, documentada e provadamente, essa *uzurpação com exbulho violento;* e não desisto do propósito de reivindicar para o Estado aquella propriedade, quando um dia consiga ser *acompanhado da assistência do governo* do mesmo Estado, que me foi promettida; visto nada poder fazer sem ou contra ella...

Tal qual. Irrefutavelmente demonstrado. Lá está tudo, documentos, razões e provas, reproduzido nos lugares acima apontados.

Aconteceu que, apenas feito o requerimento de *denúncia da uzurpação*, levantaram se nos seus 12 pés os donos dos ditos que, nas terras uzurpadas, apascentavam livre e impunemente e desataram a berrar que «*nem o custo do papel sellado do requerimento eu reembolsaria*». Mas quando, nos citados números do *Universal*, viram como era segura a *denúncia;* quanto eu estava ao facto dos direitos do Estado áquellas terras e certo dos meus ao denunciar a sua uzurpação; quando viram isso, irritou-os de assombro a singular altivez do *canarim*—deixem me ter essa vaidade!..—Escarrracharam se então nos lombos de quantos outros lhes supportam a cauza que, embora pezada e dura, é doce, lúbrica e fresca.. do precioso metal; e assim montados e unidos, *pés* inteiros a *pédaços*, conjuraram» *reduzir-me á fome e vêr morrer como um cão*»!

Principes et reges convenerunt in unum...

Foi contra essa conspiração, e unicamente por isso, que escrevi a **segunda série** dos 20 artigos publicados nêste bi-semanário.

Um mero **desforço.** Aprazme tê-lo tirado cabal e por completo. A meu modo e contento, unicamente?—Tanto basta.

Dos rendimentos da *Ribeira Peixe* é que *êlles* não gozaram, nem um vintem! Ao contrário... E por isso se desjungiram e, simultanea e reciprocamente, se—escoucearam *pés*, aliás tam uniformes e intimamente ligados.

Peitas, subornos, escándalos, abominações as mais desprezi veis... nada valeu á segurança e sustento das terras usurpadas! Embrulhadas, aldravadas quanto possivel e, por fim, largadas de mão, como tigella quente!...

Ha em algumas das ilhas do archipélago da Guiné, dessa mesma Guiné que, toda uma provincia de Portugal, era *concedida* em paga da *usurpação da Ribeira Peixe*, pelas niveas mãos dum Ministro da Corôa, se as bentas unhas doutro Ministro lhe não põem um *travão;* ha na Guiné um *rato* curioso, chamado **Miguel-d'oiro** ou **Miguel-doido,** dotado da prenda de espertêza de todos os... ratos, mas exhibida por uma fórma singularissima:—Surripia quanto *acha* na casa que *habita* ou *frequenta*, especialmente: brincos de orelhas, correntes, relógios, alfinetes, medalhas, botões, *bibelots*, moëdas d'ouro e prata... e recolhe tudo, á medida que tira, debaixo da terra ou nas paredes e muros, em esconderijos fundos, estreitos e tortuosos que só elle pode penetrar e sabe esquadrinhar. De maneira que, descoberto mesmo o larápio e o cóio ou o logar onde esconde os objectos furtados, ainda assim é impossivel ir rehave-los!... Mas os indigenas sabem e praticam com inteira precisão e certeza o seguinte processo de lh'os tirar:—Reconhecida a entrada do esconderijo, põem ai uma tijella ou *tamina* cheia d'águardente, ficando a espreitar de longe e sem serem vistos. **Miguel-d'oiro** toma logo o seu pifão, percorrido por todas as phases da embriaguez; e durante esta, como que ancho e radiante das riquezas *adquiridas*, vai buscá las, uma por uma, ao fundo do buraco e faz estendal dellas em frente da *sua porta*... até que, expostas todas ellas, elle mesmo, bebedo de todo, estira se satisfeito a contemplá las. E' então corrido, quando não é morto, a tiro, ou á pedrada; e os objectos *arrecadados*...

Em S. Thomé não ha destes roedores, *simples*. Mas ha ratazanas mais vorazes e complicadas.

... —**Úknès** lhe chamam. Ha os *maiúsculos, minúsculos, gansavas, imémés, potrelicos, zeros*...

De **Úknès** *gansavas*, os três mais complicados e manhosos e de **Ukné** *gansava maiúsculo*, o seu chefe, conde, classificou o proprio *vice* dêste e meu impróprio ex-sócio, no *Campeão das Provincias*, em tempos que já lá vam...

Tambem *elle* não é *Miguel*: é *Zé*. Mas, como *achasse* muito oiro, ficou doido!?...

O certo é que **Ukné-gansava-maiúsculo, Zé-d'oiro** ou **Zé-doido**—como queiram!—tinha *capiansado*, quanto poude, á Fazenda Pública, á Santa Casa da Misericórdia e aos libertos desta, aos *forros* da *Bella Vista* e da *Bôa-Entrada*, aos pobres nómadas *Angolares* e aos *ricos camponéses, proprietários completamente livres de Diogo Vaz*. E certo é tambem que nenhum dêstes o embebedou com cachaça. Outros o malinaram com prebendas, arachás, arminhos, titulos... E elle—**coitado!**—lá fez logo estendal das riquêzas surripiadas!... Parte das bifadas á Fazenda e aos *Angolares*, nomeadamente a *Ribeira Peixe*, já lha tiraram... Passou-lhe, porém, o estonteamento a tempo de recolher o resto?... Haverá quem lhe ministre outro; até lhe apanharem tudo e o mandarem, de vez, á missa... O coio de **Zé-Ukné** está descoberto. E' fartar villanagem!...

Mas se o meu desforço para com as **Ukuès-gansavas** foi completo, cabal e á minha moda, resta me ainda a liquidar um saldo tanto de *haver* como de *dever* de não somenos importáncia.

De haver, com outros conspiradores—**Úknès** *minusenlos, imémès, zeras*...—; e de *dever*, com a illustre redacção dêste prestante periódico que tam obzequiosamente me proporciona a liquidação da volumosa *conta-corrente*.

Recommendando aos seus leitores a *segunda serie* destes artigos, dizia a *Resistência* n.º 482, de 5 de outubro de 1899:

«Damos hoje publicidade ao segundo artigo duma segunda serie em que o sr. Ligório Nicolau Cabral, *considerado e abastado proprietário de S. Thomé* continúa tractando uma questão de moralidade relativa a uma usurpação de terrenos do Estado na opulenta ilha de S. Thomé pela firma Valle-Flor & C.ª.

«Este caso, á medida que se vai desenrolando na exposição, revela se como typico da moralidade administrativa colonial.

«E' uma questão interessante de seguir, por demais edificante, para que chamamos a attenção do público.»

E no n.º 536, de 19 de abril de 1900:

«Começamos hoje novamente a publicação dos artigos sobre a *Questão da Ribeira-Peixe na ilha de S. Thomé*, devidos á *brilhante penna* do sr. Ligório Nicolau Cabral. Merece a pena ler-se esta importante questão, pois é deveras curiosa ainda mesmo para aquelles que a ella sejam extranhos.»

Sam muito de agradecer, porque os reputo sinceros, os dois lisongeiros conceitos sublinhados na transcripção, mas absolutamente inexactos. Nem eu sou *abastado proprietário de S. Thomé*,—nem a minha *penna* é *brilhante*.

Ha, porém, uma distincção fundamental a fazer:—*brilhante* nunca a minha *penna* foi, não é, nem o será; ao passo que: *abastado proprietário de S. Thomé*, podia tê-lo sido e ainda posso vir a sê-lo, querendo, mediante os processos empregados por tantos que por ai ha e haverá... *considerados*.

E' para saldar com o que tenho a *haver* dalguns destes aquillo que *devo* á generosidade da illustre redacção, que vou escripturar esta nova *conta corrente*.

Não se assuste a *abastança* toda, que a pistola não tem fecho. Quem me não deve, não têma. O ajuste de contas é só com aquêlles que entraram na conjuração de me *reduzir á fome e ver morrer como um cão*. Ainda estou vivo e mordo!...

Não se pense que eu reeditarei aqui as *tenebrosas* revelações, feitas na *Resistência* n.º 320 e no *País* n.º 844 de 17 e 21 de Março de 1898; e outras *ainda mais tenebrosas* promettidas fazer, pelo meu admiradissimo collega, dr. António José d'Almeida, ácerca das qualidades moraes, conducta e aptidões colonisadoras dêsses mesmos *abastados* e *considerados*. Nesta parte até seria crime eu tocar, estando ella já em tam robustas e prestigiosas mãos.

A minha conta a liquidar é bem outra e bem mais calada, como se verá no decurso desta **terceira serie** de artigos a que só no fim poderei pôr o *sub-titulo*,

S. Thomé, 1 de janeiro de 1901.

LIGÓRIO NICOLAU CABRAL.

PUBLICAÇÕES

O Occidente—*Revista illustrada de Portugal e estranjeiro.*

Recebemos o n.º 796 desta explendida revista, que publica as seguintes gravuras de palpitante actualidade: Os novos reis de Inglaterra, Eduardo VII e Rainha Alexandra; Proclamação de Eduardo VII no palácio de S. James; Capella no cemitério dos Inglêses, em Lisbôa, onde se celebraram os officios fúnebres, pela rainha Victória; Giuseppe Verdi; O real theatro de S. Carlos, António de Andrade; Necrologia, dr. Augusto Rocha; Medalhas da Exposição de París de 1900.

A parte litterária compõe-se dos seguintes artigos: Chrónica Occidental, por D. João da Cámara; As nossas gravuras; O real theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; Questões Sociaes, por D. Francisco de Noronha; O Senhor Francisco, por Pin-Sél; Licões de Photographia por António A. O. Machado; Necrologia; Publicações, etc.

*

Aventuras Parisienses.—Em continuação á *Formosa Costureira* e *Coração de Heroe* acabamos de receber o volume *Honra por Dinheiro* de Pierre Sales, editado pela antiga livraria Bertrand José Bastos—Lisbôa.

O quarto episódio que sairá brevemente, intitula-se *As Victimas do Amor*.

A's nossas queridas leitoras recommendamos estas publicações que custam um preço modessissimo.

EDITAL

A commissão do recenseamento militar do concelho de Coimbra faz saber que se acham affixadas nas portas das igrejas parochiaes, em conformidade do artigo 30.º § único do Regulamento dos serviços do recrutamento de 6 de agosto de 1896, cópias authénticas do livro do recenseamento militar do corrente anno; e que o mesmo livro se acha patente em poder do secretário respectivo, até ao dia 15 de março nos Paços do concelho, desde as 9 ás 3 horas da tarde, para ser examinado pelos interessados; que durante todo o mês de março, poderám ser apresentadas á commissão todas as reclamações contra a inscripção ou omissão de qualquer mancebo, indevidamente feita, ou contra o modo como cada um tiver sido classificado no livro do recenseamento, na conformidade do artigo 36.º.

E que no mesmo praso serám apresentadas á camara municipal, segundo o disposto no artigo 125.º do citado regulamento, todas as petições de adiamento, exclusão ou dispensa.

Coimbra, secretaría da commissão do recenseamento militar, 1 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO
(O único nacional)

Economia garantida de 50 0[0]

Bico Bébé Aureo	a 2$000 réis
Bico n.° 1	a 3$000 réis
Bico n.° 2	a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.° 1 400 réis e n.° 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.
Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.
Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.°

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA
171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMRRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA
171, Rua Ferreira Borges, 173
COIMBRA

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.°

COIMBRA

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

Guerreiro e Monge
POR
A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43
LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Mercearia Popular
Patrício da Silva Costa
90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muídos à vista do freguês.

Preço dos assucares

N.° 1	branco fino....	260	réis
N.° 2	» »	255	»
N.° 3	» »	245	»
N.° 4	» »	240	»
Amarello		235	»

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental
DE
FERREIRA MENDES
Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

João Chagas & ex-tenente Coêlho

História da Revolta do Porto
DE
31 de janeir de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna se aos fascículos semanaes de 16 páginas, ao preço de **60 réis,** e aos tomos mensaes de cinco fascículos, ao preço de 300 réis — **pagos no acto da entrega.**

Pedidos à **Empreza Democrática de Portugal,** rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e à **Agéncia de Publicações do norte,** rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia, — em casa dos agentes.

Negocios forenses e académicos
ESCRIPTORIO
Praça 8 de Maio, n.° 8
COIMBRA

Matrículas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatório para o internato na Escóla do Exército, de habilitação de médicos estranjeiros para o exercício da clínica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra:

Encarrega-se dêlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existéncia, onde os ex.mos académicos ou seus ex.mos representantes e mais pessoas se pódem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referéncias, comprovadas por documentos apresentados nos secretário da própria Universidade.

Aos amadores de café forte

Café do Rio puro muido à vista do freguez a 800 réis cada kilo na

Mercearia Popular
90, R. dos Sapateiros, 94

VENDA DE PRÉDIO

Vende-se uma casa na rua do Rego d'Agua n.° 5 e 7 que consta de loja, e tres andares.

Quem pretender póde dirigir-se à loja Salazar, no largo de S. João.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 reis, na

Mercearia Popular
90, Rua dos Sapateiros, 94

ANNUNCIO
(2.ª publicação)

No dia 17 de março por 11 horas da manhã à porta do tribunal de justiça desta comarca de Coimbra, ha de vender se, em hasta pública, a quem maior lanço offerecer, sobre o valor em que vai à praça, o prédio em seguida mencionado, pertencente a José Maria Vicente e mulher Maria Ferreira, da Cruz dos Morouços, freguesía de Santa Clara, em virtude da execução de sentença que contra êstes movem Carolina Ignácia de Vasconcélloz, Maria do Carmo d'Almeida Vellado e marido Caetano Affonso Vellado, Maria Adelaide d'Almeida, solteira, maior, e José António d'Almeida, casado, industrial, êste residente nesta cidade e aquelles em Santa Clara, a qual corre seus termos pelo cartório do escrivão interino do 5.° officio, — Amaral — sendo o referido prédio o seguinte:

A sexta parte duma propriedade denominada *Quinta de Santo António* com cazas d'habitação, terra de semeadura, arvores de fructo e oliveiras, sita no Senhor dos Afflictos, freguesía de Santa Clara; propriedade esta que se acha indiviza sendo comproprietários Luiz de Campos, viuvo e Marcos Ferreira de Campos, casado, residente na mesma propriedade.

Vai à praça em 91$800 reis.

Sam citados quaesquer credores incertos para assistirem à arrematação.

A contribuição de registo será paga por inteiro por conta do arrematante.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

Restaurador do cabello
PREPARADO POR
Francisco Miranda d'Assis
Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando à sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS
41, — Praça do Commercio — 42
COIMBRA

Sapataria Progresso
(Antiga casa Daniel Guedes)
39 — Rua da Sophia — 41
Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos **— Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41
COIMBRA

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108,

N.º 628 COIMBRA—Quinta feira, 7 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis: semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

O governo e a reacção

Nesta hora solemne de gravíssima crise nacional, em que o povo português, insultado nos seus brios, escarnecido nos seus direitos, parece condemnado a uma morte inglória e aviltante, urge que os liberaes, cuja consciência e dignidade cívicas ainda não sossobraram, se congreguem em volta da mesma sagrada bandeira da Liberdade, jurados a defendê-la e a vingá-la dos vís e cýnicos ataques que a oligarchia dominante em torpe conluio com o jesuitismo resolveu vibrar-lhe.

O desenlace final do drama extranho que a alma nacional, sacudida por uma bella aspiração de justiça, tem acompanhado com vibrante interesse que positivamente não é o duma moribunda, já foi annunciado no parlamento.

O decreto de 1834, honra e glória immorredoura de Joaquim António d'Aguiar foi condemnado a morrer ás mãos do «do mais infame da grande cáfila dos corruptos».

O regimen, proseguindo tenaz e logicamente a obra criminosa da morte duma nacionalidade, acaba de affirmar clara e ousadamente a sua solidariedade com a reacção jesuitica, em defêsa ou em obediência à qual calca a lei, suspende as garantias individuaes, encarcera e manda a fôrça pública, convertida em guarda pretoriana, acutilar e suffocar o clamôr vibrante daquêlles que apenas lhe pedem o cumprimento rigoroso e exacto da lei.

*

Perante uma situação tam clara, em face dum repto tam ousadamente formulado, diante do gravissimo perigo que nos ameaça, os liberaes, sob pena de atraiçoarem o seu ideal por uma cumplicidade que, por ser tacita, não é menos criminosa, tem, neste momento, obrigação indeclinavel de entregar todo o seu esforço á causa da liberdade que, por vergonha nossa, é ainda, nesta hora adiantada da civilização, a grande questão nacional.

Preciso é que accordemos duma vez para sempre desta atonia que nos mata e que matando-nos, enterra a última esperança do ambicionado resgate da nossa patria Urge que, deixando de vagabundear pelas formas dum barato e ridiculo *dilettantismo* liberal e abandonando inteiramente o o systhema de guerrilhas dispersas, façamos alguma coisa que seja uma realidade concreta e cerremos fileiras, unidos pelos vínculos duma sólida disciplina.

E isto porque,—não devemos esquecê-lo—a victória da Reacção sobre a Liberdade no prelio que actualmente entre ellas se trava marcará, porventura, para esta a hora trágica da irremediavel derrota.

No domingo reüniu a secção médica do Instituto fazendo o sr. dr. António de Pádua uma communicação sobre o inquérito a que procedia no país para determinar as zonas em que reina o impaludismo, as condicções telluricas e chimatéricas em que se desenvolve, e estudar os meios que se têem empregado nas diversas regiões, para o combater, as condicções do seu progresso e desenvolvimento noutras.

O sr. Charles Lepierre fez tambem uma interessante conferência sobre os meios de cultura, dando conhecimento duma substância nova da sua invenção, cuja composição é chimicamente bem determinada e que dá ao meio uma invariabilidape que pelos processos antigos se não conseguia.

O "Dia,, e a reacção jesuitica

O *Dia*, em longo artigo de fundo, trata *A questão religiosa*.

E' um artigo sentimental, impregnado do carater dramático do auctor d'*Os Lazaristas*.

Defende as congregações religiosas, como os inglêses defendem o trafico do alcool,—*boas para uso dos pretos!*

Ataca a propaganda contra as ordens religiosas; porque a *questão religiosa não deve ser tratada e nunca poderá ser resolvida pela rhetórica e seus tropos* e, para as defender, traz os seguintes interessantes periodos, de vigorosa argumentação e nada rhetóricos.

Sam periodos para estudar e recitar em assembleia recreativa de progaganda—*União e Fé*.

Aí vam, marcados para pianno por um apaixonado ensaiador d'*Os Lazaristas:*

—raras pessôas o saberám!—*(Maestoso...)* a bandeira nacional que tremulou em Coolela, *(Brillante...)* e todas as que, arvoradas nos acampamentos e nos postos escalonados desde Maxixe até Chicomo, fallaram *(Forte...)* da pátria aos vencedores do império vatua, todas *(Ralentando...)* foram cortadas, *(Tremolo...)* pelas irmãs de Cluny, que, no seu afan de ser úteis, descançavam *(Caprícioso...)* das vigilias do hospital e das orações da regra, *(Pianissimo...)* cegando se a costurar. *(Forte...)* Inimitaveis!

Pum!

A situação do Porto

O governo e os seus agentes, numa fúria quixotesca a que elles chamam a manutenção da ordem pública, tem continuado a commetter os mais revoltantes attentados contra a liberdade individual.

Os nossos collegas *Norte, Diário da Tarde, Século* e *Mundo*, só têem circulado quando os altos caprichos de um Fagulha o permittem. O mais simples commentário aos actos da auctoridade superior dum districto ascende as iras policiaes ei-los, Tartarins officiaes, apprehendendo, supprimindo, prendendo e por fim victoriosos, exclamam: *sam ordes!*

E, para epilogo da comêdia, Hintze, o fundamental, declara em S. Bento que toma inteira responsabilidade do procedimento do sr. governador civil do Porto.

Responsavel, elle! Como tudo isto é ridiculo.

Protestar? E' inútil. Apontemos os factos e que cada um tire dêlles a philosophia que sugerem.

*

Mas, depois de todas estas exhibições, os senhores governamentaes hám de reconhecer que um povo não cabe numa esquadra policial e que as aspirações de um país não morrem com quatro pranchadas.

O procedimento do Porto já devia ter convencido disto as gentes da governança. No dia 3, depois da publicação do famoso edital, foi apedrejado o recolhimento das Irmãs do Coração de Jesus. Interveio a fôrça armada, chegando a haver lucta e por último fôram presos alguns populares.

Mais tarde novo grupo travou lucta com a fôrça armada effectuando se mais prisões.

Estes factos mostram que a energia do sr. Hintze será talvez impotente para fazer calar os gritos dos que pedem justiça.

Com o tempo irregular dos últimos dias tem-se dado em Coimbra alguns casos de influenza que fazem prever o apparecimento duma epidemia próxima.

Promessas do sr. Hintze

Alguns jornaes reaccionários de Lisboa que, aos primeiros rebates da *questão religiosa,* entoaram lôas á Liberdade, rebuçando o seu plano em considerações ambiguas—mas que, superficialmente lidas, pareciam conter ideias salutares—vão pouco e pouco desprendendo a mascara e franqueando o seu jogo. Ou por necessidade de conciliar phrases de vida profundamente divergentes, ou pelo desejo de manter relações amistosas com Deus e com o diabo, o certo é que êsses jornaes vão concluindo, suavemente, pela legalisação das ordens religiosas, affirmando a impossibilidade de applicar, em toda a sua plenitude, as leis de 34.

Ora nós não queremos as ordens religiosas porque as julgamos perniciosas á vida do Estado, e bem decerto que quaesquer que sejam as peias que possam pôr-lhes não lhes alteram o carácter verdadeiramente subversivo. As condicções não variaram; e a continuarem os governos na disposição complacente de tolerar os coios, sem reprimir os seus desmandos, antes avigorentando-as pela impunidade, breve teremos um estado dentro de outro estado.

O governo, pela voz do fundamental sr. Hintze Ribeiro, aproveitou solerte a *deixa* das gazetas a que nos referimos, declarando que uma vez abonançados os ánimos, elle alguma coisa faria no sentido de guardar a Liberdade dos ataques da reacção.

Alguma cousa, mas não *tudo,* como se reclamava, porque as circunstâncias o não exigiam como outr'ora—disse; e solemne, distendendo o braço num gesto largo, prometteu a elaboração de altas reformas que remediassem todos os males que os actuaes sucessos desnudaram flagrantemente.

A resposta do sr. Hintze Ribeiro não nos satisfaz, como não nos illudem as considerações do Ennes, do Navarro e quejandos folliculários.

Queremos a lei applicada em toda a sua integridade. As circunstâncias não attenuaram de gravidade: complicaram-se, mercê da criminosa tolerância que, offendendo abertamente a lei, todos os governos têem concedido á seita.

Nêste sentido se devem orientar os protestos contra a invasão jesuítica. Que temos nós que Ennes pretenda justificar a especulação dos *Lazaristas,* conciliando o seu jacobinismo de outr'ora com o reaccionarismo de hoje?

Que nos importam os *negócios* do Navarro?

O nosso grito de sempre, a nossa reclamação permanente será esta: *ordens religiosas na fronteira!*

Não vale a pena, cavalheiros!

Vários jornaes do feliz systhema que nos rege, dedicam largo espaço ao eterno enygma dos crédores externos, posto agora em foco, arrogantemente, por Guerin e Delcassé, em França.

E na augusta missão de derramar luz, aí vêem elles com todo o cortejo dos syndicatos, *controles,* convénios, Espergueiras, Burnays e Reillacs, etc., o que, salvo os seus bons *intentos,* apenas nos faz chegar à conclusão que a hoste dos patifes augmenta, fazendo prodígios em torpêzas, mas cujo fio conductor apenas elles conhecem.

Taes inquéritos à matilha não passam de discussões de soalheiro, é verdade, no entanto descobrem um pouco o veu que envolve esta trapalhada...

Que diabo! mas ainda falta fallar da presumida viagem do Navarro a París para continuar a collocar nas esquinas os pasquins com que honrou o país.

Ponham o homem a caminho, e não se preoccupem mais com a marcha dos acontecimentos.

Deixa andar, corra o marfim...

JESUITAS

III

Em nome da Liberdade—que êlles insultam, porque a não comprehendem—os reaccionários do *Reverso* conclamam a necessidade de pugnar pela restauração das ordens religiosas que nos apresentam como tendo sido, na marcha dos séculos, lídimos factores da Ordem e da Civilização.

A História dá um desmentido formal a estas farfalhudas declamações, desconexas na sua pretenciosa construcção, de uma miseravel vacuidade de ideias; mas a história, para êlles, é um simples amontoado de accusações *falsas, ignaras* e *exaggeradas* com que os inimigos da Súcia procuram alluir-lhe o poderío.

Mas invocando a Liberdade, acolhendo-se à sua sombra, e como que acceitando a sua alliança ou a sua protecção, êstes reaccionários de prima tonsura sam afinal uns incoherentes ou uns hypócritas. A Liberdade não póde existir com o Jesuitismo. Este condemnou sempre o liberalismo como um poder opposto ao seu, como uma contradicção viva do seu programma.

Fez-lhe a guerra mais ardente, tramou-lhe os ardís mais infames, declarou se sempre, abertamente, seu inimigo. O *Syllabus* o proclama, a história vibrantemente o corrobora.

E se os nossos reaccionários intendem que o jesuitismo póde viver numa sociedade ou com um regimen de franca Liberdade, ou modificam por sua conta e risco o antigo programma da *Sucia,* ou o desconhecem, ou pretendem velhacamente illudir-nos.

Querem uma prova do que avançamos?

Attentem nessa sérvil, humilhante, declaração endereçada ao rei das Duas-Sicilias, em 1854, onde declaram que só podem viver à sombra dum governo despótico, declaração que vem firmada pelos maioraes Jesuitas Paladini, Rossi, Jerôme, Paradisi e David Polomba.

A liberdade luctou sempre, sem indúcias, contra o espírito compressivo dos Jesuitas que, mais ou menos, em epochas quási successivas, dirigiram a Igreja nas suas arremettidas petulantes contra todos os poderes civis.

Tal facto vem eloquentemente assignalado em Castellar: «A história da civilização moderna é uma lucta permanente da Igreja com todos os poderes civis. Luctou com a Austria pelas *leis Josefinas,* luctou com a Toscana pelas leis *Leopoldinas*, luctou com Napoleão I pela interpretação da concordata, com Napoleão III pela revolução nos diversos países».

Esta lucta incarniçada, sangrenta, convulsionou todos os países, velando de infámias selváticas a história de cada um dêlles. E' impossivel esquissar sequer esse combate titánico a que o grito audaz da *Reforma* communicou maiores alentos; mas basta consignar, para o effeito que temos em vista, que a Liberdade foi sempre alvejada

pelas investidas da ferocidade jesuítica.

Para que vêem, pois, escudar-se num principio que repellem por inconciliavel com as suas theorias de dominação absoluta?

Ha agiotas, ha syndicateiros: portanto, em nome da Liberdade, tambem devem haver jesuitas — dizem, muito anchos, na consciência duma arietada proudhonesca, os reaccionários do *Reverso*.

Como se a Liberdade fôsse p'raí uma deusa tutellar de patifes...

Ha explorações que brigam com o principio sacrosanto da solidariedade social? Ha crimes impunes, erros sem castigo?

Nenhuma dúvida ha em confessar que sim; mas taes explorações praticam-se, taes crimes e taes erros commettem-se, não em nome da Liberdade, mas simplesmente em nome da corrupção dos costumes ou do regimen politico onde se produzem.

Fallam nos os reaccionários nos *progressos da intelligência* determinados pela existência das ordens religiosas.

Estâmos vendo como a intelligência floresce sob a pata de ferro do dogma. E' alli o jesuita Morel que o consigna, no *Universo*, quando diz que a Igreja não só tem o direito de impedir a livre troca de ideias mas até de policiar as opiniões.

Fechado o espirito à especulação racionalista, prende-se, escravisado aos absurdos da fé.

Obdiência cega — *perinde ac cadaver*. Como compensação de se dar ao espirito o repasto de incongruéncias tolas que legalisem ridículas patacuadas, concede-se de ordinario indulgéncias plenárias.

E julgam-se quites, os respeitáveis marotos...

Contra as tentativas da razão, para as reprimir, brandem-se crebamente os anáthemas. Accendem-se fogueiras, experimenta se a polé. De Abelard a Giordano Bruno, a Gallileo, a Vesale vai todo um martyrologio illustre.

Os *progressos da intelligência* — accelerados pelos papas jesuitas Honorio III e Gregório IX prohibindo, com ameaça de anáthema, o estudo das sciéncias *mundanas e philosóphicas*, taes como o **direito civil**, as sciéncias naturaes, etc., etc.!

Os jesuitas o muito que poderiam fazer aos espiritos cujo aperfeiçoamento lhes é confiado, era experimentá los nas jonglerias da sua metaphisica ardilosa, como a casuistica, o probabilismo e outras correlativas artimanhas a que Pascal prendeu o rabo-leva da sua ironia sangrenta. De fórma que das mãos de taes marotos só pódem saír dignos discipulos que na vida venham estadear a sua moral escura.

Detenhamo-nos hoje por aqui.

Esta questão é peregrina, e bem prova a ignorância dos senhores reaccionários que nos incitam a tomar armas pela causa santa da fradalhada. Mas hoje como sempre, em resposta, o nosso grito será êste:

Abaixo os jesuitas!

CARLOS MENDONÇA.

Post-Scriptum.

Por amavel informação, chega ao nosso conhecimento que os alumnos de theologia estám revoltados com a nossa descolorida prosa.

Revoltados?! Sim: é uma destas revoltas de orgulho insólito que tem um parvo quando se lhe diz que não é positivamente um génio.

Mas offendemos nós os alumnos da faculdade de theologia? Não nos parece. Ampliando a nossa referéncia diremos que a theologia, *na nossa Universidade como em outros estabelecimentos*, continúa sendo abrigo de prófugos e meio de accesso fácil ás commodidades da vida.

O facto que, em parenthesis, consignamos, é indicativo de inferioridade intellectual? Não o dissémos.

Em theologia, como de resto nas outras faculdades, ha espiritos *d'élite* e ha espiritos tacanhos.

E deixem-nos dizer-lhes que quem tem a consciencia da sua superioridade fica-se sem alárdes tôlos que compromettem.

Na consciéncia do nosso aprumo moral, tambem nós nos ficâmos serenamente. Não devemos, não tememos.

Agora outra coisa:

Falla-se num repto a discussões doutrinárias. Poupem se ao ridiculo da quixotada. Discutiremos se nos aprouver, e como nos aprouver.

E aos srs. fica o direito de nos jogular na sua iracundia...

C. M.

Receio de abôrto

O sr. Hintze Ribeiro affiançou gravemente que a *montanha*, governativa engendraria obra completa sobre as ordens religiosas.

Não lhe assistimos ao parto. A *Companhia* mette se nisso, e temos desmancho pela certa.

A innundação dêste anno não teve felizmente a grandeza da do anno passado. Foi porém notavel pelo seu crescimento rápido, innundando as insuas e todo o campo e chegando na baixa até à rua das Solas, rua da Moëda, Sapateiros e Terreiro da Herva, não havendo prejuizos; porque os proprietarios que o anno passado tanto soffreram, puzeram agora tudo rapidamente a bom recato.

Tornou-se tambem notavel a innundação no Rocio de Santa Clara.

O volume extraordinário das águas fez com que pudesse aquí chegar, um pequeno vapor, tripulado pelos srs. João Maria Santiago e Adolpho Santhiago, dois sympáthicos filhos da Figueira, que fôram esperados no caes por immensa gente, e acompanhados, no seu regresso, pouco depois das 10 horas da noite do dia 4, por alguns estudantes e amigos seus.

O abaixamento das águas deu-se muito rapidamente e o pequeno vapor encalhou próximo de Santo Varão, conseguindo afinal safar-se. Algumas das pessoas, que seguiam no vapor, tomaram o caminho de ferro em Alfarellos, os outros seguiram até à Figueira onde chegaram depois de uma viagem feliz.

O sr. António Augusto Gonçalves depositou no museu de antiguidades do Instituto uma alámpada, de cobre, do século XVI, dum belio desenho e caracter decorativo. Sam hoje rarissimos exemplares tam formosos como aquelle.

Na pequena sala envidraçada com que fecha o museu, foram collocados os fustes, bases, capiteis, e almofadas pilastraes que se retiraram da Sé Velha na restauração que se anda fazendo.

Na mesma sala, se acha tambem agora uma janella manoelina das que eram tam vulgares no século XVI, no cunhal dos edificios, e de que ha ainda um exemplar curioso na rua das Sollas. A do museu de antiguidades foi retirada duma casa no largo do Romal.

Os objectos do museu acham-se quasi completamente descriptos e etiquetados, trabalhando-se agora na installação das obras de ferro que formam uma das collecções mais curiosas do Instituto e que é única no país.

Os alumnos da Faculdade de Theologia

—

Recebemos um linguado de papel sujo, cortado de emendas, assignado — os alumnos da Faculdade de Theologia.

Tinhamos mandado publicar o communicado, precedendo-o das palavras que a incorrecção do caso pedia, quando nos appareceu um estudante da Faculdade que se justificava com a ignorância das praxes jornalisticas.

Vinha para rever as provas!

Ficamos admirados de tanta simplicidade.

Publicâmos por isso a carta.

Sr. redactor.

Desejava-mos dever á lealdade jornalistica de v. ex.ª a fineza da publicação das poucas linhas que seguem.

Duas palavras

Ao sr. H. dos *Jesuitas*.

Tem consciéncia daquillo que escreveu ácêrca da—theologia na nossa Universidade—?

Acha-se com forças e lealdade para se apresentar com correcção e sem tergiversações e comprovar o seu assento com argumentos irreductiveis?

No caso affirmativo fica o sr. H. reptado a faze-lo; aliás será tido como tendo tanto de consciéncia, lealdade e correcção como de valor sónico (que infeliz coincidéncia!) tem entre nós a lettra sob que se acobertou.

6 de março. Os alumnos da faculdade de Theologia.

E' duro d'ouvir, mas tem muitissima graça.

Ha de ficar na história o periodo do H.

Sede prudentes, moços, dai exemplo de moderação, ovelhas do senhor.

Fica feita a declaração.

O auctor do artigo é o nosso amigo Carlos de Mendonça, que de joelhos, conforme manda o preceito quaresmal, responde que não tem os peccados que perguntaes.

E por este anno dae-vos por satisfeitos. Cumprimos.

Agora deixae correr a quaresma e voltar o entrudo que vem e nós depois responderemos.

Só para o anno. E' quanto podeis exigir da nossa religião dentro da lei.

Era um H modesto, longe de vaidades, para vós que sois disprendidos das pompas do mundo.

Desta vez assigna com o seu nome e está prompto a fazer soar a trompa de Roldão, e a usar a espada de Oliveiras, e a descer comvosco a combate singular.

E' novo ainda, e não sabe que D. Quixote, que foi um grande doutor da Igreja, disse que se não deve combater com moinhos de vento; por que se moe o corpo sem proveito.

E desculpem o H que é sem som e sem desejos de os offender.

No sábbado teremos um espectáculo no theatro-circo. E a apresentação duma companhia espanhola que está actualmente na Figueira da Foz.

Subirá á scena o *João José*, o applaudido drama espanhol, cujo papel principal é representado, segundo nos affirma pessôa competente, duma fórma superior.

Sairám brevemente as *Constituições*, de D. Jorge d'Almeida, reproducção dum exemplar raro da Bibliotheca da Universidade, que inicia as publicações que intenta fazer a secção d'archeologia do Instituto de trabalhos raros que interessem a vida e costumes de Portugal.

A edição vem illustrada com o brazão do magnifico bispo, reprodução dum azulejo mudegar que se conserva no museu de antiguidades, do annel encontrado na sua sepultura, do retrato e do frontispício da edição do século XVI.

A obra é precedida dum estudo histórico das constituições dos bispados em Portugal pelo sr. dr. António Ribeiro de Vasconcélloz.

Marcelino de Mesquita

O illustre dramaturgo sr. Marcellino de Mesquita enviou á imprensa um justissimo protesto contra a prohibição — intimada pelo governador civil sob informação do anodino sr. Alberto Pimentel — de uma peça sua que trazia o nome de *Noite do Calvário*.

Este facto revela claramente a decadéncia a que tudo chegou nêste bello país de sol e de syndicatos. Um governador civil, de par que legisla em matéria de carnes verdes permitte-se o julgamento de coisas litterárias que não percebe, cuja contextura e intuito criticos o seu intellecto não abrange.

Por outro lado, a Arte está submettida á fiscalisação caprichosa e imbecil do sr. corregedor Pimentel, tam conhecido pelos seus planos de jardinagens e pelas múltiplas e variadíssimas *empadas* com que tem alastrado a litteratura...

De fórma que todo o trabalhador honesto, de talento viril, se vê a cada passo na contingéncia de renunciar á sua Arte, tal como a concebeu e pretende realizá-la, visto os tropêços com que lhe atravancam incessantemente o caminho, só amplamente aberto aos especuladores e aos mediocres.

Está neste caso o sr. Marcelino de Mesquita cujo novo trabalho os patetas da critica official inutilizaram, attribuindo-lhe allusões pouco correctas, dando-o como a remembração de scenas que bem recentemente chocaram os nervos da *alta-roda* lisboeta.

Os tempos vam para os finórios que tomaram a peito seguir as indicações ironisadas por Nordau p'ra conquistar o *sucésso*. Na litteratura, como no theatro, como na politica elles andam acclamados, festejados por *claqueurs* sem escrupulo que douram o seu nome de um falso prestigio em sédiços *réclames*.

A Arte... Isso é uma coisa bonita para dilecções ingenuas que não miram só, impacientemente, aos triumphos faceis da ribalta, à *chaise longue* veneranda da Academia Real, ou ao collar do Instituto; mas p'ra quem deseja apenas flanar pelas avenidas da popularidade, notado, apontado a dedo, commentado com mesuras graves, tem ella que ser uma exploraçãosinha de effeitos calculados...

Dêsse o sr. Marcelino de Mesquita em *souteneur*, explorasse a *Severa*, mais a *Rosa*, as ternuras deleitosas do *fado* e os impetos apaixonados de alguma *borboleta* a morrer d'amor, e veria como os vários Cetesiphons da crítica lhe proporiam corôas de ouro e acantho. Com o arrozinho fumegante, olé!

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Litteratura e arte

BALLADA

I

Numa floresta antiquíssima, onde medram árvores altivas e sobre a qual peza ha muitos annos já uma nuvem pardacenta e sinistra como o olhar dum condemnado á morte, ouve-se a voz do mar, ao longe, espelhado e revolto atravez das árvores que rareiam, como uma toalha immensa de platina estendida até ao ceu.

A VOZ DO MAR, ao longe—Perdidas galeras de marfim beijáram o meu dorso altivo e forte de gigante e na senda prateada que os nautas corriam em busca da sua Terra de Promissão, sorriam-me ao largo as saudades das Bem-Amadas, como lenços brancos a acenar nas curvas dos caminhos.

E o canto lendário das sereias, a inconstância eterna da Vida, enleiou os sobre as minhas águas na esperança de receberem o triumpho da benção das águas. Mas naquella onda que arrastou as joias dos naufrágios, refulgentes atravéz da limpidêz de crystal do meu indomito seio, foi-se a esperança do amor simples, ingénuo e dôce, á flôr dos lábios, convicto como o último olhar das týsicas que no outomno, á beira das minhas praias, perdem de vista as velas brancas dos navios. E as mysteriosas plantas florescem suavemente, sob a glauca estrada das minhas águas, perfumadas e puras como beijos de creanças.

A VOZ DAS ARVORES—A alma das plantas vive acantonada no mystério da terra e nós, as solitárias, de braços erguidos para os astros, temos sempre a mesma imprecação blasphema nestes algidos abraços que não fructificam. A vaidade fez-nos irmãs das estrellas que nos fixam, desdenhosas, nas longas noites negras da nossa anciedade, quando o vento nos despe, e todas nuasinhas de folhas, escondemos a ingenuidade virgem do nosso corpo, no manto claro do luar. Bandos de namorados debandam sob a carícia dormente da nossa sombra e os doidos e os cegos e os aleijadinhos param á beira do caminho, no enlevo daquellas vozes que preludiam a ballada do eterno amor, e cansados acolhem-se sob a carícia dormente da nossa sombra, oasis calmo na grande sêde que os abraza.

Na penumbra dilue-se a vibrante alacridade da madrugada e nas grazinadas metállicas das aves rompe a orchestração estranha da floresta, saudando a glória ingénita do sol.

Entretanto tem accordado a carícia dos violinos adormecidos nas noites de serenata em que a bestialidade das leôas amansa como um cordeirinho manso. E aquella immensa nuvem, que ensombrava a floresta, rompe-se como o hymno dum heroe na amplidão da victória.

A VOZ DAS AVES—Para nós é sempre dia e o triumpho bemdito do sol doira-nos e doira a terra que odiamos. Palpita a liberdade das nossas azas e a nossa voz é aquella saudade com que lembramos a carícia do nosso primeiro ninho. O amor vôa comnôsco e a benção christianissima da luz traz-nos o amor da vida livre e ingénua, longe da indifferença da terra. Maldito o coração que nunca amou. Nem queiras a luz dos astros que te offusque, nem a gló-

ria que te domine, nem o degredo que te opprima, que o amor livre transitório e simples, como o nosso, é o verdadeiro amor.

A VOZ DOS VIOLINOS—Os nossos arcos brancos e curvos, brancos e curvos contorsem se nas cordas que gritam altivamente a inglória lucta dos não amados. Velhos de cantar arripiâmos. Era uma vez um môço ingénuo e lindo como o sol. Fez-nos vibrar de amôr louco, suavíssimo, inviolado e incomprehendido, para adormecer a sua Bem-Amada. Entre a mýstica harmonia do nosso canto, onde vislumbravam nevoeiros baços duma paysagem amortecida, no fundo branco dos gelos expectantes, entre a história romantica do amor dum velho de cabellos de neve, amor de avô, pela velhice, pela saudade legendária e adoravel, entre a desolação piedosa duma ilha de infelizes amantes abandonadas, que nella se perdiam á sombra de reconditas florestas, robustecia-se a agonia tragica da arca da violenta vibrada com rancor, como a crispação que põe um ferro em braza nos labios unctuosos duma chaga. E aquelle ingénuo moço accordou a sua Bem Amada da dulcissima visão do amor gêmeo, entre transportes e arrebatamentos de nubente, porque morreu d'amor á flôr dos sonhos, quando os lábios lhe sorriam no prelúdio castissimo dum beijo e o olhar alcançava a amimetobia ambicionada. Morreu com a extrema-uncção bemdita do nosso canto, vibrámos em unisono pianissimo, como almas perdidas numa caricia de sonho e d'ai veiu-nos esta tristeza que nos opprime, sepulto em nós aquelle antigo amor que ficou insepulto, porque quando nos accordam arripiamos em risadas estridulas de louco, que vibram convulsivamente nas nossas cordas velhinhas e cansadas. O amor é a maior desgraça, a nossa voz o canta, e a nossa voz o chora.

> Coberto de pó, envelhecido, a túnica em pedaços, arrasta-se tropegamente até á entrada da floresta, o Poëta, de cabellos esparsos, emranhados, como a juba dos leões o olhar azul muito dôce, espalma-se pelo espaço como as folhas altas das palmeiras desamparadas. Veiu andando, andando e do incerto caminho percorrido forram-lhe os ouvidos, como uma carícia dolente, os echos da voz do mar, da voz das árvores e da voz das aves. As Virgens, explendidamente nuas, vagueiam pela floresta, enroscadas no oiro fulvo das compridas tranças. O Poeta, adormece ao ouvi las, como um desejo impuro se perde na suavidade dum olhar de Mãe.

AS VIRGENS—Morremos de frio, resignadas e murchas como violetas. Florescem no nosso olhar bandos de desejos e esfregamos com cinza o nosso corpo e purificâmo-lo e ungimo-lo e os nossos desejos e a nossa voluptuosidade morrem de frio, como um python enlanguescido agonisa num triste dia de chuva no collo que entrelaça. Explende o oiro das nossas tranças por onde se côa o Sol, num beijo triumphal e os deuses cegam se com a nossa magestade, com a alvura espiritual da nossa carne, com a tumidez dos nossos seios, com a frescura dos nossos lábios, como morangos rubros colhidos sob o baptismo do orvalho, com a doçura do nosso olhar, fundo como cisternas, onde se afogam todos os maus desejos. Na sagrada ignorância da vida nem sabemos de mais nada que não seja a placidêz dos nossos sonhos, a volubilidade dos nossos affectos que se não decidem, a constância com que amâmos o perfume das laranjeiras naquelles doirados pomares por onde passeia a victória do oiro e por onde se perdem entre corregos floridos os vestigios das nossas passadas.

O POETA, em sonhos—Daquelle saudoso país donde eu parti chegam-me novas pela bocca caricio se das Virgens que me embalam na suavidade angelical duma voz acariciante, desenrolando-se pela calma da tarde, como um fio de prata pela linha sinuosa que scinde dois seios morenos de mulher. Corri o mundo inteiro. Chagaram-se-me os pés nas urzes e nos cardos do monte asperos e seccos que cobriam a crypta escalvada das serranias da Terra da Mentira. Por lá do mi a monte, como os lobos, e, quando despertava, cegavam-me os olhos os beijos perfidos das Illusões. Accordou me a voz saudosa do mar, que todos julgam grande, indómito, poderoso, mas a quem definha a nostalgia do ceu todo estrellado, que nunca se quis afogar. A amar passei meus dias eguaes smpre e sempre desolados e nunca houve amor que me completasse. Fugi daquelles desenganos que me perseguiam e que numa cavalgada infrene me parece ainda ouvi-los atraz de mim. As minhas amantes fizeram-me tédio de tanto me acariciarem na perfidia do seu fingido amor, como carbúnculos falsos nas orelhas finas duma princêsa. A Verdade mostra-me que é Vaidade aquella insoffrida áncia de amor que me abrazava e entre a Virgindade da Terra e a do Amor deslisam meus dias suaves agora, como a carícia de velludo que se esbate num collo de infanta.

> No bucolismo idýlico do por do sol, entre a harmonia rythmica da voz das fontes que saciam a floresta, como melodia a vibrar nas cordas metállicas das harpas, ouve-se o canto astral das virgens. O Poëta adormece suavemente na dulcissima Visão de um novo Amôr, maior, mais forte e mais são, como a necessidade imperecivel do Soffrimento ou da Victória.

A. PEDROZO ROIZ.

Manifestações anti-jesuiticas em Lithôa.—A policia

A' última hora chega a noticia de uma imponente manifestação anti jesuitica em Lisboa.

Um grande número de estudantes resolveu ir junto do monumento dos Restauradores discursar ácerca dos últimos acontecimentos e cobrir de crepes a estátua de Camões.

Juntou-se uma enorme multidão, superior a 2:000 pessoas, e, levantado o primeiro viva á liberdade, a policia, na velha mania de manter a ordem, espadeirou o prendeu quem encontrou.

E' grande o número de feridos e estam presos 17 populares.

O sr. Hintze Ribeiro continúa sendo o responsavel; que o povo se não esqueça disto.

Manifestação a J. António d'Aguiar

A commissão que em Lisbôa promove uma manifestação ao glorioso filho de Coimbra, Joaquim António d'Aguiar, tem recebido grande número de adhesões e ultimamente resolveu trabalhar de harmonia com a nossa academia.

Sabemos que a commissão académica tencionava, e fal o ha em breve, entender-se com a de Lisbôa. Applaudimos com todo o enthusiasmo estas resoluções para que a manifestação revista o brilhantismo que deve ter uma tam grande consagração.

O sr. dr. Gonçalves Guimarães, vice reitor da Universidade mandou fazer pelo sr. A. Augusto Gonçalves um sello da Universidade para substituir o que se tem usado, que é moderno e sem caracter artistico.

O desenho, que é oval, representa a sciéncia de pé, no meio duma moldura góthica dum grande effeito decorativo.

Está quasi acabada tambem a cercadura que ha de emmoldurar as cartas dos bachareis e doutores e substituir a que se usava, pobre e mesquinha, como a tarja dum diploma de associação de aldeia.

Partiu ontem para Lisbôa a commissão da direcção da Associação Commercial de Coimbra que vai apresentar ao governo a representação dos habitantes de Coimbra contra a creação do curso do notariado em Lisbôa e a favor do seu estabelecimento em Coimbra.

A commissão era composta dos srs. Pedro Ferreira Dias Bandeira (presidente da assembleia geral), Francisco Villaça da Fonseca, presidente da direcção; António Augusto Neves, primeiro secretário da assembleia geral; Affonso de Barros, primeiro secretário da direcção; Paulo Antunes Ramos, vice-presidente da direcção; José Augusto Macedo.

A commissão deve ser recebida por o sr. Hintze Ribeiro, sendo apresentada pelo sr. governador civil desta cidade, dr. Luiz Pereira da Costa.

Temo-nos occupado largamente desta questão reclamando o que justamente deve pertencer a esta cidade e estamos certos que as corporações de Coimbra, que têem empregado todo o seu esforço para conseguir este desideratum, ham de afinal saír victoriosas, mau grado as ambições em contrário do novíssimo deputado sr. dr. Martins de Carvalho que ainda ha pouco viamos um revoltado d'opereta e hoje encontramos anichado rafeiramente aos pés do João Franco.

E' necessário que todo o povo de Coimbra se levante, numa reclamação unánime, a exigir do governo a creação do curso do notariado em Coimbra.

Quando aquelles que o governo nomeia para representantes do povo se negam a cumprir o seu dever, intervenha o povo directamente.

E estamos certos que todos, com rarissimas e vergonhosas excepções, cumprirám nobremente o seu dever.

Congrua parochial

Acha-se em cobrança a congrua parochial, das freguesias de Santa Cruz, S. Bartholomeu, Santa Clara, relativa ao anno de 1900, de que é cobrador o sr. António Augusto Lourenço, morador na rua da Sophia, n.º 70, 2.º andar.

AGRADECIMENTO

Joaquim de Carvalho e Santos não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessôas que se interessaram por elle, por sua mulher e seus netos mandando saber da saúde de todos, na prolongada doença, por que passaram, lança mão dêste meio, agradecendo a todos, reconhecido, tantas provas de interesse e amisade.

Approveita tambem esta occasião para agradecer ao seu amigo o ex.mo sr. dr. Vicente Rocha, o cuidado, e carinho, que, como médico, a todos dispensou.

PUBLICAÇÕES

História da Revolta do Porto.—Continúa saindo com uma perfeita regularidade a **História da Revolta do Porto**, de João Chagas e do ex-tenente Coêlho. Já estám publicados quatro fasciculos e com o fasciculo quinto distribue-se o 1.º tomo.

Esta publicação é, sem dúvida, a mais interessante quer sobre o ponto de vista politico, quer litterário e artistico que ha muito apparece entre nós, e de fasciculo para fasciculo o seu interesse augmenta. Opulentada com grande número de lindissimas photogravuras, ella ficará sendo a mais curiosa e bella recordação da revolta do Porto, ao mesmo tempo que a sua história ainda hoje inedita. O último fasciculo que recebemos insere um retrato do major Graça, da municipal do Porto, e photogravuras representando a Relação do Porto, a rua do Almada, por onde desceram as tropas sublevadas na manhã de 31 de janeiro, a fachada do quartel do 18, no Porto e um á *última hora*, curiosissimo, da *Republica Portuguêsa*, de 31 de janeiro.

Fóra do texto e numa bella cartolina, a reproducção photographica do primeiro número de *República Portuguêsa*, o jornal que tanta acção exerceu sobre os espiritos, no periodo que precedeu a revolta do Porto.

Os escriptórios da *Emprêsa Democrática de Portugal* editora da *História*, sam em Lisbôa, na rua dos Douradores, 29, e no Porto, na rua de Santa Catharina, 154.

---

9 **Folhetim da «RESISTENCIA»**

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

IV

Angustias

Mas era tambem curiosidade. Naturalmente era trahido por todas as mulheres, sem o saber. Não é forçoso que a comédia humana seja sempre a comédia humana?

Uma senhora que era mais ou menos sua amante, respondia a uma das amigas que lhe dizia: «Toma cautella, *Justiça informa* tem cem olhos.—Ora! Imaginas talvez que os magistrados não sam enganados como o resto do mundo.»

Aqui está para que lhe serviu a pnetração a êste intelligente que saía tudo.

Isto servia tambem para ser desagradavel a toda a gente e a si mesmo, porque tinha sido chamado já mais de vinte vezes em causas mais ou menos criminosas como testemunha d'accusação ou defêsa. Quando lhe acontecia ter de passar uma hora em face de juizes instructores, era ainda elle que, no seu furor de curiosidade, os interrogava.

V

A farrapeira

Em quanto isto se passava, Regina estava já arrependida de ter escripto á Samarini.

Era para quebrar uma paixão que a tinha lançado em todos os desesperos? Era para o proteger contra a opinião pública que, em face da morte do marido, ia censurar a mulher e ataca-la até no seu amante?

A condessa de Romanes, ao atavessar os Campos Elyseos para entrar em casa, foi comprimentada por uma ramalheteira nova que corria atraz das carruagens para vender violetas. Não tinha outra loja que não fosse a rua. A rua era a sua pátria; porque tinha começado por cantora das ruas,—pode-se dizer a gancho da mãe,—porque a mãe era farrapeira.

—Ah! E's tu, Nini?

—Sou sim, senhora Condessa.

—Correu te bem o dia? Estás contente?

—Muito contente. Deram-me um *luis* por um ramo de dois soldos.

—Julgavam talvez que te davam um soldo?

—Oh! Não corri atraz da carruagem...

—E fizeste bem: é um luis bem empregado. Toma, ai tens outro.

A ramalheteira queria recusar.

—Oh! Não! Bem sabe que a minha felicidade é dar flores, não vendê las.

—Bem sei. Mas é a mesma coisa, o teu *luis* aborrecia-se sósinho.

A condessa tirou um dos bouquets de Nini que lhe lhe beijou docemente a mão.

As duas mulheres estavam já separadas por uma onda de carruagens, quando a ramalheteira atravessou para agarrar a condessa.

—Oh! Minha senhora tome cautella.

Regina teve um sobresalto.

—Tome cautella; porque acabo de ver passar minha mãe. Bem sabe que é azar.

A condessa não respondeu. Olhou em volta, com uma inquietação vaga, como, se com effeito a mãe de Nini fosse uma ave de mau agouro.

Viu, a seis passos de distância, a horrivel farrapeira que começava a sua jornada nocturna, com o cachimbo na bocca, o cesto ás costas e o gancho na mão.

A ramalheteira fugira, tanto medo tinha daquelle encontro.

A condessa de Romanes continuou o seu caminho, ainda mais preoccupada.

VI

O adeus

Quando a condessa chegou a casa, encontrou um amigo do conde que esperava por ella. Advinhou logo que Guillaume la Marque vinha dar-lhe parte da morte do marido.

Estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe apenas esta phrase: Já sei.

—Como soube?

—A minha creada de quarto disse me tudo.

—Mas disse-lhe tambem que não está bem averiguado que o conde se matasse?

—Quem o havia de matar?

—Não sei; mas mas dizem que daqui a pouco vae chegar o juis instructor.

A condessa deu um salto.

—Meu Deus! meu Deus, que barulho e que escandalo!

—Confesso lhe que, quanto a mim, não duvido que Fernando se matasse... Mas, agora penso eu, não desejaria ver Fernando?... Quem sabe, um beijo de paz, de perdão, d'amizade naquelle rosto ensanguentado, não seria talvez um beijo perdido.

—Seria. Mas não tenho força.

—Então?

—Juro lho.

O amigo do conde curvou-se e deu um aperto de mão á condessa.

—Ouça, disse-lhe ella, dê-lhe o meu adeus. Agora que está morto, sinto que o amei sempre e que nunca me consolarei.

—Então? Um movimento de bondade! Venha a senhora mesmo dar-lhe o beijo de despedida.

—Não.

—Porque?

—Não me pergunte porque.

(Continúa).

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gêsso vernízes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO
(O único nacional)

Economia garantida de 50 0|0

Bico Bébé Aureo	a—2$000 réis
Bico n.° 1	a 3$000 réis
Bico n.° 2	a 3$500 réis

Mangas para todos os bicos n.° 1 400 réis e n.° 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal.
Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades.
Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.°

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA
171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMRRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escólas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguêses e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela **Casa Havaneza,** de Lisbôa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.°

COIMBRA

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Guerreiro e Monge
POR
A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — *revista e ampliada pelo auctor.*

Cada caderneta, em grande formato, magnífico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês—300 réis

Emprêsa litterária do jornal *O Século.*

43, R. Formosa, 43

LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Mercearia Popular
Patrício da Silva Costa
90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.° 1	branco fino....	260	réis
N.° 2	» »	255	»
N.° 3	» »	245	»
N.° 4	» »	240	»
Amarello.....		235	»

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão,* compostos, **(Rebuçados Milagrosos),** cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental
DE
FERREIRA MENDES
Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

João Chagas & ex-tenente Coêlho

História da Revolta do Porto
DE
31 de janeir de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna-se aos fascículos semanaes de 16 páginas, ao preço de **60 réis,** e aos tomos mensaes de cinco fascículos, ao preço de 300 réis—**pagos no acto da entrega.**

Pedidos à **Empreza Democrática de Portugal,** rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e à **Agéncia de Publicações do norte,** rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia,—em casa dos agentes.

Negocios forenses e académicos
ESCRIPTORIO
Praça 8 de Maio, n.° 8
COIMBRA

Matrículas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatório para o internato na Escóla do Exército, de habilitação de médicos estranjeiros para o exercício da clínica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra:

Encarrega-se dêlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existéncia, onde os ex.mos académicos ou seus ex.mos representantes e mais pessoas se pódem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referéncias, comprovadas por documentos apresentados nos secretário da própria Universidade.

Aos amadores de café forte

Café do Rio puro muido à vista do freguez a 800 réis cada kilo na

Mercearia Popular

90, R. dos Sapateiros, 94

VENDA DE PRÉDIO

Vende-se uma casa na rua do Rego d'Agua n.° 5 e 7 que consta de loja, e tres andares.

Quem pretender póde dirigir-se à loja Salazar, no largo de S. João.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 reis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher
CIRURGIÃO-DENTISTA
PELA
Escóla Médico-Cirúrgica de Lisbôa
CONSULTORIO ODONTOLOGICO
LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, alumínio e ouro.

Participa ao respeitavel publico que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

HOTEL COMMERCIO
(Antigo Paço do Conde)

António Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem à venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Victor Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'arroio, vende um velocipede de três rodas, para creança, alteres e malhas para filto, tudo em segunda mão.

Pódem ver-se no local acima dito.

Restaurador do cabello
PREPARADO POR
Francisco Miranda d'Assis
Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando à sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS
41,— PRAÇA DO COMMERCIO — 42
COIMBRA

Sapataria Progresso
(Antiga casa Daniel Guedes)
39—Rua da Sophia—41
Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos **— Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41
COIMBRA

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras próprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

FACTURAS, recibos, circulares e memoranduns, imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, — rua Martins de Carvalho, 7 — **COIMBRA.**

N.º 629 COIMBRA—Domingo, 10 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$,60 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 650 réis.

Sem estampilha—Anno 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Numero avulso, 20 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

SEM DESALENTO

Urge por todos os modos que a família liberal não abandone a campanha tam energicamente iniciada contra o reaccionarismo sob todas as suas fórmas. O país tem-se manifestado tam poderosamente que, não ha duvida-lo, as altas influencias que protegem o jesuitismo vêem-se obrigados a retrair-se, de momento pelo menos. Não nos illudamos, porem; êsse movimento, por mais enérgico que se apresente, se esmorece dá occasião a abusos cada vez maiores por parte dessas congregações religiosas que os originaram agora.

O que se tem feito, animado embora das mais sinceras convicções e do impulso mais generoso e respeitavel, pouco será para a summa importância do fim que se tem em vista—o cumprimento das leis de Pombal, Aguiar e Braancamp.

Não temos que contar com a acção do governo para reprimir os abusos jesuiticos, visto o modo como êsse governo se apostou a reprimir os movimentos liberaes, enquanto deixa á solta, entregues a todas as suas abusivas práticas, as congregações da seita jesuitica.

Os rigores, como temos visto, sam todos para os liberaes, sob o pretexto indigno que toma de restabelecer a ordem nas ruas! E vai affirmando todos os dias—que nada fará relativamente ao cumprimento daquellas leis, enquanto não estiverem dominadas todas as manifestações populares!

Ora isto é, evidentemente um caminho tortuoso por onde o governo enveredou para justificar o seu inqualificavel cruzamento de braços, na clara expectativa de ámanhã, abafadas as reclamações do povo, continuar a deixar correr as coisas na criminosa indifferença que envolve a reacção jesuitica.

E' indispensavel, pois, que os liberaes se não deixem entorpecer na sua acção; que todos, unindo-se, façam succeder ás reclamações desorganisadas das ruas uma campanha persistente, methódica e intensa, a que os poderes do estado, seja qual fôr a sua má vontade, não possam deixar de prestar attenção.

O problema é sem dúvida complexo para os liberaes, que têem de medir-se com a astúcia, a malevolência, a calúmnia, todas as armas enfim de que se servem os sectários de Loyola, por mais vis e infimas que sejam; e a accrescentar a êstes seus recursos naturaes ha as protecções superiores que os apadrinham e defendem. Com tudo isto tem de luctar a liberdade, pelo que não póde deixar de se preparar com intemerata energia e decidida dedicação para o combate sem tréguas que se abriu entre ella e a reacção.

Desde que os poderes do estado se armam contra os protestos pacificos dos liberaes, mandando que a policia os corra á pranchada quando acclamam a Liberdade, não ha que confiar nos sentimentos dêsses quadrilheiros do jesuitismo, que o protegem em vez de o escorraçar, no cumprimento da lei.

Mas já que a nação se está revelando tam francamente liberal, numa justa explosão de ódio contra a reacção, é necessário orientar êste espirito de redemptora revolta, não vam êlles os eternos exploradores da sociedade assentar-se ámanhã declaradamente nas cadeiras do poder para reprimir á bayoneta e a tiro as manifestações liberaes do país.

Esta guerra aos jesuitas é uma guerra santa, em que pódem entrar todos os homens de bem de todos os partidos, desde o conservador e o padre secular até ao mais avançado espirito, na certeza de que, ao entrarem nella honrados della sairám com honra.

Unam-se, pois, todos os homens de bem nesta cruzada legitima contra os jesuitas, e ámanhã, rechaçados êlles para o fundo dos seus covis, partidas as suas garras afiadas, ondeará, altiva e nobremente, a bandeira da Liberdade.

O centro progaessista de Coimbra realisa hoje ás 7 e meia horas da noite uma sessão para installação na sua nova casa da rua do Visconde da Luz.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Viva a revolução!

A câmara franceza, por um grito vibrante, acaba de acclamar a Revolução e a obra da Convenção.

Um barão de data recente, pois que a sua nobreza data do primeiro Império, qualificou de assassinato o julgamento que condemnou á morte Luiz XVI.

A câmara, conta um jornal francês, não fez grande caso do sr. de Reil e, jovem a quem o padre Soriquet ensinára historia e cujo cerebro está cheio dos pensamentos dos reverendos que lhe fazem recitar as suas locubrações, mas não podia tolerar que o presidente Deschanel deixasse injuriar a assembleia a que a França deve a salvação da patria, e das suas liberdades.

O neophyto de Saint Germain des Prés, encolheu-se covardemente á tempestade de indignação que desencadeou a sua impudencia e ficou tremulo e verde sob as apóstrophes vigorosas que lançava para elle, a câmara, com gritos de «Viva a Revolução!» cem vezes repetidos por os radicaes socialistas, e socialistas, de pé, os braços estendidos para elle.

Foi verdadeiramente bello e commovente o final da sessão, quando Gonzi, deputado do Tam e neto dum Convencional que votara a morte de Luis XVI, viu protestar vigorosamente contra a fraqueza propositada do presidente. Teve uma longa ovação e augmentavam os gritos enthusiásticos e novos vivas á Revolução.

Partiram para Lisboa, para se tratarem no Instituto bactereológico, Ignácio Simões, de Sobrado de Ceira e Manuel dos Santos, da Carvalhosa, por terem sido mordidos por um cão damnado.

Ha muito que em Coimbra se podia e devia ter montado o serviço de soccorros a raivosos, utilisando as magnificas installações do laboratório de microbiologia da Universidade, e a dedicação e boa vontade do pessoal deste estabelecimento, tam digno de elogio e do favor publico pela sua alta competência e pelo seu zelo e dedicação já experimentados.

Aqui se podia tambem, com um pequeno sacrificio dos cofres do districto montar um annexo ao gabinete de bacteriologia para preparação do sôro anti-diphtérico, cuja efficacia hoje ninguem póde pôr em dúvida quando ministrado em condições conveniente.

Era um pequeno sacrificio, bem compensado pelas despêsas annuaes feitas com os soccorros a individuos mordidos por cães suspeitos de raivosos, e pela certeza de ter sempre sôro anti diphthérico podendo ser empregado pelos clinicos com toda a confiança.

Acha-se hoje, no governo civil de Coimbra, o sr. dr. Luis Pereira da Costa que foi largos annos director do gabinete de microbiologia da Universidade, que conhece bem as installações e sabe, como proficional, as vantagens da creação destas instituições.

O sr. dr. Luis Pereira da Costa conhece tambem o saber, a intelligência e a dedicação dos que foram seus subordinados e sabe-os promptos a todo o trabalho e sacrificio útil

Seria um alto serviço feito a a Coimbra, e á Universidade a que sua ex.ª pertence, crear um serviço de vaccinações anti rábicas, um laboratório para preparação de sóros medicinaes.

Não faltam á Faculdade terrenos proximos do gabinete de bacteriologia onde podesse fazer-se a installação dos animaes necessários para experiência, em magnificas condições de isolamento e salubridade.

Os trabalhos que diariamente se fazem no gabinete de microbiologia e que tanto o honram e tanto abonam a sua vitalidade não soffreriam com isso interrupção.

A' frente do gabinete acha se hoje um homem novo o sr. dr. Padua, activo e intelligente que tem no sr. Charles Lepierre um auxiliar e um collaborador cujo nome é hoje justamente respeitado pelo seu caracter, pelo seu saber e pela sua dedicação.

Raras vezes se encontrarám reunidas no nosso país tantas condições de exito para uma emprêsa proveitosa e necessária.

Manifestações anti-jesuitas

Têem continuado no Porto e em Lisbôa, tendo nesta cidade evultado nos ultimos dias pelas brutalidades policiaes, ainda maiores, se é possivel, que as do Porto.

Tambem em Gujmarães e em Evora o povo se levantou contra os jesuitas, em manifestações calorosas significativas de profundo ódio que por toda a parte se lhes vota, a êsses odiados fautores do obscurantismo e do retrocesso.

As noticias que se têem propalado de terem vindo do extranjeiro muitos jesuitas que vêem refugiar-se nos cois existentes em Portugal, têem provocado geral indignação.

Tem corrido ultimamente em Coimbra que tambem para aqui vierum ha dois ou tres dias uns sete padres jesuitas, que fôram hospedar-se numa casa rica perto desta cidade, notória ha muito como sendo de pessôas bem ligadas á seita negra.

Ha pouco tempo abriu se na freguesia de Sazes um collegio jesuitico, e aqui em Chão do Bispo dizem andar-se construindo um convento.

Como se vê, nesta mesma diocese, que as *Novidades* ha dias davam como indemne de semelhante praga vam pollulando os viveiros de jesuitas, accrescentando-se aos antigos outros novos.

No Louriçal ha um convento onde freiras professam e em Leiria anda-se construindo um outro, cuja construcção é dirigida por um *frade*, que alli vai semanalmente de habito e sandalias, á luz do mundo, apesar de em Portugal não poder haver frades!

Quer isto dizer que a audacia desta gente vai sendo cada vez maior, reclamando uma séria e energica repressão: — do governo ou do povo...

Carta de Lisbôa

8 de março.

Se ha coisa interessante—adocemos—sam os bastidores da politica portuguêsa.

Os senhores não leram êsses jornaes que o marquês de Pombal resignou os seus cargos no paço e por causa da questão religiosa — isto é, da sua afinidade com o jesuitismo?

Se leram, naturalmente fizeram esta pergunta:—Mas como é que sendo o paço affim aos jesuitismo, teve o marquês que sair?

É á pergunta que eu vou tratar de responder, no intuito de lhes dizer alguma coisa do que se diz aqui baixinho mas não se escreve em letra redonda.

É seguro que, no paço, ao mesmo tempo que existem duas fôrças governativas, existem duas opiniões não só diversas como antagónicas sobre a questão religiosa: uma de protecção apaixonada e outra de antipathia. A protecção é da rainha, a antipathia é do rei.

Desta diversidade de opiniões têem resultado naturalmente incidentes curiosos.

Um dêsses foi o do marquês de Pombal.

O marquês foi, da parte da rainha dizer qualquer coisa ao rei, em occasião em que elle escrevia.

Ouviu o rei e, depois, levantando a cabeça, murmurou despreoccupadamente:

—Olha, marquês, talvez te escreva...

O marquês ficou assombrado e, vendo o rei continuar a escrever, retirou-se.

Seguidamente, pediu liçença dos seus cargos.

Eis o que se passou e eis porque o marquês saiu.

Naturalmente, observa-me o leitor: Mas se o rei é contra os jesuitas, então...

Não complete o pensamento.

Os jesuitas não sam expulsos por tal motivo.

E' certo que o rei governa. mas a rainha tambem o faz.

E parece mesmo que quem governa mais é a sr.ª D. Amelia.

De resto estám vendo.

o

...Estão vendo com que iras sam castigados os que se atrevem, não só em nome dum ideal politico, mas em nome do sentimento e do progresso, a exprimir opinião contra os jesuitas.

Sabem o que se passa no Porto e estão vendo o que se vai passando em Lisbôa.

A auctoridade investe com os manifestantes—a tiro.

Chegou se a isto.

Mas ainda bem que se chegou!

E digo que ainda bem que se chegou porque eu vejo, enfim, esta gente de Lisboa reagir.

Vejo-a querer luctar, vingar-se, ser alguem.

Parece que voltamos a 1890.

Ha agitações nos espiritos, ha mal estar, ha febre de reivindicação e de vingança.

Ouvem-se em toda a parte, palavras que ameaçam acontecimentos.

E, se os acontecimentos não se derem, solemnes, mostrando que, a despeito de tudo, ha povo aqui, é porque positivamente não houve quem quizesse aproveitar se da tensão dos espiritos.

o

A questão religiosa é, pode dizer-se, a questão única.

Falla o Santa Ritta no parlamento e é como se não fallasse.

A própria questão dos credores—questão nacional—perdeu o seu interesse.

Pode haver quem chame a isto —desvairamento.

Eu, sobre achar excellente, em regra, os desvairamentos do povo, no fundo sempre justificados, acho explendido este estado de espiritos.

Que afinal a questão religiosa é a questão politica.

Desappareça o jesuita, desappareça a sua acção nas trevas — e o país estará livre do seu peor inimigo, a entrave ao seu progresso.

Desappareça o jesuita, desappareça o effeito das suas conspirações—e em Portugal não haverá monarchia, como não haverá predominio dos ladrões.

A questão religiosa é a questão politica.

Porisso eu folgo de a ver pôr-se tal como ella está posta.

Porisso, ao ver excitados por ella os espiritos, eu sinto a alegria dôce da esperança.

F. B.

Acaba de ser tratada nas câmaras a questão das habitações pobres pelo sr. Santa Ritta a quem o insuccesso duma peça de theatro valeu a alcunha de—*O bezerro d'ouro.*

O assumpto foi discutido com proficiência, descrevendo o illustre deputado com verdade e sentimento os antros húmidos, escuros e insalubres em que a população pobre de Lisbôa arrasta a sua vida de mizéria.

E' nas condições da vida do povo, no estudo profundo do seu viver intimo que ha de achar-se a resolução do problema da despopulação por falta de nascimentos e por augmento da tuberculose. E' do estudo da vida do operário, sem luz, nem ar, com uma alimentação insufficiente, sem poder isolar-se das doenças contagiosas que ha de sair a hygiene das grandes cidades, o desapparecimento dos bairros lúgubres em que se exploram pardieiros em ruinas, aninhando carinhosamente a doença para a propagarem.

Agora as grandes cidades sam o laboratorio a que a população sadia dos campos vai buscar a doença, para vir, num regresso de saudade, morrer á aldeia onde nasceu, e deixar a propagar-se a doença que até então era desconhecida lá.

Ha aldeias na Beira onde a tuberculose nunca existiu, e que hoje estám cheias de tuberculosos, uns vindos da cidade, outros doentes por contágio.

O discurso do senhor Santa Ritta deve ser applaudido por todos os que vêem no altruismo uma coisa mais do que uma figura decorativa que se usa e que se mostra, porque é moda e enquanto os outros vêem.

O senhor Santa Ritta teve os applausos da câmara, com estranheza, numa grande admiração.

Nunca ninguem imaginára podesse dar um deputado um homem com tanto insuccesso de theatro.

E' ao que pode levar uma politica de farçantes.

A conferéncia sobre tuberculose pelo sr. conselheiro dr. Costa Alemão, presidente da Liga contra a tuberculose no districto de Coimbra, ficou transferida para o dia 16 do corrente ás 8 horas da noite na Associação dos Artistas.

JESUITAS

IV

Nunca os jesuitas representaram um elemento d'ordem e um factor da civilização, como pretendem os seus apologistas, antes a História os dá, em todas as épochas e em todos os Estados, como causa de sérias perturbações e lamentaveis retrocessos.

O jesuita é, em última anályse, um bandoleiro; e como tal, é necessário que as sociedades se defendam, guardando se da infecção perniciosa das suas doutrinas.

Não é o nosso sectarismo que o proclama, apontando o jesuita á execração social: sam os papas que os anathematisam, os reis que os expulsam, os povos que os acossam, como a piratas. Sam os parlamentos nos seus accordãos, as universidades nas suas conclusões, os monarchas nos seus decretos, os pontifices nas suas bullas: os bispos, os clérigos, os theologos e os pensadores, todos unánimes em conclamar a maldade dessa instituição funesta, cujas torpêsas formam um interminavel cortejo que através a História desfila, ensanguentado e lúgubre.

Na lista numerosissima dos que depõem contra os jesuitas, testemunhando os seus crimes e confessando a justiça de todas as queixas contra elles dirigidas, destacaremos os geraes jesuitas S. Francisco de Borja e Múcio Vitelleschi.

O primeiro, em carta de abril de 1560, imputava-lhes essa *cubiça de riquésas* de que os seus apologistas querem despi-los para os acclamarem como desinteressados apostolos do Bem: o segundo, em 1617, proclamava a verdade e a justiça de todas as accusações e queixas vibradas contra elles pela consciéncia pública.

Não sam livres-pensadores que fornecem ao julgamento dos jesuitas as opiniões e informes preciosos que a história archiva; e assim é que os reaccionários teram que taxar de falsários e sectaristas personalidades que na hierarchia da Igreja occuparam uma posição eminente.

Desde Innocéncio x até Benedicto xiv cinco papas condemnaram a doutrina mentirosa,—*attentatória da verdadeira religião*—, que os jesuitas arvoravam em suas prédicas; mas quando isto succedia, quando reprehensões surgiam a ferir-lhe o orgulho insólito, os papas caiam fulminados, como Sixto v, surprehendido na sua intenção de reformar o Instituto, Clemento viii, Innocéncio xiii, e Clemento xiv.

Appareciam, num clamor de ameaça, os pasquins, como o célebre:—*presto sará sede vacante.* E quando os papas destacavam enviados a levar-lhes instrucções que não condiziam com o seu programma, sepultavam-os em calabouços *discretos*, como succedeu ao conde de Tournon.

Já vêem os reaccionários que os jesuitas suscitaram a desordem no próprio seio da Igreja, reagindo contra os seus decretos, impondo se lhe minazmente, procurando por todas as formas substituir se-lhe; mas a sua acção *ordeira* affirma-se principalmente quando nos diversos estados se intenta achar a paz octaviana, que os seus apologistas dizem ter fomentado.

Vemos os jesuitas expulsos de todos os países sob a accusação de terem perturbado a paz pública, e não raro attentado contra a vida dos principes que, mais enérgicos, ousavam dete-los na marcha triumphal das suas criminosas conquistas. Elles foram sempre os grandes amigos dos déspotas, os seus oráculos — o braço direito da Tyrannia; mas nem sempre essa amistosa ligação de jesuitas e reis foi favoravel a êstes, como tambem nunca o foi aos povos. Assim é que junto do último representante da casa d'Austria, na Espanha, vemos o padre Nithard, junto do último Valoios o padre Auger, junto do último Stuart o padre Peters; assim é que os cautores cessionistas da Suissa sam derrotados, appoiando os jesuitas, e expulsos e desttronados Carlos da França, Izabel de Espanha, Francisco 2.º de Napoles, os principes de Modena e Toscana, todos elles cercados de uma legião immensa de roupetas.

Elementos de ordem, elles! Mas como factores da desordem foram expulsos, da Inglaterra, pela rainha Elisabeth, da Allemanha (1581) da Hollanda (1598), de Veneza (1606) da Bohemia (1618), da Moravia (1619), da Polonia (1621), do Japão (1631), de Malta (1643), da Rússia (por um decreto de Pedro o Grande, de 1723), do Paraguay (1752), da Espanha (1767), e dos Estados de Porma e Napoles, da França, de Portugal, etc., etc.

Seria interminavel a lista dos seus attentados, alguns severamente punidos, como a *conspiração da Polvora* que levou á força o padre Garnet e outros; e bem assim seria impossivel expor, ainda que em breve synthese, todos os princípios subversivos que proclamaram, desde as mallinas de Guinard e Mariana até ás prégações de Becano, feitos á sombra das bullas *In coena domini* e *In clericis laicos.*

Bastará o que legeiramente, temos exposto para mostrar á sociedade que os jesuitas não sam êsses entes excepcionaes que os reaccionários vimbram de virtudes, e procuram impingir-nos como elementos necessários aos *pequenos da intelligéncia, da civilização e da ordem.*

Fechamos aqui as nossas considerações.

Procurando arredar dellas toda a voruléncia de phrase, ignoramos se por algum desmando temos que penitenciar-nos; mas do que com certeza não pódem acusar-nos é de allusões que não tivemos em vista ou de crítica pessoalista que despregamos.

Ignoramos quem seja o auctor do *Reverso:* seja quem fôr, não vamos até tocar-lhe nas qualidades de cavalheiro com quem nada temos, e só ficamos na dissecação do seu publicismo que nos é dado criticar.

E agora, que todos trabalhamos no empenho de que êsse movimento reivindicador se não circunscreva á terra gloriosa do Porto.

Urge appoia lo, fazendo que em todo o país se repercuta a *alerta* da sua forte voz de Palladino, e que á causa santíssima que elle intemeratamente propugna em épicas vibrações de lucta acorra de toda a parte a mais calorosa e ampla adhesão.

Está travado o conflicto entre a Reacção e a Liberdade.

Na vanguarda dos que combatem pela luz, devemos ir nós, os moços, sangue estuante, alma irrequieta na áncia de sagrados ideaes.

Se o não fizermos, se nos ficarmos ankylosados, numa indifferença criminosa, affirmamos simplesmente que ámanhã seremos incapazes de defender os nossos filhos reduzidos pelas negaças jesuíticas.

Carlos Mendonça.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Os alumnos da Faculdade de Theologia

—

Queixa-se, n'*O Janeiro*, um alumno da Faculdade de Theologia dos commentários que fizemos a uma carta dos alumnos da mesma faculdade, que elle queria ver publicada, como elle a escrevera, revista por elle, e talvez com commentários delle.

Era talvez excessivo.

Emenda alguns erros typográphicos, o que os nossos typographos levaram a mal, chamando lhe *Jazuita*, entre dentes, para nós não ouvirmos.

De resto a mesma ignorancia lorpa. Não sabiam quem era o administrador da *Resistência*.

E' não saber ler.

Lá vem em todos os números do jornal, bem no alto, em lettras bem grandes — editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral — como manda a lei.

O artigo é longo, duma habilidade campesina e deixa ver bem o estudo aturado e a meditação das obras philosóphicas de Sancho Pança, outro grande doutor da Igreja.

Perdôem-nos o riso. Hoje deixámos a indignação em casa.

Tomaram os senhores ter uma *coróa* assim, de tirar e pôr.

Nos tempos que vam correndo, não deixava de ser cómmoda.

Chama ao *Primeiro de Janeiro* um jornal conceituado e *mais que lido.*

E' andar mesmo longe da graça do Espirito Santo.

Longe da lei e longe da graça do Senhor!...

Pelo último periodo da carta d'*O Primeiro de Janeiro* vê-se que o que maguou o moço foi o dizer o nosso amigo Carlos de Mendonça que a Faculdade de Theologia importava os talentos das outras faculdades.

E' na verdade injusto. A Faculdade de Theologia tem até talentos para exportar.

Talentos para dar e vender.

Foi de lá que saíu o Abel d'Andrade.

Incéndio

No dia 8, pelo meio dia, manifestou se um incéndio em casa do sr. Cesar Cabral, na rua das Sollas.

O material d'incendios e os bombeiros compareceram rapidamente, dominando o incéndio que começára no depósito de esteiras e madeiras que o sr. Cabral costuma empregar todos os annos, no verão, nas barracas para banhos no rio.

Recebemos o numero 6 de *A Liberdade*, jornal dos estudantes livres que se publica em Lisboa.

E' escripto com o desassombro, a coragem e o ardor que só sob ter a mocidade quando defende uma causa justa.

E' consulador ver todo êste enthusiasmo da mocidade portuguêsa, não cançada ainda de luctar, cheia de esperança num futuro de liberdade e de justiça, marchando com uma unidade e uma força que nos dam a certeza da victória.

Nada poderám contra os esforços generosos da mocidade os ardis e as habilidades conhecidas de meia dúsia de politicos gastos de vida e consciéncia.

Mas mesmo que nas altas classes houvesse a intelligéncia, e o conhecimento dos homens que tantas vezes explicam os erros das nações, nada poderiam fazer contra o sentimento da liberdade que tem raizes tam fundas na mocidade portuguêsa, e que se manifesta duma maneira tam expontánea e tam vibrante que faz augurar dias melhores de probidade, trabalho e liberdade para o nosso experimentado país.

TRANSWAAL

Contradicções inglêsas

Diz um periódico estrangeiro: «O generalismo Kitchner telegraphou de Pretória, em data de 1 do corrente, que De Wet fôra repellido em direcção ao norte, para além do Orange, sendo obrigado a abandonar a colónia do Cabo e deixando 200 prisioneiros. Lembraremos que 48 horas antes, os despachos particulares británicos diziam, ao contrário, que De Wet tinha pretendido alcançar o norte e deixar a colónia, mas que nada conseguira, vendo-se obrigado a tomar o caminho do sul, seguindo para Colesberg e Stromberg. E os telegrammas do *Times*, de sabbado de manhã, repetiam isso mesmo, com maior cópia de detalhes, e isso no momento em que Kitchner annunciava que De Wet reatravessara o Orange. Do seu lado, o *Daylt Mail* repetia que De Wet e Herzog estavam em plena colónia do Cabo, a uns 30 kilómetros ao sul de Petrusberg. Que os bons dos inglêses se ponham d'accôrdo uns com os outros! Nós, esperando, julgamos conveniente o assignalar que o general Kitchner, falando em 200 prisioneiros boërs, totalisa pura e simplesmente o número de boërs feitos prisioneiros desde a entrada de De Wet no Cabo, ha uns quinze dias. E' o perpetuo systhema dos senhores inglêses! Pretendendo cercar e esmagar De Wet no Cabo, lançam contra elle forças esmagadoras; no primeiro dia, fazem lhe 100 prisioneiros (sabe Deus de que espécie); no terceiro, 50; no sexto, 20; no oitavo, 10; no décimo, 15; no duodécimo, 5. Ao fim de quinze dias, De Wet escapa-se e alcança o norte. Pois os generaes británnicos telegrapham logo a dizer que o repelliram para o norte, fazendo 200 prisioneiros. Novos? Nada disso, visto tratar-se dos 200 prisioneiros já indicados parcialmente e que agora se dam em glôbo para fazer crêr ao público que o triumpho de De Wet, escapando-se á perseguição, não passa dum revez que lhe custou 200 homens. Querem-nos assim, ou com mais môlho?

E notaremos ainda que alguns dos próprios jornaes londrinos, entre outros o *Globo*, commentando o *euphemismo* de Kitchner — de que De Wet fora repellido para o norte do Orange — dizem que o generalismo affirma isto e só isto: «De Wet atravessou o único obstáculo com que se contava para lhe barrar o caminho». E esses mesmos jornaes ajuntam que os constantes cheques soffridos pelo exército inglês, na perseguição movida ao intangivel chefe boër, tornam se enervantes para o povo británnico».

(Do *Diário da Tarde*).

•

Londres, 6 — Alguns jornaes dizem que as negociações para a paz, entaboladas entre lord Kitchner e o generalissimo Botha, vão ser continuadas entre êste último e sir Alfredo Milner, que partiu ha dias de Captown para Pretória.

Londres, 6 — Ha quem assevere que a viagem do dr. Leyds a Paris tinha por fim pedir ao governo francês que consentisse que o embaixador da França em Londres, como succedeu em Washington por occasião da guerra hispano-americana, negociasse as condições geraes da paz anglo-boër. Diz-se mais que o dr. Leyds não foi attendido por Delcassé.

Londres, 7 — Alguns periódicos insistem em affirmar que continuam as negociações para que a guerra anglo-boër termine em breve. Essas negociações, no di-

zer dos mesmos jornaes, estam actualmente entabolados entre os chefes boërs e as auctoridades britânicas.

Londres, 7—Confirma-se a noticia que ontem lhes enviei ácerca da viagem de sir Alfredo Milner, de Captown para Pretória, se relacionou com as negociações da paz.

Londres, 6—Tem causado grande sensação o artigo publicado pelo *Daily Chronicle* e no qual se affirma que o último feito praticado por De Wet, escapando á perseguição dos inglêses, é uma operação brilhantissima e tam assombrosa como o acto de audácia que elle praticara quando, seguido pelos seus soldados, atravessou ao galope as linhas britânicas entre Thaba-Nchu e Ladybrand.

Londres, 7—O *Times* de hoje insere um telegramma a participar que o general De Wet, aproveitando se da auséncia momentánea das forças commandadas pelo coronel Byng, as quaes guarneciam certos vaus do Orange, conseguiu atravessar de novo êste rio, evitando a perseguição das columnas britânicas.

Londres, 7—O *Times* e outros generaes elogiam calorosamente o génio militar de De Wet, confessando que é um notabilissimo estrategista. Este facto e a noticia de French ter de voltar para Pretória, abandonando a perseguição contra Botha, causaram profunda impressão no público, ouvindo-se em muitos centros importantes discutir a necessidade de fazer se a paz em condições honrosas para as duas Repúblicas Sul africanas.

Notas de 50$000 réis

A administração do Banco de Portugal, em vista de terem apparecido notas falsas imitando as do typo de 50$000 réis de chapa actualmente em circulação, resolveu retirar as notas dessa chapa, fazendo-se a troca por outras de diversos typos, nas thesourarias da séde em Lisbôa, da caixa filial no Porto, e das agéncias nas capitaes dos outros districtos, até 15 de abril próximo.

Depois deste praso a troca só poderá effectuar-se em Lisboa, na thesouraria da séde do banco.

REPRESENTAÇÃO

Da cámara municipal de Grandola recebemos uma representação dirigida ao parlamento, relativa á verba com que as cámaras sam obrigadas a contribuir para a defesa sanitária contra a tuberculose.

A representação é justissima porque os municipios, sobrecarregados como já estám e sujeitos a imposições muitas inadmissiveis de estações tutelares indifferentes ás circunstáncias de cada concelho, vêem-se na necessidade de defender intransigentemente os interesses municipaes, de que o poder central não faz caso nenhum.

E' isto assumpto sobre que se deviam entender as cámaras todas do país e sobre que se entenderiam por certo, se não fôra a politiquice mesquinha que as eiva em prejuiso da administração.

Prohibindo as posturas municipaes que se apascentem gados na Quinta de Santa Cruz, os srs. marchantes não fazem caso dessa prohibição e trazem por alli rebanhos como se aquêlle terreno não tivesse domno.

Vários moradores d'alli, que têem os seus quintaes ainda por vedar, queixam-se dos estragos que o gado, guardado sempre por crianças, lhe tem causado.

Por este motivo chamamos a attenção de quem competir para que ponha cobro áquelle abuso, por que as plantações que os proprietários alli têem, e que representam valor e estima, não pódem nem devem continuar a mercê dum tal abuso.

Cartas da provincia

Figueira, 1 de março.

Ides ter ai a companhia espanhola Travanco de dramas e zarzuela, que aqui tem estado e que vos recommendo.

Não sendo de primeira ordem —longe disso—, é, todavia, bem dirigida e digna de ser apreciada tanto mais que faz parte della o sr. Calvet, que incontestavelmente tem talento e póde vir a ter um nome no theatro espanhol. Se Calvet, que é um rapaz ainda muito novo, de talvez vinte annos, não estivesse ligado a esta companhia, por filho do seu director, não andaria de certo em modesta *tournée* pelas provincias portuguêsas. Vi-o trabalhar duas vezes, sendo a primeira no *João José* em que sustenta com alma o papel de protogonista á altura em que o talento do auctor desta peça a collocou na litteratura do seu país. Apenas me pareceu que fraquejou ligeiramente no último acto. Mas qual será o grande actor que alli não fraqueje? A segunda vez como protogonista de *Andrès el salviano* drama bello, mas de feitio já *demodé*, genero um pouco chamalhão, em que, embora o papel lhe não quadre muito bem, o seu trabalho é correctissimo.

Se a companhia, como é natural, aí levar estas duas peças, ide vêr que não vos arrependereis, por que, se Calvet representa muito bem, os outros actores e actrizes não representam mal.

M.

Cámara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 17 de janeiro de 1901

Presidéncia—Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes:—António Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Mandou enviar á commissão dos melhoramentos da cidade, juntamente com a planta da Avenida de Sá da Bandeira, outra planta da referida Avenida offerecida a esta cámara offerecida por um anónymo.

Mandou fornecer á repartição d'obras desta cámara diversos objectos necessários para o serviço da repartição.

Tomou nota das canalisações d'água executadas desde 10 a 17 do corrente.

Indeferiu uma pretensão de um proprietário desta cidade em que pedia o levantamento de uma quantia que tem depositada na thesouraria desta cámara para garantia de uma obra.

Mandou fornecer para a thesouraria desta cámara, uma escrivaninha.

Auctorizou o vereador do pelouro da limpeza da cidade, á substituição de 4 bois empregados na mesma limpeza, por outros tantos, por aquêlles se acharem inutilizados para o serviço.

Tomou conhecimento de uma declaração feita pelo vereador do respectivo pelouro, ácêrca de ter mandado fechar a água a um consumidor por não pagar a 2.ª prestação do fornecimento.

Despachou 156 requerimentos para consumo d'água por indicadores fixos até ao fim do corrente anno.

Auctorizon diversos pagamentos:

Mandou lêr um officio do conductor d'obras da cámara, como esclarecimento á 1.ª parte de um officio do mesmo conductor de 20 de dezembro de 1900, explicando e completando aquêlle, relativamente a umas faltas praticadas por um fiscal de cantoneiros municipaes.

Depois de algumas ponderações do problema do fornecimento de carnes verdes, que disse ser complexo e não poder ser rezolvido convenientemente por uma ou outra cámara, sós, isoladamente e sem intervenção do poder central, e declarando o vereador do respectivo pelouro e o vice-presidente que antes da arrematação do dia 10 fallaram com alguns marchantes que lhes disseram não poder acceitar o fornecimento pelos preços estabelecidos para aquella arrematação sem algumas modificações, visto o estado actual do mercado de gados, resolveu a cámara que se annunciasse nova arrematação para o dia 7 de fevereiro por um anno a começar em 1 de março conservando-se as mesmas condições e tabella, mas sem indicação de preços, devendo os proponentes declará-los e podendo até subordiná-los aos do mercado de Lisbôa, e reservando-se a cámara a faculdade de não adjudicar o fornecimento quando não lhe pareçam vantajosas as propostas e que se communicasse aos marchantes, actuaes arrendatários das barracas que podiam continuar a exercer alli a sua indústria nas mesmas condições que presentemente enquanto não houvesse resolução definitiva do assumpto. Resolveu tambem incumbir a presidéncia e a commissão que foi nomeada para tratar dêste assumpto de elaborar um projecto de orçamento para a hypóthese de a cámara ter de estabelecer açougues por conta própria.

AGRADECIMENTOS

Felismina Rosa Cardoso, Joaquina da Conceicão e Rachel da Conceição, agradecem a todas as pessôas que por qualquer modo as coadjuvaram na prolongada doënça que vitimou o seu sempre chorado marido, genro e cunhado Pedro Cardoso.

Não podem especialisar nomes, pois que a todos estám muito gratas pelas provas de dedicação e valiosos obséquios durante a fatal doënça assim como pela occasião do passamento do seu infeliz Pedro.

Agredecem a comparéncia ao funeral, ás associações Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho, dos Artistas de Coimbra, Grémio dos Empregados no Commércio e Indústria, benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários, ao Partido Republicano de Coimbra e muito especialmente ao grupo que ultimamente soccorreu o desventurado.

Agradecem tambem á imprensa jornalistica as palavras de saüdade dedicadas á memória do saüdoso extincto.

Coimbra, 5 de março de 1901.

*

Joaquim Augusto de Carvalho e Santos não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessôas que se interessaram por elle, por sua mulher e seus netos mandando saber da saüde de todos, na prolongada doënça, por que passaram, lança mão deste meio, agradecendo a todos, reconhecido, tantas provas de interesse e amisade.

Aproveita tambem esta occasião para agradecer ao seu amigo o ex.mo sr. dr. Vicente Rocha, o cuidado e carinho, que, como médico, a todos dispensou.

ADVOGADO

CLEMENTE ANNIBAL DE MENDONÇA

Conservador privativo do registo predial de Coimbra

R. dos Coutinhos, 3

10 **Folhetim da «RESISTENCIA»**

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

VII

O enigmna funebre

Quando o amigo do conde de Romanes voltou da rua de Auguesseau ao quarto em que se tinha passado a scena de suicídio ou de assassinato, o creado de quarto deu-lhe parte que o procurador da República acabava de chegar com o commissário de policia, um juiz e um médico.

O rumor da morte de Fernando espalhára se como um relámpago em París.

Um dos tios, o marquês de Romanes, tentára occultar a acção dramática daquella morte, com medo do escándalo, mas os creados de casa tinham fallado alto. O marquês conhecia o procurador da República e fôra pedir-lhe conselho.

O representante da justiça apressára se a convencê-lo, de que era preciso não occultar coisa alguma, tanto mais que hoje ninguem fica deshonrado por ir para o outro mundo com uma morte voluntária.

Foi êsse o motivo porque o amigo de Fernando encontrou o quarto invadido pela lei.

Quando entrou na cámara mortuária, o médico declarava que lhe parecia impossivel acreditar num suicídio: a balla tinha atravessado a testa; mas de frente. Ora quem dá um tiro de rewolver colloca a arma nas fontes.

O tio de Fernando era de opinião contraria. Segundo elle, cada um se mata de sua fórma, a arte de se suicidar não tem ainda grammática; além d'isso na hora extrema de tam pouco sangue frio, que cada um se fere ao acaso. Quantos não tem conseguido encontrar o coração! Quantos não tem errado a cabeça!

O procurador da República passava da primeira opinião para a segunda, tomando apontamentos da topographia da casa. O juiz d'instrucção não tinha naturalmente senão uma opinião: «O conde não se tinha suicidado, achava se em frente dum assassinato.» E apoiava o seu dito com uma multidão de razões especiosas: a physionomia espantada do conde de Romanes; a pistola ao pé da mão esquerda, apezar dêlle não ser canhoto; a porta do quarto entreaberta, como certificava o creado de quarto.

— Notem bem, dizia o juiz, que o homem que se suicida não tem medo á morte e conserva uma physionomia serena ao caír no último somno; ora olhe para a cara do morto; não está com ar dum homem aterrado e surprehendido! E depois, por mais que eu imagine o conde a dar em si um tiro de rewolver, não vejo como a arma se podesse encontrar junto da mão esquerda. Enfim, quando se está decidido a morrer, não se quer ser surprehendido naquella sombria e amarga voluptuosidade do desconhecido.

— Por mais que procure, dizia o tio, não acho nenhum inimigo ao meu pobre Fernando, nem mesmo sua mulher.

Mas nem o médico, nem o procurador da República, nem o juiz, nem o commissario de policia estavam convencidos do suicidio.

— Vam fazer muito barulho para nada, continuava o tio, não seria mais digno enterrar christãmente o meu pobre Fernando?

— Tem razão, exclamou o amigo do conde de Romanes; se Fernando podesse dizer o seu pensamento, havia de pedir que o esquecessem. Esqueçamos a sua morte, não nos lembremos senão do que elle tinha de bom na sua vida.

Era um bello coração. Só teve um defeito: ouvir demais o coração.

Mas esta oração fúnebre de Fernando não desarmou o procurador da República. Apertou a mão do tio, dizendo-lhe:

— A justiça tem aqui um dever imperioso a cumprir; é necessário que saiba a verdade; mas socegue, meu caro amigo: a justiça procederá com toda a descripção. Daqui a pouco vam tirar o retrato ao conde de Romanes e modellar a sua cabeça, depois poderá levá-lo para o castello de Romanes e mandá-lo enterrar. Se algum jornal fallar de suicídio ou assassinato auctorisa o a desmentir o jornalista... A não ser que...

VIII

Primeiro leque partido

De repente o juiz exclamou:

— E êste leque, que faz elle aqui?

O conde de Romanes tinha caído entre a cama — uma cama de meio de quarto, — e o fogão, com a cabeça do lado do fogão. Tinha-se por isso morto, ou fora o junto do fogão. A' esquerda, estava o rewolver, á direita, mas a alguma distáncia, um leque partido, meio encoberto pelo pano da mêsa em que escrevia as suas cartas.

Ninguem tinha ainda reparado no leque, nem mesmo o procurador da República que acabava de fazer o desenho do qnarto.

O juiz apanhou o leque.

— Espere, disse o procurador da República.

— Tem razão.

E o juiz tornou a pôr o leque onde o tinha encontrado.

Depois disso, o procurador da República indicou-o exactamente no desenho.

— Viu bem que o leque está quebrado, continuou o juiz.

Toda a gente se curvou para ver melhor.

— Porque está êste leque partido nêste quarto? Porque está partido?

Tornaram a chamar o creado que já tinha sido interrogado:

— Então? Precisemos os factos.

— Não vi nada.

— Tinha saído durante a catástrophe?

— Tinha. O senhor conde tinha-me mandado ao Club entregar dois mil francos a um dos secretários.

Fui tambem á casa Rothschild, por causa dum negócio.

— O conde de Romanes ficava muitas vezes só aqui?

— Muitas vezes não. Algumas sim. Depois que a senhora condessa se foi, o sr. conde tinha-me conservado só a mim ao seu serviço. Almoçava no café Foy e jantava no Club ou em casa d'algum amigo.

— E' verdade, disse o tio de Fernando. Tudo se simplificára em volta de Fernando; hoje, por exemplo, tivemos uma difficuldade enorme para almoçar.

(Continúa).

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra faz saber, que, por decreto de 28 de fevereiro último, publicado no *Diário do Governo*, de 4 do corrente mês de Março, foi prorogado até ao dia 17 dêste mesmo mês, o prazo legal para affixação das relações do recenseamento eleitoral dêste concelho, mandando o referido decreto que nos actos subsequentes se observem prazos análogos aos estabelecidos na carta de lei de 26 de julho de 1890.

Praso para as operações do recenseamento

Affixação das relações do recenseamento nas portas das igrejas, em 17 de março; praso para as reclamações apresentadas as commissões do recenseamento, 10 dias; fim do praso para as reclamações e encerramento da exposição das relações do recenseamento, a 27 de março; decisões sobre as reclamações e alterações correspondentes nas relações do recenseamento, até 4 de abril, praso 8 dias; publicação das alterações por editaes affixados nas portas das igrejas e primeiro dia da exposição do recenseamento alterado, 8 de abril, praso 4 dias; encerramento da exposição do recenseamento alterado, 14 de abril, praso 6 dias; praso do recurso para o Juiz de Direito da comarca, 22 de abril, praso 8 dias; último dia dos recursos para o Juiz de Direito da comarca, 22 de abril; decisão de recursos para o Juiz de Direito da comarca, até 2 de maio, praso 10 dias; notificação das decisões, até 10 de maio, praso 8 dias; alterações feitas pela commissão nas relações do recenseamento, segundo os despachos do Juiz, até 14 de maio, praso 4 dias; publicação das alterações por editaes affixados nas portas das igrejas, 15 de maio, praso 1 dia; praso dos recursos para a Relação, 20 de maio, 5 dias; último dia do praso dos recursos para a Relação, 20 de maio; apresentação dos recursos na Relação, até 30 de maio; praso 10 dias; praso para o julgamento dos recursos na Relação e dos recursos para o Supremo Tribunal de Justiça, até 29 de junho, 30 dias; devolução dos processos á 1.ª Instancia, até 2 de julho, praso 3 dias; notificação das decisões da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça ao secretário da câmara municipal, até 7 de julho, praso 5 dias; Organização do livro do recenseamento, até 14 de julho, praso 7 dias; encerramento do livro do recenseamento, em 15 de julho, praso 1 dia; remessa das cópias para o Governo Civil e para o Juiz da comarca, até 4 de agosto, praso 20 dias.

Coimbra, sala das sessões do recenseamento eleitoral, 6 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou moidos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1	branco fino...	260 réis
N.º 2	» » ...	255 »
N.º 3	» » ...	244 »
N.º 4	» » ...	240 »
Amarello.....		235 »

Negócios forenses e académicos

ESCRIPTORIO

Praça 8 de Maio, n.º 8

COIMBRA

Matriculas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatorio para o internato na Escóla do Exército, de habilitação de médicos estranjeiros para o exercicio da clínica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra:

Encarrega-se dêlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existência, onde os ex.mos académicos ou seus ex.mos representantes e mais pessoas se pódem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referências, comprovadas por documentos apresentados no secretário da própria Universidade.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39—Rua da Sophia—41

Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em deposito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos —**Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

39 — Rua da Sophia — 41

COIMBRA

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — Praça do Commercio — 42

COIMBRA

— Camarada! Então eu pedi-te a farda velha e tu trazes-me a nova?

— Não, meu tenente, esta é a mais velha, mas como eu a limpei com a benzolina por isso parece a nova.

A benzolina tira todas a nódoas de gordura alcatrão, óleo, etc. e tambem lava luvas. Vende se no Zacharias, rua da Calçada.

Coimbra

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos, **(Rebuçados Milagrosos)**, cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias, drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99,

LISBOA

Effectúa seguros contra o risco d'incêndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Anályses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

Á' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma expléndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um expléndido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de para raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gêsso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para aluguar acceitando hóspedes permantes.

O proprietário,

José Maria Júnior.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpeza gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0/0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo	2$500 réis
Bicos n.º 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo	4$000 réis
Bicos n.º 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo	4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo	500 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*		

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — Manuel dos Reis Gomes

R. Martins de Carvalho, 7 e 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, mappas, facturas, memoranduns, recibos, circulares, estatutos, rótulos, bilhetes de visita, etc.

N.º 630 COIMBRA—Quinta feira, 14 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O decreto do dia 10

A agitação nacional que se propagou como um relampago dum a outro extremo do país contra o escandaloso predominio das ordens religiosas, e que ameaçou de um para o outro momento converter-se em insurreição declarada contra a monarchia, levou o governo a promulgar o decreto do dia 10 ordenando aos seus delegados de confiança nos districtos que, dentro do praso de 8 dias, informem do número dos conventos existentes na area a seu cargo, se existem alli congregações de caracter religioso, quaes as suas denominações, institutos ou regras, assim como prescreve no tocante ao disposto no decreto de 5 de agosto de 1833, se ainda nos conventos de freiras se fazem noviciados, afim de serem desde já prohibidos.

Os governadores civis, pelo que se vê, têem muito que informar e o governo muito que proceder. Da sinceridade, ou da malicia que levou o actual gabinete a promulgar um decreto dessa natureza, nada se pode por enquanto ajuizar, e, pelos seus funestos antecedentes, o gabinete inspirou-se num duplice machiavelismo para armar ao effeito e a opinião independente que tam dignamente tem protestado, deve continuar a faze lo, vigiando activamente o procedimento do governo.

A lucta tem de ser violenta, persistente e tenaz. Os reaccionários, encurralados no paço, dispondo duma influéncia enorme, têem recursos de sobra para a sustentar, e embora o governo—profundamente alarmado com o perigo que correm as instituições—seja desta vez sincero no seu propósito para acalmar de prompto o movimento que lavra intensamente em todo o país—o jesuitismo hade luctar enérgicamente, levando a sua opposição até ao regicidio, a doutrina favorita da seita que ordena a supressão dos obstáculos.

Cosmopolitas de todas as ideias, servindo umas vezes dedicadamente, fanaticamente um partido, outras tantas, atraiçoando-o hypocritamente, a maldita seita de Loyola levantou noutras eras o punhal do regicidio contra monarchas cathólicos e os monarchas completamente emancipados da odiosa tutella de Roma. Foi assim que para dominarem completamente e escravisarem á sua vontade a França dos Valois, armaram o braço de Jacques Clement contra Henrique III quando a derradeira e degenerada vergontea duma grande dynastia cercava Paris que tentava subtrahir-se á sua obediéncia, sustentando abertamente a tam decantada *Liga Cathólica*, á frente da qual collocaram o ridículo cardeal de Bourbon com o nome magestático de Carlos X. Foi assim que mais tarde victimaram o grande Henrique IV—o tolerante e sagaz monarcha revogador das obsoletas ordenações que remontavam ao talento medieval de Luis VII, em que o chanceller Filippe de Coumines estabelecia o juramento de fidelidade ao papa para se poder exercer qualquer cargo dependente do poder secular! e o sagaz politico promulgador do celebre *Edito de Nantes*, ou o tratado de paz religiosa entre cathólicos e protestantes, quando o sympáthico e grandioso rei se dirigia para a fronteira do leste a tomar o commando do exército com que contava abater de vez o poderio da casa de Austria.

Ravaillac, um descrente fanatisado pelos jesuitas, cortou com uma punhalada o futuro da França, felizmente reparado pouco depois pelo cardeal de Richelieu.

Poucos annos antes o odioso jesuita Persous attentou audaciosamente contra os dias de Izabel Tudor—a grande rainha de Inglaterra—tentando depois justificar o mallogrado attentado como uma vingança contra a execução de Maria Theart: *desta intrigante que, depois de ter ensanguentado a Escócia, pretendeu o throno da Inglaterra!*

Nos nossos dias todos os attentados executados por facinorosos elementos que á sombra dum principio commettem toda a casta de infamantes attentados, exactamente como os fanáticos maculam o pendão da cruz prostituindo a virgindade e algemando o pensamento com a oppressão da mais feroz intolerância, têem sido tramados pelos jesuitas.

Actualmente nenhum monarcha europeu desde o omnipotente czar da Rússia até ao modesto príncipe do Montenegro, está seguro no seu throno, nem sciente de poder contar com o dia de ámanhã. Não é o poder internacional dos elementos revolucionários e ultra revolucionários—republicanos e socialistas que determinou e creou similhante situação, mas tam sómente o poder internacionalista dos ultramontanos sectários de Loyola, que incitando os chefes d'Estado, organisaram o grande terror moral que colloca os thronos á mercê da Roma papal.

Se o governo procede sinceramente nesta questão de tam transcendente gravidade e de tam incalculaveis consequéncias futuras, não deve desanimar na *grandiosa* e porfiada lucta que *gloriosamente* encetou com a sympáthica promulgação do decreto do dia 10. Contudo, á opinião pública, compete porém não depôr as armas que tam intelligentemente soube manejar. Antes pelo contrário o seu mais sagrado dever é prevenir duas importantes hypótheses: a primeira consiste em vigiar activamente, attentamente, o procedimento do governo, e a segunda proseguir na lucta pela Liberdade e a Democracia—mesmo depois de cumprida a lei contra as congregações religiosas—sendo então a orientação a adoptar a da *Secularisação do Ensino, reivindicação da liberdade de cultos*, e sobretudo—a do *Suffágio Universal*...

Ao Directório submetto este alvitre inspirado pelo meu ardente desejo de servir a Pátria e a Democracia.

FAZENDA JUNIOR.

A academia do Porto

E' para admirar e louvar o procedimento dos estudantes do Porto que continuam na sua attitude altiva de protesto.

Na reünião solemne do dia 12 de março, a academia do Porto, accentuou o seu protesto, qualificando justamente a portaria de 10 de março e tributando a sua homenagem de respeito aos professores que vieram collocar-se ao lado dos alumnos numa questão de livre pensamento, accentuando assim a incompatibilidade da nação com o ensino jesuitico que em Portugal tem a condemnação brilhante do Marquês de Pombal.

Moção

A Academia do Porto reünida em assembleia geral:

Considerando que todas as vezes que o país se ergueu exigindo a expulsão das ordens religiosas, foi ludibriado pelos governantes com legislações ficticias jámais postas em prática;

Considerando que a actual portaria do sr. Hintze Ribeiro tem por fim desviar e desvirtuar o grande impulso social que atravessa a sociedade portuguêsa;

Considerando que êsse trecho de litteratura parlamentar só logra embahir incautos em phase de ingenuidade, e serve de arma repressiva aos mantenedores do statu quo;

Considerando mais que apenas envolve vagas promessas, visto que além dos inquéritos serem usualmente protelados e falseados, não é possivel no estado actual das ordens religiosas alcançar mais que resultados illusorios;

Considerando que, estribados nos principios scientificos, nos cumpre manter as doutrinas que persistentemente affirmamos desde 1898.

Resolve:

1.º Publicar uma série de manifestos doutrinários em que, pela análise das regras institutos e evolução histórica das respectivas congregações religiosas se evidenciem os seus intuitos, organisação e acção que pódem exercer no corpo social;

2.º Que se officie aos Lyceus e escólas de instrucção especial do norte, mostrando-lhes a conveniéncia de adherirem;

3.º Que se convidem todas as associações operárias de classe, aggremiações congeneres, etc., do norte do país, a enviarem delegados a esta cidade, para que, reünidos no próximo domingo, em conferéncia com as commissões académicas, organisem o meio de coordenar, discipilnar e proseguir no movimento iniciado:

4.º Que se signifique aos illustres lentes das escólas de Lisbôa que tomaram a defeza dos académicos a alta estima que lhes votamos pela comprehensão dos deveres que lhes cabem pois que, despresando a velha concepção do cathedrático sempre em lucta com os discipulos, como professores modernos têm communidade de ideias e interesses com os seus alumnos, e na independéncia da grande missão que lhes compete não se deixam relegar a simples instrumentos do poder central.

Porto, 12—3—901.

Padua Correia.

Em seguida o sr. Pires de Lima no meio dos mais calorosos enthusiasmos propoz:

Moção

Considerando que a educação reaccionária tem sido um estôrvo constante para a evolução da mentalidade portuguêza;

Considerando que os clericaes, com os meios múltiplos de que dispõem, se têem insinuado na vida intima das familias mais abastadas e preponderantes do nosso país, avassalando-lhes as consciéncias;

Considerando que a academia do Porto, como collectividade digna e illustrada, precisa de manter a nobre linha de conducta traçada ha dois annos nos seus memoráveis manifestos;

Considerando que a sociedade portuguêsa só resurgirá soffrendo uma remodelação completa nos seus processos educativos; e

Considerando que a Academia do Porto tem o dever de tentar contrapôr á instrucção erronea e velha dos preceptores clericaes, ministrada aos filhos dos grandes, a divulgação pelas mais humildes e honradas camadas sociaes, das verdades luminosas da sciéncia moderna,

Proponho:

1.º Que a Academia do Porto inicie desde já uma série de conferéncias ou prelecções públicas, dedicadas especialmente á classe operária;

2.º Que nessas conferéncias se ensinem as mais notáveis concepções scientificas principalmente as relativas ás sciéncias biológicas;

3.º Que se nomeie uma commissão que trate de organisar para outubro próximo um cento educativo, que seja a base para a creação duma Universidade Livre, semelhante ás que nobilitam tantas cidades da Europa;

4.º Que fique desde já assente que para professores dessa Escóla sejam preferidos estudantes pobres, remunerados pela projectada Sociedade Philantrópica, fazendo-se assim com que os subsidios, fornecidos por essa Sociedade em vez de serem uma esmola, que é sempre humilhante, sejam antes a recompensa dum grande serviço.

Porto, 12—3—901.

J. A. Pires de Lima.

A' saida os estudantes encheram as ruas dos seus clamores pela liberdade e contra as ordens religiosas.

Carta de Lisbôa

8 de março.

O caso do dia é o decreto ontem publicado no *Diário do Governo*, que eu não deixo de chamar, em toda a parte onde falle ou escreva, o *decreto-burla*.

Esse decreto tem uma história que se liga com a que narrei na minha úitima carta.

Trata-se ainda das duas correntes de opiniões que se crusam no paço, a respeito de coisas religiosas como o respeito de tudo, desde certo incidente narrado com pormenores na *Aurore*, de París.

O governo estava na coalisão de querer agradar ao rei, súbito voltado para os jesuitas e sequaquases, e de querer ao mesmo tempo agradar á rainha, protectora desvelada da mesma gente.

Foi nesta altura que se deu um incidente que os diários da capital não relataram.

No sábbado, quando o rei vinha para o theatro, uma multidão, a que vinha de apedrejar as Trinas, apedrejou a carruagem real... na altura de Santos, aos gritos de—Abaixo a realeza! Viva a República! Morram os jesuitas!

O rei chamou immediatamente Hintze e obrigou-o a dar cumprimento immediato ás leis relativas a casas religiosas sob pena de demissão.

Mas Hintze tinha os seus compromissos com a rainha e respectiva *entourage*. Redigiu por isso o decreto nos termos em que elle appareceu, de fórma a ficar margem, e bem larga, para não ir de encontro aos desejos da filha do conde de París, que, se um dia não manda nada, no outro manda tudo.

Como vêem, uma grande questão nacional está dependente de uma pequena questão doméstica—questão dum lar, questão dum *ménage*.

Em Portugal, o constitucionalismo, na sua astúcia fraca, deu-nos isto que estám vendo.

Interesses nacionaes, interesses da sociedede, interesses da humanidade, collocaram-se na dependéncia de birras, amuos e divergéncias da familia.

Um *ménage* subordina um país.

A questão religiosa é uma questão de dois esposos.

Não estará isto indicando o que é preciso fazer-se, que movimento deve impôr-se?

F. B.

Jesuitas

Por lapso de revisão saiu incorrectissimo o artigo—*Jesuitas*—do nosso último número. Conquanto de fácil emenda, sam tam numerosas as *gralhas* que se torna indispensavel fazer a prevenção afim de evitar os doestos e as graças de alguns theologos mal intencionados.

E nós queremos poupar o gaudio aos moços e aos leitôres de um *mais que lido* jornal novas massadas theológicas...

A MAÇONARIA

Ou não sabemos ver nem perceber coisa nenhuma, ou essa instituição tem de viver a occultas, como instituição secreta que foi em todos os tempos e deve ser hoje, onde se discutiam largamente problemas sociaes, imprimindo a sua acção decisiva influéncia na obra dos governos e até dos estados. Uma instituição mais ou menos revolucionária enfim.

E é hoje, em Portugal especialmente, alguma coisa d'isso? sombras d'isso?

Em Inglaterra é grão-mestre o monarcha, que recebeu da maçonaria portuguêsa condoléncias pela morte de sua mãe.

Dir-se-hia que essa gentileza, aliás talvez devida, não precisava nem devia ser posta ao sol. Cumprimentos duma instituição secreta, comprehende-se que secretos, ignorados dos *profanos* deviam ficar, bem como o agradecimento...

Mas diversos jornaes de Lisbóa noticiam:

> O rei de Inglaterra, gran-mestre da maçonaria inglêsa, mandou agradecer a maçonaria portuguêsa as condoléncias que esta fraternalmente lhe endereçou, por occasião da morte da rainha Victória.

E a grande loja, supremo conselho da ordem, ou o quer que seja que lá em Lisboa commanda as tropas espalhadas pela provincia, não pede contas ao inconfidente, para darlhe com o *martelinho* na cabeça? E o *supremo architecto* não *fulmina* o bisbilhoteiro ou bisbilhoteiros?

Não, que a linguarada de agora é uma sombra pállida doutra que ha pouco tempo se viu: — um jornal de Lisboa— a *Vanguarda* se bem nos recorda — a publicar extractos das sessões da tal *grande loja, supremo conselho da ordem,* ou quer que seja que de lá dá as leis para a provincia!!...

Ora bolas!

De sorte que a maçonaria hoje está sendo uma espécie de dandysmo para soalheiro e para exposição das primeiras figuras. A'cêrca de trabalhos úteis, que a similhem à sombra sequer, do que foi noutras eras, *talvez te responda*...

Bolas!

Debate-se actualmente a questão das ordens religiosas. A população e os académicos andam na rua. E a maçonaria? o governo central dessa coisa?

Trabalha a occultas, como convém, mas decerto manipulando ovos moles, a golpes de malhete, para servir aos *geraes* da *ordem poderosa*.

Se êlles praticaram a infantilidade de reclamar para que o enterro de Elyas Garcia, o fallecido grão-mestre, fosse pela igreja!! E é que o conseguiram...

Bolas, bolas e bolas.

Mais sensato e perspicaz foi o frei *José dos Qurações* que se oppunha exactamente para lograr que os *jurados maçons* lhe beijassem a fimbria do roupão, para lhe obterem o consentimento. E é que o conseguiu tambem, o tonsurado...

Para honra e glória dos generaes da *poderosa ordem* de... do *supremo architecto*.

Bibliotheca da Universidade

Está publicado o segundo número do *Archivo bibliográphico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra,* publicação mensal que iniciou o sr. dr. Mendes dos Remédios, actual director da bibliotheca.

E' um dos bons serviços que o sr. dr. Mendes dos Remédios, cujas qualidades de intelligéncia e de trabalho sam bem conhecidas de todos os que amam a litteratura do nosso país, está prestando à Universidade e aos estudiosos.

A collecção de manuscriptos da Universidade, formada de alguns restos das livrarias das ordens religiosas, e de donativos em que sobresahem pelo valor e pelo número os de João Pedro Ribeiro, é mal conhecida e pouco aproveitada, se exceptuarmos os trabalhos do dr. J. C. Ayres de Campos e os modernos do sr. dr. Mendes dos Remédios e Teixeira de Carvalho.

E' todavia uma collecção valiosa, cujo conhecimento reserva mais de uma surpreza aos que se interessam pela história da nossa litteratura e dos nossos costumes.

O sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro, o conscencioso archeologo conimbricense, que em numerosos artigos d'O Instituto e no seu Guia histórico de Coimbra, tem publicados muitos dos documentos manuscriptos da collecção da Bibliotheca, e tem denunciado mais dum aos erúditos do nosso país que tantas vezes citam o seu nome com as palavras de louvor que merece o seu caracter e o seu saber, é que tem procedido agora a catalogação dos manuscriptos, examinando os um a um, e emendando os erros do antigo catálogo incompleto e imperfeito.

Este número contem o *Catalogo das revistas, jornaes e outras publicações periodicas recebid s na Bibliotheca da Universidade de Coimbra,* e acaba a publicação da *Carta q̃ o Autor escreveo a hun seu Amigo em q̃ se conta a Vinda dos Ingresoes a Lix^a com dom Antonio Prior do Crato no Ano de mil equinhetos e oytenta enove annos.*

O Archivo bibliográphico é uma publicação modelar que honra a bibliotheca da Universidade e a sua direcção superior.

O Grupo Musical José Mau rício realisa no dia 19 do corrente pelas 7 e meia da noite uma sessão solemne para commemorar o anniversário de José Mau rício o músico filho de Coimbra cujas composições fazem tanta honra à arte nacional.

Nos archivos dos mosteiros dos arredores de Coimbra, sobretudo nos de Semide e Lorvão encontraram se composições religiosas desconhecidas dêste e doutros músicos de Coimbra que fôram recolhidas na Bibliotheca Nacional de Lisbôa.

O *Grupo Musical José Mauricio* é uma associação que tem em Coimbra sympathias geraes.

O sarau deve por isso ter o brilho das sessões antigas que correram sempre no meio dos maiores applausos numa animação alegre e sã.

O Jesuitismo em face da Igreja

A evolução duma ideia revoluciona um povo. Portugal inteiro, consciente e digno, clama contra o jesuitismo, numa ruidosa manifestação, o seu pensamento soberbo — a liberdade da pátria!

E como essa liberdade, por todos anciosamente aguardada, depende da expulsão completa da fatal companhia, do acabamento dos seus recolhimentos, é por essa razão que Portugal, consciente e digno, clama bem alto, pondo em relevo os crimes dessa seita que faz da sotaina, que lhe ornamente a devassidão da carne, coio de concubinagem e agéncia de exploração de fortunas.

A mocidade innocente, corre para êsse bando infame, não pela belleza de que a natureza os dotou, nem pela attração da phrase; mas arrastada pelo excesso de fanatismo, por um veo que lhe obscurece a imaginação, fazendo-a unir em estreito laço a companhia á igreja. E da companhia á igreja, vai uma distáncia enorme.

A companhia só conduz ao crime e ao obscurantismo, eivada dos males heriditários dos seus predecessores e esquecida dos votos de humildade, caridade e castidade, enquanto a igreja firmada naquella sublime verdade de Jesus *amae vos uns ao outros,* funda a sua liberdade d'acção, aspirando nas grandes concepções modernas a Luz e pugnando pela rasão.

De modo que não é sómente a mocidade que erra pela sua ignoráncia, mas tambem aquelles que confundindo o jesuitismo com a igreja, combatem as duas coisas.

Ha muito a separar. A igreja sempre foi boa e humanitária; serve para a união dos povos e arrasta não ao fanatismo, mas á fé suave e ao recolhimento sereno; não combate os descobrimentos, nem as grandes concepções, das quaes possam advir a suprema, perfeição, de modo que pugna pelo adiantamento dos povos; ao passo que o jesuitismo baseado no sonho dum louco pelo fanatismo e pelo egoïsmo de ser grande e único, atrasou a civilisação durante mais de três séculos e foi a causa da morte e da miseria de homens, como Camões, Campanella, Galileu, Giordano, Pedro Albano, Vanini e outros; de homens que poderiam ser maiores se lhes não faltasse a ajuda dos reis, que jaziam na inacção, presos nas fortes cadeias do jesuitismo.

Até Descartes, receiando a sorte dos outros sábios, se atemorisou na publicação do seu bello livro *Le Monde* e como elle, Wier, Flade, Gesbert, Copernico, Leibnitz e Lavoisier que foi atormentado por dizer que «na natureza nada se perde e nada se cria!» E assim proseguindo, a companhia temendo que o adiantamento da civilisação lhe levantasse embaraços na obra de rapina, toma conta da Universidade e ensinando, obscurece em vez de aclarar, consegue o seu fim durante três séculos.

Estes três séculos foram como a Edade Média na litteratura, uma noite de obscuridade, uma noite d'onde se accordou ao grito do grande estadista que se chamou Marquês de Pombal.

De modo que o jesuitismo, foi causa primacial do pouco desenvolvimento na evolução social e nas aspirações do desenvolvimento mais puro e nobre — a Liberdade!

E confundindo se a igreja com o jesuitismo, pratica-se um erro grave.

Não foi a igreja a causa do adiantamento progressivo da sociedade, a causa que fez caír por terra as religiões pagãs?

Tudo o que a igreja tem de bom, tem o jesuitismo de mau!

E, clamando contra o jesuitismo, não clamo contra a religião do estado; clamo sómente contra um bando que avança na sombra, á luz da intriga e vivendo da crápula para subjugar os reis e subir com êlles aos alcatifados degraus do throno.

Por isso quero, aqui, bem differenciado o jesuitismo da igreja e confessar que o povo não quer mais que a abolição de tudo que pareça jesuita.

Portugal consciente e digno na sua ruïdosa manifestação, subiu um degrau na escada da civilisação e pode comparar-se ás nações que adeantadas no movimento intellectual, sabem excluir o mal e premiar o bem.

Portugal mostra ao menos que não é, como se pensa, uma nação morta, se na acção se manifesta moribundo no pensamento é grande. E já dizia um grande francês «a nação que pensa é uma nação que trabalha, e como da actividade resulta a vida, essa nação está em plena fôrça de existéncia».

8—3—1901.

PAIVA DE CARVALHO.

Acha se terminada a instalação dos objectos de ferro e bronze do museu d'antiguidades do Instituto.

Os objectos que pertencem na sua maior parte ás collecções de A. A. Gonçalves e de Teixeira de Carvalho foram expostos em mostruarios elegantes de madeira, feitos segundo desenhos de António Augusto Gonçalves.

Começa a luctar-se com falta de espaço.

Na secção de cerámica vám ser collocados dois grandes paineis de azulejo do século XVIII.

Um representa S. José e é datado de 1738, o outro figura S. Thereza e tem a data de 1749.

Ambos êlles sam rodeados dum motivo decorativo bem desenhado revelando mão experimentada. Mostram ser de origem coimbrã.

Realisou-se, no domingo, como haviamos noticiado, a reünião do partido progressista de Coimbra, para inauguração do seu novo centro, e inauguração dos retratos do sr. José Luciano de Castro e dr. Pedro Monteiro Castello-Branco.

Fallaram os srs. drs. Assis Teixeira, fazendo a apologia do sr. dr. Pedro Monteiro Castello-Branco e José Luciano de Castro, Dias da Silva e Mendonça Cortez que fôram delirantemente applaudidos.

Procedeu se ás eleições que deram o resultado seguinte:

Assembleia geral—Presidente, dr. Pedro Monteiro; vice presidente, dr. Bernardo de Albuquerque; secretários, dr. Parreira e José Rodrigues d'Oliveira.

Direcção—Presidente, dr. Assis Teixeira; vice presidente, dr. Ribeiro de Vasconcélloz; secretário, dr. Cruz Amante; thesoureiro, sr. Miguel Braga; directores, srs. Manuel Miranda, Francisco de Sousa Nazareth, dr. Porphyrio Novaes e José Diniz Simões.

Conselho fiscal—dr. Sousa Gomes, Aureliano dos Santos Viegas e Adriano de Jesus Lopes.

Commissão executiva no districto—drs. Pedro Monteiro, Costa Lobo, António de Pádua, Joaquim Gaspar de Mattos e Mendonça Cortês.

A sessão correu muito animada. O sr. dr. Costa Lobo fez um discurso enthusiastico!

Ouviu-se tambem um hymno novo do partido. O d'*A Maria da fonte* está velho e começa a comprometter.

Foi uma festa bonita que ia prejudicando o éxito da procissão do Senhor dos Passos.

Rendas de casas

Parece que entra breve em discussão a proposta de lei, do ministro da fazenda sobre a renda de casas. Começada que seja essa discussão, o deputado A. Rodrigues Nogueira proporá, affirma-se, uma emenda para que se estenda até ás rendas de 250$000 réis o impôsto minimo de 6 por cento, e o máximo ás de 400$000 réis para cima, e que fiquem isentas de qualquer contribuição as rendas até 50$000 réis.

Emenda de distribuição tributária algo equitativa, alliviando um pouco tantissima gente que lucta com grandes difficuldades para pagar a renda de modestíssimas habitações uns, e de miseraveis alojamentos outros, vendo-se ainda sobrecarregados com a alcavala da contribuição, não irá, certamente, merecer o *amen* da conspicua maioria, o que tanto vale como dizer—do governo.

Enfim, aguardamos esperançados, poderá o caso passar por *bambúrrio,* e façamos votos por que, apparecendo a emenda, o *altissimo* da maioria lhe ponha a virtude.

Domingo corria pela cidade com insisténcia que a procissão do Senhor dos Passos daria logar a uma manifestação anti-jesuitica.

O medo fizera correr o boato, dando isso logar a que espiritos cathólicos, mas amigos da paz, se negassem a acceitar o logar honroso das borlas do pendão.

Afinal, lá saiu a procissão, quando ninguem esperava, mais cedo, por causa da inauguração do centro progressista.

A tudo se sacrificou o Senhor dos Passos.

A procissão correu sem incidente.

A' noite, grupos de populares e estudantes correram as ruas em vivas á liberdade e morras aos jezuitas.

Ao chegarem á casa do conego Ramalho, os gritos redobraram de violéncia e algumas pedras começaram a partir os vidros, retirando entám os estudantes e continuando o grupo a apedrejar a casa do Ramalho que ficou sem um vidro e sem uma telha.

Foi um facto lamentavel, mas...

Mas o Ramalho tem em Coimbra a peior das reputações. As cartas d'exploração publicadas pelos jornaes, que revellaram o seu espirito d'intriga, desorganisando uma familia e valendo-se da loucura duma senhora, fizeram com que o Ramalho seja em Coimbra o typo que os attentados últimos de Madrid e Porto pozeram agora em evidéncia.

Factos recentes, que aí correm, deram ao Ramalho uma *actualidade* que explica a manifestação que poderia ter ido mais longe, se não fosse a attitude do sr. commissário e dos estudantes.

Ha muito tempo que ninguem sabe explicar como o sr. Bispo Conde, tam cioso de reputação dos seus sobordinados, não affastou ainda da sua diocese este elemento antipáthico e desacreditado.

*

Em Lisbôa têem continuado as manifestações dos estudantes, sendo impotentes para as abafar as ordens severas dadas por o ministro da guerra, tentando impedir os estudantes militares de tomarem parte nellas.

A imprensa em geral queixa-se dos abusos policiaes, prendendo arbitrariamente os cidadãos e espancando a torto e a direito.

Continua a exhibição irrisória de bonecos de palha vestidos de jezuitas com grande escandalo da policia.

O commissário de policia tem corrigido publicamente os desmandos dos seus subordinados

LITTERATURA E ARTE

A UMA CREADA DE SERVIR

(INÉDITO)

Veio da terra ha poucos mêses; é corada
E robusta e alegre, as suas ancas sam
De mulher que nasceu para ser fecundada,
Para ser Mãe duma invencivel geração.

A sua bôcca sã não é frigida e exangue;
Vê-se bem ao olhar lhe a côr, nunca esvaida,
Que essa rosa vermelha é regada p'lo sangue
Que lhe percorre o corpo a palpitar p'la vida.

Usa o cabello negro em dois bandós abrindo
Sobre a testa pequena e lisa de inconsciente,
E nos olhos possúe aquêlle pasmo infindo
De quem nunca pensou as impressões que sente!

E como ainda ha pouco abandonou a aldeia
A cidade produz lhe um estonteamento e faz
Com que ella chore a clara luz da lua cheia
E abomine o clarão amarello do gaz.

Tem no trigueiro rosto apenas a fragancia
Da mocidade; e o seu andar, firme e pesado,
Accentua ainda mais a falta de elegancia
Do seu corpo brutal e sem nenhum agrado.

E eu que sempre adorei a graça esvelta e frágil
Dizendo o seu triumpho em preciosas roupagens,
As mãos com um poëma em cada gesto ágil,
Os olhos com a luz dos longes das paysagens,

Eu chego até a amá-la — assim alegre e rude
Entre uma geração de tristes e doëntias,
Que arrastam, insexuaes, nos corpos sem saüde
Almas virgens do amôr, de sonho e de alegrias!

Eu chego até a amá-la — assim forte e corada
Mostrando sem vergonha os robustos artelhos,
Apezar de saber que os padeiros, na escada,
Beijaram muita vez os seus beiços vermelhos!

Que ao menos é mulher, tem braços p'ra abraçar,
Não p'ra fazer, na Rua, orgulhosos meneios,
E se nunca aprendeu o modo de trajar
E é simples e boçal, tem ancas e tem seios.

E quando os filhos lhe vierem, já mais tarde,
— Na transfiguração de mulher para Mãe,
Morta a chamma sensual em que o seu riso arde
E a tentação que o seu olhar hoje contem —

Perderá a profunda e nativa rudeza,
O seu ar ha de ser quási que divinal,
Porque a suprema graça e a suprema belleza
Hám de sempre irradiar dum beijo maternal!

E vós, vós que sois vãs e fúteis e escondeis
A fraqueza do corpo em rendas e em folhos,
Que nascendo p'ra amar só enganar sabeis,
Que tendes a ambição e o vicio em vossos olhos;

Conhecendo o vulgar, mas formidavel crime
De só ver a mentira e o mal no coração,
Não vos qu'rendo entregar no beijo que redime
— No beijo adonde vibre uma leal paixão!

Morrereis sem saber a alegria do amôr,
E o que póde tornar uma existéncia querida;
E, se um filho vier, é p'ra tornar maior
O remorso que traz a vida mal vivida...

Não podereis sentir quanto é bello ser Mãe,
E assim mentindo ao vosso amoravel destino,
Heis de ter a velhice agonisante sem
O riso alegre e bom dum neto pequenino...

Ficareis — porque o Amôr apenas vos trouxesse
A luxúria febril que vos perturba o olhar —
Como terras que um Sol ardentissimo aquece,
Mas que a chuva do Céo nunca vem fecundar!

—1900—

JOÃO DE BARROS.

Tiro civil

E' no próximo domingo que deve realisar-se a inauguração da *4.ª succursal da União dos atiradores civis portuguêses*, cuja séde é em Coimbra.

A inauguração terá logar na carreira de tiro do regimento de infanteria 23, no logar de Sezem perto de Eiras.

A carreira não está ainda concluida e é possivel até que, se continuarem as chuvas, a inauguração não possa ter logar domingo.

A hora marcada é ás onze e meia em Sezem.

Mais d'espaço nos occuparemos desta instituição e da sua utilidade.

Retirou ontem para Lisbôa, depois duma pequena demora de dois dias em Coimbra, o sr. conselheiro Adolpho Loureiro o estimado filho de Coimbra, e um dos mais apaixonados coleccionadores portuguêses. E' sobre tudo notavel a sua collecção de obras, gravuras e objectos d'arte relativa ao primeiro império e a invasão francêsa. Os retratos de Napoleão contam se por centenas na sua bella collecção sempre franca ás pesquisas dos estudiosos da nossa história.

Notícia

Acha-se em cobrança a congrua parochial de Santa Cruz, S. Bartholomeu, Santa Clara e Ceira, relativa ao anno de 1900, de que é cobrador António Augusto Lourenço, residente na rua da Sophia n.º 70, 2.º andar.

Agradecimento

Não tenho palavras que possam traduzir, csm a fidelidade que desejava, a minha gratidão por tantos actos de altruismo, abnegação e humanidade, que, por occasião do incéndio em minha casa, me dispensou a benemérita corporação de Bombeiros Voluntários desta cidade.

Bem sei que não sam os dizeres dum singelo agradecimento que vam valorisar e enaltecer uma corporação que, pelos seus actos de bravura e civismo, se impõe de ha muitos annos ao respeito e veneração dos conimbricenses.

No entanto cumpro um dever dando largas á manifestação do meu sentir.

E não devo tambem deixar no olvido os serviços relevantes que por essa occasião me dispensáram amigos dedicados e prestimosos.

E' uma divida sagrada que jámais pagarei.

Coimbra, 12 de março de 1900.

Cesar Cabral.

PUBLICAÇÕES

História da Revolta do Porto. — Com o 5.º fasciculo, publicou-se o 1.º tomo da *História da Revolta do Porto*, a brilhante obra de João Chagas e do ex-tenente Coelho, que se tem assignalado por um tam grande êxito no nosso mercado de livros.

Este tomo comprehende já, além de uma parte curiosissima da história do movimento de 31 de janeiro, cinco estampas especiaes, reproducções dos jornaes, documentos, e retratos, vinte e cinco photogravuras illustrando o texto e grande número de vinhêtas e *cul de lampe*.

O quinto fasciculo que completou o 1.º tomo, insere photogravuras representando o Aljube e a casa das Cardosas, em frente da qual começou o bombardeamento da cámara, na manhã de 31 de janeiro, a reproducção de um autographo do dr. Alves da Veiga e o retrato do alferes Trindade, julgado nos conselhos de guerra de Leixões, e do chefe do estado maior da 3.ª divisão, Fernando de Magalhães.

A fôlha especial, em papel de luxo, insere um magnifico retrato de José Pereira Sampaio *(Bruno)* o illustre publicista republicano, e um dos implicados na revolta do Porto.

A publicação desta obra está se fazendo triumphantemente. Só o Porto consumiu a totalidade da edição. Não ha exemplo de se ter feito uma obra em tam extraordinárias condições de éxito.

Os escriptores da *Empreza Democrática de Portugal*, editora da História da Revolta do Porto, estám installados em Lisbôa, na rua dos Douradores, 29, e no Porto, na rua de Santa Catharina, 154.

No 1.º tomo, que temos presente, annuncia-se para breve uma nova publicação da mesma Empreza — *A Revolta do Porto, pela photographia.*

ANNÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão interino do 5.º officio, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação do respectivo annúncio, citando Manuel Relvão e Joaquim Relvão, casados, ausentes em parte incerta no Brasil, para na qualidade de interessados, assistirem, querendo, a todos os termos até final do inventário orphanológico a que se procede por fallecimento de António João Machado, residente que foi na Santa Casa da Misericórdia desta cidade, em que é inventariante António Relvão, residente na Palheira.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

O escrivão interino do 5.º officio,

António Miranda do Amaral.

PRAÇA PARTICULAR

No dia 17 de março corrente, pelas 11 horas da manhã, se o preço convier, será vendido em praça particular, um prédio situado na rua do Paço do Conde, desta cidade, com os numeros 17 a 21, próximo da estação do caminho de ferro, que serve para estalagem, armazem ou fábrica; é composta de lojas, um andar e águas furtadas, tem um bom quintal, poço d'água nativa, cavallariças e palheiro, tendo tambem entrada pela rua das Padeiras, n.º 51, e não é foreiro.

A praça terá logar no mesmo prédio.

---

11 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

VIII

Primeiro leque partido

— O conde de Romanes recebia muitos amigos?

— Dois ou três.

— Conhece os?

— Conhece os Paris inteiro. Não eram êsses os capazes de attentar contra a vida do senhor conde.

— Imaginou alguma vez que o conde fôsse capaz de se suicidar?

— Sim e não: estava muito alegre para um homem que vai suicidar-se; mas, por outro lado, não descubro quem podesse matá-lo.

— Mas, depois da partida da senhora, vinham só os amigos?

— Vi cá um homem da bolsa, um tabelião, um advogado.

O procurador da República mostrou o leque partido ao creado do quarto.

— Que lhe parece este leque partido?

O creado de quarto pareceu surprehendido.

— Ora essa. Não o tinha visto, é um leque da senhora condessa.

— Está bem certo do que diz?

— Penso bem que sim! A senhora condessa estimava mais esse leque que as meninas dos seus olhos.

— E' muito bonito, notou o procurador da República.

O juiz retomou a palavra:

— A condessa de Romanes voltou cá depois da separação provisória, depois de requerer a separação de corpos?

— Não.

— Póde me então explicar como se encontra aqui esse leque?

O creado de quarto levou a mão á testa.

— Não. por mais que pense, a não ser que o senhor o tenha encontrado e o tenha quebrado num momento de desespero.

— Porque havia de ser num momento de desespero?

— Porque o senhor continuava a amar a senhora condessa.

Como todos os que ouviam olhassem para o creado com algum sceptícismo, elle accrescentou com ar malicioso: Lá a seu modo.

— A condessa tinha momentos de cólera?

— Oh! senhor, já que tenho de dizer a verdade: esta casa era uma verdadeira tempestade: o senhor representava o trovão e a senhora o raio.

O creado de quarto baixou modestamente a cabeça, espantado com a sua rhetórica.

— Não chegavam a bater um no outro?

— Não ponho as mãos no fogo, mas as scenas melhores não se passavam na nossa presença; nós percebiamos bem que não estavam a dizer amabilidades, mas não tinhamos nada com isso.

— Que sabe a respeito da causa dessas questões?

— E' que o senhor divertia-se para um lado e a senhora para o outro.

— O senhor conde de Romanes recebia mulheres aqui?

— Não creio; mas vinham algumas procurar por elle ao guarda portão e outras esperavam-o na carruagem... Houve um dia uma questão terrivel; por que a senhora conheceu no coupé do senhor uma actriz que elle protegia.

— Torne a chamar o guarda-portão.

Este homem havia dito que não sabia nada. Queriam interrogá-lo outra vez.

Quando tornou a apparecer, o juiz olhou para elle de frente.

— Veja lá. Ha só quatro inquilinos cá em casa, deve conhecer bem a gente que entra e sae.

— Ah! Senhor! Ha só quatro arrendatários; mas o do segundo andar é deputado, o do terceiro é senador. Não faz ideia da procissão que por cá vai todas as manhãs! Como quer que eu distinga em quem entra e sae os ambiciosos que andam á cata dum logar; se lhes desse ouvidos contavam-me todos os seus infortúnios. O suffrágio universal é talvez uma bella coisa, mas não para os porteiros, nem para os proprietários. No fim de cada sessão, o nosso tapete de escada fica em farrapos.

(Continúa)

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

António Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem à venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escóla Médico-Cirúrgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, aluminio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos à vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1 branco fino...	260	réis
N.º 2 » » ...	255	»
N.º 3 » » ...	245	»
N.º 4 » » ...	240	»
Amarello.....	235	»

Victor Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroio, vende um velocipede de três rodas, para creança, alteres e malhas para fito, tudo em segunda mão.

Pódem ver-se no local acima dito.

João Chagas & ex-tenente Coêlho

História da Revolta do Porto

DE

31 de janeiro de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna-se aos fasciculos semanaes de 16 páginas, ao preço de **60 réis**, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — **pagos no acto da entrega.**

Pedidos à **Empreza Democrática de Portugal**, rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e à **Agéncia de Publicações do norte**, rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia, — em casa dos agentes.

Aos amadores de café forte

Café do Rio puro miudo à vista do freguez a 800 réis cada kilo na

Mercearia Popular

90, R. dos Sapateiros, 94

Negócios forenses e académicos

ESCRIPTORIO

Praça 8 de Maio, n.º 8

COIMBRA

Matrículas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatorio para o internato na Escóla do Exército, de habilitação de médicos estranjeiros para o exercício da clínica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Uniuersidade de Coimbra:

Encarrega-se dêlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existéncia, onde os ex.mos académicos ou seus ex.mos representantes e mais pessoas se pódem dirigir com inteira confianca, tem as melhores referéncias, comprovadas por documentos apresentados no secretário da própria Universidade.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coímbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos **— Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

39 — Rua da Sophia — 41

COIMBRA

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — Praça do Commercio — 42

COIMBRA

— Camarada! Então eu pedi-te a farda velha e tu trazes-me a nova?

— Não, meu tenente, esta é a mais velha, mas como eu a limpei com a benzolina por isso parece a nova.

A benzolina tira todas a nódoas de gordura alcatrão, óleo, etc. e tambem lava luvas. Vende se no Zacharias, rua da Calçada

Coimbra

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos, **(Rebuçados Milagrosos)**, cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têem usado, e vereficada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias, drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99,

LISBOA

Effectúa seguros contra o risco d'incéndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

Á' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma explendida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um explendido jardim, água nativa canalisada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52**, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gêsso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para aluguar acceitando hóspedes permantes.

O proprietário,

José Maria Júnior.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 0[0

Cautella com os imitadores

Limpésa gratuita aos nossos clientes

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — Manuel dos Reis Gomes

R. Martins de Carvalho, 7 e 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, mappas, facturas, memoranduns, recibos, circulares, estatutos, rótulos, bilhetes de visita, etc.

N.º 631 COIMBRA—Domingo, 17 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno; 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remssa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O DECRETO DE 10 DE MARÇO

O decreto de 10 de março relativo à extincção d'algumas ordens religiosas e ao inquérito sobre as condicções de vida doutras, decreto arrancado pela opinião liberal à manifestada pusilanimidade do governo perante os abusos da reacção, não foi de molde, pela sua fórma contemporizadora, a dar satisfação completa ao sentimento público, tam justamente irritado com as progressivas audácias do jesuitismo.

A desconfiança ácêrca das intenções do decreto e da lealdade da sua promulgação relativamente à diligéncia e propósito de lhe ser dado cumprimento, é geral. A imprensa que menos se deixa illudir e que sem rebuço o manifesta, proclama bem alto que não passa de poeira arremessada aos olhos do país; por sua vez a imprensa mais chegada ás regiões do poder, sem claramente manifestar a sua pouca confiança, não deixa de dia a dia insistir com o governo para que o decreto não fique lettra morta, apontando-lhe os inconvenientes e os perigos de lhe não ser dada execução.

Na verdade, estudado elle, nas suas entrelinhas se vê que foi elaborado de modo a não dar completa satisfação à opinião liberal, visto dar margem para a continuação de muitos institutos de caracter jesuitico, e precisamente os mais perigosos, que sam os da instrucção e da beneficéncia. A' sombra desta acobertam-se todas as artimanhas jesuiticas, assim como aquella é a arma mais perigosa de que se serve a seita para fanatisar as consciéncias.

Não é, pois, duvidoso que as providéncias decretadas não dam ao mal a cura radical que elle reclama. Os jesuitas—o inimigo—continuarám a dominar como até aquí!

Por outro lado o governo deu occasião a que êlles se sirvam de todos os seus recursos, que sam multiplices, para empecer a acção salutar reclamada pelos liberaes, de modo que se póde já prever que taes providéncias, mesmo quási anódinas como, sam ficarám lettra morta, como o têem sido as anteriores. A acção das auctoridades administrativas ha de ser morosa, descuidada, imprevidente, amortecida por mil pressões, dado mesmo que da parte dos governadores civis haja o desejo de fazerem alguma coisa útil, do que sinceramente duvidâmos.

O de Lisboa já começou a mostrar o que está rezolvido a fazer; e tanto que as *Novidades*, que, valha a verdade, nesta questão suprema para a liberdade se têem portado de modo a merecerem o perdão para muitas das suas faltas, por meias palavras sim, mas claramente significativas, censuram a lentidão do seu procedimento, se é que não conhecem a reserva dos seus propósitos, embora não queiram declará-la.

Quanto aos dos outros districtos é bem de recear que não sejam mais expeditos nem mais cuidadosos.

Ora o decreto de 10 de março, ainda que insufficiente, deve ter um cumprimento rigoroso e immediato Não se póde consentir que elle seja deslealmente executado, e, se êlle não for rigorosamente cumprido, os liberaes que tiveram força para o arrancar ás tibias mãos do governo, tenham-na para correr os homens e o regimen, que nesta questão capital para o futuro da nação não pódem ou não querem garantir os principios de liberdade á sombra de que vivem.

E cumpre que todos estejam de olhos fitos no que se vai passando...

Crise

Tornaram a circular insistentes boatos de crise ministerial, de novo desmentidos cathegóricamente.

Parece, por isso, que a agonia se vai prorogando.

Mas não é verdade que este governo de oito mêses parece ter já oito annos?

BANCO ULTRAMARINO

A escandalosa pouca vergonha do Banco Ultramarino, nova negociata do banqueiro Burnay, de quem é caixeiro o ministro da marinha, vai ser votada pela câmara dos deputados, como era de esperar.

Depois da discussão que levantou, o ministro fallou *triumphantemente* em defesa do seu projecto, arrastando a maioria pelo poder dos argumentos.

E' verdade que tambem o relator, Abel Andrade, fallou *triumphantemente*...

Os *triumphos* faceis de quem não tem vergonha!

Irmãs hospitaleiras

Chamam-se assim as célebres Trinas, tam sobejamente conhecidas no país depois dos casos nefandos de Sarah de Mattos e do convento de Aldegavinhos.

A'eêrca destas *irmãs* veja-se o que as *Novidades* dizem:

«As *Trinas*, de entre tantas *irmãs*, que por aí temos—brancas, pretas, e até azues—sam as únicas, que hoje fazem serviço nos hospitaes e nas casas de doentes; visto que as próprias *irmãs da caridade*, que tanto se glorificavam nêsses serviços, entre nós se limitam, quási exclusivamente, a funcções de administração e de ensino. Mas o serviço das *Trinas* é mau, e a sua vida conventual é péssima. Se uma reforma lhe não acudisse de prompto, aquelle instituto devia ser dissolvido, e as suas casas fechadas sem tardança.

As nossas inquirições, que, por serem particulares e reservadas, não pódem ter a precisão de indicações directas, mas que em todo o caso nos dam convicções seguras, dizem-nos o seguinte, para que chamamos a attenção dos poderes públicos e dos nossos leitores:

—As *Irmãs hospitaleiras*, que se acham espalhadas por differentes casas do país, ascendem a cêrca de *duas mil*, quási todas com profissão de votos;

—Sam as provincias do norte, e especialmente o Minho, que fornecem o principal contingente para este recrutamento;

—As *irmãs* saem, na quási totalidade, das classes baixas, e por isso com pouca ou nenhuma instrucção;

—As occupações mysticas e os deveres religiosos absorvem-lhes a maior parte do tempo, com inteiro abandono de qualquer educação profissional; o que faz, com que ellas sejam enfermeiras inhabeis, e desastradas, embora muito dedicadas.

Esta é a situação geral do instituto. A situação especial do convento da rua das Trinas de Mocambo caracterisa-se por factos estremamente graves:

—A accumulação de raparigas e mulheres naquella casa é tal, que se póde fixar na proporção *dum só leito para cada três pessoas*.

Por isso o ministrante teve de descançar o braço quatro vezes, na sagrada communhão da noite de Natal! Calculem-se as consequéncias várias desta promiscuidade de pessôas nos mesmos leitos!... Passemos adiante. Mas não passe o sr. governador civil.

—Uma dessas consequéncias, é a pouca limpeza das pessôas, o que mais as torna impróprias para os serviços hospitalares e de casas de doentes.

—Outra das consequéncias é o desenvolvimento da tuberculose. O convento das Trinas de Mocambo é um perigosissimo e largo foco de tuberculose no centro da capital, e viaducto da mesma terrivel doença, por onde aquellas *irmãs* se espalham.

—Outra, que subintende, é que esse convento representa um verdadeiro açougue de carne humana. As pobres filhas do povo, arrastadas umas pelo egoïsmo e a maior parte pelo fanatismo das familias, ardentemente explorado pelas *engatadeiras*, morrem allí aos montões, como caídas no ventre do monstro Moloch, n'um doloroso abandono, que faz irresistivelmente pensar nêsses hediondos sacrificios dos povos antigos e asiáticos!

... Engatadeiras se chama no Porto ao mulherio de qualquer classe social (vidè caso Calmon) que faz recrutamento de almas para Deus e de victimas para os conventos. Os nossos parabens a liberal população portuense, pelo apropósito feliz da expressão.

O convento das Trinas é, pois, um açougue de carne humana. E, ao que nos consta de bôas fontes, sem que todavia possamos tomar a responsabilidade da affirmação, *não existe no convento registo obituário regular*. De modo que, as provincias despejam para allí as pobres filhas da sua população, que morrem aos montões, e desapparecem sem se saber como, por que nem dellas fica um registo para indicar a cruz das suas sepulturas! E isto faz-se sob as responsabilidades dum alvará do governo civil de Lisbôa, que regularisou a situação administrativa das *Irmãs hospitaleiras!*

Tudo isto é monstruoso.

E' preciso pôr entraves a taes desmandos de recrutamento e propaganda; é preciso afugentar o bando das *engatadeiras;* é preciso desacumular a população do convento das Trinas de Mocambo, que provavelmente estará tambem em excesso nas outras casas do instituto: é preciso picar aquellas paredes, desinfectar o edificio, e restabelecer as outras condições de salubridade e hygiene, que andam despresadas; é preciso substituir ao abuso das práticas mysticas os preceitos dum regulamento racional, de modo que as irmãs tenham a aptidão profissional de enfermeiras, que hoje lhes falta. E tudo isto é urgente. Não admitte dilações,

O decreto de 10 do corrente está muito bem ponderado nas suas disposições. O que se faz mister é que elle se cumpra leal e honradamente, como o governo deseja. Não se poderá admittir que aos institutos claramente comprehendidos no n.º 1 daquêlle decreto se conceda o favor das isenções, acautelladas no n.º 2, posteriormente fabricadas *ad hoc*. Contra tal proposito protestariamos energicamente. Mas na própria regularisação dos casos incluidos nesse n.º 2 do decreto de 10 do corrente ha importantes e proveitosas providéncias de ordem publica a adoptar. O que hoje escrevemos sobre o instituto das *Irmãs hospitaleiras*, e suas casas, é um exemplo, eloquentemente comprovativo.»

Não será, pois, urgente que se olhe a sério para tudo o mais?

Que grande serviço prestaram ao país os liberaes do Porto!

Carta de Lisbôa

15 de março.

Querem mais evidentes provas de que o jesuitismo triumpha—isto é, de que é a sr.ª D. Amélia quem vence?

As chamadas rusgas não devem permittir que ninguem tenha dúvidas, aclarando nitidamente a situação.

O caso é êste: fizeram se em Lisbôa manifestações de desagrado ao jesuitismo e, como consequéncia o *revanche*, a policia desatou a prender gente, a torto e a direito—malandros e não malandros, gente com direito a ser livre e gente tolerada pela policia—mandando todos, na mais injusta promiscuidade, para bordo de navios de guerra.

Os poderes públicos prestaram assim ao jesuitismo uma vingança—e bem cruel, bem negra, revoltantemente injusta.

Os poderes públicos, que se prestaram assim a fazer uma iniquidade em pró do jesuitismo, não estám certamente dispostos a combatê-lo.

Mas ha mais—e mais significativo.

Acabo de, aproveitando a indicação dum amigo, visitar a capellinha das chamadas *Sueurs Reparatrices*, que o Navarro diz chamarem-se *cocottes du bon Dieu*.

Nessa capellinha que se dizia uma igreja de bonecas, vêem-se quadros diversos. Um, o maior, tem êstes dizeres a encimá-lo:

Pessôas que um dia por mês satisfazem *(sic)* **o alumiar do S. S.**

E segue a lista:

N.º 1—Sua Majestade a Rainha senhora Dona Amélia. A suas intenções particulares.

Estas pessôas que *satisfazem* o *alumiar do S. S.*, informaram-me, fazem na capellinha a sua *meia hora*.

A *meia hora* é feita d'hábito, na capella mór: a dama, que a faz entra pela porta particular, veste o hábito e vai depois passar meia hora ante o santissimo, resando.

A sr.ª D. Amélia, garantiram-mo, lá faz tambem a sua meia hora, uma vez por semana.

Desta maneira, uma casa, que os mais insuspeitos classificam como sýmbolo das que estám fóra da lei, tem a pública protecção não só moral, como material, da rainha de Portugal. E mais que a sua protecção, tem a sua collaboração.

Querem prova mais evidente de que a questão religiosa é, em Portugal, uma questão politica?

Querem mais evidente demonstração de que o regimen não se atreverá a expulsar os jesuitas e as congregações religiosas?

Querem melhor justificação para o partido republicano intervir, sem veu e sem máscara?

Fóra da questão religiosa, tudo é pequeno e sem interesse nêste momento. O parlamento func-

ona e é como se estivesse fechado. Discutem-se negociatas, como as que esconde o projecto do regimen bancário do ultramar, e ninguem dá por ellas.

A única noticia de interesse, apparecida nas últimas 24 horas, é a de que o governo está a caír e vám tomar-lhe o logar os progressistas.

Eu não sei, hoje, se odeio mais a malta de que é chefe o cýnico Hintze, se a quadrilha dirigida pelo estúpido José Luciano.

Mas, com franqueza, queria vêr agora no poder os herdeiros de Braamcamp. Queria vê los a elles, que censuram os ministros de hoje, na questão religiosa, proceder em face da mesma questão.

E sabem para quê?!

Para se demonstrar, uma vez mais, que a questão religiosa é, entre nós, uma questão politica!

Para se provar, com mais um facto, que os dois partidos estám incondicionalmente ás ordens do paço e das camarilhas.

●

Acabo de sabêr e de vêr que os jesuitas affixaram pasquins ameaçando e provocando os liberaes.

Satisfaz-me a provocação.

Que sempre quero vêr se nesta terra ha liberaes!

F. B.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que enviámos já para o correio os recibos das suas assignaturas. Pedimos a fineza de satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, para não procedermos a nova cobrança que se torna muito pezada.

Museu de antiguidaes

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Igrejinhas

Para facilitar o exacto cumprimento do decreto de 10 do corrente, por parte dos governadores civis, é conveniente que todos os cidadãos liberaes tenham a cuidado de lhes dar parte dos institutos que conhecerem nas areas dos respectivos districtos.

Bem sabemos que sam os governadores civis que têem obrigação de averiguar, mas assim não terám motivo para desculpas.

O *Norte* e o *Mundo* andam fazendo um elucidativo inquérito, e as *Novidades* tambem têem dado bôas informações.

Relativamente ao districto de Coimbra, chamâmos a attenção do sr. governador civil para um collégio jesuitico montado ha pouco no concelho de Penacova, na freguesia de Sazes, em Ponte de Matta, onde estám quaesquer *irmãs*, já com larga concorrência de creanças dos arredores; e indicâmos êste por ser desnecessário fallar no que vai cá pela cidade, sobejamente conhecido, pelo que respeita a *confrarias* e *irmandades* femininas, sob designações mais ou menos phantasistas, e que têem o centro de acção no extincto convento de Santa Thereza.

Estâmos certos de que o sr. governador civil não deixará de vêr...

O decreto é nada

Certamente ninguem acredita que a ingenuidade nacional vá até ao ponto de acceitar como obra consciente e de cumprimento rigoroso—em satisfação ao espirito liberal contra a invasão jesuitica—o decreto de 10 do corrente. O porquê dessa descrença, arreigada e claramente definida, está já dito. Mas convem demonstrar-lhe a razão de ser, provando com factos que o cynico Hintze, o governo e a maioria, por consequéncia, estám com a sr.ª D. Amélia, o que quer dizer com os jesuitas.

O decreto é uma ficção; com elle se pretendeu acalmar a excitação pública e mais nada. De resto, a protecção governamental—inspirada, senão ordenada pela rainha—é impúdica, descaradissima, e traduz se em demonstrações públicas que tocam a meta do escándalo.

Aí vai um attestado:

No Porto e em Lisbôa têem sido apprehendidos pela policia, não só jornaes que movem guerra aos jesuitas de todos os feitios e tamanhos e ao governo que os defende, mas ainda os manifestos liberaes lançados a público para demonstração da poderosa influéncia e nefastas consequéncias do poderio jesuitico no país. Pois bem, ante-hontem foi distribuido em Lisboa, livre e socegadamente, um manifesto sob o titulo:

Até que emfim!

e em que se lia esta belleza:

Já podemos dizer que aquelles que se atreverem a insultar as casas de Deus soffrerám o devido castigo. Viva a Santa Religião. Abaixo os pedreiros livres! Abaixo a canalha liberal!

Quer dizer: —os jesuitas respiram e sentem-se fortes, apesar do decreto do dia 10. Porquê? Porque o governo, numa humilhação que repugna, lhes tem dado as maiores satisfações. Officialmente decreta-lhes um inquérito, á socapa manda os proteger, guardando lhes os coios pela policia, ao mesmo tempo que ordena prisões a esmo para espalhar o terror e assim abafar as manifestações. A' vista das quaes protecção e prisões, os jesuitas desabafam em manifesto pública e livremente distribuido.

Até que emfim!

Até que emfim contam abertamente, absolutamente, com a protecção e defêsa do governo que, somos obrigados a concluir em face do desabafo, lhes terá dito: *— o decreto é um artificio preciso; não o receiem que será nullo nos seus effeitos contra as congregações.*

Não se explica de outro modo o *até que emfim* seguido daquelle desafio ao sentimento liberal.

*

Para confronto.— Enquanto a distribuição daquelle manifesto jesuitico se faz livremente, as publicações liberaes soffrem a mais irritante perseguição. Ontem, o *Mundo* foi apprehendido, não só em Lisbôa, mas ainda por indicação official telegraphica, em Coimbra, no Porto e em outras localidades. Causa: —a insercão dum artigo em que se fazem curiosas e elucidativas revellações sobre as *cocottes du Bon Dieu*.

Attentem os liberaes e reconheçam que o decreto é nada e que os governadores civis terám indicações para morosidade e nenhum interesse no inquérito, sendo por isso absolutamente preciso não desarmar, enquanto o governo não ordene o que justa e legalmente se pede—o rigoroso cumprimento das leis de Pombal, Aguiar e Braancamp.

DEMITTA-SE!...

O governo, odiosamente reaccionário, que se encontra á frente dos negócios públicos, vendo-se coagido pelo grande e sympáthico movimento nacional contra o predominio da reacção, promulgou o hypócrita decreto do dia 10 na stulta esperança de acalmar a agitação que lavra intensa em todo o país, protegendo ao mesmo tempo a maldita seita de Loyola.

E' um governo que capitulou covardemente; não perante a pública excitação, como erradamente se julga, mas ante a enérgica attitude de franca e aberta opposição de certos elementos irrequietos que no paço lhe promovem guerra, e, sobretudo pretextando—um habil pretexto, diga-se a verdade, de despedida ao poder—por causa das complicações sobrevindas com a França na questão, transcendentalmente grave, dos credores externos que ameaçam impôr-nos um novo *contrôle* offensivo dos brios do país.

E êsse *contrôle*, ninguem o ignora, importa, nem mais nem menos, do que o advento da administração extrangeira, esperada desde as últimas violações pelo transacto gabinete progressista commettidas no convénio de 20 de maio de 1893, que regulava as condições da nossa divida externa; condições estas que o governo francês d'então acceitou, como se deprehende da orientação diplomática do sr. Dévelle—ao tempo ministro dos negócios extrangeiros—ha pouco confirmada pelas declarações do sr. Delcassé no senado francês.

E no seio de tantas e tam immerecidas desditas, quando um grave perigo impende sobre o nosso país, ameaçando-lhe tragicamente a sua independéncia, o governo reaccionário presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, compraze-se em offender e affrontar os mais nobres sentimentos do povo português, consentindo no inicio duma nova épocha de terror, com as perseguições religiosas aos sectários do culto evangélico, e coroando rancorosamente a sua obra de oppressão e retrocesso com a escandalosa protecção ao ultramontanismo que pretende avassalar o mundo.

E comtudo, nada mais fácil seria a êsse governo do que identificar-se com o tam eloquentemente manifestado sentir nacional, traduzido em grandiosas manifestações nas ruas. Bastar-lhe ia pôr desde já em prática e rigorosa execução os decretos—sublimes e rehabilitantes da nossa nacionalidade—de 3 de setembro de 1759, de 28 de maio, 22 de julho e 5 d'agosto de 1834 e de 11 de março de 1862, respectivamente referendados pelo marquês de Pombal, Joaquim António de Aguiar e Anselmo José Braancamp, a cuja saudosa memória a Democracia Portuguêsa rende respeitoso preito.

Se o governo estivesse disposto a cumprir a lei prohibitiva, ou repressiva das congregações religiosas em Portugal, em vez de decretar providéncias hypócritas, teria immediatamente seguido o patriótico e luminoso exemplo do grande estadista francês—sr. Waldeck Rousseau—cumprindo os decretos de 1834, 1759 e 1862.

Porque não procede assim o actual governo?

E' um gabinete perdido! Demitta-se enquanto é tempo, que a tempestade ameaça ir mais longe.

FAZENDA JUNIOR.

Mais uma pensão

Neste opulento país de meia dúsia de figurões, êstes julgam-se no direito de talhar á sua vontade fatias para toda a gente.

No anno passado praticou se no parlamento, sem protesto, a vilania de se conceder á familia dum funccionário fartamente estipendiado durante toda a sua vida, uma pensão de 1:200$000 réis por anno.

Bem fallou a imprensa na iniquidade da extorsão, tanto mais quanto, embora fôsse justa, o parlamento não deveria, por pudôr, votá-la.

Agora nova proposta semelhante para a viuva e filhos dum outro funccionario.

Ora isto é [illegible] o país a saque. Será muito lamentavel a familia dêste, mas não o é mais com certêsa do que o sam tantas outras familias de funccionários fallecidos, as quaes ficam na maior miséria. Nem o estado póde, evidentemente, subvencionar a todas ellas.

E acima destas considerações geraes outra ha, soberana e indiscutivel: —a nação está sendo dia a dia enxovalhada no extranjeiro pela ruinosa situação das suas finanças.

Como admittir, pois, estas pensões?

Estâmos certos de que a recente proposta não irá por diante. Ficará sendo uma figura de rethórica em estreia na cámara alta, estreia que bem melhor aproveitada poderia ter sido em assumptos de interesse público.

Caminho de ferro de Arganil

Com a vinda a Coimbra dos srs. engenheiro Vasconcellóz Porto e conductor João Máximo, para inspecção ao que está feito do caminho de ferro de Coimbra a Arganil, houve aí um acalentar de esperanças por que em breve iriam recomeçar os trabalhos, e por que a linha seria aberta á exploração no mais curto praso possivel.

Foram estas esperanças simples optimismos, carecidos de fundamento, de quem as alimentou? Certamente que não.

Informações a que quási póde chamar-se officiaes o fizeram acreditar; dizeres dos dois funccionários que vieram inspeccionar o tornaram crivel e a correspondéncia trocada entre a Associação Commercial e o sr. engenheiro Porto não deixava margem a dúvidas. Antes animava, por isso mesmo que o objecto principal dessa correspondéncia foi saber se as obras de ampliação pedidas para a estação nova e promettidas pela companhia, não obedeceriam á nova necessidade de maior alargamento, uma vez que aquella estação ia ficar commum ao serviço actual e ao da nova linha de Arganil.

E das respostas do sr. engenheiro Porto, nada transpareceu que fizesse suppor optimismos na esperança alimentada.

Se tudo estava assente e resolvido.

A companhia Mondego faria por sua conta a conclusão da linha; a companhia real, credora daquella a uns 500 contos, facultar-lhe-ia as sulipas necessárias, e tomaria a exploração, com o seu material circulante. Quando embolsada do seu crédito, a do Mondego entraria na posse da linha logo que a sua situação fosse mais desafogada.

Foi isto o que se disse, que se tomou como real, que a imprensa, baseada em informes be boa origem, registou. E nem uma contestação official, implicita sequer, appareceu.

Assim resolvido, restava fazer uma chamada de capitaes;—os trabalhos começariam em fins de janeiro ou principio de fevereiro.

Caminhamos para a última terça parte do mês de março, e á volta do assumpto fez-se um bem significativo silêncio official. Nem um passo mais; nem uma única manifestacão de que os trabalhos sejam iniciados. Isto é, prorogase ainda, ao que pareee, o praso á companhia concessionária, praso indefinido pelo visto, e que terminará, naturalmente, quando tudo o que se fez esteja perdido—pontes, trincheiras, etc., sem que o estado tenha imposto á mesma companhia a satisfação dos seus compromissos, ou lhe applique as penalidades exaradas no contracto da concessão.

E' prevendo isso que as reclamações se têem succedido. A cámara municipal desta cidade representou ha pouco, ao rei, em termos claros, pedindo providéncias para que a linha se conclua, a bem e para commodidade dos povos que ella servirá. Anteontem foram depositadas nas mãos do sr. governador civil outras representações, com destino aos poderes superiores, no mesmo sentido.

Serám ouvidas? Serám attendidas?

Nem se pode ajuizar. Mas convem estar de sobre aviso para uma insisténcia tenaz, duradoira, até que se satisfaça a essas justissimas petições, que não traduzem senão a defeza dos interesses e da commodidade dos povos duma vasta e longa região.

E' vergonhoso e em extremo condemnavel que um tal assumpto tanto demore a resolver. Pois não avolumem as localidades interessadas essa vergonha, autorisando-a e alimentando com o seu silêncio. A insisténcia no protesto e na reclamação terá, mais tarde ou mais cedo, a força necessária para pôr termo á especie de *moratória* que coisa alguma explica já.

Iniciativa feliz

A Sociedade Philantrópico-académica vai dever ao sr. dr. Júlio Henriques, seu illustre presidente, mais um importante serviço em favor do seu cofre, de auxílio aos estudantes pobres que delle carecem.

Trata s. ex.ª de pôr em prática uma sua iniciativa que tem tanto de grandiosa e original como de productiva: — a organisação dum album, contendo os grupos photográphicos dos cursos dos quintos annos da Universidade, e um pensamento de despedida, redigido por cada um dos alumnos dos mesmos cursos. Na execução dêste bello projecto é o sr. dr. Júlio Henriques importantemente auxiliado pelo proprietário da Typographia Auxiliar d'Escriptório, o mais antigo depósito de papeis e impressos para todas as repartições, que generosa e graciosamente se presta a fornecer o papel para toda a tiragem, e a fazer de sua conta os trabalhos de composição, impressão e brochura.

E' fácil ajuizar quanto reprepenta esta valiosa offerta com que o sr. Albino Caetano da Silva uma vez mais attesta os seus sentimentos de protecção a tudo o que represente uma ideia de generosidade e altruismo.

Ao sr. dr. Júlio Henriques as nossas felicitações pela sua apreciabilissima iniciativa e pelo grande auxilio que o sr. Albino Silva lhe presta.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Litteratura e arte

OUTOMNO

—

BALLADA D'AMÔR

As árvores morrem, como as mulheres que amaram muito, a contar demoradamente, a quem passa á beira dos caminhos todas as caricias do sol, os beijos todos que o sol lhes deu.

Mal passa o primeiro arrepio do Outomno as árvores empallidecem e as suas fôlhas ficam fracas como na Primavera, ao nascerem.

Qualquer raio de sol pequenino as atravessa todas e as fôlhas cobrem-se dum sorriso dourado a cantar a alegria dos primeiros beijos do Sol novo, húmidos, como os das creanças, cobrindo de pó dourado os cálices das flôres e os troncos nus das árvores em que começava a correr vermelho o sangue da primavera.

Nunca mais perdem aquêlle sorrir dourado, cantando sempre as fôlhas, até caírem mirradas sobre o chão, a alegria dos beijos d'oiro do Sol.

Já sêccas, quando passa o vento frio, dizem, num riso áspero de velhas, os beijos bons do sol, douradas do oiro quente dos fructos maduros.

Antes de morrerem, as árvores boas cobrem se da côr vermelha que tem os beijos do ardente sol do estio.

E, quando caem sêccas sobre o chão, as fôlhas das árvores dizem doridamente, num suspiro abafado, a saüdade do último beijo que o sol lhes deu.

1900. T. C.

Semana Santa e Páschoa

A importante e bellamente montada mercearia Luzitana, estabelecida á rua do Cego, abriu ontem a sua magnifica e importante exposição de amêndoas e cartonágens para brindes pela Semana Santa.

Em amêndoas, as qualidades expostas sam tudo o que ha de mais fino, de puro assucar, tornando-se recommendáveis pela auzencia de quaesquer outras matérias que dando embora á amêndoa uma apparência agradavel, a torna prejudicial pela nocividade dessas mesmas matérias. E a seriedade e escrúpulo que sempre presidiram aos fornecimentos da Mercearia Luzitana, sam segura garantia de que ella procurou o fabrico mais consciencioso, sortindo-se de amêndoa, a todos os respeitos agradabilissima e da maior confiança.

Em cartonagens, a collecção é maravilhosa e delicada, duma variedade notavel, merecendo que o público a visite, pois tem na abundância dêsse artigo por onde escolha á vontade, para brindes dum gosto finissimo e a preços incomparavelmente commodos.

Cartas da província

Figueira, 15 de março.

Com a minha última correspondência para êsse jornal fizeram os typographos diabrura vária. Onde eu dizia *dramalhão*, puzeram *chamalhão* e outras de egual quilate. Não póde a gente fazer litteratura!

*

Hoje, como de resto quási sempre não tenho vagar. Dou simples noticias:

*

Vi ontem andar por aqui acompanhado pelo sr. Franco Frazão, que tam bôas páginas deu em tempo á *Resistência*, um engenheiro francês representante da emprêza constructora da ponte para Lavos, que, afinal de contas, parece que será apoiada na margem de cá junto ao grande armazem de madeira que fica acima da estação dos caminhos de ferro. Oxalá que assim seja, para triumpho do bom senso. A ponte na Carneira, era de... carneiro!

*

Aqui e em Margão (que fica para lá de Buarcos) causou a melhor impressão a estreia parlamentar do presidente da câmara desta terra e deputado daquella, que brilhantemente pediu uns documentos para perseguir um pobre diabo dum escripturário de fazenda que ganha talvez uns trezentos ou quatrocentos réis diários!

Uma brilhante estreia! Não ha dúvida!

E levanta-se um padeiro... perdão! .. e faz-se uma eleição na Índia para isto!

O que o berço dá, a tumba o leva.

*

Tem por aqui andado um fiscal do sêllo a fazer asneiras de collaboração com alguem. Mas os idiotas nem asneiras sabem fazer. Não me espraio mais por que teremos provavelmente muito opportunamente assumpto para larga conversa.

Ainda não appareceu a molestia nos batataes.

M.

A questão da "Ribeira-Peixe,, na ilha de S. Thomé

I—Denúncia—n.ºs 1041 a 1802 — Agosto de 1894 a Abril de 1897 — do *Universal*, jornal que se publicava em Lisbôa.

II—Desforço—n.ºs 481 a 605 —Outobro de 1899 a Dezembro 1900 — da *Resistência*, bi-semanário de Coimbra.

III—...?...—

II

Seria, na verdade, de fazer rebentar até as pedras duma calçada a história, bem contada, da acquisição e constituição da *abastança* de tantos e tam *considerados proprietários* de S. Thomé, jungidos á despresivel canga de um *Zé sem mais nada, sem ao menos um* **Silva** *ou um* **Sousa** e conjurados no esforço ingente, mas impotente, de me *reduzir á fome e vêr morrer como um cão*, — a mim, um... simples comido sempre pelo servido!

Bem contada!.. Aí é que me doe e tenho pena de não ter uma *penna brilhante*, para poder

Cantando espalhar por toda a parte
Em quanto me ajudar o engenho e arte
ou
Gritando fazer echoar pelo mundo
Se para isso o meu caco tiver fundo

os motivos por que eu não sou tambem, como êsses taes, *considerado e abastado proprietário* nesta ilha, e, assim, saldar com êsse *crédito* a obrigação da generosidade do muito espaço e dos mui lisongeiros conceitos de que estou em *dívida* a nobre redacção dêste periódico; e corresponder com a benevoléncia d'algum leitôr — *hypotético*...

Porque é preciso que se saiba bem e diga melhor que não é como as *quintas* ou propriedades e proprietários em Portugal, nem como as *chacaras* ou fazendas e fazendeiros no Brasil, nem mesmo como as *fincas* ou *plantações* e plantadores nas colonias espanholas e francêsas; que não é por nenhum dêsses processos que se fizeram essas tantas *roças* e êsses tantos *roceiros* de S. Thomé. Claro esta que me refiro unicamentes aos *úkuês*, meus *devedores:* quem o não é, não tem de que temer.

Simplesmente remediados ou abastados, não é d'origem limpa, honesta e direita de successão, legado, dadiva, compra... ou mesmo de bambúrrio, que *élles* e *ellas* provieram. Seja que *élles* as creassem ou seja que *ellas* as produzissem, se é que se não influiram simultanea e reciprocamente — quem sabe!?...

Sam muitas e variadas essas origens, mas todas bem outras e bem de molde a serem examinadas, agora que o governo e as côrtes tratam de reformar o regimen bancário do crédito agricola e de provêr á segurança e *limpêsa* da provincia no Ultramar, preconizando um cuidado especial para a provincia de S. Thomé e Principe.

Ouçam, pois, governo, côrtes, a illustre redacção e algum benévolo leitor *hypothético*.

No mesmo anno da graça de 1876 e quasi ao mesmo tempo que eu, veio para aqui um doutor formado em direito pela Universidade de Coimbra, o qual, além do capêllo e da borla, trazia estrella e bêta e pé calçado. Por isso, os filhos da terra, especialmente as *sams*, que costumam pôr alcunhas aos brancos recemchegados, puzeram-lhe logo a de *plóco mundjado* (porco-em-pé). Assim seja conhecido, pois que o seu nome próprio, bem como os de todos os mais, com a origem de cuja abastança tenho de pôr em confronto a minha pelintrice; os seus nomes não os limpam nem os sujam mais. Aprazer-me-ia até — digo o sinceramente! — que se lavassem das nódoas que vou pôr a descoberto.

Este doutor de capêllo foi, *in illo tempore*, atrozmente hostilisado por aquêlle, então, *Zé sem mais nada, signanter* no processo de inventario orphanológico dum celebre **cazal** em que, *tira-te tu para eu me pôr*, a propósito da morte do respectivo juis de direito, tentou aquêlle astuto *Zé* levantar contra o assignalado doutor uma ignóbil campanha de difamação, a que eu, por natural e instinctiva indignação, e expontaneamente, obstei por completo. Affirmo-o peremptoriamente, porque o hei de provar a seu tempo, ou antes, quando queiram...

Porém, *tout lasse, tout casse, tout passe!*... Apenas eu denunciei o escondrijo do *oiro achado* pelo *Zé do-dito*, aquêlle mesmo doutor, informado e calumniado por êste, alistou-se no duplo syndicato de o estontear a elle e inutilizar me a mim! E pôz se na cabeça do rol. Manda-me a razão e a justiça que o mencione na primeira verba.

E porque, jungido em parelha á mesma dianteira e em tudo intimamente ligado a elle, ha um outro, é por todas as razões preciso que seja lançado na mesma... verba. Não é doutor, este. Nem a própria assignatura *sabe* fazer, sempre, direita e certa... mas, além de estrêlla e bêta e pé-calçado, marcou-o Deus com uma reverendíssima giba... pelo que alcunhavam-no de *Sum Mé-Conki* (Manoel *marreca*). Com o qual cognome tem de ser debitado; porque o verdadeiro nome e apellido ninguem lhe sabe ao certo: umas vezes é *Fonca*, outras *Faneca* ou *Foneca*, algumas *Fonsea* ou *Fonseo*, não poucas *Fonea, Foneo, Foneco, Fanico(?)*; até já vi *Fosenca*... Mas não perde nada por isso: ha de ser escripturado e registado, authéntico e caracteristico, quanto possivel para ser reconhecido e chamado a contas.

Figurarão então os dois em um só lançamento, ligados e unidos como de resto.

Não póde, porém, ser hoje e neste artigo, que já não deve haver espaço, depois de tanto e tam mal consumido nesta massuda explicação preambular. Fica para outro ou outros...

S. Thomé, 1 de fevereiro de 1901.

LIGÓRIO NICOLAU CABRAL.

PUBLICAÇÕES

Diccionário das seis línguas. — Publicou-se a 14.ª série, abrangendo os fasciculos 66 a 70, do importante *Diccionário das Seis Línguas*, editado pela *Empréza do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisbôa, e que tam lisongeiro apreço tem merecido, não só no pais como no extranjeiro, onde conta grande número de assignantes.

Feito sob um plano inteiramente original, o *Diccionário das Seis Línguas* constitue uma obra tam indispensavel, pois nem sempre é fácil adquirir, e com a necessária selecção, os jogos de diccionários que o *Diccionário das Seis Línguas* substitue com a grande vantagem da extrema modicidade do preço de 40 réis cada fasciculo de 16 páginas de composição cheia e impressão nitida e legivel, de modo a formar um único volume.

O *Diccionário das Seis Línguas* não é uma obra vulgar, pois que nos principaes paises se encontra já registada a sua propriedade, cabendo a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta um livro deveras engenhoso e utilissimo a todas as classes.

*

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estranjeiro.*

Vem explendido o n.º 798 desta interessante publicação, que acabamos de receber. Em suas gravuras publica os retratos da rainha da Hollanda e de seu esposo o duque de Mecklemburg Schwerin; retratos da Princeza das Astúrias e seu esposo o Infante D. Carlos de Borbon; Monumento a Cánovas del Castillo, inaugurado em Madrid em 1 de janeiro dêste anno; retratos dos fallecidos Conselheiros Nogueira Soares, Henrique de Mendia e rei Milan; Marinha de Guerra Portuguêsa, o novo cruzador *Pátria*.

Os artigos sam: Chrónica Occidental, por D. João da Cámara; As nossas gravuras; O Real Theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; Questões Sociaes; Da Educação, por D. Francisco de Noronha; O outomno de 1900, por António A. O. Machado; O Senhor Francisco, por Pin Sél; Publicacões, etc.

*

J. Agostinho d'Oliveira, O Porto e a Liberdade — (a propósito da questão Calmon).

E' um vibrante opusculo em verso, inspirado em elevados sentimentos liberaes, traduzidos eloquentemente na linguagem nobre dum poëta.

Agradecemos o exemplar recebido.

*

Subsidios para um diccionário completo da língua portugueza, por A. A. Cortezão, tomo 2.º.

Está já publicado o 2.º tomo dêste excellente e valioso trabalho do erudito philólogo sr. dr. A. A. Cortezão, que tam relevante serviço acaba de prestar ao estudo da nossa língua.

Destinados a completar em parte o *Diccionário* de Cándido de Figueiredo, que é, sem dúvida, o nosso melhor diccionário, os **Subsídios** do sr. dr. Cortezão, preenchem quási por completo o seu fim.

E dizemos assim por que o mesmo auctor já tem em publicação o *additamento* a êstes **Subsídios.**

Todos os estudiosos devem possuir êstes trabalhos complementares do *Diccionário* de Cándido de Figueiredo.

Ao sr. dr. Cortezão agradecemos o offerecimento dêste 2.º tomo.

Aos amadores de café forte

Café do Rio puro miudo á vista do freguez a 800 réis cada kilo na

Mercearia Popular

90, R. dos Sapateiros, 94

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Novidades litterárias

CEZAR PORTG

NAUFRÁGIOS

(Romance original)

LISBOA—1901

Preço — 800 réis

HENRIQUE SIENKIEWICZ

A ferro e a fogo

Traducção de Olympio Monteiro

Editores, Tavares Cardoso & Irmão

Lisbóa — 1901

Preço — 600 réis

A CORTE

DA

Rainha D. Maria 1.ª

Correspondéncia de W. BECKFORD

Editores — T. Cardoso & Irmão

Lisbôa — 1901

JOSÉ CALDAS

OS HUMILDES

Livraria Chardron

de Lello & Irmão, editores

PORTO — 1901

Preço — 400 réis

VICTOR TISSOT

Vienna d'Austria

E

a sua côrte

Trad. de ALFREDO GALLIS

2 volumes

LIVRARIA CENTRAL

de Gomes de Carvalho, editor

1901

M. MARQUES DE BARROS

Litteratura dos Negros

Contos, cantigas e parábolas

Livraria Central

DE

Gomes de Carvalho

LISBOA — 1901

Preço — 300 réis

As doze mulheres de Adão

Phantasia Biblica e Histórica através dos séculos

POR

Alfredo Gallis

LIVRARIA CENTRAL

de Gomes de Carvalho

EDITOR

LISBOA — 1901

Preço — 1$200 réis

Éditos de 30 dias

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio Nunes, corre seus termos uma acção de justificação em que sam autores o bacharel António de Magalhães Mexia Macedo Pimentel de Bulhões, conservador do registo predial na comarca de Almada, e sua esposa D. Maria da Conceição de Paiva e Lima Cardoso, residentes em Lisboa, por meio da qual pretendem justificar que ha mais de cinco annos sam legitimos possuidores de um prédio rústico e urbano, denominado Quinta do Alhanez, fregresia de Castello Viegas, concelho de Coimbra, que consta de casas abarracadas, adega, palheiro e terras de semeadura de secca e rega para cultura de cereaes, com diversas arvores de fructo, onde já fizeram uma eira e outras bemfeitorias, e confina no norte com Onofre Coelho Formigo e Manuel Ferreira, do sul com António dos Santos Concheira, do nascente, com Onofre da Costa, e do poente, com caminho público; e que durante êsse tempo a têem possuido pacifica, pública e continuadamente em seu próprio nome e sem opposição alguma; e requerem que seja julgada procedente e provada a justificação de mera posse no prédio descripto, por mais de cinco annos, para todos os effeitos legaes e especialmente os do registo, nos termos do artigo 524 do código civil.

Nêstes termos, por éditos de 30 dias, contados desde a última publicação dêste annúncio, sam citadas as pessoas incertas que se julguem com direito a impugnar a justificação requerida, para na segunda audiência dêste juizo, posterior ao prazo dos éditos, virem accusar a sua citação e assignar três audiências para deduzirem por meio de contestação o que tiverem a oppôr, seguindo-se os demais termos até final. As audiências fazem-se ás segundas e quintas feiras, por 10 horas, no tribunal judicial situado nos paços municipaes na Praça Oito de Maio desta cidade de Coimbra, em conformidade com o disposto no art.º 151 e seus §§ do Código do Processo Civil.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

ANNÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão interino do 5.º officio, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação do respectivo annúncio, citando Manuel Relvão e Joaquim Relvão, casados, ausentes em parte incerta no Brasil, para na qualidade de interessados, assistirem, querendo, a todos os termos até final do inventário orphanológico a que se procede por fallecimento de António João Machado, residente que foi na Santa Casa da Misericórdia desta cidade, em que é inventariante António Relvão, residente na Palheira.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

O escrivão interino do 5.º officio,
António Miranda do Amaral.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em bôas condições. Está bem afreguezado. Tambem serve para outro qualquer ramo de negócio. Quem o pretender dirija-se á rua dos Sapateiros n.º 72.

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra faz saber que se acham affixadas nas portas das igrejas parochiaes as relações impressas do recenseamento eleitoral do corrente anno e expostas na secretaria da mesma commissão a exame e reclamação durante o praso legal (17 a 27 de março corrente).

Os motivos e fórma da reclamação acham-se prescriptos no art.º 28.º e seu § 1.º da lei de 26 de julho de 1899.

Coimbra e Paços do Conselho, 15 de março de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

Alvaro Esteves Castanheira

Mercearia

Completa variedade de **vinhos** de mêsa e finos, nacionaes e estranjeiros, engarrafados ou em pipos.

Conservas em frascos, latas, vidros e pacotes de todo o fabrico nacional e extranjeiro.

Chocolates suissos, espanhoes e nacionaes.

Para **brindes**, baratos e elegantes, faz êste anno, por **preços baratissimos a liquidação** do saldo do anno passado em cartonagens e caixinhas de setim, seda e veludo.

Amendoas, sortimento completo.

Todos os artigos de **Mercearia**, o que ha de mais fino.

Largo do Principe D. Carlos

Papelaria, tabacaria, perfumaria e objectos de couro.

Rua Ferreira Borges

Materiaes de construcção em barro, grés e cimento, ferro, arame, ladrilhos, azulejo, porcelanas e depósito de petróleos.

Estrada da Beira, portão com letras

Madeiras em bruto e apparelhadas, nacionaes e estrangeiras, incluindo uma variedade florestal pouco conhecida entre nós, com laivos perfeitamente retinctos e deleneados em carmezim carregado.

Estrada da Beira—Barracão

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344:000$000
Fundo de reserva 350:000$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos marítimos.

Representante em Coimbra—Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.—Rua Martins de Carvalho, n.º 45.

ANNUNCIO

A direcção da Associação dos Artistas desta cidade dá conhecimento aos seus associados de que, em cumprimento do § 2.º do art.º 43.º dos seus estatutos, se acham patentes na sala da mesma Associação as contas da gerência de 1900, pelo espaço de 15 dias, a contar da data dêste annúncio desde as 7 ás 9 da noite.

Coimbra, 6 de março de 1901.

O vice-secretário,
Augusto Nunes dos Santos.

PURGAÇÕES

Cura rápida pela **Vegetalina balsamica**, de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente antiséptico das vias urinárias, applicado sempre com éxito na *urethrite agúda e dolorosa* e na cystite chrónica.

A' venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

POSTO HIPPICO

António Augusto Baptista, director da Escola Nacional de Agricultura.

Faço saber que se acha aberto desde já o posto de cobrição hippico estacionado nesta Escóla.

Escóla Nacional de Agricultura, 12 de março de 1901.

O director,
António Augusto Baptista.

Agéncia de Negócios Universitários

Livraria Académica

DE

João de Moura Marques

171—Rua Ferreira Borges—173

COIMBRA

Preços módicos

Veja-se a tabella na mesma livraria.

Subsídios para um diccionário completo

(Histórico—Etymológico)

DA

Língua Portuguêsa

POR

A. A. Cortezão

Foi publicado o tomo n.º 2.

Já está em publicação o *Additamento* a êste subsidio.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

António Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem á venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escóla Médico-Cirúrgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, aluminio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muídos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1	branco fino...	260 réis
N.º 2	» » ...	255 »
N.º 3	» » ...	245 »
N.º 4	» » ...	240 »
Amarello.....		235 »

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e differentes objectos de luxo da **Mercearia Luzitana**, *na rua do Cego n.ºs 1 a 7*. Vêem-se alli, em profusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magnificas amendoas de Lisbôa, fabrico especial, *só d'assucar*, tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparência.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda-se este estabelecimento, por que é ainda o que possue, com inexcedivel asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7—COIMBRA

BICO SYSTEMA AUER

LUZ BRILHANTISSIMA

O único e mais barato

Economia garantida de 50 % no consumo do gaz

Bico n.º a 1 1$000 réis. Bicos n.º 2 a 1$500 réis

Mangas para todos os bicos a 300 réis, duplas a 500 réis; tulipas e globos desde 300 a 500 réis.

Sempre novidades em candieiros para gaz

Casa de canalisações para Agua e Gaz

99, Rua do Visconde da Luz, 103—COIMBRA

José Maruqes Ladeira

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para aluguar acceitando hóspedes permantes.

O proprietário,
José Maria Júnior.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—Manuel dos Reis Gomes

R. Martins de Carvalho, 7 e 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, mappas, facturas, memoranduns, recibos, circulares, estatutos, rótulos, bilhetes de visita, etc.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpeza gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0[0

Bicos Bébé Aureo	*a 2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1	*„ a 3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2	*„ a 3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1	*a 400 réis*	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2	*a 450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

N.º 632 COIMBRA—Quinta feira, 21 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno: 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que enviámos já para o correio os recibos das suas assignaturas. Pedimos a fineza de satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, para não procedermos a nova cobrança que se torna muito pezada.

Guerra ao jesuita

Tal deve ser o brado geral!... Lisbôa e Porto contrahiram solemne alliança para a deffeza da Liberdade Nacional e com as duas importantes e sympáthicas capitaes estám todos os centros laboriosos do país.

Os comícios devem, pois, obedecer strictamente a uma orientação uniforme. Não basta apenas pedir-se o rigoroso cumprimento dos decretos de 1759, 1834 e 1862, é necessário tambem que os oradores liberaes e democratas reivindiquem na praça pública a secularisação do ensino e advoguem o direito de reünião e de associação; a completa liberdade de consciéncia e de cultos, e sobretudo a base essencial das conquistas da Revolução Francêsa e da Democracia: — *a reivindicação do suffrágio universal.*

Exemplos recentes impõem-nos esta fatal orientação:

Enquanto na Bélgica não se estabelleceu o suffrágio universal, a reacção politico-clerical campeava triumphante, baseando o seu excessivo e assaz perigoso predomínio na corrupção eleitoral, dispondo sempre duma enorme e esmagadora maioria nas cámaras, avassalando completamente o país, impedindo assim o livre curso da evolução social, com imminente risco da perturbação da ordem.

O partido socialista possuia insignificante minoria na cámara dos deputados, quando não era completamente escorraçado do sanctuário da lei pela imposição e a violéncia dos governos reaccionários, completamente dominados pela reacção, levantando-se nêsse tempo formidáveis manifestações de protesto que ainda chegaram a ensanguentar os centros mais importantes como Gand e Bruxellas!...

As gréves eram continuas, agitando permanentemente o país, levando a toda a parte um salutar fermento de agitação revolucionária. Os annos de 1884 a 1887 foram peculiarmente ferteis em graves acontecimentos e as manifestações revolucionárias, provocadas pelas gréves das regiões carbonifera e hulhifera de Mons e de Charleroi, e da de ferro e chumbo de Jemmappes, de Genap e Bruges, puzeram em evidéncia a força enorme do partido socialista.

O gabinete ultra-cathólico de Baarnærte despresou, porém, êsses eloquentíssimos symptomas do mal estar geral e do quási sedicioso descontentamento da opinião pública, não attendendo jámais à sua significação e continuando impavidamente na senda da desordem e de provocação.

O descontentamento continuou tambem alastrando-se até que em abril de 1893 rebentou finalmente uma gravissima insurreição em Bruxellas—que assumiu um sério carácter republicano — levantando-se em seguida toda a Belgica aos gritos repetidos de *Suffrágio Universal* e *Secularisação do Ensino, ou morte!,* acompanhado de morras aos jesuitas, o que originou espantosos conflictos entre a guarda civil e o povo!

A revolução alastrou-se por todo o país, chegando as diversas juntas revolucionárias a peticionarem a implantação do regimen republicano, baseado na completa separação da igreja e do Estado, e a expulsão das ordens religiosas.

O rei, para salvar a corôa que ameaçava subverter-se no pélago revolucionário, demittiu immediatamente Baarnræt —o Hintze Ribeiro da Bélgica —substituindo o gabinete reaccionário pelo governo liberal de Woopoobooroom que concedeu tudo: *Suffrágio Universal, Secularisação do Ensino* e *Expulsão dos jesuitas.*

O resultado desta emancipadora revolução viu-se em junho de 1900, nas eleições legislativas realisadas em toda a Bélgica, a extrema-esquadra socialista — até allí confinada em cêrca de 20 deputados — attinge já o significativo número de 65, e em breve aquelle país estará completamente livre da monarchia e do clero.

E a sua salvação é devida à energia e illustração do povo!

Eis o luminoso exemplo que nos cumpre seguir!... O movimento, que ora alastra dum a outro extremo do país, não póde assegurar o seu éxito sem arrancar aos poderes públicos estas duas essenciaes conquistas democráticas e significadamente úteis para os direitos populares: *Suffrágio Universal* e *Secularisação do Ensino.*

E' verdade que urge primeiro reivindicar o cumprimento da Lei contra a existéncia das ordens religiosas, mas o jesuitísmo só ficará completamente derrotado arrancando-se-lhe o ensino e dando o direito de votar a todos os cidadãos maiores de 21 annos, por que só com estas armas a opinião logrará a sua completa victória!

FAZENDA JUNIOR.

Côrtes

Diz-se já que na primeira reünião do concelho de estado será apresentada uma consulta para a prorogação das côrtes durante todo o mês de abril, parecendo que não será essa a única dilatação da parolice.

As succursaes

Nêste districto nada, que valha, ha ainda feito com relação ao inquérito ordenado sobre coisas jesuíticas.

Expediu se, diz se, um questionário ás casas monásticas, para que os directores respondam.

E depois, que mais se faz? Não sabemos dizer, mas acreditar que por *aquillo* se fique, séria talvez, ter demasiado pessimismo. Mais deve esperar se.

Bem que se tenha Coimbra como a cidade menos invadida pelos jesuitas, e que pirotéchnicos de fogo rasteiro hajam propalado isso como um facto incontestado dando a causa à influéncia cuidadosa de elementos que não pódem deixar de *puxar para o arrocho* e que têem actos dêsse puxar reveladores, a verdade é que se pudesse ter o decreto do dia 10 como uma manifestação de dignidade a respeitar e manter, em Coimbra haveria correcções a iniciar.

Vê-se diariamente, uma romaria de creaturas fanatisadas para Santa Thereza, para as chamadas *Therezinhas;* gente, mulheres em maior número, que em cada manhã abandona tudo para ir à peniténcia, á missinha e á predica.

Anotamos isto para uma lembança: — é que *alguem* atrahe essas almas transviadas, e, se attendemos a preceitos da religião official, vemos que ella manda aconselhar a missa aos domingos e dias sanctificados. Logo, o que em conselho vai além daquillo significa o empenho de catechisar, de submetter ás doutrinas da odiosa ordem que o país inteiro, aparte liberal, hoje combate como um perigo à boa ordem social.

Não recorda aquella célebre tragédia do padre Ramalho com uma senhora casada? Pois foi obra urdida nas *Therezinhas*, obra de saliente immoralidade e de irritante cinismo. E contudo, o tal Ramalho ainda está no bispado, e é professor do Seminário, sem que o veja o optimismo dos taes pirotéchnicos de fogo rasteiro. Depois, não é significativa a romaria?

Em jesuitas de casaca e rendas o que para aí ha tambem é para não esquecer. Estám êsses directamente fóra da alçada do decreto? Sem dúvida, mas não o estám as casas em que têem influente predominio, casas sob a taboleta de caridoso ensino e desvellada protecção a necessitados, as associações chamadas de beneficéncia, sob a invocação de vários santos como a academia de S. Thomás d'Aquino, a creche de S. Vicente de Paula, o Pão de Santo António, etc., que para aí têem feito várias exhibições.

Convém, pois, ver e vasculhar o que sam, como se acham instituidas, quem inspira as direcções e tudo o mais que convém saber se sobre a sua existéncia legal.

Nem só das casas reconhecidas como conventos mais ou menos mascarados se tracta; urge inquirir tambem destas succursaes ou ramificações, tentáculos que vam abraçando a juventude, para a transformar em cegos instrumentos reaccionários desde a adolescéncia.

Se alguma coisa, por cá, se tenta fazer que aproveite, não esqueça *isso* que é grave e importante.

Conciliados?

Entrou num periodo de bonança a tam decantada rivalidade entre Hintze e João Franco.

Recordam-se, certamente, de que á volta dessa coisa se bordaram mil conjecturas, em commentário duma preoccupação que chegou a ser ridícula, uma vêz que as bicadas entre êsses dois galos em nada podia interessar á marcha dos negócios públicos, que é afinal o que devia interessar. Pois os mais ou menos crentes no rompimento soffreram uma desilusão, pois que numa das últimas sessões, Franco fez confissão de fé e submissão ao outro, embora tartamudeando queixumes por lhe serem regeitadas as suas emendas á proposta das concessões ultramarinas.

E anda apregoada aos quatro ventos a sua declaração de que é ainda regenerador, e de que, se estivesse resolvido a saír dêsse partido, a primeira pessôa a quem o declararia era ao seu chefe, ao sr. Hintze.

Daqui a cairem nos braços um do outro vai um passo, sem embargo da possibilidade de, no momento do amplexo, se darem ao gesto, pelas costas, que o outro teve para o mar quando perguntava se queria mais alfarroba.

Sam excepcionaes de desplante e de ridiculo, êsses dois talentos da alta politica palaciana.

Ordens religiosas

Começâmos hoje a publicar o eloquente relatório com que Joaquim António d'Aguiar justificou o patriótico decreto de 28 de maio de 1834.

Presentemente urge que os liberaes, fortalecendo o seu espírito com a leitura daquêlle relatório, se mantenham sempre preparados nesta guerra aberta contra jesuitas e ordens religiosas, lucta que apenas está no seu principio.

Porque só assim, bem unidos e orientados, poderemos alcançar a victória que nos é devida pela justiça e pelo direito que revestem a nossa causa.

Senhor:

Está hoje extincto o prejuizo que durou séculos, de que a existéncia das Ordens Regulares é indispensavel á Religião Cathólica, e útil ao Estado, e a opinião dominante é que a Religião nada lucra com ellas, e que a sua conservação não é compativel com a civilisação, e luzes do século, e com a organisação política, que convém aos Povos.

Jesus Christo não as creou — os Apostolos desconheceram as: — o estabelecimento da Igreja, e a propagação do Evangelho fez-se nos primeiros séculos de um modo prodigioso sem a cooperação das Ordens Regulares. — As perseguições afugentaram das Cidades muitos homens que achando nos desertos a paz, e a liberdade de exercitar a Religião perseguida foram obrigados a refugiar-se nêlles. — O império Romano tornou se Christão, os desertos acharam-se povoados de Cenóbitas, e apezar de haverem cessado os motivos que aí conduziram os primeiros, continuaram a povoar-se dêlles. — O enthusiasmo duma devoção solitária levou tambem aos ermos muitos devotos, como o medo da morte levára os primeiros Christãos. Associações assim formadas nos desertos e nos ermos, deram origem ás Ordens Regulares: mas em pouco tempo foi esquecido o modêlo, que ellas apresentavam para seguir-se: estas instituições passaram do Oriente para o Occidente; já no século v havia aí um prodigioso número de Conventos, e já os Religiosos d'então se pareciam tanto com aquêlles primeiros ascétas quanto a Roma de Nero se assemelhava á de Numa. A história dêste, e dos séculos seguintes offerece um contraste notavel entre uns e outros. — Uns fugiram das cidades e povoações para se purificarem no ermo com os pensamentos da eternidade: eram leigos que procuravam a cláusura, não por modo de vida, mas por uma devoção espontanea: eram Cidadãos úteis, apezar de separados da sociedade, porque tiravam a sua subsisténcia não dos fieis, nem do Estado, mas do trabalho de suas mãos, a que indispensavelmente consagravam muitas horas por dia em todo o decurso do anno; tudo nêlles era modesto e humilde; o seu sustento os legu-

mes, que as suas fadigas extorquiam aos baldios ermosos e quási infecundos; — os seus hábitos pannos grosseiros, curtos, e accommodados a suas fadigas; as suas cellas grutas e choupanas; os seus templos pequenos oratórios; uma Cruz informe, e as reliquias dos Mártyres todo o seu thesouro. — Os outros pelo contrário fugiram como espavoridos da solidão para os povoados e para as cidades mais ricas, e populosas; abandonaram o trabalho como indecoroso ao carácter Sacerdotal, a que foram elevados; obtiveram e arrancaram muitas vezes dos Principes e dos Povos, doações illimitadas, e previlégios os mais odiosos, inventaram outros, e fabricaram os titulos; tiveram mêsas lautas, e regaladas; edificaram casas sumptuosas, e magnificos templos; attentaram contra a segurança, e contra a Authoridade dos Reis, e contra os Povos; derramaram o fanatismo pelas differentes classes dos Estados; perturbaram a paz da Igreja, e a Sociedade com dissensões, e discórdias, que começando por subtilêsas escholásticas sempre odiosas, e quási sempre ridiculas, acabaram algumas vêzes em brigas, e assassinios dentro dos próprios templos; substituiram ás puras, e sãs doutrinas do Evangelho, falsas legendas, milagres, e apparições, e revelações fabulosas, e observadas; excogitaram os mais astuciosos meios de amontoar riquêzas; propagaram a crença, que durou séculos, de que os peccados eram perdoados a quem mais désse aos Mosteiros, e a outra da proximidade do fim do Mundo; a credulidade trouxe assim grandes doações aos Mosteiros; acreditou-se que o meio mais seguro da salvação das almas era fundar uma casa religiosa ou deixar todos os bens, e a infeliz geração que se reputava próxima á catástrophe que devia extingui-la, de boa mente dava aos Mosteiros o que tinha, e os Religiosos ainda que não pareciam duvidar de irem cedo gosar duma melhor sorte na eternidade, foram acceitando as doações, e guardando os titulos em seus archivos, para que da sua parte não estivesse qualquer dúvida que podesse haver na salvação das almas dos piedosos doantes; patentearam emfim de todos os modos a ambição, inseparavel de Corporações poderosas, que tinham a seu favor a credulidade dos Povos, e por consequéncia a sua immoderada liberdade; e por meio de tam fecundas fontes conseguiriam apoderar-se de todos os bens do Mundo, se o número dos timoratos, e dos crédulos não tivesse diminuido com a penetração das luzes, e os Principes não tivessem limitado as acquisições por meio de Leis muitas vêzes repetidas; a opuléncia e o luxo dos Religiosos chamaram ao seio destas associações, em logar de homens levados a ellas por uma vocação sincera, os que queriam gosar aí as commodidades que não podiam encontrar no século.

Não sam estas, Senhor, asserções, sem fundamento, ou accusações vagas, os Escriptores mais insignes por uma religião, e por sua Piedade deixaram em seus Escriptos abundantes provas. A relaxação das Ordens Regulares devia ser uma influéncia poderosa na moral pública, mas não é só debaixo desta relação que devem considerar-se, ellas pesam ainda por outro modo bem desastroso na República, e na Igreja, principalmente depois do século XIII, quando appareceram no Mundo as quatro familias dos Mendicantes, que rivalisando, e excedendo logo a todas as creações dos Séculos passados aggravaram ainda tantos males: intrometteram-se nos negócios civis do maior momento, prégaram com a maior veheméncia a intolerância, e pronunciaram se abertamente contra a supremacia do Poder Temporal, e contra a plenitude do Poder Espiritual, que compete aos Bispos, como successores dos Apostolos. «O que foram os Jesuitas depois do concilio de Trento (diz um grande Canonista dos nossos tempos) eram os Franciscanos, e Dominicos do século XIII até áquélle Concilio.» Foi então principalmente que se manifestaram em toda a sua luz os effeitos subversivos das isenções. Estas emancipações da auctoridade Episcopal, como as civis o sam da auctoridade paterna; estas emancipações (para me servir da expressão de S. Bernardo, que tanto as detestou) foram attentatórias dos direitos sagrados que Jesus Christo confiára aos Apostolos, e aos seus successores: os Bispos cessaram, em consequéncia della, de ser Prelados de todos os seus Deocesanos, porque uma parte lhes foi alienada; e esta alienação, que só parecia prejudicar o regimen interno da Igreja, não só teve ainda relação nos seus effeitos com o Poder dos Principes, mas dissolveu o vinculo, que podia mais de perto prender os Regulares ao desempenho de seus deveres, e habilitou os para viverem em mais desenfreada licença, não só porque os seus interesses triumpharam de todos os obstáculos legitimos, mais porque de facto não ficaram tendo superior sobre a terra; tendo um tam remoto, e occupado dos negócios da Christandade interna. Outro inconveniente resulta ainda bem grave, e que não foi sentidos senão muito tarde, e quando já tinha produzido estragos irreparáveis na moral: quero fallar da diminuição da auctoridade Parochial. Esta foi absorvida em grande parte pelas Ordens Regulares em geral, mas principalmente pelos corpos Medicantes: chamaram a si a administração de quási todos os sacramentos, e com preferencia do mais importante em quante regula os movimentos do espírito, e do coração humano, que é a Penitência: os costumes soffreram com isto uma inetivel relaxação, e aquélles a quem o Direito Divino contituiu atalaias e zeladores dêsses custumes, juizes das consciéncias, e immediatos distribuidores do Pasto Espiritual, não poderam conhecer mais o seu Rebanho, que a cada momento se lhes subtraia. Accresceu a êstes males um último, que devia derivar se de tam estreitas relações entre aquélles, e o Povo: êste recebeu todas as doutrinas boas, e más, devorou todo o seu fanatismo, respeitou-os, soccorreu os com excesso, e êlles tiveram todos os vicios dos mendigos, que levaram pelo seio das familias. O estado das Ordens Regulares, e sua desregrada conducta deu muitas vezes logar de queixas amargas, e enérgicas, mas sempre inúteis reclamações, e a divisões funestas á paz da Igreja, e do Estado, e cuja narração a história transmittiu á posteridade em longas páginas. Differentes reformas auxiliadas pelos esforços dos concilios, dos Pontifices, dos Bispos, e dos Imperantes Civis se foram succedendo através dos tempos; porém mal podia esperar-se que alguma dellas desarreiga-se os vicios inherentes aos estabelecimentos, e com effeito o resultado foi nenhum: o mal foi progredindo; prohibiu se a fundação de novos Institutos, extinguiram-se differentes Mosteiros, porém êste remédio não bastou para cura-lo.

O sr. Rodolpho Duarte Costa, fez ontem o registo civil, do nascimento duma filha, a quem deu o nome de Patria. Foram testemunhas o sr. Luís Augusto Teixeira e Francisco M. da Fonseca.

Fosforos — No parlamento

Repetidas vêzes aqui temos reclamado contra a escandalosissima roubalheira que ha largos annos a privilegiada companhia dos fosforos vem fazendo ao país com a sua mercadoria, mais que avariada, extremamente ordinária. Por toda essa província além vem a imprensa, periodicamente, formulando protestos contra a irritante e intoleravel extorsão. Se bem nos recorda, ha dois ou três annos, as classes operárias do Porto promoveram e realisaram um comício para levarem ás instáncias superiores uma reclamação, sobre o facto; e no entanto, nenhum ministro da fazenda, de situação progressista ou regeneradora, *teve ainda a condescendéncia* de chamar a calabriana companhia a *reparar* em que o seu proceder, a maneira como está fornecendo o público, representando uma contravenção flagrante das cláusulas a que se obrigou, tem mais o caracteristico saliente duma gatunice industriosa e a todos os princípios condemnavel.

Livremente, pois, a feliz concessionária dêsse monopólio tem mantido e mantem o seu irritante systhema de proceder, lançando ao mercado caixas de fósforos roubadas na quantidade e absolutamente condemnaveis na qualidade, resultando ao consumidor, pelo escasso número que aproveita, visto que propositadamente assim sam fabricados, o dobro ou mais do dispéndio nêsse artigo, ficando á companhia um lucro fabuloso.

Mas não basta isto. Como já aqui notámos e acaba de ser referido no parlamento, os governos têem pactuado com a companhia no escándalo, permittindo-lhe não só a extorsão na quantidade e qualidade dos fosforos que fornece, mas ainda o mais completo desprezo pelas suas obrigações quanto ao número de typos que se comprometteu a fabricar. Seriam três, pelo contracto formulado e em vigor.

Mas quem viu até hoje, o typo n.º 1, fosforo ordinário, de 5 réis a caixa, para os pobres. Ninguem o viu ainda, exactamente porque ella o não fabrica, porque não dá lucros avantajados, e ainda porque êsse typo faria decrescer o consumo dos outros, roubados em quantidade e em qualidade.

E póde admittir-se que ao governo d'hoje ou aos anteriores não haja chegado o conhecimento de semilhante falta. Certamente que não, mas disse já um estadista aggredindo outro que estava no poder: *Ladrões não se encobrem de graça* — e assim fica a comprehensão de que o governo, e os ministros, qualquer que seja o bando a que pertençam, vão feitos no negócio — têem por qualquer fórma quinhão nos fabulosos rendimentos, cinica e arteiramente roubados ao país. Lá disse o outro: — *Ladrões não se encobrem de graça,* e os ministérios têem encoberto e até protegido a companhia gatuna.

Pois não é verdade que lhe facultam todos os elementos de fôrça fiscalisadora, paga pelo estado, para perseguir os pobres diabos que façam uso da isca não sellada ou de qualquer outra accendalha? para esmagar quem ouse fabricar o fosforo chamado *de espera,* que ella é obrigada a fornecer e não fornece? Porque não a forçam, então, ao cumprimento dos seus compromissos pela mesma razão que lhe garantem os seus direitos?

No parlamento o deputado Oliveira Monteiro disse:

> O que está succedendo com o monopolio dos fosforos é verdadeiramente extraordinário!
>
> Quando foi adjudicado o exclusivo do fabrico dos fosforos, a companhia adjudicatária obrigou-se a fornecer ao público três typos de fosforos, um dos quaes, o n.º 1 a preço barato, para os pobres; mas, como a fabricação desta qualidade nenhum lucro deixa á companhia e antes lhe dá prejuiso, succede que não se encontra á venda. Verificou êste facto dirigindo-se pessoalmente a muitas casas de venda a retalho da cidade do Porto, e em todas ellas lhe foi dito que não tinham essa qualidade, porque a companhia a não vendia.
>
> Deseja, pois, saber qual a rasão por que a companhia não põe á venda os fosforos de 5 réis a caixa.

Não é só no Porto que taes fosforos se não encontram, é em todo o país, pela razão allegada: — a *companhia não os fabrica.*

Não estava presente o ministro da fazenda; gemeu, em resposta á accusação do deputado, uma dúbia claração o artificioso Hintze Ribeiro.

Numa expressão de quem tinha absoluta ignoráncia da roubalheira — o ingénuo sr. Hintz! — prometteu *transmittir ao titular da fazenda as observações do sr. Oliveira Monteiro, e está certo de que êsse titular providenciará de fórma a assegurar a execução dos termos do contracto.*

Já sabemos o que valem êstes *trócos,* especialmente na bôcca de Hintz, o emérito trapóla que promette a cada hora o rigoroso cumprimento das leis e dos seus deveres como chefe do governo, para faltar como um perro e com o maior impudor a essas mesmas promessas.

Não ha que hesitar em acredita-lo: — governos e companhia intendem se e defendem-se. O ministro actual nada fará e o público continuará a ser expoliado, tendo de recorrer-se, se pretendemos ser ouvidos, ao alvitre que já uma vez aqui apresentámos, e que depende em grande parte das casas de commércio. Não acceitarem ellas a mercadoria da poderosa concessionária senão nas rigorosas condições de contracto. Com a falta o público clamará, por fórma ruidosa e o governo ver se-ha obrigado a ouvir.

Doutro modo todas a tentativas vão d'encontro á propositada indifferença official que explica a tal phrase do outro: — *Ladrões não se encobrem de graça.*

Bico Nacional Aureo

Verificou-se agora, mais uma vez, com a récita dos quintanistas, o grande poder illuminante deste magnifico bicco, genuinamente português, e que a respectiva emprêsa tem conseguido fazer acceitar, conquistando dia a dia novos e merecidos créditos de excelléncia.

Tendo estabelecido uma succursal nesta cidade, rua Ferreira Borges, 39, a emprêsa inaugurou alli uma exposição permanente de candieiros e outro material para installação de gaz, havendo a reconhecer que o público lhe tem dispensado o auxilio que merece, ainda pelas vantagens que proporciona tanto na especialidade como na qualidade dos seus artigos.

A visita, pois, á succursal da emprêsa do *Bico Nacional Aureo,* é um conselho que dâmos, a quem precise de quaesquer fornecimentos para illuminação, na intelligéncia de que prestâmos um serviço útil e proveitoso.

Missa de suffrágio

A sr.ª D. Maria Adelaide de Castilho Vieira, manda rezar no próximo sábbado, pelas 9 horas da manhã, na igreja de S. Thiago, uma missa por alma de seu marido o sr. Adelino Augusto Vieira, secretario da camara, fallecido no domingo.

Manifestação

Hoje, á passagem do rápido para o Porto, que conduzia parte da commissão liberal que foi entregar a representação ao rei, tam conhecida e apreciada, uma commissão de liberaes desta cidade, formada de estudantes e commerciantes, da qual fazia parte a direcção da Associação Cammercial, foi cumprimentar os membros daquella commissão pelo seu patriótico e alevantado exforço pela causa da liberdade, exforço que se traduz numa eloquente manifestação civica da cidade do Porto, que deve servir de exemplo a todo o país.

Os cumprimentos fôram revestidos de enthusiasmo e de calorosos protestos contra a reacção ultramontana em todas as suas formas, fallando eloquentemente a este propósito o quintanista de medicina, sr. Fontes.

Récita do 5.º anno juridico

No theatro circo teve logar a festa de despedida do actual curso do quinto anno theológico juridico, com a representação da peça em quatro actos — *Uma universidade celeste.*

Como de costume o theatro achava se luxuosamente adornado, notando se sobretudo na ornamentação uma singeleza e simplicidade reveladoras de um finissimo gosto da parte de quem presidiu a esse trabalho.

A concorrência, composta de familias dos académicos e de muitas das principaes familias desta cidade, era, sem exagero, distincta.

E finalmente o desempenho e, em geral, o modo como toda a récita decorreu, deixaram todos os assistentes o mais lisongeiramente impressionados, dando ao espectáculo o cunho de uma festa animadissima e briosa, como costumam ser todas as festas dos estudantes.

Contentando nos por agora com estas referéncias, assistiremos no próximo sabbado á repetição da peça, que está muito bem feita, para então della darmos uma mais desenvolvida noticia.

Fallecimento

Victimado por um doloroso e demorado padecimedto, succumbiu no domingo o sr. Adelino Augusto Vieira, secretário da camara municipal.

Pois que era um cavalheiro, geralmente conhecido, duma correcção de proceder irreprehensivel, tanto em relação á sua vida official como particular, merecendo e gosando porisso innúmeras e distinctas considerações, a noticia da sua morte foi conhecida com bastante pesar, demonstrando a concorrência ao seu funeral na segunda feira a alta estima que lhe era tributada.

Cavalheiros de todas as classes com a cámara e pessoal das repartições municipaes formavam o numeroso cortejo, levando a chave do caixão o sr. dr. Manuel Dias da Silva.

No cemitério, disse o adeus de despedida ao saüdoso extincto, em phrase de justo elogio ao seu carácter, quer como funccionário quer como amigo, o sr. dr. Manuel da Costa Allemão, que commovidamente affirmou ter perdido em Adelino Vieira um amigo de infância, dedicado e apreciavel.

A sua familia os nossos sentidos pesames.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A secularisação do ensino

Uma das primeiras e mais importantes reivindicações que a opinião democrática tem imperiosamente de fazer é a da secularisação do ensino—base essencial da verdadeira instrucção popular e formidavel impulso na senda do fatal advento da República.

O méthodo de João de Deus; as missões de propaganda e d'ensino das denominadas *Escolas Moveis;* a brilhantissima instituição da *Escola gratuita 31 de Janeiro,* e sobretudo a notavel e popularissima proposta, já felizmente adoptada, da organisação duma universidade livre, a exemplo do extranjeiro—com séde em Lisbôa—sam excellentes bases orgânicas e fortissimos argumentos para se sustentar uma formidavel e bem orientada campanha em prol da reivindicação da secularisação do ensino, para o bom éxito da qual devem concorrer todos os liberaes-monarchicos e o partido republicano.

A' nefasta e incessante obra dos nefandos sectários de Loyola opporia a opinião liberal democrática de todo o país um formidavel e invencivel obstáculo, neutralisando lhe assim a acção e mallogrando lhe todas as tentativas.

O que succedeu em França é de per si sufficientemente suggestivo para se levantar em Portugal uma forte e salutar corrente nêste sentido. Allí, na grandiosa e sympáthica pátria de Voltaire, de Rousseau e de Littré, não obstante a formidavel campanha contra os jesuitas e as congregações religiosas energicamente sustentada por vultos da estatura moral e intellectual de Victor Hugo, de Luiz Blanc e de Léon Gambetta, a reacção campeava infrene e implacavelmente dominadora desde a repressão da Communa e o auxilio do reaccionário marechal de Mac Mahon, que—no golpe d'estado de 16 de maio de 1877—pretendeu reduzir a República a um feudo da Santa Sé.

Após a queda do presidente caserneiro e conspirador, iniciando-se o consolado genuinamente republicano de Jules Grévy, levantou-se um formidavel e irresistivel movimento em prol da reivindicação da secularisação do ensino, travando se verdadeiramente encarniçada a lucta entre revolucionários e reaccionários durante o longo periodo de tempo que abrange a dominação dos gabinetes de Waddington, de Freycinet e parte da do notavel ministério presidido por Jules Ferry, no qual foi titular da pasta da instrucção pública e bellas artes o immortal patriota Paúl Bert—o invencivel inimigo da reacção.

Foi longa e penosa a lucta; os pregadores reaccionários converteram o púlpito em tribuna contra-revolucionária e o confessionário em ante-cámara conspiradora, tentando levantar a opinião eminentemente cathólica contra as livres instituições democráticas; os generaes retrogados do estofo de Mac-Mahon, de Mercier, de Boisdoffre e de Pellicua sonharam subverter a novel República no abysmo dum novo 2 de dezembro, desta vez em proveito dos principes de Orleans; mas a opinião não se desorientou e a lei promulgada em 4 de dezembro de 1880 concedeu definitiva e gloriosissima victória á causa da Liberdade e da Revolução —*secularisando o ensino.*

Não obstante em Portugal dominar uma monarchia em completa dissolução moral, ferozmente oppressiva do Direito, da Justiça e da Liberdade, a imprensa republicana deve levantar e secundar a sublime e sacrosanta causa da secularisação do ensino, que—além de ser um excellente meio de se promover uma permanente e salutar agitação—é um formidavel elemento de victória na lucta contra a reacção.

Depara-se nos uma excellente opportunidade para se promover uma grandiosa e sympáthica manifestação nos principaes centros do país para se iniciar este tam indispensavel movimento contra a odiosissima reacção dominante. A 8 do próximo mês de maio passa o luctuoso anniversário do passamento do maior estadista português. Organise-se á sua veneranda memória um cortejo cívico, uma espécie de procissão symbólica de Arraz, no templo da Revolução (10 d'outubro de 1793) no Porto, Aveiro, Coimbra, Lisbôa e noutros pontos, e teremos assim o almejado pretexto para se levantar a campanha revolucionária da —*secularisação do ensino!*

Publicação opportuna

A casa editora França Amado vai fazer em breves dias a publicação do importante e esclarecedor relatório que o distincto professor de medicina sr. dr. Sousa Refoios redigiu em 1880, sobre o collégio de S. Fiel, no Louriçal do Campo, collégio a que fez um inquérito com outros commissionados.

No periodo de ebulição anti jesuítica que vamos atravessando, aquella publicação, que o sr. dr. Refoios dedicadamente autorisou, redunda num bello serviço de propaganda, pois que no relatório ha, ao que nos dizem, revellações dum alto alcance para elucidação dos incautos e crentes.

Sendo, como é, o resultado dum inquérito feito com toda a independéncia, para informação official verdadeiramente conscienciosa, inquérito levado a cabo com a precisão e escrúpulo mais veneraveis, o seu valor de revellação é do maior alcance, de sorte que, o sr. dr. Refoios autorisando a sua publicação, e o sr. França Amado fazendo-a, prestam um serviço valiosissimo á causa da liberdade, que ora traz assoberbado o espírito nacional, que não communga com o reaccionarismo.

Que a publicação appareça, pois, em breve, que é desejada e esperada com anciedade.

Cámara Municipal de Coímbra

Sessão ordinária de 14 de fevereiro de 1901

Presidéncia—Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes:—António Francisco do Valle, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Francisco Maria de Sousa Nazareth, João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortez, Miguel José da Costa Braga, Manuel Miranda e Ferreira Malva.

Foi aberta a sessão ás 2 horas da tarde, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

Pela presidéncia foi convidada a commissão encarregada de dar parecer sobre as duas propostas verdes, presentes em sessão de para o fornecimento de carnes 7 último a apresentar os seus trabalhos.

Foram lidas em primeiro logar as duas propostas de António Juzarte Paschoal e José Maria da Silva Raposo e em seguida a informação do veterinário Joaquim Augusto Rodrigues e por último o parecer da commissão, que comparando ambas as propostas, conclue por mostrar ser mais vantajosa a primeira proposta, mas ainda assim inaceitavel sem algumas modificações a saber: que a elevação dos preços não poderá ter logar sem que o preço do gado no mercado de Lisbôa tenha excedido a 5$000 réis, devendo portanto continuar a vigorar o mesmo preço não só no primeiro mês do exclusivo, mas em todos os subsequentes, enquanto o augmento não exceder aquélle limite.

E pelo contrario effectuar-se-ha a descida logo que a cotação naquélle mercado desça a 4$500 réis. E assim o preço proposto em último logar deverá conservar-se enquanto a cotação não exceder 5$000 réis ou baixar de réis 4$505. A cotação entre 4$105 réis a 4$500 réis constituirá outra cathegoria para a descida do preço. As outras, quer para a descida quer para a subida de preços serám de 300 réis, conforme a tabella proposta, devendo porém começar com a fracção e terminar com o número redondo. Assim será de 3$205 a 3$500 réis; de 3$505 a 3$800 réis, de 5$005 a 5$300 réis etc.—Em caso nenhum os preços poderám ser augmentados sem prévio aviso á cámara com antecedéncia de 8 dias, para esta poder vereficar da realidade da cotação em que se basêa o augmento e annunciar êste; que a venda do osso que sobejar do contrapeso da carne é obrigatória; que não podera vender rim com osso e a lingua deve ser limpa da arreigada.

Antes de entrar na discussão do parecer e propostas deliberou a Cámara sobre a legitimidade dos dois proponentes, decidindo que a circunstância de o proponente António Juzarte Paschoal ter um pleito com a Cámara não o inhibia de concorrer a esta arrematação, mas inhibia o 2.º proponente a circunstância de ser o mestre da matança no matadouro, vista a expressa disposição do artigo 5.º do Regulamento do mesmo matadouro, superiormente approvada.

Discutido o parecer da Commissão, foi elle approvado sob a condição de serem acceites as modificações indicadas pela Commissão, marcando se ao proponente o praso de 24 horas para resolver e auctorisando-se o presidente, no caso de serem acceites, a lavrar a competente escriptura de contrato, reforçando primeiramente o interessado o deposito provisorio e effectuando o definitivo nos termos das condições da arrematação.

Arrematou em praça quatro lotes de terrenos na quinta de Santa Cruz para edificações, a saber: Da dr. Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett, lotes n.os 32 e 33, com 1.346,m por 463$155 réis;—lotes n.º 52 com 685,m e por réis 208$925 a José Augusto de Macedo, e lote n.º 53 com 746,m e por 231$260 réis a Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

Balanço do cofre saldo effectivo, 1:271$964 réis.

Agradecimento

Elvira Brito de Carvalho e seu filho Henrique Carvalho, sob a dolorosa impressão que lhes deixou a morte de seu saudoso marido e pae José Carvalho, vêem testemunhar publicamente a sua immensa gratidão a todas as pessôas que durante a terrivel enfermidadade que victimou aquelle ente que lhes era tam querido, lhes dispensaram os seus obséquios e confortos, e ainda depois do fallecimento os acompanharam na sua profunda e crucinante dôr, já tomando parte no funeral, já dirigindo lhes condoléncias e dispensando-lhes serviços que jámais esquecerám e pelos quaes se façam sentidamente reconhecidos.

Coimbra, 20 de março de 1901.

Aprendiz

Preciza se um, ou próximo a ganhar.

Rua do Visconde da Luz, 60.

12 **Folhetim da «Resistência»**

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de rewolver

VIII

Primeiro leque partido

O procurador da República continuou a interrogar o porteiro.

—Consulte bem a sua memória; quem passa demora sempre um momento, para lhe perguntar se êste ou aquélle locatário está em casa.

—Ah! meu senhor, era necessário que eu tivesse quatro homens e um cabo para os não deixar passar. Por mais que eu responda sempre que o deputado e o senador não estám em casa, sobem sempre com o pretexto de escrever o seu nome ou de deixar um requerimento. Não era eu que queria ser senador ou deputado.

—Tem razão.

—Sem contar que eu trocava o meu logar por um de professor ou de escrevente.

—Nos que vieram pela manhã, não reconheceu um amigo ou um fornecedor do Conde?

—Não. Mas devo dizer que esta manhã estava muito entretido a ler na *Gazeta dos Tribunaes* o caso da menina perdida.

—Se o tornamos a interrogar, é para lhe perguntar isto, ouça bem: A sénhora condessa de Romanes terá cá vindo hoje?

—Não a vi passar.

Nessa occasião o guarda portão tomou um certo ar.

—Não creio que viesse; porque, se tivesse vindo, ter-me ia feito a honra de me dar os bons dias.

O procurador da República fez respeitosamente notar ao porteiro que ha momentos em que as pessôas mais bem educadas esquecem os seus deveres de delicadeza, levados pela preoccupação de um acontecimento inesperado.

Graças a esta phrase do procurador da República, o guarda-portão houve por bem lembrar-se que uma senhora toda vestida de preto, uma dama vellada, com a estatura e o feitio da condessa, tinha passado, rápida como a sombra, mas julgava que era uma amiga do senador, que as tinha em barda, porque lhe pareceu que não parára no primeiro andar.

Os guardas-portões tem olhos e ouvidos em todos os andares.

—Está bem, disse o procurador da República, havemos de interrogar o senador.

Voltaram-se para o creado de quarto.

—Precisemos bem: quando sahiu, ás duas horas, o senhor conde de Romanes estava no quarto, assentado a esta mêsa que aqui está.

—Estava sim, senhor.

—Tornou a fechar a porta do quarto e sahiu pela porta de serviço?

—Não, senhor; pela escada principal; porque o guarda-portão que é da minha terra se não zanga comigo quando o faço.

—Não encontrou nenhum dos amigos do conde, nem nenhuma cara conhecida?

—Não senhor.

—O conde tinha o hábito de ir abrir, quando batiam e o senhor não estava?

—Nem sempre. E' conforme estava disposto.

—Tinha fechado a porta? Encontrou-a como a tinha deixado?

—Sim, senhor; só a porta do quarto do patrão é que estava aberta, foi por isso que eu entrei imaginando que elle tinha saído ha pouco.

—A que horas voltou?

—A's quatro horas e meia. Tinha ido tambem ao Grande-Hotel comprar cigarros.

—Encontrou o conde no estado em que nós o vemos?

—Sim, senhor: por um pouco que não perdi os sentidos. Fui a correr chamar o guarda portão que subiu immediatamente commigo.

—Tem ambos a certeza de que o conde já não respirava?

—Com certeza! disseram ao mesmo tempo o creado de quarto e o guarda-portão.

—Qual de vocês é que lhe pegou na mão?

—Foi o guarda-portão, respondeu o creado de quarto. Eu peguei lhe na cabeça e tive medo, a cabeça caiu, como a cabeça de um morto sem um movimento nem dos olhos nem dos lábios.

—Não viu no quarto nada que revelasse a presença dum extranho?

—Nada, a não ser a porta do quarto de vestir que estava aberta.

Com isto fecharam a sessão.

O tio de Fernando acompanhou os quatro representantes da justiça.

Quando toda a gente se ia, o procurador da República voltou sobre os seus passos.

Desta vez era para fazer uma saüdação ao cadáver.

O cumprimento do procurador foi repetido por toda a gente com o respeito devido aos mortos.

—Olhe, disse o creado de quarto, dirigindo-se ao marquês de Romanes, dir-se-ia que o senhor conde fez um signal com a cabeça.

—Tambem a mim me parece que o seu rosto se reanimava.

E' que ninguem tem o olhar firme para ver a morte. Produz-se sempre a illusão dos olhos nas cámaras mortuárias. Ha além disso contracções naturaes que parecem vir a propósito.

Toda a gente, naquélle adeus, ficou surprehendida com a belleza ao mesmo tempo altiva e dôce de Fernando. Poucas figuras se têem visto mais nobres na sua pallidez fúnebre, com aquella quietação ideal que dá o último somno.

—E' triste a morte, disse o procurador da República, mas é bella.

—Meu pobre patrão, exclamou o creado de quarto pondo as mãos, é possivel que tenha acabado tudo para elle! Um homem tam alegre, um homem tam vivo, um diabo a quatro como o chamavam na terra?

Depois de dizer estas palavras, o creado saiu, recuando, e passou para uma das salas.

Era lá que estava o amigo de Fernando, calado, a cabeça entre as mãos; encheram-se-lhe os olhos de lagrimas, pôs um joelho em terra e pegou docemente na mão direita do amigo.

—Adeus, meu velho amigo; tivemos questões muitas vezes, deste-me um golpe d'espada que que eu mereci, esqueceste te de me pagar a última divida de jogo; mas não te quero mal por isso: fôste sempre bom camarada, levas contigo as melhores recordações da minha mocidade.

Era a amisade que fallava: é necessário haver quartos d'hora em que este bello sentimento desperta no coração dos homens.

(Continua).

Éditos de 30 dias

(2.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio Nunes, corre seus termos uma acção de justificação em que sam autores o bacharel António de Magalhães Mexia Macedo Pimentel de Bulhões, conservador do registo predial na comarca de Almada, e sua esposa D. Maria da Conceição de Paiva e Lima Cardoso, residentes em Lisboa, por meio da qual pretendem justificar que ha mais de cinco annos sam legitimos possuidores de um prédio rústico e urbano, denominado Quinta do Alhanez, fregresia de Castello Viegas, concelho de Coimbra, que consta de casas abarracadas, adega, palheiro e terras de semeadura de secca e rega para cultura de cereaes, com diversas arvores de fructo, onde já fizeram uma eira e outras bemfeitorias, e confina no norte com Onofre Coëlho Formigo e Manuel Ferreira, do sul com António dos Santos Concheira, do nascente, com Onofre da Costa, e do poente, com caminho público; e que durante êsse tempo a têem possuido pacífica, pública e continuadamente em seu próprio nome e sem opposição alguma; e requerem que seja julgada procedente e provada a justificação de mera posse no prédio descripto, por mais de cinco annos, para todos os effeitos legaes e especialmente os do registo, nos termos do artigo 524 do código civil.

Nêstes termos, por éditos de 30 dias, contados desde a última publicação dêste annúncio, sam citadas as pessoas incertas que se julguem com direito a impugnar a justificação requerida, para na segunda audiência dêste juizo, posterior ao prazo dos éditos, virem accusar a sua citação e assignar três audiências para deduzirem por meio de contestação o que tiverem a oppôr, seguindo-se os demais termos até final. As audiências fazem-se ás segundas e quintas feiras, por 10 horas, no tribunal judicial situado nos paços municipaes na Praça Oito de Maio desta cidade de Coimbra, em conformidade com o disposto no art.º 151 e seus §§ do Código do Processo Civil.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão interino do primeiro officio, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annúncio, citando José Fernandes e sua mulher, José Simões da Costa, solteiro, maior e Bernardo Simões da Costa, solteiro, auzentes no Brasil, em parte incerta, para, na qualidade d'interessados no inventário orphanológico a que se procede por óbito de Silveria da Conceição e marido António Simões da Costa, moradores, que fôram, no logar da Zouparria do Monte, freguesia de Souzellas, assistirem a todos os termos, até final, do dito inventário, sob pena de revelia.

Coimbra, 11 de março de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão interino do 1.º officio,
J. A. Lopes Ferreira.

CREADA

Precisa-se uma.
Pateo da Inquisição n.º 21.

VELOCIPEDE

Vende-se um de três rodas, para creança.

Tambem se vendem alteres e malhas para fitto, tudo em segunda mão. Quem pretender dirija se a Victorino Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroyo.

Cosinheira

Precisa-se um ou uma para casa de estudantes.

Rua de Thomar, 2.

CIRCULAR

Eu abaixo assignado declaro que desde esta data formei sociedade com meu filho Nery Ladeira, no meu estabelecimento e officina de canalisações na rua do Visconde da Luz 99 a 101 ficando sobre a firma *José Marques Ladeira & Filho.*

Coimbra, 18 de março de 1901.

José Marques Ladeira.

Alvaro Esteves Castanheira

Mercearia

Completa variedade de **vinhos** de mêsa e finos, nacionaes e estranjeiros, engarrafados ou em pipos.

Conservas em frascos, latas, vidros e pacotes de todo o fabrico nacional e extranjeiro.

Chocolates suissos, espanhoes e nacionaes.

Para **brindes**, baratos e elegantes, faz êste anno, por **preços baratissimos a liquidação** do saldo do anno passado em cartonagens e caixinhas de setim, seda e veludo.

Amendoas, sortimento completo.

Todos os artigos de **Mercearia**, o que ha de mais fino.

Largo do Principe D. Carlos

Papelaria, tabacaria, perfumaria e objectos de couro.

Rua Ferreira Borges

Materiaes de construcção em barro, grés e cimento, ferro, arame, ladrilhos, azulejo, porcelanas e depósito de petróleos.

Estrada da Beira, portão com letras

Madeiras em bruto e apparelhadas, nacionaes e estrangeiras, incluindo uma variedade florestal pouco conhecida entre nós, com laivos perfeitamente retinctos e deleneados em carmezim carregado.

Estrada da Beira—Barracão

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344:000$000
Fundo de reserva 350:000$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos marítimos.

Representante em Coimbra — Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.—Rua Martins de Carvalho, n.º 45.

PURGAÇÕES

Cura rápida pela **Vegetalina balsamica,** de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente antiséptico das vias urinárias, applicado sempre com éxito na *urethrite agúda e dolorosa* e na cystite chrónica.

A' venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª —Coimbra.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em bôas condições. Está bem afreguezado. Tambem serve para outro qualquer ramo de negócio. Quem o pretender dirija-se à rua dos Sapateiros n.º 72.

POSTO HIPPICO

António Augusto Baptista, director da Escola Nacional de Agricultura.

Faço saber que se acha aberto desde já o posto de cobrição hippico estacionado nesta Escóla.

Escóla Nacional de Agricultura, 12 de março de 1901.

O director,
António Augusto Baptista.

Agência de Negócios Universitários

Livraria Académica

DE

João de Moura Marques

171 — Rua Ferreira Borges — 173

COIMBRA

Preços módicos

Veja-se a tabella na mesma livraria.

Subsídios para um diccionário completo

(Histórico — Etymológico)

DA

Língua Portuguêsa

POR

A. A. Cortezão

Foi publicado o tomo n.º 2.

Já está em publicação o *Additamento* a êste subsídio.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

António Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem à venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escóla Médico-Cirúrgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, alumínio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muídos à vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1	branco	fino...	260 réis
N.º 2	»	» ...	255 »
N.º 3	»	» ...	245 »
N.º 4	»	» ...	240 »
Amarello.....			235 »

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e differentes objectos de luxo da **Mercearia Luzitana,** *na rua do Cego n.ºs 1 a 7.* Vêem-se alli, em profusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magníficas amendoas de Lisbôa, fabrico especial, *só d'assucar,* tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparência.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda-se este estabelecimento. por que é ainda o que possue, com inexcedivel asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.ºs 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómmodos.

Tem bons quartos para aluguar acceitando hóspedes permantes.

O proprietário,
José Maria Júnior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gêsso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moínhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpêsa gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0[0

Bicos Bébé Aureo	*a*	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1	*,,*	*a 3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2	*,,*	*a 3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1	*a*	*400 réis*	preço antigo 500 réis
,, ,, n.º 2	*a*	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

N.º 633 COIMBRA—Domingo, 24 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com esta capilha—Anno, 2$760 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem esta capilha—Anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis; trimestre, 600 réis.

Numero avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typográphica, rua Martins de Carvalho, 7

SITUAÇÃO GERAL

E' de uso antigo a grande massa eleitoral do nosso povo alhear-se completa e absolutamente os assumptos de administração pública que interessam à vida económica do país, e por consequência à felicidade geral. Os governos procedem como lhe apraz, e não só de gerações passadas, mas de nossos dias, póde dizer se que o systema governativo, obedecendo a uma infinidade de principios que de modo algum se coadunam com os sentimentos da honra e da moralidade, tem descido ao último grau da impudência, em meio do silêncio, do tácito consentimento portanto, de uma espantosa maioria da nação, entrando nella, forçoso é confessá-lo, uma regular percentagem das populações das cidades.

O mal estar é geral. Sente-se em toda a parte que as loucuras, ou antes, os tripúdios da governação tudo afundam: desde a vida agrícola, a principal fonte de receita duma nacionalidade, até à acção commercial e industrial. A miséria das finanças públicas reflecte-se duma fórma clara no difficil viver doméstico, e o systhema de estranhos expedientes a que recorrem os estadistas, para o conseguimento de receitas que amparem o regabofe administrativo, vám tendo imitação nas relações económicas e mercantis das nossas praças commerciaes e dos nossos centros de indústria e agricultura. Mas não póde deixar de ser assim.

A aviidez, sempre crescente, de receitas para o thesouro público que os saltimbancos da administração mantêem em constante penúria, força-os à exigência, por mil fórmas e feitios, de novos sacrificios tributários, e o exforço de tudo o que no país representa um principio de producção ou de actividade aproveitavel, estiola-se em fadigas constantes, para entregar a maior somma dos productos dessas fadigas á voracidade dos que governam. Daí, dêsse facto palpavel e claro, seguem as difficuldades, e como corolário o viver agrícola de empréstimos em que a usura de capitalistas especuladores satisfazem os seus instinctos rapaces; o mesmo arrastar de vida na indústria e no commércio, e ao fim, êste quadro desolador:

Porque as colheitas á producção e as transacções não dam para tanto encargo, o lavrador emigra; o industrial entrega-se e o commerciante chama credores.

Repare-se na percentagem na emigração e das fallências, e ver-se-ha se não é aterrador o quadro com que deparâmos, dos grandes centros especialmente.

Salvam-se desta hecatombe umas dúzias de altos industriaes, de importantissimos agricultores e de felizes commerciantes; mas não é, ainda assim, muito raro ver baquear casas poderosas e que até certo momento eram tidas como seguras e resistentes.

Dirijamos olhares para a vida do Estado e encontrâmos:—administração fundada no crédito e sugeita à rapacidade dos que emprestam e à mão baixa dos que negoceiam, não dando já as receitas para os encargos de juros e para as despezas indispensáveis de cada dia. Como somma final, o *déficit*.

Tal qual o que succede na vida do país, sómente devendo notar-se que *aquella* penúria tem a sua causa primordial *nesta* depravação.

Concluindo — um povo e uma nação a liquidarem.

Isto vê-se, reconhece-se, e comtudo o desinteresse popular é latente. Raros são os que pesam toda a gravidade de decadencia em que nos encontramos, e é exactamente no acto eleitoral, d'onde podiam e deviam sair manifestações reparadoras, que esse desinteresse mais se manifesta.

Um facto:

Na cidade de Santarem celebrou-se um comicio de vinicultores, para pedirem providencias contra a crise esmagadora em que se debatem. Foram convidados os deputados das regiões vinhateiras de todo aquelle districto, e ao fim... nem um appareceu.

O *Correio Agricola* condimenta o caso, e dá os nomes d'esses deputados que brilharam pela ausencia.

Percebe-se? A causa unica do *esquecimento* d'esses deputados pela manifestação que fizeram os povos que elles *representam* em cortes, está nisto: — em se acceitarem para a camara electiva os nomes impostos pelo governo, homens que não teem o mínimo interesse pelos seus circulos nem pelo bem estar dos povos respectivos.

Servir o governo para se servirem a si, eis a unica missão que comprehendem. D'ahi o que vemos. Sanccionarem em cortes toda a ordem de artimanhas de administração que redundam no aggravamento da penuria do thesouro publico e das difficuldades do país, sem um vislúmbre de consciencia pela obra nefasta em que collaboram.

Queira, pois, o povo comprehender isto e corrigir-se do negregado habito, para eleger quem digna e honestamente o represente. Aliás ver-se-ha irremediavelmente perdido no immenso lago de infâmias de governo, ha tantissimos annos accumuladas e ainda hoje mantidas, e que sam a origem única da situação miseranda em que se encontra esta pobre nacionalidade, que podia ser feliz e respeitada.

Carta de Lisbôa

15 de março.

A ordem do dia continúa a ser, felizmente, a questão religiosa.

As palavras do rei vieram, se jamos francos, dar esperanças a muita gente ingénua. Vai-se vendo, e ha de ver-se melhor, quanto as esperanças sam infundadas.

As revelações da minha última carta, que tanto ruído produziram, esclarecem nos bem a situação. Uma ordem religiosa meramente contemplativa, a tal das *Irmãs Reparadoras* ou *coçottes du bon Dieu*, merece não só o auxilio como a cooperação pessoal da rainha. No quadro das protectoras da capellinha, o seu nome é o primeiro. E quem publicamente protege as irmãs de S. José de Cluny? Quem as mandou vir? Quem recentemente assistiu ainda à sua festa de consagração? Foi ainda á esposa do chefe do Estado.

Mas admittamos que a filha do sr. conde de Paris deixou de ter, para sempre, ingeréncia nos negócios do Estado. Admittamos — por hypothese.

O núcleo que protege todas as ordens e congregações por quem é formado? Onde tem recebido o appoio moral e o subsidio material?

E' quási exclusivamente a chamada sociedade elegante, formada pelas fidalgas que frequentam o paço e que dispõem das camarilhas, e pelas espôsas e filhas dos politicos, ministros de hoje e ministros de ontem.

Sam, enfim, positivamente as damas que exercem poderio nas coisas da administração, por sua influência directa no paço e nos estadistas.

E essa gente ha de resignar-se a vêr escorraçar os seus protegidos de ontem?

E não ha de luctar, conspirar e vencer, como ella sabe lutar, conspirar, e vencer por que a sua causa não seja perdida?

A êstes dois aspectos succede um terceiro.

E' que a differença entre o padre e o jesuita tende, em nossos dias, a desapparecer. A Igreja, vendo faltar-lhe o appoio no espirito público, soccorreu-se do jesuita como duma tábua de salvação, valendo-se dos seus processos de fanatisação. A educação dos seminários é hoje accentuadamente jesuitica. Os prelados sam todos franca e occultamente protectores do chamado clero regular. Ha ainda, bem o sei, padres seculares que, logicamente orientados, não se collocam ao lado dêsse clero privilegiado, antes o defrontam como inimigo. Mas a maioria, por servilismo aos superiores, está com elle. E' vêr os protestos que accodem aos dois orgãos clericaes: — a *Correio Nacional*, de Lisboa, e *A Palavra*, do Porto.

A questão levantada é assim, quer queiram, quer não queiram, uma questão religiosa.

O Estado, a combater o jesuitismo, não se encontra só com elle e com os seus reconhecidos adherentes. Encontra-se com a religião official, a sua religião, a sua protegida. Dado que o Estado realmente expurgasse aquêlle mal, ficariam os apostolos da religião official conspirando permanentemente o seu furor, protegendo-o, escondendo-o. Isto é: dada a boa vontade do Estado, o mal não poderia, ainda assim, expurgar-se.

Não tem então solução o problema?

Evidentemente tem.

Reconhecido que a Igreja se collocou inteiramente ao lado do jesuitismo, a solução está na separação da Igreja do Estado.

Mas essa solução não cabe, claro, dentro da monarchia que, prendendo-se no direito divino, carece do auxilio do altar.

A questão, sendo propriamente religiosa, é assim tambem uma questão eminentemente politica.

Provei-o na minha última carta, com a discussão de factos individuaes.

Prova-o ainda êste aspecto genérico dos factos.

F. B.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Rachou...

O sineiro da Universidade, a quem a rapaziada académica chama *o Cabreiro*, communicou a triste nova de ter rachado a *cabra* ha pouco fundida em Braga para substituir a *outra*, que rachara tambem.

Ordens religiosas

Conclusão do relatório, cuja publicação começámos em o n.º anterior, com que o eminente estadista Joaquim António d'Aguiar justificou o seu decreto contra as ordens monásticas:

A história das Ordens Regulares é quási a mesma em todas as Nações em que foram admittidas; póde dizer-se que em todas os mesmos principios, e os mesmos meios serviram ao seu estabelecimento, que em toda a parte se encontram nellas a mesma relaxação, e os mesmos abusos, e que as consequências para a Moral, para a Religião, e para o Estado, tem ainda sido as mesmas. Folheando-se os annaes da História Portuguêsa, e documentos antigos, e modernos, achar se hão abundantes provas desta verdade pelo que toca a Portugal, e não faltarão particularmente exemplos de actos d'ousada temeridade contra os direitos dos Principes, e contra os mais sagrados interesses dos Póvos, de ingeréncia nos negócios civis, e politicos, e de uma desordenada ambição de riquêzas.

Em nosso tempo, Senhor, quantas vêzes não se tem urdido no claustro insidiosas tramas contra o Throno Legitimo, e contra a civilisação, e liberdade nacional! Não é necessário recordar antigos factos; basta o que se tem passado desde 1820. Desde esta épocha os Religiosos não contentes de extraviarem das ideias da liberdade, com sua magia sagrada, os espíritos fracos por veredas tortuosas, depondo todos os respeitos, correram como ondas medonhas a investir de todos os lados a Náo sossobrada do Estado: as Casas Religiosas foram convertidas em assembleias revolucionárias; os pulpitos em tribunaes de calúmnias facciosas, e sanguinolentas; e o Confessionário em oráculos de fanatismo, e de traição. A nação inteira viu uma parte do Clero Regular trocando a Milicia de Deus pela Milicia secular, abandonando effectivamente o Sanctuário, cuja poténcia os não secundava, despojando o culto de suas opuléncias, para as converter em meios, e estimulos de guerra, distribuindo com uma mão as reliquias dos Santos, e com a outra as armas fratricidas, alterando as verdades do Evangelho com as mentiras mais absurdas, as orações com as proclamações mais ferozes, e para cumulo de horror, perpetrando na solidão da noite desacatos inauditos para os assoalhar de dia como obra dos Liberaes: a Nação toda o viu alistado nesses bandos de selvagens assim por elle fanatisados, correndo as fileiras, cingindo, em vez de cilício, que lhe cumpria trazer, a espada que devêra exterminá-lo, e disparando raios de morte com as mãos que foram sagradas, para supplicar, e attrair as bençãos do Céo sobre os seus similhantes, incitando com sua palavra, e com o exemplo ao roubo, ao assassinio, e ao incéndio; submettendo emfim

a Religião aos caprichos duma imaginação delirante, e furiosa. Mas para que é tocar em feridas tam recentes que ainda magoam o Religioso Coração de V. M. I., individuando mais os meios tenebrosos, e impudentes de que se serviu esse sustentáculo da superstição e do despotismo para expulsar do Governo a V. M. I., porque nem era escravo dêlle, nem tyranno de seus subditos, e para privar do Throno a RAINHA, porque o Systema Liberal com que devia reger lhe não convinha?

O pouco que deixo ponderado sobre êste objecto é sobejo para que V. M. I. tome em consideração, na medida que tenho de propôr lhe, a incompatibilidade das Instituições Liberaes que V. M. I. se dignou outorgar á Nação Portuguêsa, com a conservação de institutos que, geralmente fallando, se tem mostrado contrários à Liberdade, e nos quaes ella achará sempre um poderoso estorvo a consolidar-se.

Porém, longe de mim, Senhor, a ideia de comprehender todo o Clero Regular na generalidade das accusações feitas contra elle. As Ordens Regulares tem tido, e tem hoje homens de sólida virtude, de distincto saber, e de extremado patriotismo: muitos, Senhor, tem V. M. I. visto expondo no Campo da Batalha suas vidas pelo Throno da RAINHA, e pela liberdade da sua Pátria; outros foram victimas no tempo do governo do usurpador, dos furores com que foi perseguida a fidelidade, e a honra: mas sam êstes mesmos a pedra d'escándalo das Corporações a que pertencem, e o alvo das suas perseguições. Estes vencendo a fôrça de seus viciosos institutos, e da geral corrupção, sam dignos de particular louvor, e hão de sem dúvida merecer a especial protecção de V. M. I. — Elles devem reconhecer, que se os prejuizos tem conservado as Ordens Regulares em pouca conformidade, com a verdadeira Religião, que tanto desacreditam com seu exemplo, as circunstáncias reclamam hoje a sua inteira extincção.

A existéncia das Ordens Religiosas não se combina com as maximas duma sã política, e é destructiva dos fundamentos da prosperidade pública. A fôrça duma nação depende da sua população; a população, dos casamentos; o maior número de casamentos, do maior número de proprietários: as Ordens Religiosas sam duplicadamente prejudiciaes á população: como celibatários deixam grande vasio nas gerações; como corpos de mão morta absorvendo enormes propriedades que não se tornam mais a alienar, fazem com que o número consideravel d'individuos não possam ter um palmo de terra, e por conseguinte se condemne tambem a um celibato necessário: subdividindo-se, e mobilisando se êsses enormes fundos territoriaes, que resultará? O estado lucrará nos direitos provenientes de compras, e vendas, tornadas então possiveis, e provaveis: a agricullura prosperá porque todos êsses terrenos limitados, e postos em relação com as fôrças physicas de seus futuros possuidores, seram bem cultivados, e sempre com géneros úteis: a indústria, e commércio, por uma consequéncia necessária, receberão o seu accréscimo da actividade: a convicção das vantagens duma tal medida repassará até á última camada social para a qual o melhor argumento é a riquêza: a população se augmentará, e com ella todas as fôrças do Estado.

Em conclusão, Senhor, é fôrça extinguir as Ordens Regulares, e dar destino aos bens que possuem. O bem publico, a felicidade da Nação que tantos beneficios deve a V. M. I. a pureza do culto que V. M. I. tanto se desvela em promover; a regeneração do Povo Português, que V. M. I. tem tanto a peito consolidar, tudo reclama aquella extincção. Pretender ainda reforma las é inútil; as reformas feitas por sábios, e virtuosos Varões desde o século V não poderam melhora-las, e o mesmo seria o resultado de qualquer outra reforma; arranca-las do meio do século, onde lançaram raizes, para as repôr no deserto, obrigando os Religiosos a sustentar-se do trabalho das suas mãos, é impossivel; sujeita las em tudo, e por tudo aos Bispos, não é evitar os inconvenientes da conservação dellas. E' tempo que a razão acorde dessa espécie de lethargia, em que jazeu por séculos, agora que o longo eclipse da justiça, e das luzes passou, é prudente, é nobre, é necessário que V. M. I. não cerque o Throno de Sua Augusta Filha dêsses corpos, que umas vêzes tem feito curvar deante de si os Reis, outras vêzes tem feito curvar os Povos deante dos interesses dos Reis seus protectores, que elles enlaçam com os interesses de Deus. Os Thronos Constitucionaes, como o da Augusta Filha de V. M. I., cercam-se da felicidade dos Povos; guarda a mais zelosa, a mais forte, e a mais duradoura.

Só o hábito de vêr subsistir aquella instituição formou o prejuizo de pensar que ella era útil realmente, e em vêz de se escutar a razão para julgar, não se tem empregado as luzes senão em procurar motivos para provar o que ella nega. Sim, Senhor, a razão imparcial tem plenamente confirmado as doutrinas, que com toda a franqueza ouso levar á Presença Augusta de V. M. I., e á vista das quaes tenho a honra de propôr a V. M. I. o seguinte Projecto de Decreto. Paço das Necessidades, em 30 de maio de 1834.

Joaquim Antônio d'Aguiar.

Decreto

Tomando em consideração o Relatório do Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios Ecclesiásticos, e de Justiça, e tendo ouvido o Conselho d'Estado: Hei por bem, em Nome da RAINHA, Decretar o seguinte:

Artigo primeiro. Ficam desde já extinctos em Portugal, Algarves, Ilhas adjacentes, e Domínios Portuguêses todos os Conventos, Mosteiros, Collégios, Hospícios, e quaesquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares, seja qual fôr a sua denominação, instituto ou regra.

Artigo segundo. Os bens dos Conventos, Mosteiros, Collégios, Hospícios, e quaesquer Casas de Religiosos das Ordens Regulares, ficam incorporados nos próprios da Fazenda Nacional.

Artigo terceiro. Os Vasos Sagrados, e paramentos, que serviam ao Culto Divino seram postos á disposição dos Ordinários respéctivos para serem distribuidos pelas Igrejas mais necessitadas das Dioceses.

Artigo quarto. A cada um dos Religiosos dos Conventos, Mosteiros, Collégios, Hospitaes, ou quaesquer Casas extinctas será paga pelo Thesouro Público, para sua sustentação, uma pensão annual, em quanto não tiveram igual, ou maior rendimento de Beneficio, ou Emprego Público: Exceptuam-se.

Paragrapho 1.º. Os que tomaram armas contra o Throno Legitimo, ou contra a Liberdade Nacional.

Paragrapho 2.º. Os que em favor da Usurpação abusaram do seu Ministério no Confissionário, ou no Púlpito.

Paragrapho 3.º. Os que acceitaram Beneficio, ou Emprego do Governo do usurpador.

Paragrapho 4.º. Os que denunciaram, ou perseguiram directamente os seus Concidadãos por seus sentimentos de fidelidade ao Throno Legitimo, e de adhesão á Carta Constitucional.

Paragrapho 5.º. Os que acompanharam as tropas do usurpador.

Paragrapho 6.º. Os que no acto do restabelecimento da Auctoridade da RAINHA, ou depois dêlle, nas terras em que residiam abandonaram os seus Conventos, Mosteiros, Collégios, Hospícios, ou Casas respectivas.

Artigo quinto. Ficam revogadas todas as Leis, e Disposições em contrário.

O Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios Ecclesiásticos, e de Justiça o tenha assim entendido, e faça executar. Paço das Necessidades, em vinte e oito de Maio de mil oitocentos trinta e quatro. — DOM PEDRO, Duque de Bragança.

Joaquim Antônio d'Aguiar.

Cámara municipal

Resolveu em sessão de anteontem:

Consignar na acta um voto de sentimento pela morte de Adelino Augusto Vieira, que foi seu secretário, distinguindo se nêsse logar por uma competéncia provada e servida por apreciáveis sentimentos de lealdade, sendo esta resolução communicada á desolada viuva.

Pedir auctorisação ao governo para pôr a concurso o logar vago pelo fallecimento daquêlle saüdoso funccionário;

Que o mesmo logar seja occupado interinamente pelo sr. Francisco dos Santos Almeida, que desempenhava já como substituto desde que adoëceu Adelino Vieira; e

Conceder a exoneração pedida pelo fiscal dos impostos Pinto.

Foi presente um orçamento supplementar, da importáncia de rs. 2:156$000, para a reconstrucção da muralha da Couraça de Lisbôa, na parte que ha pouco se desmoronou em consequéncia do temporal, e para a continuação do revestimento do banco de rocha sobre que assenta a rua da Alegria, continuação que uma commissão de vistoria julgou indispensavel.

Festa escolar

A's 7 e meia da tarde de ámanhã ha, na sala da Associação dos Artistas, uma festa sympáthica promovida pelo illustre director do collégio Mondego, sr. Diamantino Diniz Ferreira.

Escolar chama aquelle intelligente e activo cavalheiro á sua festa, e em verdade bem escolar e atrahente será ella, á vista do programma que temos presente: — exposição de trabalhos escolares, exercicios de gymnástica por alumnos do collégio, execução de música pela tuna do collégio, por artistas conhecidos e pela phylarmónica dos Voluntários; poësias e discursos por distinctos académicos e considerados professôres, etc.

Abrilhante esta festa, para a qual agradecemos penhorado a amabilidade do convite, o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado, discursando com a eloquéncia e belleza de conceitos que s. ex.ª sabe dar ás suas orações.

Os capitães de infanteria 23 srs. Correia de Lemos e Domingos de Freitas foram apresentar, com urgéncia, na divisão militar de Lisbôa. Seguiram ante-ontem sem conhecerem o motivo da súbita ordem.

Viação municipal

No seu último número chama o *Conimbricense* a attenção da cámara municipal para o estado em que se encontram as estradas ruraes do concelho, e nós acompanhâmos êste nosso collega na solicitação que faz à cámara. Na realidade alguns dêsses caminhos estam intransitaveis e outros em completo abandono, reclamando um pouco de dedicação, e boa vontade por parte da cámara. E', porém, força confessar que as responsabilidades dêste abandono não pertencem só à cámara municipal, pois superiormente se lhe tolhe a sua acção, quando conveniencias inconfessaveis de mesquinha politica assim o determinam.

A restricção imposta, a todos os respeitos, à acção dos municipios, dá em resultado a perturbação dos serviços municipaes, mesmo dos mais importantes, de maneira que quem mais soffre sam os municipes.

Estes processos de entorpecimento propositado da acção municipal, faz nos lembrar o que se está passando com uma estrada da Abrunheira a Assafarja. A cámara, reconhecendo a evidente necessidade de estabelecer esta ligação, mandou tirar a planta duma estrada para êsse fim, na extensão de dois kilómetros, submettendo a planta á approvação do conselho superior d'Obras Públicas, que a approvou com a condição de o director das Obras Públicas do districto dar tambem o seu parecer. A cámara, apenas recebeu o projecto assim approvado, enviou-o ao director das Obras Públicas, por intermédio do governo civil, e aquelle, approvando-o tambem, reenviou-o pela mesma estação á cámara municipal.

Isto passou se em julho do anno passado; pois, apezar de ser de manifesta urgéncia a obra indicada, de evidente interesse público, o projecto ainda dorme no governo civil, não havendo fôrças humanas que o tenham obrigado a transpôr a pequena distáncia da Alta á Baixa da cidade!

Ora se isto não é propósito de entorpecer a acção municipal, mesmo em assumptos de manifesto interesse público, não sabemos o que seja.

Veiu êste caso a propósito de dizermos que nem sempre todas as culpas cabem à administração do municipio. Tem ella tantas que não será justo sobrecarregá-la mesmo com as que lhe não pertencem.

Em todo o caso, áparte o que se dá com a estrada da Abrunheira a Assafarge, bom é chamar a attenção da Cámara para o estado em que se encontram os caminhos do concelho... e, sem ir mais longe, para as próprias ruas da cidade. Na couraça dos Apóstolos ainda estam as covas que resultaram de ali se ter construido uma fogueira pelo S. João de ha dois annos; a rua do Correio, está intransitavel; a das Covas pelo nome significa bem o que é, etc., etc.

Acompanhamos, pois, o *Conimbricense* no seu pedido. Oxalá que sejâmos ouvidos.

As cámaras contra os jesuitas

Não ha meio de pôr em dúvida que a guerra ao jesuita é hoje um sentimento dominante em todo o país, e sómente repudiado pelos ignorantes fanatisados e pelos velhacos a quem agrada a influéncia da seita, para a defeza e sustentáculos de privilégios absurdos e de immunidades inacceitaveis. Póde quási dizer-se que, áparte a fidalguia e o clero reaccionário, o sentimento geral é pelo cumprimento rigoroso e intransigente das leis de Pombal, Aguiar e Braamcamp, e que o governo, Hintze á frente e rainha na sombra, no seu empenho de protelarem, para a evitar, a solução única que de todo o país é reclamada, se collocaram em perfeito antagonismo com a ardente a espiração da quasi totalidade dos portuguêses.

Não sam já apenas as associações, as academias e operariado a reclamar contra a ingeréncia dêsse perniciosissimo elemente na vida pública e contra a existéncia dos seus côios. As cámaras municipaes vam entrar, officialmente, na lucta, convocadas pela de Vidigueira, que, sabemos de boa fonte, trata de circular ás demais para se reunirem em congresso, a fim de resolverem sobre a fórma de representarem ao chefe do estado contra a illegal permanéncia das ordens religiosas no país.

Baseia a cámara de Vidigueira a sua iniciativa em que esta questão momentosa ameaça alterar a ordem em todo o reino, exigindo por isso uma solucão enérgica e decisiva, e em que as cámaras municipaes não pódem olvidar o dever que lhes cumpre de velarem pelos interesses e pela defêsa dos seus municipes, contra os assaltos da fradaria jesuítica.

E' pensando assim que ella clama por uma união forte e decidida de que resulte para os poderes superiores uma grande fôrça de apoio para adoptarem medidas que satisfaçam ao clamor geral contra o perigo da invasão jesuítica, que ameaça de morte as instituições liberaes. Assim, a cámara de Vidigueira convida as demais para a reünião do congresso, com o fim indicado, na cidade de Lisbôa ou em qualquer outra localidade que seja alvitrada ou melhor pareça, esperando a adhesão de todas e as suas respostas ao dia 31.

Decididamente esta iniciativa é grandiosa e merecedora dos maiores louvores. A acção directa das cámaras municipaes na questão dará ao governo uma fôrça poderosíssima para proceder sem tibiezas nem hesitações, e, se ainda assim elle, o governo, continuar pusilánime e a querer illudir com delongas prepositadas, a máscara caír lhe-ha de vêz, ficando a comprehensão nítida e sem sombra de dúvida de que é contra elle que devem convergir todas as fôrças e todas as manifestações, certíssimos de que para expulsar os jesuitas, necessário se torna ferir de morte não só o governo mas ainda o regimen.

Disto estâmos nós já convencidos, mas o que resulte da interferéncia das cámaras servirá de muito para a desillução dos crentes que fiam ainda dêsse constitucionalismo que supportamos, a defeza das liberdades, da honra e do socego das famílias e da independéncia nacional.

Honra seja, pois, á cámara de Vidigueira, pela sua iniciativa, cuja prática será duplamente proveitosa.

Sessão solemne

O grupo musical *José Maurício* solemnisou, na terça feira, o anniversário daquêlle saudoso vulto da música portuguêsa, com uma sessão que esteve brilhante e animada.

Presidiu o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado, fallando alguns operários e académicos que inalteceram o valor artistico e a superioridade de carácter do inolvidavel José Maurício, colhendo os oradores fartos e merecidos applausos.

A sessão terminou por um consubstancioso discurso do sr. conselheiro.

O MINISTERIO

Tem os seus dias contados. Três grandes e essenciaes questões contribuem poderosamente para a sua queda:—*a questão dos crédores externos, a questão religiosa e a questão do rompimento Hintze-Franco!...*

Analysaremos em seguida o actual estado destas três questões que influem efficazmente na politica portuguêsa.

*

No dia 25 do pretérito mês de fevereiro o sr. Eugénio Guérin, antigo ministro da justiça, interpellou no Senado o governo francês sobre o estado da divida portuguêsa, reclamando do sr. Delcassé enérgicas medidas no sentido de serem os prestamistas francêses, portadores dos títulos do *emprésiimo D. Miguel* e doutros, completamente reembolsados do seu capital e juros, sublevando-se em termos pouco diplomáticos contra as cláusulas do convénio de maio de 1893 que reduziu $^2/_3$ nos *coupons* a vencer.

Respondeu lhe o sr. Delcassé, actual ministro dos negócios extranjeiros, que o convénio de 20 de maio de 1883, estabellecendo a reducção do $^2/_3$ nos *coupons* a vencer, tinha sido acceite pelos *comités* e o governo francês d'então, appellando para o insuspeito testemunho do sr. Dévelle, ministro dos negócios extranjeiros naquêlle tempo, e para o do próprio interpellante, que no primeiro gabinete Dupuy fôra ministro da justiça, e, perfeitamente solidário com os demais seus collegas, devia, portanto, estar ao facto de todas as questões externas que interessam ao país.

Fora, portanto, legal a reducção dos $^2/_3$ nos *coupons*, já alludida por elle orador, e nêste ponto nada tinha o governo que reclamar ao gabinete de Lisbôa visto que o accôrdo que regulou as cláusulas do citado convénio, fôra sanccionado por todos os interessados e pelo próprio ministério de 1893.

Mas o governo português evidenciou a sua má fé em toda esta questão, faltando escandalosamente ao cumprimento do disposto no convénio de 20 de maio de 1893, prejudicando extremamente os prestamistas credores dos países interessados com a falta do pagamento dos *coupons*, mesmo reduzidos a $^2/_3$, o que causou profunda emoção na França, na Bélgica, na Hollanda, na Allemanha e até mesmo na própria Inglaterra, apesar da protecção desta nação aos interesses portuguêses que bem pouco dignos sam de proteccão e de amizade.

Concluindo affirmava ao digno senador interpellante — sr. Guérin — que o governo estava disposto a empregar todos os meios, ainda os mais enérgicos, para chamar o gabinete português ao cumprimento do seu dever, accentuando bem o alcance da sua phrase de que «*em Lisbôa ninguem ignora que a República dispõe dos meios sufficientes para se fazer respeitar e impôr os legitimos direitos de todos os cidadãos crédores!*»

Terminou o seu discurso com a acceitação da interpellação Guérin.

O senador interpellante apresentou uma moção de confiança, que o governo acceitou, concebida nos seguintes e significativos termos: *O Senado confiando na inergia do governo, passa á ordem do dia*, deffendendo em seguida a sua moção que foi approvada por unanimidade de 215 senadores presentes à sessão de 25 de fevereiro.

A questão está pendente, offerecendo um sério perigo a Portugal!

*

A questão religiosa aggravou-se extraordinariamente com o decreto mystificador de 10 do corrente mês, e a opinião democrática e liberal não desarma sem o «*Cumprimento da lei*»!

*

Accentua-se cada vez mais o rompimento Hintze-Franco que deve estallar nos principios, ou meados d'abril, se o combalido ministério lá chegar, affirmando-se que o sr. João Franco tem seguros elementos para a organisação dum partido.

Eis o estado da situação portuguêsa no limiar do século xx. Venha quem vier, que seja o sr. João Franco, ou o sr. Júlio de Vilhena, ou um gabinete progressista presidido por Beirão ou José Luciano, ou ainda mesmo o sr. José Dias Ferreira, não pode o futuro ministério — para garantir a sua estabilidade — deixar de resolver o conflicto pendente com a França, a propósito da gravíssima questão da divida externa, e de cumprir strictamente com os decretos de 1834, 1759 e 1861, porquanto só por êste meio assegurará a tranquillidade nêste agitado país!

FAZENDA JUNIOR.

Julgamento de quebra

O sr. juiz de direito marcou para o dia 25 de abril próximo, o julgamento dos artigos de classificação de quebra da casa bancária Santos & Brito, julgamento ha dias addiado em consequéncia de não terem comparecido as testemunhas srs. Francisco Rodrigues da Cunha Lucas e Ricardo Loureiro.

Comício vinicola

O syndicato agricola acaba de distribuir a seguinte circular:

«As circunstáncias difficeis em que se encontra a viticultura nacional, succedendo já que a maior parte dos nossos lavradores não encontram maneira de collocar as suas colheitas por um preço simplesmente remunador de um grande capital empatado e de despezas e cuidados sempre crescentes a que sam obrigados, de tal modo se aggravaram, que tem havido um levantamento geral com o fim de reclamar do governo que sejam adoptadas medidas que affastem, ou pelo menos attenuem, a temorosa crise que ameaça arruinar a principal fonte de riqueza do nosso país.

E' preciso que esta região, que já hoje é um importante centro vinicola, cheia de novas plantações destinadas a produzir vinhos de pasto dos mais finos, acompanhe este movimento, que é de defeza para os nossos justos interesses, e, ao mesmo tempo, da mais incontestavel vantagem para o país. E o Syndicato Agrícola de Coimbra cumpre o seu dever, convocando os lavradores desta região, e as pessôas de que os interesses estam ligados à viticultura, para um comicio que deve realisar-se no próximo dia 25 do corrente mês, pela uma hora da tarde, no salão da cámara munipal desta cidade, a fim de nêlle se assentar sobre as medidas que julguem de maior urgéncia reclamar, e considerem de maior utilidade prática.»

Diremos das resoluções tomadas nêsse comício que como, a circular indica, se realise ámanhã.

Inspecção militar de reservistas

Pelo commando do districto de recrutamento e reserva n.º 5, foram mandados afixar editaes annunciando que a revista de inspecção aos reservistas da 1.ª e 2.ª reservas, de novembro de 1899, ha de effectuar se no mês de maio, no quartel ao convento de Sant'Anna, pela ordem seguinte:

Dia 12 — aos reservistas das freguesias de Santo António dos Olivaes, S. Martinho d'Arvore, Souzellas, Ceira, Assafarge, Ribeira Frades, S. Paulo de Frades, Eiras e Antuzede;

Dia 16 — os de Sernache dos Alhos, Almalaguês, S. Silvestre, Torre de Villela, Santa Clara, Botão, Ameal, Arzilla, Brasfemes, Antanhol, Taveiro, Lamarosa, S. João do Campo e Trouxemil; e

Dia 19 — os das freguesias de Coimbra: Sé Nova, Sé Velha, Santa Cruz e S. Bartholomeu.

Os reservistas têem de apresentar-se com as cadernetas e os fardamentos que levaram quando foram passados à 1.ª reserva, soffrendo punição as que faltarem.

Os dispensados do serviço e da 1.ª reserva pelo artigo 156.º do regulamento do exercito e da armada, de 6 de agosto de 1896, não têem revista de inspecção.

Bibliotheca

O sr. conselheiro dr. Bernardino Machado abre hoje ao povo a sua vasta e bella bibliotheca que estabeleceu aos grillos, e que generosamente faculta aos que desejem cultivar a instrucção pela leitura de bons livros.

Na simples referéncia dêste facto está o elogio maior que póde tecer-se ao importantissimo serviço que ao povo presta o illustre cathedrático de phylosophia. S. ex.ª não faz inauguração solemne, mas apenas uma conferéncia sobre a instrucção.

CAÇA

A direcção do club de caçadores desta cidade acaba de officiar ás auctoridades civil e administrativa communicando que, dada a escassez de caça nesta região, um grupo de caçadores resolveu soltar, em differentes pontos, 40 casaes de perdizes para a creação. Succedendo, porém, que o tempo defezo não é rigorosamente respeitado, especialmente por caçadores ruraes, que não sabem ou não querem comprehender ser mais que uma inconveniéncia, uma barbaridade, caçar durante a época prohibida, podendo acontecer que aquelles 40 casaes sejam, no todo ou em parte, mortos por esses ignorantes ou relapsos, que não duvidam contribuir por similhante modo para o extermínio da caça pela morte della durante o periodo da cria, a direcção do club solicita daquellas autoridades todo o possivel auxilio para reprimir tam inconveniente como condemnavel abuso.

O apêllo é em absoluto justificado, merecendo que as instáncias a quem é dirigido o tenham na maior consideração, fazendo mesmo punir rigorosamente os contraventores que se dêem ao prazer de inutilisar a dedicação e cuidado com que os verdadeiros caçadores se dedicam a promover que os nossos campos e montados sejam povoados de caça.

Cámara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 14 de fevereiro de 1901

(Conclusão)

Presidéncia — Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes: — António Francisco do Valle, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Francisco Maria de Sousa Nazareth, João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortez, Miguel José da Costa Braga, Manuel Miranda e Ferreira Malva.

Correspondéncia: Circular do governo civil, convidando a cámara a indicar as alterações que convém fazer no mappa n.º 1 do decreto de 23 de dezembro de 1899, sobre a séde e número de logares de notários em Coimbra: Officio do deputado dr. Arthur Pinto Montenegro, dando conhecimento de que apresentára á cámara dos senhores deputados a representação desta municipalidade sobre a projectada creação do curso de notariado. Officio da commissão de melhoramentos da cidade enviando, informado, o requerimento sobre a reconstrução duma casa no bêcco do Prior. Officio do professor de instrucção primaria da Lamarosa pedindo alguns utensílios escolares. Dito do comissário de policia, enviando uma participação contra um vigia e dando conhecimento dum furto no mercado de D. Pedro 5.º, na noite de 6 para 7 de fevereiro último. Idem do inspector dos incendios, dando egualmente conhecimento dum incendio aos Arcos do Jardim, sem consequéncias, e chamando a attencção da Cámara para a negação systemática que tem a policia em dar nas torres o signal de alarme ainda que pedido por um bombeiro, como acontecer em 11 de fevereiro passado. Officio da repartição da limpêsa, communicando uma occorréncia entre o guarda das sentinas ás Ameias e José Roque, das Casas Novas, de que a policia tomou conhecimento.

Despachou diversos requerimentos de interesse particular, permittindo a vedação duma propriedade no logar do Orelhudo, outra no sitio da Ribeira de Sernache, e bem assim no sitio do Chafariz.

Auctorizou a construcção duma casa no Espirito Santo, freguesia de S. Martinho do Bispo; permittiu o assentamento duma via com carris de ferro para aterramento dum lote de terreno em Santa Cruz: a collocação duma taboleta; a renovação dum covato por mais de 5 annos; a reconstrucção duma casa no Bêcco do Prior com restricções e o consumo d'água por indicadores fixos a diversos requerentes.

Attestou favoravelmente uma petição sobre comportamento moral e civil e bem assim 13 pedidos de subsidios de lactação a menores.

Resolveu adquirir para as escolas do concelho algum mobiliário e diversos utensílios.

Approvou um orçamento de 200$808 réis para a reparação da rua de Fóra de Portas, entre as estradas de Santa Justa e a porta n.º 72 junto á ladeira da Fôrca, deliberando que fosse enviado ao governo pelas estações competentes para approvação.

No final da sessão apresentou-se o concorrente ao fornecimento de carnes José Maria Raposo, declarando que, se era excluido do referido concurso pelo facto de ser mestre de matança, elle se demittiria.

A cámara resolveu não acceitar, por extemporanea, tal declaração e manter a deliberação já tomada.

Deliberou-se por último representar ao governo de Sua Magestade pedindo que não sejam concedidas á companhia do caminho de ferro do Mondego mais prorogações de praso para a construcção da linha de Coimbra a Arganil e que seja declarada caduca a concessão seguindo se os mais termos do alvará de concessão de 1 de setembro de 1887.

PUBLICAÇÕES

História da Revolta do Porto — Saiu o 7.º fasciculo da *História da Revolta do Porto*, que continúa publicando-se com uma perfeita regularidade.

Nesta obra, o interesse da publicação augmenta de fasciculo para fasciculo. O que temos presente, por exemplo, é, sobre todos, interessantíssimo pelas suas illustrações, e pela matéria do seu texto. Trata-se nêlle da intervenção dos officiaes da guarnição do Porto no movimento de 31 de janeiro e fazem-se revelações curiosissimas sobre o papel que muitos dêsses officiaes desempenharam nêlle. E' particularmente curiosa e digna de lêr-se a parte que se refere aos factos, succedidos no quartel de infanteria 1 e que deram tanta notariedade ao coronel (hoje general) Lencastre e Menezes.

Entre as gravuras avulta, em estampa especial, um maravilhoso retrato de Guerra Junqueiro, o eminente poëta e patriota. Outras representam: a parada do quartel 18; a Porta dos Banhos, na rua de Santo António, onde começou o tiroteio; uma face da cadeia da Relação; João Novaes, médico militar, implicado na Revolta, e uma curiosissima reproducção de uma lista de nomes dos indivíduos do Governo Provisório, feita a lápis pelo punho de Alves da Veiga, num envelope.

A *História da Revolta do Porto* asssigna-se em Lisbôa, no escriptório da Empreza, rua dos Douradores, 29, e no Porto, na Agéncia de Publicações do Norte, rua de Santa Catharina, 154.

A Empreza da *História* annuncia para breve um album — *A Revolta do Porto pela photographia*. Ella nos communica o seguinte aviso:

«*A Empreza da* **História da Revolta do Porto** *pede a todas as pessôas que possuam photographias ou documentos que tenham qualquer relação com aquelle movimento, o favor de lh'os cederem, por algum tempo, sob a responsabilidade de lhes serem restituidos, intactos.*»

*

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estranjeiro.*

Acabâmos de receber o n.º 799 correspondente a 10 de março, desta magnifica revista portuguêsa em que podemos apreciar os retratos de S. M. o imperador Guilherme II, do actor Carlos Posser, do visconde de Monserrate, Eva Tetrazzini e general Campos, assim como uma nitida gravura representando uma galeria interior do magnífico palácio de Monserrate, um verdadeiro modêlo d'architectura em estylo arabe.

Como sempre, os artigos que se lêem sam primorosos e firmados por nomes bem conhecidos nas lettras portuguêsas e sam: Chrónica Occidental, por D. João Cámara; Inauguração do retrato de S. M. Guilherme II e visconde de Monserrate, por R.; Carlos Posser, por Luiz Galhardo; Questões sociaes, por D. Francisco de Noronha; O Real Theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; A mula do Papa, por Alphonse Daudet; Lições de photographia, por António A. O. Machado; Necrologia, General Campos, Publicações, et., etc.

*

Supplemento illustrado do Século.—Recebemos o n.º 177 desta publicação de caricaturas dirigida por Accácio de Paiva e Jorge Collaço que vem brilhante e cheia de verve.

*

Gazeta das Aldeias — Semanário illustrado de propaganda agrícola e vulgarisação de conhecimentos úteis; proprietário e director, Júlio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216—Porto.

Recebemos o n.º 271 e 272.

*

Educação Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.º anno, n.º 229.

Venda de casas

Vende-se, convindo o preço, duas moradas de casas com os n.os 3 e 5 no bairro de Sousa Pinto, antigo Bairro de S. Bento.

Estas casas sam independentes, teem bons quintaes, bellas vistas e estam em magnifico sitio.

A venda terá logar no dia 11 do próximo mês de abril á 1 hora da tarde, em casa do ex.mo sr. Guilherme de Freitas Zuzarte, na rua de Alexandre Herculano n.º 6 (Quinta de Santa Cruz).

Dam esclarecimentos e recebem desde já lanços êste sr. Guilherme, e Antonio Avelino, professor em S. Silvestre.

Tiro civil

(4.ª filial)

Sam avisados os sócios e alumnos desta filial de que na segunda feira 25, pelas 11 horas da manhã, terá logar a primeira sessão de tiro ao alvo, segundo as condicções do respectivo programma e que amanhã 24, pelas 8 horas da noite na séde da filial haverá instrucção preliminar de tiro.

EDITAL

O dr. Manuel Dias da Silva, presidente da camara muicipal de Coimbra, etc.

Faço saber que em conformidade das disposições do Código Administrativo estará patente na secretaria da municipalidade, por espaço de oito dias, a contar do dia 26 do corrente mês, o primeiro orçamento supplementar ao ordinário do corrente anno, pelo que convido todos os interessados a examinar o dito orçamento e a apresentar quaesquer reclamações.

Coimbra e Paços do Conselho, 23 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão interino do primeiro officio, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annúncio, citando José Fernandes e sua mulher, José Simões da Costa, solteiro, maior e Bernardo Simões da Costa, solteiro, auzentes no Brasil, em parte incerta, para, na qualidade d'interessados no inventario orphanological a que se procede por óbito de Silveria da Conceição e marido Antonio Simões da Costa, moradores, que fôram, no logar da Zouparria do Monte, freguesia de Souzellas, assistirem a todos os termos, até final, do dito inventário, sob pena de revelia.

Coimbra, 11 de março de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão interino do 1.º officio,

J. A. Lopes Ferreira.

História da Revolta do Porto

DE

31 de janeiro de 1901

Illustrada com cêrca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna-se aos fasciculos semanaes de 16 paginas, ao preço de 60 réis, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — **pagos no acto da entrega.**

Pedidos á **Empreza Democrática de Portugal**, rua dos Douradores, 29, em Lisbôa, e á **Agéncia de Publicaflões do norte**, rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia, — **em casa dos agentes.**

VELOCIPEDE

Vende-se um de três rodas, para creança.

Tambem se vendem alteres e malhas para fitto, tudo em segunda mão. Quem pretender dirija-se a Victorino Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroyo.

Cosinheira

Precisa se um ou uma para casa de estudantes.

Rua de Thomar, 2.

CIRCULAR

Eu abaixo assignado declaro que desde esta data formei sociedade com meu filho Nery Ladeira, no meu estabelecimento e officina de canalisações na rua do Visconde da Luz 99 a 101 ficando sobre a firma *José Marques Ladeira & Filho.*

Coimbra, 18 de março de 1901.

José Marques Ladeira.

Alvaro Esteves Castanheira

Mercearia

Completa variedade de vinhos de mêsa e finos, nacionaes e estranjeiros, engarrafados ou em pipos.

Conservas em frascos, latas, vidros e pacotes de todo o fabrico nacional e extranjeiro.

Chocolates suissos, espanhoes e nacionaes.

Para brindes, baratos e elegantes, faz êste anno, por preços baratissimos a liquidação do saldo do anno passado em cartonagens e caixinhas de setim, seda e veludo.

Amendoas, sortimento completo.

Todos os artigos de Mercearia, o que ha de mais fino.

Largo do Principe D. Carlos

Papelaria, tabacaria, perfumaria e objectos de couro.

Rua Ferreira Borges

Materiaes de construcção em barro, grés e cimento, ferro, arame, ladrilhos, azulejo, porcelanas e depósito de petróleos.

Estrada da Beira, portão com letras

Madeiras em bruto e apparelhadas, nacionaes e estrangeiras, incluindo uma variedade florestal pouco conhecida entre nós, com laivos perfeitamente retinctos e deleneados em carmezim carregado.

Estrada da Beira — Barracão

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344:000$000
Fundo de reserva 350:000$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos maritimos.

Representante em Coimbra — Bazilio Augusto Xavier d'Andrade. — Rua Martins de Carvalho, n.º 45.

PURGAÇÕES

Cura rápida pela **Vegetalina balsamica,** de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente antiséptico das vias urinárias, applicado sempre com éxito na *urethrite aguda e dolorosa* e na cystite chronica.

A' venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em bôas condições. Está bem afreguezado. Tambem serve para outro qualquer ramo de negócio. Quem o pretender dirija-se á rua dos Sapateiros n.º 72.

POSTO HIPPICO

Antonio Augusto Baptista, director da Escola Nacional de Agricultura.

Faço saber que se acha aberto desde já o posto de cobrição hippico estacionado nesta Escola.

Escóla Nacional de Agricultura, 12 de março de 1901.

O director,

Antonio Augusto Baptista.

Agéncia de Negócios Universitários

Livraria Académica

DE

João de Moura Marques

171 — Rua Ferreira Borges — 173

COIMBRA

Preços módicos

Veja-se a tabella na mesma livraria.

Subsídios para um diccionário completo

(Histórico — Etymológico)

DA

Língua Portuguêsa

POR

A. A. Cortezão

Foi publicado o tomo n.º 2.

Já está em publicação o *Additamento* a êste subsidio.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

Antonio Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem á venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escóla Médico-Cirúrgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, alumínio e ouro.

Participa ao respeitável público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1	branco fino...	260	réis
N.º 2	» » ...	255	»
N.º 3	» » ...	245	»
N.º 4	» » ...	240	»
Amarello.....		235	»

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e differentes objectos de luxo da **Mercearia Luzitana,** *na rua do Cego n.os 1 a 7.* Vêem-se alli, em profusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magnificas amendoas de Lisbôa, fabrico especial, *só d'assucar,* tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparencia.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda se este estabelecimento, por que é ainda o que possue, com inexcedivel asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 0[0

Cautella com os imitadores

Bicos Bébé Aureo	*a*	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis	
Bicos n.º 1	*„*	*a 3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis	
Bicos n.º 2	*„*	*a 3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis	
Mangas Bébé n.º 1		*a 400 réis*	preço antigo 500 réis	
„ „ n.º 2		*a 450 réis*		

Limpêsa gratuita aos nossos clientes

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candieiros em todos os géneros, combinações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

AMENDOAS

Casa Innocencia — COIMBRA

A mais antiga confeitaria de Coimbra, premiada em amendoas e dôces em duas exposições, únicas a que concorreu.

Nesta casa encontra se um variadissimo sortimento de amendoas de mais de 40 qualidades, todas fabricadas só de puro assucar e com o maior aceio. Mandam se tabellas de preços a quem as pedir. Os preços regulam desde 360 a 800 réis por kilo, ao retalho; mas aos srs. revendedores faz-se desconto.

Além daquellas qualidades de amendoa, ha tambem das de Lisbôa, visto haver quem prefira o *bonito* ao *bom.*

Ha tambem todos os artigos próprios de *mercearia* e *dôces* que se vendem por preços limitados.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de pára raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gêsso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

N.º 634 COIMBRA—Quinta feira, 28 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha—Anno, 2$700 réis; semestre, 1$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno: 2$400 réis; semest. 1$200 réis; trimestre, 600 réis.
Numero avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Igreja e tuberculose

Seriissima e importantemente grave é a solução dêsse problema, quási inconcebivel, dos meios de evitar a propagação, sempre crescente do terrivel mal que está dando uma assombrosa percentagem para o registo obituario.

Se acatâmos, como é dever, as indicações das autoridades médicas que, escrevendo ou fallando, apontam, para que procuremos evitá-los, os meios de fácil transmissão do mortifero bacilo, forçoso será reconhecer que o que em conselho, fallado ou escripto tem apparecido, é insufficiente para uma vulgarisação regular das precauções a ter na máxima consideração.

Ouvimos ou lêmos essas autoridades e, geralmente, recolhemos impressões vagas dos seus dizeres. E' que a terminologia scientifica não está ao alcance senão duma pequena percentagem do público, e o restante, as camadas populares especialmente, que é o meio onde a tuberculose tem mais vasto campo de desenvolvimento, não sabem comprehender essas exposições sobre o assumpto, feita sem semelhantes termos.

Duma fórma geral sam citadas, como meios de transmissão, as grandes agglomerações de gente, o contato dos lábios a determinados objectos ou pessôas, e outros casos idênticos; mas uma vez que isto não seja claramente exemplificado, não vemos que leve á perfeita e necessária elucidação aquella parte da humanidade onde já dissemos é maior o campo do desenvolvimento mórbido.

E se ha, como não podemos duvidar, verdadeiro interesse em esclarecer e ensinar, da parte das propagandistas, forçoso é que reconheçam esta grande verdade:—uma grande maioria do público não sabe comprehender senão o que explicitamente se lhe exemplifica. Fica-lhe ainda assim, depois da percepção, uma tal ou qual teimosia em praticar, devido a hábitos inveterados; e então cumpre coagir, e é, naturalmente, a êsses propagandistas com autoridade, que compete tomar uma iniciativa rigorosa e efficaz no seu empenho sacrosanto de defender-nos, impetrando, sem contemplações de espécie alguma, a intervenção da autoridade para a prohibição de certos actos e execução de providencias contra outros que, ou devem ser tidos como perigosissimos agentes da propagação da tuberculose, ou temos de acreditar que as agglomerações, o toque dos lábios, etc., nada têem de nocivas.

Esclareçamos:

Não se provou ainda, nem se provará, que as coisas da igreja, da religião enfim, tenham o privilégio da immunidade ao bacilo tuberculi ou ao de qualquer outra enfermidade, e uma vez que o não tem somos forçados a acceitar desde já que a prática dum grande número de religiosidades espalha medonha e immensamente todo um mundo de micróbios das diversas enfermidades mortiferas.

Por exemplo:—O caso do beija-pé ao Senhor dos Passos. Durante as sete semanas da quaresma, quantos lábios tocam aquelle pé? É quasi incalculavel, mas o que devemos acceitar é que um grandissimo número dos devotos será tuberculoso e deixa no pé o bacillo, que outros vam recolher ficando tuberculisados.

Digam a esses devotos a inconveniencia e o perigo da sua devoção, e uma grande parte não o acreditará, continuando na prática della.

Julgamos êste ponto de importância capital para merecer as attenções da classe médica, até para considerar ás auctoridades a necessidade de prohibir expressamente uma tam perigosa religiosidade.

Temos depois a confissão. Dezenas e dezenas de penitentes se desobrigam em cada dia, bebendo á comunhão todos pelo mesmo copo. Caso idéntico; uns depositam o micróbio outros vão recebe-lo.

Ha os enterros com egreja armada, servindo baetas, ecas e todo o apparato de que podem utilisar-se os favorecidos da fortuna. Trabalham no armar e desarmar umas tantas pessoas que retiram aquelles objectos, levando-os para habitações ou para depósitos próximos ou em contacto com domicilios, e não ha a precisa vigilancia para a desinfecção de toda aquella farraparia. Mais:

E' costume, especialmente em mulheres, molharem as mãos na agua, chamada benta, das pias que encontram ás portas dos templos, e espargirem o rosto com ella. Na prática dêste acto irám tuberculosos, e então ai está outro perigo.

A visita parochial para tirar o folar: o sachristão conduz o cruxifixo que dá a beijar a toda a gente, e dêsse modo leva dumas para outras familias o bacilo, que assim tem mais fácil e seguro meio de larguissima difusão.

Ha ainda na igreja outros agentes de propagação, mas os que deixamos apontados bastam ao fim que temos em vista—chamar as attenções da classe médica para estas gravissimas particularidades, contra as quaes se nos affigura devem iniciar e sustentar, seja por que meios fôr, a mais decidida campanha.

Outro agente, para a inutilisação do qual só valerá o conselho claro e insistente. E' o que resulta do hábito de beber vinho nas tabernas. Os copos nessas casas permanecem numa celha sendo apenas vasculejados na agua que ella contém. O freguês bebeu, e o berculoso, embora ainda com apparencias de sadio, deposita o bacilo no copo que por sua vez vai inquinar a agua, communicando-o a todos os outros copos, e os bebedores que se lhe seguem necessariamente o absorvem.

Contra êste hábito é necessária tambem uma campanha de conselho, como contra tantos outros idênticos. E pois que nas conferencias e escriptos não temos visto ir até estas minudencias absolutamente necessárias para elucidação das camadas menos illustradas, ousamos solicitar aos propagandistas nos permittam recordar lhes que para o seu trabalho de altruismo se tornar efficaz, é absolutamente imprescindivel referi-las, particularisando-as, visto que de outro modo as massas não saberám comprehendê-los nem descortinar êsses perigos, que tam estreitamente as rodeiam, continuando a fallar-se duma maneira genérica. Depois, essa exemplificação feita por cultores das sciencias médicas, será melhor acceita e respeitada, do que ditas apenas na imprensa ou em simples cavacos de profanos.

Estam a chegar a Lisbôa os refugiados boers, que se acolheram á bandeira portuguêsa em Lourenço Marques. O governo guarda ainda o maior segredo sobre o ponto onde se fará o desembarque.

Para evitar manifestações que poderiam não agradar aos inglêses.

Podera!

Ordens de repressão

Noticia o *Imparcial*, de Lisbôa, que Hintze, o espaventoso presidente do conselho de ministros, telegraphou na segunda feira a todos os governadores civis determinando-lhes que não consintam na realisação de quaesquer comicios anti-jesuiticos.

Mais informa aquelle jornal que alguns chefes de districtos se deram pressa em responder que cumpriram rigorosamente aquellas determinações, não só não consentindo na realisação de comícios mas nem na de outras quaesquer manifestações de desagrado á poderosa e protegida seita.

O *Imparcial* diz isto abertamente, sem uma hesitação, sem uma reticência. Temos, pois, de acceitar a sua informação como profundamente verdadeira. Occorre, entám perguntar:

Em que pensa o sr. Hintze quanto a essa momentosa questão? Acaso se lhe affigura que os espiritos liberaes que por todo o pais têem reclamado a exacta observancia das leis prohibitivas das ordens religiosas, se convencem da lealdade do governo no assumpto, para se aquietarem confiando em que elle procederá

Aquella recomendação para a prohibição dos comícios seria a demonstração clara de que o governo está com os jesuitas, se outras demonstrações não tivessem apparecido; e a conclusão a que se vai chegando é que o inquerito será nada:—nos centros onde a fradaria mais abunda, fecha se um ou outro coio, mas os habitantes delle ficam: não se extingue a communidade, muda-se-lhe o domicilio.

Mas logrará o artifício acalmar os ánimos? Eis o ponto de duvida, pois que a tenacidade vista em Lisbôa, Porto e outras localidades, e os acontecimentos agora dados em Setubal, devem demonstrar lhe que sérios amargos de bôcca lhe estam reservados, uma vêz que se mantanha nos artifícios com que vem tratando a questão.

Comício Vinicola

O annunciado comício vinicola, promovido pelo syndicato agricola desta cidade, realisou se segunda feira, na sala grande dos paços do concelho e com rasoavel concorrencia.

A meza foi composta pelos srs. drs. Julio Henriques, presidente, e Augusto Barbosa e Annibal Maia, secretarios.

O sr. presidente expôs em breves palavras que a crise temorosa por que a industria vinicola vem passando, vendo-se os productores em sérias difficuldades para collocarem os vinhos, impunha a necessidade de providencias que urge pedir superiormente, aconselhando se e propagando se outras que os interessados devem dar se pressa em pôr em prática. Para isto fôra convocada aquella reunião, e daria, disse, a palavra a qualquer dos assistentes que desejasse manifestar-se sobre tam importante como inadiavel assumpto.

Fallou em seguida o sr. dr. Costa Lobo, expondo clara e nitidamente as circunstancias difficeis em que os nossos viniculto-res se encontram para a saida das suas producções, devido á concorrencia, por tantas circunstancias vantajosa, que fazem outras nacionalidades.

Apreciando a série de probabilidades que entre nós pódem e devem ser aproveitadas, para lutar-se com felicidade contra a essa mesma concorrência, no que respeita á exportação, provou em detalhadas comparações, que Portugal com um pouco de activa energia por parte dos interessados e com certas medidas governamentaes interessadamente estudadas e cuidadosamente postas em vigor e mantidas, vencerá facilmente as difficuidades que hoje se lhe antepõem á necessária expansão dos nossos productos vinicolas.

Era este o seu parecer, baseado no estudo que fez do assumpto, e assim, submettia á consideração da assembleia a seguinte proposta:

«Proponho que se represente aos poderes publicos afim de que seja dada execução ás conclusões [illegible] sejam urgentemente adoptadas as seguintes medidas:

1.ª Coadjuvação immediata e efficaz que facilite e incite a organisação de adégas sociaes, nos termos da proposta ultimamente approvada, ou da lei já existente, mas sem limite determinado.

2.ª Disposições que assegurem uma rigorosa fiscalisação dos vinhos expostos á venda, tanto na metrópole como nas colónias.

3.ª Laboratórios nos principaes pontos para onde tenha logar a nossa exportação, a fim de alli serem examinados os nossos vinhos.

4.ª Graves penalidades para os exportadores de vinhos falsificados e pessôas que os exponham á venda.

5.ª Estabelecimento de um grau alcoólico abaixo do qual seja prohibida a venda do vinho para consumo.

6.ª Rigorosa fiscalisação por intermédio dos nossos agentes consulares, e das autoridades locaes, a fim de evitar que sejam vendidos vinhos extranjeiros com marcas portuguêsas.

7.ª Prohibição do uso de marcas portuguêsas com nomes extranjeiros.

8.ª Prohibição do fábrico do alcool industrial e da sua introducção em condições vantajosas sobre o alcool de vinho.

9.ª Suspensão do imposto do Real d'Agua e reducção dos impostos de barreira.

10.ª Coadjuvação efficaz para o estabelecimento de carreiras maritimas para as colónias portuguêsas.

11.ª Propaganda activa por meio da imprensa, de agentes e depósitos installados pelo governo, para o alargamento do mercado português.

12.ª Concessão de subsidios a companhias vinicolas só quando estas se encarreguem exclusivamente da collocação dos nossos

vinhos nos mercados extranjeiros ou nas nossas colónias.

Para o momento actual proponho:

13.ª Que para os centros vinícolas que nesta occasião encontram maior difficuldade na collocação dos seus vinhos, sejam nomeadas commissões idóneas que procedam ao arrolamento das massas vinárias existentes, e que para estes vinhos e debaixo da responsabilidade daquelas commissões, sejam concedidas as vantagens já outorgadas ás adégas sociaes. Finalmente que estas massas vinárias sejam transferidas para logares apropriados a fim de, debaixo de idonea direcção, serem collocadas opportunamente.»

Fallou depois o sr. dr. Bernardino Machado. Apreciou, louvando-a, a actividade do nosso povo, mas para essa actividade ser bem aproveitada e conduzida, necessário se torna instruí-lo. No meio agricola como em tudo, a instrucção é o elemento principal, indispensavel para a boa prática e aperfeiçoamento. Seguindo ainda processos rudimentares, por que não sam instruidos, os nossos agricultores estacionáram nos processos de fábrico, enquanto que os de outros paises, instruidos, têem melhorado sensivelmente esses processos. D'aí as vantagens da concorrência.

Sobre governos, e normas de administração, fez diversas e judiciosas considerações, anotando que um governo que está vivendo do imprestimo não póde dar subsidios. Duas coisas, a seu ver, se requeram principalmente para a melhoria das nossas indústrias e do nosso commércio — administração boa e honesta, pela economia sensata e prudente que ponha termo aos *difecits* sucessivos, e muita instrucção em meio do nosso povo.

cumprimentados, e como nenhum outro cavalheiro pediu a palavra, pôs se á votação e foi unánimemente approvada, a proposta do sr. dr. Costa Lobo, que acima deixamos transcripta, sendo nomeada, para pô-la em prática, uma commissão composta dos srs. drs. Máximino de Carvalho, Menezes Parreira, Prophýrio Novaes e Francisco Miranda da Costa Lobo, e os srs. António Rodrigues Pinto, Gonçalo Meirelles, Francisco Cardoso dos Santos, Bernardo António de Oliveira, Francisco Nazareth, António da Cunha, Justiniano Martins de Carvalho, António Vieira de Campos, António Barata e Adrião de Moura.

DESASTRE

Está de cama o sr. dr. Ayres de Campos, bastante contundido, em consequéncia dum lamentavel desastre que soffreu na segunda feira.

Saira no seu automovel, e já fóra da cidade um súbito e fortissimo golpe de vento fez-lhe virar o vehiculo, que ia em carreira, sem que tivesse tempo de parar. Do que resultaram a s. ex.ª importantes contusões, ficando s. ex.ma esposa igualmente maguada.

A romper caminho

O combóio despedaçou mais uma vez o muro e grades que, na estação nova, separam a *gare* do largo do Caes. Um correspondente, noticiando o facto, commenta-o assim:

> Parece a própria locomotiva a querer ir Caes além, para seguir até Arganil, em manifesta revolta contra as prorogações de praso feitas á companhia concessionária da linha até áquella localidade.
>
> O destino...

Tambem nos parece.

Para glória do sr. Hintze

Fusilamento nas ruas de Setubal por ordem do administrador — 7 homens mortalmente feridos, — dois mortos, — outros ferimentos.

Succedem se as degraçadas consequéncias do empenho com que o sr. Hintze Ribeiro se dá á protecção dos jesuitas. Expedidas ordens terminantes para não se permittirem comicios ou outras manifestações liberaes dentro da legalidade, o povo exacerba-se e sai á praça pública, e o sr. Hintze manda o perseguir, sob a refalsada allegação de que é preciso manter a ordem.

Como? Pois não é elle próprio quem provoca a desordem, impedindo systhemática e propositadamente as reüniões ordeiras e ao abrigo da lei, para se reclamar contra a invasão e predomínio da fradaria?

Pretende, esse frade de casaca e farda de ministro, demonstrar o socego do pais, pelo não apparecimento em côrtes ou no paço, de reclamações que provem a sua subserviéncia ás ordens monasticas, e para isso determinou a mais odiosa repressão com o emprego da fôrça pública, que já chegou ao assassínio em plena rua.

Agora coube a vez a Setubal.

Os reaccionários celebravam alli, em perfeito socego, e na casa duma dama da alta roda, reuniões successivas planeando diversos procedimentos contra a propaganda anti-jesuitica. Isto sabido, os liberaes projectaram manifestações contrárias áquelles planos, e a autoridade administrativa, servidora dócil dos jesuitas e cumprindo as ordens de Hintze, prohibiu estas manifestações, quando dava aquellas reüniões pleno apoio. Succedeu o que era

[illegible] e a fôrça pública — a policia e um destacamento de lanceiros, com o administrador á frente, appareceram a fazer a dispersão.

Mas a provocação, traduzida naquella parcialidade do administrador, fôra irritante, e os liberaes indo dum para outro ponto, sempre acossados pela soldadesca e pela policia, não se decidiam a desapparecer. Reccorreu se á aggressão, e a espadeirada surgiu como decisivo argumento.

Similhante brutalidade provocou as iras dos manifestantes que procuraram defender-se, recorrendo á pedra que era a única arma de que o podiam dispôr, sendo ferido numa das faces o commandante do destacamento.

A partir daqui a selvageria não teve limites, e o povo, prevendo o perigo certo da cobarde fusilaria que sobre elle ia caír, procurava pôr-se a salvo. — Ouviram-se tiros, descargas umas após outras, ás cegas, em differentes direcções, e ao fim, este desgraçadissimo resultado:— sete homens mortalmente feridos, varados pelas balas, entraram no hospital, tendo já morrido dois dêlles, sem contar uma infinidade de outros ferimentos menos graves.

Da narração que faz o jornal donde extratamos esta noticia rápida, vê se que o furor dos soldados e da policia, animados pelo applauso do administrador, tocou o extremo da desumanidade. Espadeiravam e feriam com uma fúria tigrina quem quer que lhe ficasse ao alcánce.

Assim mesmo as manifestações de hostilidade aos jesuitas e á cavallaria não cessaram, d'envolta com vivas á infanteria 11 que não entrou na carnificina.

As pontarias baixas foram feitas por insistente recommendação do administrador. Depois...

Este heroe, satisfeito da sua obra que ha de ficar impune, tendo recebido os applausos e os agradecimentos da jesuitada local, telegraphava áquelle... senhor Hintze que havia perfeito socego na cidade.

Estava cumprido o dever...

Interpellado na camara sobre estes acontecimentos, o cýnico sr. Hintze teve esta resposta fácil:

> Houve effectivamente allí alteração da ordem pública, segundo um telegramma que recebeu, o que provocou por parte da força uma repressão energica; mas o último telegramma que lhe foi dirigido diz terse restabelecido socego.

Nada mais esclareceu nem esclarecerá, pois que faltam na cámara homens com a independéncia de carácter precisa para lhe exigir sevéras contas.

Não commentâmos. Apontamos o facto para o povo se convencer da orientação que tem a tomar. O regimen fradesco sob que vive manda-o fuzilar quando pede garantias de liberdade.

Saberá comprehender?

Conspiração?

Informes preciosos dão nos conta de que ai para os lados da rua da Esperança se reüne com extremas precauções a pura flôr da mocidade jesuítica, tomando sobre si o brioso encargo de exterminar o liberalismo que por êsse país fóra vai pimponeando victorioso.

As deliberações do ardido grupo mantêem-se recatadas, no maior sigillo, motivo forte de curiosidade e alcance, tanto mais que algumas palavras trovejantes ouvidas na rua por um nosso collega, fazem derivar ao plano de uma conspirata a que não é extranha á vinda a Coimbra do sr. D. Miguel.

[illegible] zem suppor uma attitude violenta — taes como o frequente recebimento no grupo, de telegrammas em cifra expedidos de Torres-Novas onde demora a logartenéncia do exilado — não podemos por outro lado explicar as pacíficas deliberações que nos sam conhecidas e implicam soluções morosas.

Com effeito numa das últimas sessões depois de se haver entoado o *Rei chegou*, um dos mais conceituados *membros* propôs:

1.º—creação de cursos nocturnos onde se ministrarám (grátis aos pobres) licções de cathecismo. 2.º — propaganda activa das virtudes purgativas do *Correio Nacional*. 3.º — edição popular da *Cartilha do Padre Ignácio* e do *Manual d'ajudar á missa*.

Estas deliberações, porém, não implicam extorvo a proceder mais radical, e realmente com êstes factos que vimos incompletamente denunciando porque os envolve, como dissemos, uma densa neblina de mystério, prendem outros de não menos significação, embora anodinos na sua apparéncia de superficialidade.

Ha tempos que nos *Geraes* sam distribuidos, á sucapa, programmas do partido legitimista como prenúncio de mais longa propaganda; e não menos sympthomático é o caso do sr. *Bispo-Conde* haver sido nomeado presidente honorário da *Tuna*, gentileza que s. rev.ma régiamente pagou, promovendo o sr. Grillo num canoninato honorário da Sé.

Dizem alguns que não se tracta duma revolução mas sim de uma *gaitada*, e que o grupo não tem intuitos subversivos, pois é apenas uma *phylarmónica*.

Ficâmos no entanto de atalaya, procurando seguir o trama que nas trevas se vai urdindo, para o denunciarmos em bem da pátria e do regimen.

A representação do Porto

Escripta em termos sensatos, profundamente verdadeiros, reveste a suggestiva e eloquentissima significação dum grito de álerta aos liberaes e democratas do país!

A nobre cidade do Porto que — pelo espirito profundamente liberal da sua heróica e altiva população — foi de preferéncia a escolhida para séde do quartel general da reacção nas provincias do norte, tem sido constantemente affrontada pelos bandos retrogrados desde, as violéncias commettidas na urna contra os eleitores livres, até á tentativa de rapto da infeliz filha do consul do Brasil!

Os reaccionarios tiveram sempre o notabilissimo e glorioso ascendente moral, intellectual e politico da nobre cidade do norte— que em Portugal implantou o regimen constitucional, luctando energicamente contra o despotismo triumphante. Desde a queda do usurpador, a grande e invicta cidade — a columna da *Liberdade* pátria — ha pugnando valentemente pelos mais puros e grandiosos princípios liberaes e democráticos, já levantando o estandarte da revolta em prol do rasgado e sympáthico programma dos Passos, em 1846, já hasteando a bandeira da revolução pelo triumpho da República na madrugada de 31 de janeiro, que tentou redimir a Pátria quási agonisante!

A reacção, fremente de odio, implacavel na sua firme vinganca, desencadeou [illegible] iras contra a heróica cidade subjugada por uma ignóbil traição, que caracterisou uma época de lastimosa corrupção, e deshonrou os elementos officiaes que prestaram o seu odioso concurso á uma acção tam infame; mas o Porto apresentou se vencido, não convencido [illegible] sempre contra o infame regimen que pretende sacrificar a independéncia da Pátria na ara impura da sua devassidão e da insaciavel ambição dos seus ridículos sectários — fez triumphar mais duma vez o sympáthico e patriótico programma da Democracia Portuguêsa em diversas eleições, enviando ás cámaras homens de estatura moral e intellectual do saüdoso mestre e eminente pensador Rodrigues de Freitas, de Affonso Costa — o eloquente e invencivel tribuno republicano — de Paulo Falcão e Xavier Esteves — os incansaveis batalhadores da causa democrática em Portugal e os oradores consummados que na legislatura de 1900 immortalisaram a sua rápida, mas brilhante passagem pelo parlamento, levando na sua orientação politica as mais avançadas reivindicações sociaes do nosso prolectariado.

Ainda um grandioso e inolvidavel serviço prestado pelos três talentosos e sympáthicos deputados republicanos do Porto ás tradições liberaes e democratas do Portugal constitucional: — *o levantamento do nivel moral e intellectual do Parlamento.*

Pois foi a estes três grandiosos e sympáthicos patriotas que a monarchia, colligada com a reacção jesuitica promoveu uma guerra de morte, porque o regimen apavorado julgava-se já moribundo pela acção intelligente daquêlles três deputados.

O Porto foi então coagido pelas mercenárias bayonetas da guarda municipal a reconhecer a imposta nomeação de três falsos representantes da população da capital do norte; mas a reacção contra esse momentaneo desalento não se fez esperar e a elevada fermentação de revolta que actuava nos ánimos prestes a sublevarem-se contra a espantosa e miseravel affronta, estóu afinal com a tentativa de rapto contra a filha dum representante extranjeiro, como poderia tambem ter rebentado por causa do aggravamento dos impostos, da perda de alguma colonia, ou por outro qualquer pretexto que surgisse.

O Porto insurreccionou-se proclamando solemnemente a Liberdade, o Direito e a Justiça, e é isso o que importa saber. A sua representação ao monarcha, reclamando com a sua habitual altivez o cumprimento stricto e rigoroso dos decretos de 1759, 1883, 1834 e 1862, é a última tentativa de conciliação dos elementos monárchicos-liberaes daquella sympáthica cidade. Se o monarcha a attender é caso para o felicitarmos, no caso contrário aquelles elementos monárchicos-liberaes adherem em massa ao partido republicano e o aggravamento da questão religiosa será o advento da República em Portugal.

FAZENDA JUNIOR.

Festa escolar

Segunda feira á noite, na grande sala da Associação dos Artistas, a realisação da festa escolar promovida pelo incansavel director do collégio Mondego, sr. Diamantino Diniz Ferreira.

Assumiu o caracter dum verdadeiro sarau.

A sala, gostosamente engalanada, offerecia um aspecto agradabilissimo, realçado por uma grande profusão de luzes incandescentes, cuja disposição foi confiada ao representante em Coimbra da companhia do bico nacional Aureo, revellando se uma vez mais não só o poder illuminante daquêlle bico, mas ainda a facilidade, promptidão e cuidado com que naquêlle estabelecimento, sito na rua Ferreira Borges n.º 39, se executam os serviços de illuminação que lhe sam confiados.

A concorrência áquella festa [illegible] Diamantino celebrou o 8.º anniversário da fundação do seu collégio, que dirige com tanto esmero e competéncia, foi extraordinária. A sala, litteralmente cheia, contando se na totalidade dos assistentes um elevado número de senhoras.

Presidiu o sr. dr. Araujo e Gama, que discursou brilhantemente sobre a instrucção. A conferéncia do sr. Lepierre sobre a alimentação, um primor, sendo ouvido com o interesse que despertam sempre as utilissimas exposições de sábio professor de chímica e insigne bacteriologista.

Os números de gymnástica pelos alumnos do collégio, muito correctos e applaudidos, bem como a conferéncia do sr. Luís Rosette sobre os exercícios gymnásticos.

O sr. D. Thomás de Noronha recitou uma poësia dedicada ao fallecido poëta António Nobre, seguindo-se a dicção de outras poësias em português, francês, latim, inglês e allemão.

O discurso do sr. conselheiro Bernardino Machado, sobre a liberdade, eloquente e impolgante.

Durante a festa, que terminou em meio de ruïdosos e merecidos applausos ao sr. Diamantino, que para quem os oradores tiveram elogiosas e justissimas referéncias, tocaram alternadamente a tuna do Collégio Mondego e a phylarmónica dos Bombeiros Voluntários.

Ao sr. Diamantino as nossas felicitações.

Orçamentos

Do ministério do reino baixaram ao governo civil, approvados, três orçamentos da camara municipal. Para reparações da rua de Fóra de Portas, no valor de 200$808 réis; para as calçadas de Mont'Arroyo, no de réis, 870$482 e para reparos na ponte de Coenços no de 219$930.

LITTERATURA E ARTE

ET NUNC ET SEMPER...

A D. António de Sousa Coutinho.

Noite de festa. Vám-se enchendo os camarotes
E no Theatro, ainda escuro, apenas vejo
As joias aflorando á beira dos decotes
Por onde a carne vem acordar o Desejo.

Ha um murmúrio em toda a sala e, muito perto
De mim, ouço um rapaz a rir e a conversar.
Tudo se me afigura esmaecido e incerto
Na impaciencia em que estou de te não ver chegar.

Mas quando o gaz abriu nos candelábros, forte
Como esse claro olhar com que tu me seduzes,
Erguendo, sem vaidade, o teu altivo porte
Appar'ceste, a sorrir, no triumpho das luzes!

Na rósea musselina em que o aprisionáras
E da magra esveltez dum calix da tulipa,
O teu busto ondulava em attitudes ráras
Com a graça do fumo azul que se dissipa...

Fallaste-me; e suave a tua voz morreu
Aos meus ouvidos numa infinita doçura,
Nêsse instante de paz intraduzivel eu
Julguei ver clarear o dia da Ventura.

Mas nos teus olhos li aquella hostilidade
Que de ha muito separa os nossos corações;
E nem sequer um grito, um signal de saüdade
— Porque tivemos já as mesmas illusões!

— Porque vivi contigo a minha infancia, quando
Não presentia em ti o que hoje eu adivinho:
Coragem p'ra rasgar os versos que te mando
Porque te vám pedir um pouco de carinho.

... E eu toda a noite a ver a graça do teu busto
No desejo febril de ter o teu olhar
Pouzado sobre o meu e docemente injusto
Por me dizer, enfim!... que te podia amar...

Nos ouvidos guardando a tua doce voz,
Na vista o resplendôr do teu flavo cabello
Que já não usas, sobre a testa em dois bandós
Como eu tanto gostava, ó meu Amôr, de vê lo!

Houve palmas. Alguem pediu-me que applaudisse.
E a lembrar-me de ti, que via em toda a parte,
Eu pensava esmagar — vê lá tu que tolice! —
Nas minhas rudes mãos o sonho de alcançar-te...

E uma tristeza enorme, um frio desespero,
Vieram-me ensinar, ao coração descendo,
Porque me foge sempre a visão em que espero,
Porque se apaga sempre a luz que em vão accendo.

Não sei amar... E êsses teus olhos auguraes
Dizem — puros do Mal e de ambições mesquinhas —:
Sê mais altivo do que as cathedraes
Ou mais rasteiro do que sam as hervasinhas!

Caiu o panno agora. Era o último acto,
Ha inda palmas. Saem todos. E, saindo,
Vou a comprehender que êste amôr insensato
E' preciso que o dê, p'ra todo o sempre, findo.

Que, para ser humilde, eu tenho inda vaidade,
Que, para ser altivo, o coração desmaia...
Sem um gesto sequer de vã curiosidade
Passas por mim erguendo a tua negra saia.

Entras no carro. Chove. E sob o escuro Céo
Acorda no meu peito a Esp'rança de que um dia
— Soffrendo por amar-te o que ninguem soffreu —
Pela Dôr te mereça — a Ti, que és a Alegria!

Sexta feira — 22 — Março — 1901.

João de Barros.

A lealdade do governo

Fôram já mandadas fechar algumas casas de jesuitas em Lisbôa. O governo a proceder bem? Diz a *Tarde:*

«Constanos que os jesuitas não sairám de Portugal, mesmo apezar do decreto do governo de 10 de março e das leis em vigor, que entre nós extinguiram as congregações religiosas. O meio que vai ser posto em prática para se fugir ás determinações do gover- é o seguinte: algumas familias portuguêsas, intransigentemente caccionárias, vam offerecer guarrida aos jesuitas expulsos dos recolhimentos que o governo man dar fechar.

Acalmado o periodo da agitação, os mesmos jesuitas voltarám a viver em casas especiaes.»

E' essa a crença geral, mas póde vaticinar se, cremos, que nem tudo irá ser côr de rosa para o governo e para a seita sua protegida.

A sessão camarária da próxima semana é na quarta feira, em consequéncia de quinta e sexta serem dias festivos, de Semana Santa.

Barra áspera

Esta manhã, ao comboio das 6 e meia desembarcou na estação nova um individuo com toda a apparéncia de jesuita. Barba espessa, sotaina e chapeu, toda uma taboleta monástica.

Ia seguir num carro para o convento de Santa Clara, mas de lá chegou um emissário com uma carta que lhe mudou o rumo. O homem ficou, entrou no hotel Bragança, mas gritava-se já na rua:

— E' jesuita. Morra o jesuita. E juntava se muita gente.

Aflicto, o homem das barbas resolveu safar-se no primeiro combóio, mas o sr. Guilherme Máximo, proprietário do hotel, deulhe e fê-lo seguir mais prudente concelho: tomar um carro e marchar desde logo para a Pampilhosa.

Restava illudir os que á porta, em massa, gritavam. Vieram dois carros, um para a frente do hotel e outro para a rua da Magdalena junto da porta do quintal com que o mesmo hotel communica. O homem sairia por alli, enquanto do outro lado se esperava que elle saisse.

Mas nem sempre dispomos com felicidade, e quando o da sotaina atravessava o quintal, foi visto e por aquêlle lado começou tambem a grita, que atrahiu os manifestantes que esperavam do lado do Caes.

Estugou o passo e entrou precipitadamente no carro que partiu a galope, mas não sem que os gritos irrompessem de diversos pontos, escapando em todo o caso, talvez, a outra espécie de manifestações a que um bocado mais de demora daria ensejo.

Lá foi para a Pampilhosa a embarcar para Campanhã e seguir d'ai para Espanha.

A communidade de Santa Clara esperava-o, mas receiosa de algum contratempo julgou prudente mandar-lhe o emissário para que não fosse. Por causa das dúvidas. D'ai o que succedeu no hotel.

Corre que elle não viera só, que outros ficaram á estação velha enquanto êste vinha tentar a entrada. Já sabemos o que succedeu: barra áspera, fez-se ao largo. E andou bem.

Mas estariam mais lá fóra? Não sabemos. O que porém parece vêr-se é que os jesuitas cá do bispado, agasalham os escorraçados d'outros.

E logo para Santa Clara.

Abertura de bibliotheca

O sr. conselheiro dr. Bernardino Machado fez, no domingo, a abertura da sua importante e valiosa bibliotheca que, numa demonstração sublime do seu grande amór pela instrucção popular, faculta á visita e leitura do povo, tendo-a patente todos os dias das 7 horas da tarde ás 9 da noite.

Grande e deveras apreciavel é este serviço do illustre professor de phylosophia, propagandista acerrimo e incorrigivel da instrucção; e, se ao seu pensamento tam nobre e dedicado corresponder o interesse dos que precisam colher na leitura de bons livros conhecimentos aproveitáveis não só trato individual, mas ainda ao exercício da actividade, o serviço de s. ex.ª será coroado de resultados sublimes. E que êsse é o ardente anceio de s. ex.ª, sobejamente o tem provado.

Fez o sr. dr. Bernardino uma breve conferéncia por occasião da abertura. Concebe se que o tema tenha sido a sua constante preoccupação — instruir, e nesta parte s. ex.ª teve rasgos duma eloquéncia empolgante, imagens e comparações de finissima observação e que mereciam ser ouvidas por um grandissimo auditório. Tal a verdade de conceitos, a sua erudição de conclusões.

Afogado

Na freguesia de Trouxemil caiu a um poço afogando-se, o menor de 8 annos Augusto, filho de João Cortês. Retirado o cadaver, e tendo-se averigoado que não houve crime, verificou o obito o sr. dr. Moura, subdelegado de saude, ordenando se o enterramento.

Semana Santa

Na Real Capella da Misericórdia celebrar-se ha pomposamente, como nos annos anteriores o officio da Semana Santa, havendo no domingo, benção dos ramos, paixão e missa, ás 10 e meia horas; na quarta feira, matinas e laudes, ás 6 horas; na quinta feira, missa solemne, exposição e desnudação dos altares, ás 11 horas matinas e laudes, ás 6 horas; na seixta feira, paixão, adoração da cruz, missa dos presantificados e sermão, ás 10 e meia horas; matinas e laudes ás 6 horas; no sabbado, benção do lume novo, precónio e missa, ás 10 horas, e no domingo, procissão, missa solemne e sermão, ás 11 horas.

E' prégador o distincto orador sagrado rev. Joaquim do Amaral Gomes.

Novidades litterárias

J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA

PADRE ANTONIO

Romance orginal

Livraria editora de Antonio Figueirinhas

Porto — 1901

Preço — 200 réis

CEZAR PORTG

NAUFRÁGIOS

(Romance original)

LISBOA — 1901

Preço — 800 réis

HENRIQUE SIENKIEWICZ

A ferro e a fogo

Traducção de Olympio Monteiro

Editores, Tavares Cardoso & Irmão

Lisbóa — 1901

Preço — 600 réis

A CORTE

DA

Rainha D. Maria I.ª

Correspondéncia de W. BECKFORD

Editores — T. Cardoso & Irmão

Lisbóa — 1901

JOSÉ CALDAS

OS HUMILDES

Livraria Chardron

de Lello & Irmão, editores

PORTO — 1901

Preço — 400 réis

13 **Folhetim da «Resistência»**

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de rewolver

VIII

Primeiro leque partido

O amigo de Fernando olhava para aquelle rosto branco com uma profunda expressão de saüdade. Pareceu lhe que o morto o havia ouvido.

Os olhos tinham ficado abertos; aquelles olhos não viam, mas a alma ao partir tinha deixado nelles não sei que luz, ou antes que reflexo de uma outra vida.

— Porquê, perguntava o amigo de Fernando, porque não veio beija-lo a mulher? Disse-me que não tinha coragem; mas deante desta bella figura havia de vir-lhe. Parece-me que assim, elle morto e ella viva, ficariam com a alma menos desesperada.

IX

O juiz

No dia imediato pela manhã a condessa de Romanes recebeu, do Palácio de Justiça, um desses papeis inquietadores que os juizes lançam todos os dias sobre Paris, com a máxima liberdade.

INTIMAÇÃO

Tribunal de primeira Instância do deparamento do Sena

«Certifico que intimei, a requisição do sr. Procurador da República junto do tribunal de primeira instáncia do Departamento do Sena a Anne-Regina de Montmam, condessa de Romanes, residente em Paris, rua de Grlilu, a comparecer em pessoa, no dia 16 deste mês, deante do sr. Lemarchand, juiz instructor, junto do tribunal de primeira instáncia do departamento do Sena, no seu gabinete, no Palácio de justiça, em Paris, para, segundo as suas ordens depôr sobre factos e circunstáncias, de que lhe será dado conhecimento, declarando-lhe que, se faltasse, seria obrigada a comparecer com multa e á força, conforme a lei, e deixei lhe como acima fica dito, esta cópia. Custo: setenta e cinco céntimos.

Juniot.

Quando Regina teve esta carta ao mesmo tempo impressa e manuscripta, leu-a dez vêzes, sem querer comprehender.

Correu a casa de madame Blanche Ramée, uma mulher artista que era a sua melhor amiga, para lhe perguntar o que tinha a fazer.

— E' muito simples. E' necessário ir ao gabinete do juiz.

— Nunca!

— Porquê?

— Porqué não tenho nada que dizer a essa gente.

— Essa gente, minha cara amiga, é a força armada. Se não quizer ir por sua vontade tem de ir acompanhada por quatro homens e um cabo.

— Antes quero morrer! dê-me immediatamente um rewolver.

Madame Ramée que tinha um espírito parisiense disse á sua amiga:

— Imprudente! Suicidando se com um rewolver, iria ter com seu marido, que já não ama.

— Mas, afinal de contas, que querem de mim?

— Estou nos mesmos casos, morreria de medo, se me acusassem de ter roubado as torres de Notre Dame. Mas, já que foi chamada, tem que obedecer.

Tornaram a ler ainda, palavra por palavra, a intimação.

— Depois de tudo isto, é capaz de ser chamada como testemunha.

— Testemunha de quê?

— Querem talvez que lhe diga como e porque se suicidou seu marido.

— Ouça, minha cara Ramée, ama me muito para não deixar de fazer o que lhe vou pedir.

— Diga.

(Continua).

Livraria editora

DE

ANTONIO FIGUEIRINHAS

em 75, *R. das Oliveiras*, 77

Porto

Acaba de abrir no Porto uma importante livraria do nosso collega da *Educação Nacional* Antonio Figueirinhas.

Alli se encontram á venda todos os livros nacionaes, todas as obras religiosas e escolares.

A nova livraria está em contacto com as principaes livrarias extrangeiras, podendo satisfazer logo qualqur encommenda bem como fazer a assignatura de revistas e jornaes de França Inglaterra ou Allemanha.

Aos nossos presados leitôres recommendamos a nova livraria que acaba de ser annexa á conceituada casa editora daquelle nosso collega.

A Filha do Condemnado

AD. D'ENNEREY

Brinde a todos os assignantes

Em fasciculos e em tomos vai ser publicado este magnifico romance, illustrado d'Ennerey pela antiga casa Bertrand—José Bastos de Lisboa.

Desde já está aberta a assignatura. Rua Garrett (Chiado) n.º 75, Lisbôa.

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 **Cimentos** naturaes de presa lenta.

Analyses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rapido—Cal hydraulica.

A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA—LEIRIA

As constipações, bronchites, tosses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratorios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos, **(Rebuçados Milagrosos)**, cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os teem usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Deposito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias, drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99,

LISBOA

Effectua seguros contra o risco d'incéndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro—Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Banco de Portugal

O administrador previne o público de que, em vista de terem apparecido notas falsas imitando as do typo de *5$000* réis da chapa actualmente em circulação, resolveu retirar as notas dessa chapa, pelo que convida os possuidores das referidas notas a apresentarem-nas á troca por outras de diversos typos, nas thesourarias da Séde em Lisbôa, da Caixa Filial do Porto, e das Agencias nas capitaes dos outros districtos do continente e do districto do Funchal, até 15 d'abril próximo.

Depois dêste praso a troca só poderá effectuar-se em Lisbôa, na thesouraria da séde dêste Banco, facto êste para que se chama muito especialmente a attenção do público.

Lisbôa, 7 de março de 1901.

Pelo Banco de Portugal

OS DIRECTORES,

Augusto José da Cunha

J. da P. Castantheira das Neves.

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41,—PRAÇA DO COMMERCIO—42

COIMBRA

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39—Rua da Sophia—41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos **—Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.**

39—Rua da Sophia—41

COIMBRA

VELOCIPEDE

Vende-se um de três rodas, para creança.

Tambem se vendem alteres e malhas para fitto, tudo em segunda mão. Quem pretender dirija-se a Victorino Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroyo.

Cosinheira

Precisa-se um ou uma para casa de estudantes.

Rua de Thomar, 2.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em bôas condições. Está bem afreguezado. Tambem serve para outro qualquer ramo de negócio. Quem o pretender dirija-se á rua dos Sapateiros n.º 72.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

Antonio Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem á venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escóla Médico-Cirurgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, aluminio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Mercearia Popular

Patricio da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muídos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1 branco fino...	260	réis
N.º 2 » » ...	255	»
N.º 3 » » ...	245	»
N.º 4 » » ...	240	»
Amarello.....	235	»

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344:000$000

Fundo de reserva 350:000$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos maritimos.

Representante em Coimbra—Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.—Rua Martins de Carvalho, n.º 45.

PURGAÇÕES

Cura rapida pela **Vegetalina balsamica**, de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente antiséptico das vias urinarias, applicado sempre com éxito na *urethrite agúda e dolorosa* e na cystite chrónica.

A venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

AMENDOAS

Casa Innocencia—COIMBRA

A mais antiga confeitaria de Coimbra, premiada em amendoas e doces em duas exposições, unicas a que concorreu.

Nesta casa encontra se um variadissimo sortimento de amendoas de mais de 40 qualidades, todas fabricadas só de puro assucar e com o maior aceio. Mandam se tabellas de preços a quem as pedir. Os preços regulam desde 360 a 800 réis por kilo, ao retalho; mas aos srs. revendedores faz-se desconto.

Além daquellas qualidades de amendoa, ha tambem das de Lisbôa, visto haver quem prefira o *bonito* ao *bom*.

Ha tambem todos os artigos próprios de *mercearia* e *doces* que se vendem por preços limitados.

BICO NACIONAL AUREO

(O bico nacional)

Cautella com os imitadores

Limpêsa gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0|0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1 „ a	*3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2 „ a	*3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e differentes objectos de luxo da **Mercearia Luzitana,** *na rua do Cego n.os 1 a 7*. Vêem-se alli, em profusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magnificas amendoas de Lisbôa, fabrico especial, *só d'assucar*, tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparencia.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda se este estabelecimento, por que é ainda o que possue, com inexcedivel asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7—COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, **52,** (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agéncia da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de para raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gêsso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systêmas.—Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutileria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.

N.º 635 COIMBRA—Domingo, 31 de março de 1901 7.º ANNO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 1$760 réis: semestre, 1$350 réis: trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno: 2$400 réis: semestre, 1$200 réis: trimestre, 600 réis.

Numero avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa êste jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6 Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

A SITUAÇÃO

E' cheia de perigos a situação actual do país, tam profundamente agitado na sua consciência pelo sobressalto em que o collocaram os desvendados mysterios da reacção jesuitica. Se é certo que até aqui só um pequeno número tenha conhecimento dos criminosos abusos dos conventos; se só de vez em quando apparecia a noticia de ter sido arrancada aos braços dos paes uma filha estremecida, cujo sentimento filial os jesuitas haviam pervertido, para, esquecida dos seus deveres mais santos, ir enterrar nos coios sombrios a flor da sua mocidade e da sua belleza, a verdade é que êstes factos, apesar de muito repetidos, não se tornavam de momento sufficientemente empolgantes para arrastar as multidões. Foi necessário que a audaciosa e descarada reacção lançasse fóra a máscara repellente da sua hypocrisia, julgando-se já senhora e dominadora dêste pobre e atrazado país, para se desvendarem ás torpezas dos conventos e dos collégios congreganistas.

Teve isso de bom o descaro dos jesuitas, fiados em altas protecções soberanas, que lhes davam a segura garantia de dominarem cinco milhões de almas portuguêsas.

Illudiram-se, e ainda bem, na ambição que os dementou.

Hoje a corrente de protesto contra elles, elles todos, seja qual fôr o disfarce que os acoberte, seja qual fôr o caracter que revistam, é tam poderosa e dominadora pelo país inteiro, que não será possivel vencê-la nem todo o poderio jesuitico, que é enorme, embora acostadado á pusilanimidade imbecil dos governos.

Por toda a parte se manifesta e irrompe o ódio a essas instituições nefastas e degradantes, que têem como norma única da sua perniciosa actividade a absorpção das consciências e o amontoar das riquezas. Apontar o jesuita é apontar o inimigo, e nesta designação é força comprehender tudo o que sejam instituições religiosas de carácter monástico, conventual, congreganista, de beneficência, de educação, de assistência hospitalar, ou de caracter contemplativo, porque todas ellas são modalidades differentes do mesmo plasma, aspectos diversos dos jesuitas. E êstes, na expansão dos seus fins, subordinados todos á mesma regra, á mesma disciplina de ferro, que ha séculos os organiza e une, têem sabido com uma habilidade extrema dar corpo e vida ás mais extraordinárias e até ridiculas ideias para a extensão do seu poder e augmento da sua collossal riqueza, tendo conseguido até chamar á órbita da sua actividade instituições que outr'ora lhes eram até hostis.

E' confiados na vastidão do seu poder, que lhes dá as mais altas protecções do estado, que os jesuitas se abalançam a esta guerra aberta com os liberaes, guerra fóra dos seus hábitos de contemporização que os levam a suspender o seu trabalho nas trevas apenas presentem rumor á luz do dia. E assim é que, arremessadas para longe as máscaras, se defrontam com a impetuosidade das correntes liberaes em representações públicas que promovem, em arengas dos púlpitos abaixo, na linguagem violenta e ameaçadora dos seus jornaes, em que ameaçam as multidões com os pavores duma guerra religiosa no país!

Estám extremados os campos, bem nitida e definida a situação. Ha no país duas correntes oppostas, que se combatem sem tréguas:—de um lado os jesuitas, de casaca, de roupeta e de saias, chamando a si o clero secular de que sam os peores inimigos, e servindo-se da fanatização dos ignorantes e da protervia dos velhacos; e do outro os liberaes, decididos a queimar o último cartucho para arrancarem do país os reptis venenosos que o infestam e degradam.

Esta questão, como está posta, não póde dirimir-se já em discussões estereis de princípios e doutrinas; os princípios estám assentes e as doutrinas por demais conhecidas. A História condemna os jesuitas ha quatro séculos em todas as partes do mundo; o libello está deduzido e fartamente provado; só falta exterminar de vez, se possivel fôr, a raça maldita e odiosa, que dia a dia se vai retemperando com as intelligéncias dos nossos filhos, que infernalmente sabe amoldar á sua seita.

Contem só comsigo os liberaes; a nossa causa é tam justa e tam santa que, apesar de tudo, das mais soberanas protecções, o governo se tem visto obrigado a fingir que dá satisfação ás nossas reclamações. E' forçoso obrigá-lo a dá-las completas e formaes. Em Portugal não ha nem póde haver conventos—é fechá-los todos; em Portugal não ha nem póde haver jesuitas, que a isso se oppõem as nossas leis,—é correr com todos êlles, que êlles próprios se confessam taes.

E se o governo, êste ou qualquer outro, não se apressa a manter o prestigio das leis fazendo-as cumprir com rigor e energia, parece-nos que tremendas tempestades encastella com irremediaveis catástrophes que não poderá evitar. E vale mais, cem mil veses mais, o sangue generoso dum liberal, que lucta pela causa do progresso do seu país, que todos os jesuitas juntos, que só preparam e fomentam a nossa rûina politica e moral.

E cáiam as maldições da História sobre os que não cumprirem o seu dever!

Frades á caserna

Para o chefe do nosso exército aprender:

Weyler, general do exército espanhol, resolveu que os seminaristas e demais individuos pertencentes ás congregações religiosas que estavam isentos do serviço militar, satisfaçam d'ora em diante a êsse tributo, indo como os demais cidadãos engrossar as fileiras do exército. Podem, em todo o caso, pagar a remissão os que pretendam safar-se ao serviço.

Termina assim, na fradesca Espanha, uma excepção que tem tanto de absurda como de immoral. E não valerá, deve crêr-se, aos attingidos pela resolução de Weyler, a chiada que já começaram a fazer.

Justissimo que não gozem sómente a mandria dos conventos, e experimentem as agruras da caserna. Para chegarem a parecer homens...

Intransigéncia

O sr. Manuel Ramalho, descendente directo do fallecido fidalgo miguelista, de Condeixa, acaba de pedir a sua exoneração do logar de governador civil da Guarda. O seu substituto exonerou-se tambem.

Noticiando o um jornal de Lisbôa commenta:

> Consta que estas resoluções foram motivadas pelo decreto de 10 de março, ácêrca das congregações religiosas.

Sendo assim é caso para considerar-mos:—ainda por cá existem homens de antes quebrar que torcer.

Posto que venha um pouco tardia a manifestação de intransigéncia...

A dilatar...

Ao fim de três mêses de palratório parlamentar em que a verborreia dos novos—que *pretendem fazer carreira* segundo a opinião de Alpoim, e a *eloquéncia* dos velhos que a fizeram já—tem corrido a jorros e nada ha concluido, a não serem as escuras negociações para a porcada do banco ultramarino, porcada que a maioria vai sanccionar, dando mais uma funda sangria nos interesses do país, em proveito dos maduros syndicateiros que de ha largos annos têem a saque toda esta coisa.

Parlamento onde não ha uma voz que se molde na verdadeira e digna comprehensão do mandato de deputado, os três mêses têem decorrido em tricas e cálculos, sem ter apparecido uma medida que aproveite honestamente á fazenda pública; e nem apparecerá, que os *eleitos do povo* não vá lá senão para servirem os seus partidos e os seus partidários. E como em tal materia muito ha ainda que fazer

«o governo, em vista do atraso em que vam os trabalhos, tenciona realisar sessões na segunda e terça feira.»

«Nesse intuito dirigiu cartas aos seus amigos pedindo lhes a sua comparéncia nos mencionados dias.»

Não bastava o aviso, é necessária a cartinha de convite, para os paes da pátria não faltarem á entrevista. Têem sido tam *ariscos*...

Mais dia menos dia ver-se-ha o sr. Hintze, noite velha, sob os balcões dos púdicos donzeis, a pedir-lhes, dengoso, que o não amafinem e se prestem á sorte... isto é, á comparéncia. E êlles, esganiçados:

—*Lá irei, ó salsa tentador*...

Ao que *aquillo* chegou, manes de Lobão!!

P'ro fórma

Pelo termo do praso para o funccionamento parlamentar, as côrtes deviam ter fechado ontem. Mas vai curta a jornada. Uns ministros ainda não apresentaram as manifestações de seus génios em medidas de proveito para... a communidade, e os que as apresentaram já, ainda esperam a vez de as verem passar no cadinho da *discussão*, para serem *purificadas*. Por isso

No conselho de estado que reüne ámanhã, é pedida nova prerogação, sendo o decreto lido terça feira nas duas cámaras.

Mas o governo faz sessões ámanhã e depois, apezar de findar hoje o praso e de lhe não estar ainda autorisado o adiamento!

Que importa? País onde a legalidade governativa foi um chão que deu vinha, não vale reparar em tal mizéria. O conselho absolverá o abuso e a palra seguirá... seguirá...

Até á consummação dos escándalos.

Carta de Lisbôa

27 de março.

A questão do dia, continúa a ser, felizmente, a questão religiosa. Poucas questões se terám conservado em scena tanto tempo como esta e interessando tam intensamente os espiritos. A opinião em Portugal tem o defeito de se fatigar depressa, desinteressando-se breve de qualquer assumpto que num momento a apaixonou. Com esta questão, latente ha já relativamente bastante tempo, não tem succdido assim. O enthusiasmo das primeiras horas não desappareceu. Hoje, como no dia em que se soube do audacioso rapto Calmon, o odio ao jesuita freme e vibra, robusto e forte, não como um capricho impulsivo e passageiro mas como um sentimento feito de raciocínio estavel e seguro. E assim se explica que, depois de tantos dias passados sobre o surgimento da questão, já quási esquecidos os tumultos do Porto, perdido o echo das escaramuças de Lisbôa, além, em Setubal, apparecessem aquêlles sérios acontecimentos que até ao momento marcam já duas mortes.

A duração e o interesse da questão sam a melhor, a única garantia de que, desta vez, enfim, alguma coisa se fará.

As palavras e mesmo as obras do governo não representam, não valem nada. Por palavras, elle disse e desdisse, andou para deante e para traz, avançou e recuou. Por obras, elle tem feito obra pequena e ridicula, inútil e fraca.

Com a sua falta de energia e com a sua transigencia, apparentando querer extinguir alguns coios jesuiticos mas impedindo e castigando manifestações liberaes, o governo tem sabido indispôr se ao mesmo tempo com a reacção e com o povo, com os inimigos e os amigos da Liberdade.

A reacção revolta-se porque elle a attingiu, ainda que receosamente.

O povo está descontente, porque elle não ataca a reacção com firmeza e energia, de uma feita, num arranco.

Assim, elle encontra se entre dois fogos que necessariamente o hám de fazer succumbir.

Virá depois—quem?

Não importa sabê-lo, se a agitação se conservar.

Venha quem vier, se o estado dos espíritos permanecer o mesmo, a victória será da Liberdade e do Progresso.

•

A propósito da questão, devo ainda registar que diversos factos se produziram, após a minha última carta, a provar que ella é mais complicada do que póde parecer. Um dêsses factos foi a reünião de S. Vicente, em que compareceram membros dos dois partidos da rotação e diversos funccionários da casa reinante. O que prova eloquentissimamente que o regimen tem de defrontar-se com gente sua.

Agora, revelou se que o patriarcha deu ordem aos parochos

para angariarem assignaturas para a representação a favor das congregações religiosas, da qual lhes enviou exemplares impressos. O que demonstra que o primeiro funccionário da Igreja portuguêsa está inteiramente com as congregações, a ponto de publicamente se insubordinar e de fazer tambem insurgir os seus subordinados.

Assim se agglomeraram os factos para que a questão jesuítica se converta realmente em questão religiosa.

o

Regista-se, para gloria de todos, o contraste que ontem expontaneamente se deu nesta cidade de marmore e de granito — contraste a destacar das normaes violéncias.

Chegou, pelas 3 horas e meia, uma embaixada inglêsa que veiu communicar ao rei português que é rei da Inglaterra Eduardo VII. 3 e meia — hora commoda, em que meia cidade passeia. A tarde, de sol primavil, doce e quente. O desembarque alli, no Rocio, o centro da cidade. Toda a gente sabia a hora e local. Havia banda de música e tropa. Todavia, ninguem appareceu. Apenas o pessoal que tinha o dever de ir. Mais ninguem.

Mas, manhã cedo, longe, em Alcantara, sairam dum barco para se metterem num comboio umas dezenas de boërs. Ninguem sabia a que horas se fazia o desembarque. Haviam-se tomado todas as providéncias para que os recemvindos não pisassem território português. Não obstante, alguns milhares de portuguêses accudiram a sauda-los no mais delirante enthusiasmo.

Abençoado contraste!

Que é dos que consolam a alma, deixando ao cidadão português a glória de o ser.

*

Consta por aí que o governo regenerador, que de começo repudiou dignamente a acceitação do convénio Espregueira, está afinal negociando com os credores sobre bases muito idénticas, que não excluem *controle* nem augmento de juros.

Deve ser certo.

Que regeneradores e progressistas valem o mesmo. F. B.

Partiu hoje para o Bussaco, onde vai ornamentar o arco monumental que dá ingresso para o salão do baile do grande hotel, o nosso amigo e talentoso esculptor desta cidade o sr. João Machado.

BOERS EM PORTUGAL

Desembarcaram já em Lisbôa os boers que se refugiaram em Lourenço Marques após um renhido combate com os inglêses prôximo á fronteira daquella nossa possessão. Entre elles ha três portuguêses que se bateram heroicamente nas suas fileiras em defeza da liberdade transwaaliana. Sam Manuel Rabaçal, de 37 annos, de Matta de Lobos, concelho de Castello Rodrigo; António Monteiro, de 34 annos, do mesmo concelho, e José Percheiro, de 30 annos, de Villa Viçosa.

Mostram se cheios de enthusiasmo pela causa das duas repúblicas sul-africanas, dizendo terem obedecido a um impulso de consciéncia ao entrarem na luta contra a Inglaterra, admirando a coragem e o valor daquelles de quem se fizeram irmãos d'armas.

Os refugiados foram distribuidos por três praças militares, e tanto em Lisboa como a caminho daquellas praças, foram enthusiástica e delirantemente victoriado pelo nosso povo, a quem é, embora pese ao throno e ao governo, immensamente sympathicamente a causa das duas repúblicas.

Um confronto injustificavel

Tenho acompanhado com particular interesse o movimento de protesto nacional contra o predominio e a illegal existéncia dos jesuitas e das ordens congreganistas e monásticas de toda a espécie em Portugal, solidarisando a minha attitude politica com as mais puras e nobres aspirações liberaes e democráticas do povo português e os verdadeiros interesses do partido republicano.

Nestas disposições: adherindo a todos os comicios, onde se votem conclusões e moções compativeis com as aspirações naciomaes e os princípios republicanos, estando disposto a levar mais longe a minha intervenção nos acontecimentos de que está dependente o futuro de Portugal.

Obedecendo strictamente a esta orientação, alvitrei á illustrada redacção da *Folha da Tarde* a ideia de ensinar ao sr. Waldeck-Rousseau, presidente do conselho do actual gabinete da Rapública Francêsa, uma mensagem de felicitações pela sua iniciativa do projecto de lei sobre suppressão e expulsão das congregações religiosas e dos jesuitas; projecto êste em discussão na camara dos deputados e cuja approvação é infallivel, visto a opinião pública em França estar abertamente ao lado do governo.

Essa mensagem seria assignada pelos cidadãos portuguêses, sem distincção de côres politicas, e enviada a Paris por um emissário — expressamente escolhido e nomeado pelo Directório do Partido Republicano Português para êsse fim — sendo as despêsas da sua elevada e honrosa missão subsidiadas por subscripção pública aberta nas folhas officiosas do partido, a exemplo do que succedeu em novembro de 1889 logo que em Portugal se teve conhecimento do advento da República dos Estados Unidos do Brasil.

Teria ainda êsse documento a significação de se protestar contra a reaccionaria politica seguida pelo actual ministério presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, cuja complicidade com os jesuitas está por demais demonstrada e comprovada por actos como o do decreto-burla de 10 de março.

Mas, com grande surpreza minha, os meus collegas da *Folha da Tarde* não approvaram o alludido alvitre pelo simples facto de considerarem o eminente estadista republicano como *o Hintze Ribeiro de França (sic!!!)*, affirmando ser um conservador da escola reaccionária, arremettendo com *farroncas* (textual) contra os jesuitas e as congregações religiosas, mas protegendo os a occultas, consoante o odioso procedimento do actual governo português.

Reforçam a sua recusa alvitrando por seu turno que a mensagem em questão seria mais efficaz e significativa dirigindo-a antes aos deputados socialistas — Viviani e Zevaès — e ainda ao radical sr. Brissou que na cámara Francêsa têem sustentado uma clarissima lucta de morte contra a reacção, enobrecendo os seus principios politicos.

Com esta modificação á minha proposta concordei plenamente, communicando immediatamente a minha approvação áquelles meus collegas, e sob êste ponto de vista, não levanto objecções, nem faço questão alguma, porquanto sei que aquelles três valentes campeadores do radicalismo revolucionário em França sam muito mais avançados do que os próprios franco-maçons do actual gabinete francês.

Mas o que fica de pé é a questão originada pela má e errada apreciação dos meus collegas da *Folha da Tarde*, reduzindo o vulto gigantcoes do sr. Waldeck Rousseau ás minguadas proporções do sr. Hintze Ribeiro, quando não deviam esquecer a incommensuravel distáncia que os separa; e se me é permittida uma comparação astronómica em politica, affirmo e sustento que o primeiro daquêlles presidentes de conselho é a *Estrella Polar* da Democracia e do Livre Pensamento, enquanto que o segundo não passa de ser o misero satellite da reacção e do despotismo.

Mande-se, pois, a mensagem a Brissou e aos deputados socialistas da cámara Francêsa, mas não se profira a heresia de se comparar o discipulo de Littré, de Victor Hugo e de Paul Bert e o amigo de Léon Gambetta e de Jules Ferry com o antigo alumno dos coios jesuiticos e o submisso servidor do paço... o agente consciente, ou inconsciente da reacção em Portugal!

FAZENDA JUNIOR.

Jesuitas? Non hai

Jornaes de Lisbôa referiram ter havido alteração da ordem nesta cidade por causa da questão religiosa. Nada houve, alem do caso com o apparecimento, na estação, do jesuita a que nos referimos em o número passado, e isso não passou de rápida manifestação á vista do homem, terminando logo que elle bateu para a Pampilhosa.

De resto a ordem está mantida na rua, e as *ordens* tambem não soffrerám damno, que assim o quer a agéncia autoritária-clerical que dispõe cá do meio.

E porque não ha de ser assim?

Acaso ha em Coimbra jesuitas ou coios dos próprios?

Pois não vemos, d'alli, um correspondente a dizer que essa questão é assumpto que aqui vai perdendo de moda?

Tal qual; — só por prazer da moda aí se fez alguma coisa. Demais...

Nem nas Therezinhas ha uma communidade de vida perfeitamente contemplativa, e incursa no decreto do dia 10; nem nas Ursulinas se claudica, com a prática de votos e profissões; nem em Santa Clara habitam freiras de tal recáto, que nem pódem fazer a desabriga no confessionário ou rede engastada na gradaria da igreja, sendo necessário que o confessor vá lá para dentro, para o mosteiro, ouvir lhes a confissão e prescrever-lhes a peniténcia; nem para aí pulula, de freguesía em freguesia, um padre Ramalho, que é professor do seminário, a atrair devotos e devotas ás igrejas, para lhes impingir prédicas jesuiticas, manobra em que vam feitos os parochos, como aquelle celebérrimo Maneira de Sernache; nem para aí temos *engatadeiras*, como as senhoras Monteiros, de S. Jorge e outras.

Qual história! — Motivo por cá, é que nem nada. Moda que vai passando é que isso foi.

Se até o inquérito ácerca de tudo aquillo pouco tem adeantado.

Já sabemos. O relatório far-se-ha pelas respostas dadas pelas communidades ao questionário, e como ellas teram respondido é fácil suppôr. Os depoimentos das testemunhas inqueridas?

Que vale isso comparado com infinito?

Moda e melidicéncia é que foi o que por cá houve; — ora aí está?

Mas correrá o propósito no melhor dos mundos, sem accumular amargos futuros.

O curso do 5.º anno theológico-juridico deve seguir hoje para a cidade de Vizeu, onde vai representar a sua peça de despedida — *Uma universidade celeste* — que dias vimos e applaudimos no circo.

CARTA DE LOANDA

27 — 2 — 901.

As amnistias e os régios indultos no nosso país não sam recebidas com a satisfacão que imaginam aquêlles a quem ellas e êlles nada interessam, isto porque os contemplados, na sua maior parte, com essas obras de caridade nada lucram.

Em França, por exemplo, o condemnado a quem seja applicada uma amnistia é immediatamente posto em liberdade.

No nosso país não succede o mesmo.

O indulto de 12 de maio de 1898 applicado á maior parte dos condemnados que aqui cumprem penas, devia pôr em liberdade dezedas dêlles, mas isso apenas se dá depois daqui chegados os accordãos dos tribunaes em que os contemplados fôram julgados e condemnados, accordãos que ainda não chegaram na sua totalidade!

Temos agora o decreto de 29 dezembro do anno findo que amnistiou por completo, entre outros, os militares aqui deportados pelo *crime* de deserção. Nada mais justo e sympáthico; pois todo aquêle que não desconhece os leis marciaes sabe no que consiste a deserção: — uma auséncia do corpo, superior a 15 dias! E essas auzéncias, muitas vezes, sam commettidas por o deliquente ser um *galucho*, um analphabeto que não sabe o que é o militarismo. O poder moderador procedeu bem; mas a benevolén cia de que usou é bom que por completo seja cumprida, e dizemos por completo, porque, segundo informações que temos, os militares não voltarám tam cedo á metropole, devido ao governo não enviar para aqui uma expedição que os possa substituir.

E' triste, sentimos sempre uma dôr nalma ao vermos passar por essas ruas os nossos soldados cheios de febres, sem côres, parecendo mais tuberculosos do que outra coisa.

E os *horrorosos crimes* que êstes homens praticaram fôram auséncias dos seus regimentos, superiores a 15 dias!

Aí, ainda o soldado tem um colchão em que póde descançar as fadigas do dia, mas aqui... tem quatro taboas apenas, para passar as noites! Isto com um clima como é o destas regiões.

Ao sr. ministro da guerra pedimos a sua attenção sobre êste assumpto e que s. ex.ª empregue os seus esforços para que os militares amnistiados regressem breve á pátria.

Cumprimos um dever implorando protecção para infelizes.

— Por portaria publicada no Boletim Official, foi permittido regressar ao reino o padre António Mendes Salgueiro.

— Foi exonerado do logar de amanuense da secretaria geral, o sr. João Augusto de Sousa.

— Foi louvado em portaria o director dos correios e nosso amigo Pedro José da Costa.

— Parte no próximo paquête para Lisbôa o sympáthico cavalleiro tauromáchico Fernando de Oliveira, que tomou parte em diversas corridas de touros aqui realisadas, sendo sempre muito applaudido pelo seu correcto e brilhante trabalho.

Que tenha uma feliz viagem sam os nossos mais ardentes desejos.

— O commércio está luctando com uma crise medonha. Algumas casas já reuniram crédores!

— Foi nomeado administrador do Novo Redondo o sr. Jesualdo Accácio de Menezes.

— O rendimento da alfandega desta cidade foi de 22:990$937 réis de 1 a 15 do corrente mês de fevereiro.

— O café regula actualmente por 2$250; borracha 2$400; cêra 320; coconóte 900 réis.

— Falleceu o sr. Cándido Pereira dos Santos Vandunem.

— Appareceu hoje na praia o cadaver do soldado da companhia de polícia n.º 52, que se suicidou atirando-se ao mar.

Era homem bem comportado e ignora-se o que o levou áquella resolução.

Chamava-se Domingos da Cruz, filho de Filippe da Cruz, natural da freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras.

— Tem estado gravemente enfermo o 1.º sargento João Henriques d'Almeida, natural dessas proximidades.

(Correspondente.)

Começaram, no lyceu desta cidade, as férias de Paschoa, que este anno se prolongam até ao dia 14 de abril.

Viação pública

Sr. Redactor

Em o seu bem escripto jornal a *Resistência*, e em o número 633 de 24 do corrente, encontrei um artigo da redacção, debaixo da epigraphe *Viação municipal*, que li com attenção, e vejo que a *Resistência* e o *Conimbricense*, fazem um grande serviço aos povos ruraes, em lhes advogar os seus interesses perante a cámara municipal, e mesmo perante os poderes públicos, por que a não ser assim aquelles povos difficilmente lhes transformarám os caminhos, verdadeiros precipicios, em estradas transitaveis; mas o que me impressionou da leitura do seu artigo, foi v. dizer que a culpa não é só da cámara municipal, por que tendo esta mandado tirar uma planta de ligação da estrada d'Assafarge para a Abrunheira, e tendo esta sido approvada pelas estações competentes, ficou retida no governo civil quando fôra dirigida á cámara pelo director das obras públicas, e onde se conserva desde julho do anno passado!!!

Custa a crêr que isto assim se fizesse, a não ser que seja para se fazer jogo com aquelle melhoramento, nas eleições da cámara a que tem de se proceder no fim do anno corrente; mas a ser assim anda detestavelmente mal a politiquice, porque além de demorar aquêlle melhoramento, que se impõe pela sua grande necessidade, tambem cria má vontade nos povos interessados, que decerto lhe não dam o seu voto, em tempo opportuno, attendendo ao seu procedimento.

Eu tambem utiliso com aquella estrada da Assafarge para a Abrunheira, porque passo lá muitas vezes, e como tenho voto, que sempre dei ao sr. dr. Luís Pereira, agora quando me procurar para votar com elle, digo lhe redondamente que não, e commigo hão de ir outros votantes. *Não é com vinagre que se apanham moscas.*

Sr. redactor, não largue esta questão, que é de interesse público, e o *Conimbricense* que tem dado provas de se interessar pelos melhoramentos do concelho de Coimbra, fará um grande serviço aos povos ruraes, se se apresentar ao lado da *Resistência* advogando a justiça da causa que se ventilla, aconselhando o sr. dr. Luiz Pereira, a que tire da gaveta o projecto da estrada d'Assafarge á Abrunheira, mandando-o á cámara para esta lhe dar execução.

Agradeço a v. a publicação desta carta e mesmo doutras que sobre o assumpto tenha de escrever.

Março 1901. *Um eleitor.*

LITTERATURA E ARTE

SANTA LUZIA

Oh, Santa Luzia,
dá vista ao menino
que tam pequenino
começa a penar;
dá luz e alegria
aos olhos céguinhos,
que estám cansadinhos
de tanto chorar.

Com as mãos erguidas para a doce imagem
Minh'alma rezava saüdades do sol,
Subia a oração em triste linguagem
Bem como um perfume que á noite se evole.

Minha mãe chorava;
e mais socegado,
sentindo orvalhado,
meu pobre cabello,
eu, cego, julgava
que, doce, caia
da Santa Luzia
o pranto singello.

. . . . . .

Fôram-se as crenças e a vagueiar sem rumo.
Dentro do peito só vejo ruinas
Foi-se a oração como se esvae o fumo
Pelas tardes do outomno, purpurinas.

Fôram-se as crenças e a vagueiar sem tino
Tropeço pela vida em mil escolhos
—Mas lembro ás vezes o fulgôr divino
Daquella que me deu luz a meus olhos.

E na febre de crêr que não descança
Nesta sêde de fé que nada acalma
Accorda em mim a prece de creança
—Santa Luzia, dá vista á minh'alma.

CARLOS AMARO.

Ha parte em juiso contra uns individuos de Santa Clara e outro daqui que, diz se, espancaram dois sugeitos que passavam na estrada do Almegue, e fôram tomados, ao escuro da noite e pelas suas vestes, como jesuitas.

Ouvimos e essa é, garantem-nos, a versão mais verdadeira —que não se prova o espancamento, exactamente por que o não houve, mas apenas uma assuada e troca de explicações mais ou menos acaloradas.

---

13 Folhetim da «Resistência»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

VIII

Primeiro leque partido

—Vá, em meu logar, ter com o juiz. Diga-lhe que estou na cama, doente, muribunda, morta. Dir-lhe-ão, então, o que querem de mim.

—Não desejo outra cousa, mas tenho medo da mensagem ser mal recebida. Mas é o mesmo, vou. Além disso, quem sabe? conheço muitos desses senhores de béca; sam melhores diabos do que parecem.

Madame Ramé foi por isso procurar o juiz. Conhecia-o por ter jantado com elle em casa dum ministro.

Deu com um homem pálido, mas não obsequiador.

Tratou-a d'alto—do alto da justiça—para lhe dizer que com um juiz não se brincava assim.

—Minha senhora, avise a condessa de Romanes, que pode aggravar a sua situação, não vindo hoje mesmo.

—Aggravar a sua situação! que quer isso dizer?

—Não posso responder lhe.

—Mas a minha amiga está muito mal.

—Peior para ella, vou immediatamente mandar um médico.

—Emfim, já que é tam severo, tra-la-hei morta ou viva.

Voltou a casa da condessa.

—Na verdade, cara Regina, é para morrer de riso; êstes senhores tomaram ares do outro mundo para dizerem as coisas mais simples. Tem o ar de fazerem um inquérito sobre a causa da morte de Fernando.

A condessa estava pállida e silenciosa.

—Emfim, não tem outro remédio, minha amiga, prometti leva-la immediatamente ao Palácio da justiça para lhe evitar o enfado d'uma visita do médico que verificaria que não tem febre!

Regina apertou com a mão a escaldar a mão de madame La Ramée.

—Sim, tudo isto é estúpido, mas não vamos pelo caminho mais comprido. Tenho a certeza que depois de cinco minutos de cavaco com esse homem feroz, tornaremos para casa, como duas viuvas que se não tornarám a casar.

Regina chamou a amiga á ordem e fez-lhe notar, com uma dignidade severa, que o conde de Romanes não estava enterrado ainda.

E depois disso disse-lhe: «Sujeito me a tudo; vamos ao Palácio de Justiça»

No fim de meia hora, depois de ter feito sala,—que sala!—as duas amigas entraram no gabinete do juiz, que disse immediatamente a madame Ramée:

—A senhora não.

—Somos como os dois dedos da mão.

—Tenho a certeza de que não têem segredos uma para a outra; mas a senhora condessa de Romanes deve ficar só para responder ás minhas perguntas.

Foi necessário resignarem-se. A amiga de Regina saiu, dizendo:

—Espero á porta.

—Espera sim, não has de esperar muito tempo.

O juiz tinha-se levantado e puchado uma cadeira para defronte dêlle.

—Quer-se sentar, minha senhora? Desculpe-me se sou forçado a encomoda-la.

—Está desculpado.

A condessa murmurou estas palavras com uma voz metállica.

—Chama-se Carlota-Sabina-Regina de Montmam?

—Sim, senhor.

—Nasceu a 2 de janeiro de 1840?

—Parece que é a sério?

—Sim, minha senhora, muito sério. O seu domicílio é no Castello de Romanes, communa de Romanes?

A condessa respondeu:

—Departamento de Indre et-Livre, linha de Paris a Bordeaux.

—Não ria... Casou em 1859 ou 1858.

—Sim.

A condessa suspirou.

—Esse casamento foi celebrado sob os melhores auspícios.

—Sim. Com a differença de que eramos trêse á mêsa.

—Teve um filho do seu casamento com o conde. O que é a menina que vive comsigo?

—E' minha afilhada.

—Tem a certeza da sua origem? Diz-se que é filha de seu marido.

—Não é.

—O sr. conde de Romanes passava uma vida bastante aventurosa. Ha quanto tempo?

—Desde sempre; mas na minha mocidade eu agarrava me ás minhas illusões.

—Arruinou-se e começou a arruina la á senhora?

—E' verdade. Eu perdoava-lhe isso, mas o que eu não podia perdoar é que elle fizesse subir para o seu coupé mulheres das suas relações. Era apresentar-me em banhos de mar uma das suas amantes, dizendo que era sua sobrinha. Era levar para o castello de Romanes, um dia de grande caça, uma actris que representava os *travestis* e estava vestida de garoto.

(Continúa).

Baptismo de adulta

Celebrou se, na igreja de Santo Antonio dos Olivaes, o baptisado da allemã sr.ª D. Helena Bertha Augusta Donke, que tem 28 annos de idade, e é preceptora dos filhos do sr. conselheiro dr. Bernardino Machado.

A mesma senhora vai casar brevemente com o sr. dr. Manuel da Silva Mendes, que tem sido advogado em Villa Nova de Famalicão, e que ha pouco foi nomeado professôr para o lyceu de Macau.

A phylprmónica *Bôa União* parece que estreia no próximo domingo, em saida de bôas-festas á sua direcção e autoridades, o seu novo fardamento feito com o auxilio do partido regenerador.

O conselho penitenciário reüne ámanhã para ser ouvido sobre o indulto, pela semana santa, a conceder a presos da penitenciária. Sam 90 os condemnados apontados para perdão.

Câmara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 21 de fevereiro de 1901

Presidência—Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes:—António Francisco do Valle, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, José Gomes Freire Duque, Francisco Maria de Sousa Nazareth, João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortez, Miguel José da Costa Braga e Manuel Miranda.

Lida e approvada a acta da sessão anterior.

Pela presidência foi declarado que o proponénte António Juzarte Paschoal acceitara as modificações propostas e approvadas pela câmara com deferência ao fornecimento de carnes verdes, vacca e vitella, e por isso reforçara com 500$000 réis o depósito privativo e que feito o definitivo de 3:000$000 réis na Caixa Geral de Depositos se assignaria a respectiva escriptura de contracto nos termos da deliberação de 14 de fevereiro do corrente anno.

Correspondência:—Officio do Governo Civil, circular n.º 2, sobre as alterações a fazer no mappa n.º 1 do decreto de 23 de dezembro de 1899, sobre a séde e o número de logares de notários. A Câmara foi de parecer que com referência a Coimbra não deve ser alterado o referido mappa. Da Commissão Districtal, enviando as fôlhas dos subsidios e amas para pagamento do trimestre de outubro a dezembro.

Foi annunciado o pagamento.

Do commandante de infanteria 23 pedindo uma tabella de preços das carnes no regimen do exclusivo. Expedida.

Do Mordomo do Asylo de cegos e aleijados dando conhecimento dum donativo em roupas e utensilios para os asylados; e e do mesmo communicando o fallecimento de José Ignácio, internado no mesmo asylo. De Thomás Pombar offerecendo ao dito asylo a quantia de 8$500 réis para roupas. Resolveu agradecer os donativos feitos.

Despachou diversos requerimentos de interesse particular; compra de terreno no cemitério; renovação dum covato; reclamação de José Maria da Silva Raposo contra o contracto de fornecimento de carnes; vedação duma propriedade em Montes Claros; canalisação d'águas dum prédio na rua do Corvo n.ºs 15 e 17 para o cano geral; pedido de annulação do imposto directo sobre capitaes mutuados transferidos para outro concelho; execução de canalisações d'água; attestou sobre o comportamento moral e civil dum cidadão e despachou favoravelmente um pedido para subsidio de lactação.

Approvou o orçamento para a reparação do caminho que da fonte de Sernache segue para a Pousada, Vendas da Pousada, Feiteira, Telhadella, Loureiro e outras povoações, na somma de 183$125 réis e que pelas estações competentes fosse enviado ao Governo de Sua Majestade para os devidos effeitos.

Admittiu um asylado em substituição d'outro fallecido.

EDITAL

A câmara municipal de Coimbra faz saber que no dia 18 do próximo mês de abril, por 1 hora da tarde, nos Paços dêste concelho, ha de dar de arrematação a construcção da calçada em provimento das ruas de Mont'arroio e Oriental de Mont'arroio desta cidade.

As condições para esta obra acham se patentes na repartição d'obras do municipio, todos os dias úteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, e a base de licitação é de 876$482 réis.

Coimbra e Paços do Concelho, 28 de março de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

Bico Nacional Aureo

Prevenção

Para os devidos effeitos sam avisados os nossos estimaveis clientes, que por motivos que por agora nos abstemos de relatar, fomos obrigados a despedir do nosso serviço o sr. Nery Ladeira.

Coimbra, 15 de março de 1901.

Pela empreza
O gerente,
Carlos Vaz.

EDITAL

A câmara municipal de Coimbra, faz saber que no dia 18 do próximo mês de abril, pela 1 hora da tarde, nos Paços dêste concelho, ham de ser postas em praça, para serem entregues a quem maior lanço sobre elles offerecer, os seguintes lotes de terreno para edificação na Quinta de Santa Cruz, desta cidade, a saber:

Lotes n.ºs 30, 31, 32, 35, 36, 37 e 38 na segunda serventia da da rua n.º 9, entre a rua Lourenço d'Almeida Azevedo e a rua projectada n.º 9.

Lotes n.ºs 39, 41, 42 e 51, na rua projectada n.º 9.

Lotes n.ºs 47, 48 e 49, na primeira serventia entre a rua Lourenço d'Almeida Azevedo e a rua projectada n.º 9.

Lote n.º 40, entre o lote n.º 39 e o terreno pertencente a Evaristo Nunes Pinto.

A base de licitação será de 300 réis por cada um metro quadrado de terreno.

As condições para a venda dêstes lotes assim como a planta respectiva, acham se patentes na repartição d'obras do municipio, todos os dias úteis, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Coimbra e Paços do Conselho, 28 de março de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

EDITAL

A câmara municipal de Coimbra faz saber que no dia 18 do próximo mês de abril, por 1 hora da tarde, nos Paços dêste concelho, ha de dar de arrematação, a reparação da rua de Fóra de Portas, entre as escadas de Santa Justa, porta n.º 54 e porta n.º 27, juncto da Ladeira da Fôrca.

As condições para esta obra achamam-se patentes na repartição d'obras do municipio, todos os dias úteis, das 10 horas da manhã ás 3 horas da tarde e a base de licitação é de 200$808 réis.

Coimbra e Paços do Concelho, 28 de março de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

EDITAL

A câmara municipal de Coimbra faz saber que no dia 18 do próximo mês de abril, por 1 hora da tarde, nos Paços dêste concelho, ha de dar de arrematação a reparação da ponte Coenços na freguesia de Ceira, dêste concelho.

As condicções para esta obra acham se patentes na repartição d'obras do municipio, todos os dias úteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, e a base de licitação é de 219$930 réis.

Coimbra e Paços do Concelho, 28 de março de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra faz saber, que as suas sessões para julgar as reclamações que lhe forem apresentadas, ham de ter logar nos dias 30 e 31 de março corrente, e nos dias 1, 2 e 3 do próximo mês d'abril, pela hora do meio dia.

Coimbra, sala da commissão do recenseamento eleitoral, 29 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

EDITAL

A camara municipal de Coimbra faz saber que em virtude de serem sanctificados os dias 4 e 5 de abril proximo futuro, celebrará a sua sessão ordinária no dia 3 (quarta feira) do mesmo mês, pela uma hora da tarde.

Coimbra e Paços do Concelho, 28 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

Photographia

José Sutzóris tem o prazer de participar a seus amigos e freguêses, que abriu o seu novo atelier na rua de S. Pedro (entrada pelo arco).

Especialidade em retratos de criança, esmero no trabalho e modicidade nos preços.

Ampliações e mais trabalhos para photographos amadores pelos preços do Centro Photographico do Porto.

Retratos réclames inalteraveis a 1$50 réis cada.

Vistas dos Monumentos de Portugal, premiadas com grande diploma d'honra, e retratos a platina em todos os tamanhos.

Toda a encommenda superior a 100 retratos tem direito a um brinde photographico.

ANNÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 21 do próximo mês de abril as 11 horas da manhã, ha de ter logar á porta do tribunal judicial desta comarca, cito na Praça Oito de Maio, a arrematação em hasta pública, da propriedade abaixo designada, penhorada na execução hypothecária promovida pelo Instituto de Nossa Senhora da Graça de S. João do Campo, contra Manuel Bagueiro, Joaquina Bagueiro e Maria Bagueiro e marido José Tejo, como herdeiros e representantes de seu pae Manuel Cordinhã, do dito logar.

O dominio util dum praso composto duma terra de semeadura cita no Montório limite do logar e freguesia de S. João do Campo, de que é senhorio direito Francisco Antonio das Neves Velloso, d'Ançã, a quem se paga o foro annual de 125,82 litros de milho, e vai á praça (o dominio util) no valor de oitenta e quatro mil nove centos e trinta réis.

Sam por este citados para assistirem á praça quaesquer credores incertos.

Coimbra, 27 de março de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

O escrivão interino do 1.º officio,

J. A. Lopes Ferreira.

A Filha do Condemnado

AD. D'ENNEREY

Brinde a todos os assignantes

Em fasciculos e em tomos vai ser publicado este magnifico romance illustrado d'Ennerey pela antiga casa Bertrand — José Bastos de Lisboa.

Desde já está aberta a assignatura. Rua Garrett (Chiado) n.º 75, Lisbôa.

Banco de Portugal

O administrador previne o publico de que, em vista de terem apparecido notas falsas imitando as do typo de 50$000 réis da chapa actualmente em circulação, resolveu retirar as notas dessa chapa, pelo que convida os possuidores das referidas notas a apresentarem-nas á troca por outras de diversos typos, nas thesourarias da Séde em Lisbôa, da Caixa Filial do Porto, e das Agências nas capitaes dos outros districtos do continente e do districto do Funchal, até 15 d'abril proximo.

Depois dêste praso a troca só poderá effectuar-se em Lisbôa, na thesouraria da séde dêste Banco, facto êste para que se chama muito especialmente a attenção do publico.

Lisbôa, 7 de março de 1901.

Pelo Banco de Portugal

OS DIRECTORES,

Augusto José da Cunha
J. da P. Castanheira das Neves.

Restaurador do cabello

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradavel, êste preparado torna se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabello, obstando á sua quéda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41,— PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedaes dos principaes fabricantes nacionaes e estranjeiros para que os seus clientes, querendo possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos

— Como póde verificar-se pela tabella existente nêste estabelecimento.

39 — Rua da Sophia — 41

COIMBRA

VELOCIPEDE

Vende-se um de três rodas, para creança.

Tambem se vendem alteres e malhas para fitto, tudo em segunda mão. Quem pretender dirija-se a Victorino Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroyo.

Cosinheira

Precisa-se um ou uma para casa de estudantes.

Rua de Thomar, 2.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em bôas condições. Está bem afreguezado. Tambem serve para outro qualquer ramo de negócio. Quem o pretender dirija-se á rua dos Sapateiros n.º 72.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

Antonio Soares Lapa, proprietário dêste hotel, participa aos seus freguezes que já tem á venda lampreia guizada e de escabeche, preparada pelo systhema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encommendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escóla Médico-Cirurgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systhemas, corôas de porcellana, alumínio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Mercearia Popular

Patricio da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou moidos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1	branco fino. . .	260 réis
N.º 2	» » . . .	255 »
N.º 3	» » . . .	245 »
N.º 4	» » . . .	240 »
Amarello.		235 »

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344:000$000
Fundo de reserva 350:000$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos maritimos.

Representante em Coimbra — Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.—Rua Martins de Carvalho, n.º 45.

PURGAÇÕES

Cura rápida pela **Vegetalina balsamica**, de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente antiséptico das vias urinárias, applicado sempre com éxito na *urethrite aguda e dolorosa* e na cystite chronica.

A' venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª —Coimbra.

AMENDOAS

Casa Innocencia — COIMBRA

A mais antiga confeitaria de Coimbra, premiada em amendoas e dôces em duas exposições, unicas a que concorreu.

Nesta casa encontra se um variadissimo sortimento de amendoas de mais de 40 qualidades, todas fabricadas só de puro assucar e com o maior aceio. Mandam se tabellas de preços a quem as pedir. Os preços regulam desde 300 a 800 réis por kilo, ao retalho; mas aos srs. revendedores faz-se desconto.

Além daquellas qualidades de amendoas, ha tambem das de Lisbôa, visto haver quem prefira o *bonito* ao *bom*.

Ha tambem todos os artigos próprios de *mercearia* e *dóces* que se vendem por preços limitados.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Cautella com os imitadores

Limpeza gratuita aos nossos clientes

Economia garantida 50 0|0

Bicos Bébé Aureo a	*2$000 réis*	preço antigo 2$500 réis
Bicos n.º 1	*„ a 3$000 réis*	preço antigo 4$000 réis
Bicos n.º 2	*„ a 3$500 réis*	preço antigo 4$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	*400 réis*	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a	*450 réis*	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e differentes objectos de luxo da **Mercearia Luzitana**, *na rua do Cego n.os 1 a 7*. Vêem-se alli, em profusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magnificas amendoas de Lisbôa, fabrico especial, *só d'assucar*, tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparência.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda se este estabelecimento por que é ainda o que possue, com inexcedivel asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisbôa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gêsso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moêr carne, balanças de todos os systêmas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisbôa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsa lavatório e cozinha.